“Lutar pelos deficientes, é uma forma de superar

as nossas próprias deficiências.”

J.F. Kennedy (1917 – 1963)

ÍNDICE

Resumo ---------- 16

Abstract ---------- 17

Introdução ---------- 18

I. Projecto: "Olhar e Pensar a Deficiência no concelho de Loures"------ 20

II. Enquadramento Teórico ---------- 27

1. A Problemática da Deficiência ---------- 27

1.1 A Pessoa com Deficiência em Portugal ---------- 29

1.2 O Papel do Cuidador na Vida da Pessoa com Deficiência 33

2. Desenvolvimento Local---------- 36

2.1 Desenvolvimento Municipal enquanto política de inclusão 58

social ----------

III. Contexto de Estágio ---------- 40

IV. A Intervenção ---------- 46

1. Actividades Realizadas

Fase Prévia ao Trabalho de Campo ---------- 46

Trabalho de Campo ---------- 50

2. Actividades em construção ---------- 85

3.Participação em Actividades Não Previstas ---------- 89

Conclusões ---------- 95

Bibliografia ---------- 99

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo 1 – Enquadramento Teórico

Anexo 2- Instrumentos de Recolha de dados

Anexo 2.1 – Ficha de caracterização da Instituição
Anexo 2.2 – Guião da Entrevista
Anexo 2.3 – Questionários aos familiares
Anexo 2.4 – Questionário aos Serviços de Atendimento Municipal

Anexo 3 – Associação de Pais e Educadores de Crianças Deficientes Auditivas
Anexo 3.1 – Gravação da Entrevista
Anexo 3.2 – Protocolo da Entrevista
Anexo 3.3 – Análise de Conteúdo
Anexo 3.4 – Unidades de Registo
Anexo 3.5 – Análise dos questionários aos familiares
Anexo 3.6 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 4 – REDES
Anexo 4.1 – Gravação da Entrevista
Anexo 4.2 – Protocolo da Entrevista
Anexo 4.3 – Análise de Conteúdo
Anexo 4.4 – Unidades de Registo
Anexo 4.5 – Análise dos questionários aos familiares
Anexo 4.6 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 5 – ELO SOCIAL
Anexo 5.1 – Gravação da Entrevista
Anexo 5.2 – Protocolo da Entrevista
Anexo 5.3 – Análise de Conteúdo
Anexo 5.4 – Unidades de Registo
Anexo 5.5 – Análise dos questionários aos familiares

Anexo 5.6 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 6 – Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Lisboa

Anexo 6.1– Protocolo da Entrevista

Anexo 6.2 – Análise de Conteúdo

Anexo 6.3 – Unidades de Registo

Anexo 6.4 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 7 – Cooperativa de Reabilitação, Educação e Animação para a Comunidade Integrada do Concelho de Loures

Anexo 7.1 – Gravação da Entrevista

Anexo 7.2 – Protocolo da Entrevista

Anexo 7.3 – Análise de Conteúdo

Anexo 7.4 – Unidades de Registo

Anexo 7.5 – Análise dos questionários aos familiares

Anexo 7.6 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 8 – Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal

Anexo 8.1 – Gravação da Entrevista

Anexo 8.2 – Protocolo da Entrevista

Anexo 8.3 – Análise de Conteúdo

Anexo 8.4 – Unidades de Registo

Anexo 8.5 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 9 – Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian

Anexo 9.1 – Gravação da Entrevista a E1

Anexo 9.2 – Gravação da Entrevista a E2

Anexo 9.3 – Protocolo da Entrevista E1

Anexo 9.4 – Protocolo da Entrevista a E2

Anexo 9.5 – Análise de Conteúdo a E1

Anexo 9.6 – Análise de Conteúdo a E2

Anexo 9.7 – Unidades de Registo a E1

Anexo 9.8 – Unidades de Registo a E2

Anexo 9.9 – Ficha de caracterização da Instituição

Anexo 10 – Questionários aos Serviços de Atendimento Municipal do Concelho

Anexo 11 – Apresentação em PowerPoint para a reunião do Conselho Local de Acção Social (16 de Junho de 2009)

Anexo 12 – Avaliação do Estágio (corpo do trabalho)

Anexo 13 – 1º Projecto de Intervenção

Anexo 14 – Currículo Vitae (corpo do trabalho)

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1	*População residente no concelho de Loures segundo o tipo de deficiência* ----------	*20*
Figura 2	*Distribuição da Pessoa com deficiência, por tipo de deficiência (Portugal, 2001)* ----------	*31*
Figura 3	*Estrutura Orgânica da Rede Social* ----------	*44*
Figura 4	*Gráfico relativo às Necessidades de Informação (REDES)* ---------	*58*
Figura 5	*Gráfico relativo às Principais Dificuldades (REDES)* ----------	*58*
Figura 6	*Gráfico relativo às Necessidades de Informação (Elo Social)* ------	*61*
Figura 7	*Gráfico relativo às Principais Dificuldades (Elo Social)* ----------	*61*
Figura 8	*Gráfico relativo às estratégias utilizadas para superar as dificuldades (Elo Social)* ----------	*62*
Figura 9	*Gráfico relativo à relação dos inquiridos com a Instituição* --------	*63*
Figura 10	*Gráfico sobre a opinião dos inquiridos relativamente à Escola* ----	*69*
Figura 11	*Gráfico sobre a opinião dos inquiridos relativamente à vida no concelho* ----------	*70*
Figura 12	*Tabela relativa ao tipo de público que frequenta o respectivo serviço* ----------	*81*
Figura 13	*Opinião dos técnicos relativamente à frequência de pessoas com deficiência* ----------	*82*
Figura 14	*Tabela relativa aos recursos físicos existentes nos serviços de atendimento municipal* ----------	*82*
Figura 15	*Esquema sobre a acessibilidade das instituições para as pessoas com deficiência* ----------	*83*
Figura 16	*Tabela global dos resultados (Necessidades de Informação)* -------	*86*
Figura 17	*Tabela global dos resultados (Formação Específica)* ----------	*87*
Figura 18	*Tabela global dos resultados (Vida Social no Concelho)* ----------	*88*

Agradecimentos

Gostaria de fazer um pequeno agradecimento a todas as pessoas que me ajudaram neste estágio, a todas as pessoas que me ouviram, que me aconselharam e que me acompanharam nestes últimos meses de trabalho.

Aos meus pais e irmão por tudo e mais alguma coisa;

À Elisabete, por todas as vezes em que ouviu;

À Daniela por todos os conselhos;

À Sabina, por me ter acompanhado nestes últimos anos de faculdade e por todos os momentos que partilhámos…

Agradeço à Carla, um exemplo de companheirismo e amizade

Às minhas colegas do Secretariado Técnico e à Coordenadora da Rede Social por, nestes últimos meses, me terem mostrado um excelente exemplo de profissionalismo.

Um agradecimento especial à Lúcia por todo o carinho e atenção prestado, obrigada por tudo.

Por fim, ao Professor Belmiro, por toda a atenção e por todos os conselhos.

Obrigada a todos!

Resumo

Para garantir o desenvolvimento sustentável de um território pressupõe-se um conhecimento aprofundado da realidade, de forma a perspectivar actividades que estejam de acordo com as características do local. É importante assim, conhecer os recursos endógenos, os actores sociais, as instituições presentes no território, para que se consiga optimizar as fragilidades e aprimorar as potencialidades. Partilhando esta visão, a Câmara Municipal de Loures e tendo em atenção, os índices elevados de população com deficiência, pretende desenvolver um diagnóstico que retrate a sua real situação para que se consiga promover actividades que fomentem uma prática de efectiva inclusão social. Neste sentido, recorre-se à experiência das instituições especializadas que trabalham nesta área, bem como ao testemunho dos familiares mais próximos (cuidadores informais) das pessoas com deficiência.

Palavras – Chave:

Desenvolvimento local

Diagnóstico Social

Pessoa com Deficiência

Familiar

Inclusão Social

Abstract

To guarantee the sustainable development of a territory is assumed depth knowledge of the reality, in a way to perspective activities that are in concordance with the local characteristics. Therefore, it is important to know the endogenous resources, the social actors, the institutions in the territory, to optimize the weaknesses and enhance potentiality. Sharing this vision, the Loures Town Hall, and taking into account the high rates of people with disabilities, wants to develop a diagnosis that portrays his real situation for one to promote activities that encourage a practice of effective social inclusion. In this sense, relies on the experience of specialized agencies working in this area, as in the testimony of close relatives (informal caregivers) of people with disabilities.

Key Words:

Local Development

Social Diagnosis

Person with disabilities

Familiar

Social Inclusion

Introdução

O presente relatório resulta do estágio curricular desenvolvido no Secretariado Técnico da Rede Social, serviço pertencente à Câmara Municipal de Loures, entre os meses de Outubro de 2008 e Maio de 2009

O desenvolvimento municipal concretiza a sua prática apoiando-se nos projectos e programas concebidos pelas várias unidades orgânicas da autarquia, das quais a Rede Social é um exemplo. Determinando como grupos alvo prioritários os idosos, as pessoas com deficiência e os imigrantes, este organismo estabelece parcerias com várias instituições com o intuito de os envolver na vida comunitária.

O Projecto, que se descreve e sobre o qual se reflecte seguidamente, dirige-se para as pessoas com deficiência, apoiando-se no testemunho dos seus familiares e dos técnicos das instituições especializadas em deficiência. Pretende-se, implementar um projecto que tem por base a realização de um diagnóstico social aprofundado na área da deficiência. Espera-se, assim, que este documento seja um veículo de futuras acções a desenvolver na autarquia, de forma a reunir as condições necessárias para que a pessoa com deficiência se inclua no sistema social, ao mesmo tempo, que se prepara para assumir o seu papel na sociedade (Veríssimo, 2001) preconizando o princípio de inclusão social.

A escolha deste projecto resultou de uma necessidade da instituição e da minha vontade em aprofundar os meus conhecimentos relativamente a esta problemática. Desde logo, na primeira entrevista realizada com o responsável da instituição, convergiram interesses, dos quais resultou uma ideia do que se pretendia desenvolver.

O relatório, que seguidamente se apresentará, foi estruturado da seguinte forma: Projecto de Intervenção: *"Olhar e Pensar a deficiência no concelho de Loures – Diagnóstico Social"*, secção onde se descreve o projecto a implementar no estágio. Segue-se o *Enquadramento Teórico* que suportou o presente estudo, através de uma abordagem à problemática da deficiência, iniciando-se com uma breve perspectiva história sobre a pessoa com deficiência em Portugal. Para além disso e tendo em atenção que o estágio se desenvolverá numa autarquia, foi importante trabalhar o Desenvolvimento Local, enquanto política de intervenção e o *Desenvolvimento*

Municipal enquanto política de inclusão social. Após esta contextualização, relata-se todo o processo referente à *intervenção*, reflectindo-se sobre cada uma das actividades realizadas previstas, em construção ou actividades realizadas não previstas. Nas Conclusões é feito um balanço reflexivo sobre o trabalho de diagnóstico realizado, bem como as competências adquiridas por mim. A Bibliografia indica a fonte dos recursos utilizados para suportar o presente trabalho. Por fim, nos anexos encontram-se os documentos (instrumentos de recolha e tratamento de dados) inerentes a este processo de diagnóstico.

I. PROJECTO DE INTERVENÇÃO:

"OLHAR E PENSAR A DEFICIÊNCIA NO CONCELHO DE LOURES"

A. Contexto De Intervenção

O concelho de Loures localiza-se na zona periférica de Lisboa, integrado na Região de Lisboa e Vale do Tejo, tendo cerca de 169 km^2 de dimensão. É constituído por dezoito freguesias, sendo delimitado pelos concelhos de Mafra, Arruda dos Vinhos, Sintra, Odivelas e Vila Franca de Xira. A freguesia com maior dimensão tem cerca de 34 km^2 (Bucelas) e a menor cerca de 1 km^2 (Moscavide e Portela). Cerca de 51% do território representa as infra – estruturas, os equipamentos e os espaços industriais e urbanos (zona urbana), sendo que os restantes 49% do território são constituídos por meios semi – naturais, áreas agrícolas e áreas florestais (zonas rurais). Esta divisão territorial confere ao concelho de Loures o desenvolvimento de actividades económicas ligadas sobretudo ao sector primário, secundário e terciário.

Em 2001, através do recenseamento, apurou-se cerca de 199 059 mil habitantes no concelho, dos quais 12 170 são pessoas com deficiência, correspondendo a 6,11% da população global, sendo que 6 391 são homens e 5 779 são mulheres. Destes dados, constata-se igualmente que os tipos de deficiência mais incidentes são a deficiência visual e a deficiência motora, com 24,7% e 22,8% respectivamente (Vv., 2006).

População residente sem deficiência		Homens		Mulheres		Total	%
		N.º	%	N.º	%		
		90 894	**93**	**95 995**	**94,3**	**186 889**	**100**
População residente com deficiência	Deficiência auditiva	1 006	15,7	798	13,8	1084	8,9
	Deficiência visual	1 484	23,2	1528	26,4	3012	24,7
	Deficiência motora	1 523	23,8	1252	21,6	2775	22,8
	Deficiência mental	492	7,6	471	8,1	963	7,9
	Deficiência paralisia	152	2,3	169	2,9	321	2,6
	Outra deficiência	1 734	27,1	1561	27	3295	27
	Total	**6 391**	**7**	**5 779**	**5,6**	**12 170**	**6**
População residente total		97 285	100	101 774	100	199 059	100

Figura. 1 – População residente no Concelho de Loures segundo o tipo de deficiência (INE, 2001 cit. por Vv. 2006)

Actualmente no concelho de Loures existem três instituições especializadas que trabalham a problemática da deficiência. Destas três, duas direccionam a sua intervenção para o contexto escolar, trabalhando com pessoas com deficiência com idades inferiores a 18 anos. Enquanto a outra, embora também integre crianças,

desenvolve um trabalho mais direccionado para jovens e para adultos, através de actividades mais profissionalizantes. [1]

Constata-se que a problemática da deficiência é uma realidade bem presente no concelho, todavia, não se tem evidenciado uma oferta de serviços conducente à população diagnosticada. A maior parte das pessoas com deficiência do concelho frequentam escolas ou outras instituições de Lisboa, principalmente os utentes com idade superior a 18 anos. A criação de uma resposta adequada a este tipo de população aparece, neste sentido, como uma prioridade que carece de uma rápida resolução.

B. Fundamentação Da Problemática

Atendendo ao referido no *ponto ,* é evidente que a problemática da deficiência no concelho de Loures apresenta uma dimensão bastante elevada, visto que 6 em cada 100 habitantes têm alguma deficiência, havendo grande incidência na população activa (25 – 54), sendo isso motivo para que se institucionalizem práticas inclusivas tanto no tecido empresarial, enquanto organismo empregador, como nas escolas, consideradas instituições de formação.

Em 2006 foi realizado o Diagnóstico Social Concelhio, que destacou 10 áreas de intervenção, sendo a deficiência uma delas. Através dos resultados recolhidos constatou-se que a informação relativa às pessoas com deficiência residentes no concelho era insuficiente, sendo proveniente, na sua maioria, dos Censos de 2001. Assim e com a premissa de desenvolver um trabalho mais próximo dos seus munícipes, a Rede Social de Loures inscreveu no plano de acção para 2008, do Plano de Desenvolvimento Social 2008 – 2010, a acção *Melhorar a Qualidade da Intervenção Social no Concelho de Loures*, na sequência do objectivo específico *realizar o diagnóstico de situação das pessoas com deficiência*, tentando para isso recolher informação junto das instituições e famílias.

Neste sentido, o projecto foi intitulado de *"Olhar e Pensar a Deficiência no Concelho de Loures – Diagnóstico Social"*, na medida em que se pretende *olhar* para a presente realidade do concelho *pensando*, posteriormente, nas suas fragilidades, potencialidades e prioridades, utilizando como metodologia de acção o diagnóstico.

[1] Esta Instituição, por motivos alheios ao investigador, não pode ser considerada no presente diagnóstico.

C. Objectivos Da Intervenção

O presente projecto tem como finalidade *desenvolver* um diagnóstico concelhio na área da deficiência, que permita *conhecer* as ofertas formativas, educativas e profissionais das Instituições que acolhem os utentes com deficiência residentes no concelho de Loures, podendo estas ser ou não sediadas no concelho. Por outro lado, *compreender* as representações das famílias face à realidade em que vivem e onde vivem, tentando *detectar* problemas / necessidades que advêm desta problemática e que exigem rápidas resoluções e por fim, *consciencializar* a população para a problemática da deficiência, sensibilizando-os para uma prática de efectiva inclusão social.

Tendo em conta a abrangência do trabalho, são definidos como objectivos específicos: *elaborar* um enquadramento teórico que conduza todo o processo de investigação; *construir* um guião de entrevista para os técnicos das Instituições; *construir* um questionário para os familiares dos indivíduos com deficiência; *contactar* as Instituições que acolhem mais utentes com deficiência residentes no concelho; *entrevistar* um técnico de cada instituição; *inquirir* familiares dos utentes que sejam residentes no concelho de Loures; *analisar* os dados recolhidos, tendo por base o enquadramento teórico produzido; *contactar* os serviços de atendimento municipal do concelho, a fim de se *perceber* que tipos de acessibilidades oferecem à pessoa com deficiência; *produzir* um relatório que sintetize os dados recolhidos e que perspective as futuras acções a implementar no concelho.

D. Objecto De Estudo

Considera-se, nesta perspectiva como objecto de estudo a realidade da pessoa com deficiência residente no concelho de Loures. Envolvendo-se, nesse sentido, as instituições especializadas nos diferentes tipos de deficiência através da realização de uma *entrevista a um técnico responsável*. Dos dados recolhidos no anterior diagnóstico seleccionaram-se as seguintes instituições: ACAPO, APECDA, CREACIL, REDES, CRPCCG, APPACDM – Lisboa, ELO SOCIAL, sendo estas as que registaram um maior número de utentes residentes no concelho de Loures.

Para além disso, pretende-se proceder à realização de um *questionário dirigido aos familiares mais próximos*, considerados cuidadores informais, que será preenchido

num determinado espaço de tempo, cerca de um mês após a realização da entrevista. Assim, tendo em conta dois tipos de grupos sociais que interagem com a pessoa com deficiência consegue-se ter uma percepção mais próxima da realidade, que nos permite realizar actividades que promovam a inclusão social e por conseguinte o desenvolvimento integrado do concelho de Loures.

E. Metodologia De Intervenção

Este projecto pressupõe um conhecimento aprofundado sobre a problemática da deficiência e através da realização do diagnóstico social pretende-se conhecer e compreender as representações dos vários intervenientes acerca desta problemática. Nesse sentido considera-se que a investigação inerente ao trabalho a desenvolver tem características qualitativas, na medida em que se irá questionar os sujeitos envolvidos, de forma a perceber as suas experiências, como as vivenciam e como estruturam o mundo social em que vivem (Psathas, 1973, cit. por Bogdan e Biklen, 1994). Para além disso, a fonte directa dos dados é o ambiente natural em que a pessoa com deficiência está inserida, ou seja, as próprias instituições e as suas famílias; o investigador, por outro lado é o instrumento principal, visto que se desloca aos vários locais e contacta com as várias realidades, tentando recolher dados descritivos, havendo, por isso, na investigação um grande interesse pelas concepções que os diferentes sujeitos dão à sua própria vida, neste determinado contexto (Bogdan e Biklen, 1994).

A investigação decorrerá em vários momentos, havendo inicialmente um investimento teórico para depois se proceder ao trabalho de campo. Considera-se este momento do processo fundamental, visto que é a partir desta construção lógica que a investigação adquire um significado, tornando viável a apreensão do facto em estudo e a sua posterior comunicação (Pardal e Correia, 1995). Seguidamente proceder-se-á à escolha dos instrumentos de recolha de dados, nomeadamente a entrevista e o questionário, ambos tidos como métodos privilegiados na investigação qualitativa.

Elaborou-se, assim, o guião orientador para a entrevista com questões relacionadas com o contexto institucional em que o utente se insere, tendo em conta as várias práticas de funcionamento da instituição e todas as medidas / projectos promovidos que visem a sua inclusão social; o tipo de relação existente com as diferentes famílias, considerando a opinião dos técnicos face aos familiares ou

cuidadores mais próximos e a actual situação das pessoas com deficiência na sociedade, tentando não especificar para o trabalho desenvolvido na instituição, mas perspectivando a vasta realidade social. È perceptível, neste sentido, a orientação das entrevistas (anexo 2.2) em três pontos de reflexão: *A pessoa com deficiência, A Família e Reflexão sobre a problemática da deficiência.*

Deste modo enumeram-se como objectivos principais da entrevista:

- ✓ *Identificar* o tipo de prática profissional que a instituição / técnico disponibiliza à pessoa com deficiência;
- ✓ *Compreender* o processo de avaliação da pessoa com deficiência e da própria família;
- ✓ *Perceber* de que forma a Instituição contribui para a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade;
- ✓ *Conhecer* as ofertas educativas da instituição para os diferentes tipos de público;
- ✓ *Conhecer* o tipo de relação que tem com as famílias que assiste;
- ✓ *Compreender* o papel que deve desempenhar a família no desenvolvimento da pessoa com deficiência;
- ✓ *Analisar* a visão do técnico relativamente às condições de vida a que a pessoa com deficiência está sujeita;
- ✓ *Compreender* o papel do Estado no exercício de cidadania da pessoa com deficiência.

Os questionários (anexo 2.3) foram pensados como um instrumento de recolha de dados complementar à entrevista. Tendo em conta que a nossa pretensão inicial seria abranger o maior número de famílias possível, o questionário veio assim ao encontro das nossas expectativas, visto que se apresenta como um instrumento objectivo e de fácil aplicabilidade. Abrange, assim, diferentes áreas, especificamente as Necessidades da Família (de Informação, de Apoio e em Exteriorizar os seus sentimentos); as Dificuldades sentidas face à deficiência, incluindo as estratégias utilizadas para as superar; a Relação da Família com a Instituição / Escola, integrando a participação dos pais; a Formação Específica, dando liberdade aos pais para darem alguns exemplos de acções que gostassem de ver implementadas. Por fim, inquirimos relativamente à vida social no concelho, a fim de se perceber de que forma é que também se sentem

incluídos no concelho. Estes diferentes pontos de análise concretizam-se nos seguintes objectivos:

- ✓ *Conhecer* as principais necessidades da família relativamente à informação, ao apoio e à necessidade de exteriorizar esta problemática aos outros;
- ✓ *Identificar* as principais dificuldades sentidas face à problemática da deficiência;
- ✓ *Conhecer* as estratégias utilizadas para superar as dificuldades;
- ✓ *Conhecer* a relação existente com a Escola / Instituição,
- ✓ *Perceber* o tipo de participação dos pais nas Escolas / Instituições
- ✓ *Conhecer* as representações dos familiares relativamente à formação /sensibilização de cuidadores;
- ✓ *Perceber* quais as representações dos familiares relativamente aos serviços de atendimento municipal;
- ✓ *Perceber* quais as instituições do concelho que os familiares melhor conhecem e que frequentam com o (a) seu (sua) filho (a).

Paralelamente à implementação destes instrumentos de recolha de dados considerou-se, igualmente importante elaborar um questionário aos serviços de atendimento municipal presentes na autarquia, independentemente da área específica de atendimento. Assim pretendia-se perceber a frequência das pessoas com deficiência nos vários serviços da autarquia, bem como perceber as condições e acessibilidades existentes que permitem a inclusão social.

Depois de se proceder à aplicação dos diversos instrumentos de recolha de dados, é momento para os analisar. Relativamente às entrevistas recorrer-se-à à análise de conteúdo, tendo em conta que é uma técnica de investigação que permite *"a descrição, objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação"* (Berelson, 1952 cit. por Vala, 2005 p. 103). Por outro lado, relativamente aos questionários aos familiares serão analisados por cada instituição, em SPSS. Considera-se mais viável analisar os questionários atendendo à especificidade da deficiência e consequentemente ao tipo de instituição que frequenta. Embora ainda não se tenha um conhecimento pormenorizado do que cada organismo disponibiliza a cada utente / cliente, consegue-se prever que cada instituição molda as suas dinâmicas, tendo em

conta o público que acolhe. Nesse sentido, será mais fidedigno analisar cada instituição em particular, complementando a informação com a entrevista ao técnico responsável.

F. Resultados Esperados

A realização deste diagnóstico social pretende ser exaustiva e pormenorizada, tentando, sempre que possível, estabelecer contacto com os principais beneficiários deste processo – as pessoas com deficiência e suas famílias. Neste sentido, ambiciona-se que o diagnóstico desenvolvido seja, de facto um documento útil e prático para a autarquia, que permita um confronto com a presente realidade e, consequentemente, com os problemas que a caracterizam, mas que, também, proponha soluções / medidas, sempre que possível articuladas com o testemunho dos principais agentes envolvidos

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Problemática Da Deficiência

A concepção de pessoa com deficiência sempre foi pautada por termos e significados que mais do que identificar a incapacidade, catalogavam o valor da pessoa. Designados, inicialmente, como *inválidos*, passaram a ser tidos, mais tarde, como os *incapacitados, os defeituosos* ou *deficientes* (Sassaki, 2005), registando-se assim mudanças na epistemologia do conceito. *Todavia, estarão estas mudanças em consonância com as transformações na mentalidade das pessoas?* Genericamente, os termos e significados foram-se alterando em conformidade com os processos sociais que foram ocorrendo ao longo da história. Contudo as representações, nem sempre acompanharam essas mudanças. A pessoa com deficiência sempre foi posta de parte pela sociedade a vários níveis, tanto na educação, como no emprego, no acesso à formação profissional ou na protecção social.

A Organização Mundial de Saúde, designada doravante por OMS (1976), citada pelo Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR) (1996), enquanto instituição de referência, considera três classificações internacionais que ressaltam desta problemática:

<u>*Pessoa com deficiência:*</u> "*aquela que por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de estrutura ou função psicológica, intelectual, fisiológica ou anatómica susceptível de provocar restrições de capacidade, pode estar considerada em situação de desvantagem para o exercício de actividades consideradas normais, tendo em conta a idade, o sexo e os factores sócio – culturais*";

<u>*Incapacidade:*</u> *"consiste na restrição ou falta de capacidade para realizar uma actividade dentro dos limites considerados normais para um ser humano"*;

<u>*Desvantagem (handicap):*</u> "*condição social de prejuízo sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita ou impede o desempenho de uma actividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores sócio – culturais."*

Confrontando estas classificações salienta-se uma relação entre elas, na medida em que a *deficiência* respeita a toda a alteração do corpo, da aparência física ou de um órgão, independentemente da sua causa, tratando-se da exteriorização da doença. A

incapacidade, por seu lado, diz respeito à consequência da deficiência em termos de desempenho ou seja, considera a actividade funcional do sujeito. Enquanto a *desvantagem* respeita aos prejuízos experimentados pelo sujeito, à sua adaptação e interacção com o meio e às consequências sociais que tanto a deficiência como a incapacidade em si implicam. (Xavier, 2008).

Adjacentes a esta problemática existem cinco tipos de deficiência que agrupam as várias patologias que as caracterizam, nomeadamente a deficiência mental, a deficiência auditiva, deficiência motora, deficiência visual e a paralisia cerebral. Considera-se a ***deficiência mental*** como uma característica ou condição que aparece vulgarmente associada a doenças genéticas, metabólicas ou infecciosas. (Ferreira, Mira e Faria, s/d) que ocorrem geralmente no cérebro, levando ao seu baixo rendimento. Recorrendo a técnicas psicométricas, nomeadamente o conceito de QI consegue-se determinar o grau de deficiência podendo ser profunda, grave/ severa, moderado /média ou leve/ ligeira (s/a, s/d). A ***deficiência auditiva*** designa, por sua vez, todo o indivíduo que perdeu total ou parcialmente a capacidade de ouvir. Tal como acontece na deficiência mental, existe uma classificação que permite determinar os graus de surdez, utilizando os critérios do *Bureau International d'Audiophonologic*, considera-se deficiência auditiva leve entre os 20 – 40 decibéis, média entre os 40 – 70 decibéis, severa entre os 70 e os 90 decibéis, profunda entre os 70 e os 90 decibéis, de 1º grau com 90 decibéis, de 2º grau entre 90 – 100 decibéis e de 3º grau mais de 100 decibéis (s/a, s/d). A ***deficiência motora*** caracteriza toda a disfunção física ou motora de um individuo, podendo ser adquirida ou congénita. Este tipo de deficiência pode ocorrer devido a lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou ainda de mal formação. Assim *deficiente motor* é todo o indivíduo que apresenta uma incapacidade de mobilização permanente ao nível dos membros inferiores ou superiores, que segundo a Tabela Nacional para as Incapacidades, decreto – lei 341/93, será de grau igual ou superior a 60% (s/a, s/d). A ***deficiência visual*** é a perda ou redução definitiva da capacidade visual em ambos os olhos, não sendo passível de ser melhorada com o recurso a lentes ou intervenções cirúrgicas. Este tipo de deficiência poderá ser *congénita*, no caso das malformações oculares, glaucoma congénito ou catarata congénita ou ainda *adquirida*, como os traumas oculares, catarata, degeneração senil mácula ou alterações relacionadas com a hipertensão ou diabetes (s/a, s/d). Por fim, a

paralisia cerebral é uma lesão de uma ou várias partes do cérebro, provocada, muitas vezes, pela falta de oxigenação das células cerebrais, podendo acontecer antes, durante ou após o parto do bebé.

Segundo os dados da OMS, citados por Xavier (2008) 10% da população de cada país é portadora de alguma deficiência, correspondendo da seguinte forma: 5% sofre de deficiência mental (comprometimentos de nível leve, moderado, severo e profundo com inadequação no comportamento adaptativo ou em mais adaptações, como comunicação, cuidados pessoais e habilidades sociais); 2% de deficiência motora (atinge funções motoras do organismo e aquelas que impossibilitam o desempenho de tarefas); 1,3% de deficiência auditiva (comprometimento da capacidade de audição no seu todo ou em partes a partir de 25 (surdez leve) a 71/90 decibéis (surdez severa ou anacusia), 0,7% de deficiência visual (respeita à acuidade visual igual ou menor a 20%) e 1% sofre de deficiência múltipla (manifesta mais do que uma deficiência). Através desta leitura, a deficiência evidencia-se como uma problemática cada vez mais presente no quotidiano da população. Nesse sentido, é importante que se reúnam condições favoráveis que possibilitem à pessoa com deficiência usufruir de um conjunto de direitos e deveres que possibilitam o pleno exercício de cidadania.

1.1. A Pessoa Com Deficiência Em Portugal

Em Portugal, a exemplo de outros países, as concepções relativamente à pessoa com deficiência sempre foram redutoras. Embora existissem alterações nos conceitos, o valor da pessoa era posto à parte das dinâmicas de funcionamento da sociedade. No século XIX, José António Freitas Rego, pela prática que desenvolveu, deu o primeiro passo na educação de surdos e cegos, com a criação do Instituto de Surdos – Mudos e Cegos. Nos anos seguintes houve um acréscimo das instituições que acolhiam pessoas com deficiência e lhes prestavam cuidados assistencialistas. Neste sentido, havia uma preocupação em institucionalizar o maior número de pessoas com deficiência, segregando-os assim da própria sociedade. Esta concepção perdurou até meados do século XX.

Em 1976 com a promulgação de uma nova Constituição da Republica, consequência da Revolução de 1974, considerou-se no artigo 71º da Lei Fundamental:

"1º:Os cidadãos, física ou mentalmente, deficientes gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontram incapacitados; 2º: "O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos deficientes a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles (…)"(Andrade, 1990, citado por Xavier, 2008 p. 22). Nesta perspectiva distingue-se a preocupação do Estados pelos direitos e deveres da pessoa com deficiência, decretando medidas que visem a sua protecção social.

Em 1989 com a Revisão Constitucional é acrescentado no artigo 71º a responsabilização do Estado pelo apoio às instituições de pessoas com deficiência, criadas na sua maioria por pais ou outros familiares, como consequência da pouca oferta educativa e do reduzido apoio social existente no país. De facto, ao confrontarem-se com uma intervenção governamental empobrecida, os pais associavam-se entre si e criavam instituições, que disponibilizavam serviços a vários domínios (educativo, ocupacional, profissional entre outros). Estas eram designadas por CERCI's – *Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas* ou por APPACDM – *Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental* e tentavam colmatar as dificuldades sentidas pelos familiares directos ou os cuidadores. Nos meados dos anos 70, segundo Afonso (1995) existiam em Portugal, cerca de 38 CERCI's, 18 APPACDM e 17 Colégios com fins lucrativos, ou seja cerca de 73 equipamentos para pessoas com deficiência de iniciativa particular. Segundo Pereira (2004) através dos dados da DGIDC[2] existiam em Portugal, 40 CERCI'S, 59 IPSS e 19 Colégios, no seu conjunto cerca de 118 estabelecimentos de educação especial, registando-se um aumento na oferta de equipamentos e serviços à pessoa com deficiência. *No entanto, serão estes suficientes?*

Através do recenseamento de 2001, o INE (INE, 2002) apurou que em Portugal existem 634 408 pessoas com deficiência, dos quais 333 911 são homens e 300 497 mulheres, representando assim cerca de 6,1% da população nacional. Ao especificar cada tipo de deficiência constata-se que, pelos dados do INE (2002), as deficiências visual e a motora têm grandes incidências na população, sendo respectivamente 25,7% e

[2] Direcção – Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

24,6%. O gráfico abaixo apresenta ainda um eixo de *outras deficiências* (que incluí a multideficiência) que representa 23% da população com deficiência. Com os valores mais baixos aparece a paralisia cerebral, que caracteriza cerca de 2,4% da população. A deficiência mental e a deficiência auditiva ocupam os lugares intermédios, com 11,2% e 13,2% respectivamente.

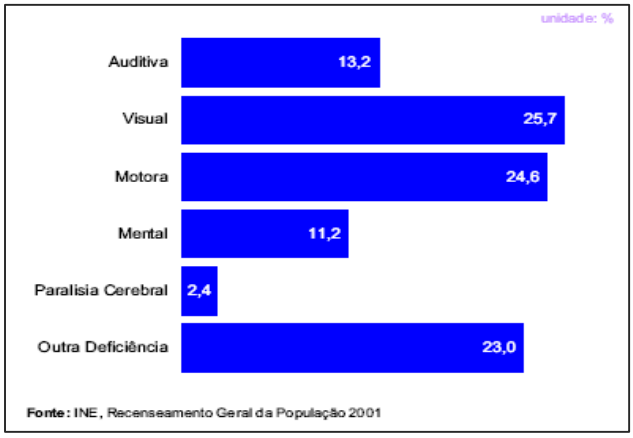


Figura 2 – Distribuição da pessoa com deficiência, por tipo de deficiência, Portugal 2001 (INE, 2002)

Convergem, neste âmbito vários tipos de deficiência, sendo necessário que se reúnam condições, não apenas sociais, mas educativas, formativas e profissionais que promulguem princípios de inclusão social. Nesta perspectiva é importante definir o conceito de integração e de inclusão, visto que ambos tendem a confundir-se. Inicialmente surgiu o conceito de *integração* é entendido como um conjunto de princípios com o pressuposto de oferecer serviços educativos que se institucionalizam através de uma variedade de alternativas de ensino ou de aulas adequadas ao plano individual do aluno, maximizando assim, a participação das pessoas com deficiência em actividades comuns (s/a s/d b); Sanches e Teodoro, 2006). Esta nova perspectiva apresenta-se como um fim a atingir, que obedece a diferentes fases de um processo, devendo a sua implementação ser progressiva, como e quando for possível. Assim, através deste desígnio salienta-se a ineficácia de orientações e práticas tradicionais de educação especial, às quais estavam inerentes processos discriminatórios nos seus fundamentos. (s/a, s/d b)). Tentou-se, deste modo, integrar a pessoa com deficiência numa sociedade pré – regulada e padronizada, cujas acessibilidades para o incluir eram em si incipientes.

No seguimento deste paradoxo aparece, assim, o conceito de *inclusão*, na medida em que se evidencia um "*empenhamento da escola em receber todas as*

crianças, reestruturando-se de forma a poder dar uma resposta adequada à diversidade dos alunos" (Costa, s\d p.28). É importante, desta forma considerar a *inclusão* como uma estratégia que valoriza o sujeito com deficiência, enquanto ser activo na sociedade, devendo ser esta que se adapta às suas necessidades e dificuldades. Exemplo dessa adaptabilidade, a *Declaração de Salamanca* veicula a ideia de que as escolas regulares devem possuir uma orientação inclusiva, na medida em que garantem a todas as crianças um lugar na escola e é esta que se deverá adequar à diversidade da população escolar, preconizando assim a máxima de *"Educação para Todos"* (Declaração de Salamanca, 1994). Deste modo, tendencialmente afasta-se uma visão tecnicista das deficiências do indivíduo, adoptando-se uma nova abordagem que valoriza os factores contextuais, culturais e estruturais inerentes ao processo de ensino – aprendizagem (s/a, s/d b)).

Associadas a estas perspectivas surge a definição de *necessidades* que, reportando a esta questão, se focaliza nas necessidades especiais e necessidades educativas especiais. Relativamente às *Necessidades Educativas Especiais (NEE)*, considera-se as deficiências físicas, sensoriais, intelectuais, emocionais, sociais ou qualquer outra combinação entre elas, que afectam a aprendizagem de tal forma que são necessários alguns ou todos os acessos especiais ao currículo. (Brennan, 1988 cit. por (s\a s/d b)). Para além disso, as NEE podem apresentar-se como um ponto do *continuum* que pode ser ligeiro ou grave, permanente ou temporário. As *necessidades especiais* evidenciam-se, por seu lado, através de duas situações diferentes, populações que devido a condicionantes socioculturais podem estar em desvantagem e por isso, o insucesso escolar poderá ser maior. Por outro lado, manifestam-se, igualmente em situações que embora graves, podem não ter qualquer consequência no processo e progresso educativo do aluno, exigindo apenas um amplo serviço de apoio que facilita o acesso ao currículo (s/a, s/d b)). Contudo, uma ideia central que é convergente a estes dois conceitos é preconizada na Declaração de Salamanca (1994), *"todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares"* têm o direito a usufruir de um conjunto de instrumentos propícios à aquisição de uma educação mais fundamentada.

Em suma, neste momento tentou definir-se alguns conceitos que ilustram e conceptualizam a problemática da deficiência, tentando articulá-los entre si. Ao longo

deste ponto foram evidentes as mudanças epistemológicas registadas no cerne desta problemática. De uma forma geral tem havido, cada vez mais, uma preocupação em incluir a pessoa com deficiência nas dinâmicas da sociedade, vindo a disponibilizar cada vez mais ferramentas para a sua vida diária. Todavia, ainda persistem preconceitos e estereótipos face a este grupo social e é na tentativa de consciencializar a população, nomeadamente a residente no concelho de Loures, que surge a realização deste diagnóstico, cujos resultados são tidos como ponto de partida para futuras acções.

1.2- O Papel Do Cuidador Na Vida Da Pessoa Com Deficiência

A ***família*** aparece como primeiro núcleo de pessoas onde o indivíduo inicia as suas primeiras experiências de interacção. Caracteriza-se, assim, por ser tanto biológica como socialmente a *"unidade micro de um todo mais vasto de agrupamentos que compõe o tecido social"* (Dias, 1999). Representa e manifesta, por outro lado, valores éticos e culturais de solidariedade para o ser humano, sendo que as suas responsabilidades implicam um contributo activo para o bem-estar dos seus membros. Assim, tendo em conta esta problemática, o trabalho com famílias pressupõe uma abordagem individualizada, como forma de compreender as diferentes reacções ao impacto causado pelo indivíduo com deficiência, respeitando os seus valores, crenças, aspirações e prioridades.

Turnbull (1990) citado por Dias (1999) identifica quatro variáveis que influenciam o modo como a deficiência afecta a família, nomeadamente, as *características da deficiência*, ou seja, o grau de autonomia da pessoa com deficiência; o *background cultural*, que respeita às próprias características que a família possui, como por exemplo o estatuto sócio – económico ou a estrutura familiar; as *características individuais de cada membro da família*; ou, as *situações especiais* como a pobreza ou o abandono que condicionam, igualmente, as várias reacções da família face à deficiência. Neste sentido, reconhece-se a família como um elemento central no desenvolvimento integrado do indivíduo com deficiência, na medida em que o ambiente proporcionado pelo seu conjunto influência positiva ou negativamente o bem-estar deste sujeito.

Contudo, assumir-se enquanto família de uma pessoa com deficiência pode ser um processo complexo, visto que a própria sociedade parece ainda não estar preparada

para aceitar a diferença, assumindo a deficiência como uma dependência ou incapacidade em gerir o seu próprio destino, o que nem sempre corresponde à realidade. Desta forma, atendendo às vicissitudes que a pessoa com deficiência está sujeita diariamente, considera-se imprescindível garantir o seu próprio equilíbrio emocional, como possível estratégia de superação dessas dificuldades. Neste sentido, os cuidadores apresentam um papel de relevante importância, visto que, para além de salvaguardarem os cuidados médicos, têm em conta a parte emocional do indivíduo. Deste modo, e parafraseando Menezes (1998) citado por Dias (1999) o acto de cuidar pressupõe uma relação de responsabilidade entre o sujeito e o objecto na qual um necessita do outro, para que se estabeleça efectivamente este pressuposto.

Segundo Dias, Wanderley e Mendes (2002), citados por Aquino (2006), existem dois tipos de cuidadores, os principais e os secundários. O primeiro caso refere-se àqueles que têm total ou maior responsabilidade pelos cuidados prestados (podendo ser familiares ou não) e, os segundos incluem os familiares, voluntários e profissionais que prestam actividades complementares e pontuais às restantes. Nesta perspectiva, consideram-se abrangidos na terminologia *cuidador*: os *cuidadores formais,* como os principais ou secundários, os *profissionais contratados,* que integram os enfermeiros, as empregadas domésticas, por exemplo, e os *cuidadores informais,* que respeitam aos familiares, amigos ou voluntários que complementam os tratamentos prestados pelos anteriores. Deste modo, evidencia-se um leque bastante abrangente de pessoas que poderão exercer o acto de cuidar para com a pessoa com deficiência. Bayley (1985) citado por Aquino (2006) estratifica os vários tipos possíveis de ajuda, por exemplo os cuidados muito pessoais (dar banho), os cuidados pessoais (cozinhar), os cuidados gerais (fornecer medicação) e os cuidados sociais (idas ao médico ou ao banco).

Nesta perspectiva, cuidar não aparece apenas associado a cuidados médicos, mas também a aspectos mais simples e comuns da vida da pessoa com deficiência. Embora anteriormente se tenha estabelecido vários tipos de cuidadores, é importante ressaltar a ideia de que a sua própria identidade é estabelecida pela actividade do *cuidar,* que não s redefine apenas o sentir, mas também o pensar na sua nova função e em todas as responsabilidades que isso acarreta. Assim, este novo papel que desempenha não muda apenas a sua rotina, mas pressupõe a construção de uma nova identidade, porque ser cuidador não é apenas zelar pelo doente, mas garantir a sua recuperação (Aquino, 2006).

Neste sentido e referindo as palavras de Karsch e Leal (2004), mencionados por Aquino (2006), é "*necessário entender que a competência humana para cuidar, deve ser entendida como um assumir a responsabilidade do cuidado partindo da concepção de saúde como qualidade de vida, interagindo com o cliente / usuário / cidadão, (…), valorizando a sua autonomia para assumir a própria saúde e agir mobilizando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores (…)"*. Ser cuidador pressupõe, assim, um conjunto de competências específicas, em que acima de tudo se garante a qualidade de vida do cidadão com deficiência, reconhecendo-o como um ser activo, dentro das suas limitações, sendo para isso necessário mobilizar conhecimentos, atitudes e valores.

Todavia, na maior parte das situações os próprios cuidadores sentem-se desinformados sobre a responsabilidade que este acto acarreta, exercendo, em consequência, uma prática desactualizada face à situação actual. Esta falta de informação poderá provocar consequências negativas no desenvolvimento equilibrado tanto da pessoa com deficiência como da própria vida do cuidador. A formação aparece como um recurso indispensável, entendendo-se, como um processo de transformação individual que abrange três domínios diferentes, o saber (conhecimentos), o saber – fazer (capacidades) e o saber – ser (atitudes) (Canário, 2000). A escola aparece, deste modo, como a entidade social que possibilitará essa transformação, sendo que investir qualitativamente na participação dos pais nas escolas pode favorecer modelos de integração das necessidades especiais (Wolfendale, 1987, cit. Dias, (1999)). Para além disso, e citando Hegarty (1981) parafraseado por Dias (1999), *"o maior recurso dos países em vias de desenvolvimento para ajudar as pessoas com deficiência, as quais podem ser tão produtivas como as outras, consiste no apoio a uma família bem informada"*p.74.

Neste sentido, a formação dos cuidadores surge como uma questão de crescente importância, mas que em Portugal tem sido uma área onde se evidencia um reduzido investimento. Para tentar superar esta lacuna é importante estreitar as relações entre os cuidadores e os profissionais, através do estabelecimento de parcerias entre ambos. Assim, uma das eventuais medidas emergentes será a de melhorar o nível de informação dos cuidadores, aumentando as suas competências no acesso aos recursos da comunidade, de forma a promover um funcionamento mais positivo no seio da família, o que consequentemente melhorará o bem-estar dos seus membros individualmente

(Coutinho, 2000, cit. Coutinho, 2004). Por seu lado, a formação não só tende a possibilitar um atendimento mais integrador e abrangente, mas também, a oportunidade para os cuidadores de adquirem cada vez mais e melhores conhecimentos, o que beneficiará a pessoa com deficiência na qualidade do serviço adquirido. Esta problemática foi evidenciada nos questionários preenchidos pelos familiares, que enfatizaram a necessidade de participarem em acções de sensibilização subordinadas a várias temáticas associadas à deficiência, de forma a elucidá-los face às questões que possam ter.

2. DESENVOLVIMENTO LOCAL

A emergência do poder local, consequência de políticas descentralizadoras, atribui aos territórios de intervenção competências outrora da responsabilidade do governo central. Esta lógica de desenvolvimento desencadeia acções que constituem uma aprendizagem colectiva, sendo que as transformações sociais estão intimamente ligadas às representações e comportamentos tanto do indivíduo como do colectivo (Canário, 2000). Assim promulga-se a participação democrática de todos os actores sociais na vida da comunidade, havendo objectivos de acção comuns, valorizando os recursos endógenos, não esquecendo, todavia, os factores externos que contribuem o desenvolvimento do local.

A referida intervenção territorial aparece como estratégia para superar as grandes desigualdades sociais provocadas por um modelo redutor de desenvolvimento, que considerava apenas o factor económico como preponderante. A realidade veio desmistificar essa percepção, havendo pois, a necessidade de valorizar o local e todos os recursos ai existentes (Canário, 2000) para colmatar as dificuldades que surgiram após o crescimento desenfreado de algumas regiões em detrimento de outras. Na óptica de combater esse isolamento, bem como a pouca escolarização dos residentes, foram-se criando associações locais que tinham como principal objectivo promover a melhoria da qualidade de vida, tornando-se impulsionadoras do desenvolvimento do local.

Na sua maioria, estas iniciativas apresentam um carácter voluntário, pouco formalizado ou hierarquizado, promovendo a socialização entre os vários agentes, bem como a sua participação democrática nos vários assuntos. Apelam, deste modo, a uma forma de participação descentralizada que se baseia em projectos de desenvolvimento e

de investigação – acção (Afonso, 1989). Esta perspectiva revela uma efectiva reivindicação da autonomia, validação e reconhecimento de práticas de aprendizagem que se desenvolvem fora da escola e em vários níveis da sociedade dedicadas especialmente a adultos (Melo, 2005), transcendendo, assim, a forma escolarizada e focalizando as dimensões do não formal e do informal.

Para além disso, este processo de crescimento é imbuído de elementos estruturais que caracterizam o local e todas as tradições a ele inerentes, considerando o adulto como um ser aprendente em qualquer contexto (Fernández, 2005). Neste sentido, muitas vezes, as pessoas vão aprendendo saberes através de formas não escolarizadas e informais, sobretudo através do saber – fazer. Considerando este carácter abrangente, o desenvolvimento local tanto pode integrar práticas de formação profissional como de alfabetização que, muitas vezes, se destinam a um determinado tipo de grupo social. Existem inúmeros projectos planeados em zonas rurais na tentativa de envolver a população numa actividade comum, estimulando a sua participação colectiva. Tenta-se, para tal, optimizar recursos, coadunando as necessidades da população com a execução de acções concretas. Lopes e Reto (1992) mencionam um exemplo de projecto que exemplifica esta realidade: na localidade de Barroso uma associação mediante a realização de um diagnóstico sobre os vários sectores de produção, evidenciou alguns problemas. Para superar as dificuldades sentidas, construiu-se um projecto que visava articular as necessidades das empresas, os perfis profissionais e os serviços de valor acrescentado indispensáveis à gestão das empresas, através de um conjunto de formações que tenderiam a formar efectivos profissionais. Neste exemplo, o resultado encontrado para superar o problema surgiu de um trabalho inicial de diagnóstico, que detectou as potencialidades e fragilidades do território. E é nesse sentido que o desenvolvimento local deve apoiar a sua intervenção. Existem processos que devem ser considerados para que as acções desenvolvidas sejam de acordo com as necessidades da população. Assim, torna-se imprescindível conhecer os vários actores locais, identificando líderes, pois só assim será lícito conceber e implementar projectos inovadores e exequíveis.

É no seguimento desta concepção que o presente diagnóstico surge como uma estratégia para conhecer mais profundamente a realidade da população com deficiência residente no concelho de Loures, pois, apenas desta forma é que se conseguirá

desenvolver um trabalho profícuo e com resultados mais duradouros, projectado numa dimensão de desenvolvimento local.

2.1- O Desenvolvimento Municipal Enquanto Política De Inclusão Social

O desenvolvimento de um território passa por várias áreas de acção e é convergindo os diversos interesses que se garante o seu progresso sustentável e equilibrado. Especificando, para o presente relatório considera-se importante designar o que se entende por *desenvolvimento municipal* que, segundo Buarque (1999) é um caso particular de desenvolvimento local, com uma amplitude espacial delimitada pelas políticas e administração do município. Para além disso, Baixinho (2008) refere que o desenvolvimento municipal é uma forma de exercício do poder, numa perspectiva de autonomia, por um lado, mas que por outro revela dependência entre o poder local e o Estado. É importante considerar, nesta óptica, o grau de envolvimento das autarquias, sendo estas por sua vez, catalisadoras das forças sociais da comunidade, para que um maior número de munícipes tenha uma participação mais activa na construção de um futuro melhor.

O poder local intervêm cada vez mais em alguns assuntos da vida da comunidade, nomeadamente no ambiente educativo, ao liderar e planear algumas políticas, ao apoiar os estabelecimentos de ensino, ao implementar e colaborar na concretização de projectos de parceria e ao investir em equipamentos, em técnicos e em infra – estruturas (Baixinho, 2008). É nesta perspectiva que devem convergir as sinergias locais, associando, deste modo, o desenvolvimento à capacidade dos actores e da comunidade em estruturar-se e mobilizar-se com base nas suas potencialidades, prioridades e especificidades, fazendo valer, neste sentido, a importância da acção colectiva na promoção de iniciativas inovadoras que sejam, de facto, promissoras de um desenvolvimento local sustentável, tentando, sempre incluir todos os grupos sociais presentes no território.

É no âmbito desta concertação que o CLAS (Conselho Local de Acção Social), enquanto órgão agregador com vista ao Desenvolvimento do Local, estabelece como objectivos de intervenção, de entre outros: *estimular* a participação dos vários parceiros sociais na definição de estratégias e de respostas; *inovar e sistematizar* a melhoria da

qualidade e eficácia das respostas sociais; *fomentar* iniciativas que visem a maximização das desigualdades sociais e promoção da vida das pessoas, famílias e comunidades; *estimular* o trabalho em rede; *promover* espaços de análise e discussão dos problemas e potencialidades; *sinalizar* problemas e constrangimentos e, por fim, *incentivar* redes de apoio social que contribuam para a cobertura equitativa do concelho em serviços e equipamentos sociais e para a promoção da inclusão social. Em última instância, todos os propósitos enunciados veiculam a pretensão do D.L nº 115/2006, no qual se prevê a construção da Rede Social numa lógica de planificação estratégica da intervenção social local, incluindo actores de diferentes áreas, contribuindo, assim, para a erradicação da pobreza e da exclusão social. Esta forma de desenvolvimento que se prevê abrangente e integradora preconiza o princípio de autonomia local que se entende como o direito e a efectiva capacidade das autarquias em regulamentarem e gerirem uma parte importante dos assuntos públicos (ANMP, 1985).

Por seu lado, a população com deficiência sempre viveu durante muitos anos segregada da restante população, isto porque a própria estrutura da sociedade as inabilitou, marginalizando-as e privando-as de qualquer tipo de iniciativa (Maciel, 2000). Contudo, as acções isoladas que os educadores e os pais têm promovido, que para além de estimularem a sua participação social, apelam fortemente à sua inclusão, impulsionando o acesso a todos os recursos da sociedade. Por outro lado, esta deve ser responsabilidade de cada um e de todos colectivamente, considerando a participação social como uma condição *sine qua non* do desenvolvimento sustentável (Rocha e Bursztyn, 2005) de um território. Para além disso, estimular a inclusão é, também, uma política económica, na medida em que a pessoa com deficiência se torna um cidadão produtivo, participante e consciente dos seus direitos, diminuindo assim, os custos sociais associados a este grupo específico (Maciel, 2000). Para tal é importante mobilizar os diversos agentes envolvidos, de forma a promover uma efectiva prática de inclusão social, que não deve ficar apenas registada em quadros fundamentalmente teóricos.

Em suma, promover o desenvolvimento de um local não é apenas programar um conjunto de actividades uniformizadas em que os habitantes participam. É, sim, garantir que independentemente da sua condição física ou social, os cidadãos estão aptos a cooperar em conjunto para objectivos comuns.

III. CONTEXTO DE ESTÁGIO

- **Câmara Municipal De Loures**

O concelho de Loures foi criado a 26 de Julho de 1886, por Decreto Real. Tal como evidenciado no ponto Contexto de Intervenção, este território apresenta características tanto rurais como urbanas, devendo existir um trabalho de acordo com as especificidades de cada zona. Neste sentido e como garantia da prestação de um bom serviço público, o município, enquanto órgão executivo, tem responsabilidades em determinadas áreas de gestão pública, nomeadamente:

- *Ruas, estradas e caminhos municipais*: projecto, construção e manutenção;
- *Educação Pré-escolar*: projecto e construção dos equipamentos a integrar na Rede Pública;
- *Educação/Ensino Básico 1º Ciclo*: projecto e construção dos equipamentos públicos escolares;
- *Acção Social Escolar/ Ocupação dos Tempos Livres*: apoio às actividades públicas e das IPSS;
- *Centros Culturais, Bibliotecas e Museus Municipais*: projecto, construção e gestão;
- *Equipamentos desportivos e recreativos municipais*: projecto, construção e manutenção;
- *Transportes Escolares*;
- *Património Cultural, paisagístico e urbanístico*;
- *Planeamento e Administração Urbanística do Território;*
- *Rede de transportes colectivos urbanos ou não urbanos* que se desenvolvam exclusivamente na área do município;
- *Aprovar e apoiar tecnicamente as obras de equipamento social de entidades particulares de interesse municipal.*

Atendendo a estas competências, a autarquia ostenta uma macroestrutura, na qual fazem parte as orgânicas respeitantes aos seguintes tipos de apoio: administração geral, recursos humanos, planeamento estratégico, obras municipais, ambiente, gestão urbanística, transportes e oficinas, sócio – económico, sócio – cultural, educativo, divisão financeira, relações públicas, relações exteriores e protocolo, aprovisionamento, protecção civil, projecto do plano de director municipal, projecto das áreas urbanas de

génese ilegal, apoio à presidência, saúde, comunicação social, consultadoria jurídica, turismo e por fim o gabinete de assuntos religiosos e sociais específicos (GARSE).

O Secretariado Técnico da Rede Social está associado ao GARSE cuja prática de acção se fundamenta pela resposta que procura encontrar a situações problemáticas relativamente à vivência e convivência entre grupos étnicos, populações imigrantes e a comunidade de acolhimento. Está dividido em sete áreas de intervenção social, às quais correspondem um conjunto de competências, a saber:

1 – **Imigração**

- Associativismo com origem na imigração
- Integração e valorização das populações imigrantes
- Realização e actualização de estudos sobre imigração no Concelho
- Direitos políticos e sociais
- Rede de Centros Locais de Apoio à Integração dos Imigrantes

2 – **Religiões e Comunidades de Culto**

- Igrejas e comunidades de culto
- Cultos religiosos
- Património religioso
- Realização e actualização de estudos sobre religião e religiosidade
- Entidades religiosas

3 – **Cidadania/Grupos Sociais Específicos**

- Educação multicultural e intercultural
- Cidadania e participação comunitária
- Promoção dos direitos humanos
- Grupos sociais excluídos ou em risco de exclusão
- Minorias étnicas
- Questões de género
- Refugiados

4 – **Relações de Cooperação**

- Campanhas humanitárias e de solidariedade
- Relações de cooperação com os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)

5 – **Gestão de Equipamentos Municipais**

- Centro Comunitário da Apelação (CCA)
- Casa da Cultura de Sacavém (CCS)
- Outros espaços municipais

6 – **Intervenção comunitária**

- Equipamentos municipais (CCA/CCS)
- Programa anual "Vamos Viver"
- Acompanhamento ao movimento associativo de imigrantes
- Apelarte

7 – **Rede Social**

- Secretariado Técnico da Rede Social de Loures *(Local de estágio)*

- **LOCAL DE ESTÁGIO – Secretariado Técnico da REDE SOCIAL**

A Rede Social criada por resolução do Conselho de Ministros em 1997 e revista em 2006 pelo Decreto – Lei nº 115 de 14 de Junho, apresenta-se como uma medida de intervenção social que visa o desenvolvimento integrado de uma comunidade. Para tal congrega os vários actores locais, fomentando uma cultura de parceria, que permite uma optimização de todos os meios de acção, com o intuito de atenuar a pobreza e a exclusão social.

Como estratégia para fazer face aos problemas que atingem transversalmente a comunidade é fundamental que, no planeamento local, estejam presentes as medidas e acções definidas nos diferentes documentos de planeamento, como Plano *Nacional para*

a Acção, Crescimento e Emprego – PNACE; Plano Nacional de Acção para a Inclusão (PNAI); Plano Nacional de Emprego (PNE); Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território (PNPOT), o Plano Tecnológico (PT); Plano Nacional de Saúde (PNS); Plano Nacional para a Acção e Integração da Pessoa com Deficiência e Incapacidade (PAIPDI), o Plano Nacional para a Igualdade (PNI); Plano Nacional de Combate à Violência Doméstica (PNCVD) e por fim, *a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável.* Assim considera-se que a Rede Social é um modelo de organização e de trabalho em parceria que traz uma maior eficácia e eficiência nas respostas sociais mais urgentes, possibilitando uma melhor organização dos recursos e no planeamento do combate aos problemas detectados a nível concelhio. Esta forma de gestão territorial corrobora numa perspectiva de desenvolvimento que pretende a capacitação de todos os agentes sociais nos assuntos da comunidade, de forma a exercerem em pleno o seu direito de cidadania.

- **Estrutura Orgânica da Rede Social**

A estrutura orgânica da Rede Social concretiza-se em duas estruturas distintas de intervenção: o CLAS (Conselho Local de Acção Social) e as Comissões Sociais de Freguesia (CSF) e Inter – Freguesias (CSIF), sendo esta proposta por CLAS ou pelo reduzido número de habitantes (inferior a 500). Estas por sua vez, são constituídas pelos Presidentes de Junta, serviços públicos, entidades sem fins lucrativos, grupos comunitários e quaisquer outras pessoas que pretendam e tenham condições para contribuir no desenvolvimento do local.

Relativamente ao CLAS, este é constituído pela *Presidência* (sendo delegado pelo Presidente da Câmara Municipal de Loures, no Vereador com o Pelouro dos Assuntos Sociais e Religiosos), *o Plenário* (constituído por todos os organismos, entidades e instituições que aderiram ao CLAS, através de um parecer emitido e de posterior aprovação pelo Núcleo Executivo), o *Núcleo Executivo* (órgão técnico – operativo, composto por um membro da Câmara Municipal de Loures, pelo responsável do Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Lisboa / Serviços Centrais de Loures e Sacavém; um representante das IPSS do concelho, bem como das áreas da Saúde, Emprego e Justiça. Por fim, o *Secretariado Técnico da Rede Social*, para além de,

apoiar o Núcleo Executivo, tem como competências específicas: assegurar e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos relativos ao Diagnóstico Social (DS) e ao Plano de Desenvolvimento Social (PDS); acompanhar a implementação das acções definidas no plano de acção do CLAS; recolher os elementos necessários para a avaliação dessas acções; assegurar a preparação e o secretariado nas reuniões de plenário e do Núcleo Executivo e acompanhar a dinâmica dos grupos de trabalho das CSF e das CSIF.

Figura 3 – Estrutura Orgânica da Rede Social

Reflexão Sobre o Local De Estágio

Este local de estágio foi, para mim, um espaço de efectivas aprendizagens tanto a nível profissional como pessoal. Existem inúmeras capacidades que ao longo deste estágio foram adquiridas, e outras aprimoradas, sendo, na minha opinião, consequência do contexto em que estive inserida.

O Secretariado Técnico, durante o tempo de estágio, promoveu várias dinâmicas que serão descritas e reflectidas seguidamente. Estas, por sua vez, exigiam um grande trabalho de background que muitas vezes foi feito apressadamente para os quais se reuniam todos os esforços dos meus colegas. Posso dizer que quase em todos os momentos, tentei dar o meu contributo e mais para o final do estágio, já havia uma facilidade enorme em incluir-me nos projectos, o que para mim se tornou bastante benéfico. O facto de estar no mesmo espaço físico a ouvir e partilhar opiniões foi outro dos aspectos que considero fulcrais para a minha integração. Na verdade, no decorrer do

estágio considerei que este não poderia passar apenas pelo desenvolvimento linear do meu projecto e, quanto mais me inserisse no contexto e em todas as actividades realizadas, mais positivo seria para a instituição e para mim. Desta forma sempre que existiram actividades ou iniciativas tentei dar o meu contributo.

É importante referir que este envolvimento foi possível porque houve sempre uma grande abertura por parte dos técnicos que trabalham no serviço, que me permitiu a integração nas suas dinâmicas. Desde sempre que a pessoa me acompanhou no estágio me tentou incluir nas iniciativas que promoviam dando espaço para que eu pudesse conhecer os vários organismos da autarquia, bem como as pessoas envolvidas. Relativamente ao desenvolvimento do projecto de estágio essa abertura, foi, igualmente dada, possibilitando-me um envolvimento e uma participação muito activa, de tal modo que fui eu que tomei as principais decisões relativamente à condução do processo. Este aspecto foi muito importante, tendo em conta o contexto de estágio, a autarquia, onde existem processos e hierarquias, que é necessário respeitar para que haja alguma organização nas várias estruturas. Embora qualquer tomada de decisão tenha sido em grupo, para mim foi muito positivo terem-me dado voz e terem ouvido as problemáticas e questões que se iam levantando ao longo da investigação.

Em suma e embora o projecto ainda não esteja completamente concluído, considero que o meu contexto de estágio foi um espaço de aprendizagens enriquecedoras e úteis para a minha vida profissional e, sobretudo, pessoal.

IV. A INTERVENÇÃO

Neste momento do relatório pretende-se descrever toda a prática desenvolvida, analisando e reflectindo sobre as dificuldades e estratégias utilizadas para as superar. Assim, para uma melhor elegibilidade da intervenção prestada estruturou-se este momento da seguinte forma: Actividades Realizadas – *Fase Prévia ao Trabalho de Campo* em que se evidencia todas as actividades realizadas que permitiram o desenvolvimento do diagnóstico. No ponto de reflexão *Trabalho de Campo* é feita a descrição de todas as instituições objecto de estudo, integrando a informação recolhida tanto pela entrevista aos técnicos, como pelos questionários aos familiares.

1. ACTIVIDADES REALIZADAS:

✓ Fase Prévia ao Trabalho de Campo

1ª Reunião do Grupo de Trabalho

Este projecto de intervenção, como referido anteriormente, surgiu da necessidade sentida pelos resultados do Diagnóstico de 2006. Com o objectivo de abranger as diferentes áreas em que se movimenta a pessoa com deficiência reuniram-se, num grupo de trabalho, técnicos de diferentes áreas pretendendo realizar um trabalho mais pormenorizado e próximo da realidade observada. Todavia, esta investigação carecia de uma disponibilidade maior por parte dos envolvidos e é neste sentido que surge a minha intervenção e investigação.

A primeira reunião do grupo de trabalho realizada no dia 15 de Outubro de 2008, nas instalações do GARSE teve como principais objectivos, a minha apresentação ao grupo de trabalho, bem como a definição dos conceitos que seriam pertinentes para integrar no enquadramento teórico. Este grupo é constituído pelo Gabinete de Saúde da CM Loures, o Secretariado Técnico da Rede Social, o Centro de Saúde de Sacavém – Loures e a CREACIL (Instituição especializada na deficiência sediada em Loures), estando presente todos os elementos à excepção da CREACIL.

Definiu-se que seria importante abordar o conceito de pessoa com deficiência, com incapacidade e handicap, o conceito de Necessidades Educativas Especiais, de Integração e de Inclusão Social. Neste sentido referiu-se que este seria o primeiro passo da investigação, para que posteriormente se decidisse quais as técnicas de recolha de dados privilegiadas, bem como o objecto de estudo, ou seja, se iríamos entrevistar as

famílias, as instituições ou ambas. Estas reflexões seriam consideradas como pontos de análise na próxima reunião de trabalho. Fiquei, assim, encarregue de elaborar o enquadramento teórico, que depois seria enviado por correio electrónico aos restantes membros para que o vissem, comentassem e caso houvesse alterações me comunicassem, caso contrário seria aprovado e passaríamos para o próximo passo.

Esta responsabilidade no meu trabalho foi, relativamente, assustadora, visto que depositaram determinadas expectativas nesta tarefa, o que por um lado motivou a elaboração de um bom conteúdo teórico, mas por outro, foi um peso que depositaram no meu trabalho, tendo em conta que este seria uma linha orientadora no diagnóstico. Reflectindo sobre esta questão, actualmente considero que estive à altura do desafio, mas que foi, sem dúvida, essa expectativa e abertura por parte dos membros do grupo, que me fizeram envolver tanto neste trabalho. Recordo que a minha primeira impressão foi realmente muito positiva, porque o grupo deu espaço para me exprimir e colocar algumas questões, ou seja, não se limitou a impor mas sim a propor.

Construção do enquadramento teórico (anexo1)

Depois desta primeira reunião comecei a elaborar o enquadramento teórico. Contudo, antes de o começar a produzir, pesquisei várias instituições que trabalhassem as questões da deficiência em vários domínios, de forma a integrar-me no vocabulário, perceber quais os organismos nacionais que trabalham nestas temáticas, de maneira a que quando fosse fazer a pesquisa bibliográfica tivesse algumas referências e já me sentisse mais integrada nas várias abordagens. Embora tenha sempre existido um grande interesse pessoal para trabalhar na área da deficiência, o que é certo é que nunca tinha tido oportunidade para o fazer em grandes dimensões.

Posto isto e depois desta primeira fase de integração comecei a pesquisar em vários locais sobre os conceitos referidos anteriormente e que seriam a base para o enquadramento. Neste momento pensei que seria pertinente recorrer à Biblioteca Municipal José Saramago de Loures, visto ser um recurso da autarquia. Para surpresa, embora houvesse pouca informação, esta era bastante pertinente e grande parte evidenciava o panorama a nível nacional, através das publicações do Instituto Nacional da Reabilitação. Contudo não suportei a fundamentação teórica apenas por aí, consultei, igualmente bases de dados na Internet, nomeadamente a SIBUL, onde reportei a minha

pesquisa para a Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, na SCIELO, Revista de Educação Portuguesa. Tentei, dentro das minhas possibilidades embeber teoria de várias fontes. No entanto a dado momento considerei que já tinha alguns conteúdos e decidi começar a produzir o enquadramento teórico. Tentando, para tal, definir uma linha, ainda que ténue de investigação, não esquecendo, contudo, que embora estivesse à frente desta investigação, este é um trabalho de equipa portanto todas as decisões tomadas teriam que ser do comum acordo de todos. Depois da produção do trabalho e de todos os membros o verem necessitei de fazer, apenas, algumas alterações, nomeadamente a nível de vocabulário. Neste momento, o grupo de trabalho não necessitou de se reunir para aprovar o documento, sendo consenso que seria este o caminho teórico a seguir, para posteriormente se estipular as técnicas de recolha de dados.

A elaboração deste enquadramento serviu para apresentar ao grupo a minha dinâmica de trabalho, por um lado, e por outro para eu própria ir interiorizando aquilo que pretendiam que eu fizesse, pois, à medida que ia escrevendo iam surgindo algumas dúvidas, que ia esclarecendo com a colega do grupo que me estava a acompanhar mais directamente. O resultado final foi bastante positivo, sendo este enquadramento um guia para fundamentar as posteriores tomadas de decisão, nomeadamente na elaboração dos instrumentos de recolha de dados.

Elaboração dos instrumentos de Recolha de dados (anexo2)

Nesta segunda fase do trabalho foi necessário embeber informação de várias fontes, tendo em conta o tipo de público-alvo que se pretendia e todos os condicionalismos que isso implicaria. Inicialmente, a nossa pretensão passava por recorrer à entrevista como método privilegiado de recolha de dados, utilizando-a nos técnicos responsáveis de cada instituição, nas famílias e nas próprias pessoas com deficiência. Seguindo essa linha de raciocínio ainda se elaborou um guião de entrevista a aplicar a estes três tipos de público. Porém, no decorrer deste processo surgiu uma questão preocupante: *tendo em conta o horizonte temporal da investigação, cerca de 8/9 meses, como é que se conseguiria entrevistar todas as famílias dos utentes com deficiência residentes em Loures, tendo em conta que, através dos censos de 2001, são cerca de 12 170 pessoas com deficiência?* Esta questão foi determinante pois

considerou-se, deste modo, abranger apenas, neste diagnóstico, as famílias das pessoas com deficiência institucionalizadas, recorrendo às instituições como entidades mediadoras e interlocutoras com as famílias.

Após a realização destes instrumentos de recolha de dados e considerando que são directrizes de investigação, convocou-se outra reunião com o grupo de trabalho, de forma a discutirmos os aspectos que poderiam ser alterados ou melhorados, para que tivessem conhecimento dos instrumentos aquando da sua aplicação. Todavia, nem todos os elementos poderiam estar presentes, sendo que a reunião apenas se realizou com o Gabinete de Saúde e o Secretariado Técnico. Esta reunião serviria, também, para seleccionar as Instituições alvo desta investigação.

Decidiu-se, neste momento, que os instrumentos a utilizar seriam os referidos anteriormente, apenas com algumas alterações de vocabulário, de forma a torná-lo mais acessível aos pais / cuidadores. Relativamente às instituições que seriam objecto de estudo, seleccionou-se as que tinham mais utentes residentes em Loures, sendo esta informação retirada do Diagnóstico Social de 2006. Para além disso, também se considerou a especialidade da instituição, tentando abranger a deficiência mental auditiva, motora, visual e a paralisia cerebral. Desta recolha evidenciaram-se as sete instituições sinalizadas no ponto 1D. Embora não tivesse assinalada no Diagnóstico, sugeriu-se a ACAPO – Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, visto que existia informação, por parte do Gabinete de Saúde da permanência de alguns utentes do concelho de Loures.

Esta fase do trabalho foi igualmente motivadora para a realização de uma boa prática, tentando, da minha parte, superar as expectativas depositadas. Penso que, de certa forma, ultrapassei algumas vicissitudes nomeadamente na construção do questionário e na tentativa de o adequar a um público mais abrangente, tendo a noção que poderia ter havido um trabalho noutro sentido, visto que os questionários, como se poderá evidenciar seguidamente, ainda suscitavam algumas dúvidas aos respondentes e não foram pensados para todos os tipos de público que poderiam envolver-se no diagnóstico. No entanto, penso que consegui fazer um bom trabalho, mobilizando os recursos no sentido que era esperado e sobretudo tornando-os aplicáveis.

✓ Trabalho De Campo

Neste momento do relatório pretende-se descrever o processo de investigação realizado, reflectindo sobre os resultados após a aplicação dos instrumentos de recolha de dados em cada instituição especializada.

▪ *Associação De Pais E Educadores Do Cidadão Deficiente Auditivo (APECDA) (Anexo 3)*

A APECDA sediada em Lisboa é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, que direcciona a sua intervenção para problemáticas relacionadas com a deficiência auditiva e consequentemente nalgumas situações, para a multideficiência. Existe há cerca de 30 anos, surgindo da união de um grupo de pais cujos filhos sofriam de deficiência auditiva, sendo a única instituição especializada em deficiência auditiva no país, assim como o único centro de actividades ocupacional direccionado para essa problemática.

"Surgiu da união de um grupo de pais que tinham em comum filhos com deficiência auditiva que não encontrando outras respostas no país se uniram (…) e como associação de pais para a área da deficiência auditiva única (…) e como centro de actividades ocupacionais para a deficiência auditiva única no país."

Excerto da entrevista ao técnico responsável

A recolha dos dados sempre foi bastante facilitada por parte da instituição. Desde a marcação da entrevista até à aplicação dos questionários, os profissionais sempre se mostraram cooperantes com as nossas pretensões. Logo após o primeiro contacto e ainda antes da realização da entrevista, a técnica enviou para o mail da Rede Social uma tabela que tinha a faixa etária e a freguesia dos utentes acompanhados pela instituição, o que evidenciou, à partida, a sua predisposição em participar neste projecto. Chegar à instituição foi uma dificuldade, visto que não existe nenhuma placa que a indique, exceptuando o número da porta principal, mas que também não era muito visível. Assim, ao inicio andei ligeiramente perdida, até que finalmente encontrei a porta da instituição. Embora tenha chegado atrasada em relação à hora combinada, a directora técnica, que iria ser entrevistada, foi bastante receptiva. É de ressaltar, contudo que sabendo que iria chegar mais tarde, por causa do trânsito que havia naquele dia, contactei a instituição a fim de os avisar para esta situação.

Através da ficha de caracterização preenchida (anexo 3) consegue-se perceber que apenas três utentes, dos 56 acompanhados pela instituição, residem em Loures, nomeadamente nas freguesias de Loures (1), Camarate (1) e Sacavém (1). As idades predominam entre os 16-20 anos, dos 26 – 30 anos e dos 36 – 40, evidenciando-se assim um grupo de jovens e adultos.

Relativamente às valências de atendimento, na APECDA funcionam três valências, uma direccionada para a formação profissional, o centro de actividades ocupacionais, e mais voltado para o exterior, o Centro de Recursos, que se concretiza pelos apoios que dão aos vários agrupamentos de escola. Estas várias áreas de intervenção perspectivam diversas medidas de inclusão social, garantindo assim um acompanhamento nos vários momentos da vida da pessoa com deficiência auditiva, neste caso. Todavia, em paralelo existem apoios especializados que contemplam a componente sócio – cultural e lúdico – recreativa, que incluem o apoio na Língua Portuguesa, o desenvolvimento de competências sociais e culturais, o módulo de educação sexual entre outras actividades, sendo algumas dirigidas para o desenvolvimento global dos indivíduos, nomeadamente a educação física. No que respeita ao Centro de Actividades Ocupacionais é uma estrutura financiada pela Segurança Social, respondendo a 12 utentes, tendo como principal finalidade o *"(…) aproveitamento das capacidades remanescentes de cada um (…)* passando *(…) pela melhoria (…) e o aproveitamento do potencial também (…) e portanto é numa perspectiva de ocupação (…) de qualidade de vida (…) de bem-estar (…) sobretudo de prazer para eles (…)"* (excerto da entrevista ao técnico responsável). Na unidade de formação profissional, por seu lado, os objectivos dirigem-se para o ingresso no mercado de trabalho, apostando-se em três áreas de formação: artes decorativas, as madeiras e os têxteis, sendo vocacionada para jovens surdos com idade superior a 16 anos, pretendendo-se a sua certificação e qualificação. Esta intervenção dirigida para as pessoas com deficiência permite-lhes um confronto com a realidade do mercado de trabalho, tentando incluí-los numa prática profissionalizante em que mais uma vez se contorne as barreiras com que se deparam na sociedade, investindo numa prática de efectiva inclusão.

Para além disso e considerando a realidade em que vivem as pessoas com deficiência, que na maior parte das situações são excluídas da sociedade e por consequência do sistema de ensino, existe uma preocupação, por parte da APECDA, em

disponibilizar cursos extra – escolares, que se caracterizam pela oferta educativa exterior ao ensino regular, sendo um professor destacado do Ministério da Educação para esse efeito. Este curso é uma actualização e aquisição de competências, havendo uma preocupação em manter as aquisições que fizeram até ao momento.

Neste sentido evidencia-se por parte da instituição um cuidado em garantir à pessoa com deficiência auditiva uma oferta educativa / formativa que lhe permita um desenvolvimento integrado. Embora os resultados possam não ser muito visíveis, existe um acompanhamento em momentos distintos da sua vida, tentando assim praticar os ideais de inclusão social promulgados em diversas Declarações, sendo a mais recente a Declaração de Salamanca (1994). Para além disso, é nesta tentativa de promover a inclusão social que a instituição recorre aos vários equipamentos existentes na comunidade, de forma a proporcionar ao utente um melhor enquadramento com a panóplia de serviços que o rodeiam. Assim, este envolvimento acaba por ter efeitos esperados, na medida em que a sociedade começa a incluir a pessoa com deficiência, adaptando os seus recursos às suas necessidades preconizando a ideologia de inclusão social referida anteriormente.

" (…) temos de facto a preocupação de envolver (…) ou desenvolver actividades na comunidade (…) no exterior que é extremamente importante dar visibilidade àquilo que eles são capazes de desenvolver (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

Tendo presente a entrevista ao técnico existe uma preocupação em fomentar a vinda dos pais à Instituição, sendo inclusive uma das exigências, visto que a génese da instituição assim o implica.

"Nós fomentamos isso, até pela própria designação da Instituição, isto é uma associação de pais e a direcção da associação é composta por pais com filhos portadores de deficiência auditiva, está nos estatutos é uma das exigências. Logo por aí nós temos pais cá dentro."

Entrevista ao técnico responsável

Esta participação dos pais, muitas vezes, carece de uma formação / sensibilização específica, sendo que por vezes verbalizam com os técnicos a dificuldade em lidar com alguns comportamentos do jovem, evidenciando, por vezes um extremo proteccionismo que o prejudica na aquisição de competências importantes para a sua vida. Torna-se,

assim, importante consciencializar os pais para determinados aspectos da vida da pessoa com deficiência, tentando que promovam, dentro do seio familiar, condições favoráveis para o seu desenvolvimento. Muitas vezes e particularizando para a realidade desta instituição, na maior parte das situações os pais sentem-se desinformados, sendo por norma provenientes de condições sócio – culturais precárias, onde a disponibilização de conhecimento é escassa, ou na maior parte das famílias, inexistente.

" (…) os próprios pais não tem essa informação(…) O que se passa aqui com estas famílias é que na sua maioria são famílias de condições sócio – económicas e culturais muito baixas que, de facto há uma grande falha a nível da informação." (…) nasceu efectivamente destas necessidades dos pais não saberem como gerir as situações (…) e aquilo que para nós era um curso de formação (…) acabou por funcionar como um espaço terapêutico."

Entrevista ao técnico responsável

No que respeita aos questionários dirigidos aos familiares, das três famílias dos utentes residentes no concelho de Loures, apenas duas responderam. Embora com este número não seja possível generalizar para a realidade em que vivem, considera-se importante a relação existente entre algumas questões, nomeadamente as necessidades das famílias, a sua participação na vida da instituição, bem como a necessidade de formação / sensibilização. *(anexo 3)*

Neste sentido, quando se aborda a questão das necessidades das famílias, a opinião dos inquiridos é unânime. Todos referem que têm necessidade de informação para perceber e lidar com a deficiência, bem como relativamente aos serviços e apoios prestados tanto no presente como os que poderão vir a precisar no futuro. Este aspecto é, por sua vez, corroborado quando se coloca a questão *Considera importante a existência de formação específica,* destacando as acções ligadas aos cuidados a ter com a pessoa com deficiência, os seus direitos e deveres, bem como a realidade da inclusão nas escola bem como na sociedade.

Em suma, os dados recolhidos aos familiares não nos permitem uma aproximação à realidade, visto que em 2001 existiam no concelho cerca de 1006 pessoas com deficiência auditiva, no presente foram inquiridas apenas duas famílias que corresponde a duas pessoas. *Que resultados fidedignos nos permitem os dados recolhidos?* Este constrangimento é minimizado, no entanto, pelos dados obtidos na entrevista, na qual se consegue perceber, de uma forma geral, a realidade em que vivem as pessoas com

deficiência auditiva e todas as ofertas existentes na instituição, bem como na comunidade que permitem a sua inclusão social.

- *REDES – Centro Comunitário de Apoio Psicológico e Pedagógico (Anexo4)*

A REDES é uma das duas instituições envolvidas sediadas em Loures, que focaliza a sua intervenção na deficiência mental, em perturbações específicas na aprendizagem e a nível emocional. Entre as várias valências de atendimento evidenciam-se os apoios especializados, os programas de natureza social e a avaliação de pessoas com deficiência. Em 2008 eram acompanhados cerca de 346 utentes, sendo que neste estudo apenas foram inquiridas 5 famílias. Esta disparidade deve-se ao facto desta investigação direccionar-se apenas para as deficiências específicas, não albergando perturbações ou dificuldades de aprendizagem. Neste sentido, e considerando o âmbito de funcionamento da instituição, a maior parte dos utentes acompanhados insere-se em problemáticas mais direccionadas para a psicologia em detrimento de patologias genéticas. Para além disso, ainda no contexto das deficiências patológicas, existem muitos familiares que sofrem, também, de deficiência mental, o que dificultou o seu envolvimento na investigação. Deste modo e dado esse constrangimento, considerou-se que seria mais proveitoso incluir apenas as cinco famílias referidas.

As instalações da REDES são na mesma rua que as da Rede Social, o que para nós foi uma vantagem. Para além disso, já existe um trabalho de parceria com o Secretariado Técnico, sendo este mais um aspecto que veio facilitar o nosso trabalho. A marcação da entrevista foi feita sem quaisquer constrangimentos, sendo marcada na mesma semana que o primeiro contacto foi estabelecido. A maior dificuldade foi relativamente à aplicação dos questionários pela razão enunciada acima: muitos dos pais têm, igualmente, deficiência mental, o que condicionou a nossa investigação. Perante este problema pensou-se inclusive em entrevistar os pais, mas depressa se chegou à conclusão que se tornaria um processo moroso e que para além disso, não teríamos recursos humanos disponíveis para esta situação. Todavia, a técnica conseguiu mobilizar, de entre as várias famílias, as cinco que preencheram o questionário.

Através da ficha de caracterização, a instituição enumera como valências de atendimento o apoio psicológico, apoio na melhoria do comportamento, apoio na linguagem / oralidade, apoio na matemática, embora recente foi inserido apenas a pedido de alguns pais. Desenvolvem, igualmente, um trabalho direccionado para os técnicos, nomeadamente formação de professores e a formação para pais. A última realizada, neste âmbito, foi subordinada às questões da legislação, especificando para o Decreto – Lei 3/ 2008. A Instituição sofre grandes condicionalismos financeiros, sendo que a grande parte do trabalho técnico é voluntário.

"A maior parte de facto, eu diria que é um trabalho voluntário, e porquê? Os técnicos aqui recebem, todos eles uma parte daquilo que os pais pagam pela hora directa do trabalho com a criança (…) disso que recebem têm que pagar a própria segurança social, o telefone que nós aqui gastamos muito dinheiro a telefonar a pais, a escolas e a professores e os transportes (…) por exemplo os folhetos para a formação somos nós que os fazemos voluntariamente em casa, que não é pago (…) A maior parte do trabalho eu diria que é voluntário (…) porque ganhamos menos do que uma funcionária da limpeza, menos."

Excerto da entrevista ao técnico

Embora no momento da entrevista, a Instituição ainda não tivesse a valência de formação profissional estava à espera da acreditação da DGERT como entidade formadora, sendo que uma das orientações seria para fazer formação a pessoas com deficiência, não especificando, ainda, as áreas de intervenção. A prática da instituição direcciona-se, assim, para o apoio a perturbações específicas, tendo sido feito no entanto, nos últimos dois anos um projecto com jovens com deficiência mental, actuando nos problemas da adolescência. E é nessas questões que, muitas vezes, os pais sentem dificuldade, não conseguindo interiorizar a necessidade dos filhos em ganharem autonomia, evidenciando uma preocupação legítima, mas excessiva perante certas situações. Por outro lado, ao tentar compensar a deficiência acabam por fazê-lo prejudicando a saúde, bem como a sua própria educação, deixando-os fazer tudo o que quiserem.

"Por outro lado, têm tendência a sobre protegê-los (…) também, e por outras vezes têm tendência a fazer "asneiras" em termos médicos, em termos de saúde. Eu conheço muitos que "Ah, coitadinho e toma lá mais um chupa – chupa ou um chocolate e depois dão-lhes cabo

da saúde a tentar compensar aquilo que se passa. (…) Sim e por isso é que os compensam com comida." *Entrevista ao técnico responsável*

A participação dos pais na vida da instituição é fundamental para o sucesso da intervenção prestada. Contudo o que se verifica é que apesar da instituição exigir um grande envolvimento dos pais, quando estes têm que assumir responsabilidades tendem a afastar-se, o que acaba por comprometer o trabalho terapêutico realizado por parte dos técnicos.

" (…) o que eu vejo é que, os pais quando têm que assumir algumas responsabilidades (…) por exemplo quando vemos que existe uma falta de regras em casa e os pais tem que ser envolvidos eles afastam-se, não querem ter essa responsabilidade…(…)"

Entrevista ao técnico responsável

A inclusão social aparece como um processo em que a sociedade congrega as condições necessárias para que a pessoa com deficiência se integre nas suas dinâmicas, ao mesmo tempo em que esta se prepara para assumir o seu papel na sociedade (Veríssimo, 2001). Neste sentido, o contributo das instituições especializadas aparece como fulcral na medida em que reúne as condições técnicas para a emergência das capacidades das pessoas com deficiência. Todavia, este trabalho tem que ser articulado com os vários organismos sociais de forma a fazer-se um trabalho complementar, não proporcionando a existência de *guetos*, que em vez de atenuarem a discriminação, acentuam-na. Embora hoje em dia exista um conjunto de fundamentos legislativos que preconizam esta ideia, na prática a realidade não se apresenta tão linear.

"O que vemos é que, teoricamente as coisas estão bem (…) na prática faz-se de facto pouco (…) porque a inclusão é apenas um termo que não tem qualquer significado prático, neste momento. É mesmo assim, na prática, na maior parte das situações (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

A necessidade de se desenvolver um trabalho complementar à escola, nomeadamente, um plano de integração para a vida activa torna-se premente, na medida em que ajuda a pessoa com deficiência no seu dia-a-dia, ou seja, na resolução de problemas, a saber como, a quem e a onde se dirigir, promovendo assim a sua autonomia. No entanto, por um lado, a escola não tem recursos humanos formados para estas tarefas, nem por outro tem recursos financeiros para o fazer. Nestes casos, as

instituições aparecem como referência e este acaba por ser um trabalho que desenvolvem, paralelamente a todo o apoio terapêutico que prestam.

"Não tem mas também não podem fazer mais do que aquilo que fazem. Por exemplo eu estou a seguir uma jovem que está na escola, ela tem 14 ou 15 anos e tem uma deficiência mas quem olha para ela não diz isso, porque ela é uma miúda, muito bonita e por isso há um risco muito acrescido de andar aí sozinha porque ela tem uma deficiência cognitiva muito grande e ela tem estado sempre na escola e de acordo com a professora dos apoios o que ela tem estado a fazer é um treino de autonomia, ela vai ao correio e eu vou atrás, vai ao supermercado e eu vou com ela na camioneta para depois ela ir sozinha. A escola não pode fazer isso, porque não tem pessoas para esse tipo de coisas, a escola não pode e os pais não são técnicos para andar a fazer esse tipo de coisas, mas é uma coisa que esses miúdos precisam, porque tem que ser desembaraçados, o mais possível, depois como é que nós vamos lutar para lhes conseguir arranjar emprego."

Entrevista ao Técnico Responsável

Estes projectos pautam-se por práticas de autonomia pessoal e social que permitem à pessoa com deficiência orientar-se no seu dia-a-dia. Tal como refere Maciel (2000), é ao incentivar a sua inclusão social que as pessoas com deficiência se tornarão cidadãos mais activos, participativos e conscientes dos seus direitos, diminuindo muitas vezes os custos sociais associados á sua sobrevivência. Todavia este processo é moroso, visto que a prática ainda não está de acordo com o que se regulamenta. Subsistem resistências humanas e físicas na sociedade que nos rodeia e por muito bom que seja o trabalho desenvolvido, com os obstáculos que muitas vezes se deparam verificam-se retrocessos, sendo que os mais prejudicados são sempre os principais beneficiários – as pessoas com deficiência.

Os familiares mais próximos, que na maioria dos casos são os pais, sentem, tal como referenciado pela entrevistada, sem fazer o que fazer, ou sem saber se o que estão a fazer é o mais correcto. Neste sentido e tendo como base os questionários dirigidos aos familiares, constata-se que quando questionados relativamente às necessidades enquanto familiar, as opiniões são uniformes, ou seja, a sua prática reflecte várias necessidades, realçando as de informação. É neste contexto que os respondentes referem a maneira de lidar, falar e ensinar, bem como os serviços de apoio no presente e futuro como uma das suas maiores preocupações.

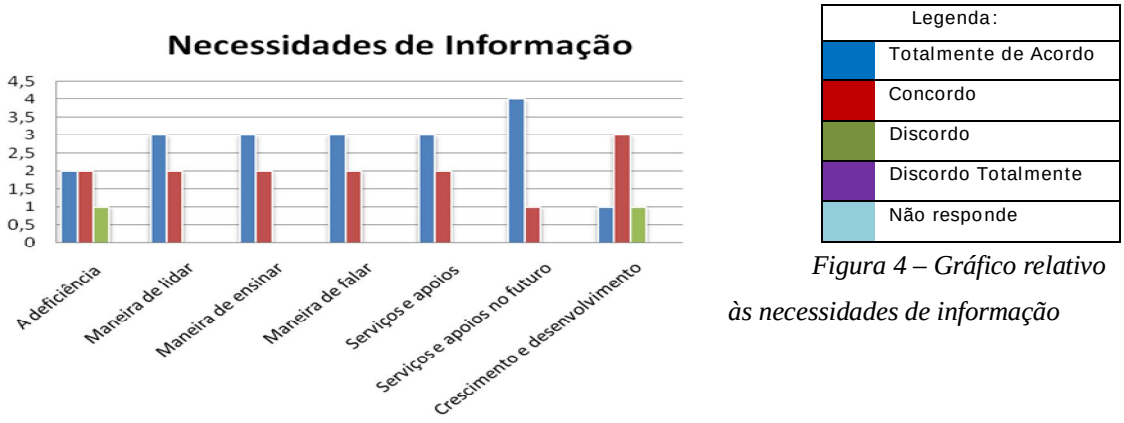


Figura 4 – Gráfico relativo às necessidades de informação

Por outro lado, quando questionados sobre as principais dificuldades sentidas, os familiares mencionam as atitudes menos positivas das pessoas, o processo de aceitar a deficiência, tal como a culpabilização pela deficiência.

Na maior parte das situações, estas dificuldades influenciam a forma como o familiar lida com o deficiente, facto que tem repercussões tanto na sua vida como na vida do (a) seu/sua filho (a).

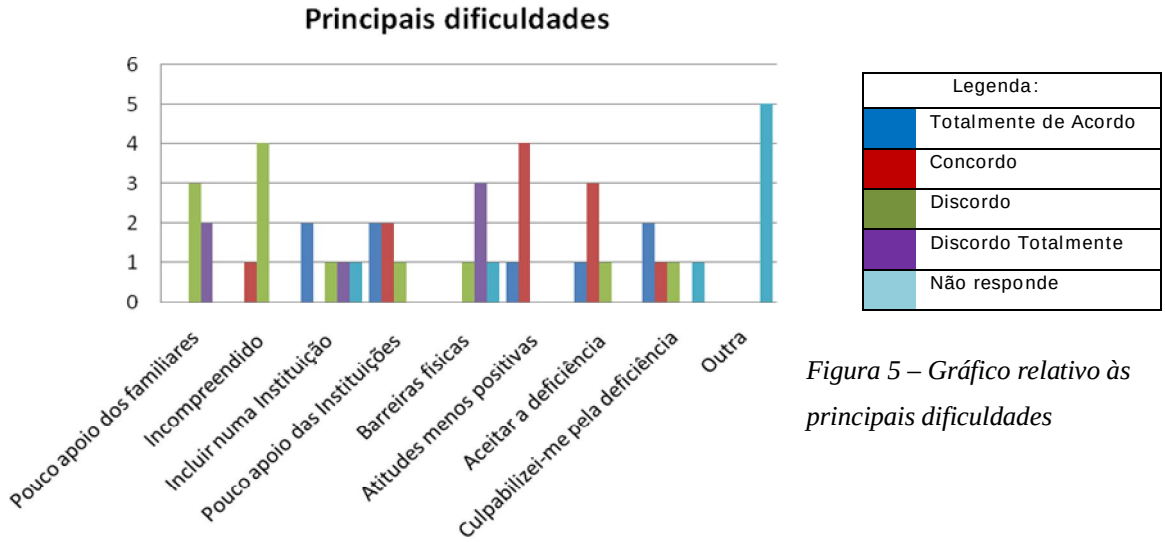


Figura 5 – Gráfico relativo às principais dificuldades

È nestes momentos de dúvidas e dificuldades que a falta de informação surge como um dos aspectos mais importantes. Considera-se que, quanto mais conhecimentos tiverem sobre a situação da pessoa com deficiência, mais poderão os pais reivindicar os seus direitos e contribuir para a sua inclusão na sociedade. Tal como referido no enquadramento teórico, durante muitos anos as pessoas com deficiência viviam à margem da sociedade e, por conseguinte, viviam marginalizadas de todas as possibilidades que exige o viver em comunidade. É necessário, por isso, que os

familiares, enquanto cuidadores das pessoas com deficiência saibam os seus direitos e deveres, para que sejam os primeiros a exigirem o exercício à cidadania. Por outro lado, ao serem mais conhecedores do tipo de deficiência e do que podem fazer para minimizar os prejuízos, menores serão os efeitos de culpabilização, salvo raras excepções que poderão influenciar o nascimento de uma criança com deficiência, como idade tardia, droga ou álcool. Mais uma vez se evidencia, no entanto, a necessidade sentida pelos pais em participarem em acções de sensibilização ou formação que os oriente para uma boa prática enquanto familiar de uma pessoa com deficiência. Das várias temáticas destaca-se, na mesma medida, os cuidados básicos, a legislação, a questão das barreiras e relativamente às emoções e sentimentos de ser familiar de uma pessoa com deficiência.

Esta instituição desenvolve um trabalho meritório no concelho. Desde a predisposição e o voluntarismo dos seus técnicos a todo o serviço prestado, dignifica toda a intervenção na área da deficiência, sendo por isso, uma instituição de referência. No decorrer do presente projecto, mais uma vez se confrontou com dificuldades em mobilizar os familiares para responderem ao questionário, no entanto com o apoio de retaguarda da instituição conseguiu-se que, de entre alguns dos utentes com deficiência mental, os seus pais respondessem aos questionários. Contudo, os dados obtidos ainda são insuficientes para nos garantir uma maior fidelidade à real situação das pessoas com deficiência mental.

- *ELO SOCIAL (anexo 5)*

O ELO SOCIAL – Associação para a Integração e Apoio ao Deficiente Jovem e Adulto localizada em Lisboa desenvolve o seu trabalho no âmbito da deficiência mental, motora e paralisia cerebral.

A sua prática direcciona-se para a formação profissional e emprego, os apoios especializados, programas de natureza social, os apoios técnicos e a avaliação. Disponibiliza, igualmente, um serviço domiciliário, atendimento presencial, internamento e semi – internamento. Tem cerca de 32 utentes, com deficiência mental, residentes no concelho de Loures, nas freguesias de Apelação, Moscavide, Sacavém, Bobadela, Camarate, Portela, S. João da Talha e Unhos, sendo estas as freguesias mais

próximas do local. Todos os espaços da Instituição são adequados ao público-alvo, visto que foram construídos de raiz e sem quaisquer barreiras arquitectónicas.

O serviço prestado permite ao utente o ingresso no mercado de trabalho através da modalidade de emprego protegido, nas áreas da lavandaria, estofos, carpintaria, jardinagem e outros serviços, fazendo um trabalho dirigido a particulares ou a entidades públicas mediante protocolos assinados com a Instituição, como é o caso, por exemplo, da Câmara Municipal de Lisboa. Esta modalidade de emprego contribui para a valorização pessoal e profissional do indivíduo com deficiência, tentando facilitar, posteriormente, a sua entrada no mercado de emprego não protegido, bem como diminuir os índices de desemprego característico deste grupo específico.

"*Temos jovens que no Centro de Emprego Protegido prestam serviços à comunidade nas áreas da Jardinagem, da Carpintaria, na área dos estofos, temos uma lavandaria industrial e temos uma área de outros serviços onde articulamos sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa (…)"*

Entrevista ao Técnico Responsável

Para além desta valência, a instituição disponibiliza a " (…) *pessoas com o nível de deficiência grave, moderado ou profundo que não tem capacidade de realizar um trabalho produtivo (…)"* (entrevista ao técnico responsável) a possibilidade de integrarem no Centro de Actividades Ocupacionais, onde existem actividades socialmente úteis, "(…) *em que na medida do possível procuramos rentabilizar algumas das capacidades funcionais que ainda têm, de modo a que eles também se sintam realizados(…)"* (entrevista ao técnico responsável), bem como actividades de " (…) *natureza terapêutica e pedagógica complementarmente a estas tarefas ocupacionais(…)"* (entrevista ao técnico responsável), onde se insere a educação física, o desporto, hidromassagem e o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e culturais. Existe, também, a área residencial, repartida por quatro residências onde 3 tem um apoio assistencialista e uma mais dedicada à formação para a autonomia. Esta área residencial é entendida como uma salvaguarda para quando os familiares mais próximos não puderem cuidar dos utentes. Sendo esta uma preocupação evidenciada pelos inquiridos como uma das necessidades da família, em obter informação sobre os serviços e apoios no futuro, como é evidenciado no gráfico abaixo.

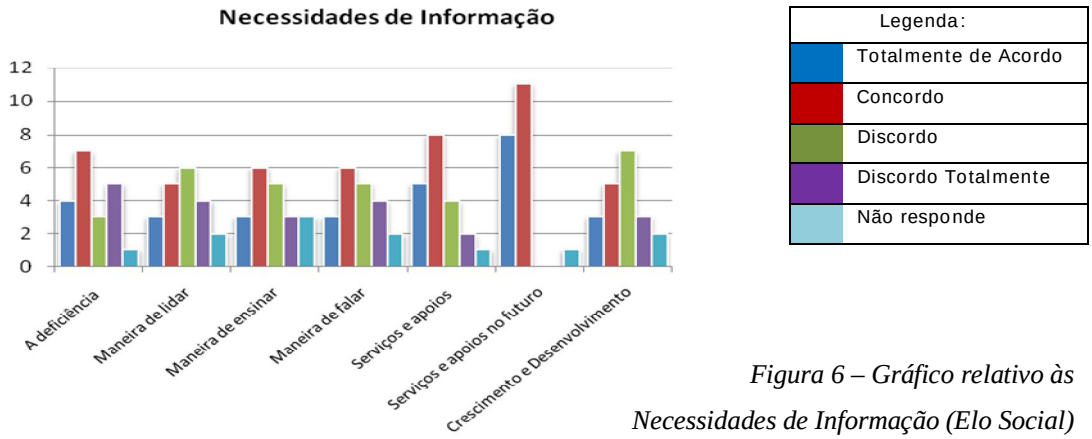


Figura 6 – Gráfico relativo às Necessidades de Informação (Elo Social)

Para além desta preocupação, as famílias evidenciam outras dificuldades face ao diagnóstico da deficiência, sendo a que se destaca mais é *Aceitar a deficiência.* Pegando neste exemplo é possível reflectir sobre o papel do cuidador informal e todas as emoções que influenciam directamente o seu trabalho. A garantia de uma qualidade de vida passa pelo ingresso numa instituição e todo o trabalho desenvolvido, mas em grande parte é influenciada pelo ambiente familiar e social que o rodeia. Deste modo, o cuidador tem um papel preponderante e essencial neste meio, e é importante que as suas acções tenham como máxima a salvaguarda de todos os interesses da pessoa com deficiência.

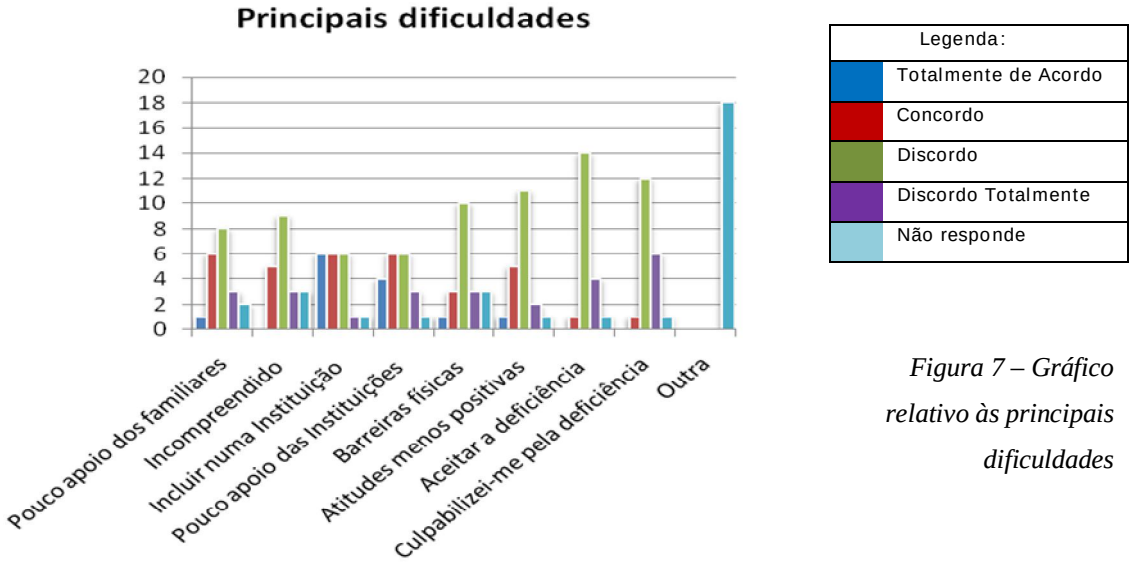


Figura 7 – Gráfico relativo às principais dificuldades

Todavia, o próprio cuidador e todo o seu desempenho, por vezes, é pautado por períodos mais conturbados, o designado na gíria como "luto pela deficiência". Nesses

momentos, os familiares que directamente cuidam da pessoa com deficiência vacilam e, por vezes, têm atitudes menos positivas e recorrem a estratégias que poderão negligenciar a sua actividade de cuidador, como por exemplo tomar anti – depressivos. Nos questionários realizados, nenhum dos inquiridos apontou essa afirmação como totalmente de acordo, podendo-se inferir que as atitudes tomadas por estes inquiridos foram, sobretudo em perceber a deficiência, recorrer aos especialistas ou tomar atitudes pontuais, evidenciando-se assim uma atitude conscienciosa e responsável, onde colocam acima das suas próprias emoções, o bem-estar da pessoa com deficiência.

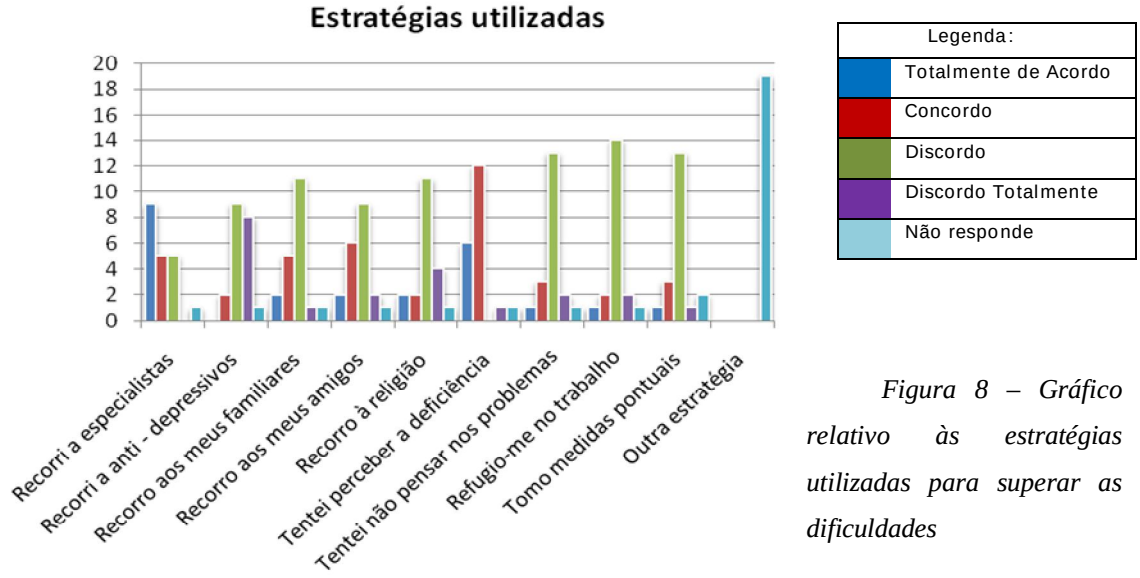


Figura 8 – Gráfico relativo às estratégias utilizadas para superar as dificuldades

No entanto, muitas vezes o seu desempenho, enquanto cuidadores, pode carecer de sensibilização, na qual muitas vezes os próprios familiares sentem a necessidade em saber e sobretudo em saber melhor sobre a deficiência. Esta ideia é corroborada pelo técnico responsável que afirma veemente que *"as famílias, muitas delas tem que ser trabalhadas do ponto de vista cultural, do ponto de vista social (…) muitas delas não tem hábitos (…)"* (entrevista ao técnico responsável). Embora exista um trabalho a ser feito nesse sentido, em que se tratam vários temas, incidindo sobre as necessidades e dificuldades momentâneas, numa preocupação pela aprendizagem global dos cuidadores. Para além disso, a Instituição estimula fortemente a participação dos pais nas suas dinâmicas, tentando estabelecer um contacto contínuo com os familiares, através de comunicações em que pedem a sua presença para tratar de assuntos

concretos, realizam uma reunião de balanço do ano em que os pais referem quais os aspectos mais trabalhados e menos trabalhados com os seus filhos, existe um livro de comunicação onde é anotado o desenvolvimento do trabalho, existe sempre um processo de feedback com as famílias. Nesta perspectiva entende-se a família como um parceiro activo e presente no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Esta relação é comprovada pelos próprios familiares que apontam a existência de uma proximidade com os técnicos, evidenciando-se através das idas frequentes à instituição, bem como numa boa relação com os professores. Para além disso, consideram que a escola traz benefícios, salientando-se aqui uma consciencialização efectiva de que a alfabetização é positiva para o desenvolvimento do indivíduo.

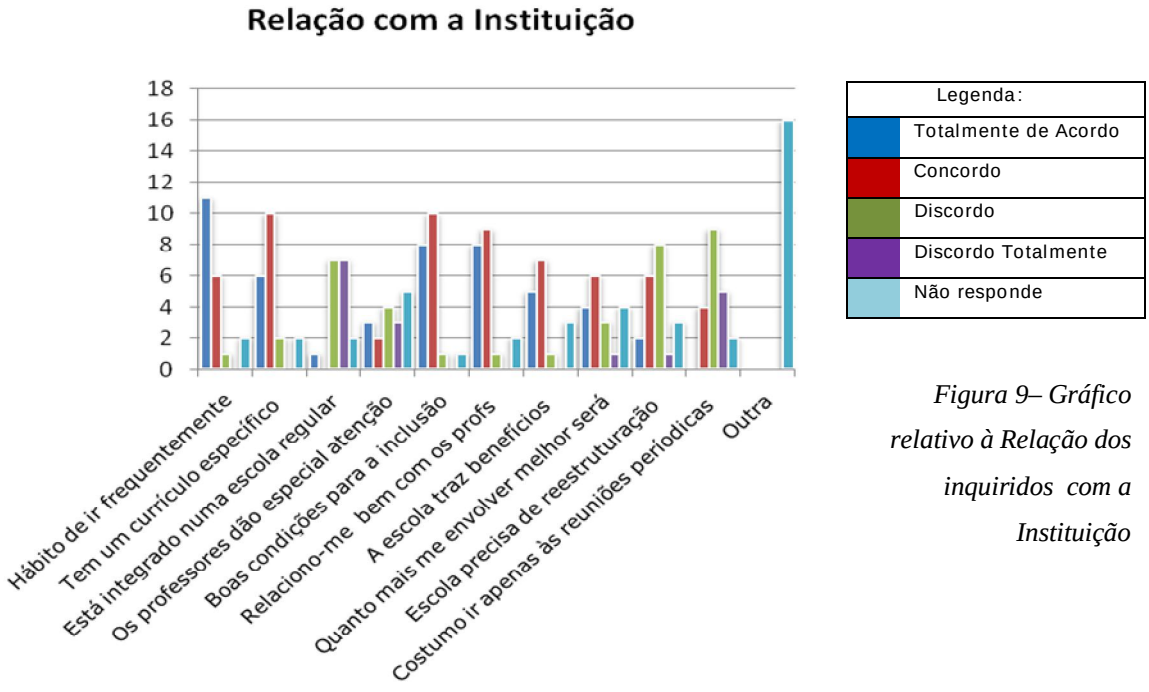


Figura 9– Gráfico relativo à Relação dos inquiridos com a Instituição

A realização da entrevista e posterior aplicação dos questionários nesta instituição foi, para este diagnóstico, uma mais-valia. O director técnico sempre evidenciou uma grande boa vontade em participar em todos os momentos do processo, desde o primeiro contacto. Esta instituição foi, para mim, enquanto envolvida no projecto, aquela que mais me impressionou visitar, porque tive oportunidade de, no dia da entrevista enquanto esperava pelo técnico de ver jovens e adultos completamente alheados do mundo, ou seja, passeavam pelas instalações, falavam entre si, estavam felizes. È aquela a sua realidade. Esta situação marcou-me bastante, porque naquele momento senti que estava a invadir o espaço deles e, por outro lado, impressionou-me

ver grande parte de pessoas jovens com problemas mentais. No que respeita à condução da entrevista, foi feita sem grandes dificuldades, não havendo por parte da instituição, qualquer entreve em ser a interlocutora na distribuição dos questionários aos familiares.

- *Associação Portuguesa Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) (anexo 6)*

A APPACDM sediada em Lisboa apresenta como âmbito de funcionamento a deficiência mental, paralisia cerebral e a multideficiência, disponibiliza um serviço de internato e semi – internato. Tem cerca de 10 utentes residentes no concelho de Loures, nas freguesias de Fanhões, Moscavide, Sacavém, Sto António dos Cavaleiros, Camarate, Lousa e Portela. Desses utentes, um deles tem 6 meses e encontra-se ainda na Maternidade Alfredo da Costa. Existem pelo país várias delegações da APPACDM que embora autonomizadas estão associadas na Federação Humanitas. Em Lisboa, a instituição está dispersa pela cidade, sendo que cada local tem a sua valência de atendimento e o seu grupo de trabalho, oscilando as idades desde a creche infantil até aos CAO e/ ou centros de formação. Tendo em conta essa estrutura organizacional, o contacto com a Instituição foi mais complexo. Após o primeiro despiste ao telefone foi-nos indicado o envio de uma formalização por e-mail ou correio a solicitar a entrevista mencionando os objectivos da nossa intervenção. A resposta, por parte da Instituição, tendo em conta que o pedido foi endereçado aos serviços centrais, foi morosa. Foi necessário, assim contactar por telefone para saber o ponto da situação e só posteriormente é que a técnica responsável contactou com o Secretariado Técnico a fim de marcar o dia da entrevista. Este processo demorou cerca de 2/ 3 semanas, o que se tornou uma dificuldade. Relativamente às famílias, dos 10 utentes apenas foi possível questionar 5 famílias, isto porque, à semelhança da REDES, muitas destas famílias também padecem de deficiência mental, o que dificultava a sua compreensão face às questões do questionário. Mesmo analisando esses cinco questionários, constatou-se várias lacunas, evidenciando grandes dificuldades em perceber o que se pretendia, nesse sentido, não será fidedigno considerar a análise dos questionários aos familiares. A

informação recolhida é substanciada na entrevista que, por sua vez, foi complementada pelo site da Instituição, visto que a técnica entrevistada não autorizou a sua gravação áudio, havendo aspectos que não registados.

No dia da entrevista, a técnica mostrou-se bastante motivada para descrever o funcionamento da instituição, fazendo – o pormenorizadamente. Um dos aspectos que me marcou foi o facto de na portaria estar uma pessoa com deficiência mental, o qual encaminhava os telefonemas, bem como as pessoas que iam chegando. É esta perspectiva de inclusão que às vezes me confunde, ou seja, quando se questiona e teoriza sobre inclusão social, é sobre uma prática que é feita para a sociedade, é tal como mencionado no enquadramento teórico, uma estratégia que valoriza o sujeito com deficiência, enquanto ser activo na sociedade, devendo ser esta que se adapta às suas necessidades e dificuldades. *Mas como é que essa pessoa, que sempre viveu protegida pela instituição, vai conseguir encarar e sobreviver num mundo que sempre lhe foi distante? Será que uma pessoa com deficiência consegue encontrar emprego, fora dos horizontes da Instituição que o acolhe?*

Aparte destas reflexões, a entrevista decorreu bastante bem, sendo que no final tive direito a uma visita guiada pela instituição onde conheci utentes com deficiência mental e técnicos que trabalham na instituição, conheci auxiliares, fiquei a par de uma actividade que fazem no CAO que é a montagem de berbequins eléctricos. Considero que foi uma experiência bastante positiva e que me motivou a trabalhar nesta área.

Relativamente aos dados recolhidos, ressaltam as várias valências de atendimento e de intervenção que a APPACDM possuí, a saber:

Creche A Tartaruga e a Lebre focaliza a sua intervenção para crianças dos 3 aos 4 anos, com e sem necessidades educativas especiais, sendo que a deficiência mental não ultrapassa 1/3 da população global, evidenciando-se uma prática de efectiva inclusão. Neste serviço está incluído o Núcleo de Intervenção Precoce, que é composto por profissionais, como terapeuta da fala, psicólogo, técnica de serviço social e terapia ocupacional. Tem como principais projectos de intervenção o Centro de Apoio a Famílias e aconselhamento Parental, Programa de Apoio à Inclusão e o Programa Viver com Trissomia 21.

Centro Educacional Bonny Stilwell, foi o primeiro a ser criado e presta como serviços a escolarização de alunos com necessidades educativas especiais em que se considere mínimos os níveis de adaptação e de inserção social numa escola regular. Desenvolve dois projectos: a Escola de Especial e o Projecto Incluir, ambos convergem na pretensão de dar uma resposta a crianças e jovens com deficiência mental com idades entre os 6 e os 18 anos. O seu plano educativo individual é constituído por uma equipa de profissionais multidisciplinar onde é operacionalizado o currículo específico de cada aluno, no entanto evidenciam-se como objectivos principais desenvolver a autonomia e as competências pessoais, sociais e vocacionais, perspectivando o planeamento da vida pós – escola. Tem actividades como a natação, as Tecnologias de Informação e Comunicação e actividades ligadas à expressão plástica, músico terapia, hipo terapia, e a sala de Snoezelen.

Existem vários Centros de Actividades Ocupacionais, onde, de uma forma geral, se desenvolvem competências ligadas à expressão artística, plástica e dramática, o desenvolvimento de autonomia pessoal e social, havendo o enfoque nas actividades profissionais socialmente úteis, como a cartonagem, tecelagem, a montagem de berbequins eléctricos, tipografia, acabamento e impressão. São actividades que maximizam as suas competências sociais e pessoais, onde embora não exista um real investimento no mercado de trabalho, existe um esforço para a aquisição de competências base. Assim, os centros que disponibilizam estes serviços são CAO Alice Mello, CAO Júlia Moreira, CAO Ajuda e Pátio Seabra, CAO Sta Clara, CAO Quinta dos Inglesinhos e CAO Alapraia.

Os centros de formação profissional funcionam em dois CAO e promovem o desenvolvimento de programas que visam a integração sócio – profissional dos jovens com deficiência nas suas várias estruturas, centros de emprego protegido e centros de formação profissional. As principais áreas de formação incluem: empregados de refeitório, costura de encadernação, limpeza industrial, reprografia, rouparia / lavandaria, acompanhante de crianças, ajudantes de cozinha, confecção, reparação de calçado, costura em série, hortofloricultura, serventes de construção civil e transformação de plásticos. Desta forma mais uma vez se vem comprovar a ideia de que o rótulo de incapaz na pessoa com deficiência é completamente retrógrado e sem fundamento actualmente. O centro de Formação na Quinta dos Inglesinhos tenta

combater a exclusão social direccionando a sua intervenção para desempregados de longa duração ou em situação de desvantagem face ao mercado de trabalho, havendo para tal a necessidade de estabelecer parcerias, nomeadamente com a Câmara Municipal de Almada.

A instituição tem uma área residencial destinada a pessoa com deficiência mental com mais de 16 anos, que estejam privados temporária ou definitivamente do seu seio familiar. Têm como principal objectivo proporcionar um ambiente familiar estável, mantendo os laços familiares, fomentando, no entanto, o desenvolvimento individual.

Relativamente às famílias, a Instituição promove vários mecanismos que incitam os pais a participarem na vida da instituição, nomeadamente a entrega de uma *check – list* que os motiva a participar na elaboração do Plano Educativo Individual. Para além disso cada aluno tem um caderno de comunicação que é actualizado diariamente. Todavia o que se tem verificado são famílias passivas que depositam na instituição várias expectativas ao trabalho realizado, esperando que o primeiro passo seja da instituição. O centro educativo Bonny Stilwell desenvolvem, há alguns anos, um clube de pais que semanalmente se discutia um tema, contudo tanto a dinâmica como a equipa dinamizadora foi desvanecendo e alterando-se de acordo com as medidas estatais. Todavia é referido que a participação dos pais depende em grande medida da equipa de técnicos que exista no local.

- *Cooperativa De Reabilitação, Educação E Animação Para A Comunidade Integrada Do Concelho De Loures (CREACIL) (anexo 7)*

A CREACIL sediada em Loures focaliza a sua intervenção para a deficiência mental, deficiência motora, deficiência auditiva, paralisia cerebral e comunicação. Este contacto foi agilizado com a própria presidente da Instituição, sendo esta, por sua vez, parceira da Rede Social e membro do grupo de trabalho da deficiência, o que facilitou bastante o processo de recolha de dados, tanto a nível da entrevista como nos questionários aos familiares. Não cheguei, contudo, a conhecer as instalações da instituição, visto que a entrevista se realizou na sala de reuniões do Secretariado Técnico. Esta situação aconteceu, porque havia incompatibilidades de dias e quando

houve a necessidade de se marcar uma reunião do grupo de trabalho, surgiu a oportunidade de conciliar as duas actividades, daí a entrevista se ter realizado na sala de reuniões do serviço. É de ressaltar a ideia de que esta técnica voluntariou-se para me ajudar a inserir os dados dos questionários aos familiares em SPSS, o que me auxiliou bastante na posterior análise.

A sua intervenção é feita nos vários agrupamentos das escolas do concelho, onde os técnicos se dirigem em dias específicos e realizam determinadas actividades com os utentes, tendo em conta a sua função específica. Assim, os 91 utentes que acompanham residem nas várias freguesias, nomeadamente Fanhões (6), Loures (42), Sto António dos Cavaleiros (20), Lousa (5) e Sto Antão do Tojal (18). A sua prática direcciona-se para os apoios especializados, os programas de natureza social, apoios técnicos, a avaliação e um espaço de cultura e lazer, dedicado aos jovens adultos e adultos com deficiência. No entanto, para mim é bastante complicado conseguir pré – visualizar a prática desenvolvida, visto que não contactei directamente com esta realidade, não vi espaços, não vi instrumentos de trabalho, todo o contacto que tive com a instituição foi através da entrevista e dos questionários. Apesar disso, considero que através desta instituição conseguiu-se incluir no diagnóstico a população que está nas escolas, sendo esse um dos nossos objectivos. È de agradecer, o esforço da técnica em tentar recolher questionários nas várias escolas dos agrupamentos em que intervém, de forma a guarnecer o trabalho de dados mais ricos e diversificados.

Assim, mediante a análise dos resultados, considera-se que a CREACIL sempre foi tida como uma instituição modelo junto do Ministério da Educação pela prática que tem vindo a desenvolver. Contudo, hoje em dia as perspectivas são diferentes o que tem vindo a dificultar a sua intervenção no concelho de Loures.

"*Mas a filosofia foi sempre fazer as terapias na escola que a criança frequenta de preferência e geralmente até é a escola mais próxima da residência e assim não se desenquadra a criança dos seus amigos, às vezes de irmãos, achamos que é benéfico. (…) Somos nós que nos deslocamos (…) Pensava até que seria uma instituição modelo (…) mas agora as políticas educativas em certos aspectos recuaram um pouco com a retenção de custos.*"

Entrevista ao técnico responsável

Assim, todo o trabalho desenvolvido é dirigido para o contexto escolar e práticas de efectiva inclusão nas escolas. A legislação assim o promove e obriga, todavia na

realidade existem diversos constrangimentos que deturpam a actividade exercida pelos técnicos.

"Por exemplo fica legislado que quando há uma criança com NEE a turma em que ela está inserida vai ser reduzida substancialmente se houver duas crianças então aquilo fica por metade o número de alunos só que depois a directora da escola diz muito bem, isso está legislado mas também só me colocam X professoras para Y alunos, portanto onde é que eu vou pôr estes se as outras turmas já têm 30 alunos, vão ficar as outras com 40 para esta que tem as NEE possa cumprir a lei e ficar só com 10?"

Entrevista ao Técnico Responsável

Nestas situações tornam-se mais evidentes as dificuldades com que os professores se deparam, sendo muitas vezes os próprios técnicos das instituições que mobilizando vários esforços tentam colmatar as lacunas encontradas. A escolarização das pessoas com deficiência é imprescindível para o seu desenvolvimento, contudo é importante reflectir sobre as práticas, cada deficiência tem a sua especificidade e os seus constrangimentos, não é legível abranger todos os sujeitos num mesmo sentido, é importante, sim, minimizar as suas dificuldades e aprimorar as suas aquisições.

É importante a presença dos pais em todos os momentos da vida do seu filho sendo imprescindível para o seu desenvolvimento. Nos questionários é evidenciado essa preocupação por parte dos pais, em estar sempre em contacto com a escola, de modo a garantir uma melhor qualidade de vida.

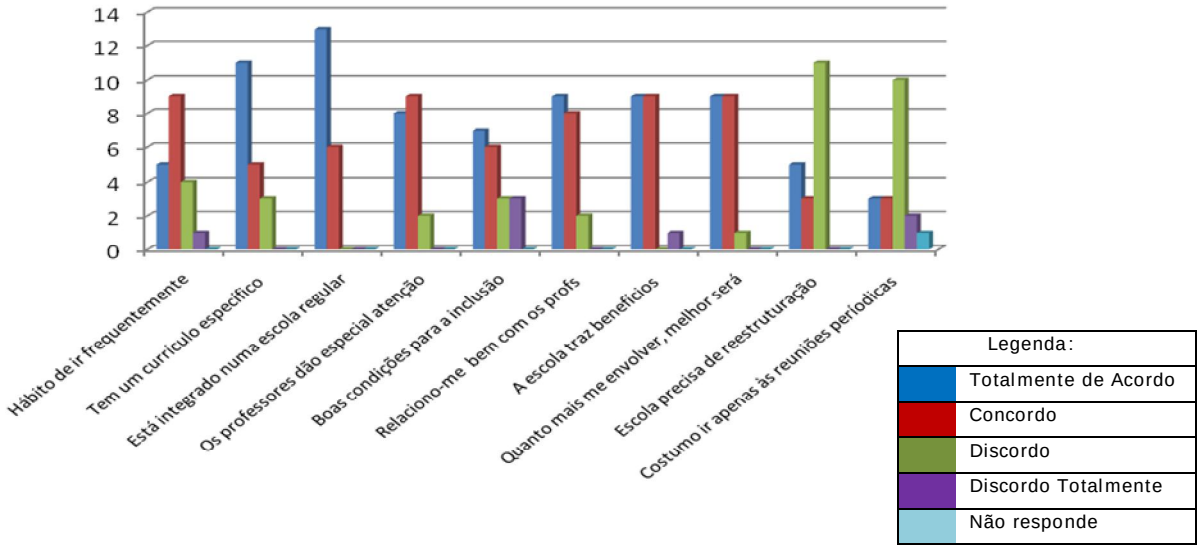


Figura 10 – Gráfico sobre à opinião dos inquiridos relativamente à Escola

É curioso verificar que os familiares começam a desmitificar a ideia de que a pessoa com deficiência é incapaz e por isso não vale a pena frequentar a escola, quando referem que a escola traz benefícios e que quanto mais se envolver melhor será. Neste sentido evidencia-se uma proximidade em relação ao contexto escolar, sendo por outro lado valorizada a sua própria participação nas dinâmicas da escola, tendo a consciência que isso traz benefícios para a pessoa com deficiência.

Esta valorização do contexto escolar acaba por ser uma mudança fruto da própria sociedade, influenciada por diversos factores nomeadamente as inúmeras conferências e declarações realizadas, que promovem a efectiva inclusão social. Todavia ainda existe um trabalho que emerge ser feito, os pais ainda são reticentes em participar em diversas iniciativas fora do contexto escolar, numa sociedade que ainda é pautada por obstáculos de diversa ordem.

" (…) ainda estamos assim muito a esconder (…) e é uma trabalheira desgraçada os pais levarem a criança ou o jovem que se desloca em cadeira de rodas ou que perturba porque mexe em tudo e depois as outras pessoas dizem assim Olha que miúdo tão mal educado e as pessoas ficam assim um bocadinho acanhadas de sair (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

Esta necessidade de esconder a deficiência é visível quando se questiona relativamente à vida social no concelho, os inquiridos são relutantes em afirmar que não costumam participar nas actividades, que não tem por hábito frequentar as instituições do concelho, mas enfatizam a ideia de que o concelho oferece boas condições.

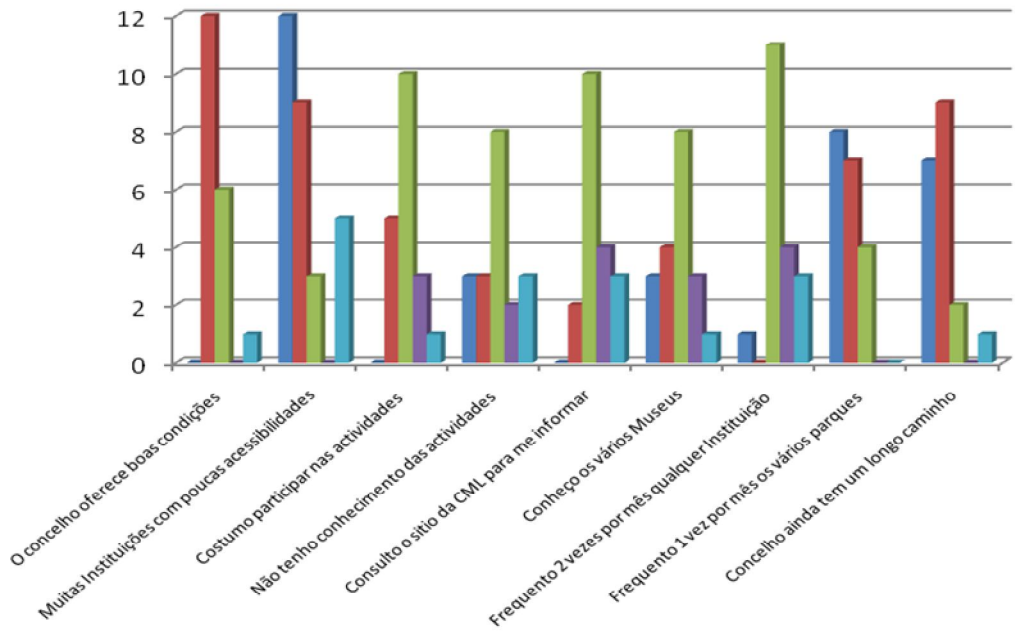
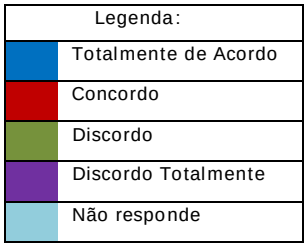


Figura 11 – Gráfico sobre a opinião dos técnicos relativamente à vida social no concelho



Estes dados podem originar duas leituras diferentes: ou os familiares não se sentem incluídos nas ofertas dos vários serviços de atendimento, ou por outro lado, a divulgação das actividades não chega a todos, sendo este um problema não apenas das pessoas com deficiência, mas de todos os munícipes.

Constata-se, em suma, que existe um esforço por parte das escolas em incluir as várias pessoas com deficiência nas suas dinâmicas, contudo nem sempre é possível, visto que os recursos humanos para esse efeito são insuficientes. Por outro lado, as instituições como a CREACIL que sempre desenvolveram um trabalho complementar às escolas e sobretudo nas escolas, para não haver uma desintegração da criança, estão neste momento a ser questionadas pelo Ministério da Educação. A importância da aprendizagem é condição *sine qua non* para o desenvolvimento global do indivíduo, no entanto, actualmente verifica-se um retrocesso nessa perspectiva. A necessidade de encurtar os custos nas escolas tende a prejudicar sempre os mesmos, ou seja, os alunos e neste caso, os alunos com deficiência. *Neste sentido, que trabalho poderá resistir a uma realidade tão negativa?*

- *ACAPO – Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (Anexo8)*

A ACAPO, instituição de referência no âmbito da deficiência visual, é uma associação que presta apoio a nível nacional, com treze delegações espalhadas de norte a sul do país, inclusive Ilhas. Funciona num regime de atendimento presencial, atendimento telefónico, ambulatório e domiciliário, prestando apoio tanto a associados como ao cidadão comum. Tem como valências de atendimento a formação profissional e emprego, apoios especializados, programas de natureza social, apoios técnicos e avaliação. A delegação de Lisboa, embora desenvolva um trabalho noutras vertentes, direcciona a sua intervenção para actividades de cariz social. Na instituição existem 73

utentes do concelho de Loures, nas seguintes freguesias: Bucelas (16), Sacavém (15), Camarate (9), Bobadela (6), Prior Velho (6), Santo António dos Cavaleiros (3), Unhos (3), Loures (2), Lousa (2), S. João da Talha (2), Sta Iria da Azóia (2), S. Julião do Tojal (2), Moscavide (2), Frielas (1), Santo Antão do Tojal (1) e Portela (1).

A recolha de dados nesta instituição foi um processo moroso, porque a marcação da entrevista não foi fácil. Ligou-se para o contacto que havia da ACAPO, contudo este contacto era dos serviços centrais que, por sua vez, encaminhariam para o departamento certo. Em primeiro lugar não perceberam o que queríamos, dizendo que não estariam interessados. Mais tarde, tentou-se contactar outra vez, explicando novamente que o trabalho consistia na realização de um diagnóstico sobre a população com deficiência no concelho de Loures e então encaminharam-nos para um técnico, referindo que este assunto era da sua competência. Quando se telefonou para este novo contacto, tivemos que explicar tudo novamente e só aí é que nos passaram a chama para a técnica responsável. Neste momento, a situação ficou bastante facilitada. Apenas foi necessário combinarmos um dia de comum acordo para realizar a entrevista. Contudo este processo demorou cerca um mês e meio. Relativamente aos questionários dirigidos aos familiares, dos 73 enviados para a instituição, apenas um foi preenchido. Assim, considera-se despropositado fazer uma análise somente um exemplar, tendo em conta que a própria entrevista permite uma percepção da realidade face aos familiares, como se poderá evidenciar. O parco preenchimento dos questionários justifica-se pelo facto que a maior parte dos utentes dirigem-se à instituição apenas para a resolução de situações casuais, não havendo por isso, um constante contacto e não existindo uma previsão de quando irão novamente à instituição. Por outro lado, a maior parte dos utentes da ACAPO, são adultos cujos pais ou já faleceram ou não residem próximo do local dos filhos, sendo por isso muito mais complicado mobilizá-los. Este aspecto é dos constrangimentos do questionário, na medida em que está muito dirigido aos familiares de utentes de uma faixa etária mais nova, embora tenhamos pais de adultos, no entanto são pessoas com deficiência que não são autónomas e por isso existe um outro tipo de relação com os pais ou com outros familiares mais próximos.

Assim, através da realização da entrevista constata-se que a ACAPO disponibiliza aos seus utentes um serviço o mais abrangente possível. Para além do apoio social, já mencionado, existe um acompanhamento nas actividades de vida diária

(AVD'S), apoio na reabilitação através de actividades de orientação e mobilidade, a Biblioteca, o Desporto com a prática de diversas modalidades, desde a ginástica ao goodball (modalidade desportiva dirigida especificamente para as pessoas com deficiência visual), o Refeitório, considerado como um espaço de convívio entre ex-utentes e utentes, programas de ajuda a carenciados (destacando aqui a vertente social enunciada acima) e o serviço de voluntariado. Ainda existe um departamento de formação profissional, embora noutras instalações, que disponibiliza "(…) *os cursos de formação profissional (…) onde as pessoas são dotadas de competências sociais e profissionais para o mercado de trabalho (…)"*. No departamento é sempre realizado, antes do ingresso dos utentes no mercado de trabalho, uma avaliação " (…) *por parte do psicólogo para ver em que parâmetros é que a pessoa se enquadra (…)"* As actividades podem ser planeadas anualmente, como as colónias de férias ou as festividades, ou pontualmente, como as saídas ao teatro. Para esse efeito foi estabelecido um protocolo com algumas companhias de teatro, as quais oferecem bilhetes grátis à instituição.

Tendo em conta as diversas valências de atendimento, existe uma grande heterogeneidade de população atendida, sendo na sua maioria pessoas em idade activa. Esse aspecto constata-se pela faixa etária dos utentes acompanhados do concelho de Loures, sendo os dados mais relevantes de população com idade igual ou superior a 18 anos. Por outro lado, o serviço prestado influencia a assiduidade do utente, ou seja, se existe um trabalho continuado por parte de orientação e mobilidade, o utente terá que se deslocar mais vezes à instituição. Contudo, a pessoa pode recorrer apenas para resolver uma situação pontual, por exemplo apoio jurídico e nessas situações, a pessoa desloca-se apenas uma ou duas vezes à instituição, não havendo a necessidade de se desenvolver um trabalho continuado.

Segundo a técnica entrevistada, muitas vezes os próprios utentes não têm a noção do seu problema, sabem que deixaram de ver, mas não sabem desde quando, ou seja começam a perder a noção de tempo. Existe, todavia situações de acidentes ou de patologias que surgem.

"*Mas o que acontece muitas das vezes, as pessoas dizem Eu não vejo, eu não sei o que é que tenho (…) mas não sabe quais é que são as implicações (…) não sabe o que aconteceu (…) o que é que não aconteceu, às vezes não sabem… (…) há casos em que é um processo gradual (…) Há casos em que resultam de um acidente (…) ou alguma situação em que a pessoa de facto perdeu a visão naquele momento (…)"* *Entrevista ao técnico responsável*

Atendendo a estas especificidades, existe na instituição uma técnica de integração que apoia os formandos que necessitam de uma nova requalificação profissional, consequência da incapacidade que a deficiência causou. Havendo, no entanto alguns utentes que aquando a deficiência preferem a reforma por invalidez, não sendo possível nessas situações a realização de um trabalho de integração.

"Há pessoas que querem uma requalificação profissional (…) e aí a técnica dirige-se ao serviço é marcada uma reunião, é explicado o tipo de material que se pode (…) e quais são as funções que a pessoa pode desempenhar (…) tendo em conta a experiência que têm na empresa (…) e tendo em conta os postos de trabalho (…)" porque existem muitas pessoas que preferem a reforma por invalidez (…) e aí é sempre por opção da pessoa, como é obvio."

Entrevista ao técnico responsável

Relativamente ao trabalho desenvolvido com as famílias, a técnica refere que, o estabelecimento de uma proximidade depende do tipo de intervenção prestada e do tempo de duração.

" (…) porque é assim se a pessoa vier com uma situação concreta de um problema que precisa de ser resolvido(…) o que acontece é que é assim a situação é resolvida (…) e nós perdemos um bocadinho o rasto àquela pessoa (…) mas se facto se justificar uma intervenção mais continuada é uma relação (…) por exemplo ao nível da psicologia a família não pode intervir(…)"

Entrevista ao técnico responsável

Todavia, a técnica menciona que a presença da família nos tratamentos possibilita um confronto com as competências que o utente vai adquirindo, sobretudo a autonomia e segurança na realização de tarefas quotidianas.

" (…) e a pessoa estando presente(…) acaba por se aperceber das competências (…) ou dos ganhos que as pessoas têm (…) e acaba por também ajudar a própria pessoa. (…) e acaba por colmatar algumas dificuldades de algumas situações (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

Esse aspecto acaba por ser importante para o cuidador que, de certa forma, se apercebe que, apesar dos constrangimentos da deficiência, o seu ente pode ter uma vida dentro dos parâmetros de normalidade vinculados pela sociedade.

Esta desacreditação das competências da pessoa com deficiência, por parte dos familiares é motivada pela falta de informação, como se pode constar, igualmente, nas instituições referidas anteriormente. A técnica reforça a ideia evidenciada pelos outros entrevistados, afirmando que *"nós temos casos engraçados de pais que vêm aqui e dizem O meu filho tem uma deficiência e eu já fiz isto, isto e isto, o que é que eu posso fazer mais? E nós dizemos: Não está a fazer tudo bem não é preciso mais nada. Temos outros casos em estão a fazer tudo mal desde o inicio (…) muitas vezes os pais sentem-se perdidos (…)"*

Entrevista ao Técnico Responsável

Nesta perspectiva, a instituição tem planeado iniciar, o mais breve possível, grupos de auto – ajuda. Contudo defende a ideia de que não existem fórmulas perfeitas, sendo que cada pessoa enquanto familiar tem a sua própria estratégia para superar as dificuldades que a deficiência implica.

Até porque é assim: não existem fórmulas (…) isto é um bocado complicado (…) porque cada pessoa tem uma estratégia para conseguir superar as suas dificuldades. As pessoas, às vezes, dizem-nos: Olha fiz desta maneira que ninguém tinha feito e resulta comigo (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

Existem, igualmente, situações em que os pais são portadores de uma deficiência e os filhos não, sendo que o trabalho desenvolvido está inserido noutra dinâmica de pensamento, ou seja, a situação dos pais deve ser encarada pela criança como normal, ou seja, nem devem ser super protegida pelos técnicos ou familiares nem por outro lado estigmatizada por ser filha/o de pais com deficiência visual. A criança deve encarar aquela situação como parte da sua vida e aprender a lidar com as dificuldades que os pais sentem no dia-a-dia, não devendo haver por parte dos pais um reforço ou uma exigência para os proteger face a esta situação.

A realização desta entrevista evidenciou todo o trabalho de valorização desenvolvido no âmbito da deficiência visual. Todas as deficiências têm a sua especificidade e cada uma tem os seus constrangimentos. Todavia ao conhecer esta realidade consegue-se perceber que já começa a existir alguma mobilização para esta problemática. Já são visíveis mapas em Braille, já existe uma sinalização das passadeiras, ainda que em pouco locais, ou seja, já começa a existir alguma sensibilização para esta problemática, contudo ainda existe um longo caminho para

chegar à inclusão. No dia da entrevista, enquanto esperava pela técnica, estavam à minha frente, na sala de espera, uma mãe e filho com deficiência visual. Estavam a conversar, quando tocou o telemóvel. Para meu espanto este era completamente adaptado para a sua incapacidade: as teclas em Braille e havia um sistema de voz para chamar contactos. Este é apenas um pequeno exemplo de ajudas técnicas que já existem. Também, é, igualmente, conhecido um programa para os computadores o qual funciona em sistema de voz, tudo isso significa que já existe um conjunto de ajudas que, de alguma forma, tenta minimizar os prejuízos da deficiência. No entanto, e corroborando a ideia da Técnica entrevistada, os recursos económicos que suportam as ajudas técnicas são reduzidos e quando se coloca em avaliação a situação de uma pessoa com uma deficiência motora que necessita de uma cadeira de rodas ou de uma pessoa com deficiência visual que necessita, por exemplo de um software de computador para trabalhar, *qual deles será o beneficiário?*

- *CRPCCG – Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian (Anexo9)*

O CRPCCG, sediado em Lisboa, desenvolve a sua acção no âmbito da paralisia cerebral e neurológicos afins. Tem cerca de 143 utentes que residem no concelho de Loures, nas seguintes freguesias: Apelação (1), Bucelas (6), Fanhões (2), Loures (43), Moscavide (2), Sacavém (5), Santo António dos Cavaleiros (18), Bobadela (2), Camarate (10), Lousa (1), Portela (2), São João da Talha (4), Sto Antão do Tojal (2) e Sta Iria da Azóia (3). A instituição funciona em duas unidades, nomeadamente o Centro de Reabilitação e Integração Sócio – Profissional dedicado sobretudo a jovens e a adultos e o Centro de Habilitação e Desenvolvimento dirigida a crianças em acompanhamento médico. Assim, as suas valências de atendimento passam pela educação (tendo mesmo uma escola pública do 1º ciclo dentro das instalações que acolhe, entre outras, crianças com paralisia cerebral), apoios especializados, programas de natureza social, apoios técnicos e avaliação.

O processo de recolha de dados foi conduzido com alguns constrangimentos, sobretudo no que respeita aos questionários aos familiares. A marcação da entrevista foi feita sem grandes problemas, havendo sempre uma grande disponibilidade por parte dos

técnicos em aderirem ao processo de diagnóstico. Para além disso, a entrevista foi marcada num dia disponível para duas técnicas, visto que como na instituição existem duas unidades de desenvolvimento, uma dedicada aos jovens / adultos e outra às crianças, considerou-se por bem fazer duas entrevistas.. Relativamente aos questionários aos familiares, quando soubemos o número de possíveis inquiridos, foi uma surpresa agradável, visto que poderiam ser facultados dados o mais próximo possível da realidade. Todavia, a instituição, e sobretudo a unidade dedicada às crianças, funciona através do apoio dado pelos técnicos, tanto nas consultas médicas como nas visitas às escolas para avaliarem a situação dos utentes inseridos na escola regular. Este aspecto condiciona, assim, a relação com os pais, porque não existe uma proximidade diária, mas apenas em situações pontuais. A realidade evidenciada foi, para nós, preocupante, visto que, mais uma vez, o preenchimento dos questionários seria um processo moroso e, para além disso, a única forma de conseguirmos obter os questionários seria enviando por correio e com um envelope de taxa paga no remetente. Esta modalidade não foi do agrado dos restantes membros do grupo, pois, para além de ser um processo moroso, seria igualmente dispendioso. Neste sentido e considerando este aspecto uma grande lacuna no diagnóstico apresentado, decidiu-se não inquirir os familiares, havendo apenas um registo da entrevista aos técnicos da instituição.

Através dos dados recolhidos mediante as entrevistas percebe-se que a instituição desenvolve uma prática muito voltada para o exterior e para todos os recursos que a sociedade lhe poderá oferecer. Considera-se, deste modo, que a instituição preocupa-se não apenas com o desenvolvimento escolar, mas também fomenta uma proximidade em relação ao mundo que o rodeia. Ao participar em diversas actividades no exterior, possibilita à pessoa com deficiência a consciência que pode fazer uma vida, dentro das suas limitações, o mais normalizada possível, frequentando os mesmos locais que quaisquer outras pessoas. De entre as várias actividades destacam-se as idas à maratona, a tricicleta, a boccia e participação em jogos, dança, as idas ao teatro, museus, exposições, ou seja, uma panóplia bem diversificada de actividades tanto interiores como exteriores.

"*Exploramos tudo o que é museus (…) teatros tudo o que houver durante a manhã, tarde é mais complicado (…) mas tudo o que houver durante a manhã (…) não há nada que a gente não tente participar (…) com alguma indicação deles, com sugestão (…) mas nós vamos a um bocadinho de tudo (…)"* *Entrevista ao Técnico Responsável*

Embora na unidade de Desenvolvimento, o trabalho desenvolvido seja mais voltado para a criança, as técnicas dirigem-se às escolas onde estas estão inseridas de modo a fazerem uma avaliação do local. Este processo serve para se perceber se a escola reúne ou não condições para a inclusão de pessoas com paralisia cerebral e, caso isso não se verifique, torna-se necessário mobilizar os recursos para que seja disponibilizado um melhor serviço. Neste sentido, mais uma vez é valorizada a integração da pessoa com deficiência na sociedade, apostando cada vez mais em boas práticas.

" (…) dizemos olhem nós estamos a pensar ir no dia tal é possível? O que é que vocês precisam para a integração dessa criança? Dirigem-se sempre que necessário e sempre que solicitado mas mesmo assim ficamos sempre a saber que este jovem / criança está naquela escola (…) é desta equipa e programamos que periodicamente ou vamos lá ou combinamos com a escola (…)"

Entrevista com o Técnico Responsável

Todavia, a paralisia cerebral é um tipo de deficiência que condiciona em muito tanto a vida do cuidador, como da própria pessoa, visto que exige um acompanhamento quase diário no desempenho das tarefas domésticas, como por exemplo tomar banho ou o vestir. Deste modo, embora haja uma tentativa de trabalhar para a inclusão, é considerado porém, que muitas vezes esse trabalho não dá frutos, ou os frutos que dá, são poucos. Um desses exemplos é a formação profissional, valência da instituição, mas que por serem tão poucas as integrações mesmo no mercado de emprego protegido, a instituição decidiu não preservar esta valência.

"*Foram por directrizes superiores que deixámos de ter essa valência (…) porque a integração era muito complicada (…) integravam-se meia dúzia deles. Agora quando descer que deve ser a hora do pequeno – almoço vai ver as deficiências que nós temos que são grandes incapacidades, graves problemas motores. A paralisia cerebral atinge a parte cognitiva e a parte motora (…)"*

Entrevista ao Técnico Responsável

No que respeita aos familiares e à sua participação na vida da instituição, a técnica na unidade dos mais adultos refere que não há regras definidas e que a participação dos pais é consoante a sua disponibilidade, mas que de uma forma geral são bastante activos nas iniciativas promovidas pela Instituição. Por outro lado, a

técnica referente aos mais novos corrobora da opinião da anterior, contudo menciona que por norma as famílias afastam-se quando sentem que têm uma lacuna e não a querem mostrar.

"Normalmente e esta é a minha impressão e não sei se estará certa, mas, às vezes quando se afastam é porque tem lacunas que não nos querem dizer tudo (…) e tem aquele receio de nós estarmos..."

Entrevista ao Técnico Responsável

È prática da instituição que quando entra um novo utente, os técnicos façam uma visita domiciliária, com o intuito de perceberem as reais condições de vida tanto da família como da pessoa com deficiência. Nestas visitas, que são de comum acordo com os familiares, os técnicos estabelecem uma relação com os cuidadores, apresentando uma sempre a sua presença face a um processo de conciliação e de concórdia com a família, sempre numa perspectiva de facilitadores.

" (…) mas por exemplo nós aqui, nesta equipa, fazemos sempre visitas domiciliárias (…) entra um jovem e nós automaticamente fazemos sempre uma visita domiciliária com um propósito vemos se quer se não quer fecha a porta. Nós temos aqui dois ou três que nunca nos facultaram e nós não vamos lá bisbilhotar (…) nós tentamos sempre facilitar."

Entrevista com o Técnico Responsável

O trabalho desenvolvido pela instituição apresenta-se como um exemplo de que quando se desenvolvem boas práticas é possível a inclusão social. Porém, os constrangimentos são mais que muitos e principalmente o facto de cada vez que se deslocam, para além da mobilidade reduzida que a deficiência em si implica na pessoa, têm que levar as cadeiras de rodas e aí é que na maior parte das vezes se situa o problema. A nossa sociedade não está, nem de longe, apta para incluir uma pessoa com deficiência e quanto mais se à própria deficiência acresce o peso da cadeira de rodas, havendo por isso, a necessidade dos técnicos em recorrer a subterfúgios para desenvolver um conjunto de actividades o mais enriquecedoras possível.

"Isto porque tudo o que seja uma cadeira eléctrica que é o não falar, o ter necessidades básicas de apoio na casa de banho, de alimentação (…) há dificuldade em mobilizar a sociedade (…) porque temos um peso enorme que para além da pessoa sentada temos as baterias para subir um passeio é bonito. Por isso nós também já nos adaptámos às

acessibilidades (…) Há depois a própria sociedade, por exemplo Lisboa, a nível das acessibilidades, nós também já estamos muito rodados (…) porque já sabemos que vamos para aquele sitio e que para aquele sitio podemos levar não sei quantas cadeiras (…) porque as cadeiras de rodas eléctricas só andam nalguns sítios (…)"

Entrevista ao Técnico Responsável

Pela realização destas entrevistas constatou-se uma nova forma de analisar a problemática da deficiência. Se nas anteriores instituições a inclusão social era entendida como uma prática necessária a ser imposta, nesta situação, a inclusão aparece numa perspectiva mais suave, visto que a própria desvantagem que a deficiência implica, é muito grave. No dia da entrevista pude verificar essa situação. Quando a entrevista acabou, desci à sala de convívio e vi que a maior parte dos utentes é dependente seja para que situação for. A problemática da inclusão social nas pessoas com deficiência é um assunto bastante peculiar, tendo em conta o horizonte de patologias que fazem parte deste rol. De todas as instituições, esta foi uma das duas que mais me impressionou, porque vi muitas pessoas de uma faixa etária jovem completamente dependente de outrem. Embora as técnicas tenham relatado belíssimas práticas e uma variedade de actividades que são efectivamente possíveis, creio que existe um momento em que tudo cansa porque, por muito boa vontade e empenho que haja por parte da instituição, a realização das mesmas actividades acaba por ser desgastante. Contudo, considero que a prática da instituição é louvável e todo o trabalho que realizam é meritório.

Questionários aos serviços de atendimento municipal (Anexo 10)

Neste processo de diagnóstico considerou-se que seria enriquecedor para o trabalho envolver alguns dos serviços de atendimento municipal. Esta nova ideia surgiu com o objectivo de perceber a frequência das pessoas com deficiência nesses locais, bem como que condições é que reúnem. Assim, pensou-se que a maneira mais fácil e rápida para mobilizar os serviços para esta problemática e para este diagnóstico, foi enviando por e-mail um questionário aos chefes de divisão, que por sua vez encaminhariam para os diferentes técnicos responsáveis. Deste modo enviou-se para os vários departamentos que têm serviços de atendimento ao público, contudo até ao

momento nem todos responderam. Todavia será realizada uma análise com os dados obtidos.

Os serviços que responderam ao inquérito foram o Departamento de Recursos Humanos (DRH), os vários postos de Atendimento Municipal (A.M.), o Serviço de Apoio à Criação de Emprego (SACE), o Departamento de Gestão Urbanística (DGU) e por fim o Gabinete de Assuntos Religiosos e Sociais Específicos (GARSE), que inclui dois centros comunitários sediados na Apelação e em Sacavém. Faltando, os serviços respeitantes à divisão de educação, nomeadamente os gabinetes de apoio à juventude espalhados por algumas freguesias do concelho.

A primeira questão colocada inseria-se no ponto de análise relativo ao tipo de público, onde se inquiria qual a faixa etária do público, que tinha por hábito frequentar a instituição, não especificando para a problemática da deficiência. Assim, através do gráfico é possível evidenciar que é a partir dos 16 anos que incidem mais utentes, exceptuando o GARSE que inclui uma faixa etária desde os 5 anos.

	DRH	A.M. C.C. Loureshoping	A.M. C.C. Continente	SACE	GARSE	GARSE - Apelação	GARSE – Sacavém
Até 5 anos					X	X	X
6-10 anos					X	X	X
11-15 anos					X	X	X
16-20 anos	X		X	X	X	X	X
21-25 anos	X	X	X		X	X	X
26 – 30 anos	X	X	X	X	X	X	X
31-35 anos	X	X	X		X	X	X
36- 40 anos	X	X	X	X	X	X	X
41-45 anos	X	X	X		X	X	X
+ de 45 anos	X	X	X	X	X	X	X

Figura 12– Tabela relativa ao Tipo de Público

Quando questionados sobre a utilização dos seus serviços por pessoas com deficiência, as opiniões dividem-se havendo quatro instituições que referem que é frequente e outras quatro que não. Por norma, é usual que sejam pessoas com deficiência motora a frequentar a instituição.

É frequente a utilização destes serviços por pessoas com deficiência?		
Nome das Instituições	SIM	NÃO
DRH		X
A.M. – C.C Loureshopping		X
A.M. – C.C Continente		X
SACE	X	
DGU	X	
GARSE		X
GARSE – C.C. Apelação	X	
GARSE – C.C. Sacavém	X	

Figura 13 – Opinião relativamente à frequência de pessoas com deficiência

Relativamente aos recursos adaptados disponíveis na Instituição, de uma forma geral todas as instituições apresentam alguns recursos, podendo-se referir que já houve embora reduzido, um investimento em incluir a pessoa com deficiência nas suas dinâmicas. Como se pode evidenciar no esquema abaixo, os recursos considerados básicos, como o elevador ou casa de banho adaptada são salvaguardados por quase todas as instituições. Os recursos mais recentes, como por exemplo o software ou o mapa em Braille são garantidos pelas instituições mais recentes.

Elevador	Portas Automáticas	Mapa em Braille	Casa de banho	Elevador de escadas	Software em Braille	Rampas
• DRH •A.M. - C.C. Continente •A.M. – C.C. Loureshoping •DGU • GARSE – C.C. Sacavém	• A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping • DGU	• A.M. – C.C. Loureshoping	•DRH • A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping • DGU • GARSE – C.C. Apelação • GARSE – C.C. Sacavém	•A.M. – C.C. Loureshoping	•DRH	•DRH • A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping (rampas rolantes) • DGU • GARSE – C.C. Apelação • GARSE – C.C. Sacavém

Figura 14– Tabela relativa aos recursos físicos existentes nos serviços de atendimento municipal

No acesso à Instituição as opiniões, mais uma vez, dividem-se quatro instituições consideram que a localização é acessível, três que não e duas que apenas alguns espaços. Foi solicitado aos técnicos que evidenciassem propostas de solução para

minimizar, se for esse o caso, as dificuldades de acessibilidade. Das várias sugestões destacam-se as seguintes: o cumprimento da legislação, a melhoria da rede de transportes, a mudança de instalações ou fazer as adaptações adequadas.

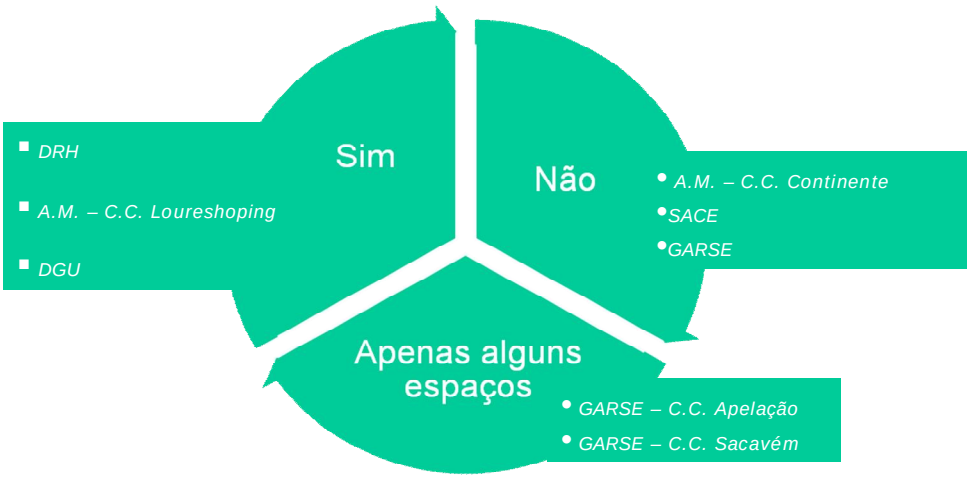


Figura 15 – Esquema sobre a acessibilidade das instituições às pessoas com deficiência

A realização deste questionário revelou-se útil para sinalizar problemas/ dificuldades com que os técnicos se deparam aquando a frequência de pessoas com deficiência. Embora em moldes bastante objectivos e algo simplistas, através dos dados consegue-se perceber que já existe um trabalho nesta área, ainda que rudimentar. No entanto, as alterações e sobretudo as arquitectónicas requerem um investimento por vezes avultado, que se traduz em resultados pouco visíveis a curto prazo. Para minha surpresa, este inquérito permitiu aos técnicos reflectirem sobres esta realidade, por outro lado, salientou, ainda que não tenhamos em números simbólicos, a participação ou a presença de pessoas com deficiência no serviço prestado pela autarquia. Esta realidade acaba por ser consequência de uma maior abertura por parte das pessoas com deficiência ao mundo que os rodeia e aos serviços por ele disponibilizados. Tendo consciência que a realidade está muito distante do que se pretendia como ideal, no entanto é nestes pequenos passos que se vão cultivando princípios de inclusão social.

Reunião de CLAS (anexo 11)

No dia 18 de Junho de 2009 realizou-se no Palácio Marqueses da Praia e de Monforte, uma reunião do Conselho Local de Acção Social (CLAS) com várias entidades parceiras da Rede Social, onde foi pedido a apresentação dos primeiros resultados deste trabalho de diagnóstico. Embora ainda não se tivesse os resultados de todas as instituições envolvidas, conseguiu-se e especificamente através de duas instituições o ELO SOCIAL e a CREACIL evidenciar o panorama da realidade estudada. Esta apresentação dos resultados seria, então feita por mim, visto que de todos os elementos do grupo, sou eu quem mais domina o processo em análise.

Neste sentido foi elaborado uma apresentação em PowerPoint que continha uma breve caracterização das Instituições entrevistadas, do tipo de público envolvido, da metodologia de intervenção, bem como, os instrumentos de recolha de dados privilegiados. Os resultados apresentados incluíram-se em dois pontos de análise: A pessoa com Deficiência, em que se apresentou sucintamente as várias valências de atendimento presentes nas instituições e a Família e o Cuidador, cruzando-se os resultados obtidos nas entrevistas e nos questionários, distinguindo-se em vários tópicos: Necessidade da Família, a Formação Específica, a Relação com a Escola / Instituição e a Vida Social no Concelho. Neste momento de análise tentou-se articular com os questionários realizados aos serviços de atendimento municipal.

As principais conclusões que salientam estes resultados apontam em dois domínios: a formação parental através da realização de acções de formação / informação dirigidas aos familiares mais próximos (cuidadores informais) e a construção de uma estrutura informática de apoio à pessoa com deficiência que poderia estar presente no site da CM Loures. Esta funcionalidade seria um espaço informativo onde o utilizador poderia aceder, por exemplo, à legislação, às actividades que se poderão realizar dedicadas a este tema, contactos úteis para a resolução de alguns problemas. Para além disso haverá um contacto correio electrónico e / ou telefónico onde se poderiam colocar dúvidas ou sugestões que serão respondidas o mais breve possível.

A apresentação destes resultados, ainda que muito ténues, foi uma forma de evidenciar todo o trabalho que tem vindo a ser realizado. Durante alguns meses, os vários técnicos das instituições voluntariaram-se para participar neste projecto e poder mostrar aos outros os resultados e as nossas reflexões, foi um momento importante. Para

além disso, o facto deste estudo ter sido apresentado numa reunião de CLAS é outro motivo, pelo qual o trabalho tem que ter mesmo uma continuidade, não podendo ficar guardado numa estante. A primeira abordagem de todo o trabalho realizado possibilitou consciencializar-nos, enquanto técnicos, para estratégias de intervenção, que poderão ser projectadas e implementadas, face a esta problemática. Considero, que através destes dois pontos, a formação e a plataforma electrónica consegue-se perceber melhor a realidade das pessoas com deficiência, pois embora hajam muitos que querem esconder, existem outros que aproveitam todos os espaços para exteriorizar as suas emoções.

ii. Acções Ainda Em Construção:

Produção do Relatório de Diagnóstico

A realização do relatório escrito que contempla toda a informação recolhida e posterior análise considera-se como um fim de uma primeira meta, sendo entendido por outro lado, como o início de outra etapa de trabalho. Tendo em conta, os constrangimentos deparados ao longo do trabalho, até ao momento ainda não foi possível a redacção do relatório escrito. Todavia, através dos resultados obtidos até ao momento considera-se possível analisar as instituições no global, nomeadamente no que respeita às necessidades de informação e de formação específica, bem como a vida social no concelho, sendo estas, até ao momento, as áreas mais trabalhadas.

De uma forma geral, os familiares dos utentes inquiridos, face às afirmações evidenciadas no questionário, respondem, tendo em conta a escala: concordo totalmente, concordo, discordo ou discordo totalmente. Entre os problemas da família, salientam-se os de informação, onde se destaca a incompreensão relativamente à deficiência, o desconhecimento dos serviços e apoios no presente e no futuro. A realidade diagnosticada é preocupante, pois as faixas etárias das pessoas com deficiência envolvidas oscilam entre as crianças e os adultos. *Como é que um familiar não compreende a deficiência do seu filho se este já é adulto? Como é que um familiar de uma pessoa com deficiência adulta não tem conhecimento dos serviços existentes ou dos serviços que poderá usufruir no futuro?* Será esta realidade consequência da pouca

escolarização dos familiares ou do comodismo em procurar ofertas mais actuais? Será que essas ofertas, embora previstas, existem?

Na tabela abaixo assinalada é possível evidenciar a posição dos inquiridos face aos vários problemas por instituição. Os resultados obtidos comprovam a ideia de que as maiores dificuldades dos respondentes são na incompreensão da deficiência e no desconhecimento dos serviços de apoio no presente e no futuro. Destacam-se os valores das Instituições *Elo Social* e *CREACIL*, onde por exemplo 11 familiares do Elo Social referem que desconhecem os serviços e apoios que existem num futuro próximo. Por outro lado, na CREACIL 11 famílias mencionam que desconhecem os serviços e apoios existentes no presente.

Veracidade das afirmações	ELO SOCIAL				∑	REDES				∑	APECDA				∑	CREACIL				∑
Incompreensão da deficiência	**4**	**7**	3	5	19	**2**	**2**	1	0	5	**1**	**1**	0	0	2	**6**	**10**	2	0	18
Maneira de lidar	3	5	6	4	18	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	6	8	5	0	19
Maneira de ensinar	3	6	5	3	17	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	6	**10**	2	0	18
Maneira de falar	3	6	5	4	18	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	7	6	6	0	19
Desconhecimento dos Serviços e Apoios no presente	**5**	**8**	4	2	19	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	**11**	**6**	8	0	25
Desconhecimento dos Serviços e Apoios no futuro	**8**	**11**	0	0	19	**4**	**1**	0	0	5	**1**	**1**	0	0	2	**13**	**4**	2	0	19
Crescimento e Desenvolvimento	3	5	7	3	18	1	3	1	0	5	0	0	1	0	1	**8**	5	6	0	19

Totalmente de Acordo | Discordo | Concordo | Discordo Totalmente

Figura 16 – Tabela global dos resultados (Necessidades de Informação)

Em sequência destes resultados, quando questionados relativamente à necessidade de formação ou acções de sensibilização subordinadas a várias temáticas

sobre a problemática da deficiência, os familiares são peremptórios: esta é uma necessidade urgente e que exige uma rápida intervenção.

Considera importante que haja uma formação específica para prestadores de cuidados a pessoas com deficiência?				
	ELO SOCIAL	REDES	APECDA	CREACIL
SIM	**19**	5	2	15
NÃO	----------	----------	---------	3

Figura 17 – Tabela global dos resultados (Formação Específica)

Na análise de cada instituição esta situação também foi diagnosticada pelos técnicos que salientam a grande importância em relacionar-se com pais mais informados e conscientes das limitações dos seus filhos, mas também das suas capacidades. A vontade de haver formações ou acções de sensibilização dedicadas a esta problemática é, neste sentido, uma necessidade bem destacada tanto pelos técnicos como pelos familiares.

No que respeita ao conhecimento que as famílias servidas pelas instituições em estudo têm sobre os diferentes serviços disponibilizados pela autarquia. A tabela abaixo refere que as famílias tendem a conhecer os locais mais próximos das instalações da instituição que acolhe o seu educando. Assim, os familiares cujos filhos estejam no *Elo Social*, sediado perto de Sacavém, destacam o atendimento municipal de Sacavém, o Museu da Cerâmica de Sacavém ou o Parque Urbano de Santa Iria da Azóia. Com os familiares das crianças da CREACIL a situação assemelha-se, na medida em que os serviços mais evidenciados são a Biblioteca Municipal José Saramago (Loures) ou o Parque Municipal de Cabeço de Montachique (Loures).

Das instituições evidenciadas seguidamente, *assinale* aquelas que conhece.				
Nº de família por instituição / Serviço de atendimento municipal	ELO SOCIAL	REDES	APECDA	CREACIL
Atendimento Municipal - Sacavém	4	0	0	1
Atendimento Municipal - Loures	2	0	1	8
BM José Saramago	2	2	0	13
Espaço Internet Bobadela	0	0	0	0
Espaço Internet Camarate	0	0	0	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	1	0	0	1
Gabinete de Apoio à Juventude	3	1	0	8
GesLoures	4	3	0	7
Museu da Cerâmica – Sacavém	11	0	0	6
Museu Municipal de Loures	1	0	0	7
Parque M. Cabeço de Montachique	8	3	1	11
Parque Urbano de Sta Iria da Azóia	10	0	1	6
PAC – Loures	0	0	0	2
PAC – Sacavém	7	0	0	1
Serviço à Criação de Emprego	3	0	0	3

Figura 18 – Tabela global dos Resultados (Vida social no Concelho)

A situação não é menos inquietante, das várias instituições da autarquia poucas são conhecidas. Que justificações podem ser consideradas para esta realidade? *Ainda existe uma necessidade em esconder a deficiência e por isso não há por hábito frequentar sítios públicos? Existe falta de informação face às actividades realizadas nas instituições?* Ou *Não existem actividades programadas e frequentar qualquer destes locais é o mesmo que frequentar um centro comercial?*

Os dados evidenciados espelham uma realidade, a problemática da deficiência ainda tem um longo a percorrer para se aceitável em termos individuais e sociais. Nas entrevistas aos técnicos das instituições este *"longo caminho"* que urge ser percorrido foi uma ideia constante. Alguns entrevistados mencionam que a situação já foi melhor, outros referem que nunca teve boa. As nossas reflexões, neste momento, passam sobretudo pelo trabalho que a autarquia pode projectar para minimizar alguns prejuízos. Na reunião de CLAS descrita acima foram apontadas duas estratégias de combate a esta situação: a formação e a aposta na tecnologia. Mas serão exequíveis numa população envelhecida?

O relatório de diagnóstico prevê-se como um instrumento de intervenção útil e que proponha soluções. Neste sentido é importante reflectir sobre cada um destes valores, não pensando apenas nos números, mas que por detrás deste panorama existem pessoas que merecem, de facto, um serviço público de maior qualidade.

iii. Participação em Actividades Não Previstas:

- ✓ *Encontros Temáticos da Rede Social*

Durante os seis meses em que estive inserida no Secretariado Técnico da Rede Social foram organizados vários encontros temáticos subordinados aos seguintes temas:

- Famílias Multiproblemáticas, 6 de Outubro de 2008
- Por uma cultura de parceria, 4 de Novembro de 2008
- Olhar e Pensar a Deficiência, 3 de Dezembro de 2008

A primeira iniciativa foi realizada três dias após o início do meu estágio, sendo a que mais me marcou nesse sentido. Fui à descoberta de um mundo que não conhecia, contudo penso, neste momento, que foi um passo bastante importante para a minha integração nas dinâmicas da Rede. Cada encontro teve o intervalo, de sensivelmente um mês e penso que no último já me sentia integrada na equipa, delegaram-me algumas competências, o que enquanto estagiária foi importante.

Realmente houve uma grande mudança na minha atitude desde a primeira iniciativa em que me senti completamente descontextualizada, em que não conhecia as pessoas, em que tomei sempre uma atitude muito reservada, até porque ainda estava no

início de tudo. Quando cheguei ao local do encontro dirigi-me logo à minha orientadora e tentei ficar sempre ao pé dela, o que foi difícil, visto que era uma das pessoas que organizava o evento. Depois do almoço e de conhecer algumas técnicas que trabalhavam para a Rede, comecei a sentir alguma familiarização com as pessoas, começando a entrar nas conversas. E assim, penso que no final do Encontro, embora ainda com muitas reservas, senti-me mais integrada na Rede, não com todas as minhas colegas, mas principalmente com a colega que acompanhava o meu estágio.

Com o segundo encontro temático, considero que, embora não tivesse nenhuma competência por realizar, consegui participar mais activamente na sua organização. No dia que antecedeu o encontro tivemos que ir ao local organizar o espaço, foi necessário, colocar a mesa dos oradores e do secretariado, arrumar as cadeiras, ligar o computador, ver se funcionava o Data show, ou seja, preparar uma série de pormenores que teriam que estar em conformidade para o dia seguinte. Nessas tarefas dei o meu contributo, tentando sempre ajudar no que podia. Mais uma vez penso que este passo foi bastante importante para o meu estágio, foi através destas pequenas tarefas que me fui integrando na equipa e que consegui estabelecer relações. Independentemente do trabalho que possamos fazer, um dos aspectos que considero muito importante é o estabelecimento de relações, ou seja, que o estágio no final não seja mais mas que o estágio da pessoa X, que fez isto, isto e aquilo. Foi esta a perspectiva com que entrei na autarquia e penso que foi por mostrar sempre boa vontade que este projecto correu bem.

No dia 3 de Dezembro de 2009 realizou-se o Encontro Temático subordinado ao tema *Olhar e Pensar a Deficiência no Concelho de Loures.* Este foi, para mim, a iniciativa que mais valorizei, tendo em conta todo o trabalho desenvolvido até ao momento. Para apresentarem o seu testemunho foram convidadas algumas instituições que a problemática da deficiência em vários domínios, designadamente a Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente, o Instituto Nacional de Reabilitação, a CREACIL, a REDES e o testemunho de uma ex-atleta com deficiência de alta competição na modalidade de natação.

A ideia da realização deste encontro surgiu de uma conversa informal com a minha orientadora, onde considerámos e tendo em conta o trabalho que se estava a desenvolver, haver alguma iniciativa que simbolizasse o dia internacional da pessoa com deficiência, dia 3 de Dezembro. Como tal e depois de a ideia ter sido discutida com

a coordenadora do serviço, decidiu-se a realização de uma tarde de trabalho sobre esta problemática. Assim a minha participação, neste encontro, foi bastante mais activa, fiquei encarregue de registar as inscrições dos vários participantes e no próprio dia organizei com outra colega o secretariado, onde as pessoas se dirigiam quando chegavam ao local. Nesse momento que antecedeu a abertura da mesa dos oradores permitiu-me conhecer vários parceiros da Rede Social, nomeadamente alguns presidentes de junta de freguesia.

Estes três encontros temáticos dinamizados pela Rede foram três momentos em que tomei consciência do trabalho que poderia ser feito, bem como a possível projecção que este poderá ter. Por norma as várias iniciativas são divulgadas por todas as instituições parceiras do CLAS (Conselho Local de Acção Social), que se traduzem nos organismos que promovem o desenvolvimento do concelho, incluindo juntas de freguesia, IPSS, ONG'S, Segurança Social, ou seja, existe uma panóplia de instituições cujos problemas tratados são de diversa ordem, em que a nossa intervenção pode ser preponderante, enquanto organismo que pretende promover o desenvolvimento do local.

Mostra de Emprego e Formação Profissional

Nos dias 14, 15 e 16 de Maio de 2009 foi organizado pela Câmara Municipal de Loures (Divisão de Actividades Económicas e GARSE) em parceria com a Rede Social e o Centro Local de Apoio e Integração do Imigrante (CLAI) uma mostra de emprego e formação profissional em Sacavém. Esta iniciativa contou com vários expositores que continham ofertas educativas para o ensino secundário e superior, bem como várias ofertas de emprego temporário. A minha participação nesta actividade foi a vários níveis, tanto antes com nos próprios dias do encontro.

Nos dias que antecederam, fui juntamente com as minhas colegas conhecer o espaço em que iria decorrer este evento, de forma a saber a sua localização, visto que teria que ir para o local pelos meus próprios meios. Quando chegámos ao local conhecemos o espaço físico, a Escola Bartolomeu Dias em Sacavém, bem como o espaço do expositor da Rede Social. No pavilhão ainda estavam os responsáveis pela montagem dos stands, pelo que não pudemos estar muito tempo no espaço.

Para além disso, no dia antes à inauguração da iniciativa era necessário ajudar em todo o trabalho relativo ao stand da Rede Social nomeadamente dobragem de panfletos informativos sobre as comissões sociais de freguesia e inter – freguesias, organização do espaço, fazer contactos telefónicos entre outras tarefas mais. Assim, nesses dias, as minhas tarefas consistiam em dobrar os vários panfletos realizados pelas várias técnicas das comissões sociais, em sempre que necessário fazer algum contacto telefónico, ajudar na organização e decoração do espaço da Rede Social.

Nos dias da Mostra de Emprego fiz o acompanhamento dos autocarros, isto porque todas as escolas de 3º ciclo e ensino secundário foram convidadas a visitarem o espaço da iniciativa, bem como instituições cujo trabalho se direccionava para jovens, para desempregados, ou minorias étnicas. Em cada dia estavam previstas um determinado número de organizações, havendo cinco autocarros que as transportariam. Todavia neste transporte era necessária a presença de uma técnica que iria informando a organização da chegada de um novo grupo. Era necessário, por isso estar em constante contacto com as minhas colegas, bem como com os motoristas dos autocarros, visto que caso o grupo se atrasasse na visita estes teriam que ser avisados. Para além dessas funções, enquanto esperava que o grupo participasse na Mostra, estive no stand da Rede Social, visto que como era o primeiro, muitas pessoas dirigiam-se para fazer algumas questões.

A minha participação nesta iniciativa foi muito motivante e enriquecedora, porque tinha que estabelecer várias relações, tinha que ter uma capacidade de rápida resolução de problemas, visto que ou os autocarros ou o grupo atrasavam-se ou havia sempre algum imprevisto que exigia uma rápida solução. Para além disso, houve uma instituição que à última da hora decidiu participar nesta iniciativa e, como já não haviam mais técnicas disponibilizei-me, para ir buscá-los à associação.

Na minha opinião, embora estas tarefas fossem simples, tinha que haver por outro lado uma grande capacidade de resposta aos problemas, bem como de desembaraço e penso que esse aspecto me ajudou muito. Considero que esta iniciativa foi aquela em que eu me senti mais participativa. As minhas colegas do Secretariado contavam com a minha presença para a realização de qualquer tarefa, o que, enquanto estagiária, foi muito motivante. Nesta actividade senti-me completamente integrada na equipa. Desenvolvi algumas competências, principalmente a capacidade de nos

desenvencilharmos sozinhas, sem um orientador por trás, visto que andava sozinha nos autocarros. As tarefas que me foram atribuídas permitiram o aprofundamento das minhas capacidades de relacionamento com o outro. Penso que tenho mais facilidade em falar tanto com um professor, com um técnico, com um aluno. Acredito que perdi receios que tinha, principalmente em contactar com tantas pessoas e tão diferentes.

Sessões sobre a construção do Plano Municipal para a Igualdade

Uma das medidas da autarquia para o presente ano passa pela construção do Plano Municipal para a Igualdade (PMI). Neste sentido a Rede Social, em parceria com o GARSE, promoveram algumas actividades que visam atingir esse objectivo.

A primeira delas foi a acção de sensibilização subordinada ao tema da Igualdade de Género que se realizou no dia 8 de Janeiro de 2009. Esta acção foi tida como uma consciencialização para as instituições envolvidas sobre esta problemática. Tornou-se assim uma estratégia de acção bastante positiva, tendo em conta que se evidenciou um conjunto de ideias que todos inconscientemente adoptamos no nosso quotidiano e que são discriminatórias. As entidades convidadas confrontaram-se com estereótipos que tendem a promover práticas profissionais que incitam desigualdades não apenas em relação ao género, mas, também, sobre a condição física ou a etnia. Nesta acção abordou-se de tudo um pouco, desde a sinalética usada em vários locais (como por exemplo nas casas de banho, o que ainda distingue o homem da mulher é a roupa que eles usam) até às disparidades de género em termos de ordenados. Considero que, e tendo em conta o público envolvido, as reflexões patenteadas nesta sensibilização não foram bem aceites, porque compreendem fundamentalmente a questões culturais. A maior parte dos dirigentes das instituições é de uma fixa etária envelhecida, que sempre concebeu o homem como aquele que deveria ocupar-se pelo bem – estar da família, enquanto a mulher pelas lides domésticas. É complicado, neste sentido, alterar esta mentalidade conservadora. Todavia, o caminho faz-se caminhando e, para tal, é necessário mobilizar as pessoas para outras ideias de forma a garantir uma maior equidade na sociedade.

Depois desta acção de sensibilização, nos dias 19 de Maio, 3 e 24 de Junho de 09 realizaram-se três workshops sobre a Igualdade, com vista a redigir o PMI. No primeiro dia definiram-se quais os eixos estratégicos de intervenção que deveriam delinear este plano. Ficou, assim, no final do dia determinado que estes seriam a comunidade educativa, a família e as organizações. Estas conclusões surgiram por um trabalho bastante participativo de todos os envolvidos através de várias dinâmicas de grupo, as quais levavam à reflexão sobre a realidade do concelho pegando nas áreas de intervenção ditadas pelo Diagnóstico Social de 2006.

Os restantes workshops realizados foram dedicados a cada um dos eixos estratégicos, nos quais se pretendia definir objectivos mensuráveis, alcançáveis, sustentáveis e exequíveis, bem como acções subsequentes a implementar no PMI. As dinâmicas adjacentes a esta iniciativa foram muito interessantes e participativas. Por norma todos os participantes deram a sua opinião sobre estas temáticas, mencionando as suas experiências no contexto em que a sua instituição estava inserida. Este confronto de opiniões é deveras muito interessante, visto que em cada grupo de trabalho convergiam diferentes técnicos que, sobre a mesma temática tinham opiniões algo contraditórias. Uma das ideias mais mencionadas foi a necessidade de formar os indivíduos para estas questões, contudo a consciencialização para a igualdade de género não pode passar apenas por formar é importante que as entidades, na sua maioria, públicas promovam vários mecanismos que possibilitem uma prática laboral não discriminatória.

CONCLUSÕES

- **Trabalho De Diagnóstico**

O presente trabalho foi olhado como uma mais – valia para a autarquia. De facto, foi possível entrevistar técnicos responsáveis por sete instituições especializadas em deficiência, na sua maioria sediadas em Lisboa, inquirir cerca de 60 famílias, envolver, através do preenchimento de um questionário, oito serviços de atendimento municipal, apesar das dificuldades que se foram encontrando ao longo do estágio. Tendo em conta, a situação desprotegida das pessoas com deficiência, a realização do diagnóstico pretendia conhecer mais aprofundadamente a realidade social e educativa deste grupo. Para a recolha dos dados utilizou-se entrevistas aos técnicos das instituições, questionários aos familiares e inquéritos aos serviços de atendimento da Câmara Municipal de Loures. Os resultados obtidos, por sua vez, fundamentam as futuras acções a implementar no concelho.

Ao longo da recolha de dados foram surgindo constrangimentos, os quais moldaram o progresso do diagnóstico. De entre eles destaco a dificuldade em mobilizar os pais. Na verdade, apercebi-me, que alguns técnicos se sentiam constrangidos em levar a cabo os questionários, pelo facto de alguns pais dos indivíduos com deficiência serem, eles próprios, portadores de deficiência. Esta resistência evidenciou-se, sobretudo, na deficiência mental.

No entanto, apesar de insatisfeita com os resultados obtidos, considero que foi dado um passo ao nível da sensibilização para este problema, junto dos responsáveis autárquicos. Realmente, através de pesquisas feitas, constatei que existem em muitos concelhos um trabalho na área da deficiência, nomeadamente: existem alguns gabinetes de apoio ao deficiente que desenvolvem acções, esclarecem dúvidas, que tentam minimizar os prejuízos causados pela incapacidade e prestam um serviço público de maior qualidade. Pelo contrário, no concelho de Loures e não desvalorizando o trabalho das instituições, a realidade é bem diferente em particular no que respeita à autarquia. Este estágio, ao evidenciar ainda *"um longo caminho a percorrer"*, veio trazer este problema à atenção da autarquia, salientando a necessidade de fomentar uma prática de efectiva inclusão.

O desenvolvimento integrado de um território tem que passar pela promoção da igualdade de oportunidades através das várias dinâmicas que implementa. Neste sentido é importante conhecer a realidade para que todas as actividades sejam conducentes aos recursos endógenos existentes no local. Este diagnóstico apresenta uma realidade preocupante, sendo importante que as futuras acções se fundamentem nestes dados. É necessário, por isso, haver um trabalho de reflexão entre o grupo dinamizador a fim de se projectarem acções o mais próximas da realidade observada, que tenham como fim a atingir a inclusão das pessoas com deficiência.

Nas instituições foram visíveis diferentes valências de atendimento e considero que o trabalho feito é, de facto, bastante enriquecedor. *No entanto o que acontece quando o jovem adulto com deficiência tiver que sair da Instituição? Vai para casa? Vai para um Lar?* Qualquer trabalho feito numa instituição é interpolado por esta situação. *Ou então, acontece como no ELO SOCIAL que tendo a valência de residência existem 300 pessoas em lista de espera?* Sem ser através da modalidade de emprego protegido e possibilidade de ingressar, posteriormente, numa modalidade de não protecção, são escassas as entidades empregadoras que acolhem pessoas com deficiência, mesmo que esse acolhimento lhes traga benefícios. A situação é preocupante. Todavia considero que existe já um caminho traçado, existe uma legislação que é aplicável. Urge, no entanto, optimizar recursos humanos, físicos e sobretudo financeiros para alcançar uma realidade mais justa e equitativa para as pessoas com deficiência.

Nesta perspectiva, o presente trabalho orientou-se para as instituições especializadas, onde se prevê que se desenvolva um trabalho que permite atenuar os prejuízos para a pessoa pela incapacidade que possui. Porém, existem muitas outras pessoas, que não tendo a possibilidade de frequentar uma instituição, ingressaram nas escolas regulares. Após o ensino obrigatório o que lhes acontece? Há pouco questionou-se se iriam para casa ou para um lar? Por norma vão para casa e é nesse publico específico que se pretendia, também, dirigir o diagnóstico. No entanto, tal não foi possível, tendo em conta que teria que ser a Segurança Social a facultar-nos alguma informação relativamente as estas situações. Perante esta dificuldade, o diagnóstico abrangeu a realidade específica das pessoas institucionalizadas.

Em suma, o trabalho de campo desenvolvido no âmbito do Diagnóstico da população deficiente realizado espelha uma realidade, com os seus constrangimentos e seus pontos fortes. A situação das pessoas com deficiência é na sua maioria desprotegida, não tanto na parte social, mas mais a nível educativo e formativo. Nestes domínios as pessoas com deficiência continuam a ser marginalizadas, continua a não haver um investimento na sua formação. Torna-se necessário, ter em atenção a especificidade de cada deficiência. Contudo é ao investir na formação e na qualificação das pessoas com deficiência que se conseguirá minimizar a sua exclusão social e é nessa perspectiva que as autarquias deveriam dirigir o seu trabalho, apostando na ideia de que é ao estimular a inclusão que a pessoa com deficiência se torna um cidadão mais activo e participante, diminuindo assim os custos sociais associados a este grupo social.

- **Balanço De Competências**

A realização deste trabalho foi sem dúvida uma constante aprendizagem, em todos os momentos. Não consigo referir um único momento "mau" nestes meses de estágio. Desde a participação nas actividades ao trabalho de campo realizado, considero que este estágio foi bastante enriquecedor. Tive a sorte de ter no secretariado técnico uma orientadora de estágio fantástica que me ajudou em todos os momentos. Para mim foi uma mais-valia sentir-me membro desta equipa. No inicio senti-me um pouco sozinha e não sabia muito bem o que poderia fazer ou não. Lembro-me de que, nos primeiros dias, quando saía do estágio ligava a colegas a contar o meu dia, sendo esta uma forma de os integrar nas minhas actividades. Inconscientemente necessitava das suas opiniões face às diferentes tarefas que iria realizando.

Todavia, após o primeiro mês de trabalho e depois de ir observando o funcionamento do local, comecei a desligar-me dessa rotina e a envolver-me de outra forma no projecto. Comecei a relacionar-me com colegas de outros serviços e a sentir, por parte destes, o reconhecimento do meu trabalho. Depois, com o passar do tempo e com o contacto diário, o ambiente na Rede foi-se tornando cada vez mais propício à aprendizagem, cada vez mais enriquecedor e acolhedor. Sabia que tinha ao meu lado colegas que me viam não apenas como a estagiária, mas como uma profissional.

A minha expectativa em relação a este estágio não era muito grande, foi uma resolução à última da hora. Inicialmente pensei que não fizesse muito para além do estabelecido no plano de acção e que a minha intervenção se circunscrevesse àquele contexto. Para mim, o momento em que realmente tomei consciência do trabalho que poderia ser feito caso houvesse, da minha parte, motivação e iniciativa, foi na primeira reunião do grupo de trabalho, quando me deram voz e me deixaram expor as minhas ideias. O grupo ao concordar com a minha perspectiva de trabalho , depositou em mim bastantes expectativas. Trabalhei com pessoas muito humildes e que realmente foram um exemplo de profissionalismo. E esse aspecto, mais do que os dados que eu possa recolher, é para mim uma mais-valia, porque, independentemente dos anos de serviços e das áreas de intervenção, nunca se sobrepuseram ou ignoraram a minha presença.

Trabalhar no desenvolvimento foi outro dos aspectos importantes no meu estágio, porque foi uma área em que sempre quis investir. Para mim, enquanto profissional, sempre me interessaram as questões ligadas ao território e todos os processos inerentes ao seu desenvolvimento. Embora considere que o trabalho numa autarquia é , por vezes, muito burocrático e político, sinto que no Secretariado Técnico da Rede Social são as pessoas que interessam. Existe um serviço que é feito para garantir o bem-estar do próximo. Não sou ingénua e a pensar que não são os números que importam aos dirigentes. Exemplo disso, foi na apresentação dos resultados que preparei para a Reunião de CLAS, ter sublinhado os aspectos mais "vantajosos" para a Câmara. No entanto, considero que o trabalho que é feito diariamente é de facto para as pessoas e, é por acreditar nisso, que este estágio foi uma mais-valia e uma aprendizagem enorme para mim, enquanto pessoa e profissional.

Fazendo uma retrospectiva de competências desenvolvidas, julgo que percorri um enorme caminho, cresci enquanto licenciada em ciências da educação. O facto de ter participado em algumas actividades que exigiam de mim a rápida capacidade de resolver problemas, o que inicialmente, me assustou, tornou-me mais consciente das minhas capacidades. Todo o trabalho que desenvolvi foi tão benéfico para mim, como para o contexto em que estive inserida. Foi através do meu trabalho que se concretizou um dos objectivos do Plano de Desenvolvimento Social, o que para o Secretariado Técnico foi uma mais-valia. No entanto, a realidade foi "remexida" e neste momento as

instituições envolvidas esperam da Câmara de Loures, um trabalho na área da deficiência, que só será possível porque se iniciou este processo de diagnóstico.

Assim e para terminar o relatório penso ser pertinente reafirmar a importância do diagnóstico e todo o trabalho de campo desenvolvido. As idas às instituições abriram portas para eventuais futuras parcerias; os familiares envolvidos começam a sentir por parte da autarquia um interesse pela problemática da deficiência; e, sobretudo existe um novo retrato sobre esta população, uma imagem um pouco distorcida da efectiva realidade, mas que sobretudo, nos aparece como uma nova fonte de dados, que permitirá iniciar um trabalho de intervenção. Cada passo a seu tempo, e neste momento é oportuno que revejam na autarquia, uma instituição que pretende desenvolver um trabalho mais próximo dos seus munícipes, sempre com a finalidade de prestar um melhor serviço público. E, tal como referia J.F. Kennedy *"lutar pelos deficientes, é uma forma de superar as nossas próprias deficiências"*.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, J. (1995). *A Educação Especial em Portugal: Aspectos da sua formação histórica e a emergência das organizações de pais de cidadãos deficientes mentais.* Dissertação para a obtenção do Mestrado em Ciências da Educação – Educação, Desenvolvimento e Mudança Social. Porto - FPCE – UP

ANMP[3], (1985). *Carta Europeia de Autonomia Local. Edição Comemorativa dos 20 anos do poder local.* Estrasburgo.

AQUINO, D. (2006). *O Cuidador de Portadores de NE em assistência odontológica.* Dissertação para a obtenção do grau Mestre – Universidade de Paris

BAIXINHO, A. (2008). *Educação e Autarquias. Lógicas do poder autárquico face ao poder central e aos micro – poderes locais.* VI Congresso Português de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

BODGAN, R. e Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto Editora

BUARQUE, S. (1999). *Metodologia de Planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável.* Projecto de Cooperação Técnica INCRA/ IICA. PCT- INCRA/ IICA. Brasília

CANÁRIO, R. (2000). *Educação de Adultos – Um campo e uma problemática.* Lisboa: Educa

CORREIA, L. M. (2003*). Educação Especial e Inclusão* – Qu*em disser que uma vive sem a outra não está no seu perfeito juízo.* Colecção Educação Especial. Porto: Porto Editora.

[3] Associação Nacional de Municípios de Portugal

COSTA (s/d). *Sistema de ensino em Portugal. Educação Especial*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

DIAS, J. C. (1996). *A Problemática Da Relação Família/Escola E A Criança Com Necessidades Educativas Especiais.* Trabalho final para obtenção do diploma do Curso de Estudos Especializados – Educação Especial. Instituto Jean Piaget

ESTRELA, A. (1994). *Teoria e prática de Observação de Classes – Uma estratégia de Formação de Professores.* Porto Editora: Porto

FERNANDÉZ, F. (2006). *As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas.* Educa: Unidade de I&D de Ciências da Educação. Lisboa

FERREIRA, V. (2005). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In: Silva, A. & Pinto, J. (2005). *Metodologia das Ciências Sociais. Edições Afrontamento: Porto,* pp. 165- 196

FERREIRA, M. Mira, E. & Faria, J. (s/d). *A Deficiência Mental*. Consultado em: Janeiro de 2009. Disponível em: *http://redes.org.pt/index.php?option=com_content&task=category&sectionid=7&id=18&Itemid=27*

INE (2002). *Censos 2001 – Análise da População com deficiência*. Informação à comunicação social.

LOPES, A. & Reto, L. (1992). Barroso: conservar para desenvolver. In: *Formar,* 7 p.41-48

MACIEL, M. (2000). Portadores de Deficiência – a questão de inclusão social. In: *São Paulo em Perspectiva. Vol.14 nº 2 pp. 51 – 56*

MELO, A. (2005). Formação de Adultos e Desenvolvimento Local In: Canário R. e Cabrito B. *(2005). Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências.* Educa: Lisboa pp. 97 – 113

PARDAL, L. e Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação Social*. Porto: Areal Editores

PEREIRA, F. (coord.) (2004). *Caracterização dos estabelecimentos de educação especial. Um estudo aprofundado.* ME: Direcção – Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular

ROCHA & Bursztyn (2005). A importância da participação social na sustentabilidade do desenvolvimento local. In: Interacções. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol.7.nº 11, p. 45-52*

s/a, (s/d). *A deficiência.* Consultado em Janeiro de 2009. Disponível em: http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1038927219

s/a (s/d) b). *Da perspectiva assistencial à perspectiva educativa*. s/e

SASSAKI, R. (2005). Como chamar as pessoas que têm deficiência? In: Romeu Sassaki *(2003) Vida Independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, pp. 12-16.*

SANCHES, I. & Teodoro A. (2006). *Da Integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos.* Revista Lusófona de Educação, 8, pp. 63 – 83

SNR[4], (1996). *Inquérito Nacional às Incapacidades, Deficiências e Desvantagens.* Lisboa.

[4] Secretariado Nacional de Reabilitação

VALA, J. (2005). Análise de Conteúdo. In: Silva, A. & Pinto, J. (2005). *Metodologia das Ciências Sociais.* Edições Afrontamento: Porto

VERÍSSIMO, (2001). *Inclusão da Pessoa com Necessidades educativas Especiais – Velhos e Novos Paradigmas.* Consultado em: Novembro de 2008. Disponível em: http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAbr2001_Artigo%202.rtf

Vv. (1994). *Declaração de Salamanca – sobre princípios, políticas, e práticas na área das Necessidades Educativas Especiais.* Consultado em Janeiro de 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf

Vv. (2006).*Diagnóstico Social do Concelho de Loures.* Rede Social: Câmara Municipal de Loures

XAVIER, R. (2008). *Famílias com filhos portadores de deficiência – quotidiano e representações.* Dissertação para a obtenção do grau Mestre em Sociologia – Família e Sociedade. ISTCE – Lisboa

Legislação Consultada:

Decreto – Lei nº 115/2006, de 14 de Junho

Consagra os princípios, finalidades e objectivos da rede social, bem como a constituição, funcionamento e competência dos seus órgãos.

Sites Institucionais:

www.cmloures.pt

"Deixai-me viver e aprender, como sou
e com todos os meus amigos!"
(cit. Sanches e Teodoro, 2006)

❖ *O PORTADOR DE DEFICIÊNCIA DE HOJE: CONCEITOS ASSOCIADOS*

A *deficiência* tem vindo a ser encarada como uma problemática que sugere um conjunto de medidas interventivas, tanto a nível social como físico, mas que, de uma forma geral, visem a inserção da pessoa com deficiência na sociedade. Este trabalho, por seu lado, pretende detectar as carências e dificuldades das famílias / pessoas portadoras de deficiência residentes do concelho de Loures, como forma de sensibilizar a restante população para esta problemática, incrementando assim, uma mentalidade mais receptiva à diferença. Deste modo concretiza-se um dos objectivos do eixo estratégico que passa por instituir acções que viabilizem a melhoria da qualidade da intervenção social no Concelho de Loures.

A Organização Mundial de Saúde, designada por OMS, (1976) enquanto instituição de referência relativamente às questões da saúde, considera três classificações internacionais que resultam desta problemática:

Pessoa portadora de deficiência: "*aquela que por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de estrutura ou função psicológica, intelectual, fisiológica ou anatómica susceptível de provocar restrições de capacidade, pode estar considerada em situação de desvantagem para o exercício de actividades consideradas normais, tendo em conta a idade, o sexo e os factores sócio – culturais*";

Incapacidade:[1] *"consiste na restrição ou falta de capacidade para realizar uma actividade dentro dos limites considerados normais para um ser humano"*.

Desvantagem (handicap): "*condição social de prejuízo sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita ou impede*

[1] A OMS elaborou um documento intitulado CIF – *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde* com o intuito de proporcionar uma linguagem unificada e padronizada bem como uma ferramenta de trabalho para a descrição da saúde e dos estados relacionados com esta problemática. A CIF agrupa, sistematicamente, os diferentes domínios de uma pessoa com determinada condição de saúde, ou seja, aquilo que cada pessoa com determinada deficiência pode ou não fazer, relacionando isso com vários factores. *Mais informações sobre estas diferentes estruturas, consultar o documento: CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde datado de 2004.*

o desempenho de uma actividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores sócio – culturais."

Confrontando estas classificações salienta-se uma relação entre elas, na medida em que a *deficiência* respeita a toda a alteração do corpo, da aparência física ou de um órgão, independentemente da sua causa, tratando-se assim da exteriorização da doença. A *incapacidade*, por seu lado, diz respeito à consequência da deficiência em termos de desempenho ou seja, considera a actividade funcional do sujeito. Enquanto que a *desvantagem* respeita aos prejuízos experimentados pelo sujeito, à sua adaptação e interacção com o meio e às consequências sociais que tanto a deficiência como a incapacidade em si implicam. (Xavier, 08).

Considera-se assim, portador de deficiência, aquele que tem determinadas condições específicas[2] e que por isso necessita de serviços de educação especial[3] durante o seu percurso escolar, facilitando assim o seu desenvolvimento integrado. Estas condições específicas devem, por sua vez, ser identificadas através de uma avaliação exaustiva realizada por uma equipa multidisciplinar (*equipa de programação educativa individualizada* – EPEI) que possibilitará assim, uma programação educacional individualizada que responda às suas necessidades (Correia, 2003).

Associadas a estas perspectivas surge a definição de *necessidades* que reportando a esta questão, se focaliza nas necessidades especiais e necessidades educativas especiais. Como *Necessidades Educativas Especiais (NEE)*, Brennan (1988) citado por Itard (s\d) considera as deficiências físicas, sensoriais, intelectuais, emocionais, sociais ou qualquer outra combinação entre elas, que afectam a aprendizagem de tal forma que são necessários alguns ou todos os acessos especiais ao currículo. Para além disso, as NEE podem apresentar-se como um ponto do *continuum* que pode ser ligeiro ou grave, permanente ou temporário. Relativamente às *necessidades especiais* evidenciam-se através de duas situações diferentes, populações que devido a vários condicionantes sócio – culturais podem estar em desvantagem e por

[2]*Entende-se por condições específicas um conjunto de problemáticas relacionadas com o autismo, a surdo – cegueira, as perturbações emocionais graves, deficiência auditiva, a deficiência visual, os problemas motores, os problemas de comportamento, as dificuldades de aprendizagem, os problemas de comunicação, a multideficiência e outros problemas de saúde (epilepsia, SIDA, diabetes…).* (Correia, 2003).

[3] Consideram-se *serviços de educação especial: um conjunto de serviços de apoio especializados destinados a responder às necessidades especiais dos alunos com base nas suas características, capacidades e necessidades, com o fim de maximizar o seu potencial*. (Correia, 2003).

isso, o insucesso escolar poderá ser maior. Por outro lado, manifestam-se, igualmente em situações que embora graves, podem não ter qualquer consequência no processo e progresso educativo do aluno, exigindo apenas um amplo serviço de apoio que facilita o acesso ao currículo (Itard, s/d). Contudo, uma ideia central que é convergente a estes dois conceitos é preconizada na Declaração de Salamanca (1994), *"todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares"* têm o direito a usufruir de um conjunto de instrumentos propícios à aquisição de uma educação mais fundamentada.

Coadunados a este panorama epistemológico surgem os conceitos de *integração e inclusão*, na medida em que são impulsionadores de uma nova forma de encarar a pessoa portadora de deficiência e consequentemente, de inseri-la na sociedade. Inicialmente surgiu o conceito de *integração* que se entende como um conjunto de princípios com o pressuposto de oferecer serviços educativos que se institucionalizam através de uma variedade de alternativas de ensino ou de aulas adequadas ao plano individual do aluno, maximizando assim, a participação das pessoas com deficiência em actividades comuns (Itard s/d; Sanches e Teodoro, 2006). Esta nova perspectiva apresenta-se como um fim a atingir, que obedece a diferentes fases de um processo, devendo a sua implementação ser progressiva, como e quando for possível. Assim, através deste desígnio salienta-se a ineficácia de orientações e práticas tradicionais de educação especial, onde estavam inerentes processos discriminatórios nos seus fundamentos. (Itard, s/d). Tentou-se, deste modo, integrar o portador de deficiência numa sociedade pré – regulada e padronizada, cujas acessibilidades para incluir o deficiente eram em si incipientes.

Atendendo a esta problemática surgem algumas opiniões divergentes: uns autores consideram a integração uma boa estratégia para a inserção de pessoas portadoras de deficiência na sociedade, enquanto que para outros esta intervenção não é mais daquilo do que já foi feito, pois embora se concretizem práticas integradoras ainda está subjacente a ideia de que o portador de deficiência se deva manter excluído da turma, e consequentemente mais tarde da própria sociedade. No seguimento destas controvérsias aparece, assim, o conceito de *inclusão*, na medida em que se evidencia um *"empenhamento da escola em receber todas as crianças, reestruturando-se de forma a poder dar uma resposta adequada à diversidade dos alunos"* (Costa, s\d). É importante, desta forma considerar a *inclusão* como uma estratégia que valoriza o sujeito portador

de deficiência, enquanto ser activo na sociedade, devendo ser esta que se adapta às suas necessidades e dificuldades. Exemplo dessa adaptabilidade, a *Declaração de Salamanca* (1994) veicula a ideia de que as escolas regulares devem possuir uma orientação inclusiva, na medida em que garantem a todas as crianças um lugar na escola e é esta que se deverá adequar à diversidade da população escolar, preconizando assim a máxima de "*Educação para Todos"* (Declaração de Salamanca, 1994). Deste modo, tendencialmente afasta-se uma visão tecnicista das deficiências do indivíduo, adoptando-se uma nova abordagem que valoriza os factores contextuais, culturais e estruturais inerentes ao processo de ensino – aprendizagem (Itard s/d).

Neste sentido, para corroborar esta nova evidência instituem-se conceitos inclusivistas, nomeadamente o conceito de *autonomia*, que se concretiza pela relação existente entre a capacidade que o individuo portador de deficiência tem de se movimentar e a realidade físico – social existente na sociedade, de forma a preservar a sua privacidade e a sua dignidade. (Sassaki, 1997, cit. Veríssimo s\d) Isto significa que a autonomia de um individuo portador de deficiência é tanto maior quanto a capacidade que este tem de se movimentar sozinho na realidade que o envolve. Desta forma torna-se inevitável que a sociedade reúna as condições necessárias para que o portador de deficiência possa usufruir dos mesmos direitos que qualquer outro cidadão. Atendendo a esta necessidade de mútua adaptação estabelece-se um novo principio – *inclusão social*, que se define como um processo em que a sociedade congrega as condições necessárias para que a pessoa portadora de deficiência se inclua no seu sistema social, ao mesmo tempo, que esta se prepara para assumir o seu papel na sociedade (Veríssimo, s\d). Nesta perspectiva ressalta-se a ideia de que para a concretização deste pressuposto é importante que haja uma adaptabilidade da sociedade em relação à pessoa portadora de deficiência, mas que simultaneamente, também se evidencie por parte desta um esforço por definir o seu próprio poder social que lhe permite tomar determinadas opções.

❖ *A FAMÍLIA E O CUIDADOR*

Para ajudar a pessoa portadora de deficiência a definir o seu papel na sociedade, a *família* aparece como primeiro núcleo de pessoas onde o indivíduo inicia as suas primeiras experiências de interacção. Caracteriza-se, assim, por ser tanto biológica

como socialmente a "*unidade micro de um todo mais vasto de agrupamentos que compõe o tecido social"* (SNRIPD, 1999). Representa e manifesta, por outro lado, valores éticos e culturais de solidariedade para o ser humano, sendo que as suas responsabilidades implicam um contributo activo para o bem-estar dos seus membros. Assim, tendo em conta esta problemática, o trabalho com famílias pressupõe uma abordagem individualizada, como forma a compreender as diferentes reacções ao impacto causado pelo indivíduo com deficiência, respeitando os seus valores, crenças, aspirações e prioridades.

Turnbull (1990) citado pelo SNRIPD (1998) identifica quatro variáveis que influenciam o modo como a deficiência afecta a família, nomeadamente, as *características da deficiência*, ou seja, o grau de autonomia do portador de deficiência; o *background cultural*, que diz respeito às próprias características que a família possui, como por exemplo o estatuto sócio – económico ou a própria estrutura familiar; as *características individuais de cada membro da família* ou as *situações especiais* como a pobreza ou o abandono que condicionam, igualmente, as várias reacções da família face à deficiência. Neste sentido reconhece-se este organismo social como um elemento central no desenvolvimento integrado do indivíduo portador de deficiência, na medida em que o ambiente proporcionado pelo seu conjunto influência positiva ou negativamente o bem-estar deste sujeito.

Contudo, assumir-se enquanto família de um indivíduo portador de deficiência pode ser um processo complexo, visto que a própria sociedade, como organismo social, ainda não está preparada para aceitar a diferença, onde previsivelmente assume o individuo portador de deficiência como um ser dependente do outro e incapaz de gerir o seu próprio destino, o que nem sempre corresponde à realidade.

Na sociedade actual, incrementa-se o pressuposto da massificação e da universalização de gostos, modas, de comportamentos e de capacidades evidenciando-se uma globalização de comportamentos pessoais e sociais, que valorizam uma economia de mercado e de produção cada vez mais competitiva. Assim, atendendo a esta necessidade emergente de *querer sempre mais*, torna-se complicado abranger o deficiente neste horizonte económico – social, tendo este aspecto repercussões negativas muito evidentes na imagem do deficiente tanto a nível pessoal como social. (Rodrigues, 2001 cit. Xavier, 2008), dificultando assim a própria inserção na sociedade \ comunidade.

Desta forma, atendendo às vicissitudes que a pessoa portadora de deficiência está sujeita diariamente considera-se imprescindível garantir o seu próprio equilíbrio emocional, como possível estratégia de superação dessas dificuldades. Neste sentido, os cuidadores apresentam um papel de relevante importância, visto que, para além de salvaguardarem os cuidados médicos, têm em conta a parte emocional do indivíduo. Isto porque e parafraseando Menezes (1998) o acto de cuidar pressupõe uma relação de responsabilidade entre o sujeito e o objecto onde um necessita do outro, para que se estabeleça efectivamente este pressuposto.

Segundo Dias, Wanderley e Mendes (2002) citados por Aquino (2006) existem dois tipos de cuidadores, os principais e os secundários. Sendo que o primeiro caso respeita àqueles que têm total ou maior responsabilidade pelos cuidados prestados (podendo ser familiares ou não) e os segundos incluem os familiares, voluntários e profissionais que prestam actividades complementares e pontuais às restantes. Assim, nesta perspectiva, consideram-se abrangidos na terminologia *cuidador*: os *cuidadores formais* como os principais ou secundários, os *profissionais contratados* onde integram os enfermeiros, empregadas domésticas, por exemplo, e os *cuidadores informais* que respeitam ao familiares, amigos ou voluntários que complementam os tratamentos prestados pelos anteriores. Deste modo, evidencia-se um leque bastante abrangente de pessoas que poderão exercer o acto de cuidar para com o portador de deficiência. Bayley (1985) citado por Aquino (2006) estratifica os vários tipos possíveis de ajuda, onde se apresenta os cuidados muito pessoais (dar banho), os cuidados pessoais (cozinhar), os cuidados gerais (fornecer medicação) e os cuidados sociais (idas ao médico ou ao banco).

Neste sentido cuidar não aparece apenas associado a cuidados médicos, mas também a aspectos mais simples e corriqueiros da vida do portador de deficiência. Embora anteriormente se tenha estabelecido vários tipos de cuidadores é importante ressaltar a ideia de que a sua própria identidade é estabelecida pela actividade do *cuidar,* em que não se redefine apenas o sentir, mas também o pensar na sua nova função e todas as responsabilidades que isso acarreta. Assim, este novo papel que desempenha não muda apenas a sua rotina, mas pressupõe a construção de uma nova identidade, porque ser cuidador não é apenas zelar pelo doente, mas garantir a sua recuperação (Aquino, 2006).

Neste sentido e mencionado as palavras de Karsch e Leal (2004) mencionados por Aquino (2006) é "*necessário entender que a competência humana para cuidar, deve ser entendida como um assumir a responsabilidade do cuidado partindo da concepção de saúde como qualidade de vida, interagindo com o cliente / usuário / cidadão, (...), valorizando a sua autonomia para assumir a própria saúde e agir mobilizando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores (...)"*. Isto significa que ser cuidador pressupõe um conjunto de competências específicas, onde acima de tudo se garante a qualidade de vida do cidadão portador de deficiência. Para tal é importante reconhecê-lo como um ser activo, dentro das suas limitações, sendo para isso necessário mobilizar conhecimentos, atitudes e valores.

Todavia, na maior parte das situações os próprios cuidadores sentem-se desinformados sobre a responsabilidade que este acto acarreta, fomentando assim uma prática desactualizada face à situação actual, tendo isso resultados depreciativos para o desenvolvimento equilibrado do portador de deficiência e para a própria vida do cuidador. Como solução mais preeminente encontra-se na formação um recurso indispensável, entendendo-a, para tal, como um processo de transformação individual que abrange três domínios diferentes, o saber (conhecimentos), o saber – fazer (capacidades) e o saber – ser (atitudes). (Canário, 2000)

A escola aparece, deste modo, como a entidade social que possibilitará essa transformação, sendo que *"investir qualitativamente na participação dos pais nas escolas (...) pode favorecer modelos de integração das necessidades especiais"* (Wolfendale, 1987, cit. SNRIPD, 1999). Para além disso e citando Hegarty (1981) parafraseado por SNRIPD (1999), *"o maior recurso dos países em vias de desenvolvimento para ajudar as pessoas com deficiência, as quais podem ser tão produtivas como as outras, consiste no apoio a uma família bem informada"*.

Neste sentido, a formação dos cuidadores aparece como uma questão de crescente importância, mas que em Portugal tem sido uma área onde se evidencia um reduzido investimento. No entanto, para tentar superar esta lacuna é importante estreitar as relações entre os cuidadores e os profissionais através do estabelecimento de parcerias entre ambos. Assim uma das eventuais medidas mais emergentes será melhorar o nível de informação dos cuidadores, aumentando as suas competências no acesso aos recursos da comunidade, de forma a promover um funcionamento mais positivo no seio da família, o que consequentemente melhorará o bem – estar dos seus

membros individualmente. (Coutinho, 2000, cit. Coutinho, 2004). Por seu lado, a formação não só tende a possibilitar um atendimento mais integrador e abrangente, mas também, a possibilidade para os cuidadores de adquirem cada vez mais melhores conhecimentos, o que beneficiará o portador de deficiência na qualidade do serviço adquirido.

Em suma, de uma forma geral considera-se que esta problemática assume actualmente uma preocupação muito relevante em vários organismos sociais, tanto públicos como privados. São reguladas cada vez mais leis que veiculam a máxima de *Educação para Todos*. Exemplo desse testemunho, é referido na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 46 \ 86, de 14 de Outubro) onde se estabelece a ideia de *"assegurar às crianças com necessidades educativas especiais, devidas designadamente a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades"* (art.º 17). Posteriormente e principalmente após a Declaração de Salamanca (1994) são legislados despachos ou decretos – lei que definem apoios, competências ou a criação de equipas, que no seu conjunto pretendem instituir uma abordagem mais receptiva face à deficiência. Todavia, Correia (2003) é congruente na sua opinião: *"O Sistema Educativo Português, no que concerne às necessidades educativas especiais, confunde-nos. E porquê? Porque nos presenteia com legislação contraditória, muitas vezes imprecisa, e outras, não regulamentada, parecendo muita dela, um conjunto de" páginas mortas" atiradas para o Diário da República para "inglês ver" "*. Com esta afirmação controversa, fica subjacente a ideia de que a inclusão do indivíduo portador de deficiência ainda se apresenta como um processo em constante construção, onde muitas vezes estão implicados fracos recursos tanto materiais como humanos. Neste sentido, que acções podemos nós desenvolver, enquanto membros activos da sociedade, para minorar esta situação?

ANEXO2: FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento			
Endereço			
Localidade			
Código Postal			
Distrito		Concelho	
Telefone		Fax	
Correio electrónico			
CERCI ☐ Associação / IPSS ☐ Colégio ☐			
REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial ☐		Atendimento Via Postal ☐	
Atendimento Telefónico ☐		Ambulatório ☐	
Consulta Externa ☐		Domiciliário ☐	
Internamento ☐		Semi – Internamento ☐	
Internato ☐		Externato ☐	
Outro (s) _____			

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental		
Deficiência Visual		
Deficiência Motora		
Deficiência Auditiva		
Paralisia Cerebral		
Outra (s): _____		

_____

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego		
Educação		
Apoios especializados		
Programas de Natureza Social		
Apoios Técnicos		
Avaliação		
Outro (s)		
AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☐	Provisória ☐

- **UTENTES**

<table>
<tr><td colspan="9">Nº Total de utentes acompanhados</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="10">IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*</td></tr>
<tr><td colspan="2">até aos 6 anos</td><td colspan="2">6 -10 anos</td><td colspan="2">11 – 15 anos</td><td colspan="2">16 – 18 anos</td><td colspan="2">19 – 25 anos</td></tr>
<tr><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td></tr>
<tr><td colspan="2">26 – 35 anos</td><td colspan="2">36 – 45 anos</td><td colspan="2">46 – 50 anos</td><td colspan="2">51 – 60 anos</td><td colspan="2">+ 60 anos</td></tr>
<tr><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td><td>F=</td><td>M=</td></tr>
<tr><td colspan="10">Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA</td></tr>
<tr><td colspan="5">Deficiência Auditiva= _____</td><td colspan="5">Deficiência Visual= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Deficiência Motora= _____</td><td colspan="5">Deficiência Mental= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Paralisia Cerebral= _____</td><td colspan="5">Outras Deficiências= _____</td></tr>
<tr><td colspan="10">Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA</td></tr>
<tr><td colspan="5">Sem grau atribuído= _____</td><td colspan="5">Inferior a 30%= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">De 30% a 59%= _____</td><td colspan="5">De 60% a 80%= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Superior a 80% = _____</td><td colspan="5"></td></tr>
<tr><td colspan="10">LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO</td></tr>
<tr><td colspan="5">Apelação= _____</td><td colspan="5">Bobadela= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Bucelas= _____</td><td colspan="5">Camarate= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Fanhões= _____</td><td colspan="5">Frielas= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Loures=_____</td><td colspan="5">Lousa= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Moscavide=_____</td><td colspan="5">Portela= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Prior Velho=_____</td><td colspan="5">S. João da Talha= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Sacavém= _____</td><td colspan="5">Stº Antão do Tojal= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">S. Julião do Tojal=_____</td><td colspan="5">Stª Iria da Azóia= _____</td></tr>
<tr><td colspan="5">Stº António dos Cavaleiros=_____</td><td colspan="5">Unhos= _____</td></tr>
</table>

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

~~F=~~ T=	~~M=~~

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula		Oficinas		Gabinetes	
Salas de Reunião		Ginásio		Polivalente	
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☐ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
_____ _____ _____	_____ _____ _____	_____ _____ _____

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____ _____ _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas a alguns ☐ Especifique: _____ _____
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		
Sim ☐	Não ☐	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

				Sim	Não		Sim	Não
Formação Profissional	**Sim**	**Não**	Ensino Básico (2º Ciclo)			Creche		
Apoio na procura do 1º emprego			Ensino Básico (3º Ciclo)			Creche Familiar		
Apoio no auto emprego			Ensino Secundário			Apoio sócio – familiar		
Apoio na integração profissional			**Apoios Especializados**			Atelier dos tempos livres		
Cursos de formação profissional*			Serviço Social			Programas Desportivos		
Emprego Protegido			Terapia Ocupacional			**Apoios Técnicos**		
Informação e apoio em programas pré – profissionais			Apoios e acompanhamento familiar			Ajudas técnicas		
Orientação profissional			Psicologia			Atendimento		
Readaptação ao trabalho			Psicomotricidade			Aconselhamento		
Instalação por conta própria			Fisioterapia			Transportes		
Informação sobre ajudas técnicas			Mobilidade			Ajudas financeiras		
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)			**Programas de Natureza Social**			Apoio financeiro		
Educação			Centro de Dia			Apoio jurídico		
Intervenção Precoce			Lar de Idosos			Apoio domiciliário		
Jardim – de – Infancia			Residências			Informações gerais		
Ensino Pré – Escolar			Programas Ocupacionais					
Ensino Básico (1º Ciclo)			Programas Culturais					

ENTREVISTAS SEMI – DIRECTIVAS

OBJECTIVOS GERAIS DAS ENTREVISTAS

Aprofundar o Diagnóstico Social na área da Deficiência no concelho de Loures, realizado em 2006;

Conhecer as Instituições que trabalham com portadores de deficiência, tanto estabelecidas no Concelho como noutro município;

Compreender de que forma as famílias conseguem superar as dificuldades sentidas.

PÚBLICO – ALVO

RELAÇÃO ENTRE O ENQUADRAMENTO TEÓRICO E OS OBJECTIVOS DAS ENTREVISTAS

Suporte teórico	**Instituição / Técnico Responsável**	**Família**	**Portador de Deficiência**
I. Pessoa com Deficiência *Conceitos Associados:* ◎ Pessoa com deficiência; ◎ Incapacidade; ◎ Desvantagem; ◎ Integração; ◎ Inclusão; ◎ NEE; ◎ Autonomia	Identificar o tipo de prática profissional que a instituição / técnico disponibiliza ao portador de deficiência; Compreender o processo de avaliação do portador de deficiência;		Conhecer o percurso de vida do portador de deficiência; Conhecer as opções que o portador de deficiência tem na actual sociedade

Suporte teórico	**Instituição / Técnico Responsável**	**Família**	**Portador de Deficiência**
I. Portador de Deficiência: Conceitos Associados: ◎ Pessoa Portadora de Deficiência; ◎ Incapacidade; ◎ Desvantagem; ◎ Integração; ◎ Inclusão; ◎ NEE; ◎ Autonomia	Perceber de que forma a Instituição contribui para a inclusão dos portadores de deficiência na sociedade; Conhecer as ofertas educativas da instituição para os diferentes tipos de público;		
II. Família e Cuidador	Conhecer o tipo de relação que tem com as famílias que assiste; Compreender que papel deve desempenhar a família no desenvolvimento integrado do portador de deficiência	Conhecer as necessidades da família Perceber as atitudes da família face a esta problemática, incidindo especialmente na deficiência com incapacidade permanente; *(alguns inquiridos)* Conhecer as expectativas da família após o diagnóstico da deficiência;	

Suporte teórico	**Instituição / Técnico Responsável**	**Família**	**Portador de Deficiência**
II. Família e Cuidador		Compreender as dificuldades das famílias, tendo em conta a problemática com que se deparam; Identificar o tipo de relação entre a família e a escola; Conhecer as representações da família face à necessidade de formação específica;	
III. Reflexão sobre esta problemática	Conhecer as opções que o portador de deficiência tem na actual sociedade; Compreender a relação existente com o actual regime legislativo.		

GUIÃO DA ENTREVISTA AOS TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

Blocos	**Objectivos Específicos**	**Questões / Orientações**	**Observações**
I. Legitimação da Entrevista			
II. A Pessoa Portadora de Deficiência	Identificar o tipo de prática profissional que a instituição / técnico disponibiliza ao portador de deficiência;	Como se caracteriza a Instituição?	*Práticas de funcionamento; dinâmicas de acção;*
		Que acções desenvolve junto do público?	
		Como é constituída a equipa de profissionais?	
	Compreender o processo de avaliação do portador de deficiência e da própria família;	Como se desenvolve o processo de avaliação dos portadores de deficiência?	*Regularidade dos testes de aptidão; de conhecimentos, o avanço ou recuo da problemática;*
		Como é constituída a equipa de avaliação?	
		Como se desenvolve o processo de avaliação das famílias?	

Blocos	**Objectivos Específicos**	**Questões / Orientações**	**Observações**
II. A Pessoa Portadora de Deficiência	Perceber de que forma a Instituição contribui para a inclusão dos portadores de deficiência na sociedade;	Que medidas desenvolvem que contribuam para a inclusão do portador de deficiência na sociedade?	*Encontros com empresas, mostra de trabalho…*
	Conhecer as ofertas educativas da instituição para os diferentes tipos de público;	Que ofertas educativas / formativas disponibilizam aos indivíduos portadores de deficiência?	*Cursos de formação profissional…*
III. Família e Cuidador	Conhecer o tipo de relação que tem com as famílias que assiste;	Como estabelece o contacto com as famílias? *Estabelecido esse contacto, que tipo de relação tem com essas famílias?*	*Tentar perceber o tipo de relação que tem com os familiares dos portadores de deficiência*
	Compreender o papel que deve desempenhar a família no desenvolvimento do portador de deficiência	Que papel considera que as famílias dos portadores de deficiência devem ter?	

Blocos	Objectivos Específicos	Questões / Orientações	Observações
III. Família e Cuidador	Compreender o papel do cuidador no processo de desenvolvimento do portador de deficiência;	*O acto de cuidar pressupõe um conjunto de responsabilidades tanto a nível de cuidados físicos como de protecção social.* Considera pertinente a existência de uma formação que consciencialize as pessoas para esta responsabilidade?	
		Considerando a prática que desenvolve, de que forma perspectiva o seu trabalho com as famílias?	
IV. Reflexão sobre a problemática da deficiência em Portugal	Compreender a visão do técnico relativamente às condições de vida a que o portador de deficiência está sujeito	Considera que a actual sociedade reúne condições para incluir o portador de deficiência? Justifique a sua resposta.	

Blocos	Objectivos Específicos	Questões / Orientações	Observações
IV. Reflexão sobre a problemática da deficiência em Portugal	Compreender o papel do Estado no exercício de cidadania do portador de deficiência.	Considera que o actual sistema legislativo é promotor do exercício de cidadania para o portador de deficiência?	

ANEXO 3: QUESTIONÁRIOS AOS FAMILIARES

A Rede Social de Loures, enquanto organismo autárquico que promove a intervenção social local, inscreveu no Plano de Acção para 2008, do Plano de Desenvolvimento Social 2008 – 2010, a acção *Melhorar a Qualidade de Intervenção Social no Concelho de Loures,* na sequência do objectivo específico *realizar o diagnóstico de situação das pessoas portadoras de deficiência*, tentando recolher informação junto das Instituições que acolhem pessoas com deficiência, bem como das suas famílias.

Nessa perspectiva, através deste questionário dirigido aos familiares ou cuidadores mais próximos, pretende-se *compreender* as suas representações face à problemática da deficiência que lhe é mais próxima, bem como as suas representações face ao serviço público prestado pela autarquia.

Desde já agradecemos a sua participação, garantindo o seu anonimato.

I. NECESSIDADES DA FAMÍLIA

" (...) assumir-se enquanto família de um indivíduo portador de deficiência pode ser um processo complexo, visto que a própria sociedade, como organismo social, ainda não está preparada para aceitar a diferença, onde previsivelmente assume o individuo portador de deficiência como um ser dependente do outro e incapaz de gerir o seu próprio destino, o que nem sempre corresponde à realidade."

(in, enquadramento teórico)

Num primeiro momento pretende-se conhecer as principais necessidades da família relativamente à *informação,* ao *apoio e à necessidade de exteriorizar esta problemática aos outros.* Para tal, solicita-se que de acordo com a seguinte escala, **evidencie** o tipo de ajuda que necessita:

1	2	3	4
Totalmente de acordo	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente

- NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO

1. Necessito de maior informação sobre a deficiência e ou as necessidades específicas do (a) meu (minha) filho (a).				
2. Necessito de maior informação sobre a maneira de lidar com o meu filho.				
3. Necessito de maior informação sobre a maneira de ensinar o meu filho.				
4. Necessito de maior informação sobre a maneira de falar com o meu filho.				
5. Necessito de maior informação sobre os serviços e os apoios que presentemente estão mais indicados para o meu filho.				
6. Necessito de maior informação sobre os serviços e os apoios de que o meu filho poderá beneficiar no futuro.				
7. Necessito de maior informação sobre a maneira como a criança cresce e se desenvolve.				

- NECESSIDADES DE APOIO

8. Necessito de ter alguém na minha família com quem possa falar mais sobre os problemas que a deficiência do meu (minha) filho (a) coloca.				
9. Necessito de ter mais amigos com quem conversar.				
10. Necessito de mais oportunidades para me encontrar e falar com os pais de outras crianças com deficiência.				
11. Necessito de mais tempo para falar com os professores e terapeutas do (a) meu (minha) filho (a).				
12. Gostaria de me encontrar regularmente com um conselheiro (médico, psicólogo, técnico de serviço social) com quem possa falar sobre os problemas que a deficiência do (a) meu (minha) filho (a) coloca.				
13. Necessito de informações escritas sobre os pais das crianças que têm os mesmos problemas que o (a) meu (minha) filho (a).				
14. Necessito de mais tempo para mim próprio.				

- EXPLICAR AOS OUTROS

15. Necessito de mais ajuda sobre a forma de explicar a situação do (a) meu (minha) filho (a) aos amigos.				
16. O meu marido (ou a minha mulher) precisa de ajuda para compreender e aceitar melhor a situação do (a) nosso (a) filho (a).				
17. Necessito de ajuda para saber como responder quando os amigos, vizinhos ou estranhos me fazem perguntas sobre a situação do (a) meu (minha) filho (a).				
18. Necessito de ajuda para encontrar um médico que me compreenda e compreenda as necessidades do (a) meu (minha) filho (a).				
19. Necessito de ajuda para encontrar um serviço que quando tiver certas necessidades (descansar, ir ao cinema, ir a uma festa…) fique com o (a) meu (minha) filho (a), por curtos períodos de tempo, e que esteja habilitado para assumir essa responsabilidade.				
20. Necessito de ajuda para encontrar um serviço de apoio social e educativo para o (a) meu (minha) filho (a).				
21. Necessito de maior ajuda no pagamento de despesas como: alimentação, cuidados médicos, transporte ou ajudas técnicas.				

22. Necessito de maior ajuda para obter o material ou o equipamento especial de que o (a) meu (minha) filho (a) precisa.				
23. Necessito de maior ajuda para pagar despesas com terapeutas, estabelecimentos de educação especial ou outros serviços de que o (a) meu (minha) filho (a) necessita.				

II. DIFICULDADES SENTIDAS FACE À DEFICIÊNCIA

" (...) vários tipos de cuidadores é importante ressaltar a ideia de que a sua própria identidade é estabelecida pela actividade do cuidar, em que não se redefine apenas o sentir, mas também o pensar na sua nova função e todas as responsabilidades que isso acarreta. Assim, este novo papel que desempenha não muda apenas a sua rotina, mas pressupõe a construção de uma nova identidade, porque ser cuidador não é apenas zelar pelo doente, mas garantir a sua recuperação (Aquino, 2006)"

.

Neste momento do questionário pretende-se *identificar* as principais dificuldades sentidas, bem como *conhecer* as estratégias utilizadas para as superar.

De acordo com a seguinte escala, **evidencie** a veracidade das seguintes afirmações:

1	2	3	4
Totalmente de acordo	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente

- PRINCIPAIS DIFICULDADES SENTIDAS

1. Senti pouco apoio por parte dos meus familiares.				
2. Senti-me incompreendido (a) por aceitar esta realidade.				
3. Senti dificuldade em incluir o (a) meu (minha) filho (a) numa Instituição.				
4. Senti pouco apoio por parte das Instituições de Apoio Social.				
5. Senti dificuldade em enfrentar as barreiras físicas das ruas.				
6. Senti dificuldade em enfrentar atitudes menos positivas das pessoas.				
7. Senti dificuldade em aceitar esta deficiência.				
9. Culpabilizei-me pela deficiência do (a) meu (minha) filho (a).				
10. *Outra dificuldade:* _____				

- ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA SUPERAR AS DIFICULDADES

1. Recorri a todos os especialistas para compreender melhor este problema.				

2. Recorro a anti – depressivos para compreender melhor esta situação.				
3. Recorro aos meus familiares para me apoiarem neste momento.				
4. Recorro aos meus amigos para me apoiarem neste momento.				
5. Recorro à religião para tentar perceber esta realidade.				
6. Tentei compreender a deficiência para poder ajudar o (a) meu (minha) filho (a) a ser autónomo.				
7. Tenho tentado fazer outras coisas para não pensar nestes problemas, como por exemplo ir ao cinema, ver televisão, ler, ir ao teatro ou ir às compras.				
8. Refugio-me no trabalho ou noutras actividades para me abstrair deste problema.				
9. Tomo medidas pontuais que me ajudam a ultrapassar este problema.				
10. *Outra estratégia*: _____				

III. RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A INSTITUIÇÃO / ESCOLA

" (...) A escola aparece, deste modo, como a entidade social que possibilitará essa transformação, sendo que "investir qualitativamente na participação dos pais nas escolas (...) pode favorecer modelos de integração das necessidades especiais" (Wolfendale, 1987, cit. SNRIPD, 1999)."

Neste momento do questionário pretende-se *conhecer* a relação existente com a Escola / Instituição, bem como *perceber* o tipo de participação dos pais. De acordo com a seguinte escala, **evidencie** a veracidade das seguintes afirmações:

1	**2**	**3**	**4**
Totalmente de acordo	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente

- RELAÇÃO COM A ESCOLA / INSTITUIÇÃO

1. Tenho por hábito ir frequentemente à Escola / Instituição do (da) meu (minha) filho (a).				
2. A Escola / Instituição tem um currículo específico para o (a) meu (minha) filho (a).				
3. O (A) meu (minha) filho (a) está integrado numa escola regular de ensino				

público.				
4. Os professores dão especial atenção ao (à) meu (minha) filho (a) devido à sua deficiência.				
5. Considero que a Escola / Instituição têm boas condições para a inclusão de um portador de deficiência.				
6. De uma forma geral, relaciono-me bastante bem, tanto com os professores como com os outros responsáveis da escola / instituição.				
7. Considero que o facto de frequentar a escola, trará muitos benefícios para o (a) meu (minha) filho (a).				
8. Considero que quanto mais me envolver na vida escolar do (a) meu (minha) filho (a) melhor será para ambos.				
9. Considero que a Escola / Instituição precisa de uma reestruturação de modo a oferecer um serviço de mais qualidade ao (à) meu (minha) filho (a).				
10. Costumo ir à Escola / Instituição do (da) meu (minha) filho (a) apenas nas reuniões periódicas.				
11. *Outra:* _____				
Mencione quais os assuntos que o levam a falar com o professor / técnico responsável:				

- PARTICIPAÇÃO DOS PAIS

1. Enquanto encarregado de educação sinto-me muito envolvido nas actividades da Escola / Instituição.				
2. Participo em todas as actividades que a Escola / Instituição promove.				
3. Considero que para o (a) meu (minha) filho (a) é bastante positivo que me envolva nestas actividades.				
4. Sinto-me culpado por não me envolver mais nas actividades promovidas pela Escola / Instituição.				
5. Sou dirigente ou membro de alguma Instituição.				

IV. FORMAÇÃO ESPECÍFICA

" (...) os próprios cuidadores sentem-se desinformados sobre a responsabilidade que este acto acarreta, fomentando assim uma prática desactualizada face à situação actual, tendo isso resultados depreciativos para o desenvolvimento equilibrado do portador de deficiência e para a própria vida do cuidador. Como solução mais preeminente encontra-se na formação um recurso indispensável, entendendo-a, para tal, como um processo de transformação individual que abrange três domínios diferentes, o saber (conhecimentos), o saber – fazer (capacidades) e o saber – ser (atitudes). (Canário, 2000)"

1. Considera importante que haja uma formação específica para prestadores de cuidados a pessoas portadoras de deficiência?

SIM ☐ NÃO ☐

1.1. Se sim, **assinale** as áreas que gostaria de ver abordadas.	
Os Cuidados Básicos a portadores de deficiência.	◯
Os direitos do portador de deficiência – A Legislação.	◯
Ser familiar de um portador de deficiência – Emoções e sentimentos.	◯
A inclusão nas escolas – que realidade é esta?	◯
Barreiras físicas, como ultrapassá-las.	◯
Barreiras humanas, como ultrapassá-las.	◯
Outra (s) temática (s):	◯
Especifique-a (s):	

1.2. Se não, **assinale** as suas razões:	
È muito fácil desempenhar essas funções.	◯
Seria uma perda de tempo, porque ninguém iria.	◯
Qualquer pessoa deve estar preparada para uma situação destas, não é preciso formação para isso.	◯
Qualquer pessoa pode ter acesso à informação sobre esta problemática.	◯
Outra razão:	◯
Especifique-a (s):	

V. VIDA SOCIAL NO CONCELHO

" (...) Correia (2003) é congruente na sua opinião: "O Sistema Educativo Português, no que concerne às necessidades educativas especiais, confunde-nos. E porquê? Porque nos presenteia com legislação contraditória, muitas vezes imprecisa, e outras, não regulamentada, parecendo muita dela, um conjunto de" páginas mortas" atiradas para o Diário da República para "inglês ver" ". Com esta afirmação controversa, fica subjacente a ideia de que a inclusão do indivíduo portador de deficiência ainda se apresenta como um processo em constante construção, onde muitas vezes estão implicados fracos recursos tanto materiais como humanos. Neste sentido, que acções podemos nós desenvolver, enquanto membros activos da sociedade, para minorar esta situação?"

Neste momento pretende-se *perceber* quais as representações dos familiares relativamente às Instituições do concelho, bem como *perceber* quais as instituições do concelho que os familiares melhor conhecem, tendo em conta as que frequentam com o portador de deficiência. Para tal solicita-se que, de acordo com a seguinte escala, **evidencie** a veracidade das seguintes afirmações:

1	2	3	4
Totalmente de acordo	Concordo	Discordo	Discordo Totalmente

1. O concelho de Loures oferece ao munícipe portador de deficiência condições que lhe permitem levar uma vida dentro da normalidade.				
2. Considero que existem muitas Instituições do concelho com poucas acessibilidades ao portador de deficiência.				
3. Costumo participar nas actividades que o concelho promove.				
4. Não costumo ter conhecimento das actividades que o concelho promove.				
5. Consulto frequentemente o sítio da CMLoures, para me informar das várias actividades promovidas.				
6. Conheço os vários museus do Concelho.				
7. Costumo frequentar, pelo menos duas vezes por mês, qualquer Instituição presente no concelho de Loures.				
8. Costumo frequentar, pelo menos uma vez por mês, os vários parques				

municipais.				
9. Considero que o concelho ainda tem um grande caminho a percorrer de forma a incluir o portador de deficiência.				
10. Outra:				

Das instituições evidenciadas seguidamente, ***assinale*** aquelas que conhece.	
Atendimento Municipal – Sacavém	
Atendimento Municipal – Loures	
Biblioteca Municipal José Saramago	
Espaço de Internet de Bobadela	
Espaço Internet Camarate	
Gabinete de Apoio ao Consumidor	
Gabinete de Apoio à Juventude	
GesLoures	
Museu da Cerâmica – Sacavém	
Museu Municipal de Loures	
Parque Municipal de Cabeço de Montachique	
Parque Urbano de Sta Iria da Azóia	
Posto de Atendimento ao Cidadão – Loures	
Posto de Atendimento ao Cidadão – Sacavém	
Serviço de Apoio à Criação de Emprego	

Das instituições evidenciadas seguidamente, ***assinale*** que frequenta, pelo menos duas vezes por mês.	
Atendimento Municipal – Sacavém	
Atendimento Municipal – Loures	
Biblioteca Municipal José Saramago	
Espaço de Internet de Bobadela	
Espaço Internet Camarate	
Gabinete de Apoio ao Consumidor	
Gabinete de Apoio à Juventude	
GesLoures	
Museu da Cerâmica – Sacavém	
Museu Municipal de Loures	
Parque Municipal de Cabeço de Montachique	
Parque Urbano de Sta Iria da Azóia	
Posto de Atendimento ao Cidadão – Loures	
Posto de Atendimento ao Cidadão – Sacavém	
Serviço de Apoio à Criação de Emprego	

VI. TIPO DE DEFICIÊNCIA

1. Assinale o tipo de deficiência de que o (a) seu (sua) filho (a) é portador:			
Deficiência Auditiva		Deficiência Mental	
Deficiência Visual		Deficiência Motora	
Paralisia Cerebral			
2. Mencione a idade do (a) seu (sua) filho (a): _____ anos			
3. Instituição que o acolhe:			

Sugestões:

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 4: QUESTIONÁRIO ÀS INSTITUIÇÕES DA CM LOURES

A Rede Social de Loures, enquanto organismo autárquico que promove a intervenção social local, inscreveu no Plano de Acção para 2008, do Plano de Desenvolvimento Social 2008 – 2010, a acção *Melhorar a Qualidade de Intervenção Social no Concelho de Loures,* na sequência do objectivo específico *realizar o diagnóstico de situação das pessoas portadoras de deficiência*, tentando recolher informação junto das Instituições que acolhem pessoas com deficiência, bem como das suas famílias.

Todavia considerou-se importante envolver as instituições da CML, a fim de se *perceber* a adesão e a assiduidade das pessoas com deficiência aos seus serviços. Pretende-se que este questionário seja preenchido por um técnico que seja responsável pelo serviço na sua globalidade.

Desde já agradecemos a sua colaboração!

I. DADOS GERAIS DA INSTITUIÇÃO

Nome da Instituição			
Endereço			
Localidade			
Código Postal			
Telefone		Fax	
Correio electrónico			

II. TIPO DE PÚBLICO

Faixa etária dos utilizadores do serviço	Até aos 5 anos ☐	6 – 10 anos ☐
	11 – 15 anos ☐	16 – 20 anos ☐
	21 – 25 anos ☐	26 – 30 anos ☐
	31 – 35 anos ☐	36 – 40 anos ☐
	41 – 45 anos ☐	+ de 45 anos ☐

È frequente a utilização dos serviços por indivíduos com deficiência?

SIM ☐ NÃO ☐

Se sim, por que de tipo de deficiência:

Deficiência Auditiva ☐	Deficiência Visual ☐	Deficiência Mental ☐
Deficiência Motora ☐	Paralisia Cerebral ☐	

Se não, quais as razões que, na sua opinião, levam a essa realidade? _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

III. RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO ADAPTADOS À PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Nesta Instituição existe:		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra (s): ☐
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	Qual: _____ _____
Se não existir algum destes recursos,explicite as razões, que na sua opinião, contribuem para esta realidade. _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____		
Considera que, de uma forma geral, os espaços são adaptados a este tipo de público?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas alguns espaços ☐
Especifique: _____ _____ _____ _____	Especifique: _____ _____ _____ _____	Especifique: _____ _____ _____ _____

IV. ACESSO À INSTITUIÇÃO

Considera que a localização da Instituição é acessível aos indivíduos portadores de deficiência?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas em algumas condições ☐
Se sim, assinale as razões que o (a) levaram a essa opção:		
Está no centro da Cidade /Freguesia ◯	Não existem obstáculos na entrada ◯	A entrada é bastante larga ◯
Existem rampas de acesso ◯	Boa rede de transportes ◯	Outra ◯ Especifique: _____
Se não, assinale as razões que o (a) levaram a esta opção:		

Estrada íngreme ◯	Passeios esburacados ◯	Poucos transportes públicos ◯
Obstáculos físicos ◯	Localizada na periferia da Cidade / Freguesia ◯	Não existem passeios ◯
Não existem passadeiras sonoras ◯	Outra ◯ Especifique: _____ _____	

V. PROPOSTA DE SOLUÇÕES

Na sua opinião, que tipo de medidas deveriam de ser implementadas com o intuito de minimizarem algumas das lacunas evidenciadas: _____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Obrigada pela sua colaboração!

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: APECDA

Como é que funciona a Instituição?

Isto é uma Instituição Particular de Solidariedade Social que foi fundada há 30 e tal anos, há 36/ 37 anos. Surgiu da união de um grupo de pais que tinham em comum filhos com deficiência auditiva, que não encontrando outras respostas no país se uniram e fundaram a associação, tanto que era uma associação de pais. Tanto que a designação é associação de pais para a educação de crianças com deficientes auditivas. Ao longo dos anos, a associação foi-se adaptando, quer às políticas emanadas pelos órgãos de tutela, quer em termos das metodologias de intervenção. Neste momento, como referi à pouco, perdemos há dois anos a valência sócio – educativa, o que de certa forma, reduziu imenso a carga de respostas que temos internamente. Portanto, neste momento, a funcionar aqui na instituição só temos duas valências, que é a unidade de formação e o centro de actividades ocupacionais, quer para a multideficiência em que todos eles têm surdez e todas as deficiências associadas. Temos, também, um centro de recursos para a inclusão, que tem a ver efectivamente, com esta nova política de inclusão e da conversão das instituições em centros de recursos, mas somos nós que vamos ao exterior dar o apoio às escolas. Portanto em termos internos, neste momento, só temos duas valências a funcionar, temos, também, a terceira, o centro de recursos mas esse é mais voltado para o exterior.

Em relação ao centro de Recursos, existe…

A nível dos apoios que nós no âmbito do Centro de Recursos que prestamos no exterior, são os prestados por uma técnica de reabilitação que vai dar apoio a duas crianças surdas com implante coqueliar uma em creche e outra em jardim-de-infância, aqui da rede regular de ensino a uma creche e a um jardim-de-infância, temos a psicóloga que vai duas vezes por semana, ao agrupamento de escolas de referência para a surdez que é o agrupamento de Escolas da Quinta de Marrocos que é em Benfica e eu que sou técnica de serviço social, que vou uma vez por semana ao agrupamento dar os apoios inerentes ao serviço social.

Que tipos de acções desenvolvem junto dos principais beneficiários?

A nível do centro de recursos são apoios que vamos dar ao exterior porque as escolas não estão equipadas com os recursos humanos suficientes para dar resposta e tem a ver

com o próprio levantamento de necessidades que o próprio agrupamento de escolas fez. De facto, a própria legislação e sobretudo o decreto – lei nº 3 de 2008, portanto que saiu o ano passado em Janeiro e que efectivamente tem este grande peso da educação inclusiva veio de alguma forma e passo a expressão, *obrigar os agrupamentos*, a estabelecer estas parcerias com as instituições particulares de solidariedade social, fundo aproveitando o *know-how*, a mais-valia, a experiência que temos junto da população surda. São apoios directos e indirectos. Directos aos alunos e os indirectos quando estamos a falar das famílias, dos outros professores e dos outros técnicos que estão no agrupamento e com quem nós colaboramos. Internamente eu sou coordenadora das duas valências, aliás neste momento, sou coordenadora das três valências. Em relação aqui, tanto tenho o trabalho indirecto de coordenação, como tenho o trabalho directo, tanto com os formandos, com as famílias, portanto há aqui um acumular de funções, assim que queiramos chamar.

Que tipo de acções especificas é que desenvolvem com as pessoas que estão cá dentro?

Então o tipo de actividades varia em função da valência onde eles estão. Na unidade de formação são jovens surdos com idade igual ou superior a 16 anos com perfil para ingresso no mercado de trabalho, portanto estão a fazer uma formação para que os certifique e qualifique no mercado de trabalho, como tal temos três áreas de formação três cursos, temos as artes decorativas, as madeiras e os têxteis. Em paralelo como componente sócio – cultural existem os outros apoios: a Língua Gestual Portuguesa, o módulo de formação profissional e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e o módulo de educação sexual e depois outras actividades, mais lúdico – recreativas que fazem parte do desenvolvimento global deles que é a educação física. Em termos do Centro de Actividades Ocupacionais é uma resposta social apoiada financeiramente pela Segurança Social, temos uma capacidade de resposta a 12 utentes e temos a lotação esgotada e o tipo de actividades são completamente diferentes porque o objectivo do CAO não é o ingresso no mercado de trabalho passa muito pelo aproveitamento das capacidades remanescentes de cada um, pela melhoria e o aproveitamento do potencial também, e portanto é numa perspectiva de ocupação, de qualidade de vida, de bem-estar, sobretudo de prazer para eles. As actividades são o mais diversificadas possível porque é de facto importante que eles vivenciem situações diversificadas e como tal nós temos várias actividades que lhes proporcionamos que vão desde as actividades em sala, as actividades ditas manuais / artesanais, têm o

movimento e dança, têm educação física, têm Língua Gestual Portuguesa, têm natação no exterior, na piscina do Sporting não todos, só alguns é que vão à natação, uns por opção própria porque não querem, outros porque ao irmos para o exterior, isto envolve encargos e implica um acréscimo na comparticipação e há uma família ou outra que efectivamente não podem comportar. Outros não vão porque não querem e têm esse direito e por isso não têm esse carácter obrigatório. Temos ainda uma outra resposta que é frequentada por oito dos utentes do Centro de Actividades Ocupacionais que é um curso extra – escolar, para a aquisição de competências de língua portuguesa, matemática e mundo actual. Tentamos que seja um horário semanal bastante diversificado, para que de facto, não se criem tantas rotinas e que eles próprios tenham a possibilidade de desenvolverem competências diversificadas. A nossa grande preocupação é com a questão da comunicação, porque este grupo, nomeadamente o do Centro de Actividades Ocupacionais têm grandes limitações em termos da comunicação e do acesso à informação em geral, ao mundo que os rodeia e depois temos as famílias que na sua maioria não têm qualquer formação em Língua Gestual Portuguesa, por isso a comunicação no seio da família também não é desejável. Eles próprios, face às limitações de que são portadores por força da deficiência que têm, também têm obstáculos / condicionalismos cognitivos o desenvolvimento da própria Língua Gestual Portuguesa também não se faça da forma que nós gostaríamos e portanto eles têm um grau de comunicação muito básico. Isso nós trabalhamos a questão da Língua Gestual, temos uma preocupação grande que é ter surdos no seio da equipa técnica, porque para eles há uma maior identificação com e funciona um pouco como o modelo de surdo adulto, temos a formadora de Língua Gestual que é surda, temos uma auxiliar de monitora que é surda e temos uma auxiliar de acção educativa surda, também. Portanto, temos de facto essa preocupação e portanto é uma mais-valia em termos institucionais.

A equipa de profissionais é constituída por…

È assim, temos uma equipa com várias formações. Temos o técnico de Serviço Social, temos o psicólogo, temos o monitor, o auxiliar de monitor, temos os formadores na unidade de formação, depois temos os outros serviços de apoio, o serviço administrativo, temos a carrinha que tem motorista e a vigilante, os serviços auxiliares de limpeza, o refeitório, temos as técnicas de reabilitação… A Instituição é pequena, mas cheia… O nosso grande problema é efectivamente o espaço físico, tivemos um projecto há meia dúzia de anos atrás que empandeirou sobretudo no IPAR, porque isto aqui também é uma zona protegida e por isso as edificações estão sujeitas a

padronizações arquitectónicas e depois aquilo foi entravando. Entretanto também ficou obsoleto porque perdemos a valência sócio – educativa e portanto deixou de fazer sentido aquele tipo de projecto que havia que contemplava uma grande parte de salas de aula tipicamente *sala de aula*, portanto deixou de fazer sentido e voltámos à estaca zero. Como todas as IPSS temos condicionalismos enormes financeiros e por isso, de alguma forma também estamos dependentes da solidariedade de pessoas conhecidas, que arranquem com o projecto, com a parte arquitectónica etc. Já nem estamos a falar depois do edificado propriamente dito isso tem sido efectivamente um grande condicionalismo, já houve as aberturas do PARES por duas vezes na cidade de Lisboa e nós nunca pudemos concorrer porque não tínhamos nenhum projecto já aprovado, porque há essa exigência. Efectivamente a criação de novas respostas também fica condicionada, enquanto não houver uma estrutura física compatível. Mas enquanto há fé, há esperança como se costuma dizer e vamos esperar que num futuro isso seja possível. Mas efectivamente não obstante os espaços limitados são muito pequenos, isto foi uma vivenda adaptada, portanto também tem os seus condicionalismos próprios, mas efectivamente temos uma casa cheia de muita coisa, cheia de boa vontade, cheia de experiência, porque há pessoas com muitos anos de funcionamento aqui e como associação de pais para a área da deficiência auditiva única e como centro de actividades ocupacionais para a deficiência auditiva única no país.

Relativamente ao processo de avaliação dos alunos, como é que isso se processa?

Depende das valências em termos da unidade de formação, até ao ano civil passado eles eram avaliação na unidade de avaliação da associação portuguesa de surdos. Nós tivemos algumas alterações em termos do funcionamento da unidade, que foi desde 90 a 2007 inclusive, unidade de pré – formação, depois com a entrada do QREN, com as alterações no quadro regulamentador da formação profissional, a pré – formação caiu, deixou de ser existir, de ser elegível, de ser financiada, portanto nós tivemos que nos converter. O ano passado funcionámos muito como unidade de formação de base, este ano tivemos que passar a unidade de formação mesmo, é formação inicial e fomos sofrendo alterações e adaptações em função das directivas superiores uma vez que também estava em causa o próprio financiamento da estrutura e portanto os alunos vinham através da APS, já avaliados. Neste momento este ano ainda não tivemos admissões. Nós podemos admitir directamente e fazer a avaliação internamente, mas mantên-se de alguma forma esta parceira coma APS e portanto como eles não tem formação nesse centro, só tem formação em mercado de trabalho, aqueles que não têm

perfil para ingresso directo no mercado de trabalho vem fazer formação em centro, portanto continuamos a receber. Em relação ao CAO não obriga a que passe por uma outra estrutura, nós temos uma equipa técnica, como tal estamos aptos a fazer o processo desta avaliação. De regra geral no CAO, a idade mínima de ingresso no CAO é 16 anos, portanto há todo um percurso anterior de frequência, na maior das situações, mas não quer dizer que não haja excepção à regra, mas a maioria das instituições passaram por outras instituições, quando nos são sinalizados já vêm com avaliações feitas, isto em termos da admissão. Depois a avaliação é contínua quer em termos da unidade de formação quer em termos do centro de actividades ocupacionais. A equipa tem instrumentos próprios onde vai fazendo o registo dos utentes e a equipa vai reunindo com alguma frequência e portanto faz o ponto de situação de cada utente, temos esta preocupação da equipa ter estes momentos de partilha, porque um mesmo formando pode ter desenvolvimentos distintos numa área ou noutra, tem a ver com a própria área, tem a ver com o formador, porque eles tal como nós estabelecemos empatias mais favoráveis ou não estabelecemos de todo com quem interagimos, portanto isso com eles também acontece, que todos os elementos que intervêm com cada utente tenham a informação de como é o funcionamento global, no fundo. Por isso a nossa preocupação é que a equipa reúna com frequência, partilha as intervenções, as avaliações, o bom e o mau, há de facto esta grande preocupação, há também aqui uma avaliação constante e contínua, que também é passada às famílias, temos instrumentos de registo que facultamos às famílias, independentemente de outros registos que existem nos dossiers individuais, porque há informação que é individual e a avaliação é efectivamente uma avaliação contínua e partilhada.

Em relação às Instituições, existe alguma avaliação das famílias?

Não e sim, quer dizer, existe o processo social que no momento da admissão, que para além da informação recolhida pelas outras pessoas intervenientes no processo, nós também, recolhemos informação para constituição do processo do aluno, temos alguma dificuldade em ter uma participação activa das famílias, não vou dizer que não há excepções, porque graças a Deus que há, mas nem todas as famílias participam efectivamente na vida da Instituição e na vida dos seus filhos dentro da Instituição. Fazemos reuniões periódicas com os pais, onde damos feedback do trabalho que é desenvolvido, onde pedimos a cooperação das famílias também, não quer dizer que ela depois resulte na prática. Há alguma avaliação no âmbito do gabinete de psicologia, aí

há um trabalho activo no papel com as famílias. No caso do serviço social há um trabalho desenvolvido com as famílias.

Tendo em conta os alunos que estão em regime de internamento, que acções é que são desenvolvidas que pretendem incluir o portador de deficiência na sociedade?

Nós temos, ao longo do ano, várias saídas ao exterior, temos de facto a preocupação de envolver ou desenvolver actividades na comunidade, quer através das exposições dos trabalhos feitos por eles, no exterior que é extremamente importante dar visibilidade àquilo que eles são capazes de desenvolver, é extremamente importante. Nós temos essa preocupação de ir para o exterior, de participar em concursos de nível local ou nacional, seja concursos de postais de Natal, posters, etc., fomentamos isso. Depois o irmos fazer a natação fora, também vamos a um recurso da comunidade, fazemos parte também da comissão local da freguesia do Lumiar e da Rede da cidade de Lisboa, portanto mesmo nas saídas do dia-a-dia, sei lá o ir trabalhar as questões da autonomia, ir a um banco, ir a uns correios, portanto esse trabalho é feito que é um recurso aos serviços da comunidade.

Os utentes que estão em regime de internato e já cá estão há muito tempo, já não estão inseridos no ensino regular, que tipos de acções é que desenvolvem junto desse público?

Sim para esses existe um curso extra – escolar que é uma oferta educativa fora do ensino regular…

Mas que a própria Instituição disponibiliza?

Disponibiliza em termos de espaço porque os recursos são do Ministério da Educação, ou seja, o professor é destacado pelo Ministério da Educação todos os anos. Nós fazemos a proposta de curso, ou melhor de continuidade de curso, porque já existe há muitos anos, primeiro era chamada de Alfabetização, depois passou a Ensino Recorrente e agora chama-se os cursos Extra – Escolares, portanto é no âmbito da educação extra – escolar, fora do âmbito escolar. Até porque são alunos que já estão fora da idade obrigatória, é um curso que é para a actualização e aquisição de competências. No fundo, não vamos ter grandes expectativas que eles venham a adquirir grandes conhecimentos, mas que pelo menos mantenham as aquisições que fizeram até agora e se conseguirmos evoluir um pouco, tanto melhor.

Em relação às famílias, as crianças tanto podem ser encaminhadas por outras Instituições ou podem mesmo vir directamente. Independentemente da situação, existe um acompanhamento das famílias?

Nós fomentamos isso, até pela própria designação da Instituição, isto é uma associação de pais e a direcção da associação é composta por pais com filhos portadores de deficiência auditiva, está nos estatutos é uma das exigências. Logo por aí nós temos pais cá dentro. Depois como é óbvio, nós fomentamos a vinda dos pais à escola, temos os momentos festivos da Instituição, onde sempre os pais são convidados. Esta ultima festa de Natal, foi das que eu me lembro que teve uma maior adesão dos pais. Depois há aqueles pais que até vêm às reuniões todas, outros que até aparecem sem marcação, também temos essas situações. Infelizmente nem todos funcionam assim, porque também temos aquelas situações como em algumas IPSS, porque muitas vezes e desculpe a expressão sentimos que somos muitas vezes um depósito, graças a Deus que não são todas as situações assim, mas ainda existe uma ou outra. Mas as acções são sempre dirigidas aos pais, vou-lhe dar um exemplo que terminou agora, mas que vai retomar em breve, dentro de dois ou três meses, vai começar um projecto aos sábados que é com pais surdos com filhos ouvintes, portanto também uma preocupação da Instituição envolver os pais surdos, portanto ai nós temos um historial de envolvimento das famílias, o que não quer dizer que todas participem na mesma medida.

Que papel considera que as famílias dos portadores de deficiência devem ter?

Um papel mais activo em todos os domínios da vida dos filhos, porque nós continuamos a sentir e no nosso caso muito particular, começa logo na questão da comunicação. No nosso caso da deficiência auditiva começa logo pela necessidade dos pais aprenderem língua gestual para poderem ter uma comunicação total com os filhos, por isso começa logo aí. Depois passa por aquilo que disse há pouco, passa por um envolvimento mais activo no dia-a-dia dos filhos e como é que eu lhe digo, não são todos que funcionam dessa forma, mas temos situações de pais com quem não falamos meses a fio e quando falamos é porque os próprios técnicos da Instituição ou a própria Instituição entra em contacto *com*.

Por exemplo no caso da Língua Gestual, alguma vez existiu por parte da instituição interesse em desenvolver algum curso junto dos pais?

Sim, já desenvolvemos cursos em Língua Gestual em horário pós – laboral, até há dois anos atrás tínhamos às 3as e 5as das 18h – 20h curso pós – laboral em Língua Gestual, o que acontece é que ao princípio é tudo lindamente, depois as coisas, porque temos consciência e nós próprios também sabemos pela nossa experiência, que nem sempre ao fim do dia é fácil, porque tem a ver com os horários, noutro horário também não é fácil, porque em horário laboral ninguém vem, mas em pós – laboral também é complicado.

Porque as pessoas têm os seus empregos, a sua vida e tal como nós depois querem ir para casa, têm os seus afazeres e muitas vezes é complicado virem e por isso nós deixamos de ter o curso há dois anos atrás porque as inscrições foram afunilando e portanto não se justificava, até porque em termos éticos há um número mínimo que é satisfatório para se levar um curso avante e portanto deixámos de ter até porque a maioria das pessoas que o procurava não eram pais, eram ou estudantes universitários, porque este reconhecimento da língua gestual portuguesa em termos da Constituição da Republica em 1998, portanto há 10 anos atrás, houve este *boom* este surgimento repentino de interpretes por todo o lado, quer dizer não é por todo o lado, mas em termos de comunicação social sobretudo, porque nas escolas ainda há muitas lacunas, e portanto houve como que um despertar para a questão da língua gestual, as pessoas acham giríssimo e querem vir aprender e é como lhe digo a maioria eram estudantes universitários, lá havia uma ou outra família ou um familiar mais próximo, mas efectivamente temos essa lacuna, grande a meu ver, que condiciona tudo o resto, porque o acesso à informação em casa está completamente…e depois é o acumular de situações, é o não exteriorizar emoções e tudo mais.

Torna-se muito complicado para os pais quando não podem comunicar, até porque o sentimento de culpabilização aumenta…

Pois, mas depois também é assim, os apoios a nível dos hospitais, porque onde é que é feito o primeiro diagnóstico, regra geral é no Hospital, depois a meu ver também falham esse tipo de estruturas, não há um acompanhamento adequado, embora hoje em dia, as coisas estejam um bocadinho diferentes, só que nós apanhámos estes mais velhos que não tiveram esse tipo de apoio na altura devida não é? A estimulação também não foi feita, na altura os próprios métodos de trabalho não eram a língua gestual, portanto eles não foram estimulados, trabalhados na sua língua materna que é a língua gestual, porque os métodos eram oralistas, e como é que se vai obrigar uma criança que é surda profunda a falar? Mas isso foram de facto os métodos que imperaram durante muito tempo, perderam-se ali anos que eram fulcrais no desenvolvimento da pessoa como um todo.

Sim, e até porque pela experiência de outros técnicos que trabalham mais directamente com a deficiência mental ou outra, a situação é semelhante…

Sim, mas cada deficiência tem a sua especificidade. No caso dos nossos utentes do CAO, que são multi deficientes que para além da surdez têm outras complicações, como deve calcular as coisas são muito complicadas. Porque havendo um comprometimento

cognitivo, porque a maioria tem deficiência mental também, a própria aquisição da língua gestual também é difícil e tudo isto condiciona o desenvolvimento global. E depois as faltas de estimulação, porque temos por exemplo aqueles casos que vieram de África, meninos, e permita-me a expressão, que chegam tipo *pedra – bruta*. Temos casos que sem qualquer tipo de estimulação anterior e parecem e digo isto com as devidas ressalvas um bocadinho o *bicho-do-mato*, que nem o contacto físico com o outro conseguem estabelecer, nem o visual, porque de facto não houve estimulação nas alturas próprias e como educadores sabemos que há etapas propícias mas próprias para determinadas aquisições, eles passaram por cima disso tudo, a par das condicionantes que cada um já trás por si, por força da deficiência de que é portador. Torna-se assim, um trabalho muito complicado.

Ainda relativamente sobre as famílias, o acto de cuidar acarreta algumas responsabilidades que não passam apenas pelos cuidados físicos, mas também a protecção social, o cuidar e o zelar do seu filho. Mas muitas vezes os próprios pais não conseguem desempenhar a sua função como deveriam. Considera importante haver uma formação específica para os cuidadores?

Acho importantíssimo! Porque é assim, ninguém nasce ensinado e estes pais verbalizam muitas vezes que não sabem lidar com determinadas situações. E o não saber lidar, não passa no nosso caso, pelo não saber comunicar *com*, passa, efectivamente, por situações de extremo proteccionismo, porque ainda temos muito aquela questão do *coitadinho* e portanto há situações de proteccionismo, algo exagerado. De um momento para o outro há uma reviravolta seja ela porque motivo for, ou porque o jovem ganha determinadas autonomias, começa a ter comportamentos que não eram normais nele, e portanto isso começa a mexer com as dinâmicas da própria famílias e alguns pais, não digo todos não sabem lidar com estas situações. E depois as questões da própria deficiência, porque é assim, a própria deficiência de que o jovem ou adulto é portador acarreta determinadas especificidades que os próprios pais não tem essa informação, terão alguns porque têm níveis sócio – culturais diferentes, porque vão pesquisar e porque procuram técnicos que lhes dão informação e como é óbvio vão fazendo o seu melhor, vão dando o seu melhor e ninguém está a por em causa a capacidade da família em dar resposta às situações, mas há efectivamente nalguns casos dificuldade em, por falta de conhecimento e por falta de informação, em saber gerir as situações. Este exemplo que lhe dei à pouco de termos este curso ao sábado, nasceu efectivamente destas necessidades dos pais não saberem como gerir as situações e aquilo que para nós era um curso de formação,

acabou por funcionar como um espaço terapêutico. É assim não é menos importante, pelo contrário, mas falham estas competências base porque ninguém nasce ensinado. O que se passa aqui com estas famílias é que na sua maioria são famílias de condições sócio – económicas e culturais muito baixas que, de facto há uma grande falha a nível da informação.

Considerando a prática que desenvolve actualmente de que forma é que perspectiva o seu trabalho?

Neste momento tenho muitas reservas em relação ao futuro. Primeiro passa muito por aquilo que comecei a falar no inicio que passa pelas políticas de inclusão, tenho sérias dúvidas de que esta política actual de intervenção junto das pessoas com deficiência venham a ter os efeitos que as políticas desejam e objectivam. Depois por outro lado, estas instituições especializadas com todo um know-how adquirido, com toda uma experiência de vida em prol da comunidade surda, com os cortes financeiros que as entidades que tutelam, que estão no fundo a obrigar às instituições vejo um futuro muito complicado. Fora deste âmbito com a crise económica que anda para aí, prevejo que venham a emergir *n* situações em que o papel do técnico de serviço social venha a ter um papel preponderante, como é óbvio na questão da deficiência também temos situações de emergência social, também temos. Em termos da Instituição em si, também tenho muitas reservas em relação ao futuro. Ou nós que procurar novas formas de intervenção, ou nós temos que criar respostas e dar a volta ao cenário actual se não tenho muitas reservas.

Relativamente à política de inclusão referiu que tinha muitas reservas, poderia explicitar melhor?

Sim, tenho muitas reservas no sentido em que a questão da deficiência na sua globalidade não se enquadra nesta resposta que foi começada a criar e que está em desenvolvimento, não digo que para uma ou outra situação as coisas não funcionem mas na globalidade das situações não resolve, porque é assim eles são incluídos nas escolas regulares mas continua a haver um *gueto* dentro da própria escola, porque continuamos a ter as unidades de apoio aos alunos surdos. Depois é assim as respostas que o sistema educativo dá não são as mais adequadas aos alunos, poderão ser para alguns mas não são para todos, porque muito das nossas respostas para a deficiência não passam exclusivamente pela resposta educativa, passa por outro tipos de apoio por outro tipo de estimulações que depois a escola não tem capacidade de resposta. Tenho muitas dúvidas em relação ao sucesso destas intervenções. Ainda a semana passada sobre isso com o

Presidente do Conselho Executivo do agrupamento onde vou dar apoios com a pessoa que tem a coordenação dos apoios educativos a nível do ensino especial e ela própria também estava a partilhar dessa opinião. Temos sérias reservas em relação a isto, porque é assim esta política, não de uma forma tão estanque, mas já tivemos estes tipos de intervenção e voltámos ao ensino especial porque chegou-se à conclusão que não funciona, agora estamos outra vez assim. Mas como tudo na vida, isto é cíclico e portanto vamos aguardar. Agora é assim, acaba, muda o governo, mudam as políticas e não chega a haver uma monitorização clara dos efeitos desta política, porque também sabemos que as coisas funcionam desta maneira. São ciclos relativamente curtos, onde não se chega a ver efeitos, o que é certo é que vamos perdendo coisas e depois há investimento em recursos humanos, em recursos técnicos que depois de um momento para o outro *para quê?* E quem mais se prejudica é quem mais precisa.

Considera que a actual sociedade tem condições para incluir o portador de deficiência?

Um pouco mais hoje em dia, do que há uns anos atrás, mas muito longe do desejável. Continuamos a ver barreiras a todos os níveis. A falta de sensibilização das pessoas também, embora acho que estamos um pouco melhor, seguramente estamos um pouco melhor, mas falta transpor muitas barreiras e passa muito a meu ver pela cultura, pela mentalidade que vem das próprias pessoas. Também faz falta uma campanha de marketing pesada, que chegue a todo o lado, uma campanha de marketing social. Embora, seja como lhe digo, hoje em dia, seja bem melhor. Talvez seja porque algumas instituições, infelizmente são sempre as mesmas, mas com maior visibilidade na comunicação social faz com que isto mexa mais. As campanhas de solidariedade, as chamadas em que x valor das chamadas reverte para… O crescendo de iniciativas de responsabilidade social nas empresas, também, já começámos a sentir, há três ou quatro anos, nesta parte. Por isso eu penso que sim, melhoria há, não podemos dizer que não. Que há muito por fazer, sim claramente que sim.

Este é um processo muito lento…

È lento porque também não havia essa cultura… Sinto melhoria, claramente. Estou na área da deficiência há 18 anos e portanto tenho de alguma forma sentido essa evolução, mas ainda temos muito por fazer…muito mesmo.

Relativamente ao sistema legislativo português…

È assim, também partilho da mesma opinião em relação à sociedade. Começaram a emergir regulamentações, portarias, decretos – lei, seja o que for, há meia dúzia de anos

a esta parte. Penso que com a criação de uma secretaria de estado para a reabilitação também se deu um salto muito grande. Não havia, nunca tinha havido especificamente para, havia o secretariado nacional para a reabilitação, mas que enfim, tinha limitações em termos da sua autonomia funcional e decisiva, hoje em dia é o INR. Mas ao haver uma secretaria de estado desta área especificamente eu acho que de facto fez com que se começasse a emergir. Depois, também teve a ver com outra coisa, as próprias instituições das pessoas com deficiência e para as pessoas com deficiência, também começaram a dar voz, começaram a reivindicar coisa que não acontecia há tempo atrás. E já há alguém que também ouve as reivindicações. Portanto não é o ideal ainda mas ainda nessa perspectiva penso que temos vindo a melhorar…

A sua perspectiva é positiva?

Eu tenho que ter uma atitude positiva quando olho para trás e vejo o que tínhamos e o que vamos tendo, não estou de todo completamente satisfeita com o que há. Acho que efectivamente estamos melhor, existe qualquer coisa, mas também tenho expectativas em relação ao futuro e espero que cada vez mais surjam ajudas nesse sentido.

ANÁLISE DE CONTEÚDO - INSTITUIÇÃO: APECDA

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I. A Instituição	Práticas de Funcionamento	IPSS	*"Isto é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (…)"*
		Existe há mais de 30 anos	*" (…) que foi fundada há 30 e tal anos, há 36/ 37 anos."*
		Surgiu de uma união de pais	*"Surgiu da união de um grupo de pais que tinham em comum filhos com deficiência auditiva, (…)"* *"(…) que não encontrando outras respostas no país se uniram (…)"* *"(…)e fundaram a associação, (…)"* *"(…) tanto que era uma associação de pais."* *"Tanto que a designação é associação de pais para a educação de crianças com deficientes auditivas."*
		Adaptação às políticas instituídas pelos órgãos de tutela	"*Ao longo dos anos, a associação foi-se adaptando, (…)"* *"(…)quer às políticas emanadas pelos órgãos de tutela, (…)"* *"(…)quer em termos das metodologias de intervenção."* *"Neste momento, como referi à pouco, perdemos há dois anos a valência sócio – educativa, (…)"* *"(…)o que de certa forma, reduziu imenso a carga de respostas que temos internamente."* *"O ano passado funcionámos muito como unidade de formação de base, (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) este ano tivemos que passar a unidade de formação mesmo, é formação inicial (…)" *" (…) e fomos sofrendo alterações e adaptações em função das directivas superiores (…)"* *" (…) uma vez que também estava em causa o próprio financiamento da estrutura e (…)"* *"Nós tivemos algumas alterações em termos do funcionamento da unidade (…)"* *" (…) que foi desde 90 a 2007 inclusive, unidade de pré – formação (…)"* *" (…) depois com a entrada do QREN, com as alterações no quadro regulamentador da formação profissional (…)"* *" (…) a pré – formação caiu (…)"* *" (…) deixou de existir (…)"* *" (…) de ser elegível (…)"* *" (…) de ser financiada (…)"* *" (…) portanto nós tivemos que nos converter (…)"*
		Instituição especializada para a deficiência auditiva	*" (…) mas efectivamente temos uma casa cheia de muita coisa, (…)"* *" (…) cheia de boa vontade, (…)"* *" (…) cheia de experiência, porque há pessoas com muitos anos de funcionamento aqui (…)"* *"(…) e como associação de pais para a área da deficiência auditiva única (…)"* *"(…) e como centro de actividades ocupacionais para a deficiência auditiva única no país."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Tentam projectar actividades bastante diversificadas	*"As actividades são as mais diversificadas possíveis (…)"* *" (…) porque é de facto importante que eles vivenciem situações diversificadas (…)"* *" (…) e como tal nós temos várias actividades que lhes proporcionamos (…)"* *"Então o tipo de actividades varia em função da valência onde eles estão."* *" (…) que vão desde as actividades em sala (…)"* *" (…) as actividades ditas manuais / artesanais (…)"* *" (…) têm o movimento e dança (…)"* *" (…) têm educação física (…)"* *" (…) têm Língua Gestual Portuguesa (…)"* *" (…) têm natação no exterior (…)"* *" (…) na piscina do Sporting não todos (…)"* *" (…) só alguns é que vão à natação (…)"* *" (…) e que eles próprios tenham a possibilidade de desenvolverem competências diversificadas."*
		Actividades do exterior não são obrigatórias	*" (…) uns por opção própria porque não querem (…)"* *" (…) outros porque ao irmos para o exterior, isto envolve encargos e implica um acréscimo na comparticipação (…)"* *"Outros não vão porque não querem (…)"* *" (…) e têm esse direito (…)" " (…) e por isso não têm esse carácter obrigatório."*
		Tentativa para não	*"Tentamos que seja um horário semanal*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		criar rotinas	*bastante diversificado (…)"* *" (…) para que de facto, não se criem tantas rotinas (…)"*
		Funções do técnico entrevistado	*"Internamente eu sou coordenadora das duas valências (…)"* *" (…) aliás neste momento, sou coordenadora das três valências."* *"Em relação aqui, tanto tenho o trabalho indirecto de coordenação (…)"* *" (…) como tenho o trabalho directo (…)"* *" (…) tanto com os formandos (…)"* *" (…) com as famílias (…)"* *" (…) portanto há aqui um acumular de funções (…)"* *" (…) assim que queiramos chamar."*
	Profissionais que trabalham na Instituição	Técnicos Superiores	*" (…) são os prestados por uma técnica de reabilitação (…)"* *" (…) que vai dar apoio a duas crianças surdas com implante coqueliar (…)"* *" (…) uma em creche e outra em jardim-de-infância, (…)"* *" (…) aqui da rede regular de ensino a uma creche e a um jardim-de-infância(…)"* *"(…) temos as técnicas de reabilitação… (…)"* *" (…) temos a psicóloga que vai duas vezes por semana, ao agrupamento de escolas de referência para a surdez que é o agrupamento de Escolas da Quinta de Marrocos que é em Benfica (…)"* *" (…) temos o psicólogo (…)"* *" (…) e eu que sou técnica de serviço social, que vou uma vez por semana ao*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			agrupamento dar os apoios inerentes ao serviço social." *"Temos o técnico de Serviço Social (…)"* *" (…) temos os formadores na unidade de formação (…)"*
		Auxiliares	*" (…) o auxiliar de monitor (…)"* *" (…) os serviços auxiliares de limpeza (…)"* *" (…) o refeitório (…)"*
		Serviço administrativo	*" (…) depois temos os outros serviços de apoio (…)"* *" (…) o serviço administrativo (…)"*
		Motorista e vigilante	*" (…) temos a carrinha que tem motorista (…)"* *" (…) e a vigilante (…)"*
		Tentam incluir surdos na equipa	*" (…) temos uma preocupação grande que é ter surdos no seio da equipa técnica (…)"* *" (…) porque para eles há uma maior identificação com (…)"* *" (…) e funciona um pouco como o modelo de surdo adulto (…)"* *" (…) temos a formadora de Língua Gestual que é surda (…)"* *" (…) temos uma auxiliar de monitora que é surda (…)"* *" (…) e temos uma auxiliar de acção educativa surda, também."* *"Portanto, temos de facto essa preocupação (…)"* *" (…) e portanto é uma mais-valia em termos institucionais."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Valências de atendimento	Existem duas valências no interior	*"Portanto, neste momento, a funcionar aqui na instituição só temos duas valências (…)"* *" (…) que é a unidade de formação e o centro de actividades ocupacionais (…)"* *" (…) quer para a multideficiência em que todos eles têm surdez (…)"* *" (…) e todas as deficiências associadas."*
		Centro de Recursos	*" (…) temos, também, a terceira, o centro de recursos mas esse é mais voltado para o exterior."* *"A nível dos apoios que nós no âmbito do Centro de Recursos que prestamos no exterior (…)"* *"A nível do centro de recursos são apoios que vamos dar ao exterior (…)"* *" (…) porque as escolas não estão equipadas com os recursos humanos suficientes para dar resposta (…)"* *" (…) e tem a ver com o próprio levantamento de necessidades que o próprio agrupamento de escolas fez."* *"São apoios directos e indirectos."* *"Directos aos alunos (…)"* *" (…) e os indirectos quando estamos a falar das famílias (….)"* *" (…) dos outros professores (...)"* *" (…) e dos outros técnicos que estão no agrupamento (…)"* *"(…) e com quem nós colaboramos."*
		Unidade de Formação	*"Na unidade de formação são jovens surdos (…)"* *" (…) com idade igual ou superior a 16 anos (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) com perfil para ingresso no mercado de trabalho (…)" " (…) portanto estão a fazer uma formação para que os certifique (…)" *" (…) e qualifique no mercado de trabalho (…)"* *" (…) como tal temos três áreas de formação três cursos (…)"* *" (…) temos as artes decorativas (…)"* *" (…) as madeiras (…)"* *" (…) e os têxteis."*
		Componente sócio – cultural	*"Em paralelo como componente sócio – cultural existem os outros apoios (…)"* *" (…) a Língua Gestual Portuguesa (…)"* *" (...) o módulo de formação profissional (…)"* *" (…) e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais (…)"* *" (…) e o módulo de educação sexual (…)* *" (…) e depois outras actividades (…)"*
		Componente lúdico – recreativa	*" (…) mais lúdico – recreativas que fazem parte do desenvolvimento global deles que é a educação física."*
		CAO	*" Em termos do Centro de Actividades Ocupacionais é uma resposta social(…)"* *" (…) apoiada financeiramente pela Segurança Social (…)"* *" (…) temos uma capacidade de resposta a 12 utentes (…)"* *" (…) e temos a lotação esgotada (…)"* *" (…) e o tipo de actividades são completamente diferentes (…)"* *" (…) porque o objectivo do CAO não é o ingresso no mercado de trabalho (…)"* *"(…) passa muito pelo aproveitamento das capacidades remanescentes de cada um (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) pela melhoria (…)" *" (…) e o aproveitamento do potencial também (…)"* *" (…) e portanto é numa perspectiva de ocupação (…)"* *" (…) de qualidade de vida (…)"* *" (…) de bem-estar (…)"* *" (…) sobretudo de prazer para eles (…)"* *"De regra geral no CAO, a idade mínima de ingresso no CAO é 16 anos (…)"* *" (…) portanto há todo um percurso anterior de frequência (…)"* *" (…) na maior parte das situações (…)"*
		Cursos extra – escolares	"*Sim para esses existe um curso extra – escolar (…)"* *" (…) que é uma oferta educativa fora do ensino regular…"* *"Disponibiliza em termos de espaço(…)"* *" (…) porque os recursos são do Ministério da Educação (…)"* *" (…) ou seja, o professor é destacado pelo Ministério da Educação todos os anos."* *"Nós fazemos a proposta de curso (…)"* *" (…) ou melhor de continuidade de curso(…)"* *" (…) porque já existe há muitos anos (…)"* *" (…) primeiro era chamada de Alfabetização (…)"* *" (…) depois passou a Ensino Recorrente(…)"* *" (…) e agora chama-se os cursos Extra – Escolares (…)"* *" (…) portanto é no âmbito da educação*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			extra – escolar, fora do âmbito escolar." *"Até porque são alunos que já estão fora da idade obrigatória (…)"* *" (…) é um curso que é para a actualização e aquisição de competências."* *"No fundo, não vamos ter grandes expectativas que eles venham a adquirir grandes conhecimentos (…)"* *" (…) mas que pelo menos mantenham as aquisições que fizeram até agora (…)"* *" (…) e se conseguirmos evoluir um pouco, tanto melhor."* *"Temos ainda uma outra resposta que é frequentada por oito dos utentes do Centro de Actividades Ocupacionais (…)"* *"(…) que é um curso extra – escolar (…)"* *" (…) para a aquisição de competências de língua portuguesa (…)"* *" (…) matemática (…)"* *" (…) e mundo actual."*
	Processo de avaliação dos utentes	Depende das valências de formação	*"Depende das valências em termos da unidade de formação (…)"* *" (…) até ao ano civil passado eles eram avaliados na unidade de avaliação da associação portuguesa de surdos."*
		Instituição pode admitir utentes	*"Neste momento, este ano ainda não tivemos admissões."* *"Nós podemos admitir directamente e fazer a avaliação internamente (…)"*
		Parceria com a APS	*" (…) mas mantêm-se de alguma forma esta parceira com APS (…)"* *" (…) e portanto como eles não tem formação nesse centro (…)"* *" (…) só tem formação em mercado de*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			trabalho (…)" *" (…) aqueles que não têm perfil para ingresso directo no mercado de trabalho (…)"* *" (…) vem fazer formação em centro (…)"* *" (…) portanto continuamos a receber."*
		Avaliação no CAO com a mesma estrutura da unidade de formação	*"Em relação ao CAO não obriga a que passe por uma outra estrutura (…)"* *" (…) nós temos uma equipa técnica (…)"* *" (…) como tal estamos aptos a fazer o processo desta avaliação."* *" (…) mas não quer dizer que não haja excepção à regra (…)"* *" (…) mas a maioria dos utentes já passaram por outras instituições (…)"* *" (…) quando nos são sinalizados já vêm com avaliações feitas (…)"* *" (…) isto em termos da admissão."*
		Avaliação contínua	*"Depois a avaliação é contínua quer em termos da unidade de formação (…)"* *" (…) quer em termos do centro de actividades ocupacionais."* *" (…) há também aqui uma avaliação constante e contínua (…)"* *" (…) a avaliação é efectivamente uma avaliação contínua e partilhada."*
		Equipa com instrumentos próprios	*"A equipa tem instrumentos próprios (…)"* *" (…) onde vai fazendo o registo dos utentes (…)"*
		Momentos de partilha são essenciais (cada formando tem a sua	*" (…) e a equipa vai reunindo com alguma frequência (…)"* *" (…) e portanto faz o ponto de situação de cada utente (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		especificidade)	*" (…) temos esta preocupação da equipa (…)"* *" (…) ter estes momentos de partilha(…)"* *" (…) porque um mesmo formando pode ter desenvolvimentos distintos numa área ou noutra (…)"* *" (…) tem a ver com a própria área(…)"* *" (…) tem a ver com o formador (…)"* *" (…) porque eles tal como nós estabelecemos empatias mais favoráveis ou não (…)"* *" (…) estabelecemos de todo com quem interagimos (…)"* *" (…) portanto isso com eles também acontece (…)"* *" (…) que todos os elementos que intervêm com cada utente tenham a informação de como é o funcionamento global, no fundo."* "*Por isso a nossa preocupação é que a equipa reúna com frequência (…)"* *" (…) partilha as intervenções (…)"* *" (…) as avaliações(…)"* *" (…) o bom e o mau (…)"* *" (…) há de facto esta grande preocupação (…)"*
		Famílias têm um papel importante neste processo	*" (…) que também é passada às famílias (…)"* *" (…) temos instrumentos de registo que facultamos às famílias (…)"*
		Informação é individual	*" (…) independentemente de outros registos que existem nos dossiers individuais (…)"* *" (…) porque há informação que é*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			individual (…)”
	Processo de avaliação das famílias	Recolha de informação no momento da admissão	*“ Não e sim, quer dizer, existe o processo social que no momento da admissão (…)”* *“ (…) que para além da informação recolhida pelas outras pessoas intervenientes no processo (…)”* *“ (…) nós também, recolhemos informação para constituição do processo do aluno (…)”*
		Dificuldade na participação activa das famílias	*“ (…) temos alguma dificuldade em ter uma participação activa das famílias (…)”* *“ (…) não vou dizer que não há excepções (…)”* *“ (…) porque graças a Deus que há (…)”* *“ (…) mas nem todas as famílias participam efectivamente na vida da Instituição (…)”* *“ (…) e na vida dos seus filhos dentro da Instituição.”*
		Realizam-se reuniões periódicas com os pais (feedback e cooperação)	*“Fazemos reuniões periódicas com os pais (…)”* *“ (…) onde damos feedback do trabalho que é desenvolvido (…)”* *“ (…) onde pedimos a cooperação das famílias também (…)”* *“ (…) não quer dizer que ela depois resulte na prática.”*
		Trabalho activo no âmbito da Psicologia e do Serviço Social	*“Há alguma avaliação no âmbito do gabinete de psicologia (…)”* *“ (…) aí há um trabalho activo no papel com as famílias.”* *“No caso do serviço social há um*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			trabalho desenvolvido com as famílias."
Principais constrangimentos	Adesão às actividades	Comunicação	*"A nossa grande preocupação é com a questão da comunicação (…)"* *" (…) porque este grupo, nomeadamente o do Centro de Actividades Ocupacionais (…)"* *" (…) têm grandes limitações em termos da comunicação (…)"* *" (…) e portanto eles têm um grau de comunicação muito básico."* *" (…) e do acesso à informação em geral (…)"* *" (…) ao mundo que os rodeia (…)"*
	Relação com outras instituições	Apoio ao nível dos Hospitais	*"Pois, mas depois também é assim (…)"* *" (…) os apoios a nível dos hospitais(…)"* *" (…) porque onde é que é feito o primeiro diagnóstico, regra geral é no Hospital (…)"* *" (…) depois a meu ver também falham esse tipo de estruturas (…)* *" (…) não há um acompanhamento adequado (…)"* *" (…) embora hoje em dia, as coisas estejam um bocadinho diferentes (…)"* *" (…) só que nós apanhámos estes mais velhos que não tiveram esse tipo de apoio na altura devida não é"*
		Métodos de trabalho tradicionais nas escolas	*" A estimulação também não foi feita(…)"* *" (…) na altura os próprios métodos de trabalho não eram a língua gestual(…)"* *" (…) portanto eles não foram estimulados (…)"* *" (…) trabalhados na sua língua materna*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			que é a língua gestual (…)" *" (…) porque os métodos eram oralistas (…)"* *" (…) e como é que se vai obrigar uma criança que é surda profunda a falar?"* *" Mas isso foram de facto os métodos que imperaram durante muito tempo(…)"* *" (…) perderam-se ali anos que eram fulcrais no desenvolvimento da pessoa como um todo."*
		Situações de crianças provenientes de África	*"E depois as faltas de estimulação(…)"* *" (…) porque temos por exemplo aqueles casos que vieram de África(…)* *" (…) meninos, e permita-me a expressão, que chegam tipo pedra – bruta."* *"Temos casos que sem qualquer tipo de estimulação anterior (…)* *" (…) e parecem e digo isto com as devidas ressalvas um bocadinho o bicho-do-mato (…)"* *" (…) que nem o contacto físico com o outro conseguem estabelecer (…)"* *" (…) nem o visual, porque de facto não houve estimulação nas alturas próprias (…)"* *" (…) e como educadores sabemos que há etapas propícias (…)"* *" (…) mais próprias para determinadas aquisições (…)"* *" (…) eles passaram por cima disso tudo (…)"* *" (…) a par das condicionantes que cada um já trás por si (…)"* *" (…) por força da deficiência de que é portador."* *"Torna-se assim, um trabalho muito*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			complicado."
	Espaço físico	Instituição pequena	*"A Instituição é pequena, mas cheia… (…)"* *"O nosso grande problema é efectivamente o espaço físico (…)"* *"Mas efectivamente não obstante os espaços limitados são muito pequenos(…)"* *" (…) isto foi uma vivenda adaptada(…)"* *" (…) portanto também tem os seus condicionalismos próprios (…)"*
		Projecto de alargamento sem êxito	*"O nosso grande problema é efectivamente o espaço físico (…)"* *" (…) tivemos um projecto há meia dúzia de anos atrás (…)"* *" (…) que empandeirou sobretudo no IPAR (…)"* *" (…) porque isto aqui também é uma zona protegida (…)"* *" (…) e por isso as edificações estão sujeitas a padronizações arquitectónicas (…)"* *" (…) e depois aquilo foi entravando."* *"Entretanto também ficou obsoleto(…)"* *" (…) porque perdemos a valência sócio – educativa (…)"* *" (…) e portanto deixou de fazer sentido aquele tipo de projecto (…)"* *" (…) que havia que contemplava uma grande parte de salas de aula tipicamente sala de aula (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) portanto deixou de fazer sentido (…)" *" (…) e voltámos à estaca zero."*
		Poucos recursos financeiros para um novo projecto	*"Como todas as IPSS temos condicionalismos enormes financeiros(…)"*
		Solidariedade de conhecidos para a elaboração do projecto	*" (…) e por isso, de alguma forma também estamos dependentes da solidariedade de pessoas conhecidas(…)"* *" (…) que arranquem com o projecto(…)"* *" (…) com a parte arquitectónica etc.(...)"*
		Inexistência de um projecto arquitectónico condiciona a candidatura a alguns concursos	*"Já nem estamos a falar depois do edificado propriamente dito (…)"* *" (…) isso tem sido efectivamente um grande condicionalismo(…)"* *" (…) já houve as aberturas do PARES por duas vezes na cidade de Lisboa(…)"* *" (…) e nós nunca pudemos concorrer porque não tínhamos nenhum projecto já aprovado (…)"* *" (…) porque há essa exigência."* *"Efectivamente a criação de novas respostas também fica condicionada(…)"* *" (…) enquanto não houver uma estrutura física compatível."* *"Mas enquanto há fé (...)"* *" (…) há esperança como se costuma dizer(…)"* *" (…) vamos esperar que num futuro isso seja possível."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
III Medidas de inclusão social	Envolver a comunidade	Saídas ao exterior	*"Nós temos, ao longo do ano (…)"* *" (…) várias saídas ao exterior (…)"* *"Nós temos essa preocupação de ir para o exterior (…)"*
		Desenvolver actividades na comunidade	*" (…) temos de facto a preocupação de envolver (…)"* *" (…) ou desenvolver actividades na comunidade (…)"* *" (…) portanto esse trabalho é feito que é um recurso aos serviços da comunidade."*
		Dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos na instituição	*" (…) no exterior que é extremamente importante dar visibilidade àquilo que eles são capazes de desenvolver (…)"* *" (…) é extremamente importante."*
		Participação em concursos locais ou nacionais	*" (…) de participar em concursos de nível local ou nacional(…)"* *" (…) seja concursos de postais de Natal (…)"* *" (…) posters, etc., fomentamos isso."*
		Natação no exterior	*"Depois o irmos fazer a natação fora(…)"* *" (…) também vamos a um recurso da comunidade (…)"*
		Membros da comissão local de freguesia do Lumiar	*" (…) fazemos parte também da comissão local da freguesia do Lumiar(…)"*
		Rede de Lisboa	*" (…)e da Rede da cidade de Lisboa(…)"*
		Trabalhar a autonomia	*" (…)portanto mesmo nas saídas do dia-a-dia (…)"* *" (…) o ir trabalhar as questões da autonomia (…)"* *" (…) ir a um banco (…)"* *" (…) ir a uns correios (…)"*

Tema: A Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
IV. Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da instituição	Instituição é uma associação de pais	*"Nós fomentamos isso (…)"* *" (…) até pela própria designação da Instituição (…)"* *" (…) isto é uma associação de pais(…)"* *" (…) e a direcção da associação é composta por pais com filhos portadores de deficiência auditiva(…)"* *" (…) está nos estatutos é uma das exigências."* *"Logo por aí nós temos pais cá dentro."*
		Instituição fomenta a vinda dos pais	*"Depois como é óbvio, nós fomentamos a vinda dos pais à escola (…)"* *" (…) onde sempre os pais são convidados."* *" (…) portanto ai nós temos um historial de envolvimento das famílias (…)"*
		Momentos festivos dirigidos aos pais	*" (…) temos os momentos festivos da Instituição (…)"* *"Esta ultima festa de Natal, foi das que eu me lembro que teve uma maior adesão dos pais."* *"Mas as acções são sempre dirigidas aos pais."*
		Existem pais muito presentes	*" (…) outros que até aparecem sem marcação (…)"* *" (…) também temos essas situações."* *" (…) graças a Deus que não são todas as situações assim (…)"* *" (…) mas ainda existe uma ou outra."* *"Depois há aqueles pais que até vêm às reuniões todas (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Existem pais mais desligados	*"Infelizmente nem todos funcionam assim (…)"* *" (…) porque também temos aquelas situações como em algumas IPSS, porque muitas vezes e desculpe a expressão sentimos que somos muitas vezes um depósito (…)"* *" (…) o que não quer dizer que todas participem na mesma medida."* *" (…) e quando falamos é porque os próprios técnicos da Instituição ou a própria Instituição entra em contacto com."* *" (…) e é como que eu lhe digo, não são todos que funcionam dessa forma(…)"* *" (…) mas temos situações de pais com quem não falamos meses a fio(…)"*
		Cursos para pais surdos com filhos ouvintes	"*Vou-lhe dar um exemplo que terminou agora (…)"* *" (…) mas que vai retomar em breve(…)"* *" (…) dentro de dois ou três meses(…)"* *" (…) vai começar um projecto aos sábados que é com pais surdos com filhos ouvintes (…)"*
	Papel que os pais devem desempenhar	Papel mais activo	*"Um papel mais activo em todos os domínios da vida dos filhos (…)"* *"Depois passa por aquilo que disse há pouco (…)"* *" (…) passa por um envolvimento mais activo no dia-a-dia dos filhos(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Comunicação ainda é um problema	*" (…) porque nós continuamos a sentir e no nosso caso muito particular, começa logo na questão da comunicação."* *"No nosso caso da deficiência auditiva começa logo pela necessidade dos pais aprenderem língua gestual(…)"* *" (…) para poderem ter uma comunicação total com os filhos(…)"* *" (…) por isso começa logo aí."* *" (…) porque o acesso à informação em casa está completamente…"* *" (…) e depois é o acumular de situações, é o não exteriorizar emoções e tudo mais."*
	Curso em língua gestual promovido pela Instituição	Horário pós – laboral	*"Sim, já desenvolvemos cursos em Língua Gestual em horário pós – laboral (…)"* *" (…) até há dois anos atrás tínhamos às 3as e 5as das 18h – 20h curso pós – laboral em Língua Gestual (…)"* *" (…) o que acontece é que ao princípio é tudo lindamente (…)"*
		Dificuldade de participação dos pais	*" (…)depois as coisas, porque temos consciência e nós próprios também sabemos pela nossa experiência, que nem sempre ao fim do dia é fácil (…)"*
			" (…) porque tem a ver com os horários (…)" *" (…) noutro horário também não é fácil, porque em* *horário laboral ninguém vem (…)"* *" (…) mas em pós – laboral também é complicado."* *"Porque as pessoas têm os seus empregos(…)"* *" (…) a sua vida e tal como nós depois querem ir para casa(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Relação com as famílias	Curso em língua gestual promovido pela Instituição		*"(…) têm os seus afazeres e muitas vezes é complicado virem (…)"* *" (…) mas efectivamente temos essa lacuna(…)"* *" (…) grande a meu ver, que condiciona tudo o resto (…)"*
		Inscrições foram afunilando	*" (…) e por isso nós deixamos de ter o curso há dois anos atrás porque as inscrições foram afunilando (…)"* *" (…) e portanto não se justificava, até porque em termos éticos há um número mínimo que é satisfatório para se levar um curso avante (…)"*
		Grande procura por estudantes universitários	*" (…) portanto deixámos de ter até porque a maioria das pessoas que o procurava não eram pais (…)"* *" (…) eram estudantes universitários(…)"* *" (…) e é como lhe digo a maioria eram estudantes universitários (…)"*
		Reconhecimento em termos da Constituição da República em 1998	*" (…) porque este reconhecimento da língua gestual portuguesa em termos da Constituição da Republica em 1998(…)"*
		Grande surgimento de intérpretes	*" (…) portanto há 10 anos atrás, houve este boom este surgimento repentino de interpretes por todo o lado (…)"* *" (…) quer dizer não é por todo o lado, mas em termos de comunicação social sobretudo (…)"* *" (…) e portanto houve como que um despertar para a questão da língua gestual(…)"* *" (…) as pessoas acham giríssimo querem vir aprender(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Formação específica	Ninguém nasce ensinado	*"Acho importantíssimo!"* *"Porque é assim, ninguém nasce ensinado (…)"* *" (…) mas falham estas competências base porque ninguém nasce ensinado."*
		Pais verbalizam as dificuldades em lidar com algumas situações	*" (…) e estes pais verbalizam muitas vezes (…)"* *" (…) que não sabem lidar com determinadas situações."* *" (…) mas há efectivamente nalguns casos dificuldade em, por falta de conhecimento e por falta de informação, em saber gerir as situações."*
		Evidenciam um extremo proteccionismo	*"(…) passa, efectivamente por situações de extremo proteccionismo(…)"* *" (…) porque ainda temos muito aquela questão do coitadinho (…)"* *"(…) e portanto há situações de proteccionismo, algo exagerado."*
		Dificuldade em lidar com a autonomia do jovem	*"De um momento para o outro há uma reviravolta (…)"* *" (…) seja ela porque motivo for(…)"* *" (…) ou porque o jovem ganha determinadas autonomias (…)"* *" (…) começa a ter comportamentos que não eram normais nele (…)"* *" (…) e portanto isso começa a mexer com as dinâmicas da própria família(…)"* *" (…) e alguns pais, não digo todos não sabem lidar com estas situações."*
		Cada deficiência tem a sua especificidade	*"E depois as questões da própria deficiência (…)"* *"porque é assim, a própria deficiência de*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			que o jovem ou adulto é portador acarreta determinadas especificidades(…)"
		Pais estão desinformados	*" (…) que os próprios pais não tem essa informação(…)"* *"O que se passa aqui com estas famílias é que na sua maioria são famílias de condições sócio – económicas e culturais muito baixas que, de facto há uma grande falha a nível da informação."*
		Existem pais que vão pesquisar	*" (…) terão alguns porque têm níveis sócio – culturais diferentes (…)"* *" (…) porque vão pesquisar (…)"* *" (…) e porque procuram técnicos que lhes dão informação (...)"* *" (…) e como é óbvio vão fazendo o seu melhor (…)"* *" (…) vão dando o seu melhor (…)"*
		Tem consciência na capacidade das famílias	*" (…) e ninguém está a por em causa a capacidade da família em dar resposta às situações (…)"*
		Cursos de formação são espaços terapêuticos	*"Este exemplo que lhe dei à pouco de termos este curso ao sábado (…)"* *" (…) nasceu efectivamente destas necessidades dos pais não saberem como gerir as situações (…)"* *" (…) e aquilo que para nós era um curso de formação (…)"* *" (…) acabou por funcionar como um espaço terapêutico."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Trabalho desenvolvido	Relação ao futuro	Muitas reservas	*"Neste momento tenho muitas reservas em relação ao futuro."* *"Sim, tenho muitas reservas (…)"*
		Dificuldade em percepcionar as políticas de inclusão	*"Primeiro passa muito por aquilo que comecei a falar de inicio que passa pelas políticas de inclusão(…)"* *" (…) tenho sérias dúvidas de que esta política actual de intervenção junto das pessoas com deficiência venham a ter os efeitos que as políticas desejam(…)* *" (…) e objectivam."* *" (…) no sentido em que a questão da deficiência na sua globalidade não se enquadra nesta resposta que foi começada a criar (…)"* *" (…) e que está em desenvolvimento(…)"* *" (…) não digo que para uma ou outra situação as coisas não funcionem(…)"* *" (…) mas na globalidade das situações não resolve (…)"*
		Cortes financeiros muito complicados	*"Depois por outro lado, estas instituições especializadas com todo um know-how adquirido (…)"* *" (…) com toda uma experiencia de vida em prol da comunidade surda(…)"* *" (…) com os cortes financeiros que as entidades que tutelam (…)"* *" (…) que estão no fundo a obrigar às instituições (…)"* *" (…) vejo um futuro muito complicado."*
		Papel preponderante do técnico de serviço social	*"Fora deste âmbito com a crise económica que anda por aí (…)"* *" (…) prevejo que venham a emergir n situações em que o papel do técnico de serviço*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Trabalho desenvolvido	Relação ao futuro		*social venha a ter um papel preponderante (…)"* *" (…) como é óbvio na questão da deficiência também temos situações de emergência social, também temos."*
		Instituição deve procurar uma nova intervenção	*"Em termos da Instituição em si(…)" " (…) também tenho muitas reservas em relação ao futuro."* *"Ou nós procuramos novas formas de intervenção(…)"* *" (…) ou nós temos que criar respostas(…)"* *" (…) e dar a volta ao cenário actual se não tenho muitas reservas."* *" (…) porque é assim eles são incluídos nas escolas regulares(…)"* *" (…) mas continua a haver um gueto dentro da própria escola (…)"* *" (…) porque continuamos a ter as unidades de apoio aos alunos surdos."*
		Algumas das respostas da escola poderão não ser as mais adequadas	*" (…) porque nas escolas ainda há muitas lacunas (…)"* *"Depois é assim as respostas que o sistema educativo dá não são as mais adequadas aos alunos (…)"* *" (…) poderão ser para alguns (…)"* *" (…) mas não são para todos (…)"* *" (…) que depois a escola não tem capacidade de resposta."* *" (…) porque muito das nossas respostas para a deficiência não passam exclusivamente pela resposta educativa (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Trabalho desenvolvido	Relação ao futuro		*" (…) passa por outros tipos de apoio(…)"* *" (…) por outro tipo de estimulações(…)"*
		Dúvidas em relação ao sucesso das políticas	*"Tenho muitas dúvidas em relação ao sucesso destas intervenções."* *"Ainda a semana passada falei sobre isso com o Presidente do Conselho Executivo do agrupamento onde vou dar apoios (…)"* *" (…) com a pessoa que tem a coordenação dos apoios educativos a nível do ensino especial (…)"* *" (…) e ela própria também estava a partilhar dessa opinião."* *"Temos sérias reservas em relação a isto (…)"* *" (…) porque é assim esta política, não de uma forma tão estanque (…)"* *" (…) mas já tivemos estes tipos de intervenção (…)* *" (…) e voltámos ao ensino especial(…)"* *" (…) porque chegou-se à conclusão que não funciona (…)"* *" (…) agora estamos outra vez assim."*
		Não se verifica uma monitorização clara dos efeitos das políticas	*"Agora é assim, acaba (…)"* *" (…) muda o governo (…)"* *" (…) mudam as políticas (…)"* *" (…) e não chega a haver uma monitorização clara dos efeitos desta política (…)"* *" (…) porque também sabemos que as coisas funcionam desta maneira (…)"* *" (…) onde não se chega a ver efeitos(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Trabalho desenvolvido	Relação ao futuro		*" Mas como tudo na vida, isto é cíclico(…)"* *" (…) e portanto vamos aguardar."* *"São ciclos relativamente curtos (…)"*
		Investimentos em recursos que não são proveitosos	*" (…) o que é certo é que vamos perdendo coisas (…)"* *" (…) e depois há investimento em recursos humanos (…)"* *" (…) em recursos técnicos (…)"* *" (…) que depois de um momento para o outro para quê?"*
		Principais prejudicados são os utentes	*" E quem mais se prejudica é quem mais precisa."*
Inclusão Social	Sociedade	Existe uma evolução	*"Um pouco mais hoje em dia (…)"* *" (…) do que há uns anos atrás (…)"* *" (…) embora acho que estamos um pouco melhor (…)"* *" (…) seguramente estamos um pouco melhor (…)"* *"Embora, seja como lhe digo, hoje em dia, seja bem melhor."* *"Por isso eu penso que sim, melhoria há (…)"* *" (…) não podemos dizer que não."* *"Sinto melhoria, claramente."*
		Ainda existem muitas barreiras arquitectónicas	*" (…) mas falta transpor muitas barreiras (…)"* *"Continuamos a ver barreiras a todos os níveis."*
		Não é o desejável	*" (…) mas muito longe do desejável."* *"Que há muito por fazer, sim claramente que sim."* *"Portanto não é o ideal (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Inclusão Social	Sociedade	Falta de sensibilização	*"A falta de sensibilização das pessoas também (…)"* *" (…) e passa muito a meu ver pela cultura (…)"* *" (…) pela mentalidade que vem das próprias pessoas."*
		Necessidade de uma campanha de marketing social	*"Também faz falta uma campanha de marketing pesada (…)"* *" (…) que chegue a todo o lado, uma campanha de marketing social."*
		Crescendo de iniciativas de responsabilidade social	*"O crescendo de iniciativas de responsabilidade social nas empresas, também (…)"* *" (…) já começámos a sentir, há três ou quatro anos, nesta parte."* *"Talvez seja porque algumas instituições, infelizmente são sempre as mesmas (…)"* *" (…) mas com maior visibilidade na comunicação social faz com que isto mexa mais."* *"As campanhas de solidariedade (…)"* *" (…) as chamadas em que x valor das chamadas reverte para…"*
	Sistema legislativo	Existem melhorias	*"È lento porque também não havia essa cultura… (…)"* *"Estou na área da deficiência há 18 anos (…)"* *" (…) e portanto tenho de alguma forma sentido essa evolução (…)"* *" (…) mas ainda temos muito por fazer…muito mesmo."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"È assim, também partilho da mesma opinião em relação à sociedade." *"Começaram a emergir regulamentações (…)"* *" (…) portarias (…)"* *" (…) decretos – lei, seja o que for (…)"* *" (…) há meia dúzia de anos a esta parte."* *" (…) ainda mas ainda nessa perspectiva penso que temos vindo a melhorar…"* *" (…) não estou de todo completamente satisfeita com o que há."* *"Eu tenho que ter uma atitude positiva(…)"* *" (…) quando olho para trás e vejo o que tínhamos e o que vamos tendo (…)"*
		Criação do SNRIPD foi benéfico	*"Penso que com a criação de uma secretaria de estado para a reabilitação também se deu um salto muito grande."* *"Não havia, nunca tinha havido especificamente para (…)"* *" (…) havia o secretariado nacional para a reabilitação (…)"* *" (…) mas que enfim, tinha limitações em termos da sua autonomia funcional e decisiva (…)"* *" (…) hoje em dia é o INR."* *"Mas ao haver uma secretaria de estado desta área especificamente eu acho que de facto fez com que se começasse a emergir."*
		As instituições começaram a ter voz	*"Depois, também teve a ver com outra coisa (…)"* *" (…) as próprias instituições das pessoas com deficiência (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) e para as pessoas com deficiência (…)" *" (…) também começaram a dar voz(…)"* *" (…) começaram a reivindicar coisa que não acontecia há tempo atrás."* *"E já há alguém que também ouve as reivindicações."*
		Expectativas em relação ao futuro	*" (…) existe qualquer coisa, mas também tenho expectativas em relação ao futuro (…)"* *" (…) e espero que cada vez mais surjam ajudas nesse sentido."*
		Decreto – Lei nº3 de 2008	*"De facto, a própria legislação e sobretudo o decreto – lei nº 3 de 2008, portanto que saiu o ano passado em Janeiro e que efectivamente tem este grande peso da educação inclusiva(…)"* *" (…) veio de alguma forma e passo a expressão, obrigar os agrupamentos(…)"* *" (…) a estabelecer estas parcerias com as instituições particulares de solidariedade social, no fundo aproveitando o know-how, a mais-valia(…)"* *" (…) a experiência que temos junto da população surda (…)"*

UNIDADES DE REGISTO DA ENTREVISTA AO TÈCNICO RESPONSÀVEL

INSTITUIÇÃO: APECDA

1- Isto é uma Instituição Particular de Solidariedade Social
2- que foi fundada há 30 e tal anos, há 36/ 37 anos.
3- Surgiu da união de um grupo de pais
4- que tinham em comum filhos com deficiência auditiva,
5- que não encontrando outras respostas no país se uniram
6- e fundaram a associação,
7- tanto que era uma associação de pais.
8- Tanto que a designação é associação de pais para a educação de crianças com deficientes auditivas.
9- Ao longo dos anos, a associação foi-se adaptando,
10- quer às políticas emanadas pelos órgãos de tutela,
11- quer em termos das metodologias de intervenção.
12- Neste momento, como referi à pouco, perdemos há dois anos a valência sócio – educativa,
13- o que de certa forma, reduziu imenso a carga de respostas que temos internamente.
14- Portanto, neste momento, a funcionar aqui na instituição só temos duas valências,
15- que é a unidade de formação e o centro de actividades ocupacionais,
16- quer para a multideficiência em que todos eles têm surdez
17- e todas as deficiências associadas.
18- Temos, também, um centro de recursos para a inclusão,
19- que tem a ver efectivamente, com esta nova política de inclusão e da conversão das instituições em centros de recursos,
20- mas somos nós que vamos ao exterior dar o apoio às escolas.
21- Portanto em termos internos, neste momento, só temos duas valências a funcionar,
22- temos, também, a terceira, o centro de recursos mas esse é mais voltado para o exterior.

23- A nível dos apoios que nós no âmbito do Centro de Recursos que prestamos no exterior,
24- são os prestados por uma técnica de reabilitação
25- que vai dar apoio a duas crianças surdas com implante coqueliar
26- uma em creche e outra em jardim-de-infância,
27- aqui da rede regular de ensino a uma creche e a um jardim-de-infância,
28- temos a psicóloga que vai duas vezes por semana, ao agrupamento de escolas de referência para a surdez que é o agrupamento de Escolas da Quinta de Marrocos que é em Benfica
29- e eu que sou técnica de serviço social, que vou uma vez por semana ao agrupamento dar os apoios inerentes ao serviço social.
30- A nível do centro de recursos são apoios que vamos dar ao exterior
31- porque as escolas não estão equipadas com os recursos humanos suficientes para dar resposta
32- e tem a ver com o próprio levantamento de necessidades que o próprio agrupamento de escolas fez.
33- De facto, a própria legislação e sobretudo o decreto – lei nº 3 de 2008, portanto que saiu o ano passado em Janeiro e que efectivamente tem este grande peso da educação inclusiva
34- veio de alguma forma e passo a expressão, *obrigar os agrupamentos*,
35- a estabelecer estas parcerias com as instituições particulares de solidariedade social, no fundo aproveitando o *know-how*, a mais-valia,
36- a experiência que temos junto da população surda.
37- São apoios directos e indirectos.
38- Directos aos alunos
39- e os indirectos quando estamos a falar das famílias,
40- dos outros professores
41- e dos outros técnicos que estão no agrupamento
42- e com quem nós colaboramos.
43- Internamente eu sou coordenadora das duas valências,
44- aliás neste momento, sou coordenadora das três valências.
45- Em relação aqui, tanto tenho o trabalho indirecto de coordenação,
46- como tenho o trabalho directo,
47- tanto com os formandos,

48- com as famílias,
49- portanto há aqui um acumular de funções,
50- assim que queiramos chamar.
51- Então o tipo de actividades varia em função da valência onde eles estão.
52- Na unidade de formação são jovens surdos
53- com idade igual ou superior a 16 anos
54- com perfil para ingresso no mercado de trabalho,
55- portanto estão a fazer uma formação para que os certifique
56- e qualifique no mercado de trabalho,
57- como tal temos três áreas de formação três cursos,
58- temos as artes decorativas,
59- as madeiras
60- e os têxteis.
61- Em paralelo como componente sócio – cultural existem os outros apoios:
62- a Língua Gestual Portuguesa,
63- o módulo de formação profissional
64- e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais
65- e o módulo de educação sexual
66- e depois outras actividades,
67- mais lúdico – recreativas que fazem parte do desenvolvimento global deles que é a educação física.
68- Em termos do Centro de Actividades Ocupacionais é uma resposta social
69- apoiada financeiramente pela Segurança Social,
70- temos uma capacidade de resposta a 12 utentes
71- e temos a lotação esgotada
72- e o tipo de actividades são completamente diferentes
73- porque o objectivo do CAO não é o ingresso no mercado de trabalho
74- passa muito pelo aproveitamento das capacidades remanescentes de cada um,
75- pela melhoria
76- e o aproveitamento do potencial também,
77- e portanto é numa perspectiva de ocupação,
78- de qualidade de vida,
79- de bem-estar,
80- sobretudo de prazer para eles.

81- As actividades são as mais diversificadas possíveis
82- porque é de facto importante que eles vivenciem situações diversificadas
83- e como tal nós temos várias actividades que lhes proporcionamos
84- que vão desde as actividades em sala,
85- as actividades ditas manuais / artesanais,
86- têm o movimento e dança,
87- têm educação física,
88- têm Língua Gestual Portuguesa,
89- têm natação no exterior,
90- na piscina do Sporting não todos,
91- só alguns é que vão à natação,
92- uns por opção própria porque não querem,
93- outros porque ao irmos para o exterior, isto envolve encargos e implica um acréscimo na comparticipação
94- e há uma família ou outra que efectivamente não podem comportar.
95- Outros não vão porque não querem
96- e têm esse direito
97- e por isso não têm esse carácter obrigatório.
98- Temos ainda uma outra resposta que é frequentada por oito dos utentes do Centro de Actividades Ocupacionais
99- que é um curso extra – escolar,
100- para a aquisição de competências de língua portuguesa,
101- matemática
102- e mundo actual.
103- Tentamos que seja um horário semanal bastante diversificado,
104- para que de facto, não se criem tantas rotinas
105- e que eles próprios tenham a possibilidade de desenvolverem competências diversificadas.
106- A nossa grande preocupação é com a questão da comunicação,
107- porque este grupo, nomeadamente o do Centro de Actividades Ocupacionais
108- têm grandes limitações em termos da comunicação
109- e do acesso à informação em geral,
110- ao mundo que os rodeia e
111- depois temos as famílias que na sua maioria

112- não têm qualquer formação em Língua Gestual Portuguesa,
113- por isso a comunicação no seio da família também não é desejável.
114- Eles próprios, face às limitações de que são portadores por força da deficiência que têm,
115- também têm obstáculos / condicionalismos cognitivos o desenvolvimento da própria Língua Gestual Portuguesa também não se faça da forma que nós gostaríamos
116- e portanto eles têm um grau de comunicação muito básico.
117- Isso nós trabalhamos a questão da Língua Gestual,
118- temos uma preocupação grande que é ter surdos no seio da equipa técnica,
119- porque para eles há uma maior identificação com
120- e funciona um pouco como o modelo de surdo adulto,
121- temos a formadora de Língua Gestual que é surda,
122- temos uma auxiliar de monitora que é surda
123- e temos uma auxiliar de acção educativa surda, também.
124- Portanto, temos de facto essa preocupação
125- e portanto é uma mais-valia em termos institucionais.
126- È assim, temos uma equipa com várias formações.
127- Temos o técnico de Serviço Social,
128- temos o psicólogo,
129- temos o monitor,
130- o auxiliar de monitor,
131- temos os formadores na unidade de formação,
132- depois temos os outros serviços de apoio,
133- o serviço administrativo,
134- temos a carrinha que tem motorista
135- e a vigilante,
136- os serviços auxiliares de limpeza,
137- o refeitório,
138- temos as técnicas de reabilitação…
139- A Instituição é pequena, mas cheia…
140- O nosso grande problema é efectivamente o espaço físico,
141- tivemos um projecto há meia dúzia de anos atrás
142- que empandeirou sobretudo no IPAR,

143- porque isto aqui também é uma zona protegida
144- e por isso as edificações estão sujeitas a padronizações arquitectónicas
145- e depois aquilo foi entravando.
146- Entretanto também ficou obsoleto
147- porque perdemos a valência sócio – educativa
148- e portanto deixou de fazer sentido aquele tipo de projecto
149- que havia que contemplava uma grande parte de salas de aula tipicamente *sala de aula,*
150- portanto deixou de fazer sentido
151- e voltámos à estaca zero.
152- Como todas as IPSS temos condicionalismos enormes financeiros
153- e por isso, de alguma forma também estamos dependentes da solidariedade de pessoas conhecidas,
154- que arranquem com o projecto,
155- com a parte arquitectónica etc.
156- Já nem estamos a falar depois do edificado propriamente dito,
157- isso tem sido efectivamente um grande condicionalismo,
158- já houve as aberturas do PARES por duas vezes na cidade de Lisboa
159- e nós nunca pudemos concorrer porque não tínhamos nenhum projecto já aprovado,
160- porque há essa exigência.
161- Efectivamente a criação de novas respostas também fica condicionada,
162- enquanto não houver uma estrutura física compatível.
163- Mas enquanto há fé,
164- há esperança como se costuma dizer
165- e vamos esperar que num futuro isso seja possível.
166- Mas efectivamente não obstante os espaços limitados são muito pequenos,
167- isto foi uma vivenda adaptada,
168- portanto também tem os seus condicionalismos próprios,
169- mas efectivamente temos uma casa cheia de muita coisa,
170- cheia de boa vontade,
171- cheia de experiência, porque há pessoas com muitos anos de funcionamento aqui
172- e como associação de pais para a área da deficiência auditiva única

173- e como centro de actividades ocupacionais para a deficiência auditiva única no país.
174- Depende das valências em termos da unidade de formação,
175- até ao ano civil passado eles eram avaliados na unidade de avaliação da associação portuguesa de surdos.
176- Nós tivemos algumas alterações em termos do funcionamento da unidade,
177- que foi desde 90 a 2007 inclusive, unidade de pré – formação,
178- depois com a entrada do QREN, com as alterações no quadro regulamentador da formação profissional,
179- a pré – formação caiu,
180- deixou de existir,
181- de ser elegível,
182- de ser financiada,
183- portanto nós tivemos que nos converter.
184- O ano passado funcionámos muito como unidade de formação de base,
185- este ano tivemos que passar a unidade de formação mesmo,
186- é formação inicial
187- e fomos sofrendo alterações e adaptações em função das directivas superiores
188- uma vez que também estava em causa o próprio financiamento da estrutura e
189- portanto os alunos vinham através da APS, já avaliados.
190- Neste momento, este ano ainda não tivemos admissões.
191- Nós podemos admitir directamente e fazer a avaliação internamente,
192- mas mantêm-se de alguma forma esta parceira com APS
193- e portanto como eles não tem formação nesse centro,
194- só tem formação em mercado de trabalho,
195- aqueles que não têm perfil para ingresso directo no mercado de trabalho
196- vem fazer formação em centro,
197- portanto continuamos a receber.
198- Em relação ao CAO não obriga a que passe por uma outra estrutura,
199- nós temos uma equipa técnica,
200- como tal estamos aptos a fazer o processo desta avaliação.
201- De regra geral no CAO, a idade mínima de ingresso no CAO é 16 anos,
202- portanto há todo um percurso anterior de frequência,
203- na maior parte das situações,

204- mas não quer dizer que não haja excepção à regra,
205- mas a maioria dos utentes já passaram por outras instituições,
206- quando nos são sinalizados já vêm com avaliações feitas,
207- isto em termos da admissão.
208- Depois a avaliação é contínua quer em termos da unidade de formação
209- quer em termos do centro de actividades ocupacionais.
210- A equipa tem instrumentos próprios
211- onde vai fazendo o registo dos utentes
212- e a equipa vai reunindo com alguma frequência
213- e portanto faz o ponto de situação de cada utente,
214- temos esta preocupação da equipa
215- ter estes momentos de partilha,
216- porque um mesmo formando pode ter desenvolvimentos distintos numa área ou noutra,
217- tem a ver com a própria área,
218- tem a ver com o formador,
219- porque eles tal como nós estabelecemos empatias mais favoráveis ou não
220- estabelecemos de todo com quem interagimos,
221- portanto isso com eles também acontece,
222- que todos os elementos que intervêm com cada utente tenham a informação de como é o funcionamento global, no fundo.
223- Por isso a nossa preocupação é que a equipa reúna com frequência,
224- partilha as intervenções,
225- as avaliações,
226- o bom e o mau,
227- há de facto esta grande preocupação,
228- há também aqui uma avaliação constante e contínua,
229- que também é passada às famílias,
230- temos instrumentos de registo que facultamos às famílias,
231- independentemente de outros registos que existem nos dossiers individuais,
232- porque há informação que é individual e
233- a avaliação é efectivamente uma avaliação contínua e partilhada.
234- Não e sim, quer dizer, existe o processo social que no momento da admissão,

235- que para além da informação recolhida pelas outras pessoas intervenientes no processo,
236- nós também, recolhemos informação para constituição do processo do aluno,
237- temos alguma dificuldade em ter uma participação activa das famílias,
238- não vou dizer que não há excepções,
239- porque graças a Deus que há,
240- mas nem todas as famílias participam efectivamente na vida da Instituição
241- e na vida dos seus filhos dentro da Instituição.
242- Fazemos reuniões periódicas com os pais,
243- onde damos feedback do trabalho que é desenvolvido,
244- onde pedimos a cooperação das famílias também,
245- não quer dizer que ela depois resulte na prática.
246- Há alguma avaliação no âmbito do gabinete de psicologia,
247- aí há um trabalho activo no papel com as famílias.
248- No caso do serviço social há um trabalho desenvolvido com as famílias.
249- Nós temos, ao longo do ano,
250- várias saídas ao exterior,
251- temos de facto a preocupação de envolver
252- ou desenvolver actividades na comunidade,
253- quer através das exposições dos trabalhos feitos por eles,
254- no exterior que é extremamente importante dar visibilidade àquilo que eles são capazes de desenvolver,
255- é extremamente importante.
256- Nós temos essa preocupação de ir para o exterior,
257- de participar em concursos de nível local ou nacional,
258- seja concursos de postais de Natal,
259- posters, etc., fomentamos isso.
260- Depois o irmos fazer a natação fora,
261- também vamos a um recurso da comunidade,
262- fazemos parte também da comissão local da freguesia do Lumiar
263- e da Rede da cidade de Lisboa,
264- portanto mesmo nas saídas do dia-a-dia,
265- o ir trabalhar as questões da autonomia,
266- ir a um banco,

267- ir a uns correios,
268- portanto esse trabalho é feito que é um recurso aos serviços da comunidade.
269- Sim para esses existe um curso extra – escolar
270- que é uma oferta educativa fora do ensino regular…
271- Disponibiliza em termos de espaço
272- porque os recursos são do Ministério da Educação,
273- ou seja, o professor é destacado pelo Ministério da Educação todos os anos.
274- Nós fazemos a proposta de curso,
275- ou melhor de continuidade de curso,
276- porque já existe há muitos anos,
277- primeiro era chamada de Alfabetização,
278- depois passou a Ensino Recorrente
279- e agora chama-se os cursos Extra – Escolares,
280- portanto é no âmbito da educação extra – escolar, fora do âmbito escolar.
281- Até porque são alunos que já estão fora da idade obrigatória,
282- é um curso que é para a actualização e aquisição de competências.
283- No fundo, não vamos ter grandes expectativas que eles venham a adquirir grandes conhecimentos,
284- mas que pelo menos mantenham as aquisições que fizeram até agora
285- e se conseguirmos evoluir um pouco, tanto melhor.
286- Nós fomentamos isso,
287- até pela própria designação da Instituição,
288- isto é uma associação de pais
289- e a direcção da associação é composta por pais com filhos portadores de deficiência auditiva,
290- está nos estatutos é uma das exigências.
291- Logo por aí nós temos pais cá dentro.
292- Depois como é óbvio, nós fomentamos a vinda dos pais à escola,
293- temos os momentos festivos da Instituição,
294- onde sempre os pais são convidados.
295- Esta ultima festa de Natal, foi das que eu me lembro que teve uma maior adesão dos pais.
296- Depois há aqueles pais que até vêm às reuniões todas,
297- outros que até aparecem sem marcação,

298- também temos essas situações.

299- Infelizmente nem todos funcionam assim,

300- porque também temos aquelas situações como em algumas IPSS, porque muitas vezes e desculpe a expressão sentimos que somos muitas vezes um depósito,

301- graças a Deus que não são todas as situações assim,

302- mas ainda existe uma ou outra.

303- Mas as acções são sempre dirigidas aos pais.

304- Vou-lhe dar um exemplo que terminou agora,

305- mas que vai retomar em breve,

306- dentro de dois ou três meses,

307- vai começar um projecto aos sábados que é com pais surdos com filhos ouvintes,

308- portanto também uma preocupação da Instituição envolver os pais surdos,

309- portanto ai nós temos um historial de envolvimento das famílias,

310- o que não quer dizer que todas participem na mesma medida.

311- Um papel mais activo em todos os domínios da vida dos filhos,

312- porque nós continuamos a sentir e no nosso caso muito particular, começa logo na questão da comunicação.

313- No nosso caso da deficiência auditiva começa logo pela necessidade dos pais aprenderem língua gestual

314- para poderem ter uma comunicação total com os filhos,

315- por isso começa logo aí.

316- Depois passa por aquilo que disse há pouco,

317- passa por um envolvimento mais activo no dia-a-dia dos filhos

318- e é como que eu lhe digo,

319- não são todos que funcionam dessa forma, mas temos situações de pais com quem não falamos meses a fio

320- e quando falamos é porque os próprios técnicos da Instituição

321- ou a própria Instituição entra em contacto *com*.

322- Sim, já desenvolvemos cursos em Língua Gestual em horário pós – laboral,

323- até há dois anos atrás tínhamos às 3as e 5as das 18h – 20h curso pós – laboral em Língua Gestual,

324- o que acontece é que ao princípio é tudo lindamente,

325- depois as coisas, porque temos consciência e nós próprios também sabemos pela nossa experiência, que nem sempre ao fim do dia é fácil,
326- porque tem a ver com os horários,
327- noutro horário também não é fácil, porque em horário laboral ninguém vem,
328- mas em pós – laboral também é complicado.
329- Porque as pessoas têm os seus empregos,
330- a sua vida e tal como nós depois querem ir para casa,
331- têm os seus afazeres e muitas vezes é complicado virem
332- e por isso nós deixamos de ter o curso há dois anos atrás porque as inscrições foram afunilando
333- e portanto não se justificava, até porque em termos éticos há um número mínimo que é satisfatório para se levar um curso avante
334- e portanto deixámos de ter até porque a maioria das pessoas que o procurava não eram pais,
335- eram estudantes universitários,
336- porque este reconhecimento da língua gestual portuguesa em termos da Constituição da Republica em 1998,
337- portanto há 10 anos atrás, houve este *boom* este surgimento repentino de interpretes por todo o lado,
338- quer dizer não é por todo o lado, mas em termos de comunicação social sobretudo,
339- porque nas escolas ainda há muitas lacunas,
340- e portanto houve como que um despertar para a questão da língua gestual,
341- as pessoas acham giríssimo querem vir aprender
342- e é como lhe digo a maioria eram estudantes universitários,
343- lá havia uma ou outra família ou um familiar mais próximo,
344- mas efectivamente temos essa lacuna,
345- grande a meu ver, que condiciona tudo o resto,
346- porque o acesso à informação em casa está completamente…
347- e depois é o acumular de situações, é o não exteriorizar emoções e tudo mais.
348- Pois, mas depois também é assim,
349- os apoios a nível dos hospitais,
350- porque onde é que é feito o primeiro diagnóstico, regra geral é no Hospital,

351- depois a meu ver também falham esse tipo de estruturas,

352- não há um acompanhamento adequado,

353- embora hoje em dia, as coisas estejam um bocadinho diferentes,

354- só que nós apanhámos estes mais velhos que não tiveram esse tipo de apoio na altura devida não é?

355- A estimulação também não foi feita,

356- na altura os próprios métodos de trabalho não eram a língua gestual,

357- portanto eles não foram estimulados,

358- trabalhados na sua língua materna que é a língua gestual,

359- porque os métodos eram oralistas,

360- e como é que se vai obrigar uma criança que é surda profunda a falar?

361- Mas isso foram de facto os métodos que imperaram durante muito tempo,

362- perderam-se ali anos que eram fulcrais no desenvolvimento da pessoa como um todo.

363- Sim, mas cada deficiência tem a sua especificidade.

364- No caso dos nossos utentes do CAO,

365- que são multi deficientes que para além da surdez têm outras complicações,

366- como deve calcular as coisas são muito complicadas.

367- Porque havendo um comprometimento cognitivo,

368- porque a maioria tem deficiência mental também,

369- a própria aquisição da língua gestual também é difícil

370- e tudo isto condiciona o desenvolvimento global.

371- E depois as faltas de estimulação,

372- porque temos por exemplo aqueles casos que vieram de África,

373- meninos, e permita-me a expressão, que chegam tipo *pedra – bruta*.

374- Temos casos que sem qualquer tipo de estimulação anterior

375- e parecem e digo isto com as devidas ressalvas um bocadinho o *bicho-do-mato*,

376- que nem o contacto físico com o outro conseguem estabelecer,

377- nem o visual, porque de facto não houve estimulação nas alturas próprias

378- e como educadores sabemos que há etapas propícias

379- mais próprias para determinadas aquisições,

380- eles passaram por cima disso tudo,

381- a par das condicionantes que cada um já trás por si,

382- por força da deficiência de que é portador.

383- Torna-se assim, um trabalho muito complicado.

384- Acho importantíssimo!

385- Porque é assim, ninguém nasce ensinado

386- e estes pais verbalizam muitas vezes

387- que não sabem lidar com determinadas situações.

388- E o não saber lidar, não passa no nosso caso, pelo não saber comunicar com,

389- passa, efectivamente por situações de extremo proteccionismo,

390- porque ainda temos muito aquela questão do *coitadinho*

391- e portanto há situações de proteccionismo, algo exagerado.

392- De um momento para o outro há uma reviravolta

393- seja ela porque motivo for,

394- ou porque o jovem ganha determinadas autonomias,

395- começa a ter comportamentos que não eram normais nele,

396- e portanto isso começa a mexer com as dinâmicas da própria família

397- e alguns pais, não digo todos não sabem lidar com estas situações.

398- E depois as questões da própria deficiência,

399- porque é assim, a própria deficiência de que o jovem ou adulto é portador acarreta determinadas especificidades

400- que os próprios pais não tem essa informação,

401- terão alguns porque têm níveis sócio – culturais diferentes,

402- porque vão pesquisar

403- e porque procuram técnicos que lhes dão informação

404- e como é óbvio vão fazendo o seu melhor,

405- vão dando o seu melhor

406- e ninguém está a por em causa a capacidade da família em dar resposta às situações,

407- mas há efectivamente nalguns casos dificuldade em, por falta de conhecimento e por falta de informação, em saber gerir as situações.

408- Este exemplo que lhe dei à pouco de termos este curso ao sábado,

409- nasceu efectivamente destas necessidades dos pais não saberem como gerir as situações

410- e aquilo que para nós era um curso de formação,

411- acabou por funcionar como um espaço terapêutico.

412- É assim não é menos importante, pelo contrário,

413- mas falham estas competências base porque ninguém nasce ensinado.

414- O que se passa aqui com estas famílias é que na sua maioria são famílias de condições sócio – económicas e culturais muito baixas que, de facto há uma grande falha a nível da informação.

415- Neste momento tenho muitas reservas em relação ao futuro.

416- Primeiro passa muito por aquilo que comecei a falar de inicio que passa pelas políticas de inclusão,

417- tenho sérias dúvidas de que esta política actual de intervenção junto das pessoas com deficiência venham a ter os efeitos que as políticas desejam

418- e objectivam.

419- Depois por outro lado, estas instituições especializadas com todo um know-how adquirido,

420- com toda uma experiencia de vida em prol da comunidade surda,

421- com os cortes financeiros que as entidades que tutelam,

422- que estão no fundo a obrigar às instituições

423- vejo um futuro muito complicado.

424- Fora deste âmbito com a crise económica que anda por aí,

425- prevejo que venham a emergir *n* situações em que o papel do técnico de serviço social venha a ter um papel preponderante,

426- como é óbvio na questão da deficiência também temos situações de emergência social, também temos.

427- Em termos da Instituição em si,

428- também tenho muitas reservas em relação ao futuro.

429- Ou nós procuramos novas formas de intervenção,

430- ou nós temos que criar respostas

431- e dar a volta ao cenário actual se não tenho muitas reservas.

432- Sim, tenho muitas reservas

433- no sentido em que a questão da deficiência na sua globalidade não se enquadra nesta resposta que foi começada a criar

434- e que está em desenvolvimento,

435- não digo que para uma ou outra situação as coisas não funcionem

436- mas na globalidade das situações não resolve,

437- porque é assim eles são incluídos nas escolas regulares

438- mas continua a haver um *gueto* dentro da própria escola,

439- porque continuamos a ter as unidades de apoio aos alunos surdos.
440- Depois é assim as respostas que o sistema educativo dá não são as mais adequadas aos alunos,
441- poderão ser para alguns
442- mas não são para todos,
443- porque muito das nossas respostas para a deficiência não passam exclusivamente pela resposta educativa,
444- passa por outros tipos de apoio
445- por outro tipo de estimulações
446- que depois a escola não tem capacidade de resposta.
447- Tenho muitas dúvidas em relação ao sucesso destas intervenções.
448- Ainda a semana passada falei sobre isso com o Presidente do Conselho Executivo do agrupamento onde vou dar apoios
449- com a pessoa que tem a coordenação dos apoios educativos a nível do ensino especial
450- e ela própria também estava a partilhar dessa opinião.
451- Temos sérias reservas em relação a isto,
452- porque é assim esta política, não de uma forma tão estanque,
453- mas já tivemos estes tipos de intervenção
454- e voltámos ao ensino especial
455- porque chegou-se à conclusão que não funciona,
456- agora estamos outra vez assim.
457- Mas como tudo na vida, isto é cíclico
458- e portanto vamos aguardar.
459- Agora é assim, acaba,
460- muda o governo,
461- mudam as políticas
462- e não chega a haver uma monitorização clara dos efeitos desta política,
463- porque também sabemos que as coisas funcionam desta maneira.
464- São ciclos relativamente curtos,
465- onde não se chega a ver efeitos,
466- o que é certo é que vamos perdendo coisas
467- e depois há investimento em recursos humanos,
468- em recursos técnicos

469- que depois de um momento para o outro *para quê?*

470- E quem mais se prejudica é quem mais precisa.

471- Um pouco mais hoje em dia,

472- do que há uns anos atrás,

473- mas muito longe do desejável.

474- Continuamos a ver barreiras a todos os níveis.

475- A falta de sensibilização das pessoas também,

476- embora acho que estamos um pouco melhor,

477- seguramente estamos um pouco melhor,

478- mas falta transpor muitas barreiras

479- e passa muito a meu ver pela cultura,

480- pela mentalidade que vem das próprias pessoas.

481- Também faz falta uma campanha de marketing pesada,

482- que chegue a todo o lado, uma campanha de marketing social.

483- Embora, seja como lhe digo, hoje em dia, seja bem melhor.

484- Talvez seja porque algumas instituições, infelizmente são sempre as mesmas,

485- mas com maior visibilidade na comunicação social faz com que isto mexa mais.

486- As campanhas de solidariedade,

487- as chamadas em que x valor das chamadas reverte para…

488- O crescendo de iniciativas de responsabilidade social nas empresas, também,

489- já começámos a sentir, há três ou quatro anos, nesta parte.

490- Por isso eu penso que sim, melhoria há,

491- não podemos dizer que não.

492- Que há muito por fazer, sim claramente que sim.

493- È lento porque também não havia essa cultura…

494- Sinto melhoria, claramente.

495- Estou na área da deficiência há 18 anos

496- e portanto tenho de alguma forma sentido essa evolução,

497- mas ainda temos muito por fazer…muito mesmo.

498- È assim, também partilho da mesma opinião em relação à sociedade.

499- Começaram a emergir regulamentações,

500- portarias,

501- decretos – lei, seja o que for,

502- há meia dúzia de anos a esta parte.

503- Penso que com a criação de uma secretaria de estado para a reabilitação também se deu um salto muito grande.

504- Não havia, nunca tinha havido especificamente para,

505- havia o secretariado nacional para a reabilitação,

506- mas que enfim, tinha limitações em termos da sua autonomia funcional e decisiva,

507- hoje em dia é o INR.

508- Mas ao haver uma secretaria de estado desta área especificamente eu acho que de facto fez com que se começasse a emergir.

509- Depois, também teve a ver com outra coisa,

510- as próprias instituições das pessoas com deficiência

511- e para as pessoas com deficiência,

512- também começaram a dar voz,

513- começaram a reivindicar coisa que não acontecia há tempo atrás.

514- E já há alguém que também ouve as reivindicações.

515- Portanto não é o ideal

516- ainda mas ainda nessa perspectiva penso que temos vindo a melhorar…

517- Eu tenho que ter uma atitude positiva

518- quando olho para trás e vejo o que tínhamos e o que vamos tendo,

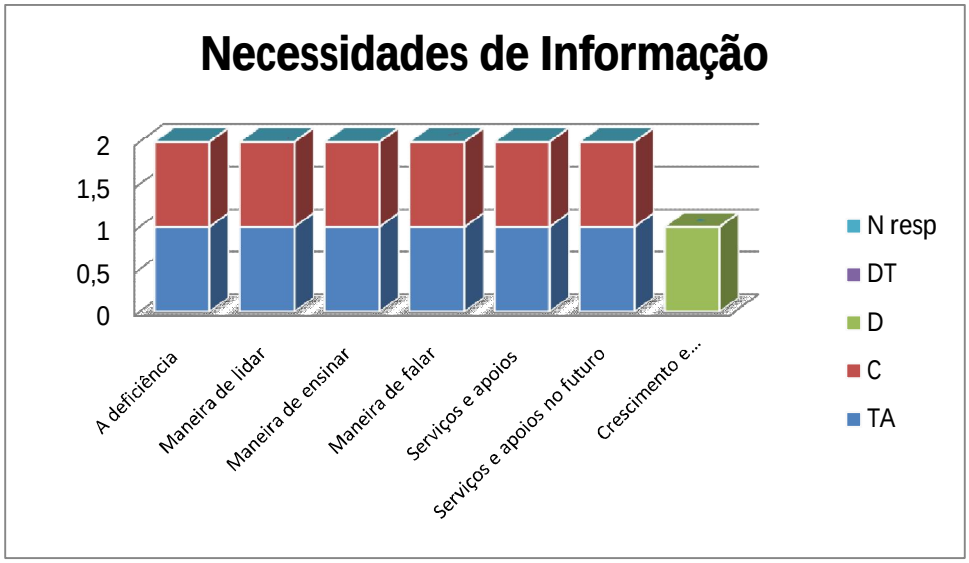
519- não estou de todo completamente satisfeita com o que há.

520- Acho que efectivamente estamos melhor,

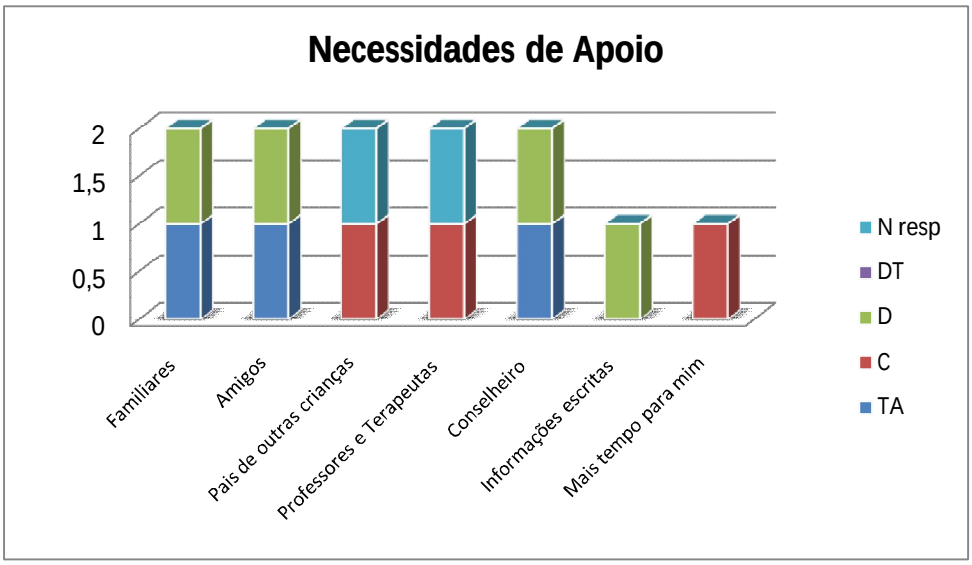
521- existe qualquer coisa, mas também tenho expectativas em relação ao futuro

522- e espero que cada vez mais surjam ajudas nesse sentido.

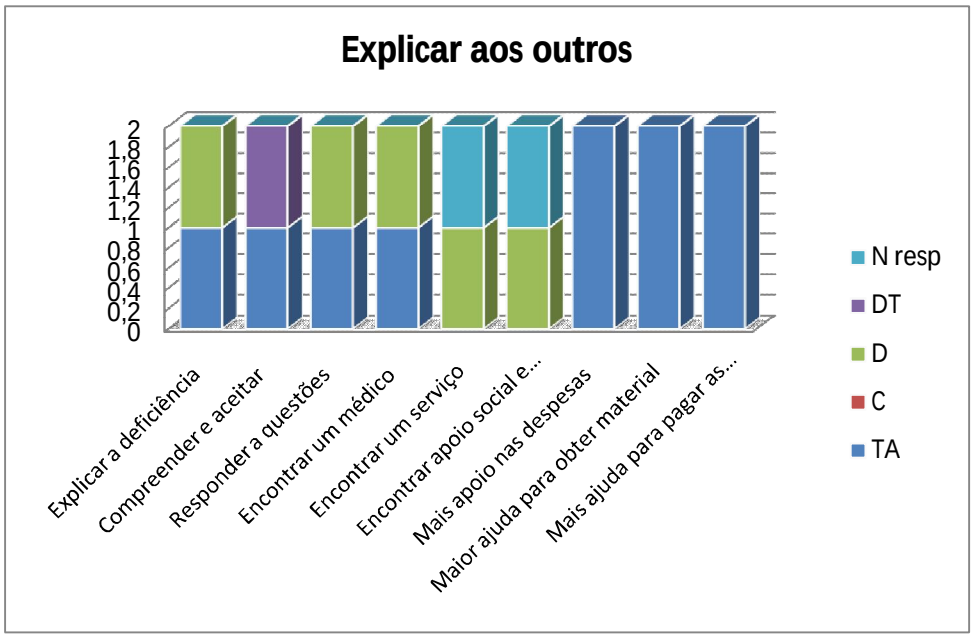
Necessidades de informação					
	TA	C	D	DT	N resp
A deficiência	1	1	0	0	0
Maneira de lidar	1	1	0	0	0
Maneira de ensinar	1	1	0	0	0
Maneira de falar	1	1	0	0	0
Serviços e apoios	1	1	0	0	0
Serviços e apoios no futuro	1	1	0	0	0
Crescimento e desenvolvimento	0	0	1	0	0



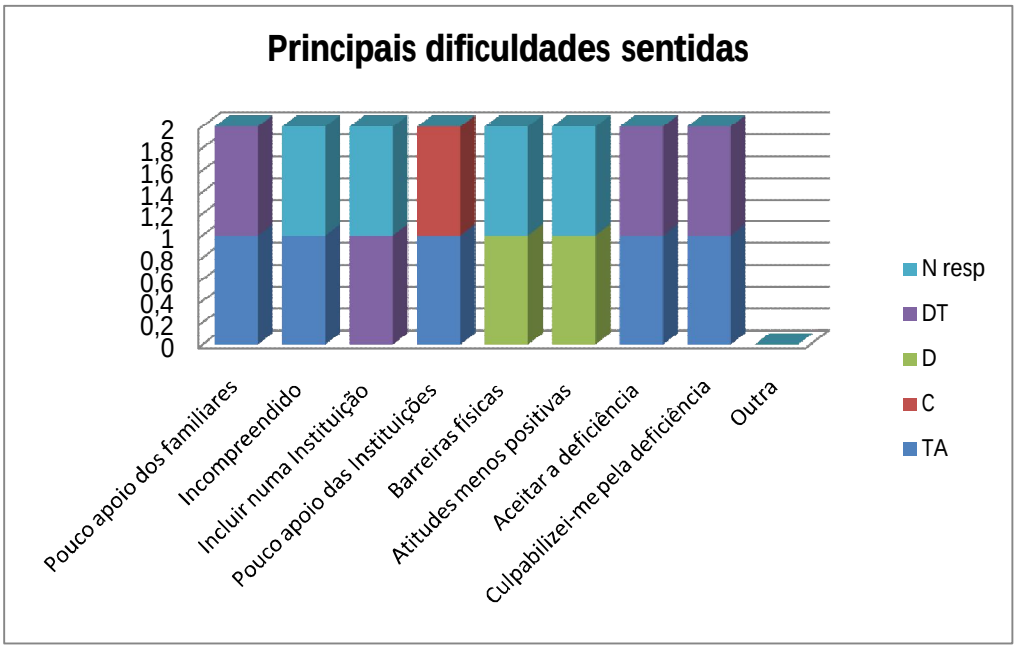
Necessidades de Apoio					
	TA	C	D	DT	N resp
Familiares	1	0	1	0	0
Amigos	1	0	1	0	0
Pais de outras crianças	0	1	0	0	1
Professores e Terapeutas	0	1	0	0	1
Conselheiro	1	0	1	0	0
Informações escritas	0	0	1	0	0
Mais tempo para mim	0	1	0	0	0



Explicar aos outros					
	TA	C	D	DT	N resp
Explicar a deficiência	1	0	1	0	0
Compreender e aceitar	1	0	0	1	0
Responder a questões	1	0	1	0	0
Encontrar um médico	1	0	1	0	0
Encontrar um serviço	0	0	1	0	1
Encontrar apoio social e educativo	0	0	1	0	1
Mais apoio nas despesas	2	0	0	0	0
Maior ajuda para obter material	2	0	0	0	0
Mais ajuda para pagar as despesas	2	0	0	0	0

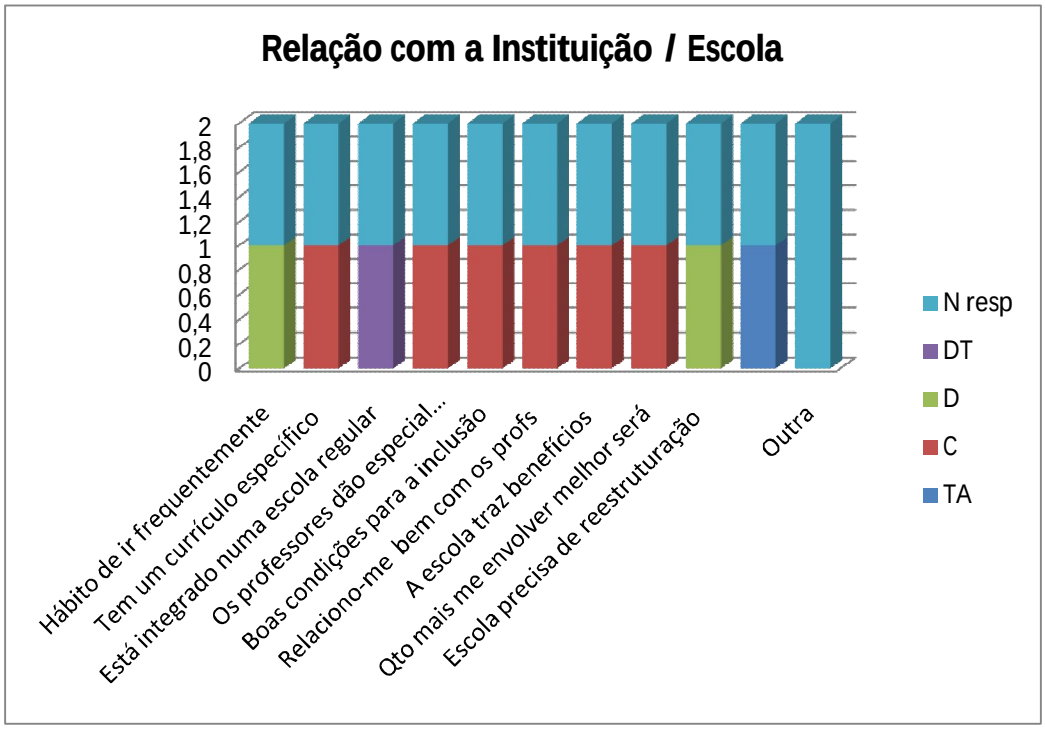


Principais dificuldades sentidas					
	TA	C	D	DT	N resp
Pouco apoio dos familiares	1	0	0	1	0
Incompreendido	1	0	0	0	1
Incluir numa Instituição	0	0	0	1	1
Pouco apoio das Instituições	1	1	0	0	0
Barreiras físicas	0	0	1	0	1
Atitudes menos positivas	0	0	1	0	1
Aceitar a deficiência	1	0	0	1	0
Culpabilizei-me pela deficiência	1	0	0	1	0
Outra	0	0	0	0	0

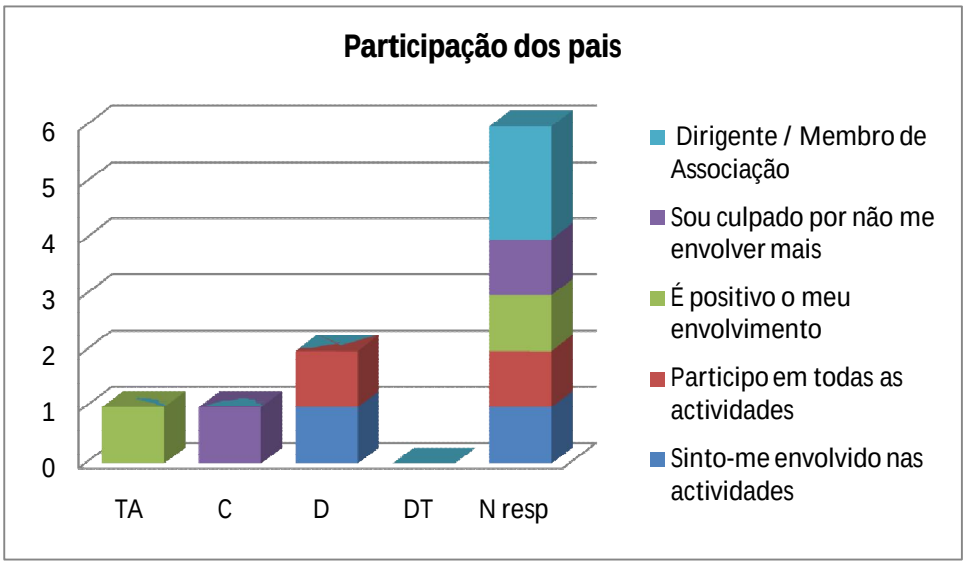


Estratégias utilizadas para superar as dificuldades					
	TA	C	D	DT	N resp
Recorri a especialistas	0	0	1	0	1
Recorri a anti - depressivos	0	0	0	0	1
Recorro aos meus familiares	0	1	0	0	1
Recorro aos meus amigos	0	0	1	0	1
Recorro à religião	0	0	1	0	1
Tentei perceber a deficiência	0	1	0	0	1
Tentei não pensar nos problemas	0	0	1	0	1
Refugio-me no trabalho	0	0	1	0	1
Tomo medidas pontuais	0	0	1	0	1
Outra estratégia	0	0	0	0	2

Relação com a Escola / Instituição					
	TA	C	D	DT	N resp
Hábito de ir frequentemente	0	0	1	0	1
Tem um currículo específico	0	1	0	0	1
Está integrado numa escola regular	0	0	0	1	1
Os professores dão especial atenção	0	1	0	0	1
Boas condições para a inclusão	0	1	0	0	1
Relaciono-me bem com os profs	0	1	0	0	1
A escola traz benefícios	0	1	0	0	1
Qto mais me envolver melhor será	0	1	0	0	1
Escola precisa de reestruturação	0	0	1	0	1
Costumo ir apenas às reuniões períodicas	1	0	0	0	1
Outra	0	0	0	0	2

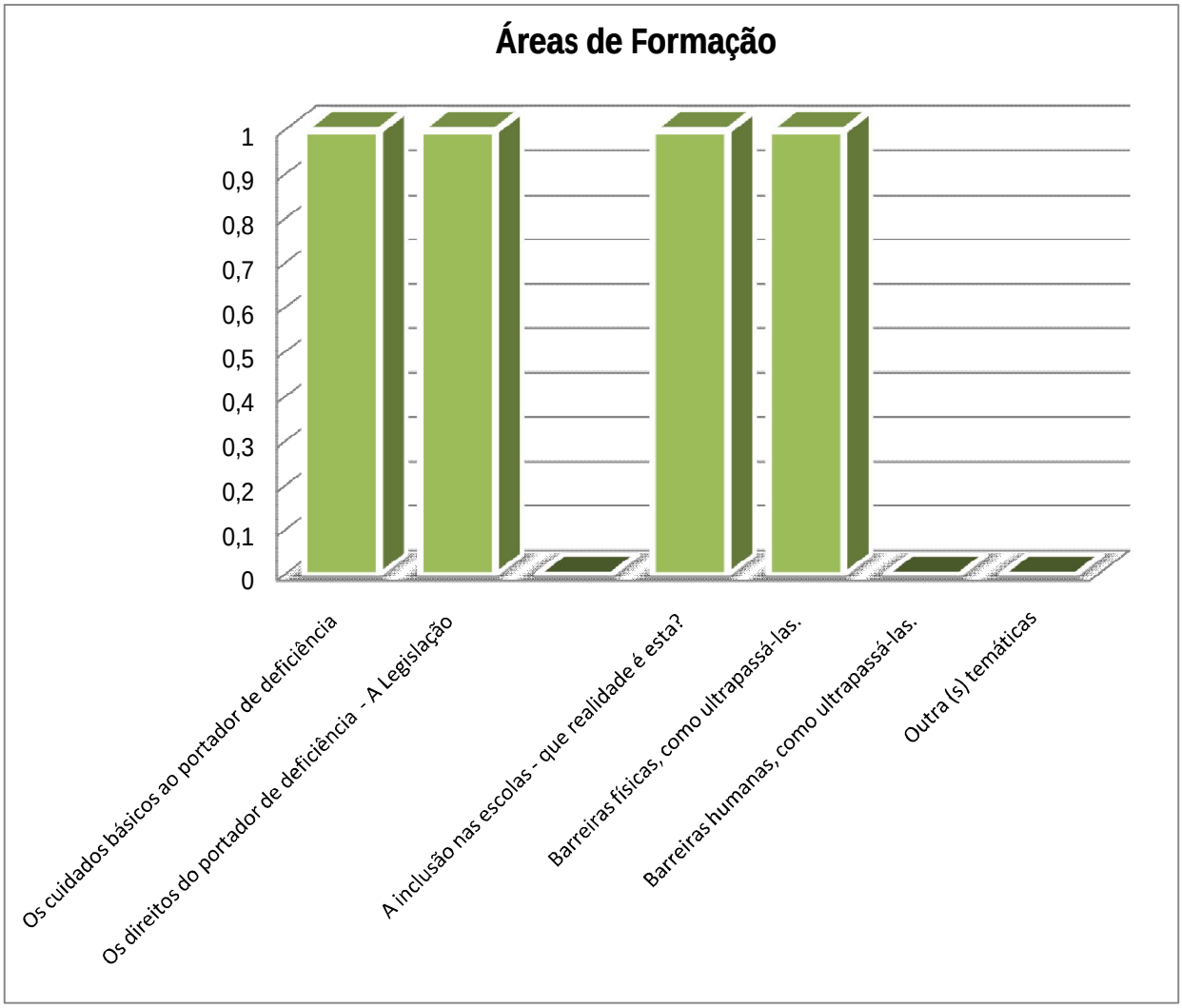


Participação dos pais					
	TA	C	D	DT	N resp
Sinto-me envolvido nas actividades	0	0	1	0	1
Participo em todas as actividades	0	0	1	0	1
É positivo o meu envolvimento	1	0	0	0	1
Sou culpado por não me envolver mais	0	1	0	0	1
Dirigente / Membro de Associação	0	0	0	0	2

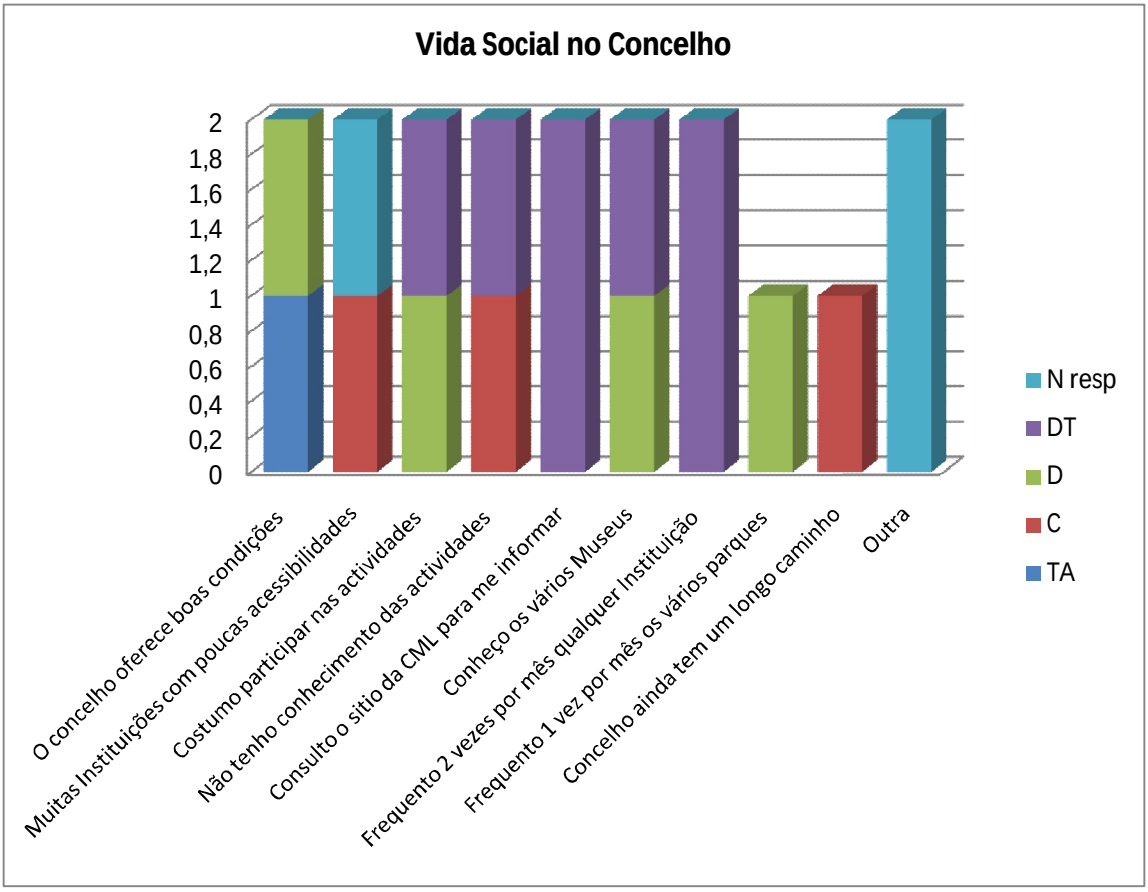


Formação Específica	
Sim	2
Não	0

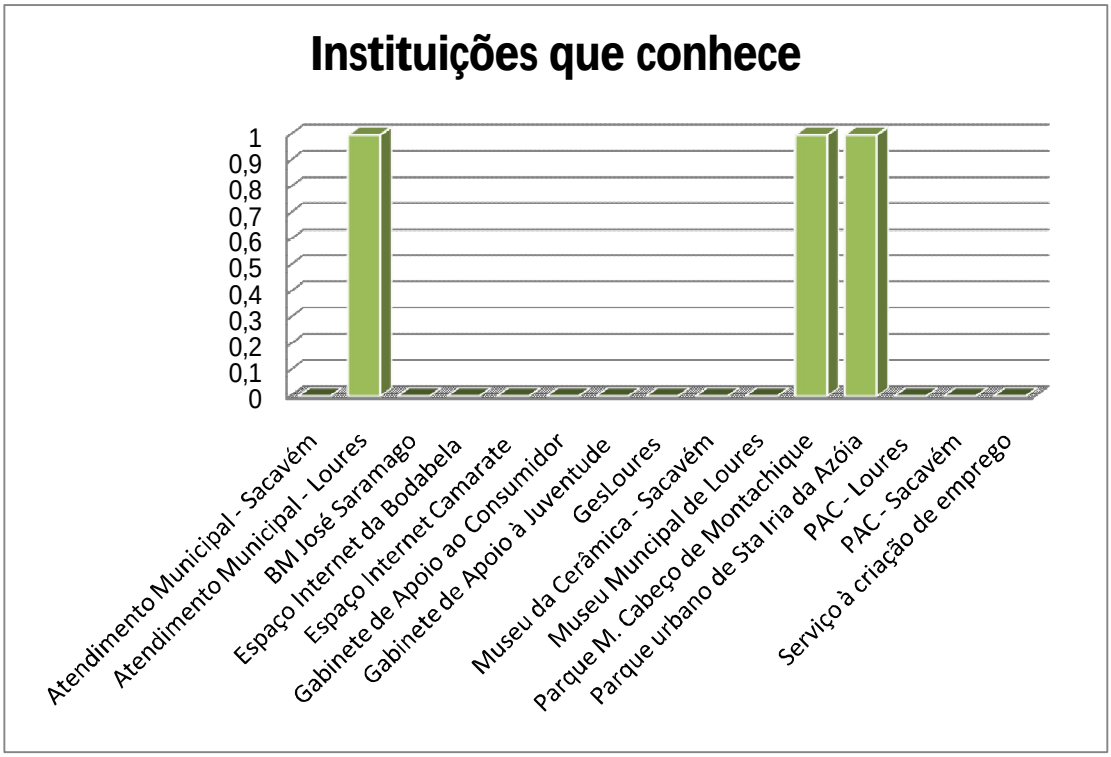
Áreas a abordar	
Os cuidados básicos ao portador de deficiência	1
Os direitos do portador de deficiência - A Legislação	1
Ser familiar do portador de deficiência - Emoções e sentimentos	0
A inclusão nas escolas - que realidade é esta?	1
Barreiras físicas, como ultrapassá-las.	1
Barreiras humanas, como ultrapassá-las.	0
Outra (s) temáticas	0



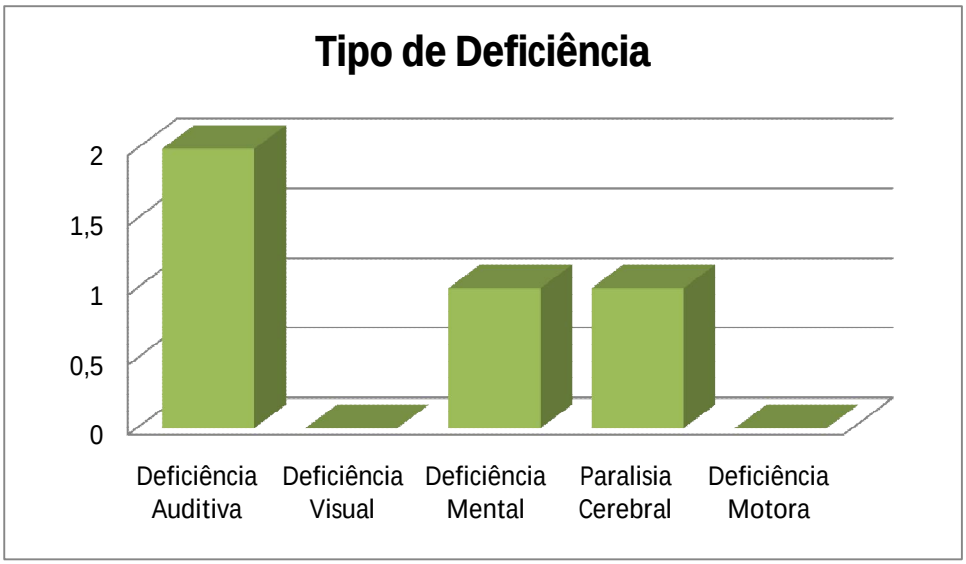
Vida Social no Concelho					
	TA	C	D	DT	N resp
O concelho oferece boas condições	1	0	1	0	0
Muitas Instituições com poucas acessibilidades	0	1	0	0	1
Costumo participar nas actividades	0	0	1	1	0
Não tenho conhecimento das actividades	0	1	0	1	0
Consulto o sitio da CML para me informar	0	0	0	2	0
Conheço os vários Museus	0	0	1	1	0
Frequento 2 vezes por mês qualquer Instituição	0	0	0	2	0
Frequento 1 vez por mês os vários parques	0	0	1	0	0
Concelho ainda tem um longo caminho	0	1	0	0	0
Outra	0	0	0	0	2



Instituições que conhece	
Atendimento Municipal - Sacavém	0
Atendimento Municipal - Loures	1
BM José Saramago	0
Espaço Internet da Bodabela	0
Espaço Internet Camarate	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	0
Gabinete de Apoio à Juventude	0
GesLoures	0
Museu da Cerâmica - Sacavém	0
Museu Muncipal de Loures	0
Parque M. Cabeço de Montachique	1
Parque urbano de Sta Iria da Azóia	1
PAC - Loures	0
PAC - Sacavém	0
Serviço à criação de emprego	0



Tipo de deficiência	
Deficiência Auditiva	2
Deficiência Visual	0
Deficiência Mental	1
Paralisia Cerebral	1
Deficiência Motora	0



CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **DADOS SOBRE A INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	APECDA		
Endereço	ESTRADA DO LUMIAR, 15		
Localidade	LISBOA		
Código Postal	1600 -493 LISBOA		
Distrito	LISBOA	Concelho	LISBOA
Telefone	21.7520550	Fax	21.7520557
Correio electrónico	upt@apecda-lisboa.org		

CERCI ☐ Associação / IPSS ☒ Colégio ☐

REGIME DE FUNCIONAMENTO

Atendimento Presencial	☒	Atendimento Via Postal	☒
Atendimento Telefónico	☒	Ambulatório	☐
Consulta Externa	☐	Domiciliário	☐
Internamento	☐	Semi – Internamento	☐
Internato	☐	Externato	☒

Outro (s) _____

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental		
Deficiência Visual		
Deficiência Motora		
Deficiência Auditiva	X	
Paralisia Cerebral		
Outra (s): Multideficiência	X	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego	X	
Educação	X	
Apoios especializados	X	
Programas de Natureza Social	X	
Apoios Técnicos	X	
Avaliação		
Outro (s)		

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☐	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									56 (*)
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 5 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 20 anos		21 – 25 anos	
F=	M=	F=	M=	F=	M=	F= 1	M=	F=	M=
26 –30 anos		31– 35 anos		36 – 40 anos		41 – 45 anos		+ 45 anos	
F=	M= 1	F=	M=	F= 1	M=	F=	M=	F=	M=

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= 1	Deficiência Visual=
Deficiência Motora=	Deficiência Mental=
Paralisia Cerebral=	Outras Deficiências= 2 Multideficiência
Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído= 3	Inferior a 30%=
De 30% a 59%=	De 60% a 80%=
Superior a 80% =	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação=	Bobadela=
Bucelas=	Camarate= 1
Fanhões=	Frielas=
Loures= 1	Lousa=
Moscavide=	Portela=
Prior Velho=	S. João da Talha=
Sacavém= 1	Stº Antão do Tojal=
S. Julião do Tojal=	Stª Iria da Azóia=
Stº António dos Cavaleiros=	Unhos=

* Sendo que alguns são apoiados pelos Técnicos do Centro de Recursos da APECDA no exterior, nomeadamente no Agrupamento de Esedas.

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

F= T=	M=

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula	3	Oficinas	4	Gabinetes	3
Salas de Reunião	1	Ginásio	1	Polivalente	1
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☒ Especifique: Ainda que os espaços estão muito exíguos, são os adequados já que os utentes não apresentam limitações motoras.	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	_____ _____

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☒	Não ☐	Apenas a alguns ☐ Especifique: _____
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		_____
Sim ☒	Não ☐	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1º emprego	X	
Apoio no auto emprego		X
Apoio na integração profissional	X	
Cursos de formação profissional*	X	
Emprego Protegido		X
Informação e apoio em programas pré – profissionais		X
Orientação profissional		X
Readaptação ao trabalho		X
Instalação por conta própria		X
Informação sobre ajudas técnicas		X
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)	X	
Educação		
Intervenção Precoce		X
Jardim – de – Infancia		X
Ensino Pré – Escolar		X
Ensino Básico (1º Ciclo)		X
Ensino Básico (2º Ciclo)		X
Ensino Básico (3º Ciclo)		X
Ensino Secundário		X
Apoios Especializados		
Serviço Social	X	
Terapia Ocupacional		X
Apoios e acompanhamento familiar	X	
Psicologia	X	
Psicomotricidade	X	
Fisioterapia		X
Mobilidade		X
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		X
Lar de Idosos		X
Residências		X
Programas Ocupacionais	X	
Programas Culturais	X	

	Sim	**Não**
Creche		X
Creche Familiar		X
Apoio sócio – familiar		X
Atelier dos tempos livres		X
Programas Desportivos		X
Apoios Técnicos		
Ajudas técnicas		X
Atendimento	X	
Aconselhamento	X	
Transportes	X	
Ajudas financeiras		X
Apoio financeiro		X
Apoio jurídico		X
Apoio domiciliário		X
Informações gerais	X	

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: REDES

Depois de me ter mostrado o espaço físico, como se caracteriza esta Instituição, ou seja, como é que funciona, como é que as crianças chegam aqui a este local?

Neste momento quase todas as crianças são encaminhadas pelas escolas, ou pelos pais que vão falando uns com os outros. Portanto a maior parte das crianças vem por essa via. Já começam a aparecer, um número embora não muito importante de pessoas que vêm pelo nosso e-mail, ou seja, vão à nossa página na Internet, onde pendem esclarecimentos e marcam uma vinda cá.

Então e como funciona esse processo de vinda?

Os pais telefonam e é sempre obrigatório que sejam os pais ou os encarregados de educação a telefonar. Quando o técnico atende o telefone, que normalmente sou eu, e aí faz-se logo um primeiro despiste ao telefone. Se a criança vêm para fazer uma avaliação, vêm para tratamento psico – pedagógico, se vêm para a terapia da fala, temos assim logo o primeiro despiste ao telefone de modo que quando seja feita a marcação, os pais venham logo ter com o técnico certo, de entre as várias valências de atendimento. Os pais vêm ao primeiro atendimento, antes de nós vermos a criança seja em que situação for. Portanto os pais vem primeiro e depois é que, dependendo do historial de desenvolvimento, se for preciso irmos às escolas, nós pedimos sempre informação às escolas e depois marcamos com a criança. E aí começa o trabalho fazemos avaliação e depois intervenção ou fazemos avaliação e chegamos à conclusão que é preciso um trabalho complementar ou suplementar com a escola, ou leva um trabalho de casa ou então tem mesmo que ser acompanhada por alguma valência mais específica.

Que tipos de trabalhos / acções são desenvolvidos junto das crianças?

Nós temos aqui apoio psicológico a nível de psico – terapia para crianças e jovens, temos uma técnica que trabalho com crianças com hiperactividade, trabalha com crianças que têm alterações de comportamento, para melhorar o comportamento, temos terapia da fala, temos a reeducação da dislexia grave, temos, que veio um pouco por acréscimo, um apoio na matemática. Isto começou com muitos dos casos de miúdos com dificuldades de aprendizagem na área da matemática e depois os pais começaram a pedir apoio para os irmãos. Esta é uma área que não está directamente ligada às Necessidades Educativas Especiais, se bem que já existem algumas crianças com

deficiência que estão a pedir apoio em raciocínio lógico – matemático, que é importante para o desenvolvimento cognitivo todo. Essencialmente é isso, depois vamos às escolas, temos, por exemplo acções de formação a professores, desenvolvemos alguns projectos. Neste momento vamos fazer a formação de pais no mês de Fevereiro. Este projecto foi semi – financiado pela Câmara Municipal de Loures, pois vamos fazendo alguns projectos que estão no nosso site ou nos nossos boletins.

A formação de pais é uma área que, nós na Rede Social, temos tido um grande interesse em desenvolver pois são os pais / encarregados de educação que estão mais tempo com o portador de deficiência principalmente os adultos.

Os pais têm muitas dúvidas, principalmente quando chegam à adolescência tem muito receio relativamente à sexualidade, tem problemas em deixá-los ser autónomos e que eles sejam assaltados, etc. etc. Nós fizemos nos últimos dois anos um trabalho com as escolas, que também foi financiado pela Câmara de Loures, só trabalhámos com jovens com deficiência mental para trabalharmos mesmo esses problemas da adolescência. Em relação aos pais nós temos anunciado no site ou nos boletins que enviamos ou damos aos pais que vêm cá, a possibilidade de atendermos pais de jovens com deficiência mental gratuitamente, para esclarecimento de dúvidas caso seja marcado com antecedência, poucos pais recorrem a este serviço, mas a verdade é que dos que cá vem nós temos sempre conversas muito próximas e eles não precisam de vir cá extra, isso seria para outros. Para esses aos quais não chegamos não podemos estar a fazer publicidade, que não temos dinheiro para isso, mas não conseguimos informar mais do que aquilo que informamos, não podemos divulgar do que aquilo que divulgamos e também não temos forma de fazer muito atendimentos gratuitos, é só mesmo nessa área, porque temos que pagar as contas.

Como é que é constituída a equipa de profissionais?

Portanto nós somos, neste momento, 8 psicólogos, 7 terapeutas da fala, um técnico de reabilitação e psicomotricidade, um professor de matemática que veio por acréscimo, temos um apoio indirecto de uma pediatra de desenvolvimento. Indirectamente, porque ela não dá consultas aqui, mas quando há suspeitas de uma deficiência não diagnosticada, ou uma doença que não suficientemente avaliada, eu pego nas coisas da crianças, eu vou ter com ela e sentamo-nos as duas a ver o processo e ela dá a indicação daquilo que se deve fazer e, às vezes, vê as crianças que não tem hipótese de pagar, mas só às vezes. Vamos fazer um acordo com ela, em que ela numa vez por mês, ela no próprio consultório vai aceitar as crianças pagando elas, o mesmo que pagam aqui, 12€,

que é quase o mesmo que irem ao hospital, ou terem uma consulta hospitalar. Isso vai ser tratado o mais rápido possível, mas ela não tem horário para vir para cá, mas pronto é um apoio que é importante.

Os técnicos são voluntários, trabalham efectivamente na Instituição?

A maior parte de facto, eu diria que é um trabalho voluntário, e porquê? Os técnicos aqui recebem, todos eles, uma parte daquilo que os pais pagam, pela hora directa do trabalho com a criança, disso que recebem têm que pagar a própria segurança social, o telefone, que nós aqui gastamos muito dinheiro a telefonar a pais, a escolas e a professores e os transportes. Para além disso, o trabalho directo é um terço do trabalho indirecto, porque nós aqui estamos com a criança e fazemos uma avaliação e estamos 4 a 5 horas no máximo, mas depois em casa estamos mais umas 5 horas para fazer o relatório. Em muitos casos, temos que ir às escolas falar com os professores, em muitos casos temos que falar, novamente, com os pais porque precisam de mais ajudas ou informações e nada disso é pago, portanto só é pago uma parte do trabalho directo. Depois temos reuniões de equipa que duram muito tempo, todas as semanas, há muita coisa que é feita, por exemplo os folhetos para a formação, somos nós que os fazemos voluntariamente em casa, que não é pago, o boletim tem que ser feito voluntariamente porque ninguém paga o trabalho. A maior parte do trabalho eu diria que é voluntário, porque ganhamos menos do que uma funcionária da limpeza, menos. A maior parte das colegas trabalha noutros locais, e despende um tempo aqui para a REDES, haverá, neste momento, duas ou três pessoas que trabalham só para a REDES. Eu, infelizmente, só trabalho na REDES, mas eu diria que 80 % do meu trabalho não é pago efectivamente, porque eu tenho a parte administrativa, burocrática toda, a parte das contas, o controlo dos recibos, portanto não me sobra muito tempo.

Há pouco falou que as crianças quando vêm fazem um diagnóstico de avaliação, como é que isso se processa?

Nós temos uma bateria de testes, que vamos adaptando de acordo com o problema. Se, por exemplo a criança vem com um diagnóstico de dificuldades de aprendizagem, começamos sempre por fazer, e dificuldade de aprendizagem, às vezes é uma deficiência, porque já tem acontecido, mais vezes do que aquilo que nós queríamos, porque isso deveria ter sido feito no Centro de Saúde, e não deveríamos ser nós a mandar as crianças para a Genética, que mandamos e eles vêm com alterações cromossómicas que deveriam ter sido detectadas na saúde e não por nós. Mas a criança passa sempre por uma avaliação que é cognitiva e ai vemos quais são as áreas fracas ou

deficitárias e aplicamos testes complementares. Se me aparece uma criança com dificuldades de aprendizagem e eu vejo que as crianças têm alterações na linguagem, por exemplo, eu complemento a minha avaliação com a terapeuta da fala, uma criança que eu vejo que tem problemas de comportamento que não para quieta, que eu vejo uma grande impulsividade, que tem problemas de comportamento porque é agressivo verbalmente, etc. etc., ou que é muito irrequieta, eu complemento a avaliação com a técnica da hiperactividade. Portanto as avaliações aqui são multidisciplinares se for o caso, as vezes quando a criança vêm e tem um problema na fala e não tem mais nada, vai directamente para a terapia da fala. No final, por exemplo quando as crianças vêm com dificuldades de aprendizagem e nós chegamos à conclusão que elas têm um défice, nós encaminhamos os pais para a Genética ou para a Neurologia, dependendo das situações, ou para a Oftalmologia, para os exames de Otorrino e às vezes temos algumas surpresas desagradáveis e de facto elas precisavam de ser despistadas era nesses sítios, outras vezes não se chega à causa e depois fazemos sempre o relatório, que entregamos aos pais, mesmo que eles não queiram. Se os pais quiserem e a maior parte quer, eles, por sua vez entregam nas escolas.

Essa equipa de avaliação, que normalmente é o próprio técnico que com o contacto com a criança vê mais ou menos aquilo que…

E não só, porque sempre que há dúvidas os casos são sempre discutidos na reunião de equipa e em ultimo caso como eu sou a mais velha, já ando nesta área há 25 anos e como tenho formação complementar em Neuropsicologia e na avaliação isso é importante, eu discuto essas situações com cada uma das colegas, quando há dúvidas na avaliação vemos como é que podemos despistar melhor o problema.

Em relação à própria família, existe algum processo em que se avalia a própria família, o seu funcionamento, ou seja, o ambiente familiar, porque muitas vezes isso também é causa de problemas, de muitas deficiências. Esse processo, também, é feito? Por exemplo quando aparece uma criança e depois do diagnóstico percebe-se que a sua deficiência é causa de distúrbios familiares, o que é que se faz nestas circunstâncias?

Envolvemos o mais possível, os pais neste processo. Nós também, antes de vermos as crianças contactamos sempre com os pais e à partida temos logo uma ideia e as crianças vão ter apoio terapêutico, quando vemos que o problema é muito na organização familiar e em muitos casos é, os pais são incluídos o mais possível, por exemplo nos trabalhos de casa. Isso é uma opinião, um bocadinho pessoal, porque eu não lido

directamente com essas situações, eu estou só na parte da avaliação neuropsicológica, nos acompanhamentos de casos graves de dificuldades de aprendizagem, o que eu vejo é que, os pais quando têm que assumir algumas responsabilidades, por exemplo quando vemos que existe uma falta de regras em casa e os pais tem que ser envolvidos, eles afastam-se, não querem ter essa responsabilidade…

Mas a criança continua à mesma na Instituição?

Não há trabalho terapêutico que resista a uma situação dessas…

Pois torna-se muito complicado para nós, enquanto técnicos se houver resistência por parte dos pais, porque acima de tudo os pais são os pais e são eles os responsáveis pelas crianças.

De facto, não é a criança estar aqui, que isso vai alterar as dinâmicas em casa, ser os pais a querem envolver-se também. Se eles querem as coisas resultam normalmente, se eles não querem, não há terapia que resulte.

E normalmente os pais são receptivos, ou depende da própria formação que os pais têm.

Realmente eu não sou a melhor pessoa para responder a essa questão, porque os meus são receptivos aquilo que eu faço, mas são situações diferentes, porque e pegando no exemplo desta criança que saiu há pouco, para ela ter começado a ler em três meses, quando não lia nem sequer um ditongo, não foi o trabalho de vir cá apenas duas vezes por semana só, é o trabalho diário que ela faz com a mãe, porque a mãe aceitou fazer esse trabalho, mas isso é um trabalho que é mais fácil, do que eventualmente, um trabalho emocional que envolva mudar regras. Mas pronto eu não sou a pessoa mais indicada para responder a essa questão, porque não trabalho directamente com esses problemas.

Como é que a própria Instituição REDES promove medidas que envolvam o portador de deficiência na sociedade? Isto porque quando é diagnosticado nas escolas uma criança com um défice de aprendizagem, ela é quase posta de parte tanto pelos colegas, como pelos próprios professores. Que medidas é que promovem que tentem incluir essa criança na turma?

Para além do apoio directo, que damos muito, tentamos dar aos pais as informações necessárias, o empurrão necessário para eles reivindicarem os direitos dos seus filhos. Isto porque nós não podemos ir falar com eles, não devemos ir falar com eles, têm que ser os pais a assumir e isso é um dos motivos pelo qual naquela acção de formação está escrito decreto 3/2008 relativamente às necessidades educativas especiais. Nós tentamos

que os pais tenham a noção dos direitos dos seus filhos e dos deveres e mais do que isso não é muito fácil, porque se eles nos pedem ajuda para lidar com essas situações, nós tentamos ir às escolas, discutir com os professores qual será a melhor situação para a criança, na maior parte das vezes não somos mal recebidos, na maior parte das vezes. Depois há obviamente escolas que não querem, há professores que não querem, mas na maior parte das vezes não somos mal recebidos. O que vemos é que, teoricamente as coisas estão bem, na prática faz-se de facto pouco, porque a inclusão é apenas um termo que não tem qualquer significado prático, neste momento. Até porque dizem que as crianças estão integradas na escola, mas primeiro um grande ponto de interrogação a essa integração, já apanhei aqui várias que estão a um canto da sala o dia todo, ou fazem bonecos e estão "incluídas" na escola até aos 17 ou 18 anos e depois não querem saber deles para nada. Porque já estiveste incluído, agora vais-te excluir para casa, porque não há emprego, não há formação, não há nada, porque deram-lhes a cenoura e agora no final dão-lhes um coice. É mesmo assim, na prática, na maior parte das situações, elas só tem dois caminhos ou a casa ou uma instituição.

Por isso é que para nós é muito complicado quando tentamos fazer este trabalho de diagnóstico e chegar aos portadores de deficiência adultos, porque como não estão em nenhuma instituição específica, estão em casa, onde muitas vezes os próprios pais ou os cuidadores estão reticentes a envolvê-los, porque tem muito o estigma como "o meu filho é diferente, ele vai para uma instituição e vai ser posto de parte". Isto porque durante toda a vida ele foi posto de parte e agora por muito poucas iniciativas que apareçam, carregam sempre esse estigma de ser diferente é posto de parte.

Isso tem a ver com a própria sociedade, da forma como deveríamos ser e como somos, o que não deveria ser assim. Acho que para isso precisava de ser feito um trabalho, porque as crianças vão de facto para as escolas, e isso era um trabalho a ser feito desde que as crianças vão para as escolas, com os pais, deveria ser feito com elas e com os pais, porque muitas vezes os pais *sobre protegem*. Mas preparando-as a elas e aos pais para terem uma intervenção mais directa. Esse programa que saiu agora, o Plano de Integração na Vida Activa gostava de saber como é que dentro da própria escola, como é que a escola vai fazer isso. Não tem mas também não podem fazer mais do que aquilo que fazem. Por exemplo eu estou a seguir uma jovem que está na escola, ela tem 14 ou 15 anos e tem uma deficiência mas quem olha para ela não diz isso, porque ela é uma miúda, muito bonita e por isso há um risco muito acrescido de andar aí sozinha porque ela tem uma deficiência cognitiva muito grande e ela tem estado sempre na escola e de

acordo com a professora dos apoios o que ela tem estado a fazer é um treino de autonomia, ela vai ao correio e eu vou atrás, vai ao supermercado e eu vou com ela na camioneta para depois ela ir sozinha. A escola não pode fazer isso, porque não tem pessoas para esse tipo de coisas, a escola não pode e os pais não são técnicos para andar a fazer esse tipo de coisas, mas é uma coisa que esses miúdos precisam, porque tem que ser desembaraçados, o mais possível, depois como é que nós vamos lutar para lhes conseguir arranjar emprego. Porque esta miúda tem um défice cognitivo grande mas é perfeitamente capaz de arranjar emprego, desde que e no caso específico dela, seja rotineira, porque também há outras crianças que dizem que por ter deficiência tem que ter uma profissão rotineira e isso não é verdade. Mas no caso dessa miúda concreta isso seria bom e ela seria capaz de desempenhar uma tarefa rotineira, por isso seria capaz de estar num emprego, mas se não souber apanhar a camioneta, se não souber comprar o passe, se ela não souber fazer o que é necessário para a vida no dia a dia, ela não conhece o dinheiro e está na escola desde os 5 anos e tem 15 anos, pronto tem uma deficiência grave, mas se houvesse um treino mais específico, do que a obrigassem inglês, francês, geografia e matemática que nunca lhe vai servir para coisa nenhuma, pelo menos a matéria em que ela esteve inserida. Porque dá muito trabalho preparar um programa de treino individual, dá imenso trabalho, portanto as crianças que têm necessidades educativas especiais ou um défice cognitivo vamos lá dar-lhes umas fichas… Mas é sempre preciso pensar que eles depois crescem, vão ser grandes, vão precisar de um emprego…

Sim, vão ser pessoas e tem a necessidade de ter a sua própria vida… E os próprios professores não são sensibilizados nesse sentido…

Nesse caso, sou um bocado mais bruta, porque um professor é uma pessoa. A nós, ninguém nos ensina a ser mais ou menos, e pelo menos as pessoas com formação, sensíveis para a problemática da deficiência é preciso ter mais do que dois dedos de testa e pensar que precisamos de ajudar aquela criança a crescer e a ser autónoma, acho eu, que não é preciso ter uma formação específica para isso.

Sim daquilo que eu já vi, eles não querem ter o trabalho…

Assim, sim. Porque muitas vezes eles não querem é conhecer aquela pessoa que está ali à frente e que tem uma deficiência, mas que não é a deficiência, é uma pessoa que tem défices e capacidades, porque nós aqui temos experiência de miúdos que têm uma deficiência e eu já tenho experiência de outros locais, porque antes de trabalhar aqui trabalhei numa instituição só de pessoas com deficiência mental, e já não foi a primeira

a segunda, a terceira ou a décima vez, que eu peguei num portador de deficiência já jovem e disse vamos aprender agora aprender a ler, porque ninguém se tinha preocupado em ensinar-lhes as letras do alfabeto e eles aprenderam porque não é nada do outro mundo. Por isso eu nesta situação, sou… há tanta coisa na Internet, tanta informação técnica, há tanta, tanta coisa… que apenas se uma pessoa não quiser é que não se informa. Já não tenho muitas papas na língua, já vi demasiado.

Sim, compreendo e concordo consigo… Voltando aqui à nossa entrevista, que tipo de ofertas educativas disponibilizam, porque enquanto estive aqui ouvi que estava a dar o complemento educativo a uma aluna, esse tipo de trabalho de ajuda, de ajudar nos trabalhos de casa?

Ajudar nos trabalhos de casa não. Pessoalmente eu nunca, não quero nem saber, estava-lhe a perguntar da situação do teste, porque como ela ainda não li, porque na escola como não compreendem isso, compreenderam a partir de uma certa altura, mas não deixaram de lhe dar uma nota negativa, porque não percebem que ela não pode ler os manuais em casa, porque ela não consegue ler ainda, quer dizer ela lê, mas lê muito mal, ainda só passaram três meses. Portanto ela não consegue estudar, por isso alguém tem que estudar com ela, de ler com ela para ela apreender e é claro que na escola não fazem isso, limitam-se a marcar os testes e pronto. E como ela conseguiu ter boas notas no primeiro período, conseguiu subir a tudo, menos à disciplina de história eu disse-lhe X no próximo período tu trazes-me as coisas de história porque eu vou-te explicar, eu vou-te ler, porque oralmente ela compreende, o problema dela é compreender a partir da escrita, mas não tem a ver com trabalhos de casa. Eu e mais outra colega que trabalha com a dislexia, eu pessoalmente nem sequer quero saber. Aquilo que há é que a dislexia implica um grande problema de linguagem, porque eles ficam para trás em tudo, no raciocínio, na compreensão, calhou hoje na primeira parte trabalharmos sons, de letras e na segunda parte estivemos a trabalhar um pouco a leitura e calhou estarmos nesta parte. Mas os exercícios são variados, depende do que me apetece fazer, depende daquilo que eu quero avaliar na altura, depende de muita coisa.

Em relação às famílias, voltando novamente a esta temática, depois de estabelecido esse primeiro contacto, que tipo de relação é estabelecida?

Depende. Normalmente se a criança faz uma avaliação e depois as coisas são devolvidas tanto às famílias como à escola, vão com as reformulações de trabalho, vão com o que podem ou não fazer e quando há problemas, temos que ser nós a telefonar para os pais e eles muitas vezes reencaminham-nos a chamada.

Mas é uma relação que acaba por ser próxima?

Sim é uma relação bastante próxima, posso-lhe dizer que conheço praticamente todos os pais de todos os meninos que por cá passaram. Bastante próxima mesmo, e muitas vezes ao fim de dois ou três anos ainda os conheço.

Mas quando os pais são chamados, vêm o pai ou a mãe ou ambos?

Na maior parte das vezes vêm só a mãe, mas por exemplo nas consultas de psicologia, as colegas fazem questão que o pai venha e ele acaba por vir, a não ser que seja impossibilitado. No caso da terapia da fala, da psicomotricidade e no caso das avaliações neuropsicológicas é importante que o pai venha na devolução do relatório, porque há trabalho em casa para fazer. Mas até lá se não há problema nenhum e não faz diferença e ver quais são as dificuldades da criança e que não tem a ver com problemas emocionais ou com problemas familiares.

Que papel é que, na sua perspectiva, tanto o pai e a mãe devem ter de um filho portador de deficiência?

Devem ser pai e mãe, devem assumir-se como pais. No entanto, dependendo da organização das coisas, porque, para mim, pensar em família modelo tem um nível cultural e económico razoável, porque as famílias de baixos recursos culturais e económicos, muitas vezes, a deficiência para eles não é tão marcante como para outra família, eu já vi isso. Isto porque, também, não esperam muito dos outros filhos, não tem muitas expectativas da vida e se são pessoas com baixo nível cultural, porque há muitos pais que não sabem ler, sabem ler mas não sabem interpretar e por isso é escusado pensar que eles vão ter acesso à legislação, etc. etc. Por isso também não têm muita expectativa em relação ao seu filho, esperam apenas um sitio em que ele seja bem tratado.

Pois isso por um lado, acaba por ser bom para o próprio portador de deficiência…

Sim, nesse aspecto acho que sim, porque o tornam mais autónomo e independente, mas nas outras situações, o outro lado…Porque aquilo que eu acho é que as crianças e os jovens com deficiência, neste país, não estão devidamente acompanhados em situação nenhuma, já se fez muito mas, acho que é muito pouco comparado com o que se faz noutros países da Europa. Acho que os pais são muito pouco reivindicativos, não vão à procura e teriam nível cultural para, não vão à procura de qual é a legislação, quais são os direitos, o que é o filho poderia ter em termos de apoios para ser, mais tarde um adulto mais independente, acho que são poucos reivindicativos.

Isso acaba por ser um pouco o estigma do ser português…

Sim, porque as pessoas reclamam muito para o vizinho do lado, mas por exemplo, quando eu digo a alguns pais *"Olhem temos que ir para o Provedor de Justiça"* eles retraem-se primeiro.

Sim porque as acções deles, por muito que sejam a uma escala pequena, já é algum trabalho realizado, porque são reivindicações muito pequenas mas que poderão chegar a algum lado.

O acto de cuidar acarreta um conjunto de responsabilidades que não passam apenas pelos cuidados físicos, mas sim o zelar, o cuidar, salvaguardar os seus direitos. Nesse sentido considera que é necessário formação específica para desempenhar essa função?

Considero bastante pertinente. Considero para os pais e por vários motivos e agora estou só a pensar em termos de deficiência mental, uma coisa que era muito importante em termos de formação era desculpabilizá-los da situação eu diria que 99% dos pais se sentem culpados por ter filhos deficientes, eles são muito mal acompanhados na maior parte das situações, não lhes explicam, não lhes dizem, portanto passam uma situação muito difícil, para já porque não tem um filho ideal, o real não corresponde ao ideal e depois porque acho que se vão apercebendo dessas limitações não é? Portanto era muito importante trabalhar a desculpabilização dos pais, essa era uma das situações. Depois era importante trabalhar um pouco ou bastante, como os filhos têm limitações, as pessoas, às tantas, os próprios pais acabam por pensar que se têm limitações aqui então se calhar vão ter limitações em tudo e por isso podem acabar por não lhes dar os estímulos que eles realmente necessitam. Por outro lado, têm tendência a sobre protegê-los, também, e por outras vezes têm tendência a fazer "asneiras" em termos médicos, em termos de saúde. Eu conheço muitos que *"Ah, coitadinho e toma lá mais um chupa – chupa ou um chocolate"* e depois dão-lhes cabo da saúde a tentar compensar aquilo que se passa. Por isso eu penso que eles precisavam de formação, quer a nível psicológico, para se livrarem o mais possível dessa culpa, quer a nível técnico que não é dar-lhes cursos técnicos, mas eles precisavam muito de formação sobre como é que se processa o desenvolvimento da criança e o que é que eles poderão fazer especificamente para desenvolver áreas em falta, eu acho que isso era importante.

Quando há pouco falou na desculpabilização dos pais, esse sentimento acaba por acompanhá-los ao longo da sua vida e influência a forma como os próprios pais educam os seus filhos…

Sim e por isso é que os compensam com comida. Como por exemplo, deixá-los fazer o que eles querem e ficam com miúdos mal-educados que antes de serem deficientes são mal-educados. E depois isso é um risco, porque de facto os miúdos com deficiência têm limitações cognitivas e podem desenvolver comportamentos que não tinham que desenvolver que não fazem parte da deficiência, que fazem parte da ausência de regras, como qualquer outro miúdo, mas depois quando eles crescem tendo eles limitações cognitivas, vão ter dificuldade em perceber que não podem bater, morder, etc. Muitas vezes isso é culpa dos pais, porque estão a tentar compensar… sim estão a tentar compensar os filhos, porque acho que são culpados pela deficiência dos filhos.

Considerando a prática que desenvolve actualmente, de que forma é que perspectiva o seu trabalho com as famílias?

Eu não considero que trabalhe muito com as famílias, não temos um trabalho específico com famílias aqui. Aquilo que se tenta é eventualmente dar respostas aquilo que os pais nos perguntam e pedem e tentamos ajudar na medida do possível, não temos capacidade digamos. Talvez se tivéssemos outro tipo de fundos, de subsídios seria diferente. Agora nós estamos à espera de acreditação da DGERT, como entidade formadora e uma das valências para as quais pedimos formação é para fazer formação de pessoas com deficiência e aí sim eu espero envolver os pais de outra maneira, mesmo. Mas neste momento nós não temos nenhuma acção específica para pessoas com deficiência…

Por exemplo aquela formação para os pais tem tido muita receptividade, ou não.

Nós colocámos o quadro na última semana de Dezembro e nessa semana quase ninguém teve consultas, os dois únicos pais que cá vieram quiseram-se logo inscrever, eu ainda nem trouxe as fichas de inscrição. Sim, eu acho que vamos ter bastante adesão, acho que vamos ter que repetir…

Pois eu penso que os pais podem sentir essa necessidade, mas como não vêem, não procuram muito…

Sim, sim… Pois a ideia que eu tenho é que vamos ter que repetir, que vamos ter casa cheia, também aqui neste sítio não podemos ter muita gente, porque nós queremos discutir, queremos estar mesmo próximos das situações dos pais e eles vão ter a necessidade de dizer o meu filho isto, o meu filho aquilo, vai haver muitas perguntas, por isso é que pusemos como número limite 12 pessoas, mas já sabemos à priori que

temos que repetir, portanto não vamos deixar pais para trás, isto agora é um começo porque a nossa ideia de há muito tempo é fazer acções de formação a pais, por isso acho que sim vamos ter uma boa receptividade, mas também são acções muito específicas, são sobre as patologias que são trabalhadas.

Considera que na actual sociedade o portador de deficiência pode ser autónomo?

Sim, sim considero, dependendo da gravidade da deficiência. Como a nível estatístico internacional, de acordo com a Organização Mundial de Saúde cerca de 80% das pessoas com deficiência são deficientes ligeiros, estou a falar nas deficiências mentais, os deficientes ligeiros podem perfeitamente ser autónomos, perfeitamente.

Considera que a sociedade está apta para incluir o portador de deficiência?

Não, de modo nenhum.

Que mudanças é que, em primeira análise, considera serem as de mais rápida resolução?

Eu penso que deveria ser obrigatório que todas as empresas e instituições públicas empregassem pessoas com deficiência, obrigatório mas que se cumprisse de acordo com a legislação e penso que a legislação é só para a função pública que não há para as empresas privadas, por isso eu acho que deveria ser obrigatório. Porque as pessoas com deficiência são pessoas como as outras, deveriam ser cidadãos como os outros e não o são. Vivemos numa democracia, numa sociedade que se diz democrática, mas de facto há pessoas que não são cidadãos em pleno direito. Por outro lado penso que se deveria deixar de *brincar* um pouco com aquilo que é o apoio às necessidades educativas especiais, porque a maior parte destes miúdos têm apoios, porque os professores, podem dar muito deles, mas de facto falta muita técnica em termos do trabalho que é preciso fazer com eles, em termos de investigação cá dentro para, de facto se fazer um programa com cabeça, tronco e membros em que a criança de facto evolua e venha a ser um adulto autónomo. Porque nós nos programas que criamos para o portador de deficiência jovem, ficámos boquiabertos, e eu já trabalho nisto há muitos anos mas antigamente era uma coisa e agora é outra, de ver miúdas com 14, 15 ou 16 anos e com uma deficiência mental ligeira, que não fazem a mais pequena ideia do que é ser menstruada, não sabem mudar um penso, por exemplo, não tem explicação. Não fazem a mais pequena ideia de tanta coisa que ainda por mais deveriam estar mais prevenidas, de prevenir acidentes, de regras de segurança, de electricidade até coisas básicas. Nós quando começámos a trabalhar com estes miúdos, há dois anos atrás neste projecto, a colega que esteve com eles dizia que eles não sabem isto e isto, que não é possível nos

dias de hoje integrados numa escola. O que é que é o apoio para estes miúdos? Portanto acho que esses apoios deveriam de ser revistos em termos daquilo que se deve trabalhar com eles, falta qualquer coisa…

Em relação ao próprio sistema legislativo português?

Eu acho que é óptimo, é muito bom. Se fosse tudo cumprido estaríamos muito à frente, do sistema legislativo não tenho muito a dizer.

E sobre a prática?

A prática, que prática? As barreiras arquitectónicas cumprem-se? A disposição das barreiras para os portadores de deficiência não se cumpre, em lado nenhum. Ainda no outro dia fui ao Banco e então eu disse-lhe: *"Uma instituição com instalações novas aqui em Loures e vocês fazem escadas e onde estão as rampas para os deficientes, onde é que está a legislação cumprida."* Não nos deixaram fazer, foi o que me disseram, não sei se foi se não foi, diz que esteve a ver com a Câmara. Não sei se é verdade ou se não é verdade, mas foi a resposta que eles deram, pois mas é um edifício novo, aquilo é novo. Pronto essa legislação não é cumprida, quanta coisa que não é cumprida, são os direitos deles que estão consagrados, os que saem da Lei de Bases, da Consagração onde é que isso está consagrado, onde é que isso é cumprido?!

Pois eu penso que a nossa boa vontade e as ideias que possamos ter parece que acabam por ser barradas porque não há uma devida consciencialização… isso implica uma mudança…

Na própria sociedade, sim. Mas isso já deveria estar… porque os políticos, as pessoas que estão mais envolvidas têm a veleidade de falar em inclusão, se calhar estava na altura de praticarem…

Sim porque muitas vezes são coisas básicas… são tantas situações, os portes nas ruas, sãs caixas de multibanco… são coisas tão básicas…

Sim que fazem impressão e a mim faz-me mais impressão se falar em inclusão… é uma palavra… que não tem uma aplicação prática.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: REDES

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Práticas de Funcionamento	Encaminhamento pelas escolas ou pelos pais	*"Neste momento quase todas as crianças são encaminhadas pelas escolas (…)"* *" (…) ou pelos pais que vão falando uns com os outros."* *"Portanto a maior parte das crianças vem por essa via."* *"Já começam a aparecer, um número embora não muito importante de pessoas que vêm pelo nosso e-mail (…)"* *" (…) ou seja, vão à nossa página na Internet (…)"* *" (…) onde pedem esclarecimentos (…)"* *" (…) marcam uma vinda cá."*
		È obrigatório o primeiro contacto ser com os pais	*"Os pais telefonam (…)"* *" (…) e é sempre obrigatório que sejam os pais ou os encarregados de educação a telefonar."* *"Quando o técnico atende o telefone(…)"* *" (…) que normalmente sou eu (…)"* *" (…) aí faz-se logo um primeiro despiste ao telefone."* *"Os pais vêm ao primeiro atendimento(…)"* *" (…) antes de nós vermos a criança seja em que situação for."* *"Portanto os pais vêm primeiro (…)"*
		Primeiro despiste permite encaminhar as crianças	*"Se a criança vêm para fazer uma avaliação (…)"* *" (…) vêm para tratamento psico – pedagógico (…)"* *" (…) se vêm para a terapia da fala (…)"* *" (…) temos assim logo o primeiro despiste ao telefone de modo que quando*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			seja feita a marcação (…)" *" (…) os pais venham logo ter com o técnico certo (…)"* *" (…) de entre as várias valências de atendimento."* *" (…) e depois é que, dependendo do historial de desenvolvimento (…)"*
		Trabalho começa com a criança depois da recolha de informação	*" (…) se for preciso irmos às escolas, nós pedimos sempre informação às escolas (…)"* *" (…) e depois marcamos com a criança."* *" E aí começa o trabalho: fazemos avaliação (…)"* *" (…) e depois intervenção (…)"* *" (…) ou fazemos avaliação (…)"* *" (…) e chegamos à conclusão que é preciso um trabalho complementar (…)"* *" (…) ou suplementar com a escola (…)"* *" (…) ou leva um trabalho de casa (…)"* *" (…) ou então tem mesmo que ser acompanhada por alguma valência mais específica."*
	valências de atendimento	Apoio psicológico	*"Nós temos aqui apoio psicológico a nível de psico – terapia para crianças e jovens(…)"*
		Apoio na melhoria de comportamento	*" (…) temos uma técnica que trabalha com crianças com hiperactividade (…)"* *" (…) trabalha com crianças que têm alterações de comportamento, para melhorar o comportamento (…)"*
		Apoio na linguagem / oralidade	*" (…) temos terapia da fala (…)"* *" (…) temos a reeducação da dislexia grave (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Apoio na matemática	*" (…) temos, que veio um pouco por acréscimo, um apoio na matemática."* *"Isto começou com muitos dos casos de miúdos com dificuldades de aprendizagem na área da matemática (…)"* *" (…) e depois os pais começaram a pedir apoio para os irmãos."* *"Esta é uma área que não está directamente ligada às Necessidades Educativas Especiais (…)"* *" (…) se bem que já existem algumas crianças com deficiência que estão a pedir apoio em raciocínio lógico – matemático (…)"* *" (…) que é importante para o desenvolvimento cognitivo todo."* *"Essencialmente é isso (…)"*
		Acções de formação a professores	*" (…) depois vamos às escolas (…)"* *" (…) temos, por exemplo acções de formação a professores (…)"* *" (…) desenvolvemos alguns projectos."*
		Formação a Pais	*"Neste momento vamos fazer a formação de pais no mês de Fevereiro."* *"Este projecto foi semi – financiado pela Câmara Municipal de Loures (…)"* *" (…) pois vamos fazendo alguns projectos que estão no nosso site ou nos nossos boletins."* *"Em relação aos pais nós temos anunciado no site (…)"* *" (…) ou nos boletins que enviamos (…)"* *" (…) e isso é um dos motivos pelo qual naquela acção de formação está escrito decreto 3/2008 (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) relativamente às necessidades educativas especiais.” *“ (…) vai haver muitas perguntas (…)”* *“ (…) por isso é que pusemos como número limite 12 pessoas (…)”* *“ (…) mas já sabemos à priori que temos que repetir (…)”* *“ (…) portanto não vamos deixar pais para trás (…)”* *“ (…) isto agora é um começo porque a nossa ideia de há muito tempo é fazer acções de formação a pais (…)”*
		Projectos com jovens com deficiência	*“Nós fizemos nos últimos dois anos um trabalho com as escolas (…)”* *“ (…) que também foi financiado pela Câmara de Loures (…)”* *“só trabalhámos com jovens com deficiência mental para trabalharmos mesmo esses problemas da adolescência.”*
		Atendimento gratuito a pais	*“ (…) para esclarecimento de dúvidas caso seja marcado com antecedência(…)”* *“ (…) poucos pais recorrem a este serviço(…)”* *“Para esses aos quais não chegamos (…)”* *“ (…) não podemos estar a fazer publicidade (…)”* *“ (…) que não temos dinheiro para isso(…)”* *“ (…) mas não conseguimos informar mais do que aquilo que informamos (…)”* *“ (…) não podemos divulgar mais do que aquilo que divulgamos (…)”* *“ (…) e também não temos forma de fazer*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			muito atendimentos gratuitos (…)" *" (…) é só mesmo nessa área (…)"*
		A intervenção não passa pelos trabalhos de casa	*"Ajudar nos trabalhos de casa não."* *"Pessoalmente eu nunca (…)"* *" (…) não quero nem saber (…)"* *" (…) mas não tem a ver com trabalhos de casa."* *"Eu e mais outra colega que trabalha com a dislexia (…)"* *" (…) eu pessoalmente nem sequer quero saber."*
		Exercícios diários são variados	*"Mas os exercícios são variados (…)"* *" (…) depende do que me apetece fazer(…)"* *" (…) depende daquilo que eu quero avaliar na altura (…)"* *" (…) depende de muita coisa."*
	Profissionais que trabalham na Instituição	Técnicos superiores	*"Portanto nós somos, neste momento, 8 psicólogos (…)"* *" (…) 7 terapeutas da fala (…)"* *" (…) um técnico de reabilitação e psicomotricidade (…)"*
		Professor de matemática	*" (…) um professor de matemática que veio por acréscimo (…)"*
		Pediatra do desenvolvimento	*" (…) temos um apoio indirecto de uma pediatra de desenvolvimento."* *"Indirectamente, porque ela não dá consultas aqui (…)"* *" (…) mas quando há suspeitas de uma deficiência não diagnosticada (…)"* *" (…) ou uma doença que não suficientemente avaliada (…)"* *" (…) eu pego nas coisas da crianças (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) eu vou ter com ela e sentamo-nos as duas a ver o processo (…)” *“ (…) e ela dá a indicação daquilo que se deve fazer (…)”* *“ (…) e, às vezes, vê as crianças que não tem hipótese de pagar (…)”* *“ (…) mas só às vezes.”* *“Vamos fazer um acordo com ela (…)”* *“ (…) em que ela numa vez por mês (…)”* *“ (…) ela no próprio consultório vai aceitar as crianças pagando elas (…)”* *“ (…) o mesmo que pagam aqui, 12€ (…)”* *“ (…) que é quase o mesmo que irem ao hospital (…)”* *“ (…) ou terem uma consulta hospitalar.”* *“Isso vai ser tratado o mais rápido possível (…)”* *“ (…) mas ela não tem horário para vir para cá (…)”* *“ (…) mas pronto é um apoio que é importante.”*
		Grande parte do trabalho é voluntário	*“A maior parte de facto, eu diria que é um trabalho voluntário, e porquê?”* *“Os técnicos aqui recebem, todos eles(…)”* *“ (…) uma parte daquilo que os pais pagam (…)”* *“ (…) pela hora directa do trabalho com a criança (…)”* *“ (…) disso que recebem têm que pagar a própria segurança social (…)”* *“ (…) o telefone (…)”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) que nós aqui gastamos muito dinheiro a telefonar a pais, a escolas e a professores (…)” *“ (…) e os transportes.”* *“ (…) por exemplo os folhetos para a formação (…)”* *“ (…) somos nós que os fazemos voluntariamente em casa, que não é pago (…)”* *“ (…) o boletim tem que ser feito voluntariamente porque ninguém paga o trabalho.”* *“A maior parte do trabalho eu diria que é voluntário (…)”* *“ (…) porque ganhamos menos do que uma funcionária da limpeza, menos.”*
		Trabalho directo com a criança é 1/3 do indirecto	*“Para além disso, o trabalho directo é um terço do trabalho indirecto (…)”* *“ (…) porque nós aqui estamos com a criança (…)”* *“ (…) e fazemos uma avaliação (…)”* *“ (…) e estamos 4 a 5 horas no máximo (…)”* *“ (…) mas depois em casa estamos mais umas 5 horas para fazer o relatório.”* *“Em muitos casos, temos que ir às escolas falar com os professores (…)”* *“ (…) em muitos casos temos que falar, novamente, com os pais porque precisam de mais ajudas ou informações (…)”* *“ (…) e nada disso é pago (…)”* *“ (…) portanto só é pago uma parte do trabalho directo.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		A equipa realiza semanalmente reuniões	*"Depois temos reuniões de equipa que duram muito tempo (…)"* *" (…) todas as semanas, há muita coisa que é feita (…)"*
		Maior parte dos profissionais trabalha noutras instituições	*"A maior parte das colegas trabalha noutros locais (…)"* *" (…) e despende um tempo aqui para a REDES (…)"* *" (…) haverá, neste momento, duas ou três pessoas que trabalham só para a REDES."*
		Técnica entrevistada trabalha apenas para a REDES	*"Eu, infelizmente, só trabalho na REDES (…)"* *" (…) mas eu diria que 80 % do meu trabalho não é pago efectivamente (…)"* *" (…) porque eu tenho a parte administrativa (…)"* *" (…) burocrática toda, a parte das contas (…)"* *" (…) o controlo dos recibos (…)"* *" (…) portanto não me sobra muito tempo."*
	Processo de avaliação dos utentes	Conjunto de testes	*"Nós temos uma bateria de testes (…)"* *" (…) que vamos adaptando de acordo com o problema."*
		Há situações em que enviam as crianças para o Centro de Saúde	*"No final, por exemplo quando as crianças vêm com dificuldades de aprendizagem (…)"* *" (…) e nós chegamos à conclusão que elas têm um défice (…)"* *" (…) nós encaminhamos os pais para a Genética ou para a Neurologia (…)"* *" (…) dependendo das situações, ou para a Oftalmologia (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) para os exames de Otorrino (…)” *“ (…) e às vezes temos algumas surpresas desagradáveis (…)”* *“ (…) e de facto elas precisavam de ser despistadas era nesses sítios (…)”* *“ (…) outras vezes não se chega à causa (…)”* *“Se, por exemplo a criança vem com um diagnóstico de dificuldades de aprendizagem, começamos sempre por fazer (…)”* *“ (…) e dificuldade de aprendizagem, às vezes é uma deficiência (…)”* *“ (…) porque já tem acontecido, mais vezes do que aquilo que nós queríamos(…)”* *“ (…) porque isso deveria ter sido feito no Centro de Saúde (…)”* *“ (…) e não deveríamos ser nós a mandar as crianças para a Genética (…)”* *“ (…) que mandamos e eles vêm com alterações cromossómicas que deveriam ter sido detectadas na saúde (…)”* *“ (…) e não por nós.”*
		Avaliação psicológica permite detectar áreas deficitárias	*“Mas a criança passa sempre por uma avaliação que é cognitiva (…)”* *“ (…) e ai vemos quais são as áreas fracas ou deficitárias (…)”* *“ (…) e aplicamos testes complementares.”* *“ (…) às vezes quando a criança vêm (…)”* *“ (…) e tem um problema na fala e não tem mais nada (…)”* *“ (…) vai directamente para a terapia da*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			fala."
		Avaliações são multidisciplinares	*"Se me aparece uma criança com dificuldades de aprendizagem (…)"* *" (…) e eu vejo que as crianças têm alterações na linguagem (…)"* *" (…) por exemplo, eu complemento a minha avaliação com a terapeuta da fala(…)"* *" (…) uma criança que eu vejo que tem problemas de comportamento (…)"* *" (…) que não pára quieta (…)"* *" (…) que eu vejo uma grande impulsividade (…)"* *" (…) que tem problemas de comportamento (…)"* *" (…) porque é agressivo verbalmente, etc…. (…)"* *" (…) ou que é muito irrequieta (…)"* *" (…) eu complemento a avaliação com a técnica da hiperactividade."* *"Portanto as avaliações aqui são multidisciplinares se for o caso (…)"*
		È feito um relatório e entregue aos pais	*" (…) e depois fazemos sempre o relatório (…)"* *" (…) que entregamos aos pais, mesmo que eles não queiram."* *"Se os pais quiserem e a maior parte quer (…)"* *" (…) eles, por sua vez entregam nas escolas."*
		Casos mais complicados são discutidos em equipa	*"E não só, porque sempre que há dúvidas os casos são sempre discutidos na reunião de equipa (…)"* *" (…) e em último caso como eu sou a*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			mais velha (…)" *" (…) já ando nesta área há 25 anos (…)"* *" (…) e como tenho formação complementar em Neuropsicologia (…)"* *" (…) e na avaliação isso é importante(…)"* *" (…) eu discuto essas situações com cada uma das colegas (…)"* *" (…) quando há dúvidas na avaliação (…)"* *" (…) vemos como é que podemos despistar melhor o problema."*

Tema: Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
II. Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da Instituição	Depende do tipo de intervenção	*"Depende."* *"Normalmente se a criança faz uma avaliação (…)"* *" (…) e depois as coisas são devolvidas tanto às famílias como à escola (…)"* *" (…) vão com as reformulações de trabalho (…)"* *" (…) vão com o que podem ou não fazer(…)"* *" (…) e quando há problemas, temos que ser nós a telefonar para os pais (…)"* *" (…) e eles muitas vezes reencaminham-nos a chamada."*
		Relação bastante próxima	*" (…) mas a verdade é que dos que cá vem nós temos sempre conversas muito próximas (…)"* *" (…) e eles não precisam de vir cá*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			extra (…)" *" (…) isso seria para outros."* *"Sim é uma relação bastante próxima(…)"* *" (…) posso-lhe dizer que conheço praticamente todos os pais de todos os meninos que por cá passaram."* *"Bastante próxima mesmo (…)"* *" (…) e muitas vezes ao fim de dois ou três anos ainda os conheço."*
		A ida dos pais à instituição depende do tipo de intervenção	*"Na maior parte das vezes vêm só a mãe(…)"* *" (…) mas por exemplo nas consultas de psicologia (…)"* *" (…) as colegas fazem questão que o pai venha e ele acaba por vir (…)"* *" (…) a não ser que seja impossibilitado."* *"No caso da terapia da fala (…)"* *" (…) da psicomotricidade (…)"* *" (…) e no caso das avaliações neuropsicológicas (…)"* *" (…) é importante que o pai venha na devolução do relatório (…)"* *" (…) porque há trabalho em casa para fazer."* *"Mas até lá se não há problema nenhum(….)"* *" (…) e não faz diferença (…)"* *" (…) e ver quais são as dificuldades da criança (…)"* *" (…) e que não tem a ver com problemas emocionais (…)"* *" (…) ou com problemas familiares."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Pais pouco reivindicativos	*"Acho que os pais são muito pouco reivindicativos (…)"* *" (…) não vão à procura (…)"* *" (…) e teriam nível cultural para, não vão à procura de qual é a legislação (…)"* *" (…) quais são os direitos (…)"* *" (…) o que é o filho poderia ter em termos de apoios para ser, mais tarde um adulto mais independente (…)"* *" (…) acho que são poucos reivindicativos."* *"Sim, porque as pessoas reclamam muito para o vizinho do lado (…)"* *" (…) mas por exemplo, quando eu digo a alguns pais (…)"* *" (…) "Olhem temos que ir para o Provedor de Justiça" (…)"* *" (…) eles retraem-se primeiro."*
	Papel que os pais devem desempenhar	Os pais devem assumir-se efectivamente como pais	*"Isto porque nós não podemos ir falar por eles (…)"* *" (…) não devemos ir falar por eles (…)"* *" (…) têm que ser os pais a assumir (…)"* *"Nós tentamos que os pais tenham a noção dos direitos dos seus filhos (…)"* *" (…) e dos deveres (…)"* *"Devem ser pai e mãe (…)"* *" (…) devem assumir-se como pais."*
		Para as famílias com baixos recursos, a deficiência não é tão marcante	*"No entanto, dependendo da organização das coisas (…)"* *" (…) porque para mim pensar em família modelo tem um nível cultural e económico razoável (…)"* *" (…) porque as famílias de baixos recursos culturais e económicos (…)"* *" (….) muitas vezes, a deficiência para*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			eles não é tão marcante como para outra família, eu já vi isso." *"Isto porque, também, não esperam muito dos outros filhos (…)"* *" (…) não tem muitas expectativas da vida(…)"* *" (…) e se são pessoas com baixo nível cultural (…)"* *" (…) porque há muitos pais que não sabem ler (…)"* *" (…) sabem ler mas não sabem interpretar (…)"* *" (…) e por isso é escusado pensar que eles vão ter acesso à legislação, etc... (…)"* *"Por isso também não têm muita expectativa em relação ao seu filho (…)"* *" (…) esperam apenas um sitio em que ele seja bem tratado."* *"Sim, nesse aspecto acho que sim (…)"* *" (…) porque o tornam mais autónomo e independente (…)"* *" (…) mas nas outras situações, o outro lado… (…)"*
		Não existe um trabalho específico com as famílias	*"Eu não considero que trabalhe muito com as família (…)"* *" (…) não temos um trabalho específico com famílias aqui (…)"* *" (…) não temos capacidade digamos(…)"*
		Tentam responder às questões dos pais	*"Os pais têm muitas dúvidas (…)"* *" (…) principalmente quando chegam à adolescência tem muito receio relativamente à sexualidade (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) tem problemas em deixá-los ser autónomos (…)" *" (…) e que eles sejam assaltados, etc. etc."* *"Aquilo que se tenta é eventualmente dar respostas aquilo que os pais nos perguntam (…)"* *" (…) e pedem e tentamos ajudar na medida do possível (…)"*
		Esperam acreditação da DGERT para formações	*"Agora nós estamos à espera de acreditação da DGERT (…)"* *" (…) como entidade formadora e uma das valências para as quais pedimos formação é para fazer formação de pessoas com deficiência (…)"* *" (…) e aí sim eu espero envolver os pais de outra maneira, mesmo."* *"Mas neste momento nós não temos nenhuma acção específica para pessoas com deficiência…"*
		Pais têm aderido à formação planeada pela Instituição	*"Nós colocámos o quadro na última semana de Dezembro (…)"* *" (…) e nessa semana quase ninguém teve consultas (…)"* *" (…) os dois únicos pais que cá vieram quiseram-se logo inscrever (…)"* *" (…) eu ainda nem trouxe as fichas de inscrição."* *"Sim, eu acho que vamos ter bastante adesão (…)"* *" (…) acho que vamos ter que repetir…"* *"Sim, sim… "* *"Pois a ideia que eu tenho é que vamos ter que repetir (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) que vamos ter casa cheia (…)" " (…) também aqui neste sítio não podemos ter muita gente (…)" *" (…) porque nós queremos discutir (…)"* *" (…) queremos estar mesmo próximos das situações dos pais (…)"* *" (…) e eles vão ter a necessidade de dizer o meu filho isto (…)"* *" (…) o meu filho aquilo (…)"* *" (…) por isso acho que sim vamos ter uma boa receptividade (…)"* *" (…) mas também são acções muito específicas (…)"* *" (…) são sobre as patologias que são trabalhadas."*
		Exige um envolvimento grande dos pais	*"Envolvemos o mais possível, os pais neste processo."* *"Nós também, antes de vermos as crianças (…)"* *" (…) contactamos sempre com os pais (…)"* *" (…) e à partida temos logo uma ideia(…)"* *" (…) e as crianças vão ter apoio terapêutico (…)"* *" (…) quando vemos que o problema é muito na organização familiar (…)"* *" (…) e em muitos casos é, os pais são incluídos o mais possível (…)"* *" (…) por exemplo nos trabalhos de casa."*
		Quando os pais têm que assumir responsabilidades	*"(…) eu estou só na parte da avaliação neuropsicológica (…)"* *" (…) nos acompanhamentos de casos*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		tendem a afastar-se	*graves de dificuldades de aprendizagem (…)" " (…) o que eu vejo é que, os pais quando têm que assumir algumas responsabilidades (…)"* *" (…) por exemplo quando vemos que existe uma falta de regras em casa (…)"* *" (…) e os pais tem que ser envolvidos(…)"* *" (…) eles afastam-se, não querem ter essa responsabilidade…(…)"*
		A participação dos pais é vital para o sucesso da intervenção	*"Não há trabalho terapêutico que resista a uma situação dessas… (…)"* *"De facto, não é a criança estar aqui (…)"* *" (…) que isso vai alterar as dinâmicas em casa (…)"* *" (…) sem os pais a querem envolver-se também."* *"Se eles querem as coisas resultam normalmente (…)"* *" (…) se eles não querem, não há terapia que resulte."* *"Realmente eu não sou a melhor pessoa para responder a essa questão (…)"* *" (…) porque os meus são receptivos aquilo que eu faço (…)"* *" (…) mas são situações diferentes (…)"* *" (…) porque e pegando no exemplo desta criança que saiu há pouco (…)"* *" (…) para ela ter começado a ler em três meses (…)"* *" (…) quando não lia nem sequer um ditongo (…)"* *" (…) não foi o trabalho de vir cá apenas duas vezes por semana só (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) é o trabalho diário que ela faz com a mãe (…)” *“ (…) porque a mãe aceitou fazer esse trabalho (…)”* *“ (…) mas isso é um trabalho que é mais fácil (…)”* *“ (…) do que eventualmente, um trabalho emocional que envolva mudar regras.”* *“Mas pronto eu não sou a pessoa mais indicada para responder a essa questão(…)”* *“ (…) porque não trabalho directamente com esses problemas.”*
		Pais pedem ajuda para resolver alguns problemas	*“ (…) porque se eles nos pedem ajuda para lidar com essas situações (…)”* *“ (…) nós tentamos ir às escolas (…)”* *“ (…) discutir com os professores qual será a melhor situação para a criança (…)”* *“ (…) na maior parte das vezes não somos mal recebidos (…)”* *“ (…) na maior parte das vezes.”* *“Depois há obviamente escolas que não querem (…)”* *“ (…) há professores que não querem (…)”* *“ (…) mas na maior parte das vezes não somos mal recebidos.”*
	Formação Específica	Bastante pertinente	*“Considero bastante pertinente.”* *“Considero para os pais e por vários motivos e agora estou só a pensar em termos de deficiência mental (…)”* *“ (…) quer a nível técnico que não é dar-lhes cursos técnicos (…)”* *“Por isso eu penso que eles precisavam*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			de formação (…)" *" (…) mas eles precisavam muito de formação sobre como é que se processa o desenvolvimento da criança (…)"* *" (…) eu acho que isso era importante."*
		Desculpabilização pela deficiência do seu filho	*" (…) uma coisa que era muito importante em termos de formação era desculpabilizá-los (…)"* *" (…) da situação eu diria que 99% dos pais se sentem culpados por ter filhos deficientes (…)"* *" (…) eles são muito mal acompanhados na maior parte das situações (…)"* *" (…) não lhes explicam, não lhes dizem(…)"* *" (…) portanto passam uma situação muito difícil (…)"* *" (…) para já porque não tem um filho ideal (…)"* *" (…) o real não corresponde ao ideal (…)"* *" (…) e depois porque acho que se vão apercebendo dessas limitações não é?"* *" (…) quer a nível psicológico, para se livrarem o mais possível dessa culpa (…)"*
		Formas de estimulação	*"Depois era importante trabalhar um pouco ou bastante, como os filhos têm limitações (…)"* *" (…) as pessoas, às tantas, os próprios pais acabam por pensar que se têm limitações aqui então se calhar vão ter limitações em tudo (…)"* *" (…) e por isso podem acabar por não lhes dar os estímulos que eles realmente*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			necessitam." *" (…) e o que é que eles poderão fazer especificamente para desenvolver áreas em falta (…)"*
		Trabalho a ser feito com os pais e com as próprias crianças	*"Acho que para isso precisava de ser feito um trabalho (…)"* *" (…) porque as crianças vão de facto para as escolas (…)"* *" (…) e isso era um trabalho a ser feito desde que as crianças vão para as escolas(…)"* *" (…) com os pais (…)"* *" (…) deveria ser feito com elas e com os pais (…)"* *"Mas preparando-as a elas e aos pais para terem uma intervenção mais directa."*
		Tentam compensar a deficiência	*"Por outro lado, têm tendência a sobre protegê-los (…)"* *" (…) também, e por outras vezes têm tendência a fazer "asneiras" em termos médicos, em termos de saúde."* *"Eu conheço muitos que "Ah, coitadinho e toma lá mais um chupa – chupa ou um chocolate" (…)"* *" (…) e depois dão-lhes cabo da saúde a tentar compensar aquilo que se passa."* *"Sim e por isso é que os compensam com comida."* *"Como por exemplo, deixá-los fazer o que eles querem e ficam com miúdos mal-educados que antes de serem deficientes são mal-educados."* *"Muitas vezes isso é culpa dos pais (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) porque estão a tentar compensar…" " (…) sim estão a tentar compensar os filhos (…)" *" (…) porque acho que são culpados pela deficiência dos filhos."*
		A desinformação dos pais pode ser prejudicial para as crianças	*"E depois isso é um risco, porque de facto os miúdos com deficiência têm limitações cognitivas (…)"* *" (…) e podem desenvolver comportamentos que não tinham que desenvolver que não fazem parte da deficiência (…)"* *" (…) que fazem parte da ausência de regras (…)"* *" (…) como qualquer outro miúdo (…)"* *" (…) mas depois quando eles crescem tendo eles limitações cognitivas (…)"* *" (…) vão ter dificuldade em perceber que não podem bater, morder, etc."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Inclusão Social	Ensino	Faz-se pouco na prática	*"O que vemos é que, teoricamente as coisas estão bem (…)"* *" (…) na prática faz-se de facto pouco(…)"* *" (…) porque a inclusão é apenas um termo que não tem qualquer significado prático, neste momento."* *"É mesmo assim, na prática, na maior parte das situações (…)"*
		As crianças não são integradas nas	*"Até porque dizem que as crianças estão integradas na escola (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		práticas da turma	*" (…) mas primeiro um grande ponto de interrogação a essa integração (…)"* *" (…) já apanhei aqui várias que estão a um canto da sala o dia todo (…)"* *" (…) ou fazem bonecos e estão "incluídas" na escola até aos 17 ou 18 anos (…)"* *" (…) e depois não querem saber deles para nada."*
		A escola não consegue desenvolver em pleno o plano de integração para a vida activa	*"Esse programa que saiu agora, o Plano de Integração na Vida Activa (…)"* *" (…) gostava de saber como é que dentro da própria escola (…)"* *" (…) como é que a escola vai fazer isso."* *"Não têm mas também não podem fazer mais do que aquilo que fazem."* *"Por exemplo eu estou a seguir uma jovem que está na escola, ela tem 14 ou 15 anos (…)"* *" (…) e tem uma deficiência (…)"* *" (…) mas quem olha para ela não diz isso(…)"* *" (…) porque ela é uma miúda muito bonita (…)"* *" (…) e por isso há um risco muito acrescido de andar aí sozinha porque ela tem uma deficiência cognitiva muito grande (…)"* *" (…) e ela tem estado sempre na escola (…)"* *" (…) e de acordo com a professora dos apoios o que ela tem estado a fazer é um treino de autonomia (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) ela vai ao correio e eu vou atrás (…)” *“ (…) vai ao supermercado e eu vou com ela na camioneta (…)”* *“ (…) para depois ela ir sozinha.”* *“A escola não pode fazer isso (…)”* *“ (…) porque não tem pessoas para esse tipo de coisas (…)”* *“ (…) a escola não pode (…)”* *“ (…) e os pais não são técnicos para andar a fazer esse tipo de coisas (…)”* *“ (…) mas é uma coisa que esses miúdos precisam (…)”* *“ (…) porque tem que ser desembaraçados (…)”* *“ (…) o mais possível, depois como é que nós vamos lutar para lhes conseguir arranjar emprego.”* *“Porque esta miúda tem um défice cognitivo grande (…)”* *“ (…) mas é perfeitamente capaz de arranjar emprego (…)”* *“ (…) desde que e no caso específico dela, seja rotineira (…)”* *“ (…) porque também há outras crianças que dizem que por ter deficiência tem que ter uma profissão rotineira e isso não é verdade.”* *“ Mas no caso dessa miúda concreta isso seria bom (…)”* *“ (…) e ela seria capaz de desempenhar uma tarefa rotineira (…)”* *“ (…) por isso seria capaz de estar num emprego (…)”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) mas se não souber apanhar a camioneta (…)" *" (…) se não souber comprar o passe(…)"* *" (…) se ela não souber fazer o que é necessário para a vida no dia a dia(…)"* *" (…) ela não conhece o dinheiro(…)"* *" (…) e está na escola desde os 5 anos e tem 15 anos (…)"* *" (…) pronto tem uma deficiência grave(…)"*
		Seria mais proveitoso haver um treino mais específico para a vida activa	*" (…) mas se houvesse um treino mais específico (…)"* *" (…) porque nós aqui temos experiência de miúdos que têm uma deficiência (…)"* *" (…)" e eu já tenho experiência de outros locais (…)"* *" (…) porque antes de trabalhar aqui trabalhei numa instituição só de pessoas com deficiência mental (…)"* *" (…) e já não foi a primeira a segunda, a terceira ou a décima vez (…)"* *" (…) que eu peguei num portador de deficiência já jovem (…)"* *" (…) e disse vamos aprender agora aprender a ler (…)"* *" (…) porque ninguém se tinha preocupado em ensinar-lhes as letras do alfabeto (…)"* *" (…) e eles aprenderam porque não é nada do outro mundo."* *"Porque nós nos programas que criamos para o portador de deficiência jovem ficámos boquiabertos (…)"* *" (…) e eu já trabalho nisto há muitos*

			anos (…)” *“ (…) mas antigamente era uma coisa e agora é outra (…)”* *“ (…) de ver miúdas com 14, 15 ou 16 anos e com uma deficiência mental ligeira, que não fazem a mais pequena ideia do que é ser menstruada (…)”* *“ (…) não sabem mudar um penso, por exemplo, não tem explicação.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“Não fazem a mais pequena ideia de tanta coisa que ainda por mais deveriam estar mais prevenidas (…)” *“ (…) de prevenir acidentes (…)”* *“ (…) de regras de segurança (…)”* *“ (…) de electricidade até coisas básicas.”* *“Nós quando começámos a trabalhar com estes miúdos (…)”* *“ (…) há dois anos atrás neste projecto, a colega que esteve com eles dizia que eles não sabem isto e isto (…)”* *“ (…) que não é possível nos dias de hoje integrados numa escola.”* *“ O que é que é o apoio para estes miúdos?”* *“Portanto acho que esses apoios deveriam de ser revistos em termos daquilo que se deve trabalhar com eles(…)”* *“ (…) falta qualquer coisa…”*

		È preciso consciencializar os professores para uma prática mais voltada para o dia-a-dia	*“ (…) do que a obrigassem inglês, francês, geografia e matemática que nunca lhe vai servir para coisa nenhuma (…)”* *“ (…) pelo menos a matéria em que ela esteve inserida. “* *“Porque dá muito trabalho preparar um programa de treino individual (…)”* *“ (…) dá imenso trabalho (…)”* *“ (…) portanto as crianças que têm necessidades educativas especiais ou um défice cognitivo vamos lá dar-lhes umas fichas…”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“Mas é sempre preciso pensar que eles depois crescem (…)” *“ (…) vão ser grandes (…)”* *“ (…) vão precisar de um emprego…”* *“Nesse caso, sou um bocado mais bruta(…)”* *“ (…) porque um professor é uma pessoa.”* *“A nós, ninguém nos ensina a ser mais ou menos (…)”* *“ (…) e pelo menos as pessoas com formação sensíveis para a problemática da deficiência (…)”* *“ (…) é preciso ter mais do que dois dedos de testa (…)”* *“ (…) e pensar que precisamos de ajudar aquela criança (…)”* *“ (…) a crescer e a ser autónoma (…)”* *“ (…) acho eu, que não é preciso ter uma formação específica para isso.”*

			"Assim, sim." *" Porque muitas vezes eles não querem é conhecer aquela pessoa que está ali à frente (…)"* *" (…) e que tem uma deficiência (…)"* *" (…) mas que não é a deficiência (…)"* *" (…) é uma pessoa que tem défices e capacidades (…)"* *"Por isso eu nesta situação, sou… há tanta coisa na Internet (…)"* *" (…) tanta informação técnica (…)"* *" (…) há tanta, tanta coisa…"* *" (…) que apenas se uma pessoa não quiser é que não se informa."*
Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"Já não tenho muitas papas na língua (…)" *" (…) já vi demasiado."*
		A escola não compreende alguns dos problemas dos seus alunos	*" (…) estava-lhe a perguntar da situação do teste (…)"* *(…) porque como ela ainda não lê(…)"* *" (…) porque na escola como não compreendem isso (…)"* *" (…) compreenderam a partir de uma certa altura (…)"* *" (…) mas não deixaram de lhe dar uma nota negativa (…)"* *" (…) porque não percebem que ela não pode ler os manuais em casa (…)"* *" (…) porque ela não consegue ler ainda(…)"* *" (…) quer dizer ela lê (…)"* *" (…) mas lê muito mal (…)"* *" (…) ainda só passaram três meses."* *"Portanto ela não consegue estudar (…)"*

			“ (…) por isso alguém tem que estudar com ela (…)” *“ (…) de ler com ela para ela apreender(…)”* *“ (…) e é claro que na escola não fazem isso (…)”* *“ (…) limitam-se a marcar os testes e pronto.”* *“E como ela conseguiu ter boas notas no primeiro período (…)”* *“ (…) conseguiu subir a tudo (…)”* *“ (…) menos à disciplina de história eu disse-lhe X no próximo período tu trazes-me as coisas de história porque eu vou-te explicar (…)”*
Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) eu vou-te ler (…)” *“ (…) porque oralmente ela compreende(…)”* *“ (…) o problema dela é compreender a partir da escrita (…)”* *“ (…) mas não tem a ver com trabalhos de casa.”*
		As NEE deveriam ser mais objecto de investigação	*“Por outro lado penso que se deveria deixar de brincar um pouco com aquilo que é o apoio às necessidades educativas especiais (…)”* *“ (…) porque a maior parte destes miúdos têm apoios (…)* *“ (…) porque os professores, podem dar muito deles (…)”* *“(…) mas de facto falta muita técnica em termos do trabalho que é preciso fazer com eles (…)”* *“ (…) em termos de investigação cá*

			dentro para, de facto se fazer um programa com cabeça, tronco e membros em que a criança de facto evolua (…)" *" (…) e venha a ser um adulto autónomo."*
Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Sociedade	Depois da obrigatória na escola enviam o jovem para casa	*"Porque já estiveste incluído, agora vais-te excluir para casa (…)"* *" (…) porque não há emprego (…)"* *" (…) não há formação (…)"* *" (…) não há nada (…)"* *" (…) porque deram-lhes a cenoura e agora no final dão-lhes um coice."* *"É mesmo assim, na prática, na maior parte das situações (…)"* *" (…) elas só tem dois caminhos ou a casa ou uma instituição."*
		A própria sociedade repercute este comportamento	*"Isso tem a ver com a própria sociedade(…)"* *" (…) da forma como deveríamos ser e como somos (…)"* *" (…) o que não deveria ser assim."*

		Os jovens não são devidamente acompanhados	*"Porque aquilo que eu acho é que as crianças e os jovens com deficiência, neste país (…)"* *" (…) não estão devidamente acompanhados em situação nenhuma(…)"* *" (…) já se fez muito mas (…)"* *" (…) acho que é muito pouco comparado com o que se faz noutros países da Europa."*
			"Sim, sim considero, dependendo da gravidade da deficiência." *"Como a nível estatístico internacional, de acordo com a Organização Mundial de Saúde cerca de 80% das pessoas com deficiência são deficientes ligeiros (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Os deficientes mentais ligeiros podem ser autónomos	*" (…) estou a falar nas deficiências mentais, os deficientes ligeiros podem perfeitamente ser autónomos, perfeitamente."*
		As empresas continuam a não cumprir com a legislação	*"Não, de modo nenhum."* *"Eu penso que deveria ser obrigatório que todas as empresas e instituições públicas empregassem pessoas com deficiência (…)"* *" (…) obrigatório mas que se cumprisse de acordo com a legislação (…)"* *" (…) e penso que a legislação é só para a função pública (…)"* *" (…) que não há para as empresas privadas (…)"*

			“ (…) por isso eu acho que deveria ser obrigatório.”
		A sociedade excluí	*“Porque as pessoas com deficiência são pessoas como as outras (…)”* *“ (…) deveriam ser cidadãos como os outros e não o são.”* *“Vivemos numa democracia (…)”* *“ (…) numa sociedade que se diz democrática (…)”* *“ (…) mas de facto há pessoas que não são cidadãos em pleno direito.”*
	Sistema legislativo	È bastante bom	*“Eu acho que é óptimo, é muito bom.”* *“Se fosse tudo cumprido estaríamos muito à frente (…)”* *“ (…) do sistema legislativo não tenho muito a dizer.”*
		A prática não se cumpre	*“A prática, que prática?”* *“As barreiras arquitectónicas cumprem-se? “*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“A disposição das barreiras para os portadores de deficiência não se cumpre, em lado nenhum.” *“Ainda no outro dia fui ao Banco e então eu disse-lhe: “Uma instituição com instalações novas aqui em Loures e vocês fazem escadas e onde estão as rampas para os deficientes, onde é que está a legislação cumprida.””* *“Não nos deixaram fazer, foi o que me disseram (…)”* *“ (…) não sei se foi se não foi, diz que esteve a ver com a Câmara.”* *“Não sei se é verdade ou se não é verdade (…)”*

			" (…) mas foi a resposta que eles deram(…)" *" (…) pois mas é um edifício novo, aquilo é novo."* *"Pronto essa legislação não é cumprida(…)"* *" (…) quanta coisa que não é cumprida(…)"* *" (…) são os direitos deles que estão consagrados (…)"* *"os que saem da Lei de Bases, da Consagração onde é que isso está consagrado, onde é que isso é cumprido?!"*
		A inclusão não é praticada	*"Na própria sociedade, sim."* *"Mas isso já deveria estar…"* *" (…) porque os políticos, as pessoas que estão mais envolvidas têm a veleidade de falar em inclusão (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) se calhar estava na altura de praticarem…" *"Sim que fazem impressão (…)"* *" (…) e a mim faz-me mais impressão se falar em inclusão…"* *" (…) é uma palavra…"* *" (…) que não tem uma aplicação prática."*

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: REDES

1- Neste momento quase todas as crianças são encaminhadas pelas escolas,
2- ou pelos pais que vão falando uns com os outros.
3- Portanto a maior parte das crianças vem por essa via.
4- Já começam a aparecer, um número embora não muito importante de pessoas que vêm pelo nosso e-mail,
5- ou seja, vão à nossa página na Internet,
6- onde pedem esclarecimentos e
7- marcam uma vinda cá.
8- Os pais telefonam
9- e é sempre obrigatório que sejam os pais ou os encarregados de educação a telefonar.
10- Quando o técnico atende o telefone,
11- que normalmente sou eu,
12- aí faz-se logo um primeiro despiste ao telefone.
13- Se a criança vêm para fazer uma avaliação,
14- vêm para tratamento psico – pedagógico,
15- se vêm para a terapia da fala,
16- temos assim logo o primeiro despiste ao telefone de modo que quando seja feita a marcação,
17- os pais venham logo ter com o técnico certo,
18- de entre as várias valências de atendimento.
19- Os pais vêm ao primeiro atendimento,
20- antes de nós vermos a criança seja em que situação for.
21- Portanto os pais vêm primeiro
22- e depois é que, dependendo do historial de desenvolvimento,
23- se for preciso irmos às escolas, nós pedimos sempre informação às escolas
24- e depois marcamos com a criança.
25- E aí começa o trabalho: fazemos avaliação
26- e depois intervenção,
27- ou fazemos avaliação
28- e chegamos à conclusão que é preciso um trabalho complementar

29- ou suplementar com a escola,
30- ou leva um trabalho de casa
31- ou então tem mesmo que ser acompanhada por alguma valência mais específica.
32- Nós temos aqui apoio psicológico a nível de psico – terapia para crianças e jovens,
33- temos uma técnica que trabalha com crianças com hiperactividade,
34- trabalha com crianças que têm alterações de comportamento, para melhorar o comportamento,
35- temos terapia da fala,
36- temos a reeducação da dislexia grave,
37- temos, que veio um pouco por acréscimo, um apoio na matemática.
38- Isto começou com muitos dos casos de miúdos com dificuldades de aprendizagem na área da matemática
39- e depois os pais começaram a pedir apoio para os irmãos.
40- Esta é uma área que não está directamente ligada às Necessidades Educativas Especiais,
41- se bem que já existem algumas crianças com deficiência que estão a pedir apoio em raciocínio lógico – matemático,
42- que é importante para o desenvolvimento cognitivo todo.
43- Essencialmente é isso,
44- depois vamos às escolas,
45- temos, por exemplo acções de formação a professores,
46- desenvolvemos alguns projectos.
47- Neste momento vamos fazer a formação de pais no mês de Fevereiro.
48- Este projecto foi semi – financiado pela Câmara Municipal de Loures,
49- pois vamos fazendo alguns projectos que estão no nosso site ou nos nossos boletins.
50- Os pais têm muitas dúvidas,
51- principalmente quando chegam à adolescência tem muito receio relativamente à sexualidade,
52- tem problemas em deixá-los ser autónomos
53- e que eles sejam assaltados, etc. etc.
54- Nós fizemos nos últimos dois anos um trabalho com as escolas,
55- que também foi financiado pela Câmara de Loures,

56- só trabalhámos com jovens com deficiência mental para trabalharmos mesmo esses problemas da adolescência.
57- Em relação aos pais nós temos anunciado no site
58- ou nos boletins que enviamos
59- ou damos aos pais que vêm cá,
60- a possibilidade de atendermos pais de jovens com deficiência mental gratuitamente,
61- para esclarecimento de dúvidas caso seja marcado com antecedência,
62- poucos pais recorrem a este serviço,
63- mas a verdade é que dos que cá vem nós temos sempre conversas muito próximas
64- e eles não precisam de vir cá extra,
65- isso seria para outros.
66- Para esses aos quais não chegamos
67- não podemos estar a fazer publicidade,
68- que não temos dinheiro para isso,
69- mas não conseguimos informar mais do que aquilo que informamos,
70- não podemos divulgar mais do que aquilo que divulgamos
71- e também não temos forma de fazer muito atendimentos gratuitos,
72- é só mesmo nessa área,
73- porque temos que pagar as contas.
74- Portanto nós somos, neste momento, 8 psicólogos,
75- 7 terapeutas da fala,
76- um técnico de reabilitação e psicomotricidade,
77- um professor de matemática que veio por acréscimo,
78- temos um apoio indirecto de uma pediatra de desenvolvimento.
79- Indirectamente, porque ela não dá consultas aqui,
80- mas quando há suspeitas de uma deficiência não diagnosticada,
81- ou uma doença que não suficientemente avaliada,
82- eu pego nas coisas da crianças,
83- eu vou ter com ela e sentamo-nos as duas a ver o processo
84- e ela dá a indicação daquilo que se deve fazer
85- e, às vezes, vê as crianças que não tem hipótese de pagar,
86- mas só às vezes.

87- Vamos fazer um acordo com ela,
88- em que ela numa vez por mês,
89- ela no próprio consultório vai aceitar as crianças pagando elas,
90- o mesmo que pagam aqui, 12€,
91- que é quase o mesmo que irem ao hospital,
92- ou terem uma consulta hospitalar.
93- Isso vai ser tratado o mais rápido possível,
94- mas ela não tem horário para vir para cá,
95- mas pronto é um apoio que é importante.
96- A maior parte de facto, eu diria que é um trabalho voluntário, e porquê?
97- Os técnicos aqui recebem, todos eles,
98- uma parte daquilo que os pais pagam,
99- pela hora directa do trabalho com a criança,
100- disso que recebem têm que pagar a própria segurança social,
101- o telefone,
102- que nós aqui gastamos muito dinheiro a telefonar a pais, a escolas e a professores
103- e os transportes.
104- Para além disso, o trabalho directo é um terço do trabalho indirecto,
105- porque nós aqui estamos com a criança
106- e fazemos uma avaliação
107- e estamos 4 a 5 horas no máximo,
108- mas depois em casa estamos mais umas 5 horas para fazer o relatório.
109- Em muitos casos, temos que ir às escolas falar com os professores,
110- em muitos casos temos que falar, novamente, com os pais porque precisam de mais ajudas ou informações
111- e nada disso é pago,
112- portanto só é pago uma parte do trabalho directo.
113- Depois temos reuniões de equipa que duram muito tempo,
114- todas as semanas, há muita coisa que é feita,
115- por exemplo os folhetos para a formação,
116- somos nós que os fazemos voluntariamente em casa, que não é pago,
117- o boletim tem que ser feito voluntariamente porque ninguém paga o trabalho.
118- A maior parte do trabalho eu diria que é voluntário,

119- porque ganhamos menos do que uma funcionária da limpeza, menos.
120- A maior parte das colegas trabalha noutros locais,
121- e despende um tempo aqui para a REDES,
122- haverá, neste momento, duas ou três pessoas que trabalham só para a REDES.
123- Eu, infelizmente, só trabalho na REDES,
124- mas eu diria que 80 % do meu trabalho não é pago efectivamente,
125- porque eu tenho a parte administrativa,
126- burocrática toda, a parte das contas,
127- o controlo dos recibos,
128- portanto não me sobra muito tempo.
129- Nós temos uma bateria de testes,
130- que vamos adaptando de acordo com o problema.
131- Se, por exemplo a criança vem com um diagnóstico de dificuldades de aprendizagem, começamos sempre por fazer,
132- e dificuldade de aprendizagem, às vezes é uma deficiência,
133- porque já tem acontecido, mais vezes do que aquilo que nós queríamos,
134- porque isso deveria ter sido feito no Centro de Saúde,
135- e não deveríamos ser nós a mandar as crianças para a Genética,
136- que mandamos e eles vêm com alterações cromossómicas que deveriam ter sido detectadas na saúde
137- e não por nós.
138- Mas a criança passa sempre por uma avaliação que é cognitiva
139- e ai vemos quais são as áreas fracas ou deficitárias
140- e aplicamos testes complementares.
141- Se me aparece uma criança com dificuldades de aprendizagem
142- e eu vejo que as crianças têm alterações na linguagem,
143- por exemplo, eu complemento a minha avaliação com a terapeuta da fala,
144- uma criança que eu vejo que tem problemas de comportamento
145- que não pára quieta,
146- que eu vejo uma grande impulsividade,
147- que tem problemas de comportamento
148- porque é agressivo verbalmente, etc. etc.,
149- ou que é muito irrequieta,
150- eu complemento a avaliação com a técnica da hiperactividade.

151- Portanto as avaliações aqui são multidisciplinares se for o caso,
152- às vezes quando a criança vêm
153- e tem um problema na fala e não tem mais nada,
154- vai directamente para a terapia da fala.
155- No final, por exemplo quando as crianças vêm com dificuldades de aprendizagem
156- e nós chegamos à conclusão que elas têm um défice,
157- nós encaminhamos os pais para a Genética ou para a Neurologia,
158- dependendo das situações, ou para a Oftalmologia,
159- para os exames de Otorrino
160- e às vezes temos algumas surpresas desagradáveis
161- e de facto elas precisavam de ser despistadas era nesses sítios,
162- outras vezes não se chega à causa
163- e depois fazemos sempre o relatório,
164- que entregamos aos pais, mesmo que eles não queiram.
165- Se os pais quiserem e a maior parte quer,
166- eles, por sua vez entregam nas escolas.
167- E não só, porque sempre que há dúvidas os casos são sempre discutidos na reunião de equipa
168- e em último caso como eu sou a mais velha,
169- já ando nesta área há 25 anos
170- e como tenho formação complementar em Neuropsicologia
171- e na avaliação isso é importante,
172- eu discuto essas situações com cada uma das colegas,
173- quando há dúvidas na avaliação
174- vemos como é que podemos despistar melhor o problema.
175- Envolvemos o mais possível, os pais neste processo.
176- Nós também, antes de vermos as crianças
177- contactamos sempre com os pais
178- e à partida temos logo uma ideia
179- e as crianças vão ter apoio terapêutico,
180- quando vemos que o problema é muito na organização familiar
181- e em muitos casos é, os pais são incluídos o mais possível,
182- por exemplo nos trabalhos de casa.

183- Isso é uma opinião, um bocadinho pessoal,
184- porque eu não lido directamente com essas situações,
185- eu estou só na parte da avaliação neuropsicológica,
186- nos acompanhamentos de casos graves de dificuldades de aprendizagem,
187- o que eu vejo é que, os pais quando têm que assumir algumas responsabilidades,
188- por exemplo quando vemos que existe uma falta de regras em casa
189- e os pais tem que ser envolvidos,
190- eles afastam-se, não querem ter essa responsabilidade…
191- Não há trabalho terapêutico que resista a uma situação dessas…
192- De facto, não é a criança estar aqui,
193- que isso vai alterar as dinâmicas em casa,
194- sem os pais a querem envolver-se também.
195- Se eles querem as coisas resultam normalmente,
196- se eles não querem, não há terapia que resulte.
197- Realmente eu não sou a melhor pessoa para responder a essa questão,
198- porque os meus são receptivos aquilo que eu faço
199- mas são situações diferentes,
200- porque e pegando no exemplo desta criança que saiu há pouco,
201- para ela ter começado a ler em três meses,
202- quando não lia nem sequer um ditongo,
203- não foi o trabalho de vir cá apenas duas vezes por semana só,
204- é o trabalho diário que ela faz com a mãe,
205- porque a mãe aceitou fazer esse trabalho,
206- mas isso é um trabalho que é mais fácil,
207- do que eventualmente, um trabalho emocional que envolva mudar regras.
208- Mas pronto eu não sou a pessoa mais indicada para responder a essa questão,
209- porque não trabalho directamente com esses problemas.
210- Para além do apoio directo, que damos muito,
211- tentamos dar aos pais as informações necessárias,
212- o empurrão necessário para eles reivindicarem os direitos dos seus filhos.
213- Isto porque nós não podemos ir falar por eles,
214- não devemos ir falar por eles,
215- têm que ser os pais a assumir

216- e isso é um dos motivos pelo qual naquela acção de formação está escrito decreto 3/2008 relativamente às necessidades educativas especiais.
217- Nós tentamos que os pais tenham a noção dos direitos dos seus filhos
218- e dos deveres e
219- mais do que isso não é muito fácil,
220- porque se eles nos pedem ajuda para lidar com essas situações,
221- nós tentamos ir às escolas,
222- discutir com os professores qual será a melhor situação para a criança,
223- na maior parte das vezes não somos mal recebidos,
224- na maior parte das vezes.
225- Depois há obviamente escolas que não querem,
226- há professores que não querem,
227- mas na maior parte das vezes não somos mal recebidos.
228- O que vemos é que, teoricamente as coisas estão bem,
229- na prática faz-se de facto pouco,
230- porque a inclusão é apenas um termo que não tem qualquer significado prático, neste momento.
231- Até porque dizem que as crianças estão integradas na escola,
232- mas primeiro um grande ponto de interrogação a essa integração,
233- já apanhei aqui várias que estão a um canto da sala o dia todo,
234- ou fazem bonecos e estão "incluídas" na escola até aos 17 ou 18 anos
235- e depois não querem saber deles para nada.
236- Porque já estiveste incluído, agora vais-te excluir para casa,
237- porque não há emprego,
238- não há formação,
239- não há nada,
240- porque deram-lhes a cenoura e agora no final dão-lhes um coice.
241- É mesmo assim, na prática, na maior parte das situações,
242- elas só tem dois caminhos ou a casa ou uma instituição.
243- Isso tem a ver com a própria sociedade,
244- da forma como deveríamos ser e como somos,
245- o que não deveria ser assim.
246- Acho que para isso precisava de ser feito um trabalho,
247- porque as crianças vão de facto para as escolas,

248- e isso era um trabalho a ser feito desde que as crianças vão para as escolas,
249- com os pais,
250- deveria ser feito com elas e com os pais,
251- porque muitas vezes os pais *sobre protegem*.
252- Mas preparando-as a elas e aos pais para terem uma intervenção mais directa.
253- Esse programa que saiu agora, o Plano de Integração na Vida Activa
254- gostava de saber como é que dentro da própria escola,
255- como é que a escola vai fazer isso.
256- Não têm mas também não podem fazer mais do que aquilo que fazem.
257- Por exemplo eu estou a seguir uma jovem que está na escola, ela tem 14 ou 15 anos
258- e tem uma deficiência
259- mas quem olha para ela não diz isso,
260- porque ela é uma miúda muito bonita
261- e por isso há um risco muito acrescido de andar aí sozinha porque ela tem uma deficiência cognitiva muito grande
262- e ela tem estado sempre na escola
263- e de acordo com a professora dos apoios o que ela tem estado a fazer é um treino de autonomia,
264- ela vai ao correio e eu vou atrás,
265- vai ao supermercado e eu vou com ela na camioneta
266- para depois ela ir sozinha.
267- A escola não pode fazer isso,
268- porque não tem pessoas para esse tipo de coisas,
269- a escola não pode
270- e os pais não são técnicos para andar a fazer esse tipo de coisas,
271- mas é uma coisa que esses miúdos precisam,
272- porque tem que ser desembaraçados,
273- o mais possível, depois como é que nós vamos lutar para lhes conseguir arranjar emprego.
274- Porque esta miúda tem um défice cognitivo grande
275- mas é perfeitamente capaz de arranjar emprego,
276- desde que e no caso específico dela, seja rotineira,

277- porque também há outras crianças que dizem que por ter deficiência tem que ter uma profissão rotineira e isso não é verdade.
278- Mas no caso dessa miúda concreta isso seria bom
279- e ela seria capaz de desempenhar uma tarefa rotineira,
280- por isso seria capaz de estar num emprego,
281- mas se não souber apanhar a camioneta,
282- se não souber comprar o passe,
283- se ela não souber fazer o que é necessário para a vida no dia a dia,
284- ela não conhece o dinheiro
285- e está na escola desde os 5 anos e tem 15 anos,
286- pronto tem uma deficiência grave,
287- mas se houvesse um treino mais específico,
288- do que a obrigassem inglês, francês, geografia e matemática que nunca lhe vai servir para coisa nenhuma,
289- pelo menos a matéria em que ela esteve inserida.
290- Porque dá muito trabalho preparar um programa de treino individual,
291- dá imenso trabalho,
292- portanto as crianças que têm necessidades educativas especiais ou um défice cognitivo vamos lá dar-lhes umas fichas…
293- Mas é sempre preciso pensar que eles depois crescem,
294- vão ser grandes,
295- vão precisar de um emprego…
296- Nesse caso, sou um bocado mais bruta,
297- porque um professor é uma pessoa.
298- A nós, ninguém nos ensina a ser mais ou menos,
299- e pelo menos as pessoas com formação sensíveis para a problemática da deficiência
300- é preciso ter mais do que dois dedos de testa
301- e pensar que precisamos de ajudar aquela criança
302- a crescer e a ser autónoma,
303- acho eu, que não é preciso ter uma formação específica para isso.
304- Assim, sim.
305- Porque muitas vezes eles não querem é conhecer aquela pessoa que está ali à frente

306- e que tem uma deficiência,

307- mas que não é a deficiência,

308- é uma pessoa que tem défices e capacidades,

309- porque nós aqui temos experiência de miúdos que têm uma deficiência

310- e eu já tenho experiência de outros locais,

311- porque antes de trabalhar aqui trabalhei numa instituição só de pessoas com deficiência mental,

312- e já não foi a primeira a segunda, a terceira ou a décima vez,

313- que eu peguei num portador de deficiência já jovem

314- e disse vamos aprender agora aprender a ler,

315- porque ninguém se tinha preocupado em ensinar-lhes as letras do alfabeto

316- e eles aprenderam porque não é nada do outro mundo.

317- Por isso eu nesta situação, sou… há tanta coisa na Internet,

318- tanta informação técnica,

319- há tanta, tanta coisa…

320- que apenas se uma pessoa não quiser é que não se informa.

321- Já não tenho muitas papas na língua,

322- já vi demasiado.

323- Ajudar nos trabalhos de casa não.

324- Pessoalmente eu nunca,

325- não quero nem saber,

326- estava-lhe a perguntar da situação do teste,

327- porque como ela ainda não lê,

328- porque na escola como não compreendem isso,

329- compreenderam a partir de uma certa altura,

330- mas não deixaram de lhe dar uma nota negativa,

331- porque não percebem que ela não pode ler os manuais em casa,

332- porque ela não consegue ler ainda,

333- quer dizer ela lê,

334- mas lê muito mal,

335- ainda só passaram três meses.

336- Portanto ela não consegue estudar,

337- por isso alguém tem que estudar com ela,

338- de ler com ela para ela apreender

339- e é claro que na escola não fazem isso,
340- limitam-se a marcar os testes e pronto.
341- E como ela conseguiu ter boas notas no primeiro período,
342- conseguiu subir a tudo,
343- menos à disciplina de história eu disse-lhe X no próximo período tu trazes-me as coisas de história porque eu vou-te explicar,
344- eu vou-te ler,
345- porque oralmente ela compreende,
346- o problema dela é compreender a partir da escrita,
347- mas não tem a ver com trabalhos de casa.
348- Eu e mais outra colega que trabalha com a dislexia,
349- eu pessoalmente nem sequer quero saber.
350- Aquilo que há é que a dislexia implica um grande problema de linguagem,
351- porque eles ficam para trás em tudo,
352- no raciocínio,
353- na compreensão,
354- calhou hoje na primeira parte trabalharmos sons de letras
355- e na segunda parte estivemos a trabalhar um pouco a leitura
356- e calhou estarmos nesta parte.
357- Mas os exercícios são variados,
358- depende do que me apetece fazer,
359- depende daquilo que eu quero avaliar na altura,
360- depende de muita coisa.
361- Depende.
362- Normalmente se a criança faz uma avaliação
363- e depois as coisas são devolvidas tanto às famílias como à escola,
364- vão com as reformulações de trabalho,
365- vão com o que podem ou não fazer
366- e quando há problemas, temos que ser nós a telefonar para os pais
367- e eles muitas vezes reencaminham-nos a chamada.
368- Sim é uma relação bastante próxima,
369- posso-lhe dizer que conheço praticamente todos os pais de todos os meninos que por cá passaram.
370- Bastante próxima mesmo,

371- e muitas vezes ao fim de dois ou três anos ainda os conheço.
372- Na maior parte das vezes vêm só a mãe,
373- mas por exemplo nas consultas de psicologia,
374- as colegas fazem questão que o pai venha e ele acaba por vir,
375- a não ser que seja impossibilitado.
376- No caso da terapia da fala,
377- da psicomotricidade
378- e no caso das avaliações neuropsicológicas
379- é importante que o pai venha na devolução do relatório,
380- porque há trabalho em casa para fazer.
381- Mas até lá se não há problema nenhum
382- e não faz diferença
383- e ver quais são as dificuldades da criança
384- e que não tem a ver com problemas emocionais
385- ou com problemas familiares.
386- Devem ser pai e mãe,
387- devem assumir-se como pais.
388- No entanto, dependendo da organização das coisas,
389- porque para mim pensar em família modelo tem um nível cultural e económico razoável,
390- porque as famílias de baixos recursos culturais e económicos,
391- muitas vezes, a deficiência para eles não é tão marcante como para outra família, eu já vi isso.
392- Isto porque, também, não esperam muito dos outros filhos,
393- não tem muitas expectativas da vida
394- e se são pessoas com baixo nível cultural,
395- porque há muitos pais que não sabem ler,
396- sabem ler mas não sabem interpretar
397- e por isso é escusado pensar que eles vão ter acesso à legislação, etc. etc.
398- Por isso também não têm muita expectativa em relação ao seu filho,
399- esperam apenas um sitio em que ele seja bem tratado.
400- Sim, nesse aspecto acho que sim,
401- porque o tornam mais autónomo e independente,
402- mas nas outras situações, o outro lado…

403- Porque aquilo que eu acho é que as crianças e os jovens com deficiência, neste país,

404- não estão devidamente acompanhados em situação nenhuma,

405- já se fez muito mas,

406- acho que é muito pouco comparado com o que se faz noutros países da Europa.

407- Acho que os pais são muito pouco reivindicativos,

408- não vão à procura

409- e teriam nível cultural para, não vão à procura de qual é a legislação,

410- quais são os direitos,

411- o que é o filho poderia ter em termos de apoios para ser, mais tarde um adulto mais independente,

412- acho que são poucos reivindicativos.

413- Sim, porque as pessoas reclamam muito para o vizinho do lado,

414- mas por exemplo, quando eu digo a alguns pais

415- *"Olhem temos que ir para o Provedor de Justiça"*

416- eles retraem-se primeiro.

417- Considero bastante pertinente.

418- Considero para os pais e por vários motivos e agora estou só a pensar em termos de deficiência mental,

419- uma coisa que era muito importante em termos de formação era desculpabilizá-los

420- da situação eu diria que 99% dos pais se sentem culpados por ter filhos deficientes,

421- eles são muito mal acompanhados na maior parte das situações,

422- não lhes explicam, não lhes dizem,

423- portanto passam uma situação muito difícil,

424- para já porque não tem um filho ideal,

425- o real não corresponde ao ideal

426- e depois porque acho que se vão apercebendo dessas limitações não é?

427- Portanto era muito importante trabalhar a desculpabilização dos pais, essa era uma das situações.

428- Depois era importante trabalhar um pouco ou bastante, como os filhos têm limitações,

429- as pessoas, às tantas, os próprios pais acabam por pensar que se têm limitações aqui então se calhar vão ter limitações em tudo

430- e por isso podem acabar por não lhes dar os estímulos que eles realmente necessitam.

431- Por outro lado, têm tendência a sobre protegê-los,

432- também, e por outras vezes têm tendência a fazer "asneiras" em termos médicos, em termos de saúde.

433- Eu conheço muitos que *"Ah, coitadinho e toma lá mais um chupa – chupa ou um chocolate"*

434- e depois dão-lhes cabo da saúde a tentar compensar aquilo que se passa.

435- Por isso eu penso que eles precisavam de formação,

436- quer a nível psicológico, para se livrarem o mais possível dessa culpa,

437- quer a nível técnico que não é dar-lhes cursos técnicos,

438- mas eles precisavam muito de formação sobre como é que se processa o desenvolvimento da criança

439- e o que é que eles poderão fazer especificamente para desenvolver áreas em falta,

440- eu acho que isso era importante.

441- Sim e por isso é que os compensam com comida.

442- Como por exemplo, deixá-los fazer o que eles querem e ficam com miúdos mal-educados que antes de serem deficientes são mal-educados.

443- E depois isso é um risco, porque de facto os miúdos com deficiência têm limitações cognitivas

444- e podem desenvolver comportamentos que não tinham que desenvolver que não fazem parte da deficiência,

445- que fazem parte da ausência de regras,

446- como qualquer outro miúdo,

447- mas depois quando eles crescem tendo eles limitações cognitivas,

448- vão ter dificuldade em perceber que não podem bater, morder, etc.

449- Muitas vezes isso é culpa dos pais,

450- porque estão a tentar compensar…

451- sim estão a tentar compensar os filhos,

452- porque acho que são culpados pela deficiência dos filhos.

453- Eu não considero que trabalhe muito com as famílias,

454- não temos um trabalho específico com famílias aqui.
455- Aquilo que se tenta é eventualmente dar respostas aquilo que os pais nos perguntam
456- e pedem e tentamos ajudar na medida do possível,
457- não temos capacidade digamos.
458- Talvez se tivéssemos outro tipo de fundos, de subsídios seria diferente.
459- Agora nós estamos à espera de acreditação da DGERT,
460- como entidade formadora e uma das valências para as quais pedimos formação é para fazer formação de pessoas com deficiência
461- e aí sim eu espero envolver os pais de outra maneira, mesmo.
462- Mas neste momento nós não temos nenhuma acção específica para pessoas com deficiência…
463- Nós colocámos o quadro na última semana de Dezembro
464- e nessa semana quase ninguém teve consultas,
465- os dois únicos pais que cá vieram quiseram-se logo inscrever,
466- eu ainda nem trouxe as fichas de inscrição.
467- Sim, eu acho que vamos ter bastante adesão,
468- acho que vamos ter que repetir…
469- Sim, sim…
470- Pois a ideia que eu tenho é que vamos ter que repetir,
471- que vamos ter casa cheia,
472- também aqui neste sítio não podemos ter muita gente,
473- porque nós queremos discutir,
474- queremos estar mesmo próximos das situações dos pais
475- e eles vão ter a necessidade de dizer o meu filho isto,
476- o meu filho aquilo,
477- vai haver muitas perguntas,
478- por isso é que pusemos como número limite 12 pessoas,
479- mas já sabemos à priori que temos que repetir,
480- portanto não vamos deixar pais para trás,
481- isto agora é um começo porque a nossa ideia de há muito tempo é fazer acções de formação a pais,
482- por isso acho que sim vamos ter uma boa receptividade,
483- mas também são acções muito específicas,

484- são sobre as patologias que são trabalhadas.
485- Sim, sim considero, dependendo da gravidade da deficiência.
486- Como a nível estatístico internacional, de acordo com a Organização Mundial de Saúde cerca de 80% das pessoas com deficiência são deficientes ligeiros,
487- estou a falar nas deficiências mentais, os deficientes ligeiros podem perfeitamente ser autónomos, perfeitamente.
488- Não, de modo nenhum.
489- Eu penso que deveria ser obrigatório que todas as empresas e instituições públicas empregassem pessoas com deficiência,
490- obrigatório mas que se cumprisse de acordo com a legislação
491- e penso que a legislação é só para a função pública
492- que não há para as empresas privadas,
493- por isso eu acho que deveria ser obrigatório.
494- Porque as pessoas com deficiência são pessoas como as outras,
495- deveriam ser cidadãos como os outros e não o são.
496- Vivemos numa democracia,
497- numa sociedade que se diz democrática,
498- mas de facto há pessoas que não são cidadãos em pleno direito.
499- Por outro lado penso que se deveria deixar de *brincar* um pouco com aquilo que é o apoio às necessidades educativas especiais,
500- porque a maior parte destes miúdos têm apoios,
501- porque os professores, podem dar muito deles,
502- mas de facto falta muita técnica em termos do trabalho que é preciso fazer com eles,
503- em termos de investigação cá dentro para, de facto se fazer um programa com cabeça, tronco e membros em que a criança de facto evolua
504- e venha a ser um adulto autónomo.
505- Porque nós nos programas que criamos para o portador de deficiência jovem, ficámos boquiabertos,
506- e eu já trabalho nisto há muitos anos
507- mas antigamente era uma coisa e agora é outra,
508- de ver miúdas com 14, 15 ou 16 anos e com uma deficiência mental ligeira, que não fazem a mais pequena ideia do que é ser menstruada,
509- não sabem mudar um penso, por exemplo, não tem explicação.

510- Não fazem a mais pequena ideia de tanta coisa que ainda por mais deveriam estar mais prevenidas,

511- de prevenir acidentes,

512- de regras de segurança,

513- de electricidade até coisas básicas.

514- Nós quando começámos a trabalhar com estes miúdos,

515- há dois anos atrás neste projecto, a colega que esteve com eles dizia que eles não sabem isto e isto,

516- que não é possível nos dias de hoje integrados numa escola.

517- O que é que é o apoio para estes miúdos?

518- Portanto acho que esses apoios deveriam de ser revistos em termos daquilo que se deve trabalhar com eles,

519- falta qualquer coisa…

520- Eu acho que é óptimo, é muito bom.

521- Se fosse tudo cumprido estaríamos muito à frente,

522- do sistema legislativo não tenho muito a dizer.

523- A prática, que prática?

524- As barreiras arquitectónicas cumprem-se?

525- A disposição das barreiras para os portadores de deficiência não se cumpre, em lado nenhum.

526- Ainda no outro dia fui ao Banco e então eu disse-lhe: *"Uma instituição com instalações novas aqui em Loures e vocês fazem escadas e onde estão as rampas para os deficientes, onde é que está a legislação cumprida."*

527- Não nos deixaram fazer, foi o que me disseram,

528- não sei se foi se não foi, diz que esteve a ver com a Câmara.

529- Não sei se é verdade ou se não é verdade,

530- mas foi a resposta que eles deram,

531- pois mas é um edifício novo, aquilo é novo.

532- Pronto essa legislação não é cumprida,

533- quanta coisa que não é cumprida,

534- são os direitos deles que estão consagrados,

535- os que saem da Lei de Bases, da Consagração onde é que isso está consagrado, onde é que isso é cumprido?!

536- Na própria sociedade, sim.

537- Mas isso já deveria estar…

538- porque os políticos, as pessoas que estão mais envolvidas têm a veleidade de falar em inclusão,

539- se calhar estava na altura de praticarem…

540- Sim que fazem impressão

541- e a mim faz-me mais impressão se falar em inclusão…

542- é uma palavra…

543- que não tem uma aplicação prática.

CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **DADOS SOBRE A INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	REDES - C. Comunitário Apoio Psicológico e Fed.		
Endereço	R. da República, 60 - 2º		
Localidade	Loures		
Código Postal	2670-469		
Distrito	LISBOA	Concelho	LOURES
Telefone	217961640	Fax	—
Correio electrónico	redes_assoc@netcabo.pt		
CERCI ☐ Associação / IPSS ☒ Colégio ☐			

REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial	☒	Atendimento Via Postal	☒
Atendimento Telefónico	☒	Ambulatório	☐
Consulta Externa	☒	Domiciliário	☐
Internamento	☐	Semi – Internamento	☐
Internato	☐	Externato	☐
Outro (s) _____			

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental	X	
Deficiência Visual		
Deficiência Motora		
Deficiência Auditiva		
Paralisia Cerebral		
Outra (s): Perturbações Específicas Aprendizagem / Emocionais		

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego		X
Educação		
Apoios especializados	X	
Programas de Natureza Social	X	
Apoios Técnicos		X
Avaliação	X	
Outro (s)		

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☐	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados *2008										346
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*										
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos		
F=	M=	F=	M=	F=	M=	F=	M=	F=	M=	
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos		
F=	M=	F=	M=	F=	M=	F=	M=	F=	M=	

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= _____	Deficiência Visual= _____
Deficiência Motora= _____	Deficiência Mental= _____
Paralisia Cerebral= _____	Outras Deficiências= _____

Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído= _____	Inferior a 30%= _____
De 30% a 59%= _____	De 60% a 80%= _____
Superior a 80% = _____	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação= _____	Bobadela= _____
Bucelas= _____	Camarate= _____
Fanhões= _____	Frielas= _____
Loures= _____	Lousa= _____
Moscavide= _____	Portela= _____
Prior Velho= _____	S. João da Talha= _____
Sacavém= _____	Stº Antão do Tojal= _____
S. Julião do Tojal= _____	Stª Iria da Azóia= _____
Stº António dos Cavaleiros= _____	Unhos= _____

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

~~F=~~ T=	~~M=~~

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula		Oficinas		Gabinetes	4
Salas de Reunião		Ginásio		Polivalente	
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☐ Especifique:	Não ☒ Especifique: Espaço s/ acessibilidade.	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	_____ _____

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas a alguns ☐
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		Especifique: _____
Sim ☐	Não ☐	_____

redesocialLoures

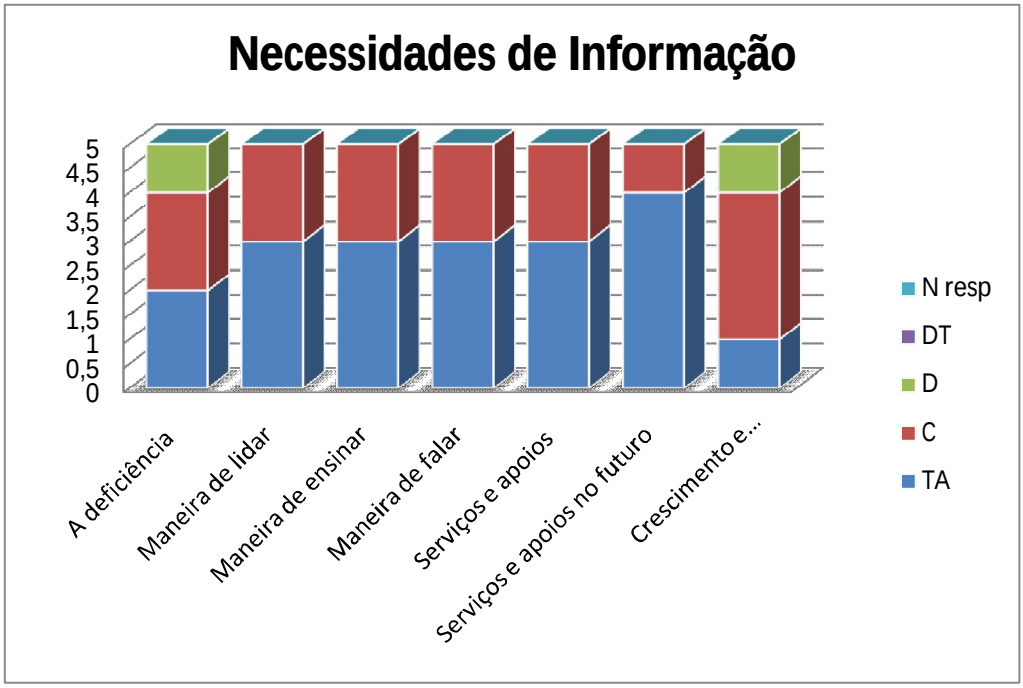
VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1º emprego		
Apoio no auto emprego		
Apoio na integração profissional		
Cursos de formação profissional*		
Emprego Protegido		
Informação e apoio em programas pré – profissionais		
Orientação profissional		
Readaptação ao trabalho		
Instalação por conta própria		
Informação sobre ajudas técnicas		
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)	X	
Educação		
Intervenção Precoce		
Jardim – de – Infancia		
Ensino Pré – Escolar		
Ensino Básico (1º Ciclo)		

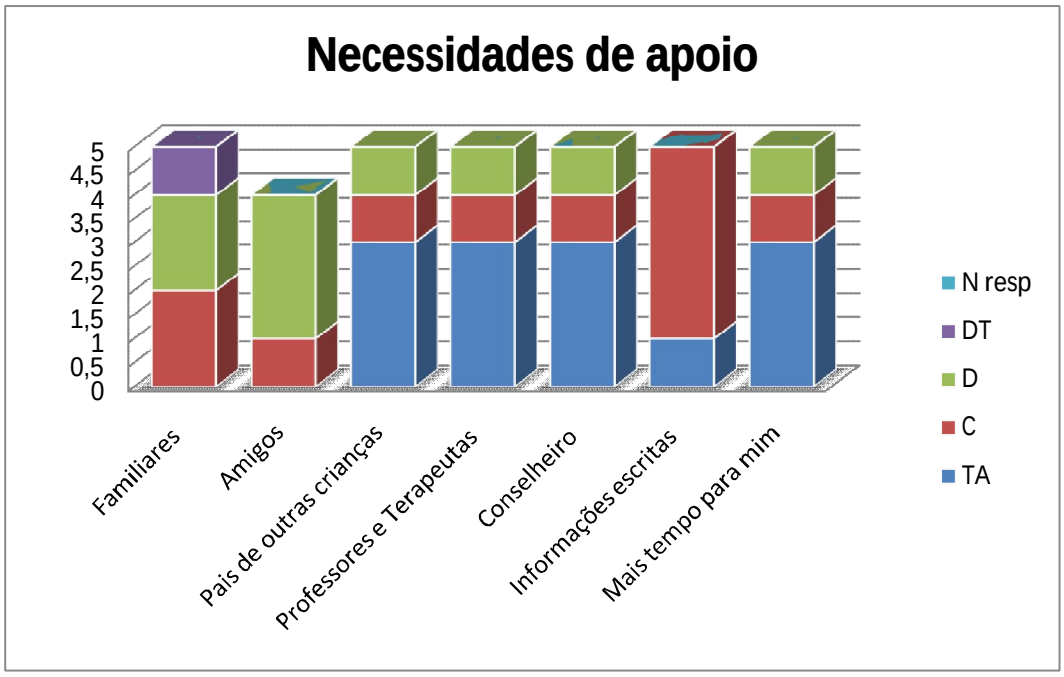
	Sim	**Não**
Ensino Básico (2º Ciclo)		
Ensino Básico (3º Ciclo)		
Ensino Secundário		
Apoios Especializados		
Serviço Social		
Terapia Ocupacional		
Apoios e acompanhamento familiar		
Psicologia	X	
Psicomotricidade	X	
Fisioterapia		
Mobilidade		
Terapia Fala	X	
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		
Lar de Idosos		
Residências		
Programas Ocupacionais		
Programas Culturais	X	

	Sim	**Não**
Creche		
Creche Familiar		
Apoio sócio – familiar		
Atelier dos tempos livres		
Programas Desportivos		
Apoios Técnicos		
Ajudas técnicas		
Atendimento		
Aconselhamento		
Transportes		
Ajudas financeiras		
Apoio financeiro		
Apoio jurídico		
Apoio domiciliário		
Informações gerais	X	

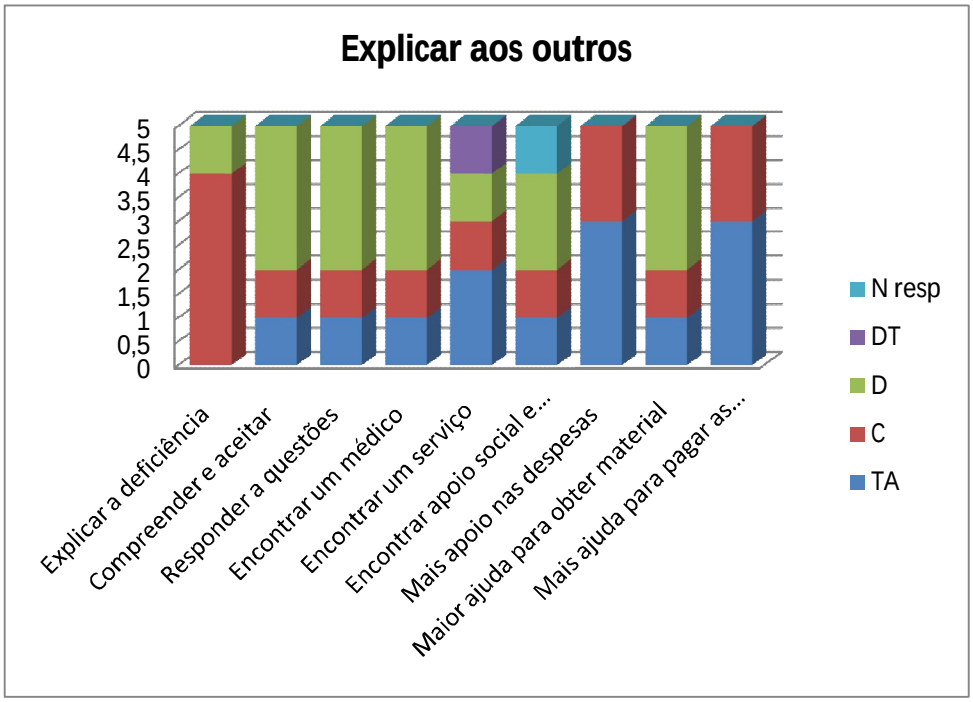
Necessidades de informação					
	TA	C	D	DT	N resp
A deficiência	2	2	1	0	0
Maneira de lidar	3	2	0	0	0
Maneira de ensinar	3	2	0	0	0
Maneira de falar	3	2	0	0	0
Serviços e apoios	3	2	0	0	0
Serviços e apoios no futuro	4	1	0	0	0
Crescimento e desenvolvimento	1	3	1	0	0



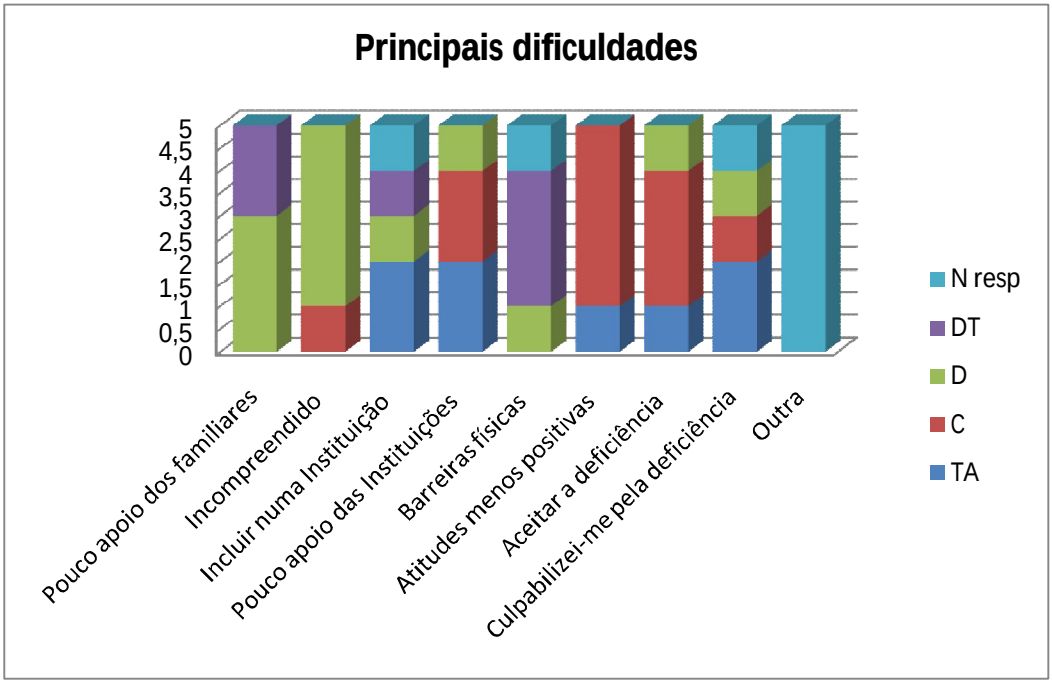
Necessidades de Apoio					
	TA	C	D	DT	N resp
Familiares	0	2	2	1	0
Amigos	0	1	3	0	0
Pais de outras crianças	3	1	1	0	0
Professores e Terapeutas	3	1	1	0	0
Conselheiro	3	1	1	0	0
Informações escritas	1	4	0	0	0
Mais tempo para mim	3	1	1	0	0



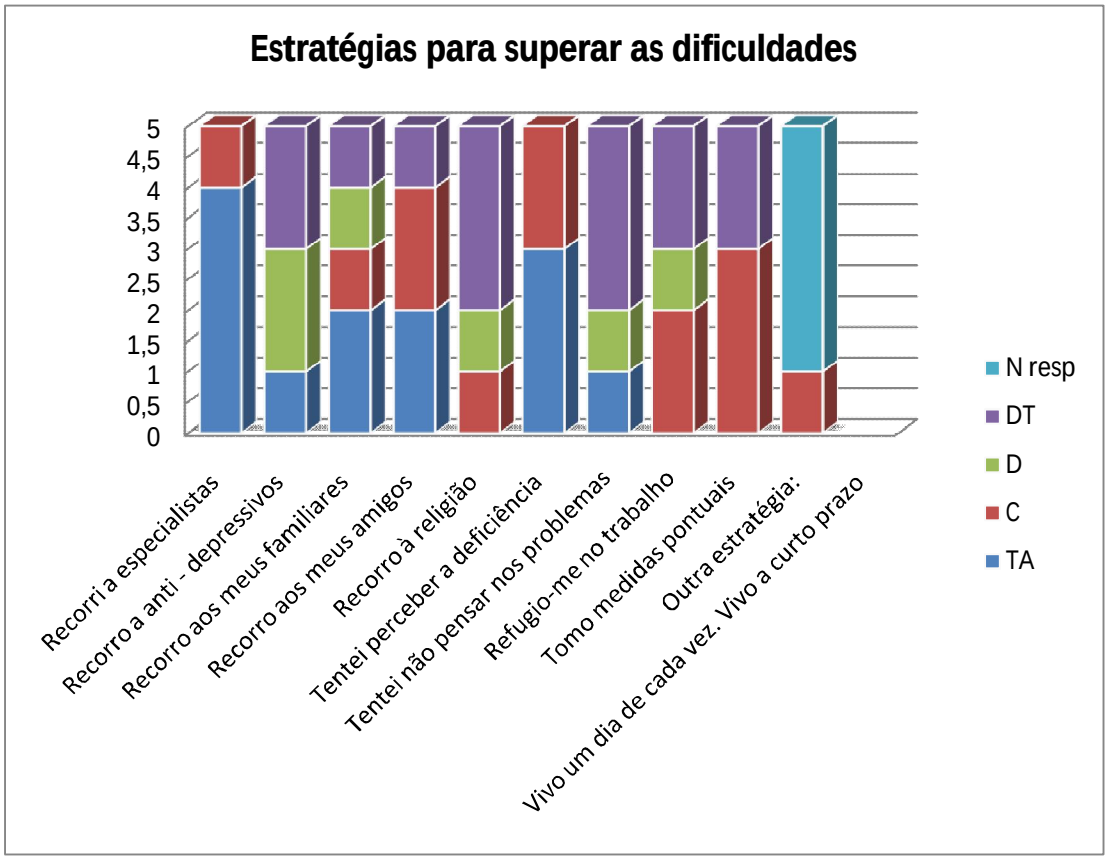
Explicar aos outros					
	TA	C	D	DT	N resp
Explicar a deficiência	0	4	1	0	0
Compreender e aceitar	1	1	3	0	0
Responder a questões	1	1	3	0	0
Encontrar um médico	1	1	3	0	0
Encontrar um serviço	2	1	1	1	0
Encontrar apoio social e educativo	1	1	2	0	1
Mais apoio nas despesas	3	2	0	0	0
Maior ajuda para obter material	1	1	3	0	0
Mais ajuda para pagar as despesas	3	2	0	0	0



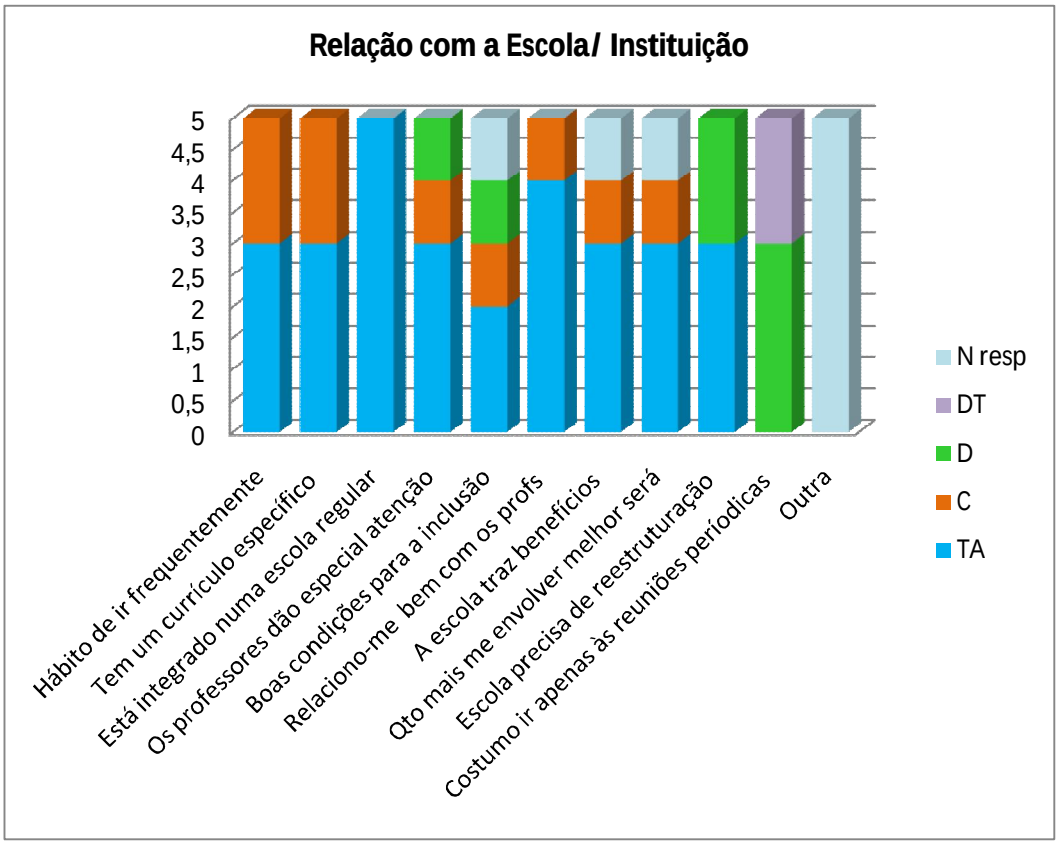
Principais dificuldades sentidas					
	TA	C	D	DT	N resp
Pouco apoio dos familiares	0	0	3	2	0
Incompreendido	0	1	4	0	0
Incluir numa Instituição	2	0	1	1	1
Pouco apoio das Instituições	2	2	1	0	0
Barreiras físicas	0	0	1	3	1
Atitudes menos positivas	1	4	0	0	0
Aceitar a deficiência	1	3	1	0	0
Culpabilizei-me pela deficiência	2	1	1	0	1
Outra	0	0	0	0	5



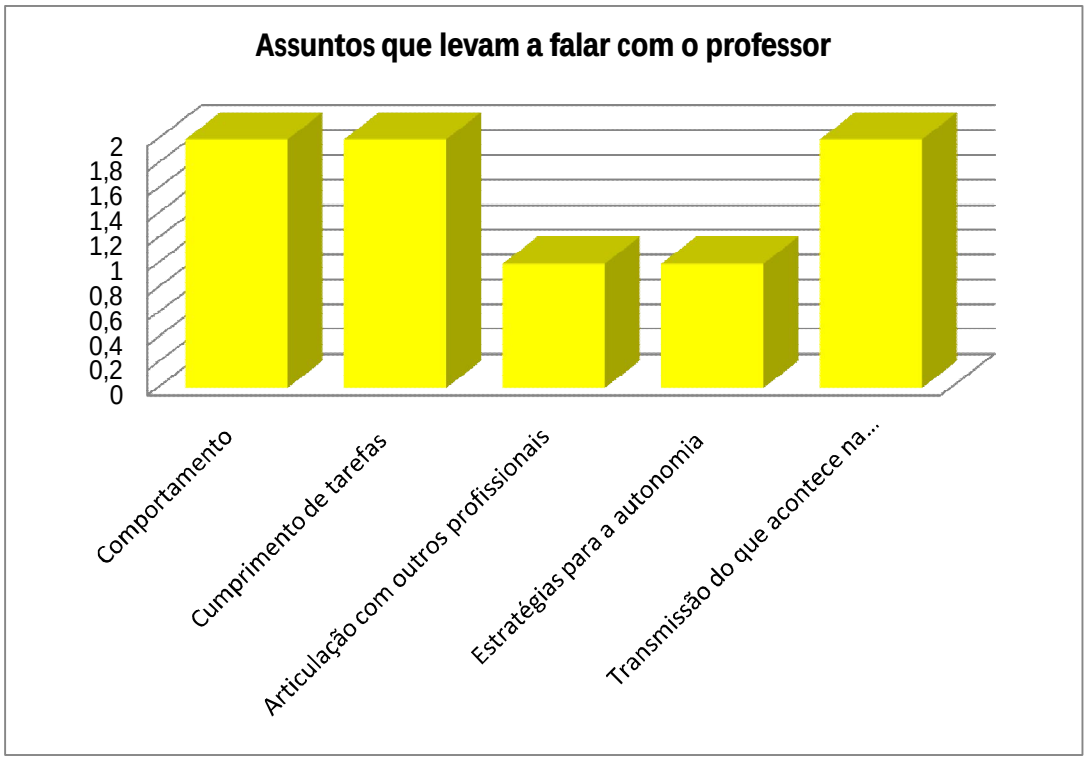
Estratégias utilizadas para superar as dificuldades					
	TA	C	D	DT	N resp
Recorri a especialistas	4	1	0	0	0
Recorro a anti - depressivos	1	0	2	2	0
Recorro aos meus familiares	2	1	1	1	0
Recorro aos meus amigos	2	2	0	1	0
Recorro à religião	0	1	1	3	0
Tentei perceber a deficiência	3	2	0	0	0
Tentei não pensar nos problemas	1	0	1	3	0
Refugio-me no trabalho	0	2	1	2	0
Tomo medidas pontuais	0	3	0	2	0
Outra estratégia:	0	1	0	0	4
Vivo um dia de cada vez. Vivo a curto prazo					



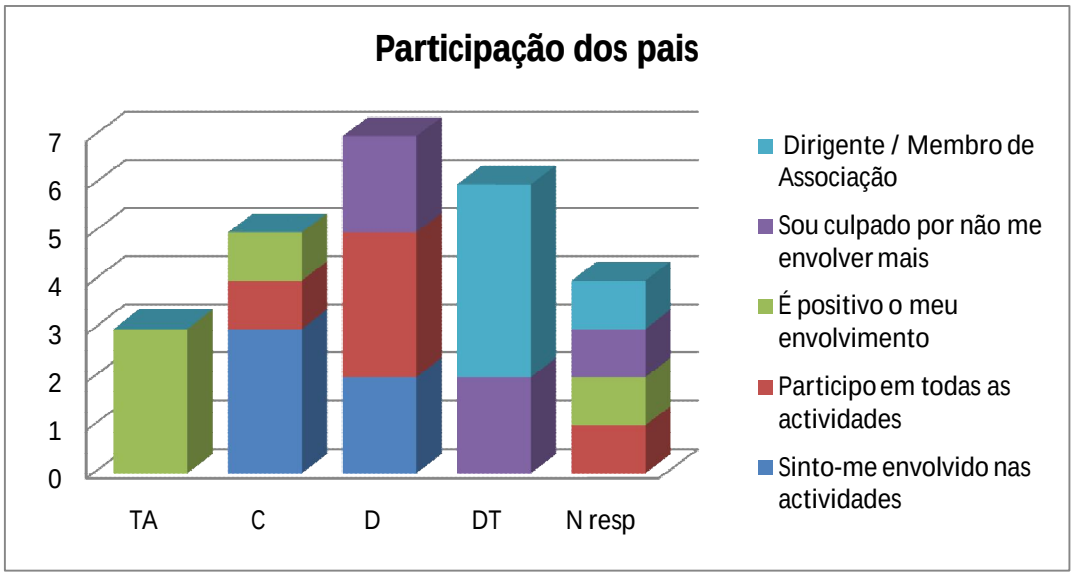
Relação com a Escola / Instituição					
	TA	C	D	DT	N resp
Hábito de ir frequentemente	3	2	0	0	0
Tem um currículo específico	3	2	0	0	0
Está integrado numa escola regular	5	0	0	0	0
Os professores dão especial atenção	3	1	1	0	0
Boas condições para a inclusão	2	1	1	0	1
Relaciono-me bem com os profs	4	1	0	0	0
A escola traz benefícios	3	1	0	0	1
Qto mais me envolver melhor será	3	1	0	0	1
Escola precisa de reestruturação	3	0	2	0	0
Costumo ir apenas às reuniões periódicas	0	0	3	2	0
Outra	0	0	0	0	5



Assuntos que levam a falar com o professor	
Comportamento	2
Cumprimento de tarefas	2
Articulação com outros profissionais	1
Estratégias para a autonomia	1
Transmissão do que acontece na escola	2

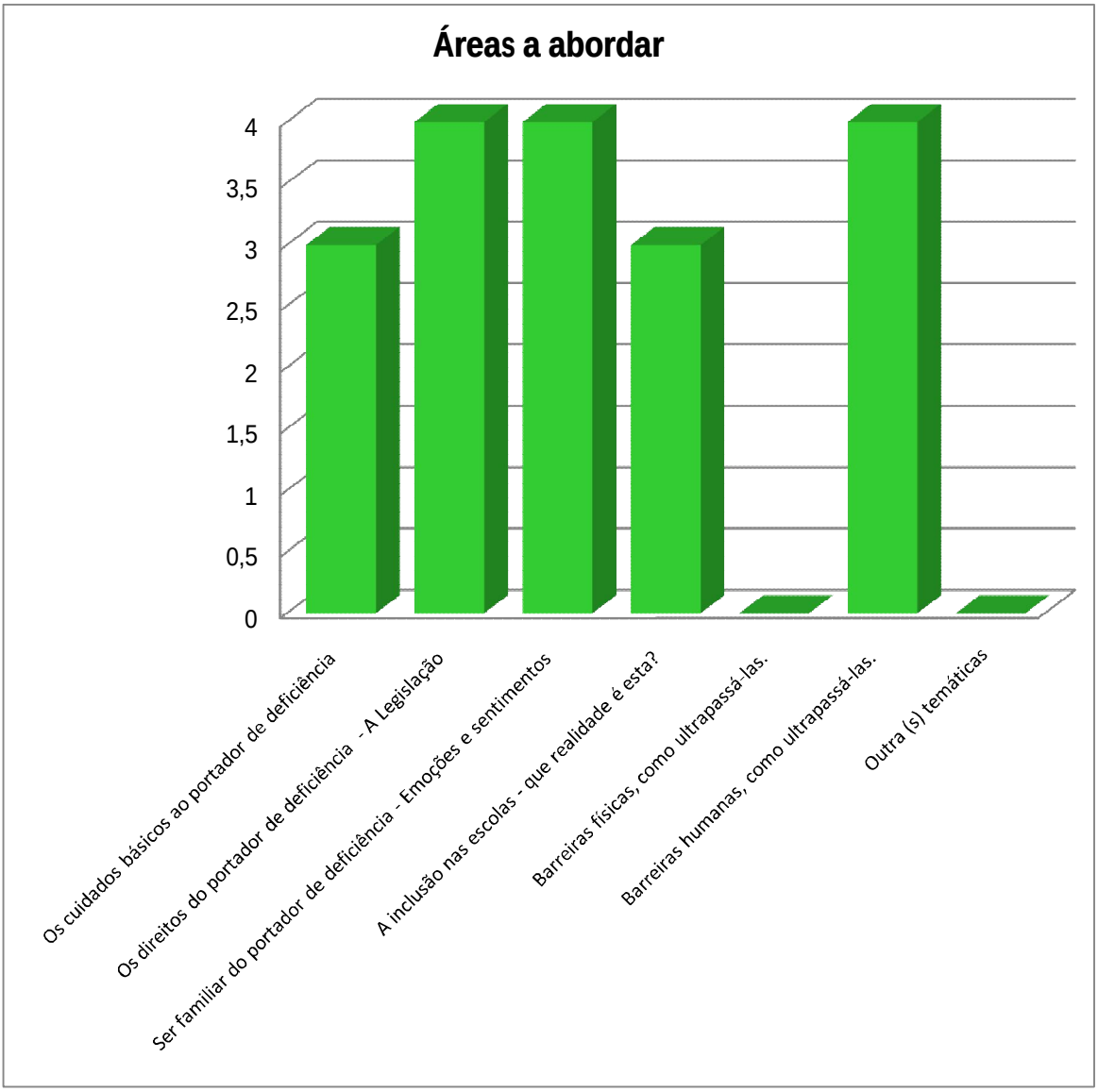


Participação dos pais					
	TA	C	D	DT	N resp
Sinto-me envolvido nas actividades	0	3	2	0	0
Participo em todas as actividades	0	1	3	0	1
É positivo o meu envolvimento	3	1	0	0	1
Sou culpado por não me envolver mais	0	0	2	2	1
Dirigente / Membro de Associação	0	0	0	4	1

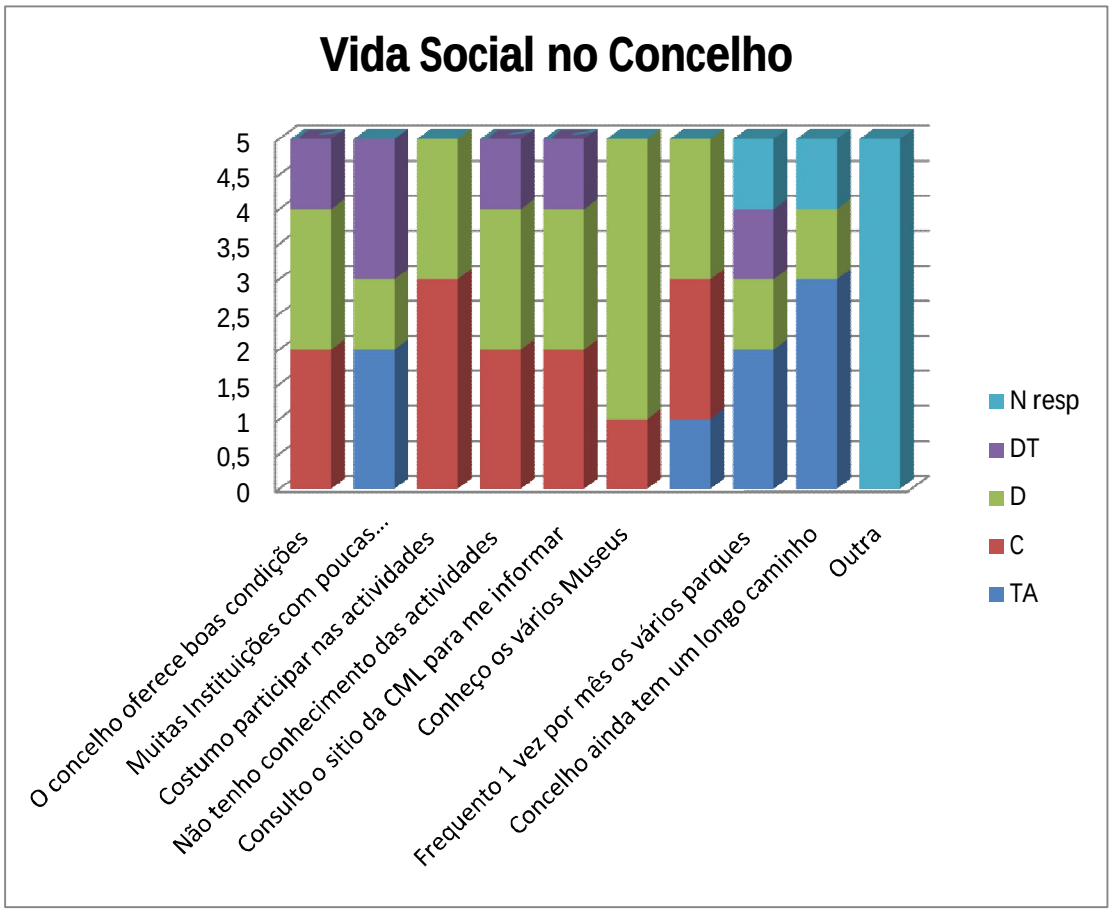


Formação Específica	
Sim	5
Não	0

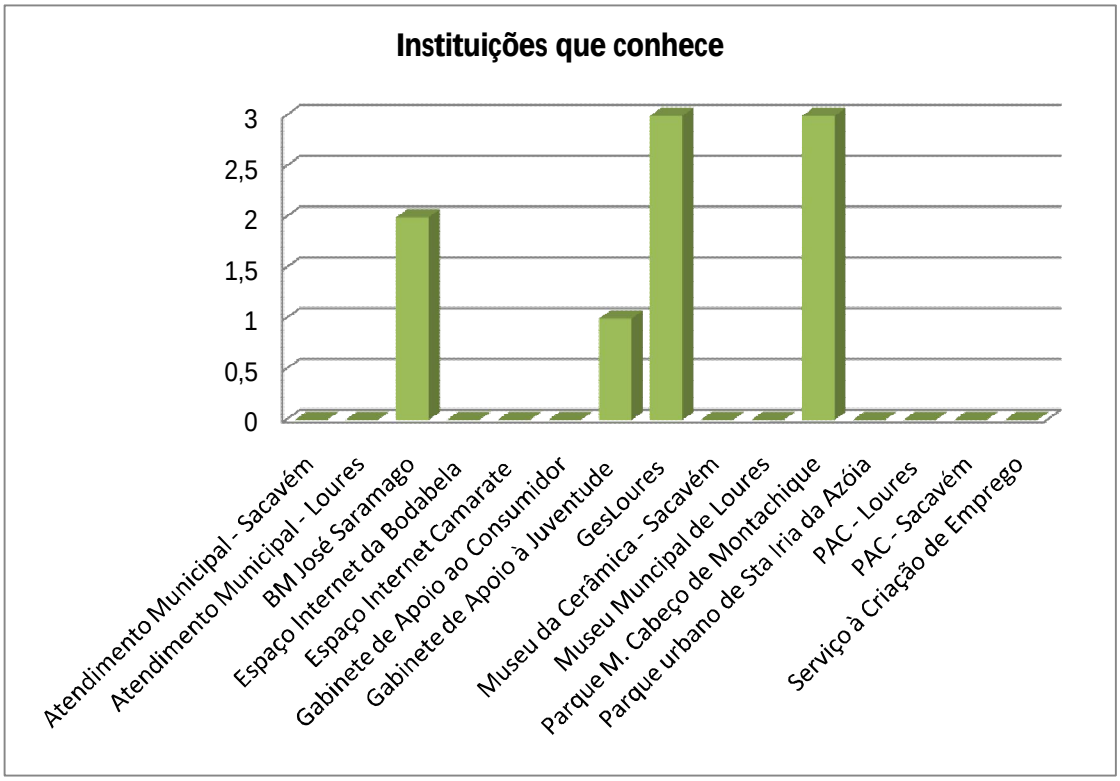
Áreas a abordar	
Os cuidados básicos ao portador de deficiência	3
Os direitos do portador de deficiência - A Legislação	4
Ser familiar do portador de deficiência - Emoções e sentimentos	4
A inclusão nas escolas - que realidade é esta?	3
Barreiras físicas, como ultrapassá-las.	0
Barreiras humanas, como ultrapassá-las.	4
Outra (s) temáticas	0



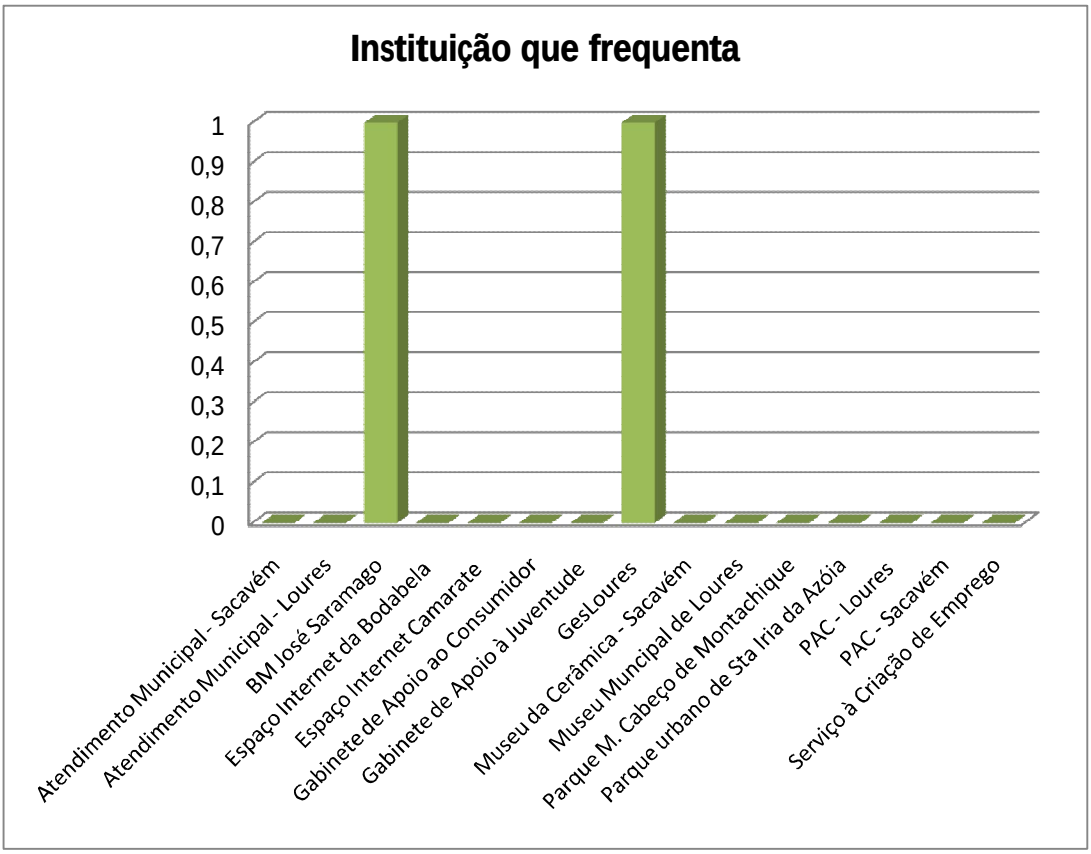
Vida Social no Concelho					
	TA	C	D	DT	N resp
O concelho oferece boas condições	0	2	2	1	0
Muitas Instituições com poucas acessibilidades	2	0	1	2	0
Costumo participar nas actividades	0	3	2	0	0
Não tenho conhecimento das actividades	0	2	2	1	0
Consulto o sitio da CML para me informar	0	2	2	1	0
Conheço os vários Museus	0	1	4	0	0
Frequento 2 vezes por mês qualquer Instituição	1	2	2	0	0
Frequento 1 vez por mês os vários parques	2	0	1	1	1
Concelho ainda tem um longo caminho	3	0	1	0	1
Outra	0	0	0	0	5



Instituições que conhece	
Atendimento Municipal - Sacavém	0
Atendimento Municipal - Loures	0
BM José Saramago	2
Espaço Internet da Bodabela	0
Espaço Internet Camarate	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	0
Gabinete de Apoio à Juventude	1
GesLoures	3
Museu da Cerâmica - Sacavém	0
Museu Muncipal de Loures	0
Parque M. Cabeço de Montachique	3
Parque urbano de Sta Iria da Azóia	0
PAC - Loures	0
PAC - Sacavém	0
Serviço à Criação de Emprego	0



Instituições que frequenta (2x/ mês)	
Atendimento Municipal - Sacavém	0
Atendimento Municipal - Loures	0
BM José Saramago	1
Espaço Internet da Bodabela	0
Espaço Internet Camarate	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	0
Gabinete de Apoio à Juventude	0
GesLoures	1
Museu da Cerâmica - Sacavém	0
Museu Muncipal de Loures	0
Parque M. Cabeço de Montachique	0
Parque urbano de Sta Iria da Azóia	0
PAC - Loures	0
PAC - Sacavém	0
Serviço à Criação de Emprego	0



Tipo de deficiência	
Deficiência Auditiva	0
Deficiência Visual	0
Deficiência Mental	2
Paralisia Cerebral	0
Deficiência Motora	0
Atraso Global de Desenvolvimento	1
Não responde	2

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: ELO SOCIAL

Como é que funciona a Instituição?

Temos jovens que no Centro de Emprego Protegido prestam serviços à comunidade nas áreas da Jardinagem, da Carpintaria, na área dos estofos, temos uma lavandaria industrial e temos uma área de outros serviços onde articulamos sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa, através do apoio que nós damos aos jovens que desempenham a função de ajudantes carrinha de acção social da câmara que transporta os jovens com deficiência da cidade de Lisboa, eles através do protocolo, desempenham a sua função de uma forma integrada com os motoristas da Câmara e prestam este serviço de apoio à CM Lisboa. Temos, também um protocolo com o aeroporto de Lisboa, mediante o qual nos fazemos a embalagem dos talheres para o aeroporto. A carpintaria desenvolve trabalhos junto da manutenção e reparação de pequeno mobiliário: cadeiras, sofás, etc., pequenas coisas que vão sendo reparadas e outros trabalhos que vão pontualmente depois aparecendo. O estafamento fazemos sobretudo a reparação de maples, sofás, cadeiras, fazemos cortinados, também. Temos uma área de lavandaria em que como lhe disse, prestamos serviços exteriores sobretudo à área da restauração e a jardinagem que trabalhamos para diferentes clientes, alguns deles particulares, escolas, a Câmara Municipal de Lisboa, com quem temos um protocolo também, é um pouco esta a orientação desta estrutura empresarial de emprego protegido. Depois temos 74 que estão no Centro de Actividades Ocupacionais é pessoas com o nível de deficiência grave, moderado ou profundo, que não tem capacidade de realizar um trabalho produtivo e como tal estão integrados nesta valência, ou objectivos mais de natureza terapêutica ou pedagógica, assistencial e onde também estão divididos em dois sectores um deles é o sector de actividades ocupacionais úteis em que na medida do possível procuramos rentabilizar algumas das capacidades funcionais que ainda têm de modo a que eles também se sintam realizados executando tarefas úteis à sociedade, sobretudo temos utilizado mais uma filosofia de sub contratação de tarefas às empresas, isto é, nós pesquisamos no tecido empresarial alguns tipos de tarefas simples que seja preciso ser executada por uma mão-de-obra intensiva, até muitas vezes executada em série numa linha e eles executam estas tarefas com uma grande satisfação, as quais a montagem de berbequins eléctricos, temos um protocolo com a BP, mediante o qual nós fazemos a embalagem de alguns materiais que por sua vez são expedidos

depois para os clientes para fazer a recolha de amostra de produtos da BP. Temos também outros trabalhos que como seja a embalagem de cabos para computadores de uma outra empresa, temos outro trabalho que é a embalagem e a dobragem de cartolinas, temos um conjunto de tarefas no mercado e que se coadunam com as capacidades funcionais deles. Este sector que tem esta natureza terapêutica e pedagógica, complementarmente a estas tarefas ocupacionais, tem um conjunto de actividades de natureza terapêutica e pedagógica, como seja a educação física, a ginástica, no desporto a natação, a hidromassagem, temos a área da fisioterapia, temos a área na componente pedagógica do desenvolvimento pessoal, social e cultural. Temos a área das expressões, a formação musical, o teatro, têm o grupo rock que inclusive tem abrilhantado festas particulares e oficiais, tem actividades a nível do folclore, dança, uma multiplicidade de actividades de natureza, algumas delas terapêuticas outras mais lúdicas e recreativas, de integração social, o grande objectivo é que estejam mais integrados socialmente. Para além destas duas valências de que lhe falei, CEP e CAO, temos a área residencial, que aparece neste projecto como o núcleo central das preocupações das famílias que há 25 anos iniciaram este projecto e criaram a Instituição Elo Social, para que no futuro os seus filhos tenham uma guarida após a morte dos pais, após a falta dos pais de modo que a residência surgiu desde logo, como a grande motivação deste projecto e dos pais que o pensaram e o executaram até ao momento. Actualmente temos 35 camas, que estão repartidas por quatro residências, três das residências, com cariz mais protegido e assistencial, uma delas tem o objectivo de formação para a vida autónoma e independente, mas cada uma para elas tem capacidade para 10, portanto aqui no interior temos 30 camas, duas delas sim, com uma natureza mais assistencial e protegida para casos com um nível de deficiência grave e profundo. A terceira aqui dentro, com capacidade, também para 10, vocacionada para a formação para a autonomia e vida independente. Temos uma já no exterior que funciona como uma residência supervisionada e que se destina a proporcionar aqueles que tendo passado pela formação para a autonomia, querem ter uma vida mais autónoma e independente e integrada mais no contexto da comunidade e transitam rotativamente por essa residência, actualmente para 20 e tal pessoas em cada mês. Portanto 35 camas, mas não é meramente sinónimo que demos resposta a 35 pessoas, porque a nossa filosofia de funcionamento em termos residenciais é que a residência seja uma estrutura de apoio supletiva à família. Isto porque a família existe, funcione melhor ou pior deve continuar a apoiar as pessoas com deficiência, dependentes a todos os títulos, mas também temos

a noção que algumas das famílias com pais envelhecidos ou aqueles que já não tem pai ou mãe e temos trás casos de pessoas que não tem pai nem mãe, tem os seus tutores necessitam de um apoio cada vez maior da parte da Instituição. No futuro, o projecto residencial que até agora está confinado a estas 35 camas poderá vir a expandir-se criando núcleos mais integrados na comunidade. Os apartamentos são supervisionados, que estão neste momento consignados no âmbito da Segurança Social ir criar estas pequenas unidades de apoio residencial, onde nós em principio podemos vir a alargar o apoio à nossa população.

Como é que é constituída a equipa de profissionais?

A equipa de profissionais tem técnicos superiores, psicólogos temos dois, temos uma técnica de serviço social, temos uma técnica de *psicopedagogia*, temos uma fisioterapeuta, um professor de educação física, um animador sociocultural e assim muito rapidamente. Temos uma professora de teatro, também, mas em regime de *part – time,* também a recibo verde. Depois temos as equipas de apoio auxiliar ao nível do Centro de Actividades Ocupacionais, temos monitoras de actividades ocupacionais e de reabilitação, temos ajudantes de acção directa à residência. Ao nível do CEP temos encarregados responsáveis por cada uma das unidades de prestação de serviços.

Como é feito o encaminhamento dos utentes?

Habitualmente as pessoas vêm-se inscrever à Instituição e a inscrição é porque têm conhecimento da instituição ou porque alguém lhes diz. É mediante a lista de inscrição, sempre que haja alguma vaga que nós fazemos a respectiva avaliação, selecção e admissão. Actualmente só para ter uma ideia da procura do serviço da nossa Instituição, temos mais de 300 pessoas inscritas em lista de espera.

Como é que é feita essa avaliação dos utentes?

Fazemos uma avaliação do ponto de vista psicológico, do ponto de vista social, clínico, desde logo o critério é integrar-se na tipologia da nossa instituição, a deficiência mental, predominantemente apoiamos as pessoas com deficiência mental e depois temos os nossos critérios de admissão, por um lado que corresponda às características da vaga a preencher, os candidatos que se enquadram dentro da tipologia da vaga, depois temos outro critério que tem a ver com a zona de localização, temos outro critério que tem a ver com o empenho e motivação demonstrado pela pessoa desde o momento da inscrição na vida da instituição, poderá ter-se empenhado tanto que tenha arranjado 10 ou 15 sócios contribuintes que também ajudam a instituição a arranjar receitas, ou que colaborem no voluntariado é um outro critério que nós temos em conta. Basicamente

são estes os critérios que estão na cabeça do processo de admissão. A avaliação é feita por uma equipa multidisciplinar, habitualmente constituída por um psicólogo, pela técnica de serviço social e se necessário se entendermos a fisioterapeuta ou se for identificado problemas nessa área, às vezes pede-se alguma ajuda à técnica de psicopedagogia, isto num primeiro momento. Depois fazemos uma avaliação mais cuidada, já na perspectiva de se fazer um diagnóstico mais aprofundado, com vista a estabelecer-se um plano de intervenção.

Em relação às famílias, existe algum processo que avalia as próprias famílias?

Com certeza que sim. Avaliamos a componente social que é a fundamental fazer uma avaliação do agregado familiar nos seus múltiplos aspectos, capacidade social, económica que envolvem a família e a situação de desprotecção que exista a nível do filho, por vezes tem um único pai, uma única mãe, as vezes não tem pai nem mãe, tudo isso é objecto de uma caracterização e avaliação e é tido em conta como factor de admissão.

Que medidas é que a Instituição desenvolve que o permitam integrar-se na sociedade?

Acções, actividades, sobretudo o nosso trabalho passa todo por um plano de intervenção individual e colectiva ao nível da instituição e das actividades que nós promovemos. Nós apostamos apesar de alguns deles já terem passado por um conjunto de instituições, escolas, etc. e que aparentemente se esgotaram algumas competências ou capacidades de desenvolvimento, nós apostamos sempre no desenvolvimento com a componente do desenvolvimento pessoal que é fundamental para nós. Portanto a melhoria de competências de natureza social e cultural, as vezes académica até, continua a estar presente no sentido de ele poder, depois vir a adaptar-se do ponto de vista social. Desenvolvemos com eles depois múltiplas actividades, e estamos a reportar-nos aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais, múltiplas actividades inseridas na comunidade, muitas visitas a museus, idas ao cinema, às quintas pedagógicas a tudo e mais alguma coisa, estão permanentemente semana após semana a sair grupos para este tipo de actividades de natureza social, cultural e de integração, existe actualmente no âmbito da área da educação física um programa de actividades que foi consignado de encontro inter centros, em que cada instituição, não sei se ao todo, devem ser uma 20 ou 20 e tal aqui da zona da grande Lisboa, onde cada instituição promove uma actividade e todos os outros vão e participam nessa actividade, no caso concreto aqui, traduz-se numa actividade anual que são os Jogos da Primavera que desenvolvemos em Maio e na

qual participam à volta de 1000 pessoas, todos os anos, aqui na Instituição, são jogos criativos. Em cada ano trabalhamos um tema, de modo a motivar a todos à participação, não só a participação na construção dos jogos, depois também no próprio dia, os externos são levados a participar, de forma integrada inclusive não nos limitamos meramente a chamar os nossos pares no âmbito do seu instituto de reabilitação, mas também as escolas da zona de ensino básico, do secundário, as pessoas idosas dos centro de dia aqui da zona têm participado, de Sacavém inclusive tem uma instituição que tem vindo a participar nos nossos jogos. Desenvolvemos um conjunto de actividades com aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais que promovem permanentemente a sua inclusão social, a sua integração. Por outro lado, ao nível do emprego protegido as actividades que nós desenvolvemos vão no sentido de melhorar cada vez mais as suas competências de natureza profissional, sempre que possível e existe sempre um objectivo ligado ao CEP, que procuramos encontrar oportunidades no sentido de transitarem para uma integração mais plena nas empresas, quando surge alguma oportunidade e sobretudo no dia-a-dia nós procuramos trazer aqui os clientes e são muitas as pessoas que procuram aqui diariamente a instituição, na área da lavandaria, dos estofos, carpintaria, etc. como também eles são inseridos no exterior como eu digo, neste momento, apesar de serem oficinas protegidas mais de 50% dos nossos trabalhadores de emprego protegido estão a prestar serviços na comunidade, 8 no tal serviço de apoio aos transportes adaptados de acção social na CM Lisboa, são actualmente 9 que estão a ir todos a prestar serviços de jardinagem no exterior, portanto são todo são 17 pessoas que já estão integrados na comunidade e integrados no tecido económico.

O público que referiu há pouco é um público que já passou pelo ensino regular…

Sim muitos deles passaram pela escola e pela educação especial nas escolas, muitos passaram pelas Cerci's, passaram por todos esses programas. Aliás este projecto nasceu há 25 anos no seio da Cerci de Lisboa, este grupo de pais, na qual eu na qualidade de técnico me incluo entendeu avançar com este projecto, porque havia algo que havia algo que terminava a partir dos 24 anos, no ponto de vista de intervenção, o que altura não havia respostas ou quase nenhumas haviam nesta área. No emprego protegido não havia, aliás os normativos referentes ao emprego protegido nasceram em 1983, quando nós arrancámos com a nossa instituição. Os Centro de Actividades Ocupacionais não existiam, porque as Cerci não podiam criar na altura centros ocupacionais, de modo que grande parte deles e esgotado o projecto educativo não tinham para onde ir, voltavam

para casa, perdendo todo o investimento que tinha sido feito aos mais diferentes níveis de autonomia, de desenvolvimento de competências, porque ficariam segregados nas suas casas, e não tinham hipótese nenhuma de prosseguir no apoio a estas pessoas, de modo que passaram grande parte deles pelo projecto educativo, pelo projecto de formação profissional, alguns deles passaram pelo programa pré – profissional e outros mesmo de profissionalização, alguns deles conseguiu-se a sua integração profissional e eu recordo-me porque estive oito anos à frente do centro de pré – formação profissional da Cerci e conseguiu-se bastantes integrações, mas havia depois um conjunto deles que não tiveram oportunidade de inserção nas empresas, daí que havia de encontrar algo de alternativo e foi nessa altura que apareceu o projecto de emprego protegido, onde houve a possibilidade de encaminhamento dessas pessoas que não tinham como integrar-se no mercado aberto de trabalho. Tudo isto foi um processo mas há todo um trabalho por trás. Houve alguns que vieram directamente de casa, não tinham passado por instituições, estavam em casa, não tinham tido oportunidade, ou por opção da família que não quiseram investir na educação, porque alguns deles tem capacidades muito reduzidas, com défices cognitivos muito grandes, temos alguns deles que vieram directamente de casa.

Nesses casos, que tipos de ofertas é que a própria instituição disponibiliza a essas pessoas?

Fazendo uma avaliação cuidada no inicio, claro que esses casos em que não existe um histórico do ponto de vista de intervenção atrás deles, mais cuidado temos que ter numa avaliação rigorosa nas suas capacidades no sentido de depois de vermos o que é que podemos fazer com eles. Posso-lhe dizer que não aqui, mas no centro pré – profissional da Cerci, pessoas que chegavam lá que não tinham tido uma oportunidade de ir para escola nenhuma, isto nos anos 80 e tais, conseguimos com eles fazer um quarto ano de escolaridade, porque nunca tinham sido trabalhados nessa área. Portanto foi feita uma avaliação e nisso viu-se o seu potencial cognitivo e intelectual apostámos numa intervenção educativa e conseguimos por exemplo resultados a esse nível, aqui já não tanto, mas houve casos em que eles vieram directamente das famílias, eram casos com nível de deficiência mais acentuado e sobretudo o que trabalhámos muito foi os aspectos de autonomia pessoal, social, mudanças comportamentais, porque os vícios e as dependências eram enormes, havia alguns que vinham e que nunca tinham sido trabalhados minimamente por parte das famílias, de modo que foi todo um trabalho de melhoria e de mudanças neste domínio sobretudo.

Falando mais especificamente das famílias, depois de estabelecido o primeiro contacto, como é que a relação progride? Têm uma presença assídua?

Sim, nós somos muito exigentes. Aqui a instituição, para além de ser uma associação e como tal associados que são da associação, têm deveres enquanto sócios, na assembleia-geral, de participação na gestão colectiva da instituição. Do ponto de vista técnico, terapêutico, pedagógico, nós temos uma política de envolvimento e participação das famílias enorme e não os deixamos sossegados e chateamo-los permanentemente através de comunicações, de exigências de vir aqui para tratar de assuntos em concreto, de uma envolvimento agora mais recente deles e participação na definição, desenvolvimento e execução do plano de intervenção de cada um, isto é, eles sabem diariamente ou mensalmente digamos, mas diariamente podem-no fazê-lo também, qual é o objectivo específico que estamos a trabalhar para cada um e eles são parte interessada e importantíssima no nosso ponto de vista, para nós consigamos melhorar determinadas competências do seu filho. A nossa orientação técnica, neste momento, dirige-se muito e é muito orientada pelo modelo da Associação Americana para o Estudo da Deficiência Metal e as 10 áreas de competência adaptativa são objecto de operacionalização e aplicação individual a cada caso mês após mês, por forma a que focalizando-nos mais um mês numa competência adaptativa, consigamos identificar o potencial de desenvolvimento ainda que seja em coisas minúsculas que muitas vezes os pais e nós não nos apercebermos, mas que haja uma operacionalização completa conseguimos descobrir áreas de intervenção em que é possível trabalhar alguma coisa, apesar de alguns deles terem 50 anos e portanto envolvemos as famílias permanentemente no processo de definição, ainda tivemos a reunião de balanço de 2008, em que feito o balanço exigimos a cada um que nos fizesse chegar aspectos que são importantes serem trabalhados no seu filho e que para eles são relevantes no sentido da melhoria e mudança de alguns comportamentos e melhoria de competências, vamos envolvê-los, como lhe disse, na definição específica do aspecto que está a ser trabalhado, vai um livrinho para casa escrito de qual é o objectivo, que é o livrinho da comunicação, entre família e instituição, em que eles vão pôr as suas anotações de como é que estão a ver o trabalho que está a ser desenvolvido, que impacto está a ter no contexto da casa e de alguma competência que está a ser melhorada ou comportamento a melhorar e portanto faz-se permanentemente o processo de avaliação, de feedback em permanência com a família. Este envolvimento da família é para nós importante, porque

a família é um parceiro no desenvolvimento da pessoa e como tal tem que trabalhar connosco.

E por parte da família, sente que esse trabalho é realmente feito ou conseguido?

Posso-lhe dizer o seguinte, desde que iniciámos esta estratégia técnico – pedagógica com um envolvimento mais directo e esta comunicação permanente com a família, posso-lhe dizer que a adesão inicial no primeiro ano, isto começámos há dois anos em 2007, tivemos ai não mais de 10 pessoas que escreviam no caderno e que nos davam feedback a dizer se o seu filho estava a conseguir ou a melhorar. Neste momento já temos uma adesão de mais, na ordem dos 75%, portanto veja a melhoria já de participação dos pais em todo este processo, inicialmente é provável que não tenham compreendido muito bem a nossa filosofia. Mas com um trabalho continuado de chamadas de atenção, de também informação mais cuidada que era feita nas reuniões de pais, aumentou para 75% em 2008, o grau de participação das famílias no trabalho directo connosco.

No entanto, considera que a família poderia ter um papel mais activo?

Eu considero que a nossa dinâmica implementada desde o seu início se situa num grau bom, não posso exigir muito mais, porque aqueles que menos participam provêem das famílias mais fragilizados do ponto de vista social, cultural e que também não é possível esperar muito mais do que isto que já estamos neste momento a conseguir, algumas delas não conseguem nem sequer escrever, terá que ser o seu filho a escrever, vai la o filho a casa e diz: *"Olha mãe, está aqui este caderno e escreves aqui qualquer coisa"*, porque muitas vezes essas que não conseguem escrever vêm cá directamente e dizem: *"O meu filho mudou a este nível…"* Por exemplo se era pouco cuidado com a sua higiene, pouco cuidado com a mudança de roupa e agora exige que a mudança de roupa seja todos os dias, são mudanças que eles próprios sentem pela nossa acção aqui, mas que eles também vão se apercebendo.

O acto de cuidar pressupõe um conjunto de responsabilidades tanto a nível de cuidados físicos como de protecção social. Considera pertinente a existência de uma formação que consciencialize as pessoas para esta responsabilidade?

Eu acho que sim, acho que sim. As famílias, muitas delas tem que ser trabalhadas do ponto de vista cultural, do ponto de vista social, muitas delas não tem hábitos e vê-se perfeitamente por aquilo que é os sintomas do seu filho, não tem hábitos de higiene, não há hábitos de saber – ser e estar e há todo um trabalho que é preciso desenvolver com as próprias famílias. Nos temos um espaço com as famílias, aqui na instituição, a funcionar

desde há meia dúzia de anos, onde eu comecei a trabalhar com as famílias, inicialmente numa perspectiva mais espontânea de temas. As famílias eram convocadas a aparecer em pequenos grupos não mais de 12 pessoas em que os temas eram os mais diversos e que cada um trazia o seu problema e era partilhado no todo dos seus pares família. Estes grupos de família tiveram inicialmente uma função terapêutica importantíssima do ponto de vista até terapêutica para a própria família, isto é, alguns deles sofriam imenso com aquilo que tinha sido o luto que nunca conseguiram fazer do seu filho, problemas como confrontar e enfrentar a sociedade relativamente aos mais diferentes aspectos e aqueles que já estavam noutro grau de desenvolvimento a este nível, ajudaram-nos imenso a mudar de atitude e portanto é algo que é importante. Outros aspectos mais pontuais que é necessário serem trabalhados como a forma de agir com o seu filho, tudo isto foi trabalhado, atitudes pedagógicas para com o seu filho, a exigência devidamente condimentada com a compreensão, portanto este tipo de atitudes que alguns deles tinham em exagero outros tinham por defeito, houve que acertar e que equilibrar essa realidade e foi no seio as famílias que tudo isto foi trabalhado. Do ponto de vista do cuidar dos seus filhos, dos cuidados a ter com ele ao nível da higiene, dos cuidados alimentares, ao nível dos cuidados até do arranjo do pessoal, do visual, tudo isto tem que ser trabalhado e nalguns deles temos que ser mais incisivos e directos e dizer: *"Cuidado, com este aspectos, cuidado com o outro que está a ser negligenciado…"*. Tudo isto foi trabalhado com contexto das famílias e houve mudanças significativas.

Considera que a actual sociedade reúne condições necessárias para a inclusão do portador de deficiência?

Eu diria assim, as mudanças foram significativas desde, eu estou nesta área a trabalhar há 27 anos, e de facto é do dia para a noite as alterações de mentalidades, de mudanças de atitudes, que houve ao longo desta década e meia mais década e meia que eu conheço esta realidade. Se me diz que é favorável, há um grau de aceitação muito maior é evidente que existem atitudes ainda negativas relativamente a estas pessoas, os problemas da aceitação, as diferenças continuam a ser um problema, eles ainda continuam a ser estigmatizados por aquilo que são, os problemas que revelam a nível comportamental, a não aceitação em algumas dimensões que era importante que começassem a ser aceites, como seja a vida familiar, a vida afectiva, a vida sexual, dessas pessoas que não é aceite pela sociedade, por exemplo. Há muitas múltiplas situações em que os comportamentos dos jovens são completamente aceites de determinados tipos de atitudes e comportamentos sociais e de namoro, por exemplo, a

nível social, se são pessoas com deficiência, alto lá são loucos a fazer isto… Pronto de facto começa a haver um estigma em torno desta população, agora que houve uma mudança significativa sem dúvida. Do ponto de vista profissional, as coisas mudaram significativamente também, a aceitação deles no contexto do trabalho penso que a mudança de atitudes relativamente à imagem que vi do preconceito de que estas pessoas não eram capazes de fazer nada, mudou ao longo deste tempo todo. No entanto, não há dúvida nenhuma de quando as conjunturas e as dificuldades são grandes, eles serão se calhar as primeiras vítimas, os mais frágeis que ficam renegados na sociedade sobretudo em conjunturas de crise como a que temos actualmente, não tenho duvida nenhuma. Portanto são dificuldades existentes, mas que mudaram e houve mudanças ao longo destes anos todos.

Considera, por outro lado, que o actual sistema legislativo é promotor do pleno exercício da cidadania para a pessoa com deficiência?

Plena cidadania, isso será difícil que cheguemos a essa plena cidadania. Agora tendencialmente vai nesse sentido, a melhoria e a afirmação dos direitos das pessoas em geral e das pessoas com deficiência em particular acho que é algo que tem vindo a melhorar. As questões dos direitos destas pessoas com as questões dos direitos internacionais, com a integração social, as acessibilidades, tantas outras coisas que continuam a ser problemáticas, não há dúvida nenhuma nisso, sabemos que as estruturas físicas são difíceis de modificar, adaptar porque infelizmente as barreiras ainda são mais do que muitas, mas é algo que, é um processo que está a decorrer, agora não há duvida que melhores dias virão, os princípios estão definidos, os direitos também consignados, portanto espera-se que pouco a pouco, paulatinamente as coisas vão melhorando.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: ELO SOCIAL

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Valências de atendimento	Centro de emprego protegido que presta serviços à comunidade	*"Temos jovens que no Centro de Emprego Protegido prestam serviços à comunidade (…)"* *" (…) nas áreas da Jardinagem (…)"* *" (…) da Carpintaria (…)"* *" (…) na área dos estofos (…)"* *" (…) temos uma lavandaria industrial(…)"* *" (…) é um pouco esta a orientação desta estrutura empresarial de emprego protegido."*
		Área da carpintaria	*"A carpintaria desenvolve trabalhos junto da manutenção (…)"* *" (…) e reparação de pequeno mobiliário: cadeiras, sofás, etc. (…)"* *" (…) pequenas coisas que vão sendo reparadas (…)"* *" (…) e outros trabalhos que vão pontualmente depois aparecendo."*
		Área dos estofos	*"O estofamento fazemos sobretudo a reparação de maples, sofás, cadeiras, fazemos cortinados, também."*
		Área da lavandaria	*"Temos uma área de lavandaria em que como lhe disse (…)"* *" (…) prestamos serviços exteriores (…)"* *" (…) sobretudo à área da restauração e a jardinagem que trabalhamos para diferentes clientes (…)"* *" (…) alguns deles particulares (…)"* *" (…) escolas (…)"* *" (…) a Câmara Municipal de Lisboa, com quem temos um protocolo também (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Centro de Actividades Ocupacionais	*"Depois temos 74 que estão no Centro de Actividades Ocupacionais (…)"* *" (…) é pessoas com o nível de deficiência grave, moderado ou profundo (…)"* *" (…) que não tem capacidade de realizar um trabalho produtivo (…)"* *" (…) e como tal estão integrados nesta valência (…)"* *" (…) ou objectivos mais de natureza terapêutica ou pedagógica, assistencial(…)"*
		Actividades ocupacionais úteis	*" (…) e onde também estão divididos em dois sectores (…)"* *" (…) um deles é o sector de actividades ocupacionais úteis (…)"* *" (…) em que na medida do possível procuramos rentabilizar algumas das capacidades funcionais que ainda têm, de modo a que eles também se sintam realizados (…)"* *" (…) executando tarefas úteis à sociedade (…)"* *" (…) sobretudo temos utilizado mais uma filosofia de sub contratação de tarefas às empresas (…)"* *" (…) isto é, nós pesquisamos no tecido empresarial alguns tipos de tarefas simples que seja preciso ser executada por uma mão-de-obra intensiva (…)"* *" (…) até muitas vezes executada em série numa linha (…)"* *" (…) e eles executam estas tarefas com uma grande satisfação (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) as quais a montagem de berbequins eléctricos (…)” *“ (…) temos um protocolo com a BP, mediante o qual nós fazemos a embalagem de alguns materiais (…)”* *“ (…) que por sua vez são expedidos depois para os clientes para fazer a recolha de amostra de produtos da BP.”* *“Temos também outros trabalhos (…)”* *“ (…) que como seja a embalagem de cabos para computadores de uma outra empresa (…)”* *“ (…) temos outro trabalho que é a embalagem e a dobragem de cartolinas (…)”* *“ (…) temos um conjunto de tarefas no mercado (…)”* *“ (…) e que se coadunam com as capacidades funcionais deles.”*
		Actividades mais terapêuticas e pedagógicas	*“Este sector que tem esta natureza terapêutica e pedagógica (…)”* *“ (…) complementarmente a estas tarefas ocupacionais (…)”* *“ (…) tem um conjunto de actividades de natureza terapêutica e pedagógica(…)”* *“ (…) como seja a educação física (…)”* *“ (…) a ginástica (…)”* *“ (…) no desporto a natação (…)”* *“ (…) a hidromassagem, temos a área da fisioterapia (…)”* *“ (…) temos a área na componente pedagógica do desenvolvimento pessoal, social e cultural.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"Temos a área das expressões (…)" *" (…) a formação musical (…)"* *" (…) o teatro (…)"* *" (…) têm o grupo rock que inclusive tem abrilhantado festas particulares e oficiais (…)"* *" (…) tem actividades a nível do folclore (…)"* *" (…) dança (…)"*
		Actividades que permitem a integração	*" (…) uma multiplicidade de actividades de natureza (…)"* *" (…) algumas delas terapêuticas (…)"* *" (…) outras mais lúdicas e recreativas (…)"* *" (…) de integração social (…)"* *" (…) o grande objectivo é que estejam mais integrados socialmente."*
		Área Residencial	*"Para além destas duas valências de que lhe falei, CEP e CAO, temos a área residencial (…)"* *"Actualmente temos 35 camas (…)"* *" (…) que estão repartidas por quatro residências (…)"* *" (…) mas cada uma para elas tem capacidade para 10 (…)"* *" (…) portanto aqui no interior temos 30 camas (…)"* *"Portanto 35 camas (…)"* *" (…) mas não é meramente sinónimo que demos resposta a 35 pessoas (…)"* *"No futuro, o projecto residencial que até agora está confinado a estas 35 camas (…)"* *" (…) poderá vir a expandir-se criando núcleos mais integrados na comunidade."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		3 com o apoio assistencialista	*" (...) três das residências, com cariz mais protegido e assistencial (…)"* *" (…) duas delas sim, com uma natureza mais assistencial e protegida para casos com um nível de deficiência grave e profundo."*
		1 com formação para a autonomia	*" (…) uma delas tem o objectivo de formação para a vida autónoma e independente (…)"* *"A terceira aqui dentro, com capacidade, também para 10 (…)"* *" (…) vocacionada para a formação para a autonomia e vida independente."*
		Residência supervisionada	*"Temos uma já no exterior que funciona como uma residência supervisionada (…)"* *" (…) e que se destina a proporcionar aqueles que tendo passado pela formação para a autonomia (…)"* *" (…) querem ter uma vida mais autónoma e independente e integrada mais no contexto da comunidade (…)"* *" (…) e transitam rotativamente por essa residência (…)"* *" (…) actualmente para 20 e tal pessoas em cada mês."* *"Os apartamentos são supervisionados(…)"*
		Estrutura supletiva à família	*" (…) porque a nossa filosofia de funcionamento em termos residenciais é que a residência seja uma estrutura de apoio supletiva à família."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Apartamentos consignados à Segurança Social	*" (…) que estão neste momento consignados no âmbito da Segurança Social (…)"* *" (…) ir criar estas pequenas unidades de apoio residencial (…)"* *" (…) onde nós em principio podemos vir a alargar o apoio à nossa população."*
	Práticas de Funcionamento	Nasceu há 25 anos	*" (…) que aparece neste projecto como o núcleo central das preocupações das famílias que há 25 anos iniciaram este projecto (…)"* *" (…) e criaram a Instituição Elo Social (…)"*
		Salvaguardar o futuro dos filhos	*" (…) para que no futuro os seus filhos tenham uma guarida após a morte dos pais (…)"* *" (…) após a falta dos pais (…)"* *" (…) de modo que a residência surgiu desde logo (…)"* *" (…) como a grande motivação deste projecto (…)"* *" (…) e dos pais que o pensaram e o executaram até ao momento."*
		Orientação pelo modelo da associação americana para o estado da deficiência mental	*" (…) e as 10 áreas de competência adaptativa são objecto de operacionalização e aplicação individual a cada caso mês após mês(…)"* *" (…) por forma a que focalizando-nos mais um mês numa competência adaptativa (…)"* *" (…) consigamos identificar o potencial de desenvolvimento (…)"* *" (…) ainda que seja em coisas minúsculas que muitas vezes os pais e nós não nos apercebermos (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) mas que haja uma operacionalização completa conseguimos descobrir áreas de intervenção em que é possível trabalhar alguma coisa (…)" *" (…) apesar de alguns deles terem 50 anos (…)"* *" (…) e portanto envolvemos as famílias permanentemente no processo de definição (…)"*
		Protocolo com a Câmara Municipal de Lisboa	*" (…) e temos uma área de outros serviços onde articulamos sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa (…)"* *" (…) através do apoio que nós damos aos jovens (…)"* *" (…) que desempenham a função de ajudantes na carrinha de acção social da câmara (…)"* *" (…) que transporta os jovens com deficiência da cidade de Lisboa (…)"* *" (…) eles através do protocolo (…)"* *" (…) desempenham a sua função de uma forma integrada com os motoristas da Câmara (…)"*
		Acordo com o aeroporto de Lisboa	*" (…) e prestam este serviço de apoio à CM Lisboa."* *"Temos, também um protocolo com o aeroporto de Lisboa (…)"* *" (…) mediante o qual nos fazemos a embalagem dos talheres para o aeroporto."*
	Profissionais que trabalham na instituição	Técnicos Superiores	"*A equipa de profissionais tem técnicos superiores (…)"* *" (…) psicólogos temos dois (…)"* *" (…) temos uma técnica de serviço*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			social(…)" *" (…) temos uma técnica de psicopedagogia (…)"* *" (…) temos uma fisioterapeuta (…)"* *" (…) um animador sociocultural e assim muito rapidamente…"*
		Professores	*" (…) um professor de educação física(…)"* *"Temos uma professora de teatro, também, mas em regime de part – time, também a recibo verde."*
		Monitores de apoio ao CAO	*"Depois temos as equipas de apoio auxiliar ao nível do Centro de Actividades Ocupacionais (…)"* *" (…) temos monitoras de actividades ocupacionais e de reabilitação (…)"*
		Monitores de apoio às residências	" (…) temos ajudantes de acção directa à residência."
		Encarregados do CEP	*"Ao nível do CEP temos encarregados responsáveis por cada uma das unidades de prestação de serviços."*
	Processo de avaliação dos utentes	Inscrições por conhecimento próprio ou por "ouvir dizer"	*"Habitualmente as pessoas vêm-se inscrever à Instituição (…)"* *" (…) e a inscrição é porque têm conhecimento da instituição (…)"* *" (…) ou porque alguém lhes diz."* *"Actualmente só para ter uma ideia da procura do serviço da nossa Instituição, temos mais de 300 pessoas inscritas em lista de espera."*
		Inscrição, avaliação, selecção e admissão	*"É mediante a lista de inscrição (…)"* *" (…) sempre que haja alguma vaga que nós fazemos a respectiva avaliação, selecção e admissão."*
		Avaliação a vários	*"Fazemos uma avaliação do ponto de*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		níveis	*vista psicológico (…)"* *" (…) do ponto de vista social (…)"* *" (…) clínico (…)"*
		Deficiência mental principal critério de admissão	*" (…) desde logo o critério é integrar-se na tipologia da nossa instituição, a deficiência mental (…)"* *" (…) predominantemente apoiamos as pessoas com deficiência mental (…)"*
		Existem outros critérios de admissão	*" (…) e depois temos os nossos critérios de admissão (…)"* *" (…) por um lado que corresponda às características da vaga a preencher(…)"* *" (…) os candidatos que se enquadram dentro da tipologia da vaga (…)"* *" (…) depois temos outro critério que tem a ver com a zona de localização(…)"* *" (…) temos outro critério que tem a ver com o empenho e motivação demonstrado pela pessoa desde o momento da inscrição na vida da instituição (…)"* *" (…) poderá ter-se empenhado tanto que tenha arranjado 10 ou 15 sócios contribuintes (…)"* *" (…) que também ajudam a instituição a arranjar receitas (…)"* *" (…) ou que colaborem no voluntariado é um outro critério que nós temos em conta." to* *"Basicamente são estes os critérios que estão na cabeça do processo de admissão."*
		Feita por uma equipa multidisciplinar	*"A avaliação é feita por uma equipa multidisciplinar (…)"* *" (…) habitualmente constituída por um*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			psicólogo (…)" *" (…) pela técnica de serviço social (…)"* *" (…) e se necessário se entendermos a fisioterapeuta (…)"* *" (…) ou se for identificado problemas nessa área (…)"* *" (…) às vezes pede-se alguma ajuda à técnica de psicopedagogia, isto num primeiro momento."*
		Avaliação mais cuidada – diagnóstico	"Depois fazemos uma avaliação mais cuidada (…)" " (…) já na perspectiva de se fazer um diagnóstico mais aprofundado (…)" " (…) com vista a estabelecer-se um plano de intervenção."
	Processo de avaliação das famílias	Avalia a componente social	*"Com certeza que sim."* *"Avaliamos a componente social (…)"* *" (…) que é a fundamental fazer uma avaliação do agregado familiar nos seus múltiplos aspectos (…)"* *" (…) capacidade social (…)"*
		Avalia a componente económica	*" (…) económica que envolvem a família(…)"*
		Situação de desprotecção	*" (…) e a situação de desprotecção que exista a nível do filho (…)"* *" (…) por vezes tem um único pai (…)"* *" (…) uma única mãe (…)"* *" (…) às vezes não tem pai nem mãe (…)"* *" (…) tudo isso é objecto de uma caracterização e avaliação (…)"* *" (…) e é tido em conta como factor de admissão."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Tipo de público	Utentes que frequentaram outro estabelecimento	*"Sim muitos deles passaram pela escola(…)"* *" (…) e pela educação especial nas escolas (…)"* *" (…) muitos passaram pelas Cerci's, passaram por todos esses programas."*
		Existem alguns que vieram directamente de casa	*"Houve alguns que vieram directamente de casa (…)"* *" (…) não tinham passado por instituições (…)"* *" (…) estavam em casa (…)"* *" (…) não tinham tido oportunidade (…)"* *" (…) ou por opção da família que não quiseram investir na educação (…)"* *" (...) porque alguns deles tem capacidades muito reduzidas (…)"* *" (…) com défices cognitivos muito grandes (…)"* *" (…) temos alguns deles que vieram directamente de casa."* *" (…) mas houve casos em que eles vieram directamente das famílias (…)"* *" (…) eram casos com nível de deficiência mais acentuado (…)"* *" (…) e sobretudo o que trabalhámos muito foi os aspectos de autonomia pessoal, social, mudanças comportamentais (…)"* *" (…) porque os vícios e as dependências eram enormes (…)"* *" (…) havia alguns que vinham e que nunca tinham sido trabalhados minimamente por parte das famílias(…)"* *" (…) de modo que foi todo um trabalho de melhoria e de mudanças neste domínio*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			sobretudo."
II. Medidas de Inclusão Social	Envolver a sociedade	Grande aposta no desenvolvimento pessoal	*"Acções (…)"* *" (…) actividades (…)"* *" (…) sobretudo o nosso trabalho passa todo por um plano de intervenção individual (…)"* *" (…) e colectiva ao nível da instituição e das actividades que nós promovemos."* *"Nós apostamos apesar de alguns deles já terem passado por um conjunto de instituições (…)"* *" (…) escolas, etc. (…)"* *" (…) e que aparentemente se esgotaram algumas competências(…)"* *" (…) ou capacidades de desenvolvimento (…)"* *" (…) nós apostamos sempre no desenvolvimento com a componente do desenvolvimento pessoal (…)"* *" (…) que é fundamental para nós."*
		Melhoria das competências social, cultural, académica e profissional	*"Portanto a melhoria de competências de natureza social (…)"* *" (…) e cultural (…)"* *" (…) às vezes académica até (…)"* *" (…) continua a estar presente no sentido de ele poder (…)"* *" (…) depois vir a adaptar-se do ponto de vista social."* *"Por outro lado, ao nível do emprego protegido (…)"* *" (…) as actividades que nós desenvolvemos vão no sentido de melhorar cada vez mais as suas competências de natureza profissional, sempre que possível (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) e existe sempre um objectivo ligado ao CEP (…)"
		Múltiplas actividades integradas na comunidade	*"Desenvolvemos com eles depois múltiplas actividades (…)"* *" (…) e estamos a reportar-nos aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais (…)"* *" (…) múltiplas actividades inseridas na comunidade (…)"* *" (…) muitas visitas a museus (…)"* *" (…) idas ao cinema (…)"* *" (…) às quintas pedagógicas a tudo e mais alguma coisa (…)"* *" (…) estão permanentemente semana após semana a sair grupos para este tipo de actividades de natureza social ou cultural e de integração (…)"* *"Desenvolvemos um conjunto de actividades (…)"* *" (…) com aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais (…)"* *" (…) que promovem permanentemente a sua inclusão social, a sua integração."*
		Encontro inter – centros	*" (…) existe actualmente no âmbito da área da educação física um programa de actividades que foi consignado de encontro inter centros (…)"* *" (…) em que cada instituição, não sei se ao todo, devem ser uma 20 ou 20 e tal aqui da zona da grande Lisboa (…)"* *" (…) onde cada instituição promove uma actividade (…)"* *" (…) e todos os outros vão (…)"* *" (…) e participam nessa actividade(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) no caso concreto aqui, traduz-se numa actividade anual que são os Jogos da Primavera que desenvolvemos em Maio (…)" *" (…) e na qual participam à volta de 1000 pessoas (…)"* *" (…) todos os anos, aqui na Instituição (…)"* *" (…) são jogos criativos."* *"Em cada ano trabalhamos um tema(…)"* *" (…) de modo a motivar a todos à participação (…)"* *" (…) não só a participação na construção dos jogos (…)"* *" (…) depois também no próprio dia(…)"* *" (…) os externos são levados a participar (…)"* *" (…) de forma integrada inclusive não nos limitamos meramente a chamar os nossos pares no âmbito do seu instituto de reabilitação (…)"* *" (…) mas também as escolas da zona de ensino básico (…)"* *" (…) do secundário (…)"* *" (…) as pessoas idosas dos centro de dia aqui da zona têm participado (...)"* *" (…) de Sacavém inclusive tem uma instituição que tem vindo a participar nos nossos jogos."*

Tema: Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
III. Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da instituição	Os pais têm deveres enquanto sócios da associação	*"Sim, nós somos muito exigentes."* *"Aqui a instituição, para além de ser uma associação (…)"* *" (…) e como tal associados que são da associação, têm deveres enquanto sócios (…)"* *" (…) na assembleia-geral (…)"* *" (…) de participação na gestão colectiva da instituição."*
		Promovem a participação dos pais através das comunicações	*"Do ponto de vista técnico, terapêutico, pedagógico (…)"* *" (…) nós temos uma política de envolvimento e participação das famílias enorme (…)"* *" (…) e não os deixamos sossegados(…)"* *" (…) e chateamo-los permanentemente através de comunicações (…)"* *" (…) de exigências de vir aqui para tratar de assuntos em concreto (…)"*
		Papel activo no plano de intervenção de cada aluno	*" (…) apesar de alguns deles terem 50 anos (…)"* *" (…) e portanto envolvemos as famílias permanentemente no processo de definição (…)"* *" (…) ainda tivemos a reunião de balanço de 2008 (…)"* *" (…) em que feito o balanço exigimos a cada um que nos fizesse chegar aspectos que são importantes serem trabalhados no seu filho (…)"* *" (…) e que para eles são relevantes no sentido da melhoria e mudança de alguns comportamentos (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) e melhoria de competências (…)" *" (…) vamos envolvê-los, como lhe disse, na definição específica do aspecto que está a ser trabalhado (…)"*
		É enviado um livro de comunicação	*" (…) vai um livrinho para casa escrito de qual é o objectivo (…)"* *" (…) que é o livrinho da comunicação, entre família e instituição (…)"* *" (…) em que eles vão pôr as suas anotações de como é que estão a ver o trabalho que está a ser desenvolvido(…)"* *" (…) que impacto está a ter no contexto da casa (…)"* *" (…) e de alguma competência que está a ser melhorada ou comportamento a melhorar (…)"* *" (…) e portanto faz-se permanentemente o processo de avaliação (…)"* *" (…) de feedback em permanência com a família."*
		A família é um parceiro no desenvolvimento do indivíduo	*"Este envolvimento da família é para nós importante (…)"* *" (…) porque a família é um parceiro no desenvolvimento da pessoa (…)"* *" (…) e como tal tem que trabalhar connosco."*
		A adesão tem vindo a ser muito maior	*"Posso-lhe dizer o seguinte, desde que iniciámos esta estratégia técnico - pedagógica com um envolvimento mais directo (…)"* *" (…) e esta comunicação permanente com a família (…)"* *" (…) posso-lhe dizer que a adesão inicial no primeiro ano, isto começámos há dois anos em 2007(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) tivemos ai não mais de 10 pessoas que escreviam no caderno (…)" *" (…) e que nos davam feedback a dizer se o seu filho estava a conseguir ou a melhorar."* *"Neste momento já temos uma adesão de mais, na ordem dos 75% (…)"* *" (…) portanto veja a melhoria já de participação dos pais em todo este processo (…)"* *" (…) inicialmente é provável que não tenham compreendido muito bem a nossa filosofia."* *"Mas com um trabalho continuado de chamadas de atenção (…)"* *" (…) de também informação mais cuidada que era feita nas reuniões de pais (…)"* *" (…) aumentou para 75% em 2008 (…)"* *" (…) o grau de participação das famílias no trabalho directo connosco."*
		Dinâmica de desenvolvimento tem o grau bom	*"Eu considero que a nossa dinâmica implementada desde o seu início se situa num grau bom (…)"* *" (…) não posso exigir muito mais (…)"*
		Famílias que menos participam são as mais fragilizadas	*" (…) porque aqueles que menos participam provêem das famílias mais fragilizados do ponto de vista social, cultural (…)"* *" (…) e que também não é possível esperar muito mais do que isto que já estamos neste momento a conseguir(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) algumas delas não conseguem nem sequer escrever (…)" *" (…) terá que ser o seu filho a escrever (…)"* *" (…) vai lá o filho a casa e diz: "Olha mãe, está aqui este caderno e escreves aqui qualquer coisa" (…)"*
		Existem famílias que se dirigem às instituições para mencionar as competências adquiridas	*" (…) porque muitas vezes essas que não conseguem escrever vêm cá directamente e dizem: "O meu filho mudou a este nível…" (…)"* *"Por exemplo se era pouco cuidado com a sua higiene (…)"* *" (…) pouco cuidado com a mudança de roupa (…)"* *" (…) e agora exige que a mudança de roupa seja todos os dias (…)"* *" (…) são mudanças que eles próprios sentem pela nossa acção aqui (…)"* *" (…) mas que eles também vão se apercebendo."*
		A família é sempre considerada na intervenção prestada	*"Isto porque a família existe (…)"* *" (…) funcione melhor ou pior deve continuar a apoiar as pessoas com deficiência (…)"* *" (…) dependentes a todos os títulos (…)"* *" (…) mas também temos a noção que algumas das famílias com pais envelhecidos ou aqueles que já não tem pai ou mãe (…)"* *" (…) e temos três casos de pessoas que não tem pai nem mãe (…)"* *" (…) tem os seus tutores necessitam de um apoio cada vez maior da parte da Instituição."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Formação específica	Famílias precisam de um trabalho a vários domínios	*"Eu acho que sim, acho que sim."* *"As famílias, muitas delas tem que ser trabalhadas do ponto de vista cultural, do ponto de vista social (…)"* *" (…) muitas delas não tem hábitos(…)"* *" (…) e vê-se perfeitamente por aquilo que é os sintomas do seu filho (…)"* *" (…) não tem hábitos de higiene (…)"* *" (…) não há hábitos de saber – ser e estar (…)"* *" (…) e há todo um trabalho que é preciso desenvolver com as próprias famílias."*
		Na instituição existe um espaço que trabalha com as famílias	*"Nós temos um espaço com as famílias, aqui na instituição (…)"* *" (…) a funcionar desde há meia dúzia de anos (…)"* *" (…) onde eu comecei a trabalhar com as famílias (…)"* *" (…) inicialmente numa perspectiva mais espontânea de temas (…)"* *"Tudo isto foi trabalhado com contexto das famílias e houve mudanças significativas."*
		Trabalha-se em pequenos grupos sobre diversos temas	*"As famílias eram convocadas a aparecer em pequenos grupos não mais de 12 pessoas (…)"* *" (…) em que os temas eram os mais diversos (…)"* *" (…) e que cada um trazia o seu problema (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Acções com uma função terapêutica para a família	*"Estes grupos de família tiveram inicialmente uma função terapêutica importantíssima do ponto de vista até terapêutica para a própria família (…)"* *" (...) isto é, alguns deles sofriam imenso com aquilo que tinha sido o luto que nunca conseguiram fazer do seu filho (…)"* *" (…) problemas como confrontar e enfrentar a sociedade relativamente aos mais diferentes aspectos (…)"* *" (…) e aqueles que já estavam noutro grau de desenvolvimento a este nível(…)"* *" (…) ajudaram-nos imenso a mudar de atitude (…)"* *" (…) e portanto é algo que é importante."* *"Outros aspectos mais pontuais que é necessário serem trabalhados como a forma de agir com o seu filho (…)"* *" (…) tudo isto foi trabalhado (…)"* *" (…) atitudes pedagógicas para com o seu filho (…)"* *" (…) a exigência devidamente condimentada com a compreensão (…)"*
		Formação permite equilibrar certos tipos de comportamentos	*" (…) portanto este tipo de atitudes que alguns deles tinham em exagero outros tinham por defeito (…)"* *" (…) houve que acertar e que equilibrar essa realidade (…)"* *" (…) e foi no seio das famílias que tudo isto foi trabalhado."* *" (…) e nalguns deles temos que ser mais incisivos e directos (…)"* *" (…) e dizer: "Cuidado, com este*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			aspectos, cuidado com o outro que está a ser negligenciado…”.”
		Aspectos mais práticos da vida diária	*“Do ponto de vista do cuidar dos seus filhos (…)”* *“ (…) dos cuidados a ter com ele ao nível da higiene (…)”* *“ (…) dos cuidados alimentares (…)”* *“ (…) ao nível dos cuidados até do arranjo do pessoal (…)”* *“ (…) do visual (…)”* *“ (…) tudo isto tem que ser trabalhado(…)”*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
IV. Inclusão Social	Sociedade	Estimulando a aprendizagem das pessoas com deficiência consegue-se bons resultados	*“Posso-lhe dizer que não aqui (…)”* *“ (…) mas no centro pré – profissional da Cerci (…)”* *“ (…) pessoas que chegavam lá que não tinham tido uma oportunidade de ir para escola nenhuma, isto nos anos 80 e tais (…)”* *“ (…) conseguimos com eles fazer um quarto ano de escolaridade (…)”* *“ (…) porque nunca tinham sido trabalhados nessa área.”* *“Portanto foi feita uma avaliação (…)”* *“ (…) e nisso viu-se o seu potencial cognitivo e intelectual (…)”* *“ (…) apostámos numa intervenção educativa (…)”* *“ (…) e conseguimos por exemplo resultados a esse nível (…)”*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) aqui já não tanto (…)"
		Mudanças de atitudes	*"Eu diria assim, as mudanças foram significativas desde, eu estou nesta área a trabalhar há 27 anos (…)"* *" (…) e de facto é do dia para a noite as alterações de mentalidades (…)"* *" (…) de mudanças de atitudes (…)"* *" (…) que houve ao longo desta década e meia mais década e meia que eu conheço esta realidade."* *"Se me diz que é favorável (…)"* *" (…) há um grau de aceitação muito maior (…)"* *" (…) é evidente que existem atitudes ainda negativas relativamente a estas pessoas (…)"* *" (…) os problemas da aceitação (…)"* *" (…) agora que houve uma mudança significativa sem dúvida."*
		As diferenças ainda são um problema	*" (…) as diferenças continuam a ser um problema (…)"* *" (…) eles ainda continuam a ser estigmatizados por aquilo que são (…)"* *" (…) os problemas que revelam a nível comportamental (…)"* *" (…) a não aceitação em algumas dimensões que era importante que começassem a ser aceites (…)"* *" (…) como seja a vida familiar (…)"* *" (…) a vida afectiva, a vida sexual, dessas pessoas que não é aceite pela sociedade, por exemplo."* *"Há muitas múltiplas situações em que os comportamentos dos jovens são completamente aceites,*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			determinados tipos de atitudes e comportamentos sociais e de namoro, por exemplo, a nível social (…)" *" (…) se são pessoas com deficiência, alto lá são loucos a fazer isto…"* *"Pronto de facto começa a haver um estigma em torno desta população (…)"*
		Exercício da cidadania	*"Plena cidadania (…)"* *" (…) isso será difícil que cheguemos a essa plena cidadania."* *"Agora tendencialmente vai nesse sentido (…)"* *" (…) a melhoria e a afirmação dos direitos das pessoas em geral (…)"*
		Afirmação da pessoa com deficiência	*" (…) e das pessoas com deficiência em particular (…)"* *" (…) acho que é algo que tem vindo a melhorar."* *"As questões dos direitos destas pessoas com as questões dos direitos internacionais (…)"* *" (…) com a integração social (…)"* *" (…) as acessibilidades (…)"*
		Continuam a existir constrangimentos	*" (…) tantas outras coisas que continuam a ser problemáticas (…)"* *" (…) não há dúvida nenhuma nisso(…)"* *" (…) sabemos que as estruturas físicas são difíceis de modificar (…)"* *" (…) adaptar porque infelizmente as barreiras ainda são mais do que muitas (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		É um processo social	*" (…) mas é algo que, é um processo que está a decorrer (…)"* *" (…) agora não há duvida que melhores dias virão (…)"* *" (…) os princípios estão definidos(…)"* *" (…) os direitos também consignados(…)"* *" (…) portanto espera-se que pouco a pouco (…)"* *" (…) paulatinamente as coisas vão melhorando."*
	Emprego	Existe uma maior aceitação	*"Do ponto de vista profissional, as coisas mudaram significativamente também (…)"* *" (…) a aceitação deles no contexto do trabalho penso que a mudança de atitudes relativamente à imagem que vi do preconceito de que estas pessoas não eram capazes de fazer nada (…)"* *" (…) mudou ao longo deste tempo todo."* *" (…) mas que mudaram e houve mudanças ao longo destes anos todos."*
		Continuam a ser as vítimas mais frágeis em tempos de crise	*"No entanto, não há dúvida nenhuma de quando as conjunturas e as dificuldades são grandes (…)"* *" (…) eles serão se calhar as primeiras vítimas (…)"* *" (…) os mais frágeis que ficam renegados na sociedade (…)"* *" (…) sobretudo em conjunturas de crise como a que temos actualmente, não tenho duvida nenhuma."* *"Portanto são dificuldades existentes(…)"*

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: ELO SOCIAL

1- Temos jovens que no Centro de Emprego Protegido prestam serviços à comunidade
2- nas áreas da Jardinagem,
3- da Carpintaria,
4- na área dos estofos,
5- temos uma lavandaria industrial
6- e temos uma área de outros serviços onde articulamos sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa,
7- através do apoio que nós damos aos jovens
8- que desempenham a função de ajudantes na carrinha de acção social da câmara
9- que transporta os jovens com deficiência da cidade de Lisboa,
10- eles através do protocolo,
11- desempenham a sua função de uma forma integrada com os motoristas da Câmara
12- e prestam este serviço de apoio à CM Lisboa.
13- Temos, também um protocolo com o aeroporto de Lisboa,
14- mediante o qual nos fazemos a embalagem dos talheres para o aeroporto.
15- A carpintaria desenvolve trabalhos junto da manutenção
16- e reparação de pequeno mobiliário: cadeiras, sofás, etc.,
17- pequenas coisas que vão sendo reparadas
18- e outros trabalhos que vão pontualmente depois aparecendo.
19- O estofamento fazemos sobretudo a reparação de maples, sofás, cadeiras, fazemos cortinados, também.
20- Temos uma área de lavandaria em que como lhe disse,
21- prestamos serviços exteriores
22- sobretudo à área da restauração e a jardinagem que trabalhamos para diferentes clientes,
23- alguns deles particulares,
24- escolas,
25- a Câmara Municipal de Lisboa, com quem temos um protocolo também,
26- é um pouco esta a orientação desta estrutura empresarial de emprego protegido.

27- Depois temos 74 que estão no Centro de Actividades Ocupacionais
28- é pessoas com o nível de deficiência grave, moderado ou profundo,
29- que não tem capacidade de realizar um trabalho produtivo
30- e como tal estão integrados nesta valência,
31- ou objectivos mais de natureza terapêutica ou pedagógica, assistencial
32- e onde também estão divididos em dois sectores
33- um deles é o sector de actividades ocupacionais úteis
34- em que na medida do possível procuramos rentabilizar algumas das capacidades funcionais que ainda têm, de modo a que eles também se sintam realizados
35- executando tarefas úteis à sociedade,
36- sobretudo temos utilizado mais uma filosofia de sub contratação de tarefas às empresas,
37- isto é, nós pesquisamos no tecido empresarial alguns tipos de tarefas simples que seja preciso ser executada por uma mão-de-obra intensiva,
38- até muitas vezes executada em série numa linha
39- e eles executam estas tarefas com uma grande satisfação,
40- as quais a montagem de berbequins eléctricos,
41- temos um protocolo com a BP, mediante o qual nós fazemos a embalagem de alguns materiais
42- que por sua vez são expedidos depois para os clientes para fazer a recolha de amostra de produtos da BP.
43- Temos também outros trabalhos
44- que como seja a embalagem de cabos para computadores de uma outra empresa,
45- temos outro trabalho que é a embalagem e a dobragem de cartolinas,
46- temos um conjunto de tarefas no mercado
47- e que se coadunam com as capacidades funcionais deles.
48- Este sector que tem esta natureza terapêutica e pedagógica,
49- complementarmente a estas tarefas ocupacionais,
50- tem um conjunto de actividades de natureza terapêutica e pedagógica,
51- como seja a educação física,
52- a ginástica,
53- no desporto a natação,
54- a hidromassagem, temos a área da fisioterapia,

55- temos a área na componente pedagógica do desenvolvimento pessoal, social e cultural.
56- Temos a área das expressões,
57- a formação musical,
58- o teatro,
59- têm o grupo rock que inclusive tem abrilhantado festas particulares e oficiais,
60- tem actividades a nível do folclore,
61- dança,
62- uma multiplicidade de actividades de natureza,
63- algumas delas terapêuticas
64- outras mais lúdicas e recreativas,
65- de integração social,
66- o grande objectivo é que estejam mais integrados socialmente.
67- Para além destas duas valências de que lhe falei, CEP e CAO, temos a área residencial,
68- que aparece neste projecto como o núcleo central das preocupações das famílias que há 25 anos iniciaram este projecto
69- e criaram a Instituição Elo Social,
70- para que no futuro os seus filhos tenham uma guarida após a morte dos pais,
71- após a falta dos pais,
72- de modo que a residência surgiu desde logo,
73- como a grande motivação deste projecto
74- e dos pais que o pensaram e o executaram até ao momento.
75- Actualmente temos 35 camas,
76- que estão repartidas por quatro residências,
77- três das residências, com cariz mais protegido e assistencial,
78- uma delas tem o objectivo de formação para a vida autónoma e independente,
79- mas cada uma para elas tem capacidade para 10,
80- portanto aqui no interior temos 30 camas,
81- duas delas sim, com uma natureza mais assistencial e protegida para casos com um nível de deficiência grave e profundo.
82- A terceira aqui dentro, com capacidade, também para 10,
83- vocacionada para a formação para a autonomia e vida independente.
84- Temos uma já no exterior que funciona como uma residência supervisionada

85- e que se destina a proporcionar aqueles que tendo passado pela formação para a autonomia,

86- querem ter uma vida mais autónoma e independente e integrada mais no contexto da comunidade

87- e transitam rotativamente por essa residência,

88- actualmente para 20 e tal pessoas em cada mês.

89- Portanto 35 camas,

90- mas não é meramente sinónimo que demos resposta a 35 pessoas,

91- porque a nossa filosofia de funcionamento em termos residenciais é que a residência seja uma estrutura de apoio supletiva à família.

92- Isto porque a família existe,

93- funcione melhor ou pior deve continuar a apoiar as pessoas com deficiência,

94- dependentes a todos os títulos,

95- mas também temos a noção que algumas das famílias com pais envelhecidos ou aqueles que já não tem pai ou mãe

96- e temos três casos de pessoas que não tem pai nem mãe,

97- tem os seus tutores necessitam de um apoio cada vez maior da parte da Instituição.

98- No futuro, o projecto residencial que até agora está confinado a estas 35 camas

99- poderá vir a expandir-se criando núcleos mais integrados na comunidade.

100- Os apartamentos são supervisionados,

101- que estão neste momento consignados no âmbito da Segurança Social

102- ir criar estas pequenas unidades de apoio residencial,

103- onde nós em principio podemos vir a alargar o apoio à nossa população.

104- A equipa de profissionais tem técnicos superiores,

105- psicólogos temos dois,

106- temos uma técnica de serviço social,

107- temos uma técnica de *psicopedagogia*,

108- temos uma fisioterapeuta,

109- um professor de educação física,

110- um animador sociocultural e assim muito rapidamente…

111- Temos uma professora de teatro, também, mas em regime de *part – time*, também a recibo verde.

112- Depois temos as equipas de apoio auxiliar ao nível do Centro de Actividades Ocupacionais,
113- temos monitoras de actividades ocupacionais e de reabilitação,
114- temos ajudantes de acção directa à residência.
115- Ao nível do CEP temos encarregados responsáveis por cada uma das unidades de prestação de serviços.
116- Habitualmente as pessoas vêm-se inscrever à Instituição
117- e a inscrição é porque têm conhecimento da instituição
118- ou porque alguém lhes diz.
119- É mediante a lista de inscrição,
120- sempre que haja alguma vaga que nós fazemos a respectiva avaliação, selecção e admissão.
121- Actualmente só para ter uma ideia da procura do serviço da nossa Instituição, temos mais de 300 pessoas inscritas em lista de espera.
122- Fazemos uma avaliação do ponto de vista psicológico,
123- do ponto de vista social,
124- clínico,
125- desde logo o critério é integrar-se na tipologia da nossa instituição, a deficiência mental,
126- predominantemente apoiamos as pessoas com deficiência mental
127- e depois temos os nossos critérios de admissão,
128- por um lado que corresponda às características da vaga a preencher,
129- os candidatos que se enquadram dentro da tipologia da vaga,
130- depois temos outro critério que tem a ver com a zona de localização,
131- temos outro critério que tem a ver com o empenho e motivação demonstrado pela pessoa desde o momento da inscrição na vida da instituição,
132- poderá ter-se empenhado tanto que tenha arranjado 10 ou 15 sócios contribuintes
133- que também ajudam a instituição a arranjar receitas,
134- ou que colaborem no voluntariado é um outro critério que nós temos em conta.
135- Basicamente são estes os critérios que estão na cabeça do processo de admissão.
136- A avaliação é feita por uma equipa multidisciplinar,
137- habitualmente constituída por um psicólogo,

138- pela técnica de serviço social
139- e se necessário se entendermos a fisioterapeuta
140- ou se for identificado problemas nessa área,
141- às vezes pede-se alguma ajuda à técnica de psicopedagogia, isto num primeiro momento.
142- Depois fazemos uma avaliação mais cuidada,
143- já na perspectiva de se fazer um diagnóstico mais aprofundado,
144- com vista a estabelecer-se um plano de intervenção.
145- Com certeza que sim.
146- Avaliamos a componente social
147- que é a fundamental fazer uma avaliação do agregado familiar nos seus múltiplos aspectos,
148- capacidade social,
149- económica que envolvem a família
150- e a situação de desprotecção que exista a nível do filho,
151- por vezes tem um único pai,
152- uma única mãe,
153- as vezes não tem pai nem mãe,
154- tudo isso é objecto de uma caracterização e avaliação
155- e é tido em conta como factor de admissão.
156- Acções,
157- actividades,
158- sobretudo o nosso trabalho passa todo por um plano de intervenção individual
159- e colectiva ao nível da instituição e das actividades que nós promovemos.
160- Nós apostamos apesar de alguns deles já terem passado por um conjunto de instituições,
161- escolas, etc.
162- e que aparentemente se esgotaram algumas competências
163- ou capacidades de desenvolvimento,
164- nós apostamos sempre no desenvolvimento com a componente do desenvolvimento pessoal
165- que é fundamental para nós.
166- Portanto a melhoria de competências de natureza social
167- e cultural,

168- ás vezes académica até,
169- continua a estar presente no sentido de ele poder,
170- depois vir a adaptar-se do ponto de vista social.
171- Desenvolvemos com eles depois múltiplas actividades,
172- e estamos a reportar-nos aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais,
173- múltiplas actividades inseridas na comunidade,
174- muitas visitas a museus,
175- idas ao cinema,
176- às quintas pedagógicas a tudo e mais alguma coisa,
177- estão permanentemente semana após semana a sair grupos para este tipo de actividades de natureza social, cultura e de integração,
178- existe actualmente no âmbito da área da educação física um programa de actividades que foi consignado de encontro inter centros,
179- em que cada instituição, não sei se ao todo, devem ser uma 20 ou 20 e tal aqui da zona da grande Lisboa,
180- onde cada instituição promove uma actividade
181- e todos os outros vão
182- e participam nessa actividade,
183- no caso concreto aqui, traduz-se numa actividade anual que são os Jogos da Primavera que desenvolvemos em Maio
184- e na qual participam à volta de 1000 pessoas,
185- todos os anos, aqui na Instituição,
186- são jogos criativos.
187- Em cada ano trabalhamos um tema,
188- de modo a motivar a todos à participação,
189- não só a participação na construção dos jogos,
190- depois também no próprio dia,
191- os externos são levados a participar,
192- de forma integrada inclusive não nos limitamos meramente a chamar os nossos pares no âmbito do seu instituto de reabilitação,
193- mas também as escolas da zona de ensino básico,
194- do secundário,
195- as pessoas idosas dos centro de dia aqui da zona têm participado,

196- de Sacavém inclusive tem uma instituição que tem vindo a participar nos nossos jogos.
197- Desenvolvemos um conjunto de actividades
198- com aqueles que estão no centro de actividades ocupacionais
199- que promovem permanentemente a sua inclusão social, a sua integração.
200- Por outro lado, ao nível do emprego protegido
201- as actividades que nós desenvolvemos vão no sentido de melhorar cada vez mais as suas competências de natureza profissional, sempre que possível
202- e existe sempre um objectivo ligado ao CEP,
203- que procuramos encontrar oportunidades no sentido de transitarem para uma integração mais plena nas empresas, quando surge alguma oportunidade
204- e sobretudo no dia-a-dia nós procuramos trazer aqui os clientes
205- e são muitas as pessoas que procuram aqui diariamente a instituição, na área da lavandaria, dos estofos, carpintaria, etc.
206- como também eles são inseridos no exterior como eu digo, neste momento,
207- apesar de serem oficinas protegidas mais de 50% dos nossos trabalhadores de emprego protegido estão a prestar serviços na comunidade,
208- 8 no tal serviço de apoio aos transportes adaptados de acção social na CM Lisboa,
209- são actualmente 9 que estão a ir todos a prestar serviços de jardinagem no exterior,
210- portanto são todo são 17 pessoas que já estão integrados na comunidade
211- e integrados no tecido económico.
212- Sim muitos deles passaram pela escola
213- e pela educação especial nas escolas,
214- muitos passaram pelas Cerci's, passaram por todos esses programas.
215- Aliás este projecto nasceu há 25 anos no seio da Cerci de Lisboa,
216- este grupo de pais, na qual eu na qualidade de técnico me incluo
217- entendeu avançar com este projecto,
218- porque havia algo que havia algo que terminava a partir dos 24 anos,
219- no ponto de vista de intervenção, o que altura não havia respostas ou quase nenhumas haviam nesta área.
220- No emprego protegido não havia, aliás os normativos referentes ao emprego protegido nasceram em 1983,

221- quando nós arrancámos com a nossa instituição.
222- Os Centro de Actividades Ocupacionais não existiam,
223- porque as Cerci não podiam criar na altura centros ocupacionais,
224- de modo que grande parte deles e esgotado o projecto educativo não tinham para onde ir,
225- voltavam para casa,
226- perdendo todo o investimento que tinha sido feito aos mais diferentes níveis de autonomia, de desenvolvimento de competências,
227- porque ficariam segregados nas suas casas,
228- e não tinham hipótese nenhuma de prosseguir no apoio a estas pessoas,
229- de modo que passaram grande parte deles pelo projecto educativo,
230- pelo projecto de formação profissional,
231- alguns deles passaram pelo programa pré – profissional
232- e outros mesmo de profissionalização,
233- alguns deles conseguiu-se a sua integração profissional
234- e eu recordo-me porque estive oito anos à frente do centro de pré – formação profissional da Cerci e conseguiu-se bastantes integrações,
235- mas havia depois um conjunto deles que não tiveram oportunidade de inserção nas empresas,
236- daí que havia de encontrar algo de alternativo
237- e foi nessa altura que apareceu o projecto de emprego protegido,
238- onde houve a possibilidade de encaminhamento dessas pessoas que não tinham como integrar-se no mercado aberto de trabalho.
239- Tudo isto foi um processo
240- mas há todo um trabalho por trás.
241- Houve alguns que vieram directamente de casa,
242- não tinham passado por instituições,
243- estavam em casa,
244- não tinham tido oportunidade,
245- ou por opção da família que não quiseram investir na educação,
246- porque alguns deles tem capacidades muito reduzidas,
247- com défices cognitivos muito grandes,
248- temos alguns deles que vieram directamente de casa.
249- Fazendo uma avaliação cuidada no inicio,

250- claro que esses casos em que não existe um histórico do ponto de vista de intervenção atrás deles,
251- mais cuidado temos que ter numa avaliação rigorosa nas suas capacidades no sentido de depois de vermos o que é que podemos fazer com eles.
252- Posso-lhe dizer que não aqui,
253- mas no centro pré – profissional da Cerci,
254- pessoas que chegavam lá que não tinham tido uma oportunidade de ir para escola nenhuma, isto nos anos 80 e tais,
255- conseguimos com eles fazer um quarto ano de escolaridade,
256- porque nunca tinham sido trabalhados nessa área.
257- Portanto foi feita uma avaliação
258- e nisso viu-se o seu potencial cognitivo e intelectual
259- apostámos numa intervenção educativa
260- e conseguimos por exemplo resultados a esse nível,
261- aqui já não tanto,
262- mas houve casos em que eles vieram directamente das famílias,
263- eram casos com nível de deficiência mais acentuado
264- e sobretudo o que trabalhámos muito foi os aspectos de autonomia pessoal, social, mudanças comportamentais,
265- porque os vícios e as dependências eram enormes,
266- havia alguns que vinham e que nunca tinham sido trabalhados minimamente por parte das famílias,
267- de modo que foi todo um trabalho de melhoria e de mudanças neste domínio sobretudo.
268- Sim, nós somos muito exigentes.
269- Aqui a instituição, para além de ser uma associação
270- e como tal associados que são da associação, têm deveres enquanto sócios,
271- na assembleia-geral,
272- de participação na gestão colectiva da instituição.
273- Do ponto de vista técnico, terapêutico, pedagógico,
274- nós temos uma política de envolvimento e participação das famílias enorme
275- e não os deixamos sossegados
276- e chateamo-los permanentemente através de comunicações,
277- de exigências de vir aqui para tratar de assuntos em concreto,

278- de uma envolvimento agora mais recente deles
279- e participação na definição, desenvolvimento e execução do plano de intervenção de cada um,
280- isto é, eles sabem diariamente ou mensalmente digamos,
281- mas diariamente podem-no fazê-lo também,
282- qual é o objectivo específico que estamos a trabalhar para cada um
283- e eles são parte interessada e importantíssima no nosso ponto de vista,
284- para que nós consigamos melhorar determinadas competências do seu filho.
285- A nossa orientação técnica, neste momento, dirige-se muito
286- e é muito orientada pelo modelo da Associação Americana para o Estudo da Deficiência Metal
287- e as 10 áreas de competência adaptativa são objecto de operacionalização e aplicação individual a cada caso mês após mês,
288- por forma a que focalizando-nos mais um mês numa competência adaptativa,
289- consigamos identificar o potencial de desenvolvimento
290- ainda que seja em coisas minúsculas que muitas vezes os pais e nós não nos apercebermos,
291- mas que haja uma operacionalização completa conseguimos descobrir áreas de intervenção em que é possível trabalhar alguma coisa,
292- apesar de alguns deles terem 50 anos
293- e portanto envolvemos as famílias permanentemente no processo de definição,
294- ainda tivemos a reunião de balanço de 2008,
295- em que feito o balanço exigimos a cada um que nos fizesse chegar aspectos que são importantes serem trabalhados no seu filho
296- e que para eles são relevantes no sentido da melhoria e mudança de alguns comportamentos
297- e melhoria de competências,
298- vamos envolvê-los, como lhe disse, na definição específica do aspecto que está a ser trabalhado,
299- vai um livrinho para casa escrito de qual é o objectivo,
300- que é o livrinho da comunicação, entre família e instituição,
301- em que eles vão pôr as suas anotações de como é que estão a ver o trabalho que está a ser desenvolvido,
302- que impacto está a ter no contexto da casa

303- e de alguma competência que está a ser melhorada ou comportamento a melhorar
304- e portanto faz-se permanentemente o processo de avaliação,
305- de feedback em permanência com a família.
306- Este envolvimento da família é para nós importante,
307- porque a família é um parceiro no desenvolvimento da pessoa
308- e como tal tem que trabalhar connosco.
309- Posso-lhe dizer o seguinte, desde que iniciámos esta estratégia técnico – pedagógica com um envolvimento mais directo
310- e esta comunicação permanente com a família,
311- posso-lhe dizer que a adesão inicial no primeiro ano, isto começámos há dois anos em 2007,
312- tivemos ai não mais de 10 pessoas que escreviam no caderno
313- e que nos davam feedback a dizer se o seu filho estava a conseguir ou a melhorar.
314- Neste momento já temos uma adesão de mais, na ordem dos 75%,
315- portanto veja a melhoria já de participação dos pais em todo este processo,
316- inicialmente é provável que não tenham compreendido muito bem a nossa filosofia.
317- Mas com um trabalho continuado de chamadas de atenção,
318- de também informação mais cuidada que era feita nas reuniões de pais,
319- aumentou para 75% em 2008,
320- o grau de participação das famílias no trabalho directo connosco.
321- Eu considero que a nossa dinâmica implementada desde o seu início se situa num grau bom,
322- não posso exigir muito mais,
323- porque aqueles que menos participam provêem das famílias mais fragilizados do ponto de vista social, cultural
324- e que também não é possível esperar muito mais do que isto que já estamos neste momento a conseguir,
325- algumas delas não conseguem nem sequer escrever,
326- terá que ser o seu filho a escrever,
327- vai lá o filho a casa e diz: *"Olha mãe, está aqui este caderno e escreves aqui qualquer coisa"*,

328- porque muitas vezes essas que não conseguem escrever vêm cá directamente e dizem: *"O meu filho mudou a este nível…"*

329- Por exemplo se era pouco cuidado com a sua higiene,

330- pouco cuidado com a mudança de roupa

331- e agora exige que a mudança de roupa seja todos os dias,

332- são mudanças que eles próprios sentem pela nossa acção aqui,

333- mas que eles também vão se apercebendo.

334- Eu acho que sim, acho que sim.

335- As famílias, muitas delas tem que ser trabalhadas do ponto de vista cultural, do ponto de vista social,

336- muitas delas não tem hábitos

337- e vê-se perfeitamente por aquilo que é os sintomas do seu filho,

338- não tem hábitos de higiene,

339- não há hábitos de saber – ser e estar

340- e há todo um trabalho que é preciso desenvolver com as próprias famílias.

341- Nós temos um espaço com as famílias, aqui na instituição,

342- a funcionar desde há meia dúzia de anos,

343- onde eu comecei a trabalhar com as famílias,

344- inicialmente numa perspectiva mais espontânea de temas.

345- As famílias eram convocadas a aparecer em pequenos grupos não mais de 12 pessoas

346- em que os temas eram os mais diversos

347- e que cada um trazia o seu problema

348- e era partilhado no todo dos seus pares família.

349- Estes grupos de família tiveram inicialmente uma função terapêutica importantíssima do ponto de vista até terapêutica para a própria família,

350- isto é, alguns deles sofriam imenso com aquilo que tinha sido o luto que nunca conseguiram fazer do seu filho,

351- problemas como confrontar e enfrentar a sociedade relativamente aos mais diferentes aspectos

352- e aqueles que já estavam noutro grau de desenvolvimento a este nível,

353- ajudaram-nos imenso a mudar de atitude

354- e portanto é algo que é importante.

355- Outros aspectos mais pontuais que é necessário serem trabalhados como a forma de agir com o seu filho,

356- tudo isto foi trabalhado,

357- atitudes pedagógicas para com o seu filho,

358- a exigência devidamente condimentada com a compreensão,

359- portanto este tipo de atitudes que alguns deles tinham em exagero outros tinham por defeito,

360- houve que acertar e que equilibrar essa realidade

361- e foi no seio das famílias que tudo isto foi trabalhado.

362- Do ponto de vista do cuidar dos seus filhos,

363- dos cuidados a ter com ele ao nível da higiene,

364- dos cuidados alimentares,

365- ao nível dos cuidados até do arranjo do pessoal,

366- do visual,

367- tudo isto tem que ser trabalhado

368- e nalguns deles temos que ser mais incisivos e directos

369- e dizer: "*Cuidado, com este aspectos, cuidado com o outro que está a ser negligenciado…*".

370- Tudo isto foi trabalhado com contexto das famílias e houve mudanças significativas.

371- Eu diria assim, as mudanças foram significativas desde, eu estou nesta área a trabalhar há 27 anos,

372- e de facto é do dia para a noite as alterações de mentalidades,

373- de mudanças de atitudes,

374- que houve ao longo desta década e meia mais década e meia que eu conheço esta realidade.

375- Se me diz que é favorável,

376- há um grau de aceitação muito maior

377- é evidente que existem atitudes ainda negativas relativamente a estas pessoas,

378- os problemas da aceitação,

379- as diferenças continuam a ser um problema,

380- eles ainda continuam a ser estigmatizados por aquilo que são,

381- os problemas que revelam a nível comportamental,

382- a não aceitação em algumas dimensões que era importante que começassem a ser aceites,

383- como seja a vida familiar,

384- a vida afectiva, a vida sexual, dessas pessoas que não é aceite pela sociedade, por exemplo.

385- Há muitas múltiplas situações em que os comportamentos dos jovens são completamente aceites, determinados tipos de atitudes e comportamentos sociais e de namoro, por exemplo, a nível social,

386- se são pessoas com deficiência, alto lá são loucos a fazer isto…

387- Pronto de facto começa a haver um estigma em torno desta população,

388- agora que houve uma mudança significativa sem dúvida.

389- Do ponto de vista profissional, as coisas mudaram significativamente também,

390- a aceitação deles no contexto do trabalho penso que a mudança de atitudes relativamente à imagem que vi do preconceito de que estas pessoas não eram capazes de fazer nada,

391- mudou ao longo deste tempo todo.

392- No entanto, não há dúvida nenhuma de quando as conjunturas e as dificuldades são grandes,

393- eles serão se calhar as primeiras vítimas,

394- os mais frágeis que ficam renegados na sociedade

395- sobretudo em conjunturas de crise como a que temos actualmente, não tenho duvida nenhuma.

396- Portanto são dificuldades existentes,

397- mas que mudaram e houve mudanças ao longo destes anos todos.

398- Plena cidadania,

399- isso será difícil que cheguemos a essa plena cidadania.

400- Agora tendencialmente vai nesse sentido,

401- a melhoria e a afirmação dos direitos das pessoas em geral

402- e das pessoas com deficiência em particular

403- acho que é algo que tem vindo a melhorar.

404- As questões dos direitos destas pessoas com as questões dos direitos internacionais,

405- com a integração social,

406- as acessibilidades,

407- tantas outras coisas que continuam a ser problemáticas,

408- não há dúvida nenhuma nisso,

409- sabemos que as estruturas físicas são difíceis de modificar,

410- adaptar porque infelizmente as barreiras ainda são mais do que muitas,

411- mas é algo que, é um processo que está a decorrer,

412- agora não há duvida que melhores dias virão,

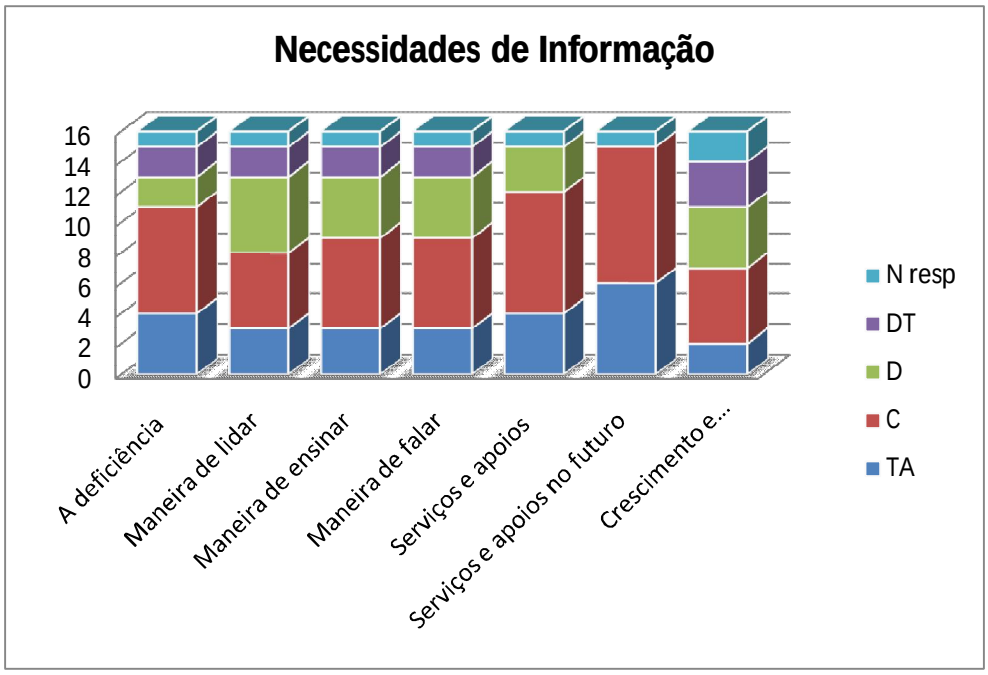
413- os princípios estão definidos,

414- os direitos também consignados,

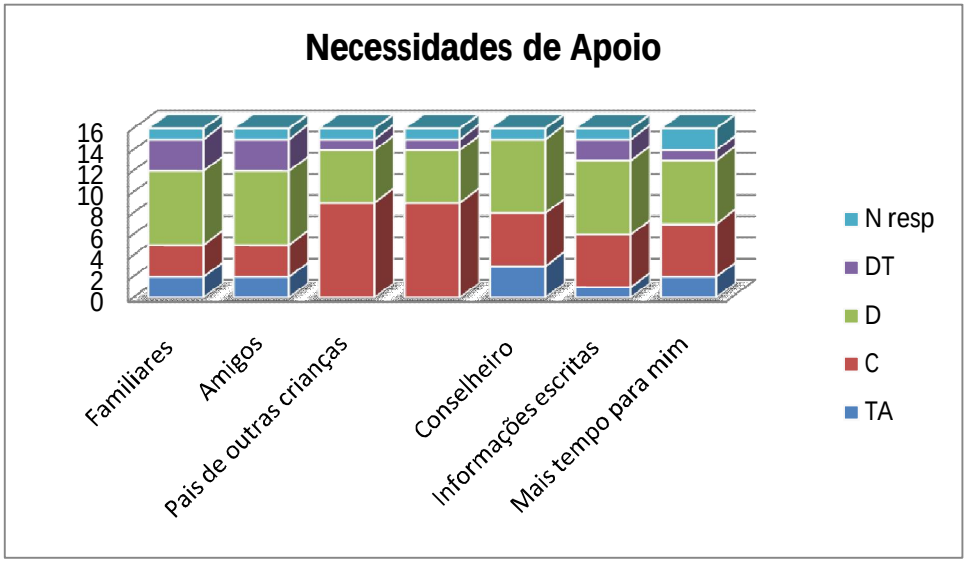
415- portanto espera-se que pouco a pouco,

416- paulatinamente as coisas vão melhorando.

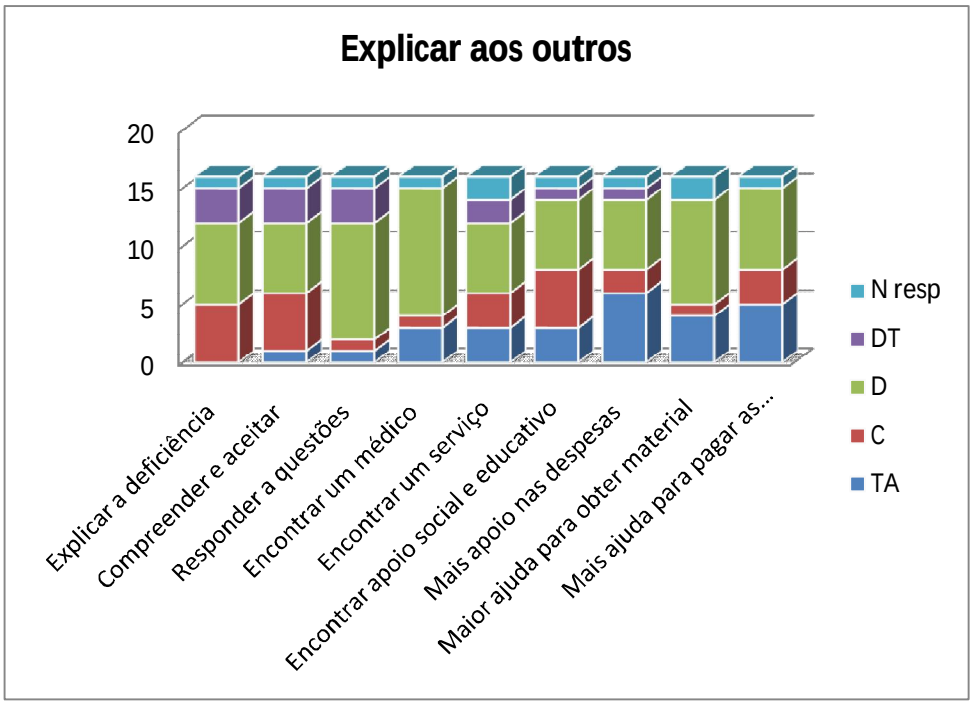
Necessidades de informação					
	TA	C	D	DT	N resp
A deficiência	4	7	2	2	1
Maneira de lidar	3	5	5	2	1
Maneira de ensinar	3	6	4	2	1
Maneira de falar	3	6	4	2	1
Serviços e apoios	4	8	3	0	1
Serviços e apoios no futuro	6	9	0	0	1
Crescimento e Desenvolvimento	2	5	4	3	2



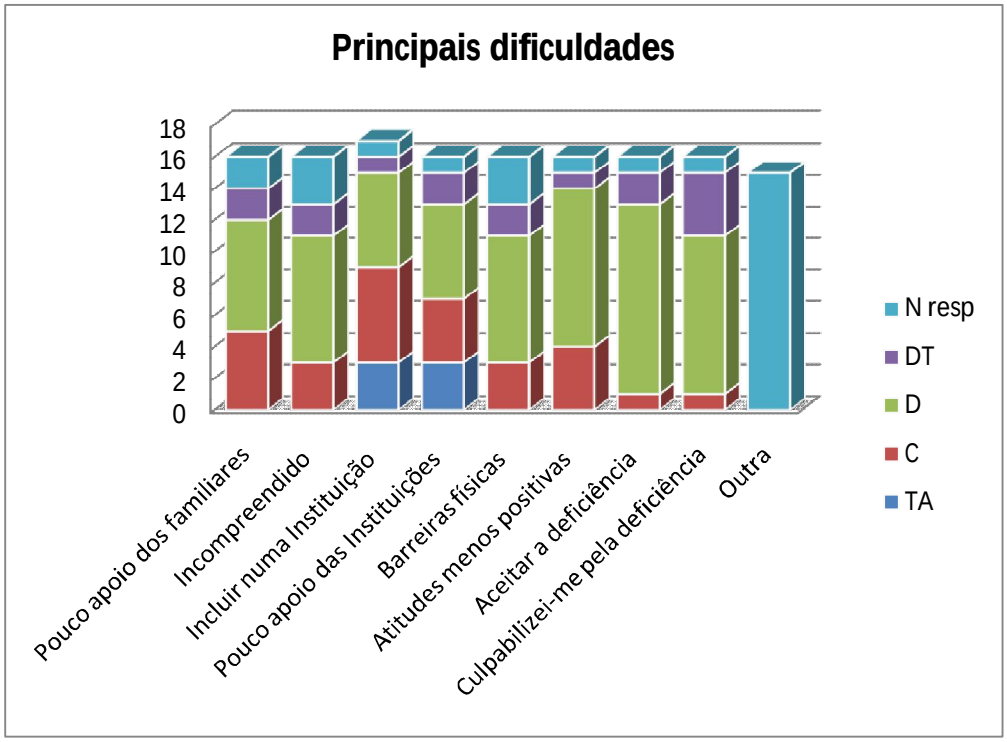
Necessidades de Apoio					
	TA	C	D	DT	N resp
Familiares	2	3	7	3	1
Amigos	2	3	7	3	1
Pais de outras crianças	0	9	5	1	1
Professores e Terapeutas	0	9	5	1	1
Conselheiro	3	5	7	0	1
Informações escritas	1	5	7	2	1
Mais tempo para mim	2	5	6	1	2



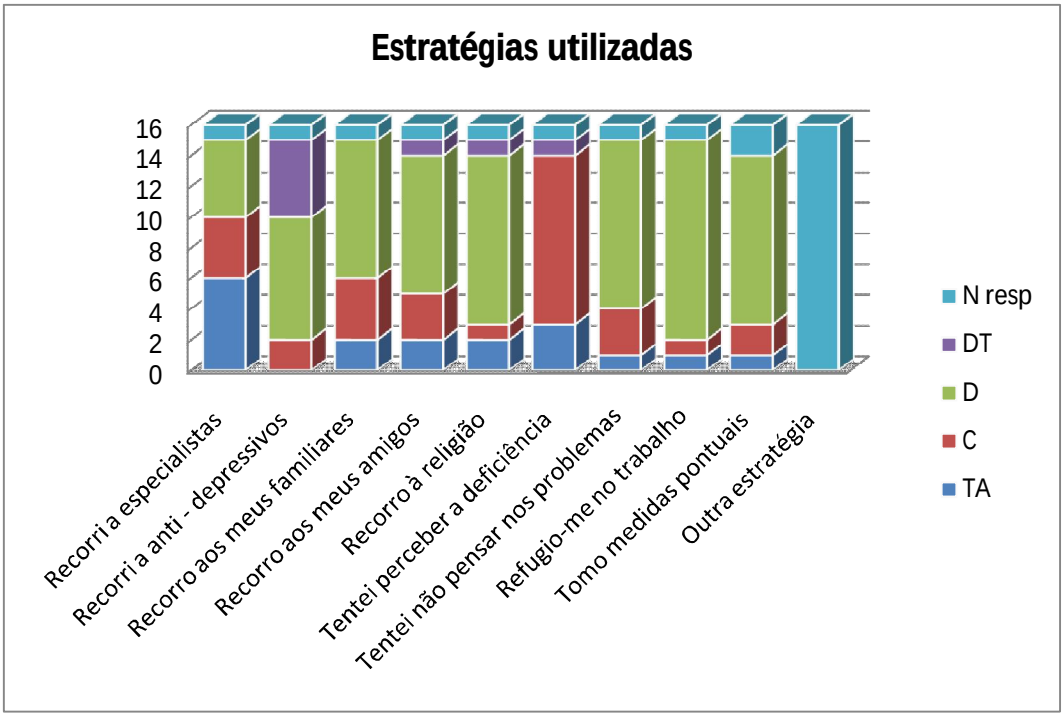
Explicar aos outros					
	TA	C	D	DT	N resp
Explicar a deficiência	0	5	7	3	1
Compreender e aceitar	1	5	6	3	1
Responder a questões	1	1	10	3	1
Encontrar um médico	3	1	11	0	1
Encontrar um serviço	3	3	6	2	2
Encontrar apoio social e educativo	3	5	6	1	1
Mais apoio nas despesas	6	2	6	1	1
Maior ajuda para obter material	4	1	9	0	2
Mais ajuda para pagar as despesas	5	3	7	0	1



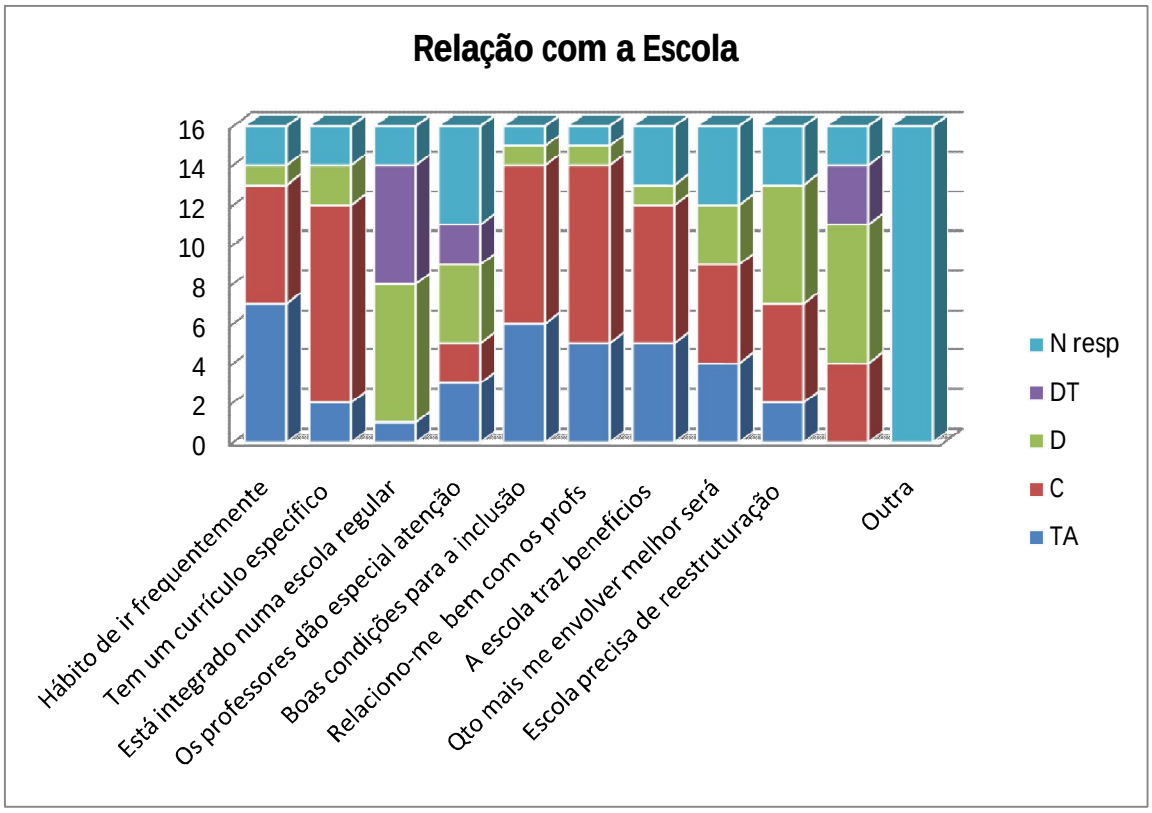
Principais dificuldades sentidas					
	TA	C	D	DT	N resp
Pouco apoio dos familiares	0	5	7	2	2
Incompreendido	0	3	8	2	3
Incluir numa Instituição	3	6	6	1	1
Pouco apoio das Instituições	3	4	6	2	1
Barreiras físicas	0	3	8	2	3
Atitudes menos positivas	0	4	10	1	1
Aceitar a deficiência	0	1	12	2	1
Culpabilizei-me pela deficiência	0	1	10	4	1
Outra					15



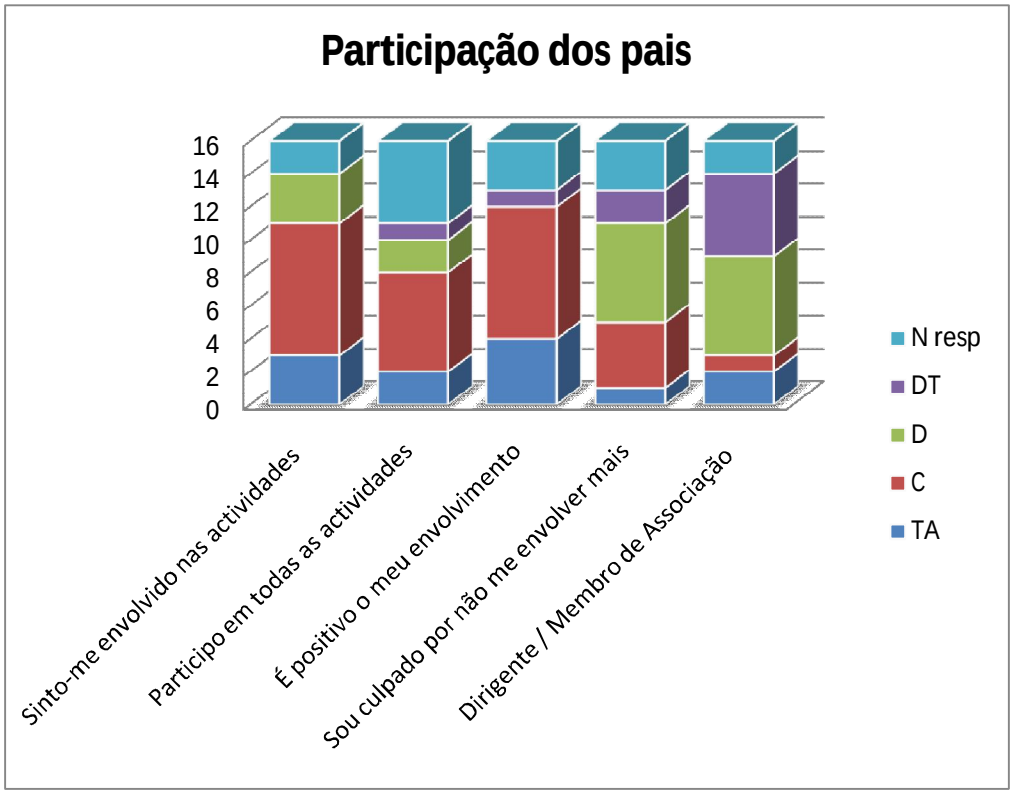
Estratégias utilizadas para superar as dificuldades					
	TA	C	D	DT	N resp
Recorri a especialistas	6	4	5	0	1
Recorri a anti - depressivos	0	2	8	5	1
Recorro aos meus familiares	2	4	9	0	1
Recorro aos meus amigos	2	3	9	1	1
Recorro à religião	2	1	11	1	1
Tentei perceber a deficiência	3	11	0	1	1
Tentei não pensar nos problemas	1	3	11	0	1
Refugio-me no trabalho	1	1	13	0	1
Tomo medidas pontuais	1	2	11	0	2
Outra estratégia	0	0	0	0	16



Relação com a Escola / Instituição					
	TA	C	D	DT	N resp
Hábito de ir frequentemente	7	6	1	0	2
Tem um currículo específico	2	10	2	0	2
Está integrado numa escola regular	1	0	7	6	2
Os professores dão especial atenção	3	2	4	2	5
Boas condições para a inclusão	6	8	1	0	1
Relaciono-me bem com os profs	5	9	1	0	1
A escola traz benefícios	5	7	1	0	3
Qto mais me envolver melhor será	4	5	3	0	4
Escola precisa de reestruturação	2	5	6	0	3
Costumo ir apenas às reuniões períodicas	0	4	7	3	2
Outra	0	0	0	0	16

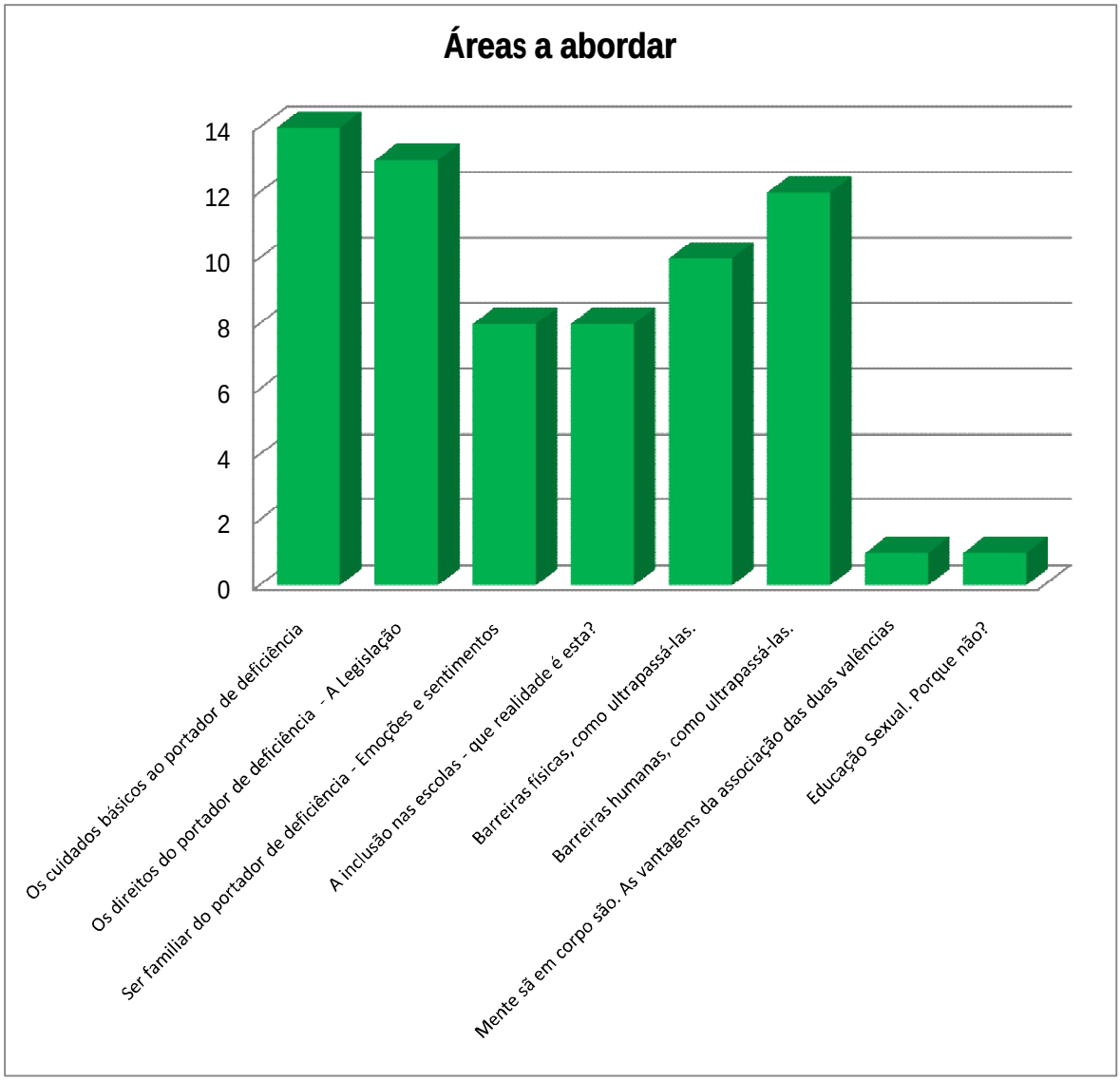


Participação dos pais					
	TA	C	D	DT	N resp
Sinto-me envolvido nas actividades	3	8	3	0	2
Participo em todas as actividades	2	6	2	1	5
É positivo o meu envolvimento	4	8	0	1	3
Sou culpado por não me envolver mais	1	4	6	2	3
Dirigente / Membro de Associação	2	1	6	5	2

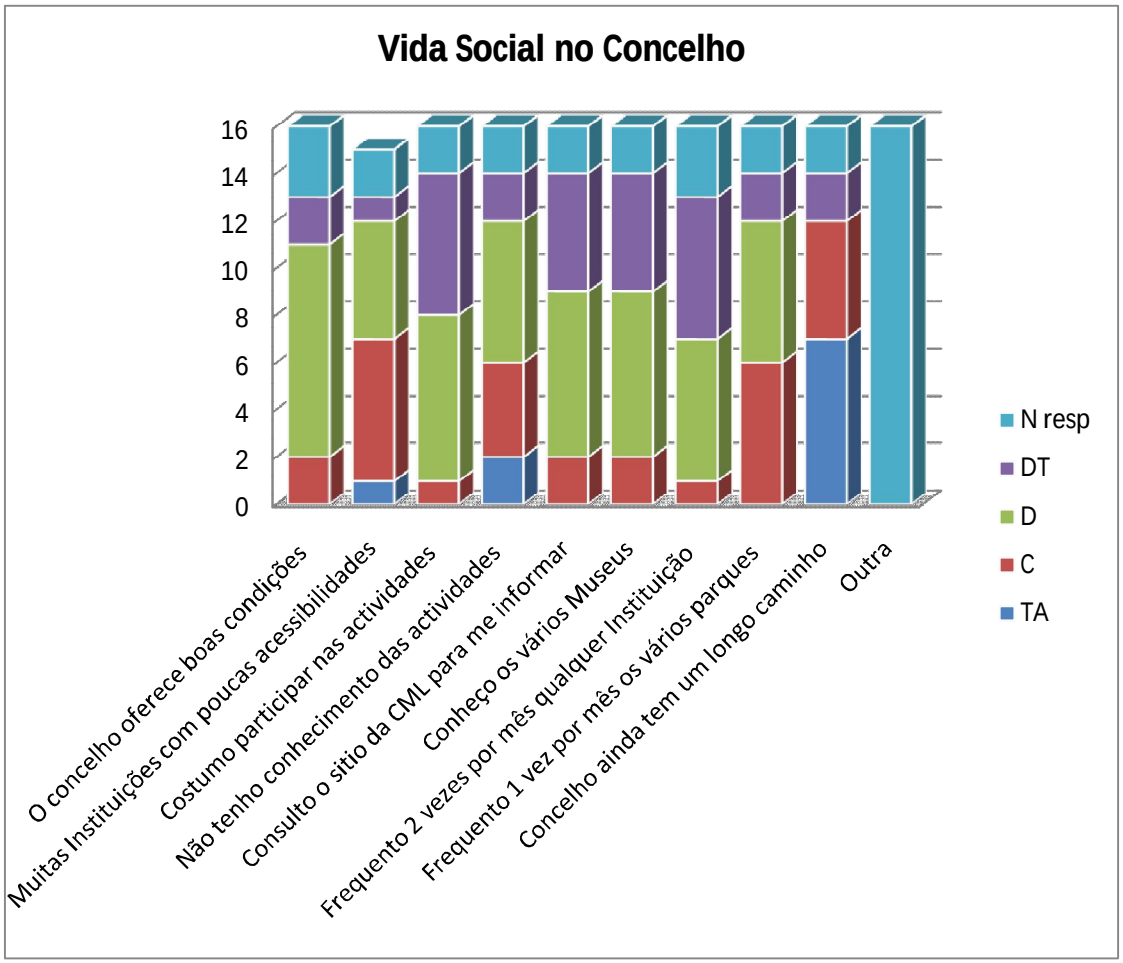


Formação Específica	
Sim	15
Não	0
Não responde	1

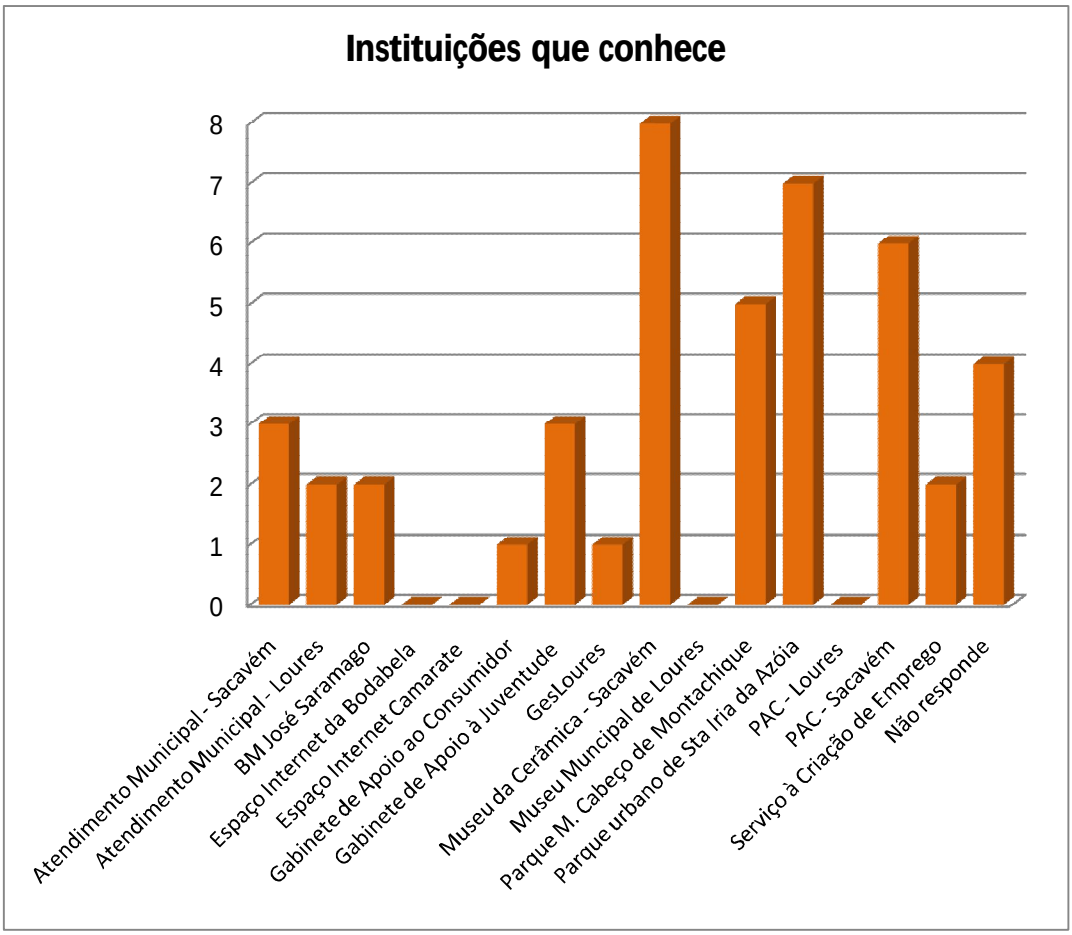
Áreas a abordar	
Os cuidados básicos ao portador de deficiência	14
Os direitos do portador de deficiência - A Legislação	13
Ser familiar do portador de deficiência - Emoções e sentimentos	8
A inclusão nas escolas - que realidade é esta?	8
Barreiras físicas, como ultrapassá-las.	10
Barreiras humanas, como ultrapassá-las.	12
Mente sã em corpo são. As vantagens da associação das duas valências	1
Educação Sexual. Porque não?	1



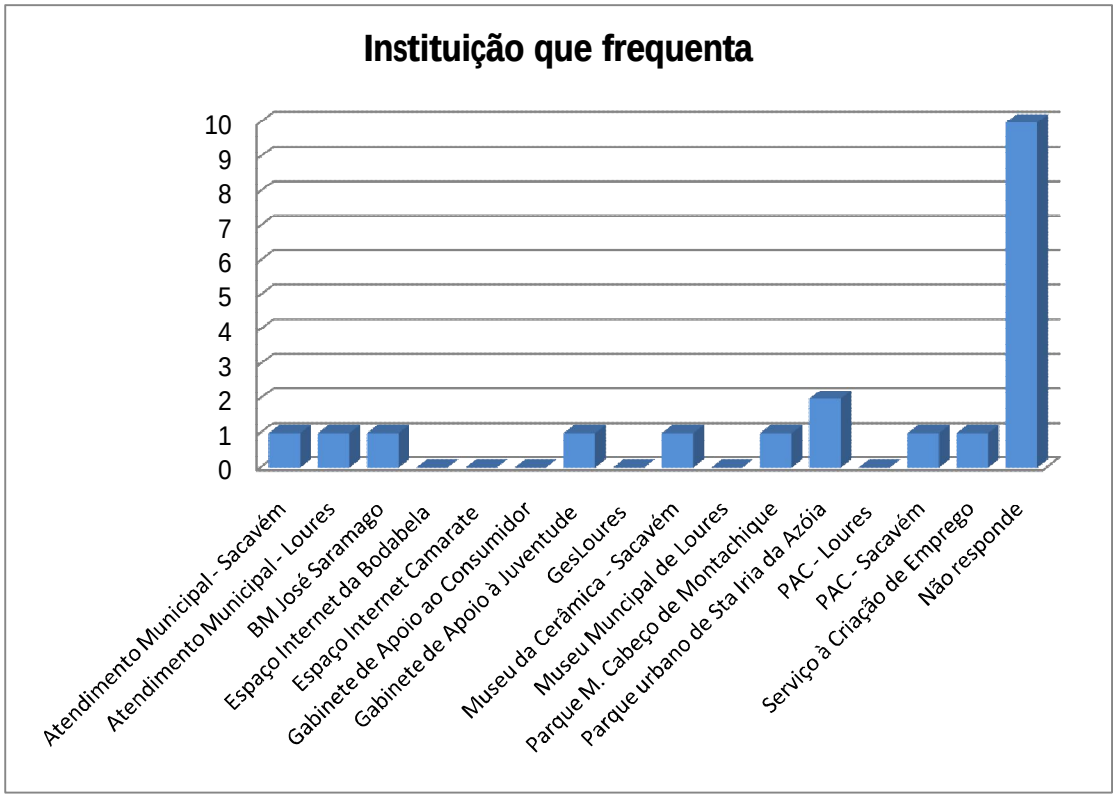
Vida Social no Concelho					
	TA	C	D	DT	N resp
O concelho oferece boas condições	0	2	9	2	3
Muitas Instituições com poucas acessibilidades	1	6	5	1	2
Costumo participar nas actividades	0	1	7	6	2
Não tenho conhecimento das actividades	2	4	6	2	2
Consulto o sitio da CML para me informar	0	2	7	5	2
Conheço os vários Museus	0	2	7	5	2
Frequento 2 vezes por mês qualquer Instituição	0	1	6	6	3
Frequento 1 vez por mês os vários parques	0	6	6	2	2
Concelho ainda tem um longo caminho	7	5	0	2	2
Outra	0	0	0	0	16



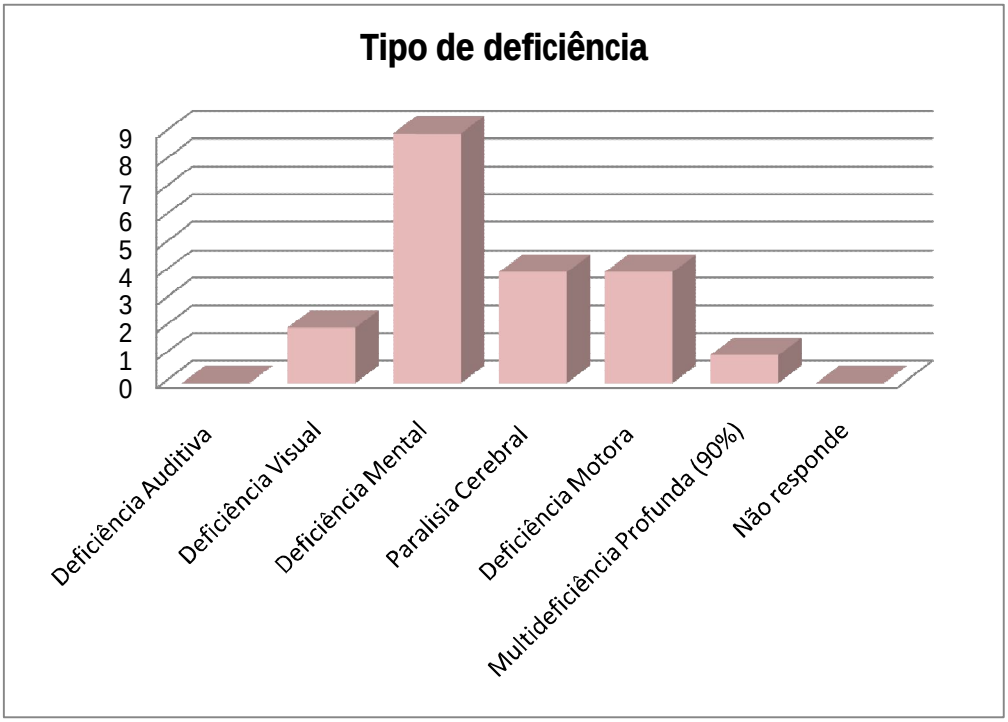
Instituições que conhece	
Atendimento Municipal - Sacavém	3
Atendimento Municipal - Loures	2
BM José Saramago	2
Espaço Internet da Bodabela	0
Espaço Internet Camarate	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	1
Gabinete de Apoio à Juventude	3
GesLoures	1
Museu da Cerâmica - Sacavém	8
Museu Muncipal de Loures	0
Parque M. Cabeço de Montachique	5
Parque urbano de Sta Iria da Azóia	7
PAC - Loures	0
PAC - Sacavém	6
Serviço à Criação de Emprego	2
Não responde	4



Instituições que frequenta (2x/ mês)	
Atendimento Municipal - Sacavém	1
Atendimento Municipal - Loures	1
BM José Saramago	1
Espaço Internet da Bodabela	0
Espaço Internet Camarate	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	0
Gabinete de Apoio à Juventude	1
GesLoures	0
Museu da Cerâmica - Sacavém	1
Museu Muncipal de Loures	0
Parque M. Cabeço de Montachique	1
Parque urbano de Sta Iria da Azóia	2
PAC - Loures	0
PAC - Sacavém	1
Serviço à Criação de Emprego	1
Não responde	10



Tipo de deficiência	
Deficiência Auditiva	0
Deficiência Visual	2
Deficiência Mental	9
Paralisia Cerebral	4
Deficiência Motora	4
Multideficiência Profunda (90%)	1
Não responde	0



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	Elo Social – Ass. para Integ. Apoio ao Def. Jovem e Adulto		
Endereço	Av. Dr. Alfredo Bensaúde (Azinhaga Casquilho) Nº 1		
Localidade	Lisboa		
Código Postal	1800-423 Lisboa		
Distrito	Lisboa	Concelho	Lisboa
Telefone	218540360	Fax	218540361
Correio electrónico	geral@elosocial.org		
CERCI ☐ Associação / IPSS ☒ Colégio ☐			

REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial	☒	Atendimento Via Postal	☐
Atendimento Telefónico	☐	Ambulatório	☐
Consulta Externa	☐	Domiciliário	☒
Internamento	☒	Semi – Internamento	☒
Internato	☐	Externato	☐
Outro (s) _____			

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental	☒	
Deficiência Visual		
Deficiência Motora	☒	
Deficiência Auditiva		
Paralisia Cerebral	☒	
Outra (s): _____		

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego	☒	
Educação		
Apoios especializados	☒	
Programas de Natureza Social	☒	
Apoios Técnicos	☒	
Avaliação	☒	
Outro (s)		

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☒	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos	
F=	M=	F=	M=	F=	M=	F=	M=	F= 1	M= 1
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos	
F= 4	M= 6	F= 3	M= 9	F= 4	M= 4	F=	M= 1	F=	M=

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva=	Deficiência Visual=
Deficiência Motora=	Deficiência Mental= 32
Paralisia Cerebral=	Outras Deficiências=

Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído=	Inferior a 30%=
De 30% a 59%= 13%	De 60% a 80%= 3
Superior a 80% = 16%	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação= 1	Bobadela= 2
Bucelas=	Camarate= 1
Fanhões=	Frielas=
Loures=	Lousa=
Moscavide= 6	Portela= 7
Prior Velho=	S. João da Talha= 4
Sacavém= 9	Stº Antão do Tojal=
S. Julião do Tojal=	Stª Iria da Azóia=
Stº António dos Cavaleiros=	Unhos= 2

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

~~F=~~ T=	~~M=~~

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula	1	Oficinas	5	Gabinetes	5
Salas de Reunião	2	Ginásio	1	Polivalente	
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros Salas Ocupacionais – 9 Residências - 4	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☒ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
Foram construidas de raiz sem barreiras arquitectónicas		

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☒	Rampas ☒
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☒	Não ☐	Apenas a alguns ☐ Especifique: _____
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		
Sim ☒	Não ☐	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1° emprego	x	
Apoio no auto emprego		x
Apoio na integração profissional	x	
Cursos de formação profissional*	x	
Emprego Protegido	x	
Informação e apoio em programas pré – profissionais		x
Orientação profissional	x	
Readaptação ao trabalho		x
Instalação por conta própria		x
Informação sobre ajudas técnicas		x
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)	x	
Educação		
Intervenção Precoce		x
Jardim – de – Infancia		x
Ensino Pré – Escolar		x
Ensino Básico (1° Ciclo)		x

	Sim	**Não**
Ensino Básico (2° Ciclo)		x
Ensino Básico (3° Ciclo)		x
Ensino Secundário		x
Apoios Especializados		
Serviço Social	x	
Terapia Ocupacional	x	
Apoios e acompanhamento familiar	x	
Psicologia	x	
Psicomotricidade	x	
Fisioterapia	x	
Mobilidade	x	
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		x
Lar de Idosos		x
Residências	x	
Programas Ocupacionais	x	
Programas Culturais	x	

	Sim	**Não**
Creche		x
Creche Familiar		x
Apoio sócio – familiar		x
Atelier dos tempos livres		x
Programas Desportivos	x	
Apoios Técnicos		
Ajudas técnicas	x	
Atendimento	x	
Aconselhamento	x	
Transportes	x	
Ajudas financeiras		x
Apoio financeiro		x
Apoio jurídico	x	
Apoio domiciliário	x	
Informações gerais	x	

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: APPACDM *(Entrevista não gravada)*

- Entrevista realizada à directora adjunta do Centro Sócio – Educativo Bonny Stilwell - *Dr.ª Carla Lopes*
- No total existem 10 utentes na instituição que residem no concelho de Loures

A INSTITUIÇÃO

Existe há cerca de 47 anos, simbolizando o dia 2 de Fevereiro, data da sua inauguração, como feriado. Esta instituição nasceu pela vontade de uma mãe, Sheila Stiwell cujo filho (Bonny Stiwell) era portador de Trissomia 21. Sendo imigrante, quando chegou a Portugal não havia ofertas educativas / pedagógicas para pessoas com deficiência mental, consideradas na altura com mongolóides. Juntamente com a pedopsiquiatra, Dr.ª Alice de Mello Tavares, fundou primeiro o centro de consultas que mais tarde passou a ter mais valências de atendimento. Hoje em dias as várias delegações da APPACDM estão autonomizadas e associadas na Federação Humanitas *(Federação Portuguesa para a Deficiência Mental).*

A Instituição tem várias unidades de apoio, a saber: ***a Creche*** *"A Tartaruga e a Lebre"*: acolhe crianças dos 4 meses aos 3 anos com e sem necessidades educativas especiais. Existe, neste sentido, uma prática de efectiva inclusão, visto que as crianças com deficiência mental não ultrapassam 1/3 da população global que frequenta a creche. Tem como principais objectivos: promover o desenvolvimento da criança; minimizar potenciais atrasos de desenvolvimento; melhorar o bem-estar da unidade familiar; promover as implicações / responsabilização dos pais no processo educativos dos filhos; promover a inclusão da criança com necessidades educativas especiais em jardins-de-infância do ensino regular; divulgar junto da comunidade em geral, estruturas de educação e saúde em particular, informação sobre a problemática das necessidades educativas especiais, Trissomia 21 e educação inclusiva. Tem como serviço de apoio o Núcleo de Intervenção Precoce (NIP) que é composto por profissionais como terapeutas da fala, psicólogas, técnicas de serviço social e terapia ocupacional. Tem como projectos de intervenção o CAFAP *Centro de Apoio a Famílias e Aconselhamento Parental*; o Programa de Apoio à Inclusão e o Programa *"Viver com a Trissomia 21"*. Existe o ***Centro Educacional Bonny Stilwell, que*** foi o primeiro a ser criado em 1962.

Funciona como um centro sócio – educativo, sem fins lucrativos que abrigado pela Portaria N.º1102/97 de 3 de Novembro, presta os seguintes serviços:

a) Escolarização de alunos com necessidades educativas especiais (…) que requeiram (…) adaptações significativas e em grau extremo em áreas curriculares comuns em que se considerem mínimos os níveis de adaptação e de inserção social numa escola regular;

b) Actividades de apoio às escolas de ensino regular, em parceria com as *ECAE* …"

Actualmente desenvolve dois Projectos: a Escola de Educação Especial e o Projecto *Incluir* que pretendem dar resposta a crianças e jovens com deficiência mental com idades entre os 6 e os 18 anos, têm como principais finalidades promover a autonomia e as competências pessoais e sociais, tendo um progressivo enfoque no desenvolvimento vocacional e no planeamento da vida pós – escolar. Elaborado por uma equipa multidisciplinar, é construído para cada aluno, um plano educativo individual, onde é operacionalizado através de técnicas de diferenciação pedagógica um currículo específico individual. Disponibiliza várias actividades das quais a natação através de acordos com a Faculdade de Motricidade Humana e a Liga Portuguesa de Deficiência Mental, as Tecnologias de Informação e Comunicação; o ateliê de expressão plástica; musicoterapia; a hipoterapia (acordo com a GNR) e a sala de Snoezelen.

Relativamente ao apoio ocupacional existem vários Centros de Actividades. De uma forma geral, todos acolhem jovens / adultos com idades superior a 16 anos que sofram de deficiência mental, contudo existem espaços que se direccionam por alguns serviços específicos, a saber:

Centro de Actividades Ocupacional Alice Mello Tavares – Desenvolve actividades de natureza artística e expressiva, especialmente nas áreas de expressão plástica, através de ateliês de cerâmica, pintura, desenho e artesanato e a área de expressão corporal e dramática, através do Grupo de teatro *"Nós"*.

Centro de Actividades Ocupacional Júlia Moreira – Desenvolve actividades relacionadas com a autonomia pessoal e social, promovendo actividades laborais socialmente úteis no sentido de desenvolver e manter competências específicas. Promove, ainda uma prática que estimula as vivências sociais e recreativas através da integração sócio – familiar e comunitária, bem como pelo incentivo dado ao

envolvimento e participação das famílias nas actividades proporcionadas pelo centro. Proporciona actividades ocupacionais nas seguintes áreas: Tecelagem, Cartonagem, Montagem de diferentes componentes e Culinária.

Centro de Actividades Ocupacional da Ajuda e Pátio Seabra – Desenvolve, igualmente, actividades relacionadas com a autonomia pessoal e social, promovendo, no entanto, a participação dos utentes em acções culturais, gimnodesportivas e recreativas, impulsionando a inclusão sócio – comunitária. As actividades ocupacionais desenvolvidas assemelham-se às referidas no centro de actividades Júlia Moreira.

Centro de Actividades Ocupacional de Santa Clara – Desenvolve tarefas socialmente úteis e valorizadas pela comunidade, maximizando as competências pessoais e sociais. Desenvolvendo a auto – estima, proporciona actividades complementares motoras, lúdicas, culturais e recreativas. As actividades ocupacionais são direccionadas para a tipografia, através de acabamentos e impressão.

Centro Actividades Ocupacional Quinta dos Inglesinhos – À semelhança do anterior, também, possibilita a realização de actividades socialmente úteis, promovendo assim, competências pessoais, bem como a participação em acções culturais, gimnodesportivas e recreativas. Todavia, neste espaço funciona uma unidade de pré – formação cujo trabalho será desenvolvido no seguinte ponto.

Centro de Actividades Ocupacionais da Alapraia – Desenvolve actividades relacionadas com o social, o recreativo, o expressivo, o criativo e o físico, promovendo uma prática valorativa e de reconhecimento dessas actividades. As actividades ocupacionais são nas seguintes áreas: lúdico, sensorial, educação física, equitação, expressão musical, expressão plástica, natação, caminhadas e montagem de material eléctrico.

Relativamente à formação profissional, existem dois centros que desenvolvem actividades direccionadas para esta área, o *Centro de Formação Profissional da Ajuda* e o *Centro de Formação Profissional "Quinta dos Inglesinhos"*, cujos objectivos são desenvolver programas de Formação Profissional para pessoas com deficiência; acompanhar os jovens deficientes integrados ou a integrar nos programas, ao nível da integração socioprofissional e apoio residencial; promover o emprego da pessoa com deficiência quer em mercado aberto quer através de estruturas de emprego apoiado, como seja o mercado social de emprego; apoiar a interligação com as famílias dos jovens de modo a optimizar a sua integração socioprofissional; desenvolver a valorização, a competência pessoal e o reconhecimento social dos Formandos; apostar

na qualificação do quadro de profissionais afecto ao CFP. As áreas de formação são empregados de refeitório, costura de encadernação, limpezas industriais, reprografia, rouparia / lavandaria e acompanhante de crianças no Centro de Formação Profissional da Ajuda e ajudantes de cozinha, limpezas industriais, confecção e reparação de calçado, costura em série, rouparia / lavandaria, serigrafia, hortofloricultura, serventes de construção civil e transformação de plásticos no Centro de Formação Profissional da Quinta dos Inglesinhos. Esta unidade de apoio oferece, igualmente, um serviço mais direccionado para os desempregados de longa duração e desempregados em situação de desfavorecimento face ao mercado de trabalho, ambos específicos para pessoas com deficiência. Estes serviços têm como principais objectivos combater a exclusão social através da inserção ou reintegração profissional; adquirir e desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais adequadas ao exercício de uma actividade e criar postos de trabalho. Neste sentido são instituídas parcerias com várias empresas ou autarquias, como é o exemplo da Câmara Municipal de Almada.

A instituição também se caracteriza por disponibilizar um serviço de residências aos seus utentes. Espalhadas por várias unidades de apoio e destinadas às pessoas com deficiência mental a partir dos 16 anos que estejam privados temporária ou definitivamente do seu meio familiar ou que estejam inseridos em famílias fragilizadas que não possam assegurar condições de vida, de bem-estar e de segurança. A sua acção é conduzida através dos seguintes objectivos: proporcionar um ambiente familiar de bem-estar; fomentar o desenvolvimento individual, independentemente da gravidade da deficiência e manter e estreitar os laços familiares, dos residentes com as suas famílias. Embora todos tenham a função de internato existem instituições em regime permanente ou em regime eventual, ou seja, apenas em situações pontuais como férias, fins-de-semana, situações de doença entre outros.

AS FAMÍLIAS

Existem vários mecanismos promovidos pela Instituição que tentam incluir o mais possível as famílias na vida da pessoa com deficiência. È entregue uma check – list aos familiares que os motiva a contribuir para elaborar o PEI, é solicitado que as famílias se dirijam à instituição a fim de se perceber se concordam ou não com os objectivos propostos no PEI. Para além disso, cada aluno tem um caderno de comunicação que é actualizado diariamente, existindo sempre que necessário reuniões. Todavia tem-se verificado que as famílias são muito passivas, depositando muitas

expectativas no trabalho desenvolvido pela instituição, desta forma torna-se impreterível incentivar a sua participação.

O Centro Sócio – Educativo Bonny Stilwell criou, há alguns anos atrás, um clube de pais, onde cada família debatia um tema, sendo composto por uma equipa específica *(psicóloga, professora de Ensino Especial, Ajudante de acção educativa …).* De uma forma geral a dinâmica consistia na marcação de um encontro onde se procurava um tema a debater, havendo de seguida uma actividade mais prática em grupo. Todavia, esta ideia foi-se desvanecendo e a equipa também se foi alterando, consequência das próprias mudanças do Estado. Hoje em dia e com a actual política de funcionamento do centro não se reúnem as condições necessárias para esse tipo de dinamismo.

De uma forma geral, a participação das famílias depende das dinâmicas das equipas, por exemplo no Lar das Pedralvas existe um conjunto de pais, que designados por *Brigada dos Pais*, prestam auxílio nas festas programadas pela Instituição. No entanto na globalidade existem famílias que esperam que a instituição dê o primeiro passo.

REFLEXÃO SOBRE A PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA

Esta problemática implica uma longa caminhada, o panorama já foi pior, mas ainda tem que ser muito melhor. Nas empresas, apesar dos benefícios envolventes, ainda não se incluem os trabalhadores com deficiência nos seus quadros. A nível do ensino, nem todas as escolas estão preparadas para a inclusão, principalmente a nível dos recursos humanos, visto que nem todos os profissionais estão preparados para receber as NEE com deficiência mental. Desta forma evidencia-se um caminho que é urgente percorrer, mas que se avizinha muito complicado.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: APPACDM – Lisboa

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I. A Instituição	Práticas de funcionamento	Existe há 47 anos	*"Existe há cerca de 47 anos (…)"* *" (…) simbolizando o dia 2 de Fevereiro, data da sua inauguração, como feriado."*
		Nasceu pela vontade de uma mãe cujo filho tinha Trissomia 21	*"Esta instituição nasceu pela vontade de uma mãe (…)"* *" (…) Sheila Stilwell cujo filho (Bonny Stilwell) era portador de Trissomia 21."* *"Sendo imigrante, quando chegou a Portugal não haviam ofertas educativas / pedagógicas para pessoas com deficiência mental (…)"* *" (…) consideradas na altura com mongolóides."*
		Fundou com uma pedopsiquiatra, um centro de consultas	*"Juntamente com a pedopsiquiatra, Dr.ª Alice de Mello Tavares (…)"* *" (…) fundou primeiro o centro de consultas (…)"* *" (…) que mais tarde passou a ter mais valências de atendimento."*
		As APPACDM estão autonomizadas e federadas	*"Hoje em dias as várias delegações da APPACDM estão autonomizadas (…)"* *" (…) e associadas na Federação Humanitas (Federação Portuguesa para a Deficiência Mental)."*
		Existem vários CAO para jovens com mais de 16 anos	*"Relativamente ao apoio ocupacional(…)"* *" (…) existem vários Centros de Actividades."* *"De uma forma geral, todos acolhem jovens / adultos (…)"* *" (…) com idades superior a 16 anos(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) que sofram de deficiência mental(…)" " (…) contudo existem espaços que se direccionam por alguns serviços específicos, a saber (…)"
	Creche: "A Tartaruga e a Lebre"	Acolhe crianças dos 3 meses aos 4 anos com ou sem deficiência	*"A Instituição tem várias unidades de apoio, a saber (…)"* *" (…)* ***a Creche*** *"A Tartaruga e a Lebre"(…)"* *" (…) acolhe crianças dos 4 meses aos 3 anos com e sem necessidades educativas especiais."* *" (…) visto que as crianças com deficiência mental não ultrapassam 1/3 da população global que frequenta a creche."*
		Desenvolvimento da criança	*"Tem como principais objectivos (…)"* *" (…) promover o desenvolvimento da criança (…)"* *" (…) minimizar potenciais atrasos de desenvolvimento (…)"*
		Bem – estar familiar	*" (…) melhorar o bem-estar da unidade familiar (…)"* *" (…) promover as implicações / responsabilização dos pais no processo educativos dos filhos (…)"*
		Inclusão da criança com NEE	*"Existe, neste sentido, uma prática de efectiva inclusão (…)"* *" (…) promover a inclusão da criança com necessidades educativas especiais em jardins-de-infância do ensino regular(…)"*
		Divulgar a problemática da deficiência	*" (…) divulgar junto da comunidade em geral, estruturas de educação e saúde em particular, informação sobre a problemática das necessidades*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			educativas especiais, Trissomia 21 e educação inclusiva."
		Serviço de apoio: NIP *(Núcleo de Intervenção Precoce)*	*"Tem como serviço de apoio o Núcleo de Intervenção Precoce (NIP) (…)"* *" (…) que é composto por profissionais como terapeutas da fala (…)"* *" (…) psicólogas (…)"* *" (…) técnicas de serviço social (…)"* *" (…) e terapia ocupacional."*
		Projectos de Intervenção: *CAFAP, Programa de Apoio à Inclusão, Viver com Trissomia 21*	*"Tem como projectos de intervenção o CAFAP Centro de Apoio a Famílias e Aconselhamento Parental (…)"* *" (…) o Programa de Apoio à Inclusão e o Programa "Viver com a Trissomia 21"."*
	Centro Educacional Bonny Stilwell	Primeiro a ser criado	*"Existe o* ***Centro Educacional Bonny Stilwell,*** *que foi o primeiro a ser criado em 1962."*
		Centro sócio – educativo sem fins lucrativos	*"Funciona como um centro sócio – educativo (…)"* *" (…) sem fins lucrativos que abrigado pela Portaria N.º1102/97 de 3 de Novembro, presta os seguintes serviços(…)"*
		Escolarização de crianças com NEE	*"Escolarização de alunos com necessidades educativas especiais (…) (…)"* *" (…) que requeiram (…) adaptações significativas (…)"* *" (…) e em grau extremo em áreas curriculares comuns (…)"* *" (…) em que se considerem mínimos os*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			níveis de adaptação (…)" *" (…) e de inserção social numa escola regular (…)"*
		Actividades de apoio ao ensino regular	*"Actividades de apoio às escolas de ensino regular, em parceria com as ECAE …"(…)"*
		Projectos de Intervenção	*"Actualmente desenvolve dois Projectos (…)"* *" (…) a Escola de Educação Especial (…)"* *" (…) e o Projecto Incluir (…)"*
		Dar respostas a crianças / jovens entre os 6 e os 18 anos	*" (…) que pretendem dar resposta a crianças e jovens com deficiência mental(…)"* *" (…) com idades entre os 6 e os 18 anos(…)"*
		Promover a autonomia	*" (…) têm como principais finalidades promover a autonomia (…)"* *" (…) e as competências pessoais e sociais(…)"*
		Desenvolvimento vocacional e planeamento na vida pós – escolar	*" (…) tendo um progressivo enfoque no desenvolvimento vocacional (…)"* *" (…) e no planeamento da vida pós – escolar."*
		O PEI é constituído por uma equipa multidisciplinar	*"Elaborado por uma equipa multidisciplinar (…)"* *" (…) é construído para cada aluno (…)"* *" (…) um plano educativo individual (…)"* *" (…) onde é operacionalizado através de técnicas de diferenciação pedagógica um currículo específico individual (…)"*
		Natação	*"Disponibiliza várias actividades das quais a natação (…)"* *" (…) através de acordos com a*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			Faculdade de Motricidade Humana(…)" *" (…) e a Liga Portuguesa de Deficiência Mental (…)"*
		TIC	*" (…) as Tecnologias de Informação e Comunicação (…)"*
		Actividades ligadas às expressões plásticas e terapias	*" (…) o ateliê de expressão plástica (…)"* *" (…) musicoterapia (…)"* *" (…) a hipo terapia (acordo com a GNR) (…)"* *" (…) a sala de Snoezelen."*
	Centro de actividades ocupacional Alice Mello Tavares	Actividades artísticas, expressivas, plásticas e dramáticas	*"Desenvolve actividades de natureza artística e expressiva (…)"* *" (…) especialmente nas áreas de expressão plástica (…)"* *" (…) através de ateliês de cerâmica (…)"* *" (…) pintura (…)"* *" (…) desenho (…)"* *" (…) e artesanato (…)"* *" (…) e a área de expressão corporal (…)"* *" (…) e dramática, através do Grupo de Teatro "Nós"."*
	Centro de actividades Ocupacional Júlia Moreira	Autonomia pessoal e social	*"Desenvolve actividades relacionadas com a autonomia pessoal (…)"* *" (…) e social (…)"* *"Promove, ainda uma prática que estimula as vivências sociais (…)"* *" (…) e recreativas (…)"*
		Actividades laborais socialmente úteis	*" (…) promovendo actividades laborais socialmente úteis (…)"* *" (…) no sentido de desenvolver (…)"* *" (…) e manter competências específicas."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Integração sócio – familiar e comunitária	*" (…) através da integração sócio – familiar e comunitária (…)"* *" (…) bem como pelo incentivo dado ao envolvimento (…)"* *" (…) e participação das famílias nas actividades proporcionadas pelo centro."*
		Actividades ocupacionais	*"Proporciona actividades ocupacionais nas seguintes áreas (…)"* *" (…) Tecelagem (…)"* *" (…) Cartonagem (…)"* *" (…) Montagem de diferentes componentes (…)"* *" (…) e Culinária."*
	Centro de Actividades Ocupacional da Ajuda e Pátio Seabra	Acções culturais, gimnodesportivas e recreativas	*" (…) promovendo, no entanto, a participação dos utentes em acções culturais (…)"* *" (…) gimnodesportivas (…)"* *" (…) e recreativas (…)"* *" (…) impulsionando a inclusão sócio – comunitária."*
		Actividades ocupacionais ao Centro Júlia Moreira	*"As actividades ocupacionais desenvolvidas assemelham-se às referidas no centro de actividades Júlia Moreira (…)"*
	Centro de Actividades Ocupacional de Santa Clara	Actividades que maximizam as competências sociais e pessoais	*"Desenvolve tarefas socialmente úteis (…)"* *" (…) e valorizadas pela comunidade (…)"* *" (…) maximizando as competências pessoais e sociais."* *"Desenvolvendo a auto – estima(…)" " (…) proporciona actividades complementares motoras (…)"* *" (…) lúdicas (…)"* *" (…) culturais (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) e recreativas."
		Actividades direccionadas para a tipografia, acabamento e impressão	*"As actividades ocupacionais são direccionadas para a tipografia (…)"* *" (…) através de acabamentos e impressão."*
	Centro de actividades Ocupacional *Quinta dos Inglesinhos*	Actividades semelhantes ao CAO de Santa Clara	*"À semelhança do anterior (…)"* *" (…) também, possibilita a realização de actividades socialmente úteis (…)"* *" (…) promovendo assim, competências pessoais (…)"* *" (…) bem como a participação em acções culturais (…)"* *" (…) gimnodesportivas (…)"* *" (…) e recreativas."*
		Funciona uma unidade de pré – formação	*"Todavia, neste espaço funciona uma unidade de pré – formação (…)"* *" (…) cujo trabalho será desenvolvido no seguinte ponto."*
	Centro de Actividades ocupacional da Alapraia	Actividades que promovem práticas sociais, recreativas, físicas e expressivas	*"Desenvolve actividades relacionadas com o social (…)"* *" (…) o recreativo (…)"* *" (…) o expressivo (…)"* *" (…) o criativo (…)"* *" (…) e o físico (…)"* *" (…) promovendo uma prática valorativa(…)"* *" (…) e de reconhecimento dessas actividades."*
		Actividades ocupacionais em várias áreas	*"As actividades ocupacionais são nas seguintes áreas (…)"* *" (…) lúdico (…)"* *" (…) sensorial (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) educação física (…)” *“ (…) equitação (…)”* *“ (…) expressão musical (…)”* *“ (…) expressão plástica (…)”* *“ (…) natação (…)”* *“ (…) caminhadas (…)”* *“ (…) montagem de material eléctrico.”*
	Centros de Formação Profissional	Funcionam em dois centros ocupacionais	*“Relativamente à formação profissional(…)”* *“ (…) existem dois centros que desenvolvem actividades direccionadas para esta área (…)”* *“ (…) o Centro de Formação Profissional da Ajuda (…)”* *“ (…) e o Centro de Formação Profissional “Quinta dos Inglesinhos” (…)”*
		Desenvolvimento de programas que visem a integração sócio profissional dos jovens	*“ (…) cujos objectivos são desenvolver programas de Formação Profissional para pessoas com deficiência (…)”* *“ (…) acompanhar os jovens deficientes integrados ou a integrar nos programas (…)”* *“ (…) ao nível da integração socioprofissional e apoio residencial (…)”* *“ (…) apoiar a interligação com as famílias dos jovens de modo a optimizar a sua integração socioprofissional (…)”*
		Promover o emprego dos jovens com deficiência nas suas várias estruturas	“ (…) promover o emprego da pessoa com deficiência quer em mercado aberto quer através de estruturas de emprego apoiado, como seja o mercado social de

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			Emprego (…)" " (…) apostar na qualificação do quadro de profissionais afecto ao CFP."
		Promover o reconhecimento social	*" (…) desenvolver a valorização, a competência pessoal e o reconhecimento social dos Formandos (…)"*
		Áreas de formação: restauração, limpeza, têxtil, construção civil, tipografia e agricultura	*"As áreas de formação são empregados de refeitório (…)"* *" (…) costura de encadernação (…)"* *" (…) limpezas industriais (…)"* *" (…) reprografia (…)"* *" (…) rouparia / lavandaria (…)"* *" (…) e acompanhante de crianças no Centro de Formação Profissional da Ajuda(…)"* *" (…) e ajudantes de cozinha (…)"* *" (…) limpezas industriais (…)"* *" (…) confecção (…)"* *" (…) e reparação de calçado (…)"* *" (…) costura em série (…)"* *" (…) rouparia / lavandaria (…)"* *" (…) serigrafia (…)"* *" (…) hortofloricultura (…)"* *" (…) serventes de construção civil e (…)"* *" (…) transformação de plásticos no Centro de Formação Profissional da Quinta dos Inglesinhos."*
		C. F. da Quinta dos Inglesinhos direccionado para desempregados em longa duração	*"Esta unidade de apoio oferece, igualmente, um serviço mais direccionado para os desempregados de longa duração (…)"* *" (…) e desempregados em situação de desfavorecimento face ao mercado*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			de trabalho (…)" *" (…) ambos específicos para pessoas com deficiência."*
		Combater a exclusão social	*"Estes serviços têm como principais objectivos (…)"* *" (…) combater a exclusão social através da inserção ou reintegração profissional(…)"* *" (…) adquirir e desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais adequadas ao exercício de uma actividade (…)"* *" (…) e criar postos de trabalho."*
		Parceria com instituições	*"Neste sentido são instituídas parcerias com várias empresas ou autarquias (…)"* *" (…) como é o exemplo da Câmara Municipal de Almada."*
	Residências	Espalhadas por várias unidades de apoio	*"A instituição também se caracteriza por disponibilizar um serviço de residências aos seus utentes."* *"Espalhadas por várias unidades de apoio(…)"*
		Destinadas a pessoas com deficiência mental com mais de 16 anos	*" (…) e destinadas às pessoas com deficiência mental (…)"* *" (…) a partir dos 16 anos (…)"*
		Inseridos em famílias fragilizadas	*" (…) que estejam privados temporária ou definitivamente do seu meio familiar (…)"* *" (…) ou que estejam inseridos em famílias fragilizadas (…)"* *" (…) que não possam assegurar condições de vida, de bem-estar e de*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			segurança."
		Proporcionar um ambiente familiar estável, mantendo, no entanto os laços familiares	*"A sua acção é conduzida através dos seguintes objectivos (…)"* *" (…) proporcionar um ambiente familiar de bem-estar (…)"* *" (…) e manter e estreitar os laços familiares dos residentes com as suas famílias."*
		Fomentar o desenvolvimento individual	*" (…) fomentar o desenvolvimento individual (…)"* *" (…) independentemente da gravidade da deficiência (…)"*
		Existe dois tipos de regime: permanente ou eventual	*"Embora todos tenham a função de internato (…)"* *" (…) existem instituições em regime permanente (…)"* *" (…) ou em regime eventual (…)"* *" (…) ou seja, apenas em situações pontuais como férias, fins-de-semana, situações de doença entre outros."*

Tema: A Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
II. Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da Instituição	Promove vários mecanismos	*"Existem vários mecanismos promovidos pela Instituição (…)"* *" (…) que tentam incluir o mais possível as famílias na vida da pessoa com deficiência."*
		Entregam uma check – list para elaborar o PEI	*"È entregue uma check – list aos familiares (…)"* *" (…) que os motiva a contribuir para elaborar o PEI (…)"* *" (…) é solicitado que as famílias se dirijam à instituição (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) a fim de se perceber se concordam ou não com os objectivos propostos no PEI.”
		Cada aluno tem um caderno de comunicação	*“Para além disso, cada aluno tem um caderno de comunicação (…)”* *“ (…) que é actualizado diariamente (…)”* *“ (…) existindo sempre que necessário reuniões.”*
		Famílias são passivas	*“Todavia tem-se verificado que as famílias são muito passivas (…)”* *“ (…) depositando muitas expectativas no trabalho desenvolvido pela instituição(…)”* *“ (…) desta forma torna-se impreterível incentivar a sua participação.”* *“No entanto na globalidade existem famílias que esperam que a instituição dê o primeiro passo.”*
		Centro Bonny Stilwell criou um clube de pais	*“O Centro Sócio – Educativo Bonny Stilwell criou, há alguns anos atrás, um clube de pais (…)”* *“ (…) onde cada família debatia um tema(…)”* *“ (…) sendo composto por uma equipa específica (psicóloga, professora de Ensino Especial, Ajudante de acção educativa …).”* *“De uma forma geral a dinâmica consistia na marcação de um encontro (…)”* *“(…) onde se procurava um tema a debater (…)”* *“ (…) havendo de seguida uma actividade mais prática em grupo.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		A dinâmica foi-se desvanecendo	*"Todavia, esta ideia foi-se desvanecendo(…)"* *" (…) e a equipa também se foi alterando (…)"* *" (…) consequência das próprias mudanças do Estado."*
		Hoje em dia não se reúnem condições para esta prática	*"Hoje em dia e com a actual política de funcionamento do centro (…)"* *" (…) não se reúnem as condições necessárias para esse tipo de dinamismo."*
		Participação das famílias depende das dinâmicas das equipas	*"De uma forma geral, a participação das famílias depende das dinâmicas das equipas (…)"* *" (…) por exemplo no Lar das Pedralvas existe um conjunto de pais (…)"* *" (…) que designados por Brigada dos Pais (…)"* *" (…) prestam auxílio nas festas programadas pela Instituição."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
III. Inclusão Social	Sociedade	Panorama tem que ser ainda melhor	*"Esta problemática implica uma longa caminhada (…)"* *" (…) o panorama já foi pior (…)"* *" (…) mas ainda tem que ser muito melhor."*
		Empresas ainda não incluem as pessoas com deficiência	"Nas empresas, apesar dos benefícios envolventes (…)" " (…) ainda não se incluem os trabalhadores com deficiência nos seus quadros."

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Escolas ainda não estão preparadas para a inclusão	*"A nível do ensino, nem todas as escolas estão preparadas para a inclusão (…)"* *" (…) principalmente a nível dos recursos humanos (…)"* *" (…) visto que nem todos os profissionais estão preparados para receber as NEE com deficiência mental."*
		Caminho urgente muito complicado	*"Desta forma evidencia-se um caminho que é urgente percorrer (…)"* *" (…) mas que se avizinha muito complicado."*

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: APPACDM *(Entrevista não gravada)*

1- Existe há cerca de 47 anos,
2- simbolizando o dia 2 de Fevereiro, data da sua inauguração, como feriado.
3- Esta instituição nasceu pela vontade de uma mãe,
4- Sheila Stilwell cujo filho (Bonny Stilwell) era portador de Trissomia 21.
5- Sendo imigrante, quando chegou a Portugal não haviam ofertas educativas / pedagógicas para pessoas com deficiência mental,
6- consideradas na altura com mongolóides.
7- Juntamente com a pedopsiquiatra, Dr.ª Alice de Mello Tavares,
8- fundou primeiro o centro de consultas
9- que mais tarde passou a ter mais valências de atendimento.
10- Hoje em dias as várias delegações da APPACDM estão autonomizadas
11- e associadas na Federação Humanitas *(Federação Portuguesa para a Deficiência Mental).*
12- A Instituição tem várias unidades de apoio, a saber:
13- ***a Creche*** *"A Tartaruga e a Lebre"*:
14- acolhe crianças dos 4 meses aos 3 anos com e sem necessidades educativas especiais.
15- Existe, neste sentido, uma prática de efectiva inclusão,
16- visto que as crianças com deficiência mental não ultrapassam 1/3 da população global que frequenta a creche.
17- Tem como principais objectivos:
18- promover o desenvolvimento da criança;
19- minimizar potenciais atrasos de desenvolvimento;
20- melhorar o bem-estar da unidade familiar;
21- promover as implicações / responsabilização dos pais no processo educativos dos filhos;
22- promover a inclusão da criança com necessidades educativas especiais em jardins-de-infância do ensino regular;
23- divulgar junto da comunidade em geral, estruturas de educação e saúde em particular, informação sobre a problemática das necessidades educativas especiais, Trissomia 21 e educação inclusiva.

24- Tem como serviço de apoio o Núcleo de Intervenção Precoce (NIP)
25- que é composto por profissionais como terapeutas da fala,
26- psicólogas,
27- técnicas de serviço social
28- e terapia ocupacional.
29- Tem como projectos de intervenção o CAFAP *Centro de Apoio a Famílias e Aconselhamento Parental*;
30- o Programa de Apoio à Inclusão e o Programa *"Viver com a Trissomia 21"*.
31- Existe o ***Centro Educacional Bonny Stilwell,*** que foi o primeiro a ser criado em 1962.
32- Funciona como um centro sócio – educativo,
33- sem fins lucrativos que abrigado pela Portaria N.º1102/97 de 3 de Novembro, presta os seguintes serviços:
34- Escolarização de alunos com necessidades educativas especiais (…)
35- que requeiram (…) adaptações significativas
36- e em grau extremo em áreas curriculares comuns
37- em que se considerem mínimos os níveis de adaptação
38- e de inserção social numa escola regular;
39- Actividades de apoio às escolas de ensino regular, em parceria com as *ECAE* …"
40- Actualmente desenvolve dois Projectos:
41- a Escola de Educação Especial
42- e o Projecto *Incluir*
43- que pretendem dar resposta a crianças e jovens com deficiência mental
44- com idades entre os 6 e os 18 anos,
45- têm como principais finalidades promover a autonomia
46- e as competências pessoais e sociais,
47- tendo um progressivo enfoque no desenvolvimento vocacional
48- e no planeamento da vida pós – escolar.
49- Elaborado por uma equipa multidisciplinar,
50- é construído para cada aluno,
51- um plano educativo individual,
52- onde é operacionalizado através de técnicas de diferenciação pedagógica um currículo específico individual.
53- Disponibiliza várias actividades das quais a natação

54- através de acordos com a Faculdade de Motricidade Humana
55- e a Liga Portuguesa de Deficiência Mental,
56- as Tecnologias de Informação e Comunicação;
57- o ateliê de expressão plástica;
58- musicoterapia;
59- a hipo terapia (acordo com a GNR) e
60- a sala de Snoezelen.
61- Relativamente ao apoio ocupacional
62- existem vários Centros de Actividades.
63- De uma forma geral, todos acolhem jovens / adultos
64- com idades superior a 16 anos
65- que sofram de deficiência mental,
66- contudo existem espaços que se direccionam por alguns serviços específicos, a saber:
67- *Centro de Actividades Ocupacional Alice Mello Tavares* –
68- Desenvolve actividades de natureza artística e expressiva,
69- especialmente nas áreas de expressão plástica,
70- através de ateliês de cerâmica,
71- pintura,
72- desenho
73- e artesanato
74- e a área de expressão corporal
75- e dramática, através do Grupo de Teatro *"Nós"*.
76- *Centro de Actividades Ocupacional Júlia Moreira* –
77- Desenvolve actividades relacionadas com a autonomia pessoal
78- e social,
79- promovendo actividades laborais socialmente úteis
80- no sentido de desenvolver
81- e manter competências específicas.
82- Promove, ainda uma prática que estimula as vivências sociais
83- e recreativas
84- através da integração sócio – familiar e comunitária,
85- bem como pelo incentivo dado ao envolvimento
86- e participação das famílias nas actividades proporcionadas pelo centro.

87- Proporciona actividades ocupacionais nas seguintes áreas:
88- Tecelagem,
89- Cartonagem,
90- Montagem de diferentes componentes
91- e Culinária.
92- *Centro de Actividades Ocupacional da Ajuda e Pátio Seabra –*
93- Desenvolve, igualmente, actividades relacionadas com a autonomia pessoal
94- e social,
95- promovendo, no entanto, a participação dos utentes em acções culturais,
96- gimnodesportivas
97- e recreativas,
98- impulsionando a inclusão sócio – comunitária.
99- As actividades ocupacionais desenvolvidas assemelham-se às referidas no centro de actividades Júlia Moreira.
100- *Centro de Actividades Ocupacional de Santa Clara –*
101- Desenvolve tarefas socialmente úteis
102- e valorizadas pela comunidade,
103- maximizando as competências pessoais e sociais.
104- Desenvolvendo a auto – estima,
105- proporciona actividades complementares motoras,
106- lúdicas,
107- culturais
108- e recreativas.
109- As actividades ocupacionais são direccionadas para a tipografia,
110- através de acabamentos e impressão.
111- *Centro Actividades Ocupacional Quinta dos Inglesinhos –*
112- À semelhança do anterior,
113- também, possibilita a realização de actividades socialmente úteis,
114- promovendo assim, competências pessoais,
115- bem como a participação em acções culturais,
116- gimnodesportivas
117- e recreativas.
118- Todavia, neste espaço funciona uma unidade de pré – formação
119- cujo trabalho será desenvolvido no seguinte ponto.

120- *Centro de Actividades Ocupacionais da Alapraia –*
121- Desenvolve actividades relacionadas com o social,
122- o recreativo,
123- o expressivo,
124- o criativo
125- e o físico,
126- promovendo uma prática valorativa
127- e de reconhecimento dessas actividades.
128- As actividades ocupacionais são nas seguintes áreas:
129- lúdico,
130- sensorial,
131- educação física,
132- equitação,
133- expressão musical,
134- expressão plástica,
135- natação,
136- caminhadas e
137- montagem de material eléctrico.
138- Relativamente à formação profissional,
139- existem dois centros que desenvolvem actividades direccionadas para esta área,
140- o *Centro de Formação Profissional da Ajuda*
141- e o *Centro de Formação Profissional "Quinta dos Inglesinhos"*,
142- cujos objectivos são desenvolver programas de Formação Profissional para pessoas com deficiência;
143- acompanhar os jovens deficientes integrados ou a integrar nos programas,
144- ao nível da integração socioprofissional e apoio residencial;
145- promover o emprego da pessoa com deficiência quer em mercado aberto quer através de estruturas de emprego apoiado, como seja o mercado social de emprego;
146- apoiar a interligação com as famílias dos jovens de modo a optimizar a sua integração socioprofissional;
147- desenvolver a valorização, a competência pessoal e o reconhecimento social dos Formandos;
148- apostar na qualificação do quadro de profissionais afecto ao CFP.
149- As áreas de formação são empregados de refeitório,

150- costura de encadernação,
151- limpezas industriais,
152- reprografia,
153- rouparia / lavandaria
154- e acompanhante de crianças no Centro de Formação Profissional da Ajuda
155- e ajudantes de cozinha,
156- limpezas industriais,
157- confecção
158- e reparação de calçado,
159- costura em série,
160- rouparia / lavandaria,
161- serigrafia,
162- hortofloricultura,
163- serventes de construção civil e
164- transformação de plásticos no Centro de Formação Profissional da Quinta dos Inglesinhos.
165- Esta unidade de apoio oferece, igualmente, um serviço mais direccionado para os desempregados de longa duração
166- e desempregados em situação de desfavorecimento face ao mercado de trabalho,
167- ambos específicos para pessoas com deficiência.
168- Estes serviços têm como principais objectivos
169- combater a exclusão social através da inserção ou reintegração profissional;
170- adquirir e desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais adequadas ao exercício de uma actividade
171- e criar postos de trabalho.
172- Neste sentido são instituídas parcerias com várias empresas ou autarquias,
173- como é o exemplo da Câmara Municipal de Almada.
174- A instituição também se caracteriza por disponibilizar um serviço de residências aos seus utentes.
175- Espalhadas por várias unidades de apoio
176- e destinadas às pessoas com deficiência mental
177- a partir dos 16 anos
178- que estejam privados temporária ou definitivamente do seu meio familiar
179- ou que estejam inseridos em famílias fragilizadas

180- que não possam assegurar condições de vida, de bem-estar e de segurança.
181- A sua acção é conduzida através dos seguintes objectivos:
182- proporcionar um ambiente familiar de bem-estar;
183- fomentar o desenvolvimento individual,
184- independentemente da gravidade da deficiência
185- e manter e estreitar os laços familiares dos residentes com as suas famílias.
186- Embora todos tenham a função de internato
187- existem instituições em regime permanente
188- ou em regime eventual,
189- ou seja, apenas em situações pontuais como férias, fins-de-semana, situações de doença entre outros.
190- Existem vários mecanismos promovidos pela Instituição
191- que tentam incluir o mais possível as famílias na vida da pessoa com deficiência.
192- È entregue uma check – list aos familiares
193- que os motiva a contribuir para elaborar o PEI,
194- é solicitado que as famílias se dirijam à instituição
195- a fim de se perceber se concordam ou não com os objectivos propostos no PEI.
196- Para além disso, cada aluno tem um caderno de comunicação
197- que é actualizado diariamente,
198- existindo sempre que necessário reuniões.
199- Todavia tem-se verificado que as famílias são muito passivas,
200- depositando muitas expectativas no trabalho desenvolvido pela instituição,
201- desta forma torna-se impreterível incentivar a sua participação.
202- O Centro Sócio – Educativo Bonny Stilwell criou, há alguns anos atrás, um clube de pais,
203- onde cada família debatia um tema,
204- sendo composto por uma equipa específica *(psicóloga, professora de Ensino Especial, Ajudante de acção educativa …).*
205- De uma forma geral a dinâmica consistia na marcação de um encontro
206- onde se procurava um tema a debater,
207- havendo de seguida uma actividade mais prática em grupo.
208- Todavia, esta ideia foi-se desvanecendo
209- e a equipa também se foi alterando,
210- consequência das próprias mudanças do Estado.

211- Hoje em dia e com a actual política de funcionamento do centro
212- não se reúnem as condições necessárias para esse tipo de dinamismo.
213- De uma forma geral, a participação das famílias depende das dinâmicas das equipas,
214- por exemplo no Lar das Pedralvas existe um conjunto de pais,
215- que designados por *Brigada dos Pais*,
216- prestam auxílio nas festas programadas pela Instituição.
217- No entanto na globalidade existem famílias que esperam que a instituição dê o primeiro passo.
218- Esta problemática implica uma longa caminhada,
219- o panorama já foi pior,
220- mas ainda tem que ser muito melhor.
221- Nas empresas, apesar dos benefícios envolventes,
222- ainda não se incluem os trabalhadores com deficiência nos seus quadros.
223- A nível do ensino, nem todas as escolas estão preparadas para a inclusão,
224- principalmente a nível dos recursos humanos,
225- visto que nem todos os profissionais estão preparados para receber as NEE com deficiência mental.
226- Desta forma evidencia-se um caminho que é urgente percorrer,
227- mas que se avizinha muito complicado.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	APPACDM de Lisboa		
Endereço	Av. 5 de Outubro, nº 104 – 5º		
Localidade	Lisboa		
Código Postal	1064-004		
Distrito	Lisboa	Concelho	Lisboa
Telefone	217928720	Fax	217928749
Correio electrónico			

CERCI ☐ Associação / IPSS ☐ x Colégio ☐

REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial	☐	Atendimento Via Postal	☐
Atendimento Telefónico	☐	Ambulatório	☐
Consulta Externa	☐	Domiciliário	☐
Internamento	☐	Semi – Internamento X	☐
Internato X	☐	Externato	☐

Outro (s) _____

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental	X	
Deficiência Visual		X
Deficiência Motora		X
Deficiência Auditiva		X
Paralisia Cerebral	X	
Outra (s): Multideficiência	X	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego	X	
Educação	X	
Apoios especializados *		
Programas de Natureza Social *		
Apoios Técnicos *		
Avaliação *		
Outro (s) Centros de Act. Ocupacionais, Resid.	X	

* Não sendo valências da Inst. estes apoios fazem parte da intervenção das diferentes valências		
AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva X ☐	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos	
F= 1	M= 0	F= 0	M= 0	F= 0	M= 0	F= 0	M= 0	F= 0	M= 3
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos	
F= 1	M= 2	F= 0	M= 3	F= 0	M= 0	F= 0	M= 0	F= 0	M= 0

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= _____	Deficiência Visual= _____
Deficiência Motora= _____	Deficiência Mental= 10
Paralisia Cerebral= _____	Outras Deficiências= _____

Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído= _____	Inferior a 30%= _____
De 30% a 59%= _____	De 60% a 80%= 9
Superior a 80% = 1	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação= _____	Bobadela= _____
Bucelas= _____	Camarate= 1
Fanhões= 1	Frielas= _____
Loures= _____	Lousa= 1
Moscavide= 1	Portela= 2
Prior Velho= _____	S. João da Talha= _____
Sacavém= 2	Stº Antão do Tojal= _____
S. Julião do Tojal= _____	Stª Iria da Azóia= _____
Stº António dos Cavaleiros= 2	Unhos= _____

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

F= T=	M=

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula		Oficinas		Gabinetes	
Salas de Reunião		Ginásio		Polivalente	
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☐ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
_____ _____ _____	_____ _____ _____	_____ _____ _____

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador X ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência X ☐	Rampas X ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____ _____ _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim X ☐	Não ☐	Apenas a alguns ☐ Especifique: _____ _____
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		
Sim X ☐	Não ☐	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1º emprego	X	
Apoio no auto emprego		
Apoio na integração profissional	X	
Cursos de formação profissional*	X	
Emprego Protegido		
Informação e apoio em programas pré – profissionais		
Orientação profissional		
Readaptação ao trabalho		
Instalação por conta própria		
Informação sobre ajudas técnicas		
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)	X	
Educação		
Intervenção Precoce	X	
Jardim – de – Infancia		
Ensino Pré – Escolar		
Ensino Básico (1º Ciclo)	X	

	Sim	**Não**
Ensino Básico (2º Ciclo)	X	
Ensino Básico (3º Ciclo)	X	
Ensino Secundário		
Apoios Especializados		
Serviço Social	X	
Terapia Ocupacional	X	
Apoios e acompanhamento familiar	X	
Psicologia	X	
Psicomotricidade	X	
Fisioterapia	X	
Mobilidade	X	
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		
Lar de Idosos		
Residências	X	
Programas Ocupacionais		
Programas Culturais		

	Sim	**Não**
Creche	X	
Creche Familiar		
Apoio sócio – familiar		
Atelier dos tempos livres		
Programas Desportivos		
Apoios Técnicos		
Ajudas técnicas		
Atendimento	X	
Aconselhamento	X	
Transportes	X	
Ajudas financeiras		
Apoio financeiro		
Apoio jurídico		
Apoio domiciliário		
Informações gerais	X	

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: CREACIL

Como funciona a instituição?

Esta instituição, a CREACIL nasceu de uma cooperativa de pais de crianças que usufruíam de ensino especial. Na altura da constituição desta cooperativa, ela existe há uns 18 anos, onde havia uma equipa de educação especial que era nomeada ou colocada pelo Ministério da Educação e que dava apoio pedagógico às crianças com necessidades educativas especiais. Os pais para que os seus filhos estivessem terapias tinham que ir a Lisboa na maior parte dos casos porque aqui em Loures também não existia pouca oferta, então esses pais organizaram-se em cooperativa, de forma a contratar terapeutas, fizeram um protocolo com o Ministério da Educação, no sentido em que os terapeutas contratados por eles seriam suportados economicamente pelo Ministério da Educação mas pertencem ao quadro da instituição. Agora já não é cooperativa é uma IPSS.

Que tipos de apoios é que disponibilizam às crianças que usufruem dos vossos serviços?

O quadro técnico da instituição é três terapeutas da fala, um fisioterapeuta e uma terapeuta ocupacional, portanto o apoio que nós damos está no âmbito da nossa profissão. Há realmente muito mais pedidos para apoios em terapia da fala por parte das escolas, mas também há crianças com problemáticas motoras bastante graves que necessitam do trabalho do fisioterapeuta ou da terapeuta ocupacional. Portanto é o trabalho quer na vertente motora quer também no aspecto das aquisições cognitivas da criança por vezes na atenção, nas suas rotinas, nos hábitos de vida diária, é uma terapia um pouco mais lata em vários aspectos.

E as crianças dirigem-se à instituição?

Desde o inicio que a filosofia foi um pouco diferente do que é mais comum e o ministério apoiou na sua divisão de ensino especial. Pensava até que seria uma instituição modelo, mas agora as políticas educativas em certos aspectos recuaram um pouco com a retenção de custos. Mas a filosofia foi sempre fazer as terapias na escola que a criança frequenta, de preferência e geralmente até é a escola mais próxima da residência e assim não se desenquadra a criança dos seus amigos, às vezes de irmãos, achamos que é benéfico. Somos nós que nos deslocamos, temos o nosso horário que anualmente nós fazemos um projecto de apoio terapêutico que é nominal, em que cada criança está identificada, a escola, o agrupamento de escola a que pertence. Nós depois

temos protocolado com esses agrupamentos com que trabalhamos e enviamos esse projecto, com todos esses comprovativos para o Ministério e depois vem a resposta do subsídio que o Ministério decide atribuir.

Como é que é desenvolvido o processo de avaliação dos alunos?

As crianças são sinalizadas quer pelos serviços médicos que as acompanham, por exemplo, as consultas de desenvolvimento do Hospital ou pelo médico de família em que detecta que há ali uma perturbação no desenvolvimento da criança e portanto alerta a escola para que esteja atenta, ou o médico vê logo que há um problema motor grave e que precisa de apoio ou que, por exemplo, há um atraso consistente na fala e que precisa de terapia da fala. Os professores ou educadores de infância que estão com a criança podem sinalizar esse caso, podem e devem, quando lhes suscita suspeita. Portanto o profissional que está à frente desse grupo faz um pedido de observação a um técnico da CREACIL e pode ser só um deles ou aos três ou entrega ao agrupamento de escolas que faz chegar aos técnicos da CREACIL, depois nós observamos de acordo com as nossas grelhas de observação, tentamos agora adequar as grelhas à CIF, mas às vezes não é fácil, mas tem que ser. Isto porque muitas vezes após essa observação que por vezes tem que ser feita em duas ou três sessões, se após essa observação nós chegamos à conclusão que a criança necessita de ser vista por um especialista, fazemos essa indicação à família, reunimo-nos antes de observar a criança, porque os pais tem que autorizar por escrito a observação e portanto para fazermos uma anamnese, só às vezes os aspectos que nos interessam a nós e não tanto ao que há na escola. Nós depois no final da avaliação da criança reunimo-nos com o encarregado de educação para o por ao corrente da situação da criança. Podemos encaminhar essa criança para serviços especializados, médicos em geral otorrinos ou ortopedistas ou fisiatras, seja o que for. Podemos encaminhar, também, mas isso é mais as terapeutas da fala acabam por encaminhar para um subsídio de educação especial, porque consideram que aquela criança precisa de apoio em terapia da fala, mas já não tem capacidade para atender, como é óbvio nós quando fazemos o nosso programa de trabalho para o ano seguinte, nós temos o horário completo e isso tem que ser planificado no ano lectivo anterior as crianças que vão passar a ter o apoio. Caso tenhamos uma criança que tenha mudado de escola e se consideramos que ela necessita de apoio e nós temos vaga, iniciamos logo o apoio em qualquer altura do ano.

Em relação às famílias existe algum processo em que avalia a própria família?

Não, nós não temos.

Mesmo na entrevista ou conversa que tem com os pais é feito algum diagnóstico sócio – económico.

Realmente não, porque eu penso que não teremos muita competência para isso. O diálogo que nós temos com os pais é sempre relativamente à criança, portanto facilidades ou dificuldades que tem em lidar com a criança. Depois perguntamos que tem ajudas exteriores ou abonos familiares, mas isso depois não é tratado na verdade é só para nós percebermos e se aquela criança está acompanhada ou não. No entanto como nós temos algumas parcerias pouco informais, por exemplo pertencemos à Rede Social, mas reunimos pontualmente. Por exemplo com a Junta de Freguesia de Santo António dos Cavaleiros que é onde está sediada a CREACIL, se nós detectamos negligência ou alguma coisa que nós achamos que é um pouco inquietante falamos com a técnica de serviço social.

Estabelecido esse primeiro contacto com as famílias que tipo de relação é que depois têm com as famílias?

Depende muito da família e nós realmente também não podemos fazer, quer dizer, nós não temos muito poder em relação a isso. Porque nós depois temos que funcionar em relação às leis da escola e as leis da escola dizem que as famílias têm que comparecer trimestralmente nas reuniões de avaliação pedagógica que nós também acabamos por integrar, juntamente com a ficha do professor e do professor de apoio, vai o terapeuta. Se os pais comparecem há troca de ideias, há informações vão escritas sobre a evolução, sobre dificuldades do caso, se os pais não comparecem também não podemos fazer nada e realmente o que nós não podemos e que é comum aos professores é que à medida que a criança vai crescendo os pais vão espaçando mais as idas à escola. Possivelmente quando são mais pequeninas eles poderão estar mais ansiosos ou terão expectativas mais altas ou se adaptaram à situação. No entanto, por exemplo nós temos algumas crianças que estão acompanhadas em serviços externos com consultas de hospital ou com reavaliações periódicas com o centro de paralisia cerebral. Principalmente estas do centro de paralisia cerebral nos também temos um acordo, reunimo-nos com eles e como eles também vão lá fazer terapias, como no fundo são pessoas que falam mais a nossa linguagem, sempre que haja necessidade quer por parte do centro, pela nossa parte ou dos pais nós acompanhamos a criança a essa consulta periódica que pode ser mensal, trimestral é o centro que estabelece.

Considera que os pais poderiam ter um papel mais activo na vida das crianças?

Eu acho que sim. Eu acho que o ideal não era poderiam, era deveriam, acho que sim. Deveriam estar muito mais inteirados também dos objectivos do nosso trabalho do que nós fazemos assim realmente com os filhos deles, muito mais amiúde. Os objectivos, às vezes, ao nível de uma criança com um défice de equilíbrio posso, por exemplo, fazer uma determinada actividade com ele durante 15 dias para ele recuperar o equilíbrio e fazer determinadas posições e se a família tivesse a par disso fazia umas brincadeiras durante aqueles 15 dias e ajudava-me e seria óptimo, mas é um bocado difícil, depois há aquelas famílias, mas que são infelizmente muito poucas em que o mais comum a isso é a mãe não trabalhar e dada a problemática do filho, ser realmente uma criança muito dependente, então a mãe acaba por ir à escola, muitas vezes fora da entrada e saída do grande grupo de alunos, para lhe ser mais fácil e então há aí um contacto quase diário connosco, isso é o ideal. Mas compreendemos que para os pais é difícil.

Considera importante a existência de uma formação específica que consciencializasse os pais para estas problemáticas?

Eu considero que sim, sem dúvida. Em tempos, a CREACIL desenvolveu um projecto que foi financiado pelo Secretariado Nacional para a Reabilitação que se chamava Encontro de Pais e portanto era feito um encontro com os pais das nossas crianças e foi dirigido um convite, fez-se uma grelha com os temas a focar ao longo do ano e depois eles eram contactados por email ou por carta ou papelinho enviado na mochila da criança, era relembrado que no sábado tal, estes encontros faziam-se ao sábado, ao fim da tarde, para tentar facilitar ao máximo a vida dos pais e podiam levar os filhos porque haviam sempre lá umas auxiliares que trabalhavam connosco e voluntários que ficariam a tomar conta das crianças, caso fosse necessário, eu acho que foi mesmo muito bom. Houve pais que se manifestaram muito satisfeitos com isso porque foi o único sitio em que eles no fundo se sentiram acompanhados por outros pais com os mesmos problemas que eles, no fundo sentiram-se pares e não os pais daquela criança problemática, são os pais diferentes. Isto porque às vezes os pais também se sentem diferentes e às vezes complexados, só que depois isto foi um processo anual, no ano seguinte o Secretariado já não abriu projectos nenhuns, não tinha fundos e depois realmente não repetimos, mas continuamos a sentir essa necessidade. Este ano ainda contamos fazer uma nova aproximação aos pais para relembrar alguns projectos que a CREACIL tem, que vão para além dos apoios nas escolas. O grande problema que surge neste momento, como nós técnicos começámos a trabalhar há 15 anos, as primeiras crianças que nós

apanhámos, neste momento já saíram da escola e estão em casa, a maior parte delas estão em casa, salvo aqueles casos em que os pais tinham alguns conhecimentos e que lá pediram o favor de acolher ali aquele jovem para ir fazendo uns recados, consoante também as competências deles, mas queríamos agora voltar a apanhar esses pais para eles também dialogarem entre si e para ver que projecto de vida é que eles têm e como é que nós os podemos ajudar.

Considera que a sociedade reúne as condições necessárias para a inclusão das pessoas com deficiência na sua vida social?

Eu acho que é uma questão de empenho e de vontade, porque se estamos à espera das condições ideais, elas nunca existem e acho que também não deve ser uma coisa assim, por exemplo é um bocadinho feio de se dizer mas quando nos sobra muito dinheiro nós damos aos pobrezinhos e ficamos de bem com a nossa consciência e não deve ser assim. A inclusão é entender que eles têm o mesmo direito que nós, não é às sobras portanto essa mentalização ainda não foi feita por motivos vários, mas porque hoje em dia continua a haver um motivo que acho que é muito forte que é as pessoas sem deficiência não estão realmente habituados nem sequer a ver quanto mais a lidar com deficientes na rua, no centro comercial, no seu dia-a-dia, nas lojas como noutros países em que eles já eliminaram as barreiras arquitectónicas há muito tempo, em que já há transportes adaptados e sem taxas que se tornam muito acessíveis e que realmente as pessoas com deficiência saem muito, levam muito os filhos a sair também e ainda estamos assim muito a esconder e é uma trabalheira desgraçada os pais levarem a criança ou o jovem que se desloca em cadeira de rodas ou que perturba porque mexe em tudo e depois as outras pessoas dizem assim *Olha que miúdo tão mal educado* e as pessoas ficam assim um bocadinho acanhadas de sair e acho que esse é logo um entrave muito grande é o desconhecimento. Se nós não conhecemos não conseguimos integrar.

Considera que o sistema legislativo promove medidas que permitam à pessoa com deficiência exercer em pleno o seu direito à cidadania?

Não posso dizer que conheça a fundo a legislação, mas relativamente ao ensino que é onde eu me situo mais no dia-a-dia, a legislação até é boa mas depois não se consegue cumprir, não há meios para a cumprir. Por exemplo fica legislado que quando há uma criança com NEE a turma em que ela está inserida vai ser reduzida substancialmente, se houver duas crianças então aquilo fica por metade o número de alunos, só que depois a directora da escola diz muito bem, isso está legislado mas também só me colocam X professoras para Y alunos, portanto onde é que eu vou pôr estes se as outras turmas já

têm 30 alunos, vão ficar as outras com 40 para esta que tem as NEE cumprir a lei e ficar só com 10? Muitas vezes eu deparo-me com isso, os garotos estão lá mas a professora não tem qualquer benefício, quer dizer, é o aceitar que a professora vai ter que preparar trabalho suplementar e que por isso vai ter que ter uma redução de alunos, ela continua a ter os alunos como as suas colegas para além disso tem aquele caso.

Neste caso então é a prática que não se adequa à teoria…

Sim eu penso que neste caso é a prática neste momento não está a facilitar nada a vida às crianças e às pessoas com deficiência.

Considera que também seria importante os próprios professores não especializados terem alguma formação específica para lidar com estas situações?

Eu penso que agora os professores que já saem agora já têm uma cadeira não sei se semestral ou anual, mas já têm. Mas realmente os professores mais antigos entravam em pânico quando tinham uma criança com uma problemática sobre a qual não sabiam nada e fugiam a tê-la na sua turma o mais possível e eu acho que sim. De qualquer forma mesmo esses professores novos realmente… acho que seria muito útil para todos. Até para os professores passarem essa informação aos colegas da criança de forma que as outras crianças compreendam a problemática daquela criança em particular, acho que isso seria o ideal, mas não estou a ver que se faça.

Ainda sente que os professores estão reticentes a ter alunos com problemáticas na sua turma?

Às vezes são, mas às vezes eu tenho que lhes dar razão, entendo as razões deles. De alguma forma os professores foram formatados a cumprir o programa escolar e então para eles é muito perturbador, saber que com aquela criança não vão tocar sequer no programa escolar e que aquela criança vai distrair as outras. Têm muito medo que o professor ao permitir que aquela criança que é hiperactiva vai de meia em meia hora dar uma voltinha ao corredor e que todas as outras queiram fazer o mesmo e eles não sabem explicar isso aos outros, eu acho que sim há muitos professores que têm uma certa relutância. Acho que na maior parte dos casos é legítima, mas nós temos que combater isso também. O nosso papel também é dar um bocadinho de informação ao professor ou dizer onde é que ele pode ir buscar, que sites é que podem consultar ou recorrer para encontrar informação que o ajude a lidar com esta situação. Por exemplo se eu tenho uma criança com dificuldades motoras ou comportamentais, se for por exemplo uma criança que precisa muito de exteriorizar e de por a turma toda em alvoroço, eu às vezes digo, quando estou na hora de apoio desse garoto eu proponho convidar um número que

eu ache, enfim justificável, três, quatro ou cinco colegas e vamos fazer uma aula todos para o ginásio, é claro que os que são escolhidos ficam todos contentes porque saem da sala de aula e vão dar ali uns saltos no ginásio, muitas vezes vão utilizar materiais que eu trago no carro e eles não conhecem, ou jogos ou bolas, coisas assim que são lúdicas para eles e a professora ficou sem aquele grupinho. Por outro lado também estamos a favorecer a inclusão daquela criança problemática porque os outros depois querem ser amigos dele para depois irem todos lá dar uns saltos que também faz bem aos outros. Mas isto é muitas vezes feito no dia-a-dia, por exemplo isto hoje está muito turbulento, porque ele logo de manhã atirou com a carteira e com os livros do outro ao chão e não sei quê… é levar um grupinho e depois a professora fala com os outros para ver se acalma.

Quais são as maiores dificuldades do seu trabalho?

Uma grande dificuldade que nós temos na grande generalidade das escolas é que as escolas nos atribuam um espaço fixo com o mínimo de material para nós trabalharmos. O horário escolar foi alargado há muito mais gente nas escolas agora, porque os alunos que têm aulas de manhã e à tarde têm a componente não lectiva, têm a ginástica, a música, o inglês…. No geral as escolas primárias estão superlotadas e depois nós as vezes acabamos por trabalhar ali assim no corredor atrás de um biombo, para as terapeutas da fala é muito pior, porque há barulho, nós trabalhamos mais ou menos bem com o barulho é evidente que não é o ideal, mas pronto. Não se trabalha com uma criança com dificuldades de atenção ali atrás do biombo com os colegas a jogarem à bola no outro lado, eu penso que isto é comum às minhas colegas também, não existe um espaço fixo onde possamos deixar o mínimo de material e onde possamos trabalhar. Nós nem sempre precisamos de trabalhar individualmente, podemos trabalhar numa sala como agora há as unidades, e nós podemos trabalhar aí, desde que no nosso horário aquele cantinho da sala da unidade é nosso e isso também não acontece.

Como é que perspectiva o seu trabalho?

Sinceramente nós os cinco técnicos estamos muito pessimistas em relação ao futuro, não acreditamos muito que inclusivamente no próximo ano: o processo de análise dos projectos vai ser alterado, o ministério da educação pede requisitos que nunca tinha pedido até aqui, nomeadamente instalações próprias, quando o primeiro pressuposto é que nós damos o apoio nas escolas, no entanto o ministério pede que tenhamos instalações e o transporte seja adaptado e tudo isso, haverá talvez aqui uma intenção por parte do ministério de fazer a integração destas crianças de uma forma diferente, já não

na escola que frequentam, mas estão na escola e vão fazer as terapias à instituição, portanto isto a nossa ver é um recuar em todas as teorias educativas e integrativas que houve até aqui. Primeiro transportaram-se os meninos para a escola, agora voltam a transportar-se para a instituição e as instituições em causa, creio eu que são as CERCI, porque no inicio as CERCI tinham a componente educativa, os professores eram destacado para as CERCI, depois acabou-se com os destacamentos dos professores, eles passaram todos a ir para o ensino regular e agora viu-se que os estabelecimentos de ensino estão sobrelotados e não oferecem condições, têm imensas barreiras arquitectónicas, não têm casas de banho adaptadas e então voltam esses meninos já só nas terapias, mas quer dizer eu penso que isto é mau para a criança porque ela tem um índice de fadiga superior aos outros e de qualquer forma é sempre um estigma, *olha lá vai ele na carrinha adaptada fazer os tratamentos* e portanto em termos de técnicos não sei se vão rebuscar os técnicos que trabalhavam nas CERCI, não sei… Mas não estamos mesmo nada optimistas.

Pois porque depois verificam-se mais recuos…

Sim é um passo à frente dois atrás é essa a expressão. Não faz sentido nenhum porque nós temos aqui crianças que vêm de Santo António para uma unidade para crianças autistas, o trajecto não é simplesmente Santo António Loures, eu não sei exactamente que volta eles dão, mas as educadoras que estão com eles dizem que eles passam duas horas na carrinha para cá e outras duas para casa é uma realidade e que eles chegam ali completamente abananados, primeiro de manhã chegam a dormir porque acabam a manhã na camioneta entram às 7 da manhã para chegar à escola às 9 horas. acho que isto é uma violência para qualquer criança, quanto mais para uma criança que é autista porque estamos a deixá-la sozinha 4 horas a divagar por ali e depois queremos que ela desça à terra, é difícil. Agora imagine que para o ano este modelo das unidades de apoio se mantém ela já leva este tempo um trajecto para a sala e depois da sala ainda tem que ir para uma outra instalação ou instituição para fazer as terapias, o que é que esta criança faz, anda de autocarro. É uma realidade preocupante porque de certeza que há muitos casos assim. Este principio de agrupar as crianças, em muitos casos pode ter tido as melhores intenções, mas também tem muitos contras, porque filosoficamente está errado, estas crianças não têm que ser agrupadas, estas crianças têm que ser o mais integradas possível com o menor custo delas. Á partida nós enquanto técnicos profissionais de educação ou saúde temos mais vigor físico ou mais capacidade para nos cansarmos para irmos ter com elas, do que elas virem ter connosco e depois ficarem à

espera de vez, porque depois a carrinha não vai andar para trás e para a frente de hora a hora ir buscar um menino, depois leva os quatro e eles ficam à espera não vejo nada de bom nisso, posso estar muito mal informada em relação ao próximo ano, mas também o ministério, mais nenhumas ideias do que estas, porque as escolas estão exactamente como nós sem saber o que se vai passar.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: CREACIL

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Práticas de Funcionamento	Existia uma equipa de ensino especial nomeada pelo Ministério da Educação	*" (…) havia uma equipa de educação especial (…)"* *" (…) que era nomeada ou colocada pelo Ministério da Educação (…)"* *" (…) e que dava apoio pedagógico às crianças com necessidades educativas especiais."*
		Devido à pouca oferta, os pais organizaram-se em cooperativas	*"Os pais para que os seus filhos estivessem terapias tinham que ir a Lisboa na maior parte dos casos (…)"* *" (…) porque aqui em Loures também existia pouca oferta (…)"*
			" (…) então esses pais organizaram-se em cooperativa (…)" *" (…) de forma a contratar terapeutas(…)"* *" (…) fizeram um protocolo com o Ministério da Educação (…)"* *" (…) no sentido em que os terapeutas contratados por eles seriam suportados economicamente pelo Ministério da Educação (…)"* *" (…) mas pertencem ao quadro da instituição."*
			"Esta instituição, a CREACIL (…)" *" (…) nasceu de uma cooperativa de pais de crianças que usufruíam de ensino especial."*
		Existe há mais de 18 anos	*"Na altura da constituição desta cooperativa, ela existe há uns 18 anos(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		IPSS	*"Agora já não é cooperativa é uma IPSS."*
		Os Técnicos dirigem-se às escolas, sendo por considerada como instituição modelo pelo Ministério da Educação	*"Desde o inicio que a filosofia foi um pouco diferente do que é mais comum(…)"* *" (…) e o ministério apoiou na sua divisão de ensino especial."* *"Mas a filosofia foi sempre fazer as terapias na escola que a criança frequenta (…)"* *" (…) de preferência e geralmente até é a escola mais próxima da residência(…)"* *" (…) e assim não se desenquadra a criança dos seus amigos, às vezes de irmãos (…)"* *" (…) achamos que é benéfico."* *"Somos nós que nos deslocamos (…)"* *"Pensava até que seria uma instituição modelo (…)"* *" (…) mas agora as políticas educativas em certos aspectos recuaram um pouco com a retenção de custos."*
		È elaborado, anualmente, pela instituição um projecto de apoio para cada aluno	*"(…) temos o nosso horário que anualmente nós fazemos um projecto de apoio terapêutico que é nominal(…)"* *" (…) em que cada criança está identificada, a escola, o agrupamento de escola a que pertence."* *" (…) como é óbvio nós quando fazemos o nosso programa de trabalho para o ano seguinte (…)"* *" (…) nós temos o horário completo e isso tem que ser planificado no ano lectivo anterior (…)"* *" (…) as crianças que vão passar a ter o*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			apoio."
		Ministério da Educação recebe os diferentes projectos de apoio e atribui um subsídio	*"Nós depois temos protocolado com esses agrupamentos com que trabalhamos (…)"* *" (…) enviamos esse projecto, com todos esses comprovativos para o Ministério(…)"* *" (…) e depois vem a resposta do subsídio que o Ministério decide atribuir."*
	Profissionais que trabalham na Instituição	Terapeutas	*"O quadro técnico da instituição é três terapeutas da fala (…)"* *"Há realmente muito mais pedidos para apoios em terapia da fala por parte das escolas (…)"* *" (…) e uma terapeuta ocupacional (…)"* *" (…) ou da terapeuta ocupacional (…)"*
		Fisioterapeuta	*" (…) um fisioterapeuta (…)"* *" (…) mas também há crianças com problemáticas motoras bastante graves que necessitam do trabalho do fisioterapeuta (…)"*
	Valências de atendimento	Vertente motora	*"Portanto é o trabalho quer na vertente motora (…)"*
		Aquisições cognitivas	*" (…) quer também no aspecto das aquisições cognitivas da criança (…)"* *" (…) por vezes na atenção (…)"* *" (…) nas suas rotinas (…)"* *" (…) nos hábitos de vida diária (…)"* *" (…) é uma terapia um pouco mais lata em vários aspectos."*
	Processo de avaliação dos utentes	Crianças são sinalizadas pelos serviços médicos	*"As crianças são sinalizadas quer pelos serviços médicos que as acompanham(…)"* *" (…) por exemplo, as consultas de*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			desenvolvimento do Hospital (…)" *" (…) ou pelo médico de família em que detecta que há ali uma perturbação no desenvolvimento da criança (…)"* *" (…) portanto alerta a escola para que esteja atenta (…)"* *" (…) ou o médico vê logo que há um problema motor grave (…)"* *" (…) e que precisa de apoio ou que, por exemplo, há um atraso consistente na fala e que precisa de terapia da fala."*
		Professores e educadores podem sinalizar e fazer um pedido de observação à CREACIL	*"Os professores ou educadores de infância que estão com a criança podem sinalizar esse caso (…)"* *" (…) podem e devem, quando lhes suscita suspeita."* *"Portanto o profissional que está à frente desse grupo faz um pedido de observação a um técnico da CREACIL(…)"* *" (…) e pode ser só a um deles ou aos três(…)"* *" (…) ou entrega ao agrupamento de escolas que faz chegar aos técnicos da CREACIL (…)"*
		Técnicos observam tendo em conta a CIF	*" (…) depois nós observamos de acordo com as nossas grelhas de observação (…)"* *" (…) tentamos agora adequar as grelhas à CIF (…)"* *" (…) mas às vezes não é fácil, mas tem que ser."* *"Isto porque muitas vezes após essa observação que por vezes tem que ser feita em duas ou três sessões (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Antes da observação reúnem-se com os pais	*" (…) reunimo-nos antes de observar a criança, porque os pais tem que autorizar por escrito a observação (…)"* *" (…) e portanto para fazermos uma anamnese (…)"* *" (…) só às vezes aos aspectos que nos interessam a nós (…)"* *" (…) e não tanto ao que há na escola."*
		Resultados são sempre comunicados à família	*" (…) fazemos essa indicação à família (…)"* *" Nós depois no final da avaliação da criança reunimo-nos com o encarregado de educação para o pôr ao corrente da situação da criança."*
		Encaminhar para os serviços especializados	*" (…) se após essa observação nós chegamos à conclusão que a criança necessita de ser vista por um especialista (…)"* *"Podemos encaminhar essa criança para serviços especializados (…)"* *" (…) médicos em geral, otorrinos ou ortopedistas ou fisiatras, seja o que for."* *"Podemos encaminhar, também (…)"* *" (…) mas isso é mais as terapeutas da fala acabam por encaminhar para um subsídio de educação especial (…)"* *" (…) porque consideram que aquela criança precisa de apoio em terapia da fala (…)"* *" (…) mas já não tem capacidade para atender (…)"*
		Sempre que haja vaga os apoios começam imediatamente	*"Caso tenhamos uma criança que tenha mudado de escola e se consideramos que ela necessita de apoio (…)"* *" (…) e nós temos vaga (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) iniciamos logo o apoio em qualquer altura do ano."
	Processo de avaliação das famílias	Não se realiza, não é a especialidade dos técnicos	*"Não, nós não temos."* *"Realmente não (…)"* *" (…) porque eu penso que não teremos muita competência para isso."*
		Diálogo estabelecido é sempre sobre a criança	*"O diálogo que nós temos com os pais é sempre relativamente à criança (…)"* *" (…) portanto facilidades ou dificuldades que tem em lidar com a criança."* *"Depois perguntamos que tem ajudas exteriores ou abonos familiares (…)"* *" (…) mas isso depois não é tratado na verdade é só para nós percebermos (…)"* *" (…) e se aquela criança está acompanhada ou não."*
		Utilizam parcerias para resolver situações mais inquietantes	*"No entanto como nós temos algumas parcerias pouco informais (…)"* *" (…) por exemplo pertencemos à Rede Social, mas reunimos pontualmente."* *"Por exemplo com a Junta de Freguesia de Santo António dos Cavaleiros que é onde está sediada a CREACIL (…)"* *" (…) alguma coisa que nós achamos que é um pouco inquietante falamos com a técnica de serviço social."*
II Principais constrangimentos	Espaço físico	Escola atribua um espaço onde possam trabalhar	*"Uma grande dificuldade que nós temos na grande generalidade das escolas é que as escolas nos atribuam um espaço fixo com o mínimo de material para nós trabalharmos."* *" (…) eu penso que isto é comum às*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			minhas colegas também (…)" *" (…) não existe um espaço fixo onde possamos deixar o mínimo de material(…)"* *" (…) e onde possamos trabalhar."*
		As escolas estão sobrelotadas	*muito mais gente nas escolas agora, porque os alunos que têm aulas de manhã e à tarde têm a componente não lectiva, têm a ginástica, a música, o inglês…."* *"O horário escolar foi alargado há* *"No geral as escolas primárias estão superlotadas (…)"*
		Trabalham em condições que não são muito favoráveis ao desenvolvimento da criança	*" (…) e depois nós as vezes acabamos por trabalhar ali assim no corredor atrás de um biombo (…)"* *" (…) para as terapeutas da fala é muito pior, porque há barulho (…)"* *" (…) nós trabalhamos mais ou menos bem com o barulho é evidente que não é o ideal, mas pronto."* *"Não se trabalha com uma criança com dificuldades de atenção ali atrás do biombo com os colegas a jogarem à bola no outro lado (…)"*
		Necessitam de um lugar específico	*"Nós nem sempre precisamos de trabalhar individualmente (…)"* *" (…) podemos trabalhar numa sala como agora há as unidades (…)"* *" (…) e nós podemos trabalhar aí (…)"* *" (…) desde que no nosso horário aquele cantinho da sala da unidade seja nosso e isso também não acontece."*

Tema: A Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
III. Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da Instituição	Depende da família	*"Depende muito da família (…)"* *" (…) e nós realmente também não podemos fazer (…)"* *" (…) quer dizer, nós não temos muito poder em relação a isso."*
		Instituição participa nas reuniões de pais trimestrais da escola	*"Porque nós depois temos que funcionar em relação às leis da escola(…)"* *" (…) e as leis da escola dizem que as famílias têm que comparecer trimestralmente nas reuniões de avaliação pedagógica que nós também acabamos por integrar (…)"* *" (…) juntamente com a ficha do professor e do professor de apoio, vai o terapeuta."* *"Se os pais comparecem há troca de ideias (…)"* *" (…) há informações vão escritas sobre a evolução (…)"* *" (…) sobre dificuldades do caso (…)"* *" (…) se os pais não comparecem também não podemos fazer nada (…)"*
		Á medida que a criança cresce as idas dos pais vão espaçando	*" (…) e realmente o que nós não podemos e que é comum aos professores (…)"* *" (…) é que à medida que a criança vai crescendo os pais vão espaçando mais as idas à escola."* *"Possivelmente quando são mais pequeninas (…)"* *" (…) eles poderão estar mais ansiosos ou terão expectativas mais altas ou se adaptaram à situação."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Técnicos da Instituição podem acompanhar as crianças em consultas exteriores	*"No entanto, por exemplo nós temos algumas crianças que estão acompanhadas em serviços externos com consultas de hospital (…)"* *" (…) ou com reavaliações periódicas com o centro de paralisia cerebral."* *"Principalmente estas do centro de paralisia cerebral nós também temos um acordo (…)"* *" (…) reunimo-nos com eles e como eles também vão lá fazer terapias (…)"* *" (…) como no fundo são pessoas que falam mais a nossa linguagem (…)"* *" (…) sempre que haja necessidade quer por parte do centro, pela nossa parte ou dos pais (…)"* *" (…) nós acompanhamos a criança a essa consulta periódica (…)"* *" (…) que pode ser mensal (…)"* *" (…) trimestral (…)"* *" (…) é o centro que estabelece."*
	Papel que os pais devem desempenhar	Pais deveriam estar mais inteirados do trabalho dos técnicos	*"Eu acho que o ideal não era, poderiam, era deveriam, acho que sim."* *"Deveriam estar muito mais inteirados também dos objectivos do nosso trabalho do que nós fazemos assim realmente com os filhos deles, muito mais amiúde."* *"Mas compreendemos que para os pais é difícil."*
		A colaboração mais activa da família é benéfica para o desenvolvimento do seu filho	*"Os objectivos, às vezes, ao nível de uma criança com um défice de equilíbrio posso (…)"* *" (…) por exemplo, fazer uma determinada actividade com ele durante 15 dias para ele recuperar o equilíbrio*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			e fazer determinadas posições (…)" *" (…) e se a família tivesse a par disso fazia umas brincadeiras durante aqueles 15 dias e ajudava-me e seria óptimo (…)"* *" (…) mas é um bocado difícil (…)"*
		Existem famílias que vão frequentemente à escola e conversam com os técnicos	*" (…) depois há aquelas famílias, mas que são infelizmente muito poucas em que o mais comum a isso é a mãe não trabalhar e dada a problemática do filho (…)"* *" (…) ser realmente uma criança muito dependente (…)"* *" (…) então a mãe acaba por ir à escola, muitas vezes fora da entrada e saída do grande grupo de alunos, para lhe ser mais fácil (…)"* *" (…) e então há aí um contacto quase diário connosco, isso é o ideal."*
	Formação específica para os cuidadores	É uma necessidade	*"Eu considero que sim, sem dúvida."* *" (…) mas continuamos a sentir essa necessidade."*
		Desenvolveu um projecto "Encontro de pais" que foi muito benéfico	"Em tempos, a CREACIL desenvolveu um projecto que foi financiado pelo Secretariado Nacional para a Reabilitação que se chamava Encontro de Pais (…)" " (…) e portanto era feito um encontro com os pais das nossas crianças (…)" " (…) e foi dirigido um convite (…)" " (…) fez-se uma grelha com os temas a focar ao longo do ano (…)" " (…) e depois eles eram contactados por email ou por carta ou papelinho enviado na mochila da criança (…)"

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) era relembrado que no sábado tal, estes encontros faziam-se ao sábado, ao fim da tarde, para tentar facilitar ao máximo a vida dos pais (…)" *" (…) e podiam levar os filhos porque haviam sempre lá umas auxiliares que trabalhavam connosco e voluntários que ficariam a tomar conta das crianças, caso fosse necessário (…)"* *" (…) eu acho que foi mesmo muito bom."* *"Houve pais que se manifestaram muito satisfeitos com isso (…)"* *" (…) porque foi o único sitio em que eles no fundo se sentiram acompanhados por outros pais com os mesmos problemas que eles (…)"* *" (…) no fundo sentiram-se pares (…)""(…) só que depois isto foi um processo anual (…)"* *" (…) no ano seguinte o Secretariado já não abriu projectos nenhuns (…)"* *" (…) não tinha fundos e depois realmente não repetimos (…)"*
		Pais também se sentem complexados	*" (…) e não os pais daquela criança problemática, são os pais diferentes."* *"Isto porque às vezes os pais também se sentem diferentes (…)"* *" (…) e às vezes complexados (…)"*
		Intenção de fazer uma nova aproximação para divulgar projectos	*"Este ano ainda contamos fazer uma nova aproximação aos pais para relembrar alguns projectos que a CREACIL tem (…)* *" (…) que vão para além dos apoios nas escolas."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Envolver os pais cujos filhos já não estão no ensino regular	*"O grande problema que surge neste momento (…)"* *" (…) como nós técnicos começámos a trabalhar há 15 anos, as primeiras crianças que nós apanhámos, neste momento já saíram da escola e estão em casa (…)"* *" (…) a maior parte delas estão em casa, salvo aqueles casos em que os pais tinham alguns conhecimentos e que lá pediram o favor de acolher ali aquele jovem para ir fazendo uns recados, consoante também as competências deles (…)"* *" (…) mas queríamos agora voltar a apanhar esses pais para eles também dialogarem entre si e para ver que projecto de vida é que eles têm (…)"* *" (…) e como é que nós os podemos ajudar."*
	Formação específica para professores	Professores mais novos têm cadeiras específicas	*"Eu penso que agora os professores que já saem agora já têm uma cadeira(…)"* *" (…) não sei se semestral ou anual, mas já têm."*
		Professores mais antigos ainda ficam reticentes em incluir crianças com NEE	*"Mas realmente os professores mais antigos entravam em pânico quando tinham uma criança com uma problemática sobre a qual não sabiam nada (…)"* *" (…) e fugiam a tê-la na sua turma o mais possível e eu acho que sim."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Formação seria pertinente para todos	*"De qualquer forma mesmo esses professores novos realmente…"* *" (…) acho que seria muito útil para todos."* *"Até para os professores passarem essa informação aos colegas da criança de forma que as outras crianças compreendam a problemática daquela criança em particular (…)"* *" (…) acho que isso seria o ideal, mas não estou a ver que se faça."* *"Às vezes não, mas às vezes eu tenho que lhes dar razão (…)"* *" (…) entendo as razões deles."*
		Professores foram formatados a cumprir um programa	*"De alguma forma os professores foram formatados a cumprir o programa escolar (…)"* *" (…) e então para eles é muito perturbador (…)"* *" (…) saber que com aquela criança não vão tocar sequer no programa escolar (…)"* *" (…) e que aquela criança vai distrair as outras."* *"Têm muito medo que o professor ao permitir que aquela criança que é hiperactiva vá de meia em meia hora dar uma voltinha ao corredor (…)"* *" (…) e que todas as outras queiram fazer o mesmo (…)"* *" (…) e eles não sabem explicar isso aos outros (…)"* *" (…) eu acho que sim há muitos professores que têm uma certa relutância."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"Acho que na maior parte dos casos é legítima (…)" *" (…) mas nós temos que combater isso também."*
		Técnicos disponibilizam alguma informação aos professores	*"O nosso papel também é dar um bocadinho de informação ao professor(…)"* *" (…) ou dizer onde é que ele pode ir buscar (…)"* *" (…) que sites é que podem consultar ou recorrer para encontrar informação que o ajude a lidar com esta situação."*
		Técnicos ajudam os professores na resolução de situações mais complicadas	*"Por exemplo se eu tenho uma criança com dificuldades motoras ou comportamentais, se for por exemplo uma criança que precisa muito de exteriorizar e de pôr a turma toda em alvoroço (…)"* *" (…) eu às vezes digo, quando estou na hora de apoio desse garoto eu proponho convidar um número que eu ache, enfim justificável, três, quatro ou cinco colegas e vamos fazer uma aula todos para o ginásio (…)"* *" (…) é claro que os que são escolhidos ficam todos contentes porque saem da sala de aula e vão dar ali uns saltos no ginásio (…)"* *" (…) muitas vezes vão utilizar materiais que eu trago no carro e eles não conhecem (…)"* *" (…) ou jogos ou bolas, coisas assim que são lúdicas para eles e a professora ficou sem aquele grupinho."* *"Por outro lado também estamos a favorecer a inclusão daquela criança*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			problemática (…)" *" (…) porque os outros depois querem ser amigos dele para depois irem todos lá dar uns saltos que também faz bem aos outros."* *"Mas isto é muitas vezes feito no dia-a-dia, por exemplo isto hoje está muito turbulento, porque ele logo de manhã atirou com a carteira e com os livros do outro ao chão e não sei quê…"* *"é levar um grupinho e depois a professora fala com os outros para ver se acalma."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
IV. Inclusão social	Sociedade	È necessário haver empenho e vontade	*"Eu acho que é uma questão de empenho e de vontade (…)"* *" (…) porque se estamos à espera das condições ideais (…)"* *" (…) elas nunca existem e acho que também não deve ser uma coisa assim (…)"* *" (…) por exemplo é um bocadinho feio de se dizer mas quando nos sobra muito dinheiro nós damos aos pobrezinhos e ficamos de bem com a nossa consciência e não deve ser assim."*
		A inclusão é um direito	*"A inclusão é entender que eles têm o mesmo direito que nós (…)"* *" (…) não é às sobras portanto essa mentalização ainda não foi feita por motivos vários (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		As pessoas ainda não lidam com pessoas com deficiência no seu dia-a-dia	*" (…) mas porque hoje em dia continua a haver um motivo que acho que é muito forte que é as pessoas sem deficiência não estão realmente habituados nem sequer a ver quanto mais a lidar com deficientes na rua (…)"* *" (…) no centro comercial, no seu dia-a-dia, nas lojas (…)"* *" (…) como noutros países em que eles já eliminaram as barreiras arquitectónicas há muito tempo (…)"* *" (…) em que já há transportes adaptados e sem taxas que se tornam muito acessíveis (…)"* *" (…) e que realmente as pessoas com deficiência saem muito (…)"* *" (…) levam muito os filhos a sair também (…)"*
		Pais ainda tentam esconder os filhos	*" (…) ainda estamos assim muito a esconder (…)"* *" (…) e é uma trabalheira desgraçada os pais levarem a criança ou o jovem que se desloca em cadeira de rodas(…)"* *" (…) ou que perturba porque mexe em tudo (…)"* *"" (…) e depois as outras pessoas dizem assim Olha que miúdo tão mal educado e as pessoas ficam assim um bocadinho acanhadas de sair (…)"* *(…) o grande é o desconhecimento."* *"Se nós não conhecemos não conseguimos integrar."*
	Ensino	Legislação boa, mas não se cumpre	*"Não posso dizer que conheça a fundo a legislação (…)"* *" (…) mas relativamente ao ensino*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			que é onde eu me situo mais no dia-a-dia (…)" *" (…)a legislação até é boa mas depois não se consegue cumprir (…)"* *" (…) não há meios para a cumprir."*
		Não existem recursos humanos suficientes	*"Por exemplo fica legislado que quando há uma criança com NEE a turma em que ela está inserida vai ser reduzida substancialmente (…)"* *" (…) se houver duas crianças então aquilo fica por metade o número de alunos (…)"* *" (…) só que depois a directora da escola diz muito bem, isso está legislado mas também só me colocam X professoras para Y alunos, portanto onde é que eu vou pôr estes se as outras turmas já têm 30 alunos, vão ficar as outras com 40 para esta que tem as NEE possa cumprir a lei e ficar só com 10?"*
		Professores não têm redução de alunos e têm um trabalho suplementar	*"Muitas vezes eu deparo-me com isso(…)"* *" (…) os garotos estão lá mas a professora não tem qualquer benefício(…)"* *" (…) quer dizer, é o aceitar que a professora vai ter que preparar trabalho suplementar e que por isso vai ter que ter uma redução de alunos(…)"* *" (…) ela continua a ter os alunos como as suas colegas para além disso tem aquele caso."*
		A prática não ajuda a teoria	*"Sim eu penso que neste caso é a prática neste momento não está a facilitar nada a vida às crianças e às pessoas com*

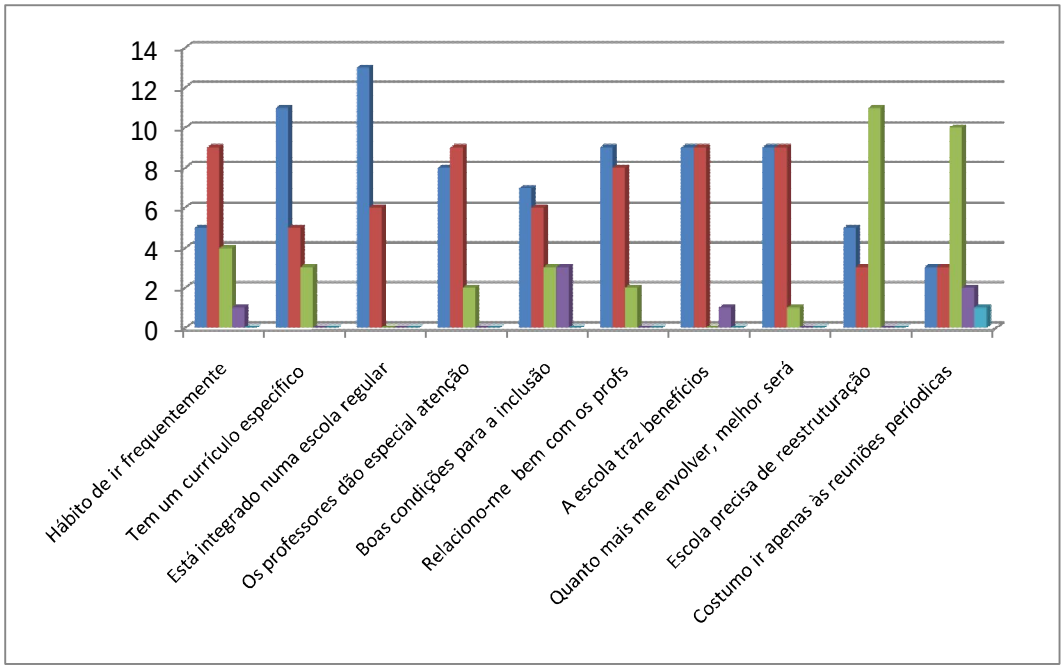
Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			deficiência."
V. Trabalho Desenvolvido	Relação com o futuro	Perspectiva pessimista	*"Sinceramente nós os cinco técnicos estamos muito pessimistas em relação ao futuro (…)"* *"Mas não estamos mesmo nada optimistas."* *" (…) posso estar muito mal informada em relação ao próximo ano (…)"* *" (…) mas também o ministério, não deu mais nenhuma ideia além desta (…)"* *" (…) porque as escolas estão exactamente como nós sem saber o que se vai passar."*
		Existe por parte do estado uma nova perspectiva de integração	*" (…) não acreditamos muito que inclusivamente no próximo ano: o processo de análise dos projectos vá ser alterado, o ministério da educação pede requisitos que nunca tinha pedido até aqui, nomeadamente instalações próprias, quando o primeiro pressuposto é que nós damos o apoio nas escolas (…)"* *" (…) no entanto o ministério pede que tenhamos instalações (…)"* *" (…) e o transporte seja adaptado e tudo isso (…)"* *" (…) haverá talvez aqui uma intenção por parte do ministério de fazer a integração destas crianças de uma forma diferente (…)"* *" (…) já não na escola que frequentam(…)"* *" (…) mas estão na escola e vão fazer as terapias à instituição (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) portanto isto a nossa ver é um recuar em todas as teorias educativas e integrativas que houve até aqui." *"Primeiro transportaram-se os meninos para a escola, agora voltam a transportar-se para a instituição e as instituições em causa (…)"* *" (…) creio eu que são as CERCI, porque no inicio as CERCI tinham a componente educativa (…)"* *" (…) os professores eram destacado para as CERCI (…)"* *" (….) depois acabou-se com os destacamentos dos professores (…)"* *" (…) eles passaram todos a ir para o ensino regular (…)"*
		Escolas não reúnem as condições para a inclusão das crianças com NEE	*" (…) e agora viu-se que os estabelecimentos de ensino estão sobrelotados (…)"* *" (…) e não oferecem condições (…)"* *" (…) têm imensas barreiras arquitectónicas (…)"* *" (…) não têm casas de banho adaptadas (…)"*
		As constantes mudanças legislativas acabam por não ser benéficas para as pessoas com deficiência	*" (…) e então voltam esses meninos já só nas terapias (…)"* *" (…) mas quer dizer eu penso que isto é mau para a criança (…)"* *" (…) porque ela tem um índice de fadiga superior aos outros e de qualquer forma é sempre um estigma, olha lá vai ele na carrinha adaptada fazer os tratamentos (…)"* *" (…) portanto em termos de técnicos não sei se vão rebuscar os técnicos que*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			trabalhavam nas CERCI, não sei…" *"Sim é um passo à frente dois atrás é essa a expressão."* *"Agora imagine que para o ano este modelo das unidades de apoio se mantém (…)"* *" (…) ela já leva este tempo um trajecto para a sala e depois da sala ainda tem que ir para uma outra instalação ou instituição para fazer as terapias (…)"* *" (…) o que é que esta criança faz: anda de autocarro."* *"Á partida nós enquanto técnicos profissionais de educação ou saúde temos mais vigor físico ou mais capacidade para não nos cansarmos para irmos ter com elas (…)"* *" (…) do que elas virem ter connosco e depois ficarem à espera de vez, porque depois a carrinha não vai andar para trás e para a frente de hora a hora ir buscar um menino (…)"* *" (…) depois leva os quatro e eles ficam à espera não vejo nada de bom nisso (…)"*
		Os alunos demoram muito tempo no transporte o que é prejudicial para o seu desenvolvimento	"*Não faz sentido nenhum porque nós temos aqui crianças que vêm de Santo António para uma unidade para crianças autistas (…)"* *" (…) o trajecto não é simplesmente Santo António Loures, eu não sei exactamente que volta eles dão, mas as educadoras que estão com eles dizem que eles passam duas horas na carrinha para cá e outras duas para*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			casa (…)" *" (…) é uma realidade e que eles chegam ali completamente abananados(…)"* *" (…) primeiro de manhã chegam a dormir porque acabam a manhã na camioneta entram às 7 da manhã para chegar à escola às 9 horas."* *"Acho que isto é uma violência para qualquer criança (…)"* *" (…) quanto mais para uma criança que é autista porque estamos a deixá-la sozinha 4 horas a divagar por ali e depois queremos que ela desça à terra, é difícil."*
		Principio de agrupar não é o mais correcto, é necessário integrar	*"É uma realidade preocupante porque de certeza que há muitos casos assim."* *"Este princípio de agrupar as crianças, em muitos casos pode ter tido as melhores intenções (…)"* *" (…) mas também tem muitos contras (…)"* *" (…) porque filosoficamente está errado (…)"* *" (…) estas crianças não têm que ser agrupadas (…)"* *" (…) estas crianças têm que ser o mais integradas possível com o menor custo delas."*

Relação com a Escola / Instituição					
	TA	C	D	DT	N resp
Hábito de ir frequentemente	5	9	4	1	0
Tem um currículo específico	11	5	3	0	0
Está integrado numa escola regular	13	6	0	0	0
Os professores dão especial atenção	8	9	2	0	0
Boas condições para a inclusão	7	6	3	3	0
Relaciono-me bem com os profs	9	8	2	0	0
A escola traz benefícios	9	9	0	1	0
Quanto mais me envolver, melhor será	9	9	1	0	0
Escola precisa de reestruturação	5	3	11	0	0
Costumo ir apenas às reuniões períodicas	3	3	10	2	1



LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: CREACIL

1. Esta instituição, a CREACIL
2. nasceu de uma cooperativa de pais de crianças que usufruíam de ensino especial.
3. Na altura da constituição desta cooperativa, ela existe há uns 18 anos,
4. havia uma equipa de educação especial
5. que era nomeada ou colocada pelo Ministério da Educação
6. e que dava apoio pedagógico às crianças com necessidades educativas especiais.
7. Os pais para que os seus filhos estivessem terapias tinham que ir a Lisboa na maior parte dos casos
8. porque aqui em Loures também existia pouca oferta,
9. então esses pais organizaram-se em cooperativa,
10. de forma a contratar terapeutas,
11. fizeram um protocolo com o Ministério da Educação,
12. no sentido em que os terapeutas contratados por eles seriam suportados economicamente pelo Ministério da Educação
13. mas pertencem ao quadro da instituição.
14. Agora já não é cooperativa é uma IPSS.
15. O quadro técnico da instituição é três terapeutas da fala,
16. um fisioterapeuta
17. e uma terapeuta ocupacional,
18. portanto o apoio que nós damos está no âmbito da nossa profissão.
19. Há realmente muito mais pedidos para apoios em terapia da fala por parte das escolas,
20. mas também há crianças com problemáticas motoras bastante graves que necessitam do trabalho do fisioterapeuta
21. ou da terapeuta ocupacional.
22. Portanto é o trabalho quer na vertente motora
23. quer também no aspecto das aquisições cognitivas da criança
24. por vezes na atenção,
25. nas suas rotinas,
26. nos hábitos de vida diária,
27. é uma terapia um pouco mais lata em vários aspectos.

28. Desde o inicio que a filosofia foi um pouco diferente do que é mais comum
29. e o ministério apoiou na sua divisão de ensino especial.
30. Pensava até que seria uma instituição modelo,
31. mas agora as políticas educativas em certos aspectos recuaram um pouco com a retenção de custos.
32. Mas a filosofia foi sempre fazer as terapias na escola que a criança frequenta,
33. de preferência e geralmente até é a escola mais próxima da residência
34. e assim não se desenquadra a criança dos seus amigos, às vezes de irmãos,
35. achamos que é benéfico.
36. Somos nós que nos deslocamos,
37. temos o nosso horário que anualmente nós fazemos um projecto de apoio terapêutico que é nominal,
38. em que cada criança está identificada, a escola, o agrupamento de escola a que pertence.
39. Nós depois temos protocolado com esses agrupamentos com que trabalhamos e
40. enviamos esse projecto, com todos esses comprovativos para o Ministério
41. e depois vem a resposta do subsídio que o Ministério decide atribuir.
42. As crianças são sinalizadas quer pelos serviços médicos que as acompanham,
43. por exemplo, as consultas de desenvolvimento do Hospital
44. ou pelo médico de família em que detecta que há ali uma perturbação no desenvolvimento da criança e
45. portanto alerta a escola para que esteja atenta,
46. ou o médico vê logo que há um problema motor grave
47. e que precisa de apoio ou que, por exemplo, há um atraso consistente na fala e que precisa de terapia da fala.
48. Os professores ou educadores de infância que estão com a criança podem sinalizar esse caso,
49. podem e devem, quando lhes suscita suspeita.
50. Portanto o profissional que está à frente desse grupo faz um pedido de observação a um técnico da CREACIL
51. e pode ser só a um deles ou aos três
52. ou entrega ao agrupamento de escolas que faz chegar aos técnicos da CREACIL,
53. depois nós observamos de acordo com as nossas grelhas de observação,
54. tentamos agora adequar as grelhas à CIF,

55. mas às vezes não é fácil, mas tem que ser.
56. Isto porque muitas vezes após essa observação que por vezes tem que ser feita em duas ou três sessões,
57. se após essa observação nós chegamos à conclusão que a criança necessita de ser vista por um especialista,
58. fazemos essa indicação à família,
59. reunimo-nos antes de observar a criança, porque os pais tem que autorizar por escrito a observação
60. e portanto para fazermos uma anamnese,
61. só às vezes aos aspectos que nos interessam a nós
62. e não tanto ao que há na escola.
63. Nós depois no final da avaliação da criança reunimo-nos com o encarregado de educação para o pôr ao corrente da situação da criança.
64. Podemos encaminhar essa criança para serviços especializados,
65. médicos em geral, otorrinos ou ortopedistas ou fisiatras, seja o que for.
66. Podemos encaminhar, também,
67. mas isso é mais as terapeutas da fala acabam por encaminhar para um subsídio de educação especial,
68. porque consideram que aquela criança precisa de apoio em terapia da fala,
69. mas já não tem capacidade para atender,
70. como é óbvio nós quando fazemos o nosso programa de trabalho para o ano seguinte,
71. nós temos o horário completo e isso tem que ser planificado no ano lectivo anterior
72. as crianças que vão passar a ter o apoio.
73. Caso tenhamos uma criança que tenha mudado de escola e se consideramos que ela necessita de apoio
74. e nós temos vaga,
75. iniciamos logo o apoio em qualquer altura do ano.
76. Não, nós não temos.
77. Realmente não,
78. porque eu penso que não teremos muita competência para isso.
79. O diálogo que nós temos com os pais é sempre relativamente à criança,
80. portanto facilidades ou dificuldades que tem em lidar com a criança.
81. Depois perguntamos que tem ajudas exteriores ou abonos familiares,

82. mas isso depois não é tratado na verdade é só para nós percebermos
83. e se aquela criança está acompanhada ou não.
84. No entanto como nós temos algumas parcerias pouco informais,
85. por exemplo pertencemos à Rede Social, mas reunimos pontualmente.
86. Por exemplo com a Junta de Freguesia de Santo António dos Cavaleiros que é onde está sediada a CREACIL,
87. se nós detectamos negligência ou alguma coisa que nós achamos que é um pouco inquietante falamos com a técnica de serviço social.
88. Depende muito da família
89. e nós realmente também não podemos fazer,
90. quer dizer, nós não temos muito poder em relação a isso.
91. Porque nós depois temos que funcionar em relação às leis da escola
92. e as leis da escola dizem que as famílias têm que comparecer trimestralmente nas reuniões de avaliação pedagógica que nós também acabamos por integrar,
93. juntamente com a ficha do professor e do professor de apoio, vai o terapeuta.
94. Se os pais comparecem há troca de ideias,
95. há informações vão escritas sobre a evolução,
96. sobre dificuldades do caso,
97. se os pais não comparecem também não podemos fazer nada
98. e realmente o que nós não podemos e que é comum aos professores
99. é que à medida que a criança vai crescendo os pais vão espaçando mais as idas à escola.
100. Possivelmente quando são mais pequeninas
101. eles poderão estar mais ansiosos ou terão expectativas mais altas ou se adaptaram à situação.
102. No entanto, por exemplo nós temos algumas crianças que estão acompanhadas em serviços externos com consultas de hospital
103. ou com reavaliações periódicas com o centro de paralisia cerebral.
104. Principalmente estas do centro de paralisia cerebral nós também temos um acordo,
105. reunimo-nos com eles e como eles também vão lá fazer terapias,
106. como no fundo são pessoas que falam mais a nossa linguagem,
107. sempre que haja necessidade quer por parte do centro, pela nossa parte ou dos pais
108. nós acompanhamos a criança a essa consulta periódica
109. que pode ser mensal,

110. trimestral
111. é o centro que estabelece.
112. Eu acho que o ideal não era, poderiam, era deveriam, acho que sim.
113. Deveriam estar muito mais inteirados também dos objectivos do nosso trabalho do que nós fazemos assim realmente com os filhos deles, muito mais amiúde.
114. Os objectivos, às vezes, ao nível de uma criança com um défice de equilíbrio posso,
115. por exemplo, fazer uma determinada actividade com ele durante 15 dias para ele recuperar o equilíbrio e fazer determinadas posições
116. e se a família tivesse a par disso fazia umas brincadeiras durante aqueles 15 dias e ajudava-me e seria óptimo,
117. mas é um bocado difícil,
118. depois há aquelas famílias, mas que são infelizmente muito poucas em que o mais comum a isso é a mãe não trabalhar e dada a problemática do filho,
119. ser realmente uma criança muito dependente,
120. então a mãe acaba por ir à escola, muitas vezes fora da entrada e saída do grande grupo de alunos, para lhe ser mais fácil
121. e então há aí um contacto quase diário connosco, isso é o ideal.
122. Mas compreendemos que para os pais é difícil.
123. Eu considero que sim, sem dúvida.
124. Em tempos, a CREACIL desenvolveu um projecto que foi financiado pelo Secretariado Nacional para a Reabilitação que se chamava Encontro de Pais
125. e portanto era feito um encontro com os pais das nossas crianças
126. e foi dirigido um convite,
127. fez-se uma grelha com os temas a focar ao longo do ano
128. e depois eles eram contactados por email ou por carta ou papelinho enviado na mochila da criança,
129. era relembrado que no sábado tal, estes encontros faziam-se ao sábado, ao fim da tarde, para tentar facilitar ao máximo a vida dos pais
130. e podiam levar os filhos porque haviam sempre lá umas auxiliares que trabalhavam connosco e voluntários que ficariam a tomar conta das crianças, caso fosse necessário,
131. eu acho que foi mesmo muito bom.
132. Houve pais que se manifestaram muito satisfeitos com isso

133. porque foi o único sitio em que eles no fundo se sentiram acompanhados por outros pais com os mesmos problemas que eles,
134. no fundo sentiram-se pares
135. e não os pais daquela criança problemática, são os pais diferentes.
136. Isto porque às vezes os pais também se sentem diferentes
137. e às vezes complexados,
138. só que depois isto foi um processo anual,
139. no ano seguinte o Secretariado já não abriu projectos nenhuns,
140. não tinha fundos e depois realmente não repetimos,
141. mas continuamos a sentir essa necessidade.
142. Este ano ainda contamos fazer uma nova aproximação aos pais para relembrar alguns projectos que a CREACIL tem,
143. que vão para além dos apoios nas escolas.
144. O grande problema que surge neste momento,
145. como nós técnicos começámos a trabalhar há 15 anos, as primeiras crianças que nós apanhámos, neste momento já saíram da escola e estão em casa,
146. a maior parte delas estão em casa, salvo aqueles casos em que os pais tinham alguns conhecimentos e que lá pediram o favor de acolher ali aquele jovem para ir fazendo uns recados, consoante também as competências deles,
147. mas queríamos agora voltar a apanhar esses pais para eles também dialogarem entre si e para ver que projecto de vida é que eles têm
148. e como é que nós os podemos ajudar.
149. Eu acho que é uma questão de empenho e de vontade,
150. porque se estamos à espera das condições ideais,
151. elas nunca existem e acho que também não deve ser uma coisa assim,
152. por exemplo é um bocadinho feio de se dizer mas quando nos sobra muito dinheiro nós damos aos pobrezinhos e ficamos de bem com a nossa consciência e não deve ser assim.
153. A inclusão é entender que eles têm o mesmo direito que nós,
154. não é às sobras portanto essa mentalização ainda não foi feita por motivos vários,
155. mas porque hoje em dia continua a haver um motivo que acho que é muito forte que é as pessoas sem deficiência não estão realmente habituados nem sequer a ver quanto mais a lidar com deficientes na rua,
156. no centro comercial, no seu dia-a-dia, nas lojas

157. como noutros países em que eles já eliminaram as barreiras arquitectónicas há muito tempo,
158. em que já há transportes adaptados e sem taxas que se tornam muito acessíveis
159. e que realmente as pessoas com deficiência saem muito,
160. levam muito os filhos a sair também e
161. ainda estamos assim muito a esconder
162. e é uma trabalheira desgraçada os pais levarem a criança ou o jovem que se desloca em cadeira de rodas
163. ou que perturba porque mexe em tudo
164. e depois as outras pessoas dizem assim *Olha que miúdo tão mal educado* e as pessoas ficam assim um bocadinho acanhadas de sair
165. e acho que esse é logo um entrave muito grande é o desconhecimento.
166. Se nós não conhecemos não conseguimos integrar.
167. Não posso dizer que conheça a fundo a legislação,
168. mas relativamente ao ensino que é onde eu me situo mais no dia-a-dia,
169. a legislação até é boa mas depois não se consegue cumprir,
170. não há meios para a cumprir.
171. Por exemplo fica legislado que quando há uma criança com NEE a turma em que ela está inserida vai ser reduzida substancialmente,
172. se houver duas crianças então aquilo fica por metade o número de alunos,
173. só que depois a directora da escola diz muito bem, isso está legislado mas também só me colocam X professoras para Y alunos, portanto onde é que eu vou pôr estes se as outras turmas já têm 30 alunos, vão ficar as outras com 40 para esta que tem as NEE possa cumprir a lei e ficar só com 10?
174. Muitas vezes eu deparo-me com isso,
175. os garotos estão lá mas a professora não tem qualquer benefício,
176. quer dizer, é o aceitar que a professora vai ter que preparar trabalho suplementar e que por isso vai ter que ter uma redução de alunos,
177. ela continua a ter os alunos como as suas colegas para além disso tem aquele caso.
178. Sim eu penso que neste caso é a prática neste momento não está a facilitar nada a vida às crianças e às pessoas com deficiência.
179. Eu penso que agora os professores que já saem agora já têm uma cadeira
180. não sei se semestral ou anual, mas já têm.

181. Mas realmente os professores mais antigos entravam em pânico quando tinham uma criança com uma problemática sobre a qual não sabiam nada
182. e fugiam a tê-la na sua turma o mais possível e eu acho que sim.
183. De qualquer forma mesmo esses professores novos realmente…
184. acho que seria muito útil para todos.
185. Até para os professores passarem essa informação aos colegas da criança de forma que as outras crianças compreendam a problemática daquela criança em particular,
186. acho que isso seria o ideal, mas não estou a ver que se faça.
187. Às vezes não, mas às vezes eu tenho que lhes dar razão,
188. entendo as razões deles.
189. De alguma forma os professores foram formatados a cumprir o programa escolar
190. e então para eles é muito perturbador,
191. saber que com aquela criança não vão tocar sequer no programa escolar
192. e que aquela criança vai distrair as outras.
193. Têm muito medo que o professor ao permitir que aquela criança que é hiperactiva vá de meia em meia hora dar uma voltinha ao corredor
194. e que todas as outras queiram fazer o mesmo
195. e eles não sabem explicar isso aos outros,
196. eu acho que sim há muitos professores que têm uma certa relutância.
197. Acho que na maior parte dos casos é legítima,
198. mas nós temos que combater isso também.
199. O nosso papel também é dar um bocadinho de informação ao professor
200. ou dizer onde é que ele pode ir buscar,
201. que sites é que podem consultar ou recorrer para encontrar informação que o ajude a lidar com esta situação.
202. Por exemplo se eu tenho uma criança com dificuldades motoras ou comportamentais, se for por exemplo uma criança que precisa muito de exteriorizar e de pôr a turma toda em alvoroço,
203. eu às vezes digo, quando estou na hora de apoio desse garoto eu proponho convidar um número que eu ache, enfim justificável, três, quatro ou cinco colegas e vamos fazer uma aula todos para o ginásio,
204. é claro que os que são escolhidos ficam todos contentes porque saem da sala de aula e vão dar ali uns saltos no ginásio,
205. muitas vezes vão utilizar materiais que eu trago no carro e eles não conhecem,

206. ou jogos ou bolas, coisas assim que são lúdicas para eles e a professora ficou sem aquele grupinho.
207. Por outro lado também estamos a favorecer a inclusão daquela criança problemática
208. porque os outros depois querem ser amigos dele para depois irem todos lá dar uns saltos que também faz bem aos outros.
209. Mas isto é muitas vezes feito no dia-a-dia, por exemplo isto hoje está muito turbulento, porque ele logo de manhã atirou com a carteira e com os livros do outro ao chão e não sei quê…
210. é levar um grupinho e depois a professora fala com os outros para verv se acalma.
211. Uma grande dificuldade que nós temos na grande generalidade das escolas é que as escolas nos atribuam um espaço fixo com o mínimo de material para nós trabalharmos.
212. O horário escolar foi alargado há muito mais gente nas escolas agora, porque os alunos que têm aulas de manhã e à tarde têm a componente não lectiva, têm a ginástica, a música, o inglês….
213. No geral as escolas primárias estão superlotadas
214. e depois nós as vezes acabamos por trabalhar ali assim no corredor atrás de um biombo,
215. para as terapeutas da fala é muito pior, porque há barulho,
216. nós trabalhamos mais ou menos bem com o barulho é evidente que não é o ideal, mas pronto.
217. Não se trabalha com uma criança com dificuldades de atenção ali atrás do biombo com os colegas a jogarem à bola no outro lado,
218. eu penso que isto é comum às minhas colegas também,
219. não existe um espaço fixo onde possamos deixar o mínimo de material
220. e onde possamos trabalhar.
221. Nós nem sempre precisamos de trabalhar individualmente,
222. podemos trabalhar numa sala como agora há as unidades,
223. e nós podemos trabalhar aí,
224. desde que no nosso horário aquele cantinho da sala da unidade seja nosso e isso também não acontece.
225. Sinceramente nós os cinco técnicos estamos muito pessimistas em relação ao futuro,

226. não acreditamos muito que inclusivamente no próximo ano: o processo de análise dos projectos vá ser alterado, o ministério da educação pede requisitos que nunca tinha pedido até aqui, nomeadamente instalações próprias, quando o primeiro pressuposto é que nós damos o apoio nas escolas,
227. no entanto o ministério pede que tenhamos instalações
228. e o transporte seja adaptado e tudo isso,
229. haverá talvez aqui uma intenção por parte do ministério de fazer a integração destas crianças de uma forma diferente,
230. já não na escola que frequentam,
231. mas estão na escola e vão fazer as terapias à instituição,
232. portanto isto a nossa ver é um recuar em todas as teorias educativas e integrativas que houve até aqui.
233. Primeiro transportaram-se os meninos para a escola, agora voltam a transportar-se para a instituição e as instituições em causa,
234. creio eu que são as CERCI, porque no inicio as CERCI tinham a componente educativa,
235. os professores eram destacado para as CERCI,
236. depois acabou-se com os destacamentos dos professores,
237. eles passaram todos a ir para o ensino regular
238. e agora viu-se que os estabelecimentos de ensino estão sobrelotados
239. e não oferecem condições,
240. têm imensas barreiras arquitectónicas,
241. não têm casas de banho adaptadas
242. e então voltam esses meninos já só nas terapias,
243. mas quer dizer eu penso que isto é mau para a criança
244. porque ela tem um índice de fadiga superior aos outros e de qualquer forma é sempre um estigma, *olha lá vai ele na carrinha adaptada fazer os tratamentos* e
245. portanto em termos de técnicos não sei se vão rebuscar os técnicos que trabalhavam nas CERCI, não sei…
246. Mas não estamos mesmo nada optimistas.
247. Sim é um passo à frente dois atrás é essa a expressão.
248. Não faz sentido nenhum porque nós temos aqui crianças que vêm de Santo António para uma unidade para crianças autistas,

249. o trajecto não é simplesmente Santo António Loures, eu não sei exactamente que volta eles dão, mas as educadoras que estão com eles dizem que eles passam duas horas na carrinha para cá e outras duas para casa
250. é uma realidade e que eles chegam ali completamente abananados,
251. primeiro de manhã chegam a dormir porque acabam a manhã na camioneta entram às 7 da manhã para chegar à escola às 9 horas.
252. Acho que isto é uma violência para qualquer criança,
253. quanto mais para uma criança que é autista porque estamos a deixá-la sozinha 4 horas a divagar por ali e depois queremos que ela desça à terra, é difícil.
254. Agora imagine que para o ano este modelo das unidades de apoio se mantém
255. ela já leva este tempo um trajecto para a sala e depois da sala ainda tem que ir para uma outra instalação ou instituição para fazer as terapias,
256. o que é que esta criança faz: anda de autocarro.
257. É uma realidade preocupante porque de certeza que há muitos casos assim.
258. Este princípio de agrupar as crianças, em muitos casos pode ter tido as melhores intenções,
259. mas também tem muitos contras,
260. porque filosoficamente está errado,
261. estas crianças não têm que ser agrupadas,
262. estas crianças têm que ser o mais integradas possível com o menor custo delas.
263. Á partida nós enquanto técnicos profissionais de educação ou saúde temos mais vigor físico ou mais capacidade para não nos cansarmos para irmos ter com elas,
264. do que elas virem ter connosco e depois ficarem à espera de vez, porque depois a carrinha não vai andar para trás e para a frente de hora a hora ir buscar um menino,
265. depois leva os quatro e eles ficam à espera não vejo nada de bom nisso,
266. posso estar muito mal informada em relação ao próximo ano,
267. mas também o ministério, não deu mais nenhuma ideia além desta,
268. porque as escolas estão exactamente como nós sem saber o que se vai passar.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	CREACIL		
Endereço	Rua Almeida Garrett lote 2, r/c		
Localidade	Santo António dos Cavaleiros		
Código Postal	2660-214 Loures		
Distrito	Lisboa	Concelho	Loures
Telefone	219891092	Fax	219891092
Correio electrónico	creacil@hotmail.com		

CERCI ☐ Associação / IPSS ☒ Colégio ☐

REGIME DE FUNCIONAMENTO

Atendimento Presencial	☒	Atendimento Via Postal	☐
Atendimento Telefónico	☐	Ambulatório	☐
Consulta Externa	☐	Domiciliário	☒
Internamento	☐	Semi – Internamento	☐
Internato	☐	Externato	☐

Outro (s) _____

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	SIM	NÃO
Deficiência Mental	X	
Deficiência Visual		X
Deficiência Motora	X	
Deficiência Auditiva	X	
Paralisia Cerebral	X	
Outra (s): Comunicação	X	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	SIM	NÃO
Formação Profissional e Emprego		X
Educação		X
Apoios especializados	X	
Programas de Natureza Social	X	
Apoios Técnicos	X	
Avaliação	X	
Outro (s) Cultura e Lazer	X	

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☐	Provisória ☒

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									91
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos	
F= 1	M= 5	F= 17	M= 33	F= 5	M= 13	F= 2	M= 2	F= 3	M= 4
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos	
F= 4	M=	F= 1	M= 1	F=	M=	F=	M=	F=	M=

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= 1	Deficiência Visual=
Deficiência Motora= 5	Deficiência Mental= 37
Paralisia Cerebral= 5	Outras Deficiências= 43 (comunicação)
Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído=	Inferior a 30%=
De 30% a 59%=	De 60% a 80%=
Superior a 80% =	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação=	Bobadela=
Bucelas=	Camarate=
Fanhões= 6	Frielas=
Loures= 42	Lousa= 5
Moscavide=	Portela=
Prior Velho=	S. João da Talha=
Sacavém=	Stº Antão do Tojal= 18
S. Julião do Tojal=	Stª Iria da Azóia=
Stº António dos Cavaleiros= 20	Unhos=

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

F= T=	M=

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula		Oficinas		Gabinetes	
Salas de Reunião		Ginásio		Polivalente	
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____	

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☐ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
_____ _____ _____	_____ _____ _____	_____ _____ _____

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☐	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____ _____ _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas a alguns ☐ Especifique: _____ _____
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		
Sim ☐	Não ☐	

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1º emprego		
Apoio no auto emprego		
Apoio na integração profissional		
Cursos de formação profissional*		
Emprego Protegido		
Informação e apoio em programas pré – profissionais		
Orientação profissional		
Readaptação ao trabalho		
Instalação por conta própria		
Informação sobre ajudas técnicas		
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)		
Educação		
Intervenção Precoce		
Jardim – de – Infancia	X	
Ensino Pré – Escolar	X	
Ensino Básico (1º Ciclo)	X	

	Sim	**Não**
Ensino Básico (2º Ciclo)	X	
Ensino Básico (3º Ciclo)		
Ensino Secundário		
Apoios Especializados		
Serviço Social		X
Terapia Ocupacional	X	
Apoios e acompanhamento familiar	X	
Psicologia		X
Psicomotricidade	X	
Fisioterapia	X	
Mobilidade	X	
TERAPIA DA FALA	X	
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		X
Lar de Idosos		X
Residências		X
Programas Ocupacionais	X	
Programas Culturais	X	

	Sim	**Não**
Creche		X
Creche Familiar		X
Apoio sócio – familiar		X
Atelier dos tempos livres	X	
Programas Desportivos		X
Apoios Técnicos		
Ajudas técnicas		
Atendimento	X	
Aconselhamento	X	
Transportes		X
Ajudas financeiras		X
Apoio financeiro		X
Apoio jurídico		X
Apoio domiciliário	X	
Informações gerais	X	

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: ACAPO

Como se caracteriza esta instituição?

A ACAPO é uma associação de âmbito nacional e depois tem várias delegações espalhadas de norte a sul, temos ao todo 13 delegações. Na delegação de Lisboa que é esta, o trabalho que desenvolvemos é a vertente social, temos o departamento de acção social com vários serviços. Temos o serviço de apoio social, a psicologia, médico de clínica geral, apoio jurídico, reabilitação, na qual temos as questões de orientação e mobilidade, nós fazemos também um acompanhamento ao nível das actividades de vida diária, mas não é tão aprofundado como no centro de reabilitação, até porque só temos uma técnica neste momento e dividir-se entre a orientação e mobilidade, os AVD's [1] e o apoio ao nível educativo, que ela é técnica de reabilitação e inserção sócio – profissional também abarca estas questões, também temos a parte da biblioteca, onde nós temos as obras em Braille, gravadas, sistema a nível informático também, depois também temos a parte do desporto, temos actualmente o desporto de manutenção com diversas modalidades que vão desde a ginástica, ao judo ao goodball que é mesmo uma actividade que se pratica com pessoas com deficiência visual. Depois paralelamente a isso dentro do departamento de acção social temos aquelas coisas básicas que é o atendimento e o aconselhamento, fazemos actividades de cultura e lazer, temos, também, um programa comunitário de ajuda a carenciados, temos o serviço de voluntariados para acompanhar as pessoas, para prestar algum apoio ao nível da leitura, por exemplo, organização de papeladas que é muito complicado. Basicamente é isto em termos muito resumidos.

Que tipos de acções é que desenvolvem?

Nós no inicio de cada ano projectamos para o ano que vai decorrer actividades, há algumas actividades que nós já fazemos há alguns anos, por exemplo as colónias de férias com crianças e para todos. Nós dizemos para todos porque é com as crianças e os pais. Temos a festa de Natal e de Carnaval, o Dia da Criança, são actividades que nós fazemos todos os anos. Depois no decorrer do ano, também, projectamos por exemplo uma excursão umas visitas, algumas nós programamos desde o inicio do ano, outras vão surgindo de contactos que nos aparecem, de algum espectáculo que é montado, nós

[1] AVD – actividades da vida diária

temos acordo com ou melhor uma parceria com os vários teatros aqui da zona de Lisboa e portanto cedem-nos bilhetes e as pessoas vão ao teatro, há várias actividades desse âmbito que nós desenvolvemos. Dentro do desporto, para além do desporto de manutenção, temos também programadas actividades relacionadas com o desporto, temos o dia desportivo, temos por exemplo um fim de semana em que as pessoas vão e praticam alguma modalidade, ou participam numa maratona, há sempre assim algo relacionado também. Isto porque nós trabalhamos com um sistema de porta aberta e o que acontece é que nós não temos um local onde as pessoas estejam com uma animadores que possa estar aqui, até independentemente de nós não termos aqui faixas etárias, a nossa população é muito heterogénea e o que acontece é que nós tanto podemos apoiar uma criança de meses como um idoso, mas a grande maioria das crianças que estão connosco são pessoas activas que estão a trabalhar, estas actividades que nós fazemos é mais ao fim de semana ou durante o período de férias e paralelamente como nós não temos aqui um centro de dia, isto está sempre um entra e sai com as pessoas e as actividades que fazemos são sempre voltadas para o exterior.

E as pessoas vêm cá diariamente?

Nós temos um refeitório e de facto é engraçado ver que funciona um bocadinho como um ponto de encontro, aos fins-de-semana as pessoas, aquelas que estão isoladas e que não têm família é onde se encontram e acabam por estar, almoçam e depois jogam um bocadinho ao dominó, jogam às cartas, conversam, mas é uma coisa muito informal.

Mas relativamente a este equipamento, as pessoas vêm cá e usufruem destes serviços, mas costumam vir assiduamente ou apenas pontualmente?

Depende dos serviços, por exemplo se for ao nível do acompanhamento psicológico não é um apoio diário, mas tem regularidade durante a semana, faz parte da sua semana vir cá duas vezes, por exemplo. Em termos de serviço social é mais complicado, as pessoas só vêm quando têm uma situação e não estão cá diariamente, portanto tenta-se resolver a situação, mas não há a necessidade da pessoa vir cá diariamente, a pessoa vêm quando tem a necessidade de tratar de um determinado assunto, mas não vem cá diariamente. Ao nível por exemplo da orientação e mobilidade é feito um plano em que a pessoa, tem aulas de orientação e mobilidade 2/3 vezes por semana de *x* em *x* horas, mas as pessoas estarem cá todos dos dias das 10h até as 18h, não isso não temos.

Como é constituída a equipa dos profissionais?

Temos um técnico bibliotecário, uma assistente social, uma psicóloga, uma técnica de reabilitação, temos o coordenador desportivo que por acaso até é mestre, temos os

monitores ao nível das actividades desportivas, depois temos os guias que acompanham mas isso são voluntários. Ao nível técnico temos o médico e o apoio jurídico, aquele que nós prestamos, temos acordo com uma firma e temos três pessoas a colaborarem connosco, tendo em conta também a disponibilidade deles, tanto pode ser um advogado num dia como outro no outro, mas existe sempre uma continuidade dos serviços.

Relativamente às pessoas que frequentam a instituição, como é que as pessoas chegam cá, inscrevem-se…?

A ACAPO nasceu da junção de três instituições e quando nasceu a ACAPO só prestava apoio a pessoas associadas da ACAPO, o que aconteceu foi que em 2001 nós fizemos um acordo atípico com a Segurança Social e a partir de agora o apoio que nós prestamos aos associados, nesta delegação que é a de Lisboa, presta apoio aos associados desde Santarém até ao Algarve e Ilhas e o acordo que nós fizemos com a Segurança Social é no sentido de prestar apoio a todas as pessoas com deficiência visual no distrito de Lisboa. Portanto uma pessoa que resida no distrito de Lisboa que queira recorrer aos serviços da ACAPO pode recorrer a estes serviços. Se a pessoa depois se quiser fazer associada, porque existe algumas situações em que pode participar, pode eleger, pode participar nas assembleias, existem acordos que nós temos, por exemplo com a *Multiopticas* ou com a Clínica Dentária e aí os associados têm um desconto. Mas a pessoa dirige-se é sempre na primeira fase atendida pela técnica de serviço social e depois tendo em conta o pedido ou aquilo que é diagnosticado durante o atendimento sempre que se justifica é encaminhado para o técnico, se por exemplo a pessoa já vier com alguma coisa que indique por exemplo que precisa de orientação e mobilidade para não ter que vir cá e ser atendida pela técnica de serviço social e depois ser avaliada o que nós fazemos é logo um atendimento conjunto para evitar que a pessoa se desloque duas vezes, mas isso é quando o pedido já vem bem definido.

Relativamente ao processo de avaliação do próprio utente, na instituição é feito esse processo?

A pessoa vem sempre com um diagnóstico, quando vem para aqui já passou por um processo, ou vem do médico oftalmologista do hospital, portanto a pessoa já vem com um diagnóstico, até porque nós só podemos atender pessoas com deficiência visual. Portanto a pessoa a partir daí já sabe que tem menos de 1/10 de visão. Mas o que acontece muitas das vezes, as pessoas dizem *Eu não vejo, eu não sei o que é que tenho.* Porque vêm com um diagnóstico mas não sabe quais é que são as implicações, não sabe o que aconteceu o que é que não aconteceu, às vezes não sabem… é engraçado esta

situação porque nós temos a ideia de que as pessoas, nós perguntamos: *Há quanto tempo é que cegou*, por exemplo, e as pessoas dizem *Eu não sei*. O que acontece é que é assim, há casos em que é um processo gradual em que a sua acuidade social vai diminuindo, vai diminuindo e quando se dão conta já não vêm, porque é assim uma coisa gradual e não conseguem precisar o momento, por exemplo dizer que foi em 2007 ou em 1984. Há casos em que resultam de um acidente ou alguma situação em que a pessoa de facto perdeu a visão naquele momento, há outros que como são casos de progressão a pessoa pede um bocado a noção e diz *Realmente eu deixei de ver bem em 2004 e foi diminuindo até chegar a este momento.*

Em relação às famílias das pessoas com deficiência, existe algum processo em que as avalia? Por exemplo naquele primeiro diagnóstico que disse que realizava…

No primeiro não, o primeiro atendimento é sempre feito como a pessoa se sente mais à vontade, há pessoas que vêm sozinhas, há pessoas que vêm acompanhadas de amigos, há pessoas que vêm acompanhados de familiares e aí nós não impomos nada. Se no decorrer daquela pessoa, sempre que se justifica entrar em contacto com a família, a pessoa está integrada no seio familiar e muitas das vezes as implicações das suas decisões estendem-se à família, sempre que se justifique que seja necessário que a família seja chamada, ela é de facto chamada, principalmente quando são jovens ou crianças e aí de regra geral a família, ou a mãe está presente. Há muitos pais que vêm, mas como são famílias em que as pessoas trabalham é delegado na mãe, mas existe um trabalho que se faz em estimulação com a criança, nós temos um pequeno guia que distribuímos aos pais com conceitos muito acessíveis e é necessário que a família esteja presente para depois poder trabalhar esses aspectos em casa com a criança.

Estabelecido esse primeiro contacto com os pais, como é que a relação se desenvolve?

Depende de muita coisa porque é assim se a pessoa vier com uma situação concreta de um problema que precisa de ser resolvido, o que acontece é que é assim a situação é resolvida e nós perdemos um bocadinho o rasto àquela pessoa, porque está sanado o problema que a trouxe cá, não quer dizer que passado um tempo ela não volte cá noutra situação qualquer, mas se facto se justificar uma intervenção mais continuada é uma relação… Vamos lá ver, isto depois também muito das áreas, por exemplo ao nível da psicologia a família não pode intervir, a relação terapêutica que se estabelece é com a pessoa e a família aí não pode intervir na medida em que… quer dizer tem mesmo a ver com os pressupostos da psicologia, o utente é aquele… A nível da orientação e mobilidade, por exemplo independentemente das idades, muitas das vezes os familiares

estão presentes nas aulas, até para criar… porque as pessoas não conseguem entender muito bem como as pessoas não conseguem se deslocar sozinha, têm receio da segurança da própria pessoa e estando a família e como é obvio não está a família em peso, mas vêm a mãe, o pai ou o irmão, vêm-se apercebendo de facto da autonomia que a pessoa vai ganhando, da segurança que a pessoa tem de fazer aquele trajecto e acaba por colmatar algumas dificuldades de algumas situações que é nós trabalhamos no sentido de autonomizar a pessoa e depois há uma desconstrução em casa, porque há o receio e a pessoa estando presente acaba por se aperceber das competências ou dos ganhos que as pessoas têm e acaba por também ajudar na própria pessoa.

Que medidas é que são promovidas pela Instituição que contribuem para a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade?

Nós temos um departamento de ajuda ao emprego e formação profissional e aí existem os cursos de formação profissional onde as pessoas são dotadas de competências sociais e profissionais para o mercado de trabalho e paralelamente dentro do departamento, esses são aqueles cursos básicos que as pessoas fazem, porque é sempre feita uma avaliação por parte do psicólogo para ver em que parâmetros é que a pessoa se enquadra, também temos uma técnica de integração no departamento que tanto apoia a parte dos formandos propriamente ditos, porque a formação tem a parte teórica e a parte prática, como também pessoas que necessitam ou de uma requalificação a nível profissional, por exemplo uma pessoa que está a trabalhar e de um momento para o outro ou gradualmente acaba por cegar e as funções não são compatíveis e aí a técnica entra, marca uma reunião e isto também se for da vontade da pessoa, porque existem muitas pessoas que preferem a reforma por invalidez e aí é sempre por opção da pessoa, como é obvio. Há pessoas que não que querem uma requalificação profissional e aí a técnica dirige-se ao serviço, é marcada uma reunião, é explicado o tipo de material que se pode e quais são as funções que a pessoa pode desempenhar tendo em conta a experiência que têm na empresa e tendo em conta os postos de trabalho que existem na empresa e pelos quais a pessoa poderia ser absorvida, os incentivos que existem ao nível de apoios e mesmo as ajudas técnicas que existem.

Por exemplo podem existir situações em que toda a família tem uma deficiência visual, nesses casos a relação com a instituição é mais próxima, ou isso não é regra?

Depende, de facto nós temos casos onde pai e mãe são cegos e as crianças não e outros casos em que sim, mas isso eu acho que tem a ver com a pessoa enquanto pessoa mesmo do que enquanto pessoa com deficiência, porque há filhos em que são mais

chegados à família e há outros que não tanto, há casos em que as mães são mais protectoras, há casos em que não, isso tem a ver com a pessoa e não com a pessoa com deficiência, tem a ver com a personalidade de cada um. Não se deve fazer uma distinção, porque acima de tudo eu trabalho com pessoas.

Considera que os familiares das pessoas com deficiência necessitam de alguma formação específica ou melhor uma consciencialização para lidarem melhor com esta problemática?

A grande maioria sim. Nós temos casos engraçados de pais que vêm aqui e dizem *O meu filho tem uma deficiência e eu já fiz isto, isto e isto, o que é que eu posso fazer mais?* E nós dizemos: *Não está a fazer tudo bem não é preciso mais nada*. Temos outros casos em estão a fazer tudo mal desde o inicio…

Considera então que uma formação nesta área poderia ser benéfica para estes familiares?

Eu acho que formação, eu não lhe chamaria bem formação… Nós temos projectado para este ano o inicio de grupos de auto – ajuda, onde vamos começar com pais de crianças com deficiência e isto porque, quando é o inverso, quando são os pais que têm uma deficiência e os filhos nascem, aquela é a realidade deles, a criança acaba por conhecer que aquele é o pai e aquela é a mãe. A realidade delas é aquela e desde que nascem até terem consciência das coisas a lidarem com a deficiência dos pais, de uma forma muito natural e portanto as coisas que nós fazemos e eles fazem de outra maneira, para eles é natural, portanto não necessitam não é. De facto quando é o contrário e são os pais que têm uma criança com deficiência visual, muitas vezes os pais sentem-se perdidos e *agora o que é que eu vou fazer? Como é que eu vou fazer?* Portanto eles aqui recorrem sempre há ACAPO, nós damos-lhes os conhecimentos, materiais para eles irem trabalhando essas questões, mas de facto sentimos como necessário iniciar-se, porque é assim nós temos pais que são pais muito activos, que procura e experimentam e passar essa experiência para pais com uma nova realidade que lhes está a acontecer, pensamos que é muito positivo. Até porque é assim não existem fórmulas, muitas vezes perguntam se nós temos uma formação específica sobre os AVD's, isto é um bocado complicado porque cada pessoa tem uma estratégia para conseguir superar as suas dificuldades. Eu dou um exemplo, nós temos pessoas que ao nível do vestuário que organizam o seu guarda-roupa com roupa escura de um lado, roupa branca do outro, roupa de cor no meio, calças à esquerda e organizam-se assim, há outras que não e organizam-se de outro modo, eu não vou dizer às pessoas para se organizarem com roupa aqui ou roupa

ali, porque cada um acaba por arranjar outra estratégia que lhe permite superar aquelas dificuldades, portanto o que nós podemos dizer é que existem vários modos, experimentem. As pessoas, às vezes, dizem-nos: *Olha fiz desta maneira que ninguém tinha feito e resulta comigo*, existem coisas gerais que aí é importante ter formação, outras são pequenas coisas que as pessoas depois acabam por aprender.

Por exemplo referiu há pouco os pais com deficiência visual cujos filhos não têm, quando estes nascem de que forma é que conseguem tratar do filho?

É o instinto, até os animais cuidam dos seus filhos, há coisas que nós fazemos que fazemo-las por instinto. Depois há coisas em que as pessoas pensam, há mas isso não consegue, por exemplo como é que consegue ver se o bebé está assado, é obvio que eles não conseguem ver se o bebé está assado, mas têm que fazer a prevenção, o que têm que fazer é possivelmente mudar a fralda mais vezes, por sempre o cremezinho, portanto tem que haver um trabalho de prevenção. Se me disser então e as gotas, de facto existem materiais das ajudas técnicas em que também se podem recorrer, é comprar determinados utensílios de cozinha, de termómetros, por exemplo como é que as pessoas sabem se os filhos têm febre, existem termómetros que em vez de terem no visor números, existe um sistema de voz. Existem de facto vários instrumentos que acabam por ajudar e de facilitar a vida das pessoas.

Mas por exemplo as crianças cujos pais têm deficiência e elas não e estão habituadas aquele ambiente familiar, mas quando crescem e começam a conviver com outras realidades, elas próprias não se sentem postas de parte?

Não entre por ai. Porque é assim: existe a ideia de que há um gueto e é assim a criança desde pequena que lida com outras pessoas com visão e é uma coisa natural. A mamã e o papá não vêem, como o tio vê é uma coisa natural, não há aquela consciência de… até porque é assim: é obvio que nós temos casos em que as pessoas mais idosas que nós temos em que se sentem mais à vontade com outras pessoas com deficiência visual, mas a realidade hoje em dia já não são essa. Nós temos muitos, se calhar a grande maioria dos utentes que nós acompanhamos que não se dão com pessoas cegas, que o grupo de amigos vê todo, que vão para a discoteca ou para o cinema… Não podemos pensar que a criança vive num mundo só de cegos e depois quando vai para a escola toma consciência de que as outras pessoas vêem. A criança desde pequena que lida com outras pessoas, com pessoas que vêem e que vão lá a casa, porque é o tio ou a amiga da mãe ou é a madrinha… Há sempre alguém que vê e por isso a criança vê estas situações com muita naturalidade, porque é a mãe que não vê e é o pai que não vê, mas a avó e o

tio vêem. Acho mesmo que eles não fazem bem a distinção entre ver e não ver… O que nós notamos é que existem de facto crianças, mas estas coisas são engraçadas, porque a criança mesmo pequenina com 1 ou 2 anos, por exemplo se tiver a mãe cega e por exemplo o pai que vê, a maneira de abordar a mãe e a maneira de abordar o pai é diferente, possivelmente está com um copo na mãe e diz: *Oh pai, olha* e à mãe diz *Oh mãe, olha* e a própria criança assimila que a mãe vê assim. Portanto nem sequer se questiona ao dizer *mãe olha,* vai lá e põe-lhe na mão, isto acontece desde muito pequeninas. É a realidade dela, não faz distinção as coisas são o que são e o que nós notamos é que de facto, a partir de uma certa idade em que a criança começa a ter alguma consciência existe por parte da criança e isto não é imposto pelos pais, um sentido de protecção relativamente aos pais que não vêem, do cuidado que está aqui um buraco, cuidado vêm ai o autocarro, a própria criança e nós vemos muito isso em crianças pequenas que com três anos dizem *Mamã cuidado olha o buraco*. Porque a própria criança sabe que a mãe não vê e alerta-a. Há este sentido da criança proteger os pais que não deve ser reforçado pelos pais, porque os pais antes da criança nascer já eram cegos.

Considera que actualmente a sociedade reúne as condições para a inclusão da pessoa com deficiência?

Não em todos os aspectos, desde a parte do emprego, das acessibilidades, um deslocar-se à rua, a maneira como as pessoas, eu acho que aquilo que não está e não vou ser muito pessimista, eu acho que se tem vindo a caminhar no sentido de, mas ainda não se chegou ao ideal.

O que considera que falta? Será que falta tudo?

Não falta tudo, falta muita coisa. De facto esta consciência de integrar, porque antigamente e não há muito tempo atrás, as pessoas cegas não trabalhavam e hoje em dia as pessoas trabalham. Portanto já há a consciência de que as pessoas são válidas e podem produzir e podem trabalhar etc. … Já houve uns avanços não podemos ser muito pessimistas, mas de facto ainda falta muita coisa para fazer. Nós temos muitos casos em que por exemplo a pessoa cega é os próprios serviços que dizem *Se calhar agora tens que te reformar* e muitas das vezes são entidades públicas que forçam a pessoa a uma reforma antecipada. A pessoa entra de baixa, porque está um bocado perdida e depois vão prolongando, prolongando até a pessoa entrar em reforma.

Considera que o sistema legislativo é promotor do pleno exercício da cidadania para o portador de deficiência?

Considero que ainda há alguma coisa, agora o que eu noto é que é assim, quando se fala em deficiência, a primeira coisa que as pessoas se lembram é a deficiência motora. Quando se fazem determinados tipos de acções, visualizam sempre a deficiência motora e muitas das vezes esquecem-se da deficiência visual e da deficiência auditiva. Apesar que são realidades diferentes, porque as necessidades são diferentes e não estou a dizer que as pessoas com deficiência motora são super apoiadas, também lhes falta super coisas. Mas eu acho que nós temos que fazer a distinção, porque não é a mesma coisa e nós temos o exemplo das ajudas técnicas que são para a pessoa com deficiência e uma ajuda técnica para uma pessoa com deficiência motora pode passar desde uma cadeira de roda ou uma cama articulada para uma pessoa com deficiência visual não. Para uma pessoa com deficiência visual pode passar por um sistema de voz para pôr no computador e o que acontece muitas das vezes é que, e aqui a culpa não é dos serviços é que existe uma verba para a atribuição de ajudas técnicas e a verba não é muita, entre dar uma cadeira de rodas aquela pessoa e dar um computador à outra, vou dar a cadeira de rodas não é? Isto acontece muitas vezes, porque uma cadeira de rodas é uma cadeira de rodas e um computador é uma coisa secundária. Mas em termos de leis existe alguma coisa, agora o pior é fazê-las cumprir, porque ainda agora da parte da educação existe lei para proteger os estudantes, porque têm que ter material adaptado, ter uma pessoa de apoio etc…. nós temos casos em que chega a Janeiro ou Fevereiro e ainda não existe, agora já não tanto, com a entrada em vigor das escolas de referência, mas ainda há bem pouco tempo atrás, tinham-se que destacar professores de apoio e chegávamos a Janeiro e ainda não haviam professores de apoio, a lei está lá mas é cumprida? Não estamos a dizer que a lei não é cumprida porque as pessoas não querem cumprir, não existem recursos ou meios, eu penso que não é tanto pelas leis porque elas até existem…

Quais é que são as maiores dificuldades com que se depara no seu trabalho?

Falta de apoios a nível de equipamentos, de respostas mesmo… Vou-lhe dar um caso básico a nível de habitação, por exemplo há situações muito concretas em que as pessoas precisam de uma resposta em que é muito complicado e que não existem… ou o simples facto das ajudas técnicas o tempo que demora, o não haver verbas, a pessoa candidata-se e depois não há verbas…Falei dessa da habitação porque tenho aqui um caso em que realmente me entristece porque há aqui uma pessoa lutadora que veio para Portugal com um 9º ano, actualmente está na faculdade, fez todo um percurso de

formação profissional, que concluiu o 12º ano começou a trabalhar e está a organizar a sua vida e a única coisa que precisa é uma casa e eu não consigo lhe arranjar uma casa, ele está numa fase ainda em que tudo lhe é recente em que como é óbvio não pode arranjar uma casa, porque tem as propinas da faculdade e eu não consigo lhe arranjar e é uma pessoa que realmente, com todo o percurso que fez e não se consegue, porque não se consegue, porque não existe…. E isso entristece e ainda não sei como é que a pessoa ainda não desmotivou perante estas situações. Existem outros casos como por exemplo, uns pais dizerem que querem um apoio para os filhos e nós não temos apoio para crianças com deficiência visual, que apoio é que existe… não existe. E quando eu falo em apoios não falo em escolas, falo em apoios concretos em instituições, em serviços. Aí é que eu noto que é complicado, porque nós batalhamos para uma situação e depois não há resposta e depois nós temos que dizer à pessoa que não estamos a conseguir.

E as pessoas nestas situações desmotivam?

Depende. Há pessoas em que não, há outras que se revoltam, outras que baixam os braços, há de tudo. Por exemplo este caso do senhor que lhe estou a dizer não, ele não baixou os braços e diz que vai concluir e depois logo se vê, só que são situações muito complicadas, porque é uma pessoa que está na faculdade e que precisa, porque está a trabalhar e o único tempo que tem para estudar é à noite e está numa casa com 9 pessoas, portanto o tempo que tem para estudar, tem barulho em casa, mas a pessoa não desmotiva, a pessoa diz que vai continuar e quando acabar a faculdade, tem a possibilidade de subir dentro da empresa e depois logo aluga uma casa e logo se vê.

Mas por exemplo, nas faculdades o próprio apoio no material é muito difícil não é?

Sim é. Temos que fazer a distinção entre o ensino obrigatório e o não obrigatório, porque enquanto estão no ensino obrigatório têm que fornecer os materiais, por exemplo na faculdade torna-se mais complicado. A lei, o que diz é que os professores têm que dar o material adaptado, os professores têm que… mas a única coisa a que eles recorrem é o apoio ao nível do gabinete de apoio ao estudante, ou para tentar algum pagamento das propinas, porque é assim há uns custos… a nós dão-nos fotocopias e nós estudamos por aí, uma pessoa com deficiência visual não estuda pelas fotocópias, têm que digitalizar e depois têm que ter um sistema de voz para ouvirem no computador e isto tem custos. O que fazem muitas vezes é ou recorrem aos apontamentos dos colegas ou vão tirando os apontamentos nas aulas, mas nós temos casos de professores que se recusam que eles usem o gravador nas aulas, quando é uma ajuda. Apesar de existirem apoios ao nível dos livros, de um departamento que faz a transcrição, mas é muito

complicado, porque nós sabemos que um estudante universitário tem todos os dias traz apontamentos, traz fotocópias disto ou daquilo é pesquisar no livro A ou no livro B, depois um livro nosso pode ser grosso, um a Braille faz 4 ou 5 volumes, existem muitos custos e muitas dificuldades… Mas eles lá estão e concluem.

Pois essa é a parte que motiva os técnicos a continuarem o seu trabalho…

Nós temos aqui o caso de um jovem que quando precisa de digitalizar ou passar alguma coisa, porque às vezes as coisas não são compatíveis, quando são quadros, pode-se digitalizar os quadros, mas depois para a leitura não consegue ler e portanto nós temos que estar aqui e apoiamos, acabamos por fazer o que não nos compete que é estar a transcrever as coisas para as pessoas e tentar arranjar um voluntário que escreva ou nós fazemos, para tentar colmatar estas situações.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: ACAPO

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Práticas de funcionamento	Associação de âmbito nacional várias com delegações	*"A ACAPO é uma associação de âmbito nacional (…)"* *" (…) e depois tem várias delegações(…)"* *" (…) espalhadas de norte a sul (…)"* *" (…) temos ao todo 13 delegações."* *"A ACAPO nasceu da junção de três instituições (…)"*
		Delegação de Lisboa tem a vertente social	*"Na delegação de Lisboa que é esta(…)"* *" (…) o trabalho que desenvolvemos é a vertente social (…)"* *" (…) temos o departamento de acção social com vários serviços."*
		Trabalham em sistema de porta aberta	*"Isto porque nós trabalhamos com um sistema de porta aberta (…)"*
		Não tem um espaço físico específico para animação	*" (…) e o que acontece é que nós não temos um local onde as pessoas estejam com uma animadores que possa estar aqui (…)"*
		Inicialmente prestava apoio apenas aos associados	*" (…) e quando nasceu a ACAPO só prestava apoio a pessoas associadas da ACAPO (…)"*
		Acordo atípico com a Segurança Social	*" (…) o que aconteceu foi que em 2001 nós fizemos um acordo atípico com a Segurança Social (…)"* *" (…) e a partir de agora o apoio que nós prestamos aos associados (…)"* *" (…) nesta delegação que é a de Lisboa, presta apoio aos associados desde Santarém até ao Algarve e Ilhas(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) e o acordo que nós fizemos com a Segurança Social (…)” *“ (…) é no sentido de prestar apoio a todas as pessoas com deficiência visual no distrito de Lisboa.”*
		Actividades projectadas anualmente	*“Nós no inicio de cada ano projectamos para o ano que vai decorrer actividades(…)”* *“ (…) algumas nós programamos desde o inicio do ano (…)”*
		Algumas actividades são anuais	*“ (…) fazemos actividades de cultura e lazer (…)”* *“ (…) há algumas actividades que nós já fazemos há alguns anos (…)”* *“ (…) por exemplo as colónias de férias com crianças e para todos.”* *“Nós dizemos para todos porque é com as crianças e os pais.”* *“Temos a festa de Natal (…)”* *“ (…) e de Carnaval (…)”* *“ (…) o Dia da Criança (…)”* *“ (…) são actividades que nós fazemos todos os anos.”* *“Basicamente é isto em termos muito resumidos.”*
		Vão projectando actividades pontuais	*“Depois no decorrer do ano, também, projectamos por exemplo uma excursão (…)”* *“ (…) umas visitas (…)”* *“ (…) de algum espectáculo que é montado,*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			há várias actividades desse âmbito que nós desenvolvemos."
		Parceria com alguns teatros	*" (…) outras vão surgindo de contactos que nos aparecem (…)"* *" (…) nós temos acordo com ou melhor uma parceria com os vários teatros aqui da zona de Lisboa (…)"* *" (…) e portanto cedem-nos bilhetes(…)"* *" (…) e as pessoas vão ao teatro (…)"* *" (…) há várias actividades desse âmbito que nós desenvolvemos."*
		Actividades desportivas	*" (…) temos também programadas actividades relacionadas com o desporto (…)"* *" (…) temos o dia desportivo (…)"* *" (…) temos por exemplo um fim de semana em que as pessoas vão e praticam alguma modalidade (…)"* *" (…) ou participam numa maratona(…)"* *" (…) há sempre assim algo relacionado também."*
		Realizam-se durante as férias ou ao fim de semana	*" (…) estas actividades que nós fazemos é mais ao fim de semana(…)"* *" (…) ou durante o período de férias(…)"*
	Valências de atendimento	Apoio social	*"Temos o serviço de apoio social (…)"* *"Depois paralelamente a isso dentro do departamento de acção social (…)"*
		Psicologia	*" (…) a psicologia (…)"*
		Médico de Clínica Geral	*" (…) médico de clínica geral (…)"*
		Apoio jurídico	*" (…) apoio jurídico (…)"*
		Reabilitação	*" (…) reabilitação (…)"* *" (…) na qual temos as questões de orientação e mobilidade (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Acompanhamento de AVD's	*" (…) nós fazemos também um acompanhamento ao nível das actividades de vida diária (…)"* *" (…) mas não é tão aprofundado como no centro de reabilitação (…)"*
		Biblioteca	*" (…) também temos a parte da biblioteca (…)"* *" (…) onde nós temos as obras em Braille (…)"* *" (…) gravadas (…)"* *" (…) sistema a nível informático também(…)"*
		Desporto	*" (…) depois também temos a parte do desporto (…)"* *" (…) temos actualmente o desporto de manutenção (…)"* *" (…) com diversas modalidades que vão desde a ginástica, ao judo (…)"* *" (…) ao goodball que é mesmo uma actividade que se pratica com pessoas com deficiência visual."* *"Dentro do desporto, para além do desporto de manutenção (…)"*
		Atendimento e aconselhamento	*" (…) temos aquelas coisas básicas que é o atendimento e o aconselhamento (…)"*
		Refeitório	*"Nós temos um refeitório (…)"* *" (…) e de facto é engraçado ver que funciona um bocadinho como um ponto de encontro (…)"* *" (…) aos fins-de-semana as pessoas, aquelas que estão isoladas e que não têm família é onde se encontram e acabam por estar(…)"* *" (…) almoçam e depois jogam um bocadinho ao dominó (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) jogam às cartas (…)" *" (…) conversam (…)"* *" (…) mas é uma coisa muito informal."*
		Programa de Ajuda a Carenciados	*" (…) temos, também, um programa comunitário de ajuda a carenciados(…)"*
		Serviço de Voluntariado	*" (…) temos o serviço de voluntariados para acompanhar as pessoas (…)"* *" (…) para prestar algum apoio ao nível da leitura (…)"* *" (…) por exemplo, organização de papeladas que é muito complicado."*
		Formação Profissional	*"Nós temos um departamento de ajuda ao emprego e formação profissional (…)"* *" (…) e aí existem os cursos de formação profissional (…)"* *" (…) onde as pessoas são dotadas de competências sociais (…)"* *" (…) e profissionais (…)"* *" (…) para o mercado de trabalho (…)"* *" (…) e paralelamente dentro do departamento (…)"* *" (…) esses são aqueles cursos básicos que as pessoas fazem (…)"* *" (…) porque é sempre feita uma avaliação por parte do psicólogo (…)" " (…) para ver em que parâmetros é que a pessoa se enquadra (…)"*
	Tipo de público	População heterogénea	*" (…) até independentemente de nós não termos aqui faixas etárias (…)"* *" (…) e o que acontece é que nós tanto podemos apoiar uma criança de meses como um idoso (…)"* *" (…) a nossa população é muito*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			heterogénea (…)”
		Grande maioria é população activa	*“ (…) mas a grande maioria dos utentes que estão connosco são pessoas activas que estão a trabalhar (…)”*
		Assiduidade do público depende do serviço prestado	*“ Depende dos serviços (…)”* *“ (…) por exemplo se for ao nível do acompanhamento psicológico não é um apoio diário, mas tem regularidade durante a semana (…)”* *“ (…) faz parte da sua semana vir cá duas vezes, por exemplo.”* *“Em termos de serviço social é mais complicado (…)”* *“ (…) as pessoas só vêm quando têm uma situação e não estão cá diariamente (…)”* *“ (…) portanto tenta-se resolver a situação (…)”* *“ (…) mas não há a necessidade da pessoa vir cá diariamente (…)”* *“ (…) a pessoa vêm quando tem a necessidade de tratar de um determinado assunto (…)”* *“ (…) mas não vem cá diariamente.”* *“Ao nível por exemplo da orientação e mobilidade é feito um plano em que a pessoa, tem aulas de orientação e mobilidade 2/3 vezes por semana de x em x horas (…)”* *“ (…) mas as pessoas estarem cá todos dos dias das 10h até as 18h, não isso não temos.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Qualquer pessoa pode recorrer aos serviços	*"Portanto uma pessoa que resida no distrito de Lisboa que queira recorrer aos serviços da ACAPO pode recorrer a estes serviços."* *"Se a pessoa depois se quiser fazer associada (…)"* *" (…) porque existe algumas situações em que pode participar (…)"*
		Associados têm alguns benefícios	*" (…) pode eleger (…)"* *" (…) pode participar nas assembleias(…)"* *" (…) existem acordos que nós temos(…)"* *" (…) por exemplo com a Multiopticas ou com a Clínica Dentária e aí os associados têm um desconto."*
	Profissionais que trabalham na Instituição	Técnicos Superiores	*"Temos um técnico bibliotecário (…)"* *" (…) uma assistente social (…)"* *" (…) uma psicóloga (…)"* *" (…) uma técnica de reabilitação (…)"* *" (…) até porque só temos uma técnica neste momento (…)"* *" (…) e dividir-se entre a orientação e mobilidade, os AVD's [1] e o apoio ao nível educativo (…)"* *" (…) que ela é técnica de reabilitação e inserção sócio – profissional também abarca estas questões (…)"*
		Coordenador Desportivo	*" (…) temos o coordenador desportivo que por acaso até é mestre (…)"* *" (…) temos os monitores ao nível das actividades desportivas (…)"*
		Voluntários	*" (…) depois temos os guias que*

[1] AVD – actividades da vida diária

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			acompanham mas isso são voluntários."
		Médico	*"Ao nível técnico temos o médico (…)"*
		Apoio jurídico	*" (…) e o apoio jurídico (…)"* *(…) aquele que nós prestamos (…)"* *" (…) temos acordo com uma firma (…)"* *" (…) e temos três pessoas a colaborarem connosco (…)"* *" (…) tendo em conta também a disponibilidade deles (…)"* *" (…) tanto pode ser um advogado num dia como outro no outro (…)"* *" (…) mas existe sempre uma continuidade dos serviços."*
	Processo de avaliação dos utentes	Atendendo ao solicitado é encaminhado para o técnico responsável	*"Mas a pessoa dirige-se (…)"* *" (…) e é sempre na primeira fase atendida pela técnica de serviço social(…)"* *" (…) e depois tendo em conta o pedido (…)"* *" (…) ou aquilo que é diagnosticado durante o atendimento sempre que se justifica é encaminhado para o técnico(…)"*
		Se já houver algum diagnóstico definido faz-se um atendimento conjunto	*" (…) se por exemplo a pessoa já vier com alguma coisa que indique (…)"* *" (…) por exemplo que precisa de orientação e mobilidade (…)"* *" (…) para não ter que vir cá (…)"* *" (…) e ser atendida pela técnica de serviço social (…)"* *" (…) e depois ser avaliada (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) o que nós fazemos é logo um atendimento conjunto para evitar que a pessoa se desloque duas vezes (…)" *" (…) mas isso é quando o pedido já vem bem definido."* *"A pessoa vem sempre com um diagnóstico (…)"* *" (…) quando vem para aqui já passou por um processo (…)"* *" (…) ou vem do médico oftalmologista do hospital (…)"* *" (…) portanto a pessoa já vem com um diagnóstico (…)"* *" (…) até porque nós só podemos atender pessoas com deficiência visual."* *"Portanto a pessoa a partir daí já sabe que tem menos de 1/10 de visão."*
		Os próprios utentes não têm, muitas vezes, a noção do seu problema	*"Mas o que acontece muitas das vezes, as pessoas dizem Eu não vejo, eu não sei o que é que tenho."* *" (…) mas não sabe quais é que são as implicações (…)"* *" (…) não sabe o que aconteceu (…)"* *" (…) o que é que não aconteceu, às vezes não sabem… (…)"* *" (…) é engraçado esta situação porque nós temos a ideia de que as pessoas, nós perguntamos: Há quanto tempo é que cegou, por exemplo, e as pessoas dizem Eu não sei."* *"O que acontece é que é assim (…)"* *" (…) há casos em que é um processo gradual (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) em que a sua acuidade visual vai diminuindo (…)" *" (…) vai diminuindo e quando se dão conta já não vêm (…)"* *" (…) porque é assim uma coisa gradual (…)"* *" (…) e não conseguem precisar o momento (…)"* *" (…) por exemplo dizer que foi em 2007 ou em 1984."* *" (…) há outros que como são casos de progressão a pessoa perde um bocado a noção (…)"* *" (…) e diz Realmente eu deixei de ver bem em 2004 e foi diminuindo até chegar a este momento."* *"Há casos em que resultam de um acidente (…)"* *" (…) ou alguma situação em que a pessoa de facto perdeu a visão naquele momento (…)"*
		Atendimento realizado sempre como a pessoa se sente mais à vontade	*"No primeiro não (…)"* *" (…) o primeiro atendimento é sempre feito como a pessoa se sente mais à vontade (…)"* *" (…) há pessoas que vêm sozinhas(…)"* *" (…) há pessoas que vêm acompanhadas de amigos (…)"* *" (…) há pessoas que vêm acompanhados de familiares (…)"* *" (…) e aí nós não impomos nada."*
		Sempre que se justifica entra-se em contacto com a	*"Se no decorrer daquela pessoa sempre que se justifica entrar em contacto com a família (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		família	*" (…) a pessoa está integrada no seio familiar (…)"* *" (…) e muitas das vezes as implicações das suas decisões estendem-se à família (…)"* *" (…) sempre que se justifique que seja necessário que a família seja chamada (…)"* *" (…) ela é de facto chamada (…)"* *" (…) principalmente quando são jovens ou crianças (…)"* *" (…) e aí de regra geral a família, ou a mãe está presente."*
		Crianças e jovens requerem uma participação mais activa das famílias	*"Há muitos pais que vêm (…)"* *" (…) mas como são famílias em que as pessoas trabalham (…)"* *" (…) é delegado na mãe (…)"* *" (…) mas existe um trabalho que se faz em estimulação com a criança (…)"*
Medidas de Inclusão Social		Existe uma técnica de integração que apoia os formandos em acção e os que necessitam de uma requalificação profissional	*" (…) também temos uma técnica de integração no departamento (…)"* *" (…) que tanto apoia a parte dos formandos propriamente ditos (…)"* *" (…) porque a formação tem a parte teórica (…)"* *" (…) e a parte prática (…)"* *" (…) como também pessoas que necessitam (…)"* *" (…) ou de uma requalificação a nível profissional (…)"* *" (…) por exemplo uma pessoa que está a trabalhar (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) e de um momento para o outro (…)” *“ (…) ou gradualmente acaba por cegar (…)”* *“ (…) e as funções não são compatíveis (…)”* *“Há pessoas que querem uma requalificação profissional (…)”* *“ (…) e aí a técnica dirige-se ao serviço (…)”* *“ (…) é marcada uma reunião (…)”* *“ (…) é explicado o tipo de material que se pode (…)”* *“ (…) e quais são as funções que a pessoa pode desempenhar (…)”* *“ (…) tendo em conta a experiência que têm na empresa (…)”* *“ (…) e tendo em conta os postos de trabalho (…)”* *“ (…) que existem na empresa (…)”* *“ (…) e pelos quais a pessoa poderia ser absorvida (…)”* *“ (…) os incentivos que existem ao nível de apoios (…)”* *“ (…) e mesmo as ajudas técnicas que existem.”*
		Existem utentes que preferem a reforma por invalidez	*“ (…) e aí a técnica entra (…)”* *“ (…) marca uma reunião (…)““ (…) e isto também se for da vontade da pessoa (…)”* *“ (…) porque existem muitas pessoas que preferem a reforma por invalidez (…)”* *“ (…) e aí é sempre por opção da pessoa, como é obvio.”*

Tema: Família e o Cuidador

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da instituição	Depende das situações e das áreas de intervenção	*"Depende de muita coisa (…)"* *"Vamos lá ver, isto depois também depende muito das áreas (…)"*
		Pessoas com problemas pontuais têm uma relação menos afectiva	*" (…) porque é assim se a pessoa vier com uma situação concreta de um problema que precisa de ser resolvido(…)"* *" (…) o que acontece é que é assim a situação é resolvida (…)"* *" (…) e nós perdemos um bocadinho o rasto àquela pessoa (…)"* *" (…) porque está sanado o problema que a trouxe cá (…)"* *" (…) não quer dizer que passado um tempo ela não volte cá noutra situação qualquer (…)"*
		Intervenção mais continuada é uma relação mais próxima	*" (…) mas se facto se justificar uma intervenção mais continuada é uma relação… (…)"* *"Depende, de facto nós temos casos (…)"*
		Família não deve intervir na área da Psicologia	*" (…) por exemplo ao nível da psicologia a família não pode intervir(…)"* *" (…) a relação terapêutica que se estabelece é com a pessoa e a família aí não pode intervir na medida em que… quer dizer tem mesmo a ver com os pressupostos da psicologia (…)"* *" (…) o utente é aquele… (…)"*
		Área de Orientação e Mobilidade, os pais podem estar	*"A nível da orientação e mobilidade, por exemplo independentemente das idades, muitas das vezes os familiares estão presentes nas aulas, até para criar…*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		presentes nas aulas	*(…)”* *“ (…) porque as pessoas não conseguem entender muito bem como as pessoas não conseguem se deslocar sozinhas (…)”* *“ (…) têm receio da segurança da própria pessoa (…)”* *“ (…) e estando a família e como é obvio não está a família em peso (…)”* *“ (…) mas vêm a mãe (…)”* *“ (…) o pai (…)”* *“ (…) ou o irmão (…)”*
		A presença dos familiares permite aperceber-se das competências dos utentes	*“ (…) vêm-se apercebendo de facto da autonomia que a pessoa vai ganhando(…)”* *“ (…) da segurança que a pessoa tem de fazer aquele trajecto (…)”* *“ (…) e acaba por colmatar algumas dificuldades de algumas situações (…)”* *“ (…) que é nós trabalhamos no sentido de autonomizar a pessoa (…)”* *“(…) e depois há uma desconstrução em casa (…)”* *“ (…) porque há o receio (…)”* *“ (…) e a pessoa estando presente(…)”* *“ (…) acaba por se aperceber das competências (…)”* *“ (…) ou dos ganhos que as pessoas têm (…)”* *“ (…) e acaba por também ajudar a própria pessoa.”*
		A personalidade de cada um influência a relação estabelecida	*“ (…) onde pai e mãe são cegos (…)”* *“ (…) porque acima de tudo eu trabalho com pessoas.”*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Existem pais que são muito activos	*" (…) porque é assim nós temos pais que são pais muito activos (…)"* *" (…) que procuram e experimentam (…)"* *" (…) e passar essa experiência para pais com uma nova realidade que lhes está a acontecer (…)"* *" (…) pensamos que é muito positivo."*
	Formação Específica	Existem pais que ficam confusos com as suas tarefas	*"A grande maioria sim."* *"Nós temos casos engraçados de pais que vêm aqui (…)"* *" (…) e dizem O meu filho tem uma deficiência e eu já fiz isto, isto e isto, o que é que eu posso fazer mais?"* *"E nós dizemos: Não está a fazer tudo bem não é preciso mais nada."* *"Temos outros casos em estão a fazer tudo mal desde o inicio… (…)"* *"De facto quando é o contrário e são os pais que têm uma criança com deficiência visual (…)"* *" (…) muitas vezes os pais sentem-se perdidos (…)"* *" (…) e agora o que é que eu vou fazer?"* *"Como é que eu vou fazer?"* *"Portanto eles aqui recorrem sempre há ACAPO (…)"* *" (…)" muitas vezes perguntam se nós temos uma formação específica sobre os AVD's (…)"*
		Formação deveria ser uma consciencialização	*"Eu acho que formação, eu não lhe chamaria bem formação… (…)"* *" (…) existem coisas gerais que aí é importante ter formação (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Instituição tem projectado grupos de auto – ajuda	*"Nós temos projectado para este ano (…)"* *" (…) o inicio de grupos de auto – ajuda (…)"* *" (…) onde vamos começar com pais de crianças com deficiência (…)"* *" (…) e isto porque, quando é o inverso, quando são os pais que têm uma deficiência e os filhos nascem (…)"*
		Instituição fornece alguns materiais para ajudar os pais	*" (…) nós damos-lhes os conhecimentos (…)"* *" (…) materiais para eles irem trabalhando essas questões (…)"* *" (…) mas de facto sentimos como necessário iniciar-se (…)"*
		Cada pessoa tem a sua própria estratégia	*"Até porque é assim não existem fórmulas (…)"* *" (…) isto é um bocado complicado(…)"* *" (…) porque cada pessoa tem uma estratégia para conseguir superar as suas dificuldades."* *"As pessoas, às vezes, dizem-nos: Olha fiz desta maneira que ninguém tinha feito e resulta comigo (…)"*
		Exemplo: organização do vestuário	*"Eu dou um exemplo, nós temos pessoas que ao nível do vestuário organizam o seu guarda-roupa com roupa escura de um lado (…)"* *" (…) roupa branca do outro (…)"* *" (…) roupa de cor no meio (…)"* *" (…) calças à esquerda (…)"* *" (…) e organizam-se assim (…)"* *" (…) há outras que não (…)"* *" (…) e organizam-se de outro modo(…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) eu não vou dizer às pessoas para se organizarem com roupa aqui ou roupa ali (…)" *" (…) porque cada um acaba por arranjar outra estratégia que lhe permite superar aquelas dificuldades(…)"* *" (…) portanto o que nós podemos dizer é que existem vários modos(…)"* *" (…) experimentem."*
		Existem competências que vão aprendendo	*" (…) outras são pequenas coisas que as pessoas depois acabam por aprender."* *"É o instinto, até os animais cuidam dos seus filhos (…)"* *" (…) há coisas que nós fazemos, que fazemo-las por instinto."*
		Necessidade de trabalho de prevenção nas situações de pais com deficiência visual	*"Depois há coisas em que as pessoas pensam (…)"* *" (…) por exemplo como é que se consegue ver se o bebé está assado(…)"* *" (…) é obvio que eles não conseguem ver se o bebé está assado (…)"* *" (…) mas têm que fazer a prevenção(…)"* *" (…) o que têm que fazer é possivelmente mudar a fralda mais vezes (…)"* *" (…) pôr sempre o cremezinho (…)"* *" (…) portanto tem que haver um trabalho de prevenção."* *"Se me disser então e as gotas, de facto existem materiais das ajudas técnicas aos quais também se pode recorrer (…)"* *" (…) é comprar determinados utensílios de cozinha (…)"* *" (…) de termómetros (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) por exemplo como é que as pessoas sabem se os filhos têm febre, existem termómetros que em vez de terem no visor números, existe um sistema de voz." *"Existem de facto vários instrumentos que acabam por ajudar (…)"* *" (…) e facilitar a vida das pessoas."*
		Instituição disponibiliza um pequeno guia	*" (…) nós temos um pequeno guia que distribuímos aos pais (…)"* *" (…) com conceitos muito acessíveis(…)"* *" (…) e é necessário que a família esteja presente para depois poder trabalhar esses aspectos em casa com a criança."*
		As crianças entendem a deficiência com naturalidade	*"Não entre por ai."* *"Porque é assim: existe a ideia de que há um gueto (…)"* *" (…) e é assim a criança desde pequena que lida com outras pessoas com visão e é uma coisa natural."* *"A mamã e o papá não vêem (…)"* *" (…) como o tio vê é uma coisa natural (…)"* *" (…) não há aquela consciência de…"* *"Há sempre alguém que vê (…)"* *"E por isso a criança vê estas situações com uma naturalidade (…)"* *" (…) porque é a mãe que não vê (…)"* *" (…) e é o pai que não vê (…)"* *" (…) mas a avó e o tio vêem."* *"Acho mesmo que eles não fazem bem a distinção entre ver e não ver…"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"A criança é a realidade dela (…)" *" (…) não faz distinção as coisas são o que são (…)"*
		Hoje em dia existe uma aproximação das pessoas com deficiência visual às pessoas sem deficiência	*" (…) até porque é assim é obvio que nós temos casos em que as pessoas mais idosas (…)"* *" (…) que nós temos em que se sentem mais à vontade (…)"* *" (…) com outras pessoas com deficiência visual (…)"* *" (…) mas a realidade hoje em dia já não é essa."* *"Nós temos muitos (…)"* *" (…) se calhar a grande maioria dos utentes que nós acompanhamos que não se dão com pessoas cegas (…)"* *" (…) que o grupo de amigos vê todo(…)"* *" (…) que vão para a discoteca (…)"* *" (…) ou para o cinema…"*
		As crianças desde pequenas que lidam com todas as pessoas	*"Não podemos pensar que a criança vive num mundo só de cegos (…)"* *" (…) e depois quando vai para a escola tomam consciência de que as outras pessoas vêem."* *"A criança desde pequena que lida com outras pessoas (…)"* *" (…) com pessoas que vêem (…)"* *" (…) e que vão lá a casa (…)"* *" (…) porque é o tio (…)"* *" (…) ou a amiga da mãe (…)"* *" (…) ou é a madrinha…"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Exemplo: A criança aborda a mãe com deficiência de forma diferente em relação ao pai sem deficiência	*"O que nós notamos é que existem de facto crianças (…)"* *" (…) mas estas coisas são engraçadas(…)"* *" (…) porque a criança mesmo pequenina com 1 ou 2 anos (…)"* *" (…) por exemplo se tiver a mãe cega(…)"* *" (…) e por exemplo o pai que vê(…)"* *" (…) a maneira de abordar a mãe(…)"* *" (…) e a maneira de abordar o pai é diferente (…)"* *" (…) possivelmente está com um copo na mão e diz: Oh pai, olha (…)"* *" (…) e à mãe diz Oh mãe, olha (…)"* *" (…) a própria criança assimila que a mãe vê assim."* *"Portanto nem sequer se questiona ao dizer mãe olha, vai lá e põe-lhe na mão (…)"* *" (…) isto acontece desde muito pequeninas."*
		Sentido de protecção em relação aos pais com deficiência	*" (…) e o que nós notamos é que de facto (…)"* *" (…) a partir de uma certa idade em que a criança começa a ter alguma consciência existe por parte da criança isto não é imposto pelos pais (…)"* *" (…) um sentido de protecção relativamente aos pais que não vêem(…)"* *" (…) do cuidado que está aqui um buraco (…)"* *" (…) cuidado vêm aí o autocarro (…)"* *" (…) e nós vemos muito isso em*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			crianças pequenas que com três anos dizem Mamã cuidado olha o buraco." *"Porque a própria criança sabe que a mãe não vê e alerta-a."* *"Há este sentido da criança proteger os pais (…)"* *" (…) que não deve ser reforçado pelos pais (…)"* *" (…) porque os pais antes da criança nascer já eram cegos."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Inclusão social	Sociedade	Não reúne as condições	*"Não em todos os aspectos (…)"* *"Não falta tudo (…)"* *" (…) falta muita coisa."* *" (…) desde a parte do emprego (…)"* *" (…) das acessibilidades (…)"* *" (…) um deslocar-se à rua (…)"* *" (…) a maneira como as pessoas (…)"*
		Tem-se vindo a caminhar	*" (…) eu acho que aquilo que não está(…)"* *"(…) não vou ser muito pessimista (…)"* *" (…) eu acho que se tem vindo a caminhar no sentido de (…)"* *"Já houve uns avanços não podemos ser muito pessimistas (…)"* *" (…) mas ainda não se chegou ao ideal."* *" (…) mas de facto ainda falta muita coisa para fazer."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Hoje em dia as pessoas cegas já trabalham	*"De facto esta consciência de integrar, porque antigamente e não há muito tempo atrás (…)"* *" (…) as pessoas cegas não trabalhavam (…)"* *" (…) e hoje em dia as pessoas trabalham (…)"*
		Consciência de que as pessoas com deficiência são válidas	*"Portanto já há a consciência de que as pessoas são válidas (…)"* *" (…) e podem produzir (…)"* *" (…) e podem trabalhar etc. …"*
		Os próprios empregadores não são conducentes com esta problemática	*"Nós temos muitos casos em que por exemplo a pessoa é cega e é os próprios serviços que dizem Se calhar agora tens que te reformar (…)"* *" (…) e muitas das vezes são entidades públicas (…)"*
		A reforma antecipada acaba por ser a solução encontrada pelos empregadores	*" (…) que forçam a pessoa a uma reforma antecipada."* *"A pessoa entra de baixa (…)"* *" (…) porque está um bocado perdida(…)"* *" (…) e depois vão prolongando (…)"* *" (…) prolongando até a pessoa entrar em reforma (…)"*
	Sistema legislativo	Existe alguma preocupação	*" Considero que ainda há alguma coisa(…)"* *" (…) agora o que eu noto é que é assim (…)"* *" (…) quando se fala em deficiência (…)"* *" (…) a primeira coisa que as pessoas se lembram é a deficiência motora."*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"Quando se fazem determinados tipos de acções (…)" *" (…) visualizam sempre a deficiência motora (…)"* *" (…) e não estou a dizer que as pessoas com deficiência motora são super apoiadas (…)"* *" (…) também lhes falta super coisas."* *" (…) e muitas das vezes esquecem-se da deficiência visual (…)"* *" (…) e da deficiência auditiva."*
		Cada deficiência tem a sua especificidade	*"Apesar que são realidades diferentes(…)"* *" (…) porque as necessidades são diferentes (…)"* *"Mas eu acho que nós temos que fazer a distinção (…)"* *" (…) porque não é a mesma coisa(…)"*
		As ajudas técnicas nem sempre são justas	*"e nós temos o exemplo das ajudas técnicas que são para a pessoa com deficiência (…)"* *" (…) e uma ajuda técnica para uma pessoa com deficiência motora pode passar desde uma cadeira de roda (…)"* *" (…) ou uma cama articulada (…)"* *(…) para uma pessoa com deficiência visual não."* *"Para uma pessoa com deficiência visual (…)"* *" (…) pode passar por um sistema de voz para pôr no computador (…)"* *" (…) e o que acontece muitas das vezes é que, e aqui a culpa não é dos*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			serviços é que existe uma verba para a atribuição de ajudas técnicas (…)" *" (…) e a verba não é muita (…)* *" (…) entre dar uma cadeira de rodas aquela pessoa (…)"* *" (…) e dar um computador à outra (…)"* *" (…) vou dar a cadeira de rodas não é?"* *"Isto acontece muitas vezes, porque uma cadeira de rodas é uma cadeira de rodas (…)"* *" (…) e um computador é uma coisa secundária."*
		Problema é cumprir as leis	*"Mas em termos de leis existe alguma coisa (…)"* *" (…) agora o pior é fazê-las cumprir(…)"*
		Exemplo: na educação havia um atraso com o destacamento de professores de apoio	*" (…) porque ainda agora da parte da educação existe lei para proteger os estudantes (…)"* *" (…) porque têm que ter material adaptado (…)"* *"(…) ter uma pessoa de apoio etc…"* *" (…) nós temos casos em que chega a Janeiro ou Fevereiro e ainda não existe (…)"* *" (…) agora já não tanto, com a entrada em vigor das escolas de referência (…)"* *" (…) mas ainda há bem pouco tempo atrás (…)"* *" (…) tinham-se que destacar professores de apoio (…)"* *" (…) e chegávamos a Janeiro e ainda não haviam professores de apoio (…)"* *" (…) a lei está lá mas é cumprida?"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Não existem os recursos para cumprir as leis	*"Não estamos a dizer que a lei não é cumprida (…)"* *" (…) porque as pessoas não querem cumprir (…)"* *" (…) não existem recursos ou meios(…)"* *" (…) eu penso que não é tanto pelas leis porque elas até existem…"* *"Falta de apoios a nível de equipamentos (…)"* *" (…) de respostas mesmo…"*
		Distinção entre ensino obrigatório e o não obrigatório	*"Sim é."* *"Temos que fazer a distinção entre o ensino obrigatório e o não obrigatório (…)"* *" (…) porque enquanto estão no ensino obrigatório têm que fornecer os materiais (…)"*
		Faculdade os apoios são mais complicados	*" (…) por exemplo na faculdade torna-se mais complicado."* *"A lei, o que diz é que os professores têm que dar o material adaptado (…)"* *" (…) os professores têm que…"* *" (…) mas a única coisa a que eles recorrem é o apoio ao nível do gabinete de apoio ao estudante (…)"* *" (…) ou para tentar algum pagamento das propinas (…)"* *" (…) porque é assim há uns custos…"* *" (…) a nós dão-nos fotocopias e nós estudamos por aí (…)"* *" (…) uma pessoa com deficiência visual não estuda pelas fotocópias(…)"* *" (…) têm que digitalizar e depois têm que ter um sistema de voz para ouvirem*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			no computador (…)" *" (…) e isto tem custos."* *"O que fazem muitas vezes é ou recorrem aos apontamentos dos colegas (…)"* *" (…) ou vão tirando os apontamentos nas aulas (…)"* *" (…) mas nós temos casos de professores que se recusam que eles usem o gravador nas aulas, quando é uma ajuda."* *"Apesar de existirem apoios ao nível dos livros (…)"* *" (…) de um departamento que faz a transcrição (…)"* *" (…) mas é muito complicado (…)"* *" (…) porque nós sabemos que um estudante universitário tem todos os dias traz apontamentos (…)"* *" (…) traz fotocopias disto (…)"* *" (…) ou daquilo é pesquisar no livro A ou no livro B (…)"* *" (…) depois um livro nosso pode ser grosso (…)"* *" (…) um a Braille faz 4 ou 5 volumes (…)"* *" (…) existem muitos custos (…)"* *" (…) e muitas dificuldades…"* *"Mas eles lá estão e concluem."* *"Nós temos aqui o caso de um jovem que quando precisa de digitalizar ou passar alguma coisa"* *" (…) porque às vezes as coisas não são compatíveis (…)"* *" (…) quando são quadros (…)"* *" (…) pode-se digitalizar os quadros*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			(…)” *“ (…) mas depois para a leitura não consegue ler (…)”* *“ (…) e portanto nós temos que estar aqui (…)”* *“ (…) e apoiamos (…)”* *“ (…) acabamos por fazer o que não nos compete que é estar a transcrever as coisas para as pessoas (…)”* *“ (…) tentar arranjar um voluntário que escreva (…)”* *“ (…) ou nós fazemos (…)”* *“ (…) para tentar colmatar estas situações.”*
Trabalho Desenvolvido		Necessidade de respostas rápidas e não existe *(exemplo habitação e ajudas técnicas)*	*“Vou-lhe dar um caso básico a nível de habitação (…)”* *“ (…) por exemplo há situações muito concretas (…)”* *“ (…) em que as pessoas precisam de uma resposta (…)”* *“ (…) em que é muito complicado (…)”* *“ (…) e que não existem….”* *“ (…) ou o simples facto das ajudas técnicas (…)”* *“ (…) o tempo que demora (…)”* *“ (…) o não haver verbas (…)”* *“ (…) a pessoa candidata-se (…)”* *“ (…) e depois não há verbas…”*
		Exemplo específico: um estudante não consegue habitação apesar de todo percurso escolar	*“Falei dessa da habitação (…)”* *“ (…) porque tenho aqui um caso(…)”* *(…) em que realmente me entristece (…)”* *“ (…) porque há aqui uma pessoa lutadora que veio para Portugal (…)”* *“(…) com um 9º ano, actualmente está na*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		realizado	*faculdade (…)"* *" (…) fez todo um percurso de formação profissional (…)"* *" (…) que concluiu o 12º ano (…)"* *" (…) começou a trabalhar (…)"* *" (…) e está a organizar a sua vida (…)"* *" (…) e a única coisa que precisa é uma casa (…)"* *" (…) e eu não consigo lhe arranjar uma casa (…)"* *" (…) ele está numa fase ainda em que tudo lhe é recente (…)"* *" (…) em que como é óbvio não pode arranjar uma casa (…)"* *" (…) porque tem as propinas da faculdade (…)"* *" (…) e eu não consigo lhe arranjar (…)"* *" (…) e é uma pessoa que realmente, com todo o percurso que fez e não se consegue, porque não se consegue, porque não existe…"* *"E isso entristece (…)"* *" (…) e ainda não sei como é que a pessoa ainda não desmotivou perante estas situações."*
		Pais não conseguem apoios de determinados serviços	*"Existem outros casos como por exemplo (…)"* *" (…) uns pais dizerem que querem um apoio para os filhos (…)"* *" (…) e nós não temos apoio para crianças com deficiência visual (…)"* *" (…) que apoio que existe… não existe."* *"E quando eu falo em apoios não falo em escolas (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) falo em apoios concretos em instituições (…)” *“ (…) em serviços.”*
		Frustração não haver por respostas	*“Aí é que eu noto que é complicado (…)”* *“ (…) porque nós batalhamos para uma situação (…)”* *“ (…) e depois não há resposta (…)”* *“ (…) e depois nós temos que dizer à pessoa que não estamos a conseguir.”*
		As pessoas têm diferentes reacções face a estas situações	*“Depende.”* *“Há pessoas em que não (…)”* *“ (…) há outras que se revoltam (…)”* *“ (…) outras que baixam os braços (…)”* *“ (…) há de tudo.”*
		Exemplo: jovem que não desanima face às dificuldades	*“Por exemplo este caso do senhor que lhe estou a dizer não (…)”* *“ (…) ele não baixou os braços (…)”* *“ (…) e diz que vai concluir (…)”* *“ (…) depois logo se vê (…)”* *“ (…) só que são situações muito complicadas (…)”* *“ (…) porque é uma pessoa que está na faculdade (…)”* *“ (…) que precisa (…)”* *“ (…) porque está a trabalhar (…)”* *“ (…) e o único tempo que tem para estudar (…)”* *“ (…) é à noite e está numa casa com 9 pessoas (…)”* *“ (…) portanto o tempo que tem para estudar (…)”* *“ (…) tem barulho em casa (…)”* *“ (…) mas a pessoa não desmotiva (…)”* *“ (…) a pessoa diz que vai continuar e*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			quando acabar a faculdade (…)" *" (…) tem a possibilidade de subir dentro da empresa (…)"* *" (…) e depois logo aluga uma casa (…)"* *" (…) e logo se vê."*

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: ACAPO

1- A ACAPO é uma associação de âmbito nacional
2- e depois tem várias delegações
3- espalhadas de norte a sul,
4- temos ao todo 13 delegações.
5- Na delegação de Lisboa que é esta,
6- o trabalho que desenvolvemos é a vertente social,
7- temos o departamento de acção social com vários serviços.
8- Temos o serviço de apoio social,
9- a psicologia,
10- médico de clínica geral,
11- apoio jurídico,
12- reabilitação,
13- na qual temos as questões de orientação e mobilidade,
14- nós fazemos também um acompanhamento ao nível das actividades de vida diária,
15- mas não é tão aprofundado como no centro de reabilitação,
16- até porque só temos uma técnica neste momento
17- e dividir-se entre a orientação e mobilidade, os AVD's [1] e o apoio ao nível educativo,
18- que ela é técnica de reabilitação e inserção sócio – profissional também abarca estas questões,
19- também temos a parte da biblioteca,
20- onde nós temos as obras em Braille,
21- gravadas,
22- sistema a nível informático também,
23- depois também temos a parte do desporto,
24- temos actualmente o desporto de manutenção
25- com diversas modalidades que vão desde a ginástica, ao judo
26- ao *goodball* que é mesmo uma actividade que se pratica com pessoas com deficiência visual.
27- Depois paralelamente a isso dentro do departamento de acção social

[1] AVD – actividades da vida diária

28- temos aquelas coisas básicas que é o atendimento e o aconselhamento,
29- fazemos actividades de cultura e lazer,
30- temos, também, um programa comunitário de ajuda a carenciados,
31- temos o serviço de voluntariados para acompanhar as pessoas,
32- para prestar algum apoio ao nível da leitura,
33- por exemplo, organização de papeladas que é muito complicado.
34- Basicamente é isto em termos muito resumidos.
35- Nós no inicio de cada ano projectamos para o ano que vai decorrer actividades,
36- há algumas actividades que nós já fazemos há alguns anos,
37- por exemplo as colónias de férias com crianças e para todos.
38- Nós dizemos para todos porque é com as crianças e os pais.
39- Temos a festa de Natal
40- e de Carnaval,
41- o Dia da Criança,
42- são actividades que nós fazemos todos os anos.
43- Depois no decorrer do ano, também, projectamos por exemplo uma excursão
44- umas visitas,
45- algumas nós programamos desde o inicio do ano,
46- outras vão surgindo de contactos que nos aparecem,
47- de algum espectáculo que é montado,
48- nós temos acordo com ou melhor uma parceria com os vários teatros aqui da zona de Lisboa
49- e portanto cedem-nos bilhetes
50- e as pessoas vão ao teatro,
51- há várias actividades desse âmbito que nós desenvolvemos.
52- Dentro do desporto, para além do desporto de manutenção,
53- temos também programadas actividades relacionadas com o desporto,
54- temos o dia desportivo,
55- temos por exemplo um fim de semana em que as pessoas vão e praticam alguma modalidade,
56- ou participam numa maratona,
57- há sempre assim algo relacionado também.
58- Isto porque nós trabalhamos com um sistema de porta aberta

59- e o que acontece é que nós não temos um local onde as pessoas estejam com uma animadores que possa estar aqui,
60- até independentemente de nós não termos aqui faixas etárias,
61- a nossa população é muito heterogénea
62- e o que acontece é que nós tanto podemos apoiar uma criança de meses como um idoso,
63- mas a grande maioria dos utentes que estão connosco são pessoas activas que estão a trabalhar,
64- estas actividades que nós fazemos é mais ao fim de semana
65- ou durante o período de férias
66- e paralelamente como nós não temos aqui um centro de dia,
67- isto está sempre um entra e sai com as pessoas
68- e as actividades que fazemos são sempre voltadas para o exterior.
69- Nós temos um refeitório
70- e de facto é engraçado ver que funciona um bocadinho como um ponto de encontro,
71- aos fins-de-semana as pessoas, aquelas que estão isoladas e que não têm família é onde se encontram e acabam por estar,
72- almoçam e depois jogam um bocadinho ao dominó,
73- jogam às cartas,
74- conversam,
75- mas é uma coisa muito informal.
76- Depende dos serviços,
77- por exemplo se for ao nível do acompanhamento psicológico não é um apoio diário, mas tem regularidade durante a semana,
78- faz parte da sua semana vir cá duas vezes, por exemplo.
79- Em termos de serviço social é mais complicado,
80- as pessoas só vêm quando têm uma situação e não estão cá diariamente,
81- portanto tenta-se resolver a situação,
82- mas não há a necessidade da pessoa vir cá diariamente,
83- a pessoa vêm quando tem a necessidade de tratar de um determinado assunto,
84- mas não vem cá diariamente.
85- Ao nível por exemplo da orientação e mobilidade é feito um plano em que a pessoa, tem aulas de orientação e mobilidade 2/3 vezes por semana de *x* em *x* horas,
86- mas as pessoas estarem cá todos dos dias das 10h até as 18h, não isso não temos.

87- Temos um técnico bibliotecário,
88- uma assistente social,
89- uma psicóloga,
90- uma técnica de reabilitação,
91- temos o coordenador desportivo que por acaso até é mestre,
92- temos os monitores ao nível das actividades desportivas,
93- depois temos os guias que acompanham mas isso são voluntários.
94- Ao nível técnico temos o médico
95- e o apoio jurídico,
96- aquele que nós prestamos,
97- temos acordo com uma firma
98- e temos três pessoas a colaborarem connosco,
99- tendo em conta também a disponibilidade deles,
100- tanto pode ser um advogado num dia como outro no outro,
101- mas existe sempre uma continuidade dos serviços.
102- A ACAPO nasceu da junção de três instituições
103- e quando nasceu a ACAPO só prestava apoio a pessoas associadas da ACAPO,
104- o que aconteceu foi que em 2001 nós fizemos um acordo atípico com a Segurança Social
105- e a partir de agora o apoio que nós prestamos aos associados,
106- nesta delegação que é a de Lisboa,
107- presta apoio aos associados desde Santarém até ao Algarve e Ilhas
108- e o acordo que nós fizemos com a Segurança Social
109- é no sentido de prestar apoio a todas as pessoas com deficiência visual no distrito de Lisboa.
110- Portanto uma pessoa que resida no distrito de Lisboa que queira recorrer aos serviços da ACAPO pode recorrer a estes serviços.
111- Se a pessoa depois se quiser fazer associada,
112- porque existe algumas situações em que pode participar,
113- pode eleger,
114- pode participar nas assembleias,
115- existem acordos que nós temos,
116- por exemplo com a *Multiopticas* ou com a Clínica Dentária e aí os associados têm um desconto.

117- Mas a pessoa dirige-se
118- e é sempre na primeira fase atendida pela técnica de serviço social
119- e depois tendo em conta o pedido
120- ou aquilo que é diagnosticado durante o atendimento sempre que se justifica é encaminhado para o técnico,
121- se por exemplo a pessoa já vier com alguma coisa que indique
122- por exemplo que precisa de orientação e mobilidade
123- para não ter que vir cá
124- e ser atendida pela técnica de serviço social
125- e depois ser avaliada
126- o que nós fazemos é logo um atendimento conjunto para evitar que a pessoa se desloque duas vezes,
127- mas isso é quando o pedido já vem bem definido.
128- A pessoa vem sempre com um diagnóstico,
129- quando vem para aqui já passou por um processo,
130- ou vem do médico oftalmologista do hospital,
131- portanto a pessoa já vem com um diagnóstico,
132- até porque nós só podemos atender pessoas com deficiência visual.
133- Portanto a pessoa a partir daí já sabe que tem menos de 1/10 de visão.
134- Mas o que acontece muitas das vezes, as pessoas dizem *Eu não vejo, eu não sei o que é que tenho*.
135- Porque vêm com um diagnóstico
136- mas não sabe quais é que são as implicações,
137- não sabe o que aconteceu
138- o que é que não aconteceu, às vezes não sabem…
139- é engraçado esta situação porque nós temos a ideia de que as pessoas, nós perguntamos: *Há quanto tempo é que cegou*, por exemplo, e as pessoas dizem *Eu não sei*.
140- O que acontece é que é assim,
141- há casos em que é um processo gradual
142- em que a sua acuidade social vai diminuindo,
143- vai diminuindo e quando se dão conta já não vêm,
144- porque é assim uma coisa gradual
145- e não conseguem precisar o momento,

146- por exemplo dizer que foi em 2007 ou em 1984.
147- Há casos em que resultam de um acidente
148- ou alguma situação em que a pessoa de facto perdeu a visão naquele momento,
149- há outros que como são casos de progressão a pessoa perde um bocado a noção
150- e diz *Realmente eu deixei de ver bem em 2004 e foi diminuindo até chegar a este momento*.
151- No primeiro não,
152- o primeiro atendimento é sempre feito como a pessoa se sente mais à vontade,
153- há pessoas que vêm sozinhas,
154- há pessoas que vêm acompanhadas de amigos,
155- há pessoas que vêm acompanhados de familiares
156- e aí nós não impomos nada.
157- Se no decorrer daquela pessoa sempre que se justifica entrar em contacto com a família,
158- a pessoa está integrada no seio familiar
159- e muitas das vezes as implicações das suas decisões estendem-se à família,
160- sempre que se justifique que seja necessário que a família seja chamada,
161- ela é de facto chamada,
162- principalmente quando são jovens ou crianças
163- e aí de regra geral a família, ou a mãe está presente.
164- Há muitos pais que vêm,
165- mas como são famílias em que as pessoas trabalham
166- é delegado na mãe,
167- mas existe um trabalho que se faz em estimulação com a criança,
168- nós temos um pequeno guia que distribuímos aos pais
169- com conceitos muito acessíveis
170- e é necessário que a família esteja presente para depois poder trabalhar esses aspectos em casa com a criança.
171- Depende de muita coisa
172- porque é assim se a pessoa vier com uma situação concreta de um problema que precisa de ser resolvido,
173- o que acontece é que é assim a situação é resolvida
174- e nós perdemos um bocadinho o rasto àquela pessoa,
175- porque está sanado o problema que a trouxe cá,

176- não quer dizer que passado um tempo ela não volte cá noutra situação qualquer,
177- mas se facto se justificar uma intervenção mais continuada é uma relação…
178- Vamos lá ver, isto depois também depende muito das áreas,
179- por exemplo ao nível da psicologia a família não pode intervir,
180- a relação terapêutica que se estabelece é com a pessoa e a família aí não pode intervir na medida em que… quer dizer tem mesmo a ver com os pressupostos da psicologia,
181- o utente é aquele…
182- A nível da orientação e mobilidade, por exemplo independentemente das idades, muitas das vezes os familiares estão presentes nas aulas, até para criar…
183- porque as pessoas não conseguem entender muito bem como as pessoas não conseguem se deslocar sozinhas,
184- têm receio da segurança da própria pessoa
185- e estando a família e como é obvio não está a família em peso,
186- mas vêm a mãe,
187- o pai
188- ou o irmão,
189- vêm-se apercebendo de facto da autonomia que a pessoa vai ganhando,
190- da segurança que a pessoa tem de fazer aquele trajecto
191- e acaba por colmatar algumas dificuldades de algumas situações
192- que é nós trabalhamos no sentido de autonomizar a pessoa
193- e depois há uma desconstrução em casa,
194- porque há o receio
195- e a pessoa estando presente
196- acaba por se aperceber das competências
197- ou dos ganhos que as pessoas têm
198- e acaba por também ajudar a própria pessoa.
199- Nós temos um departamento de ajuda ao emprego e formação profissional
200- e aí existem os cursos de formação profissional
201- onde as pessoas são dotadas de competências sociais
202- e profissionais
203- para o mercado de trabalho
204- e paralelamente dentro do departamento,
205- esses são aqueles cursos básicos que as pessoas fazem,

206- porque é sempre feita uma avaliação por parte do psicólogo
207- para ver em que parâmetros é que a pessoa se enquadra,
208- também temos uma técnica de integração no departamento
209- que tanto apoia a parte dos formandos propriamente ditos,
210- porque a formação tem a parte teórica
211- e a parte prática,
212- como também pessoas que necessitam
213- ou de uma requalificação a nível profissional,
214- por exemplo uma pessoa que está a trabalhar
215- e de um momento para o outro
216- ou gradualmente acaba por cegar
217- e as funções não são compatíveis
218- e aí a técnica entra,
219- marca uma reunião
220- e isto também se for da vontade da pessoa,
221- porque existem muitas pessoas que preferem a reforma por invalidez
222- e aí é sempre por opção da pessoa, como é obvio.
223- Há pessoas que querem uma requalificação profissional
224- e aí a técnica dirige-se ao serviço,
225- é marcada uma reunião,
226- é explicado o tipo de material que se pode
227- e quais são as funções que a pessoa pode desempenhar
228- tendo em conta a experiência que têm na empresa
229- e tendo em conta os postos de trabalho
230- que existem na empresa
231- e pelos quais a pessoa poderia ser absorvida,
232- os incentivos que existem ao nível de apoios
233- e mesmo as ajudas técnicas que existem.
234- Depende, de facto nós temos casos
235- onde pai e mãe são cegos
236- e as crianças não
237- e outros casos em que sim,
238- mas isso eu acho que tem a ver com a pessoa enquanto pessoa
239- mesmo do que enquanto pessoa com deficiência,

240- porque há filhos em que são mais chegados à família e há outros que não tanto,
241- há casos em que as mães são mais protectoras,
242- há casos em que não,
243- isso tem a ver com a pessoa e não com a pessoa com deficiência,
244- tem a ver com a personalidade de cada um.
245- Não se deve fazer uma distinção,
246- porque acima de tudo eu trabalho com pessoas.
247- A grande maioria sim.
248- Nós temos casos engraçados de pais que vêm aqui
249- e dizem *O meu filho tem uma deficiência e eu já fiz isto, isto e isto, o que é que eu posso fazer mais?*
250- E nós dizemos: *Não está a fazer tudo bem não é preciso mais nada.*
251- Temos outros casos em estão a fazer tudo mal desde o inicio…
252- Eu acho que formação, eu não lhe chamaria bem formação…
253- Nós temos projectado para este ano
254- o inicio de grupos de auto – ajuda,
255- onde vamos começar com pais de crianças com deficiência
256- e isto porque, quando é o inverso, quando são os pais que têm uma deficiência e os filhos nascem,
257- aquela é a realidade deles,
258- a criança acaba por conhecer que aquele é o pai e aquela é a mãe.
259- A realidade delas é aquela e desde que nascem até terem consciência das coisas a lidarem com a deficiência dos pais,
260- de uma forma muito natural
261- e portanto as coisas que nós fazemos
262- e eles fazem de outra maneira,
263- para eles é natural,
264- portanto não necessitam não é.
265- De facto quando é o contrário e são os pais que têm uma criança com deficiência visual,
266- muitas vezes os pais sentem-se perdidos
267- e *agora o que é que eu vou fazer?*
268- *Como é que eu vou fazer?*
269- Portanto eles aqui recorrem sempre há ACAPO,

270- nós damos-lhes os conhecimentos,
271- materiais para eles irem trabalhando essas questões,
272- mas de facto sentimos como necessário iniciar-se,
273- porque é assim nós temos pais que são pais muito activos,
274- que procuram e experimentam
275- e passar essa experiência para pais com uma nova realidade que lhes está a acontecer,
276- pensamos que é muito positivo.
277- Até porque é assim não existem fórmulas,
278- muitas vezes perguntam se nós temos uma formação específica sobre os AVD's,
279- isto é um bocado complicado
280- porque cada pessoa tem uma estratégia para conseguir superar as suas dificuldades.
281- Eu dou um exemplo, nós temos pessoas que ao nível do vestuário organizam o seu guarda-roupa com roupa escura de um lado,
282- roupa branca do outro,
283- roupa de cor no meio,
284- calças à esquerda
285- e organizam-se assim,
286- há outras que não
287- e organizam-se de outro modo,
288- eu não vou dizer às pessoas para se organizarem com roupa aqui ou roupa ali,
289- porque cada um acaba por arranjar outra estratégia que lhe permite superar aquelas dificuldades,
290- portanto o que nós podemos dizer é que existem vários modos,
291- experimentem.
292- As pessoas, às vezes, dizem-nos: *Olha fiz desta maneira que ninguém tinha feito e resulta comigo,*
293- existem coisas gerais que aí é importante ter formação,
294- outras são pequenas coisas que as pessoas depois acabam por aprender.
295- É o instinto, até os animais cuidam dos seus filhos,
296- há coisas que nós fazemos, que fazemo-las por instinto.
297- Depois há coisas em que as pessoas pensam,
298- por exemplo como é que se consegue ver se o bebé está assado,
299- é obvio que eles não conseguem ver se o bebé está assado,

300- mas têm que fazer a prevenção,
301- o que têm que fazer é possivelmente mudar a fralda mais vezes,
302- pôr sempre o cremezinho,
303- portanto tem que haver um trabalho de prevenção.
304- Se me disser então e as gotas, de facto existem materiais das ajudas técnicas aos quais também se pode recorrer,
305- é comprar determinados utensílios de cozinha,
306- de termómetros,
307- por exemplo como é que as pessoas sabem se os filhos têm febre, existem termómetros que em vez de terem no visor números, existe um sistema de voz.
308- Existem de facto vários instrumentos que acabam por ajudar
309- e facilitar a vida das pessoas.
310- Não entre por ai.
311- Porque é assim: existe a ideia de que há um gueto
312- e é assim a criança desde pequena que lida com outras pessoas com visão e é uma coisa natural.
313- A mamã e o papá não vêem,
314- como o tio vê é uma coisa natural,
315- não há aquela consciência de…
316- até porque é assim é obvio que nós temos casos em que as pessoas mais idosas
317- que nós temos em que se sentem mais à vontade
318- com outras pessoas com deficiência visual,
319- mas a realidade hoje em dia já não é essa.
320- Nós temos muitos,
321- se calhar a grande maioria dos utentes que nós acompanhamos que não se dão com pessoas cegas,
322- que o grupo de amigos vê todo,
323- que vão para a discoteca
324- ou para o cinema…
325- Não podemos pensar que a criança vive num mundo só de cegos
326- e depois quando vai para a escola tomam consciência de que as outras pessoas vêem.
327- A criança desde pequena que lida com outras pessoas,
328- com pessoas que vêem

329- e que vão lá a casa,
330- porque é o tio
331- ou a amiga da mãe
332- ou é a madrinha…
333- Há sempre alguém que vê
334- e por isso a criança vê estas situações com uma naturalidade,
335- porque é a mãe que não vê
336- e é o pai que não vê,
337- mas a avó e o tio vêem.
338- Acho mesmo que eles não fazem bem a distinção entre ver e não ver…
339- O que nós notamos é que existem de facto crianças,
340- mas estas coisas são engraçadas,
341- porque a criança mesmo pequenina com 1 ou 2 anos,
342- por exemplo se tiver a mãe cega
343- e por exemplo o pai que vê,
344- a maneira de abordar a mãe
345- e a maneira de abordar o pai é diferente,
346- possivelmente está com um copo na mão e diz: *Oh pai, olha*
347- e à mãe diz *Oh mãe, olha* e
348- a própria criança assimila que a mãe vê assim.
349- Portanto nem sequer se questiona ao dizer *mãe olha*, vai lá e põe-lhe na mão,
350- isto acontece desde muito pequeninas.
351- A criança é a realidade dela,
352- não faz distinção as coisas são o que são
353- e o que nós notamos é que de facto,
354- a partir de uma certa idade em que a criança começa a ter alguma consciência existe por parte da criança e
355- isto não é imposto pelos pais,
356- um sentido de protecção relativamente aos pais que não vêem,
357- do cuidado que está aqui um buraco,
358- cuidado vêm aí o autocarro,
359- e nós vemos muito isso em crianças pequenas que com três anos dizem *Mamã cuidado olha o buraco*.
360- Porque a própria criança sabe que a mãe não vê e alerta-a.

361- Há este sentido da criança proteger os pais
362- que não deve ser reforçado pelos pais,
363- porque os pais antes da criança nascer já eram cegos.
364- Não em todos os aspectos,
365- desde a parte do emprego,
366- das acessibilidades,
367- um deslocar-se à rua,
368- a maneira como as pessoas,
369- eu acho que aquilo que não está e
370- não vou ser muito pessimista,
371- eu acho que se tem vindo a caminhar no sentido de,
372- mas ainda não se chegou ao ideal.
373- Não falta tudo,
374- falta muita coisa.
375- De facto esta consciência de integrar,
376- porque antigamente e não há muito tempo atrás,
377- as pessoas cegas não trabalhavam
378- e hoje em dia as pessoas trabalham.
379- Portanto já há a consciência de que as pessoas são válidas
380- e podem produzir
381- e podem trabalhar etc. …
382- Já houve uns avanços não podemos ser muito pessimistas,
383- mas de facto ainda falta muita coisa para fazer.
384- Nós temos muitos casos em que por exemplo a pessoa é cega e é os próprios serviços que dizem *Se calhar agora tens que te reformar*
385- e muitas das vezes são entidades públicas
386- que forçam a pessoa a uma reforma antecipada.
387- A pessoa entra de baixa,
388- porque está um bocado perdida
389- e depois vão prolongando,
390- prolongando até a pessoa entrar em reforma.
391- Considero que ainda há alguma coisa,
392- agora o que eu noto é que é assim,
393- quando se fala em deficiência,

394- a primeira coisa que as pessoas se lembram é a deficiência motora.
395- Quando se fazem determinados tipos de acções,
396- visualizam sempre a deficiência motora
397- e muitas das vezes esquecem-se da deficiência visual
398- e da deficiência auditiva.
399- Apesar que são realidades diferentes,
400- porque as necessidades são diferentes
401- e não estou a dizer que as pessoas com deficiência motora são super apoiadas,
402- também lhes falta super coisas.
403- Mas eu acho que nós temos que fazer a distinção,
404- porque não é a mesma coisa
405- e nós temos o exemplo das ajudas técnicas que são para a pessoa com deficiência
406- e uma ajuda técnica para uma pessoa com deficiência motora pode passar desde uma cadeira de roda
407- ou uma cama articulada
408- para uma pessoa com deficiência visual não.
409- Para uma pessoa com deficiência visual
410- pode passar por um sistema de voz para pôr no computador
411- e o que acontece muitas das vezes é que, e aqui a culpa não é dos serviços é que existe uma verba para a atribuição de ajudas técnicas
412- e a verba não é muita,
413- entre dar uma cadeira de rodas aquela pessoa
414- e dar um computador à outra,
415- vou dar a cadeira de rodas não é?
416- Isto acontece muitas vezes, porque uma cadeira de rodas é uma cadeira de rodas
417- e um computador é uma coisa secundária.
418- Mas em termos de leis existe alguma coisa,
419- agora o pior é fazê-las cumprir,
420- porque ainda agora da parte da educação existe lei para proteger os estudantes,
421- porque têm que ter material adaptado,
422- ter uma pessoa de apoio etc….
423- nós temos casos em que chega a Janeiro ou Fevereiro e ainda não existe,
424- agora já não tanto, com a entrada em vigor das escolas de referência,
425- mas ainda há bem pouco tempo atrás,

426- tinham-se que destacar professores de apoio
427- e chegávamos a Janeiro e ainda não haviam professores de apoio,
428- a lei está lá mas é cumprida?
429- Não estamos a dizer que a lei não é cumprida
430- porque as pessoas não querem cumprir,
431- não existem recursos ou meios,
432- eu penso que não é tanto pelas leis porque elas até existem…
433- Falta de apoios a nível de equipamentos,
434- de respostas mesmo…
435- Vou-lhe dar um caso básico a nível de habitação,
436- por exemplo há situações muito concretas
437- em que as pessoas precisam de uma resposta
438- em que é muito complicado
439- e que não existem…
440- ou o simples facto das ajudas técnicas
441- o tempo que demora,
442- o não haver verbas,
443- a pessoa candidata-se
444- e depois não há verbas…
445- Falei dessa da habitação
446- porque tenho aqui um caso
447- em que realmente me entristece
448- porque há aqui uma pessoa lutadora que veio para Portugal
449- com um 9º ano, actualmente está na faculdade,
450- fez todo um percurso de formação profissional,
451- que concluiu o 12º ano
452- começou a trabalhar
453- e está a organizar a sua vida
454- e a única coisa que precisa é uma casa
455- e eu não consigo lhe arranjar uma casa,
456- ele está numa fase ainda em que tudo lhe é recente
457- em que como é óbvio não pode arranjar uma casa,
458- porque tem as propinas da faculdade
459- e eu não consigo lhe arranjar

460- e é uma pessoa que realmente, com todo o percurso que fez e não se consegue, porque não se consegue, porque não existe….
461- E isso entristece
462- e ainda não sei como é que a pessoa ainda não desmotivou perante estas situações.
463- Existem outros casos como por exemplo,
464- uns pais dizerem que querem um apoio para os filhos
465- e nós não temos apoio para crianças com deficiência visual,
466- que apoio que existe… não existe.
467- E quando eu falo em apoios não falo em escolas,
468- falo em apoios concretos em instituições,
469- em serviços.
470- Aí é que eu noto que é complicado,
471- porque nós batalhamos para uma situação
472- e depois não há resposta
473- e depois nós temos que dizer à pessoa que não estamos a conseguir.
474- Depende.
475- Há pessoas em que não,
476- há outras que se revoltam,
477- outras que baixam os braços,
478- há de tudo.
479- Por exemplo este caso do senhor que lhe estou a dizer não,
480- ele não baixou os braços
481- e diz que vai concluir e
482- depois logo se vê,
483- só que são situações muito complicadas,
484- porque é uma pessoa que está na faculdade e
485- que precisa,
486- porque está a trabalhar
487- e o único tempo que tem para estudar
488- é à noite e está numa casa com 9 pessoas,
489- portanto o tempo que tem para estudar,
490- tem barulho em casa,
491- mas a pessoa não desmotiva,
492- a pessoa diz que vai continuar

493- e quando acabar a faculdade,
494- tem a possibilidade de subir dentro da empresa
495- e depois logo aluga uma casa
496- e logo se vê.
497- Sim é.
498- Temos que fazer a distinção entre o ensino obrigatório e o não obrigatório,
499- porque enquanto estão no ensino obrigatório têm que fornecer os materiais,
500- por exemplo na faculdade torna-se mais complicado.
501- A lei, o que diz é que os professores têm que dar o material adaptado,
502- os professores têm que…
503- mas a única coisa a que eles recorrem é o apoio ao nível do gabinete de apoio ao estudante,
504- ou para tentar algum pagamento das propinas,
505- porque é assim há uns custos…
506- a nós dão-nos fotocopias e nós estudamos por aí,
507- uma pessoa com deficiência visual não estuda pelas fotocópias,
508- têm que digitalizar e depois têm que ter um sistema de voz para ouvirem no computador
509- e isto tem custos.
510- O que fazem muitas vezes é ou recorrem aos apontamentos dos colegas
511- ou vão tirando os apontamentos nas aulas,
512- mas nós temos casos de professores que se recusam que eles usem o gravador nas aulas, quando é uma ajuda.
513- Apesar de existirem apoios ao nível dos livros,
514- de um departamento que faz a transcrição,
515- mas é muito complicado,
516- porque nós sabemos que um estudante universitário tem todos os dias traz apontamentos,
517- traz fotocopias disto
518- ou daquilo é pesquisar no livro A ou no livro B,
519- depois um livro nosso pode ser grosso,
520- um a Braille faz 4 ou 5 volumes,
521- existem muitos custos
522- e muitas dificuldades…

523- Mas eles lá estão e concluem.
524- Nós temos aqui o caso de um jovem
525- que quando precisa de digitalizar ou passar alguma coisa,
526- porque às vezes as coisas não são compatíveis,
527- quando são quadros,
528- pode-se digitalizar os quadros,
529- mas depois para a leitura não consegue ler
530- e portanto nós temos que estar aqui
531- e apoiamos,
532- acabamos por fazer o que não nos compete que é estar a transcrever as coisas para as pessoas e
533- tentar arranjar um voluntário que escreva
534- ou nós fazemos,
535- para tentar colmatar estas situações.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	ACAPO – Delegação de Lisboa		
Endereço	Rua Rodrigues Sampaio, 146 – 2º Esq.º		
Localidade	Lisboa		
Código Postal	1150-282		
Distrito	Lisboa	Concelho	Lisboa
Telefone	213182910	Fax	213182929
Correio electrónico	d-lisboa@acapo.pt		
CERCI ☐ Associação / IPSS ☒ Colégio ☐			

REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial	☒	Atendimento Via Postal	☐
Atendimento Telefónico	☒	Ambulatório	☒
Consulta Externa	☐	Domiciliário	☒
Internamento	☐	Semi – Internamento	☐
Internato	☐	Externato	☐
Outro (s) _____			

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental		
Deficiência Visual	**X**	
Deficiência Motora		
Deficiência Auditiva		
Paralisia Cerebral		
Outra (s): _____		

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego	**X**	
Educação		
Apoios especializados	**X**	
Programas de Natureza Social	**X**	
Apoios Técnicos	**X**	
Avaliação	**X**	
Outro (s)		

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva ☒	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									73
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos	
F= 1	M=	F=	M=	F=	M=	F= 1	M= 1	F= 2	M= 1
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos	
F= 6	M= 9	F= 2	M= 9	F= 1	M= 4	F= 7	M= 9	F= 7	M= 13

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= _____	Deficiência Visual= 73
Deficiência Motora= _____	Deficiência Mental= _____
Paralisia Cerebral= _____	Outras Deficiências= _____

Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído= _____	Inferior a 30%= _____
De 30% a 59%= _____	De 60% a 80%= 33
Superior a 80% = 40	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação= _____	Bobadela= 6
Bucelas= 16	Camarate= 9
Fanhões= _____	Frielas= 1
Loures= 2	Lousa= 2
Moscavide= 2	Portela= 1
Prior Velho= 6	S. João da Talha= 2
Sacavém= 15	Stº Antão do Tojal= 1
S. Julião do Tojal= 2	Stª Iria da Azóia= 2
Stº António dos Cavaleiros= 3	Unhos= 3

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

~~F=~~ T=	~~M=~~

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula		Oficinas		Gabinetes	4
Salas de Reunião	1	Ginásio		Polivalente	1
Espaços Cobertos		Espaços descobertos		Outros _____ _____Cozinha_____	1

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO?		
Sim ☐ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
_____ _____ _____	Apesar das instalações serem recentes estas são provisórias e integram-se num edifício de habitação não havendo espaço físico que permita a implementação de actividades diagnosticadas e consideradas importantes para a reabilitação dos utentes.	_____ _____ _____

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador ☒	Casa de Banho para portadores de deficiência ☐	Rampas ☐
Portas automáticas ☐	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☒	_____ _____

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim ☐	Não ☐	Apenas a alguns ☐
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		Especifique: _____
Sim ☐	Não ☐	_____

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

				Sim	Não		Sim	Não
Formação Profissional	**Sim**	**Não**	Ensino Básico (2° Ciclo)			Creche		
Apoio na procura do 1° emprego	X		Ensino Básico (3° Ciclo)			Creche Familiar		
Apoio no auto emprego	X		Ensino Secundário			Apoio sócio – familiar	X	
Apoio na integração profissional	X		**Apoios Especializados**			Atelier dos tempos livres		
Cursos de formação profissional*	X		Serviço Social	X		Programas Desportivos	X	
Emprego Protegido			Terapia Ocupacional			**Apoios Técnicos**		
Informação e apoio em programas pré – profissionais			Apoios e acompanhamento familiar	X		Ajudas técnicas	X	
Orientação profissional			Psicologia	X		Atendimento	X	
Readaptação ao trabalho	X		Psicomotricidade			Aconselhamento	X	
Instalação por conta própria			Fisioterapia			Transportes		
Informação sobre ajudas técnicas	X		Mobilidade	X		Ajudas financeiras		
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)			**Programas de Natureza Social**			Apoio financeiro		
Educação			Centro de Dia			Apoio jurídico	X	
Intervenção Precoce			Lar de Idosos			Apoio domiciliário		
Jardim – de – Infancia			Residências			Informações gerais	X	
Ensino Pré – Escolar			Programas Ocupacionais					
Ensino Básico (1° Ciclo)			Programas Culturais	X				

PROTOCOLO DE ENTREVISTA AO TECNICO RESPONSÁVEL
INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN

No Centro existem várias unidades de apoio, poderia especificar mais detalhadamente o trabalho que é desenvolvido em cada unidade?

A nível de unidades de apoio há as duas equipas que estão divididas como é o caso aqui a parte dos adultos e a minha outra colega irá falar-lhe mais especificamente sobre a outra unidade. Para além disso, as equipas são dividias por zona de residência e fazem um apoio tanto a colégios como a creches, no fundo a jovens que estão integrados nalgumas instituições ou IPSS ou ditas normais mas nestas situações a minha colega poderá falar melhor do que eu, porque as equipas estão divididas, existe portanto uma equipa multidisciplinar que está dividida por zona de residência que também apanha, de facto, a vossa zona. E elas fazem um trabalho a pedido ou por iniciativa da própria instituição e sobre isso tem mesmo que falar com a minha colega.

A nível aqui do centro onde nós estamos que é o CRISP (Centro de Reabilitação e Integração Social e Profissional) que tem funções de CAO, no fundo foi pensado no centro de actividades ocupacionais e na formação profissional mas esta pelo menos há uns 6 anos que, e ainda havia apoios comunitários, desapareceu essa valência e nós temos só um que é o centro de actividades ocupacional, que no fundo é um semi – internato. Esse onde os jovens estão cá desde manhã até a tarde, ao sábado e domingo estão em casa e no mês de Agosto há um interregno para todos termos férias e eles também. Não há outra hipótese, porque como as equipas são relativamente pequenas, há pouco pessoal como sempre, nós não conseguimos manter uma equipa multidisciplinar, indo uns de férias e outros não e este tipo de deficiência necessita de várias especialidades para se pelo menos ter um bem – estar e o estar minimamente bem nestas casas. O centro de actividades ocupacional que há aqui neste momento é a partir dos 16 anos e não tem idade limite, por isso eu tenho gente aqui com quase 50 anos. O que torna muito complicado gerir este leque de actividades, por outro lado, os jovens também nunca tiveram outras experiências e são deficiências adquiridas, por conseguinte vivem e estão e esta é a segunda casa deles, porque eles vivem aqui por vezes até com algum cansaço daqueles que são cognitivamente melhores, porque já estão ca há uns trinta e tal anos. Isto porque também não há saídas, porque as saídas, infelizmente, não existem para outro tipo de instituições e o que tem havido de uns anos

até esta parte e é essa a minha experiência, como técnica de serviço social, é a integração em lares, neste momento, há dois anos e o ano passado, foi um ano de muita integração em lares, porque a idade foi avançando e os pais, logicamente ou estão muito mais velhos ou desaparecem e neste momento eu estou nessa fase de integração nos poucos lares que existem e nas poucas vagas que existem e se houvessem muito mais, muitos mais eu integrava em lares, uns não pretendem, porque querem estar com os filhos até ao fim da vida, outros não porque de facto têm consciência de que já não conseguem lhes dar o bem – estar que davam, por isso neste momento a idade é bastante avançada. E portanto é um centro de actividades ocupacional e falando dos apoios que me perguntou, a nível de processo de vinda para esta casa, passa sempre pela técnica de serviço social, que sou eu. As pessoas telefonam e pedem ou uma informação ou um encaminhamento porque neste momento nós não estamos a integrar ninguém no centro de actividades ocupacional, nós somos 52 pessoas e temos trinta e tal cadeiras é assim uma avalanche muito grande e um grande peso, porque por norma todos os jovens de cadeira de rodas dependem totalmente de nós, para tudo: a locomoção, a parte de higiene, as actividades de vida diária generalizando e isso é muito complicado com o pessoal que desaparece ou se telefona ou está instável e vai para outros sítios e não é substituído e por isso nós estamos sempre com problemas de pessoal é uma grande dificuldade. O apoio que nós fazemos e isso eu faço permanentemente é o encaminhamento é a chegada de pessoas que passaram por cá, por isso vêm à consulta que é no centro de baixo, no CHD, e há um encaminhamento para aqui, por causa da idade, aqui para esta unidade, e esta unidade aqui é mais do encaminhamento, da avaliação, da psicologia, do serviço social, mais desses aspectos, o ano passado ainda entrou gente, este ano, a partir do ano passado foi-me mesmo dito que terminaram as entradas, por isso as pessoas que me pedem as entrevistas é para encaminhamento, não há lista de espera, porque não faz sentido haver uma lista de espera quando não há a possibilidade de saída do local. A dependência é muito grande, porque dependem de transporte e toda a gente protesta, mas tomara todas as instituições terem as carrinhas que nós temos, algumas mais velhas outras mais novas, como sempre a parte automóvel é sempre deficitária e sempre com avarias e mesmo assim adaptadas que correm Lisboa inteira e vão até Loures. Este aspecto é que foi sempre um problema porque dizem Loures nem pensar, Odivelas nem pensar é tentar delimitar o máximo Lisboa. Mas neste caso é complicado, também, porque Lisboa é arredores, porque mesmo em Lisboa devem viver muito poucas pessoas neste momento.

E a nível de acções concretas, tendo em conta que isto é um centro de actividades ocupacionais, que tipo de actividades desenvolve? Falou numa escola…

Neste caso a escola é mesmo uma valência. O centro de reabilitação de Alcoitão e o centro de paralisia cerebral que somos ministério o outro é saúde e este é trabalho solidariedade social têm normalmente por tradição, é uma herança, uma escola de primeiro ciclo. Esta escola duas salas com professores do ministério mesmo, o que é que eles usufruem? Usufruem de tudo aqui, dos funcionários, há, no entanto, alguns auxiliares que são do ministério da educação, professoras também, mas o espaço, os jovens permanecem aqui, porque são as grandes deficiências, são os grandes problemas que não conseguem, pessoas que não conseguem se integrar nas escolas ditas normais e essas vão ficando por aqui e depois fazem um passo para o centro de actividades ocupacionais, por isso a escola é uma outra valência. Têm autonomia porque é do ministério da educação é a escola do ensino básico nº 204, mas a nível de cá da casa, usufrui de determinadas coisas: do estar, do material, mas tem autonomia.

Mas esta escola acolhe apenas crianças com paralisia cerebral?

Sim, nós somos de paralisia cerebral e neurológicos afins. Neste último caso apanha-se cadinho de tudo o que é patologias que não estão definidas da neurologia e degenerativas, as spínidas bífidas e os traumatismos cranianos, mas relativamente poucos. Temos dois traumatismos cranianos aqui no CAO e de spinidas bífidas temos dois também, já tivemos mais, mas é conforme. Na formação profissional quando tínhamos essa valência é que tínhamos uma maior movimentação porque chegava ao fim dos três anos e havia integração ou não, eles tinham mesmo que sair e integravam-se, portanto eu tive nesses processo porque estou cá há 16 anos, também já fizemos muitas integrações em escola, mas neste momento, nesta casa os jovens que já não são muito jovens, acho que é para bem do nosso ego que nós dizemos jovens, são jovens que não são integráveis mesmo no mundo laboral e na escola. A nível das outras actividades conhecendo o que é um centro de actividades ocupacional é algo em que os jovens estão em que têm um sítio localizado que é os ateliês e depois existem aqueles que nasceram e que permanecem e que ainda ninguém inventou outros que são as tecelagens, as artes do forro, dos azulejos, dos Arraiolos que estão muito postos de lado porque já pouco ou nada existe, por isso não justifica e também não há mãos para fazer e é complicado esta possível actividade com muitas nuances e muitas incapacidades e muitos movimentos seguidos e têm essa dificuldade. Os jovens estão destinados a um ateliê mas depois há um mundo de actividades, de projectos que se fazem e que se

desenvolvem com jovens. Todos nós temos, porque desenvolvemos há uns 15 anos uma forma de trabalho que é a equipa multidisciplinar que é relativamente pequena é uma psicóloga, uma assistente social, uma terapeuta ocupacional, uma dramoterapeuta que infelizmente não está cá, o ano passado faleceu e não foi substituído e depois os monitores da sala e depois cada um destes técnicos da equipa fixa, a coordenadora é uma terapeuta ocupacional, há uma coordenadora para esta unidade. Nós desenvolvemos uma forma de trabalho que gostamos e temos mantido onde avaliamos e achamos que tem interesse que é cada um de nós tem um clube, por exemplo eu tenho o clube da cultura, a psicóloga tem a música, a dança e todo esse tipo de actividades que apareçam, a cultura dá para tudo é um bocadinho amplo, depois há um colega nosso que tem a rua, o ir para a rua, o estar na cidade, no fundo é apanhar todos os recursos da cidade, integrando-os, mas também fazendo-os participar nesse tipo de actividades. há o clube do desporto em que vamos sempre às maratonas, cada um de nós está sempre alerta para as actividades que possam ser interessantes para estes jovens e durante o dia temos este tipo de saídas. Não podemos levar as cadeiras todas, o máximo de cadeiras são 6 ou 7 cadeiras, não conseguimos levar mais. Ainda agora estamos a ver, vamos sempre à maratona, há 9 anos que vamos à maratona, acho que fomos os primeiros de cadeiras de rodas a ir à maratona, vão 40 cadeiras por isso tem quase que ir uma pessoa por cadeira e essas actividades desenrolam-se ao longo do ano vamos programando. Exploramos tudo o que é museus, teatros tudo o que houver durante a manhã, tarde é mais complicado, mas tudo o que houver durante a manhã não há nada que a gente não tente participar, com alguma indicação deles, com sugestão. Fazemos esse tipo de actividades diariamente, depois também fazemos turismo integrado e isso é normalmente durante uma semana para pousadas da juventude ou para outras associações, mas para fora de Lisboa, o ano passado fomos para o Porto, ficámos na associação de paralisia cerebral do Porto, nas instalações de lá que têm, porque a pousada da juventude não estava com lugares para e não era muito adaptada ao grupo que levávamos do Porto. Mas vamos para todo o país, fazemos todos os anos uma saída durante uma semana com um grupo de jovens e aí tentamos ir para a pousada da juventude para os integrar no meio dos outros jovens e no meio da vivência. Nessas saídas com um carácter cultural e recreativo exploramos tudo, se vamos para Viana do Castelo exploramos Viana do Castelo, se vamos para o Algarve para Portimão exploramos as duas coisas se for época de água e de sol, fazemos esse tipo de actividades e depois também fazemos, houve uma altura em que fizemos muito Serra da

Estrela, tentamos quase fazer desportos radicais com eles, isso nós fazemos dentro das nossas disponibilidades tiramos o máximo para fora. Depois há projectos como a dança, há aqui uma companhia de dança, há tricicleta é um desporto que está a surgir neste momento, que é uma bicicleta sem pedais e os jovens é que fazem de pedais que são os ambulantes, há a vela adaptada que são as terapeutas novas que pegam neste tipo de actividade, há vela adaptada no rio mesmo, há *boccia* que é crucial desporto em que nos tem dado as célebres medalhas olímpicas, o atletismo, isso são tudo actividades que fazemos. Há jovens que tem mais actividades, outros que tem menos também conforme as dificuldades, as capacidades e o querer deles. Depois há festas de calendário que é o Natal, o Carnaval que o tema foi o cinema em que todos nós arranjámos coisas do cinema. Há o Natal, há o Carnaval, há todas as festas de calendário que se fazem aqui, fazemos uma feira de materiais fabricados nos ateliers, no mês de Dezembro umas semanas antes do Natal que chamamos a Feira das Vaidades, que são peças únicas como eu digo, cada atelier vende aquilo que faz durante o ano. As actividades, de uma forma geral, são estas, são fixas mas nós temos sempre mobilidade ou tentamos estar com alguma capacidade em que aparece uma coisa vamos porque tem interesse, há uma certa flexibilidade, todos nós tentamos sempre trazer qualquer coisa, por exemplo quando é da parte cultural eu normalmente ando sempre em busca de qualquer coisa, normalmente vou ver primeiro se tem interesse. Por exemplo o Darwin só vamos quando eu for ver primeiro e vir que tem interesse, se é com visita guiada ou se não é, se vamos por ir, se vamos só ver, mas nós vamos a um bocadinho de tudo, quando aparece alguma coisa que tem interesse, nós tentamos buscar na cidade tudo.

Há pouco referiu a equipa de profissionais, para além daqueles existem outros?

Existem monitores em cada sala e os auxiliares de sala que são imprescindíveis não conseguimos viver sem eles.

Atendendo à natureza de actividades que são promovidas existe algum processo de avaliação inerente?

Sim existe um processo de avaliação. Por exemplo imagine quando há uma entrada ou uma admissão de um jovem, existe uma técnica de serviço social que vai entrevistar a família, onde infelizmente por vezes não é o pai e a mãe, outras vezes é, no meu caso que sou a única aqui peço sempre para vir a família e o jovem, nessa altura o jovem é avaliado pela equipa, pela psicóloga, imagine se nós temos um caso de um jovem que está para entrar, eu proponho em reunião de equipa quer dizer eu não proponho, eu faço todas as semanas um relato de todas as entrevistas que realizo, mesmo aquelas em que

eu tenho a liberdade de dizer *aquela família não é para aqui*, é me dado essa liberdade de fazer esse encaminhamento imediato, em dizer que não é para esta instituição é para outra é um bocadinho o trabalho que eu faço pelos pais. Imagine que sim que é um caso para esta instituição, o jovem vem a uma avaliação com a psicóloga, com a fisioterapeuta e com a terapeuta ocupacional e imagine que fica nesta casa, tem três meses por passagem por cada um dos ateliês e depois os jovens nunca ficam um ano inteiro no mesmo sitio, as vezes a pedido, às vezes somos nós mesmo que os mudamos, ao longo do ano há avaliações e o jovem vai sendo avaliado e há um estudo dos casos. Não é uma avaliação com uma grande formalidade, porque este trabalho é um trabalho em equipa, porque isto é um ciclo nós passamos pelas salas, a auxiliar fala connosco, o monitor fala connosco, se há qualquer coisa ali do monitor e as pessoas já tem muitos anos de serviço, as pessoas já sabem que este assunto é para a X que é a assistente social ou para a Y para a psicóloga e depois nós falamos entre nós. Eu faço um bocadinho a centralização de todos os membros, de todos os contactos, por isso a minha agenda está sempre cheia. Os pais telefonam-me sempre e depois daí eu, encaminho de imediato, se é para mim eu avanço, se é uma declaração, se é alguma coisa a nível social, se eu vejo que não ou ponho em equipa ou falo directamente com o técnico que achar a quem o problema é dirigido, há alguém que centraliza, mas é para descentralizar imediatamente, porque tem que ser assim, porque se não toda a gente fala com toda a gente, se mesmo assim já existem estas situações, porque fala-se com o motorista, fala-se com a auxiliar e por muito que se queira há sempre dispersão de problemas e depois as coisinhas tornam-se muito maiores.

Em relação às famílias, nessa entrevista que referiu, é feito algum processo em que avalia a própria família?

Não, avaliação propriamente não. Há uma entrevista onde no fundo são recolhidos os dados económicos, não com grande pormenor, apenas com alguns dados, não faço uma avaliação, mas faço uma entrevista, com aquelas perguntas muito dirigidas aquilo que me interessa e depois dai dessa entrevista é que se faz a avaliação do jovem à família. Mas à família propriamente dita não é feita, o que nos interessa neste momento e a quem nos dirigimos é ao jovem. O que se faz à família é no fundo retirar dados importantes para caracterização do utente que nos apareceu e depois há todo um trabalho com a família, mas que é posterior.

Estabelecido esse primeiro contacto na entrevista, como é que é a relação entre a instituição e a família?

É conforme as famílias, não há regras. Nós tentamos que a família participe em muita coisa que se realiza nesta casa, mas há famílias mais ausentes que outras, até pelo ritmo de vida. Repare, a maior parte das pessoas trabalham, tem os seus horários, há o ir a correr para tomar conta do jovem, para o receber em casa, mas há um contacto permanente. Há semanas em que aquela família não fala, ou eu não falo aquela família, depois também é conforme o tipo de jovem, o tipo de família, se está mais ansiosa, se ainda estão, na deficiência existe muito aquela parte do luto, e depois chega a uma certa altura em que as pessoas têm um filho deficiente com 20 ou 30 anos e aí são os problemas diários das coisas que acontecem na vida diária. Nós fazemos uma intervenção telefónica ou a pedido para virem mesmo à instituição para falarem com um ou outro técnico ou somos nós ou é a família que contacta. Agora há famílias muito mais participativas do que outras, no sentido de nos pedirem coisas de nos solicitarem um contacto mais permanente, há outras mais afastadas. Mas isso também é conforme as características, se o jovem for mais independente, mais autónomo há todo um processo e depois há famílias muito desestruturadas e depois há famílias relativamente estruturadas que não sabem lidar com uma deficiência destas.

Nessas actividades que referiu há pouco, como por exemplo no Natal, no Carnaval, as famílias costumam vir?

Não vêm muito, participam no sentido, por exemplo quando nós fazemos saídas de dias os pais não vão, porque isto é mesmo para o jovem, para descansar os pais e para o jovem noutro mundo e não estar sempre com os pais há todo um objectivo, há vários objectivos nestas saídas. Às outras actividades, sim vêm à feira das vaidades, o arraial fazemos um arraial nos santos populares que aqui é S. Pedro participam, mas há pais que não vêm. Mas há pais que não vêm também é porque se as horas são diferentes porque depois temos logo problemas de transporte, imagine uma pessoa sem transporte adaptado como é que leva um jovem destes para casa e nós mesmo que façamos aqui uma coisa às tantas da noite é complicado ter transporte para todos e assim temos que gerir isto, mas por exemplo à maratona participam imensos, não participam todos mas participam e participam pais e jovens. Nas festas não há um grande costume de virem para aqui, ao Carnaval não vão, mas por exemplo é mais os arraiais, a feira das vaidades ou alguma filmagem algum filme que se faça em que os filhos tenham sido protagonistas e assim participam evidentemente.

Considera importante que haja uma formação específica que tente guiar / conduzir o filho no seu desenvolvimento, isto porque ter um filho com deficiência acarreta outras responsabilidades?

Não. Eu acho que pais são pais, o ser pai e mãe é uma coisa que já vem. Agora há coisas que no processo de reabilitação, quando eles são pequenos há terapias que se fazem juntamente com os pais, isso a minha colega irá falar-lhe mais sobre isso. Aqui neste espaço não, porque aqui os jovens já passaram por um processo de reabilitação, já são adultos, mas agora a nível dos pequeninos, muitas das vezes os pais são chamados a participar, o dar comer, porque aqui a maior parte dos nossos jovens nós temos que dar de comer, a parte das higienes todas, há um todo de ensinamento, isso é parte prática, depois a outra do lidar com o jovem, há trabalho feito mas não é, é como a educação normal, é um percurso normal de outra criança, mas aquela tem algumas dificuldades essas que os pais vão percebendo e tem sempre a esperança que os filhos que vão andar, que vão se mexer, que vão falar e depois as esperanças vão desaparecendo ao longo dos anos. Aqui tenho uma experiencia completamente diferente, porque eu aqui, quando eles chegam aqui a esta zona já tem mais de 16 anos, por isso algumas das esperanças já se foram, mas eles ainda tem sempre esperança e recorrem a medicinas alternativas e outro tipo de coisas que de vez em quando nos dizem directamente a quem tem mais confiança. É muito interessante que a nível de confiança, e este é um processo normal de empatia, mas nesta equipa os pais têm empatia por uma pessoa ou outra e vão debitando as suas preocupações, os seus problemas e coisas que nunca contam a ninguém. Até costumo dizer que não já não se vão confessar ao padre, vêm muito falar e às vezes pedem para vir falar e só passado um bocadinho é que percebo, também já são 30 anos de trabalho, percebo passado pouco tempo o porquê, mas há ali outro porquê muito mais atrás, com problemas e dúvidas que surgem e questões que vêm-nos pôr. Mas um ensino específico não, mas por exemplo nos aqui nesta equipa fazemos sempre visitas domiciliárias entra um jovem e nós automaticamente fazemos sempre uma visita domiciliária com um propósito vemos se quer, se não quer fecha a porta. Nós temos aqui dois ou três que nunca nos facultaram e nós não vamos lá bisbilhotar, nós tentamos sempre facilitar. Nessas visitas domiciliárias vão sempre a terapeuta ocupacional, a fisioterapeuta e a assistente social e no fundo o que nós queremos é facilitar dentro daquela casa alguma coisa que facilite a vida a estas pessoas, que é desde o banho a alimentação, a tudo há coisas práticas e coisas às vezes muito simples que se podem ajudar a facilitar a vida da criança é que são muitas horas. Eles saem daqui por volta das

4h30 estão até de manhã, dorme, comem, fazem a sua higiene raramente é feita aqui, tem sábado e domingo em casa e o mês de Agosto, são muitas horas em casa. Acho que é um grande peso para aqueles pais, porque eles vão crescendo, são cada vez maiores, crescem muito, pesam muito e os pais vão tendo cada vez manos forças. Existem alguns com muitas dependências e aí quando se faz uma visita domiciliária, tenta-se fazer isso mesmo o ensinamento e um facilitar, por exemplo o arranjar uma cadeira sanitária que seja melhor ou fazer um polibã. Esse tipo de adaptações, isso é feito pela equipa ou a pedido dos pais ou mesmos por sugestão nossa, porque nós percebemos que há ali problemas e então vamos ver como é. Quando entram nesta casa faz-se logo uma visita domiciliária e como lhe digo há duas em que os pais recusam e nós aí não podemos.

Mas nessas visitas domiciliárias de alguma forma é feita a tal formação ou consciencialização…

Sim é uma tentativa de facilitar a vida daquele jovem para o cliente que é designação que se utiliza agora, e para os pais, para se facilitar o máximo. È uma rampa, são coisas às vezes com dificuldade de serem realizadas outras são simples de realizar, de adaptar e depois há duvidas que os pais colocam, ou colocam a mim ou falam directamente com as terapeutas e elas adaptam ou uma colher ou um prato que é fixo, porque aqui a alimentação é muito mais praticada do que em casa, por muito que me digam em casa uma pessoa tem que despachar e tem a noite para resolver. Eles aqui são dependentes de adaptações, às vezes chagamos à casas e as adaptações não estão lá e nós percebemos muito bem insistimos muito, e também não se nós naquela situação não fazíamos o mesmo, se não dávamos também.

Considera que actualmente a sociedade reúne condições para incluir a pessoa com deficiência na sua vida social?

È uma pergunta vastíssima. Da minha experiência as coisas não estão nada melhores, pioraram de uns anos a esta parte. Eu acho que elas nunca tiveram boas, porque se estivessem boas, tinham permanecido boas. Houve um esforço grande da sociedade e um trabalho em reabilitação há praticamente 30 anos ou faz este ano, com uma fuga de 7 anos para idosos, mas que também tem muito a ver. Trabalhei durante 10 anos no Centro de Reabilitação em Alcoitão, tive 7 em idosos e estou aqui há 16 anos. Acontece que desde que eu entrei há 30 anos até agora a diferença é abismal em tudo. Principalmente até da forma como nós vimos o deficiente, as coisas mudaram muito, mesmo que nos meios de comunicação, aqueles mais célebres e que nos tentam dizer coisas ao contrário, com algum espectáculo nos digam coisas incríveis, acho que há

coisas que melhoraram muito, muito, a diferença é do dia para a noite. Depois a sociedade, nas acessibilidades houve uma melhoria sem dúvida que houve, não podemos dizer que não houve. Houve uma fase em que foi assim um evoluir fabuloso, pronto e as coisas estavam mais abertas. Neste momento as coisas estão mais difíceis e isso eu penso que é um bocado fruto da sociedade e do momento. Mas há uns anos que nós sentimos isso. Depois a nível de benefícios, o que se chama a integração de um jovem ou uma pessoa com grandes incapacidades na sociedade, temos que pensar muito seriamente como é, como vai ser e como tem sido. Sinto algumas dificuldades mesmo a nível escolar há dificuldades, porque eles são grandes incapacitados, tudo tem que estar muito adaptado para a criança vir minimamente integrada na escola, a nível da daquilo que foi formação profissional nós fizemos integrações belíssimas com êxito, mas foram aqueles com menos problemas motores, por exemplo. Isto porque tudo o que seja uma cadeira eléctrica que é o não falar, o ter necessidades básicas de apoio na casa de banho, de alimentação, há dificuldade em mobilizar a sociedade, as pessoas que estejam nas instituições sejam privadas ou públicas para dar um apoio a estas pessoas, há alguns êxitos, há coisas boas há coisas que se fazem, há coisas que são difíceis. Há depois a própria sociedade, por exemplo Lisboa, a nível das acessibilidades nós também já estamos muito rodados porque já sabemos que vamos para aquele sitio e que para aquele sitio podemos levar não sei quantas cadeiras, porque as cadeiras de rodas eléctricas só andam nalguns sítios, porque se não é um pesadelo, porque temos um peso enorme que para além da pessoa sentada temos as baterias para subir um passeio é bonito. Por isso nós também já nos adaptámos às acessibilidades, aos locais porque nós deparamo-nos com barreiras terríveis e isso somos nós, imagine os pais. Muitos jovens saem daqui sexta-feira e entram na segunda, porque passam o fim-de-semana em casa. Nós também fazemos praias e campos e a equipa participa toda, vamos para Sesimbra que é o sítio que até hoje achamos mais acessível, porque tem aquelas rampas junto dos hotéis, dizem que é longe, mas é agradável serve de passeio, e tem um bocadinho de iodo e nós entramos em Junho ou Julho e vamos para a praia. Cada um de nós é responsável por uma praia ou um campo, o campo é sempre muito complicado, muito difícil, porque tem sempre que haver uma actividade cultural junto ao campo porque se não, para nós já é muito monótono, quanto mais para uma pessoa que não se mexe numa cadeira. Isto para lhe dizer que muitos dos sítios conhecem-nos através desta casa, porque os pais nem tem capacidade, nem físicas nem materiais para os levar, há outros que sim que têm. Nós aqui apostámos um bocadinho em integrá-los no social, no

cultural e voltar para essa vertente, porque é aquela em que podemos explorar mais, já o mundo laboral lhes é totalmente ou quase cortado então vamos explorar a cidade com os meios ou os arredores da cidade, portanto vamos fazendo esse tipo de dirigir as actividades para isso. Agora que as coisas estão complicadas algumas estão.

Quando há pouco falou que a formação profissional acabou por desaparecer, que razões é que levaram a essa decisão?

Foram por directrizes superiores que deixámos de ter essa valência, porque a integração era muito complicada, integravam-se meia dúzia deles. Agora quando descer que deve ser a hora do pequeno – almoço vai ver as deficiências que nós temos que são grandes incapacidades, graves problemas motores. A paralisia cerebral atinge a parte cognitiva e a parte motora e depois há sempre um reverso que é os que tem a parte motora boa e a parte cognitiva é fraquíssima e aqueles em que a motora é muito má a cognitiva é boa, então é muito complicado. Depois há um *handicap* que, às vezes penso muito nisso é que estas pessoas nasceram com esta deficiência, motivo de uma doença, ou por complicações de parto, há outras que são desconhecidas, estas pessoas nunca se viram normais, por isso estiveram sempre num processo de reabilitação, por isso estiveram sempre todas num ninho, foi sempre tudo com muitos cuidados e depois são pessoas que não tem nem experiências nem vivências normais, não são os jovens que andam aí na rua, que partem a cabeça e levantam-se, por isso são pessoas que têm esse défice de experiências sociais, por muito que a gente os leve para a rua, que vão para o turismo é sempre protegido. Tentamos libertar-nos mas estamos sempre atrás, não os largamos, como os pais não os largam. Dizem que os pais são galinha e nós somos instituição galinha, sou um técnico galinha, porque levar 6 ou 7 cadeiras para uma actividade, por exemplo nós o ano passado fomos para o Porto, uma semana e nós fazemos de segunda a sábado uma semana certinha, vimos no sábado ao fim da tarde. Programámos tudo, desde a parte desportiva à parte cultural, explorámos o Porto todo e arredores, mas é connosco, eles não estão em liberdade de fazer nada, não há, por muito que nós, no fundo é algo sempre muito acompanhado, aqueles que tem liberdade e independência, esses fazem e há alguns casos que são casados que vivem com alguém, que têm companheira, que têm filhos e que conseguem, mas esses são uma minoria.

Considera que o actual sistema legislativo é promotor do exercício de cidadania da pessoa com deficiência?

No papel há coisas bonitas agora na prática é complicado. Na prática as coisas são difíceis. Começo pela parte das acessibilidades, da construção dos edifícios em públicos

ou privados, a lei é belíssima, mas na prática ainda continua a haver escadas ou portas em que não entram cadeiras de rodas. Nós olhamos para as portas e vemos logo que não cabe uma cadeira de rodas, ainda vemos sítios em que não há rampas e isso é logo um *handicap* maior, pode-me dizer que há outro, mas estes são muito grandes. A pessoa chega a um sitio e não entra e o que é que se faz, como é que participa e há uma coisa normalmente, na maior parte das vezes a gente vai lá por artimanhas, vai pelas traseiras, vai pelo elevador das cargas, por isso damos a volta ao problema, porque se não chegamos a um sitio e não entramos, então como não entramos sabemos que vamos dar a volta, uma pessoa sozinha não dá a volta, em grupo dá a volta.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA AO TÉCNICO RESPONSÁVEL

INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN *(Dr.ª Águeda Gonçalves)*

Como é que funciona esta unidade de apoio da Instituição?

Funciono numa equipa de externos e tem também uma equipa da escola onde funciona diariamente com os alunos de uma escola que é a escola 204 que está integrada no centro. Nós funcionamos em equipa que está dividida por zonas de residência, Equipa 1, 2 e 3, a equipa onde eu pertenço tem a zona de Loures, Odivelas e uma Grande Lisboa que é até 1700 é esta a área. O atendimento começa-se pelas consultas de avaliação, quando ou o médico do hospital ou muito raramente a própria família tem dúvidas ou alguma amiga que ouviu dizer que é conveniente ir ao centro de paralisia cerebral com a criança ou jovem e que pedem aqui uma consulta. Assim vai para a triagem e depois essa equipa diz para que equipa é que vai, a partir daí vai para uma consulta de avaliação onde vem a família, a criança ou o jovem e está a equipa toda que é a assistente social, a psicóloga, a terapeuta ocupacional, da fala e a enfermeira. Depois da equipa ver a situação da criança/ jovem, a assistente social entretanto, depois da mãe ou os pais já estarem com a criança entregue aos terapeutas, reúne-se com a família para fazer a parte social. Outras vezes a família quer muito estar presente, a ver todas as movimentações e a assistente social estará aí, também, e verá o que é necessário se pode fazer uma entrevista num outro dia se os pais assim preferirem, no campo social, o campo económico, a habitação, as dificuldades que possa ter, qual é o objectivo da consulta, outras vezes quando vem indicado pelos médicos já vem dos hospitais com o relatório, isso é a primeira consulta. Se for considerado que o jovem ou a criança fica na equipa, a equipa marca os dias de tratamento e a partir daí a criança ou o jovem que vem aos tratamentos é acompanhada dos pais ou dos familiares, por quem quer que seja vai para os tratamentos e nós estamos a apoiar naquilo que as mães no campo laboral, no campo de apoios no exterior, no campo das ajudas técnicas que as terapeutas possam indicar e a partir daí continuamos a dar o apoio, isto é o exemplo de uma família que cabe a todos no geral, depois umas com umas nuances diferentes, mas o apoio é muito profissional com os vários técnicos.

O apoio é ao nível das consultas? Como é que é esse apoio que referiu?

O primeiro é na consulta, depois todo o apoio, por exemplo os tratamentos são as terapeutas e o apoio social nesse aspecto, a família estará connosco e será a nível de

dúvidas que possam ter, porque embora não pareça grande parte das famílias não sabe os direitos que a criança tem a nível de bonificações, dos subsídios ao que têm direito, como funciona, aonde e como se dirigir, isto é nesse aspecto que é o mais geral, normalmente sabem mas a maior parte das pessoas não sabe que para além do abono de família pode ter outros direitos e se necessitar de algum apoio domiciliário, de um apoio de uma terceira pessoa, muitos não sabem mas isto também pode ser comparticipado, embora seja pouco, mas sempre é uma ajuda. Depois quando há escolaridade também nos põem as dúvidas, as dificuldades que têm em ter uma escola mais próxima da residência ou às vezes há escolas próximas das residências, mas os pais preferem por outros motivos ou pelo local do trabalho, às vezes é preferível os pais os levarem para perto da zona de trabalho e depois aí vem os transportes, as dificuldades dos transportes, os pais a grande parte tem dificuldades em transportes e muitas vezes aí nós recorremos à câmara a pedir ajuda que o pouco que nos dão é muito, mas precisávamos de mais, mesmo para virem a tratamentos e outras vezes quando as crianças frequentam aqui a escola também, para virem e para regressarem.

Como é constituída a equipa dos profissionais?

É a assistente social, a psicóloga, a enfermeira e os terapeutas: a terapeuta ocupacional, a fisioterapeuta e a terapeuta da fala, acho que não me estou a esquecer de nenhuma terapia e o médico.

Quando a situação da criança / jovem é para ser seguida por aqui, que tipo de acções é que desenvolvem junto desse público?

Vou imaginar uma família de um bebe pequeno, primeiro perguntamos se já tem ama, se frequenta a creche ou uma escola, se já tem ama, uma creche ou se já anda na escola, a equipa se necessário desloca-se à escola, sobretudo a equipa das terapias para ver o posicionamento, os materiais que a escola tem ou não tem, o que precisa para os prescrever. Ao prescrever, tanto pode fazê-lo a pedir materiais para uso em casa como também para apoio escolar, depois a ligação da equipa do centro com a equipa da escola ou da ama ou da creche faz-se consoante a necessidade dos técnicos do exterior. Se isso for preciso frequentemente fazem-se as reuniões lá, a equipa desloca-se lá para ver se a criança ficou bem posicionada ou às vezes a equipa da escola tem dificuldades na alimentação ou tem dúvidas, ou nos contacta, as vezes até os convidamos para virem cá ver uma sessão de alimentação ou de fisioterapia, outras vezes somos nós que nos deslocamos lá é esse o apoio que nós é esse o apoio que nós fazemos, acompanhamos o

evoluir da criança, até portanto creche, depois escola, fazemos o mesmo é a integração. Integração na escola, integração social e na família onde for, na comunidade inclusive.

Há pouco falou que as equipas quando vêm à primeira consulta é feita uma avaliação, como é que isso se processa?

No campo social, partindo da base de uma entrevista solicitamos à família quais as dúvidas, qual a preocupação maior que têm de momento e a partir dali a família nos dirá aquilo que sente ou outras vezes que precisa, outras vezes nós também encaminhamos a conversa para ela ver se ela não precisa disto ou se já tem aquilo, se já tem esta situação resolvida, se está ou não e informamos como se faz.

Estabelecido esse primeiro contacto com as famílias, a relação posterior é uma relação próxima ou os familiares tendem a afastar-se?

Eu sinto que a maior parte das vezes é muito próxima, a família gosta de nos abordar e de sentir que nós perguntamos se as coisas estão a correr bem, se estão encaminhadas ou mesmo que tenham dúvidas e que venham ter connosco ou se não têm estão muitas vezes a abrir-se cada vez mais com outras nuances da sua situação. Sinto, por isso que é muito próxima é mais o próximo, raros são os que se afastam. Normalmente e esta é a minha impressão e não sei se estará certa, mas, às vezes quando se afastam é porque tem lacunas que não nos querem dizer tudo e tem aquele receio de nós estarmos. Nós também se sentirmos, às vezes que estamos a ser incómodas, se a pessoa não quer responder, nós damos a liberdade e dizemos quando quiser estamos abertos a isso.

As famílias vêm às consultas…

Sim mas o objectivo principal é a criança, se vai andar, se vai comer melhor, se vai falar é o que elas trazem mesmo. Depois em certa parte vem o lado social, o lado económico que também lhes interessa muito, ou é encaminhado e percebe os caminhos e os passos a dar e dão e dizem *olhe correu mal e agora vai ter que contactar a colega X ou Y* da zona, então se corre bem melhor.

Considera importante que haja uma formação específica que consciencialize as pessoas para a responsabilidade de cuidar?

Acho muito mesmo, muito importante. Há muitos pais que com esta situação não sabem mesmo e precisam de saber mais, sobre as posturas, às vezes perceber que… As queixas, por exemplo, ou porque a criança está muito irritadiça, são casos raros, mas às vezes lembro-me disso e cansa muito a família e ela fica sem saber se a irritação é própria da criança ou se é ela que não sabe tratá-la. Dai que quando me pergunta em dar uma formação é muitíssimo importante.

Considera que actualmente a sociedade reúne as condições necessárias para incluir a pessoa com deficiência na sua vida social?

Considero que tem muitas lacunas, a sociedade quer humana, quer a geográfica, ainda há muitas lacunas.

A integração que falou há pouco é muito complicada de ser estabelecida?

Sim é muito complicada, muito difícil. As escolas, por exemplo, há muitas escolas e é muito bom pensar na integração escolar, mas os acessos, as acessibilidades, as barreiras arquitectónicas em muitas escolas ainda é muito grande. Já as escolas modernas em que já têm essa preocupação, mas são poucas e a população é muita.

Quando as crianças estão numa turma sente que elas são integradas?

Eu sinto que sim, porque eu tenho poucas experiências, mas tenho de que quando continuam na escola onde foram integradas, têm todo o apoio e toda a população e os colegas são muito acessíveis, aceitam bem e ficam bem integradas. Ou são integradas e as coisas correm bem ou então não são integradas e correm mal e quando corre mal não podem mesmo continuar, ou é preciso muito esforço por parte da família para superar as lacunas que a escola possa ter. Por exemplo lembro-me que no inicio de uma integração que os avós porque moravam próximo na hora da refeição ou do lanche iam lá, porque havia dificuldade mesmo com a boa vontade dos técnicos. Mas às vezes as situações são tão difíceis que é preciso o tal ensinamento que diz, dar uma prática e os avós faziam um esforço para irem lá dar o iogurte, pelo menos nos primeiros tempos. Mas essa mesma criança que eu estou a rever agora está integrada, cresceu veio aqui há dias e fez a escolaridade e é boa aluna, embora tenha imensas dificuldades nas mãos, nas pernas e na fala, mas entende tudo na perfeição. Mas quando há hipóteses mínimas de integração numa escola faz-se bem eu tenho essa ideia, embora ainda haja muitas lacunas e falta imenso. A população é maior do que as escolas podem oferecer.

Considera que o actual sistema legislativo é promotor do exercício da cidadania para com a pessoa com deficiência?

Em termos de legislação sim. Há muita legislação na tentativa de proteger a integração e o melhor que possa existir, mas depois a prática é que ainda não é muito feita, ainda não é muito praticada. As barreiras continuam a existir quer na rua, ainda há dias fomos com os alunos dar um passeio de metro correu imensamente bem porque tivemos muito apoio humano dos profissionais do metro. E no metro, pelo menos as estações que nós utilizámos já tinham as acessibilidades, foram as mais recentes, mas mesmo assim as mais antigas algumas já têm elevador. Mas por exemplo se fossemos de comboio já não

seria assim, já havia algumas dificuldades e os transportes públicos são o caso mais flagrante e até mesmo nas ruas, o atravessar as ruas. Mesmo a população ainda não está muito ensinada para esta problemática e nós mesmo atravessar as ruas, os semáforos passam depressa e as pessoas não se lembram que uma cadeira de rodas, quer seja acompanhada quer seja cadeira de rodas eléctrica não se passa como quem passa a pé e os semáforos são muito rápidos, isso foi o que constatei há dias com as cadeiras em irmos daqui entrarmos no metro, que tem elevadores, os tapetes, isso tudo foi óptimo, mas falta muita coisa. Em termos de legislação existe, agora pôr em prática é só um começo ainda. Quando nós queremos ir, por exemplo a uma peça de teatro temos que escolher qual é o local onde haja acesso, houve uma altura em que havia uma peça de Natal no S. Jorge tínhamos muito gosto em levá-los e eles também queriam ir ver e foi-nos dito que não era possível, porque não tem acessos para as cadeiras de rodas, tanto no S. Jorge como naquele que haviam umas escadarias muito grandes e não havia acesso onde o elevador não estava ainda em funcionamento, estavam a colocá-lo.

Uma questão que eu não entendi muito bem, quando as crianças são integradas nas escolas que tipos de acções é que a instituição faz?

É o acompanhamento e o encaminhamento das crianças e depois elas vêm cá em consultas periódicas, consoante a médica aconselhar, de três em três meses ou de seis em seis meses. Se forem mais crescidos vêm de seis em seis meses só para ver como está, se as ajudas técnicas ainda estão ao nível da evolução da criança.

Nesses casos em escolas do exterior as terapeutas de reabilitação não têm uma intervenção muito activa ou elas dirigem-se às escolas?

Dirigem-se sempre que necessário e sempre que solicitado, mas mesmo assim ficamos sempre a saber que este jovem / criança está naquela escola é desta equipa e programamos que periodicamente ou vamos lá ou combinamos com a escola, dizemos *olhem nós estamos a pensar ir no dia tal é possível? O que é que vocês precisam para a integração dessa criança?*

Os que estão cá esse processo é mais fácil?

Sim é mais fácil porque já está aqui. Praticamente quase no dia-a-dia, quando há qualquer coisa, dirigem-se logo ou à enfermagem ou mesmo aos técnicos nós dizemos: *olhem isto está a funcionar mal*, até mesmo a nível dos computadores… qualquer coisa a equipa técnica que pertence à escola está ao corrente da situação.

Nesses casos é feita uma avaliação onde se regista a situação da criança…

Sim mesmo a nível do próprio ministério da educação temos que ter um plano individual deles com tudo, quer a nível escolar quer a nível das terapias de toda a equipa técnica. Juntamo-nos, fazemos uma reunião onde está a professora, está a equipa toda e juntos fazemos a ficha, isto nós fazemos nesta escola. Mas o que fazemos aqui é prática nas outras escolas onde têm a vertente de educação especial com necessidades educativas especiais.

Os professores costumam ser receptivos a esta prática?

Sim, são até porque sentem que é um apoio importante que é uma mais-valia para eles. Na minha equipa não tenho tido dificuldades, pelo contrário estamos em sintonia, pedem-nos quando vêm aqui à consulta dizem, por exemplo, a cadeira que está na escola não está a funcionar bem, ou vice – versa… há sempre uma relação muito próxima.

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Práticas de Funcionamento no CRISP *(Centro de Reabilitação e Integração Sócio – Profissional)*	Equipas divididas por zona de residência	*"A nível de unidades de apoio há as duas equipas que estão divididas (…)"* *" (…) como é o caso aqui a parte dos adultos (…)"* *" (…) e a minha outra colega irá falar-lhe mais especificamente sobre a outra unidade."* *"Para além disso, as equipas são divididas por zona de residência (…)"* *" (…) e fazem um apoio tanto a colégios como a creches (…)"* *" (…) no fundo a jovens que estão integrados nalgumas instituições ou IPSS ou ditas normais (…)"* *" (…) mas nestas situações a minha colega poderá falar melhor do que eu (…)"* *" (…) porque as equipas estão divididas(…)"* *" (…) existe portanto uma equipa multidisciplinar que está dividida por zona de residência que também apanha, de facto, a vossa zona."* *" E elas fazem um trabalho a pedido (…)"* *" (…) ou por iniciativa da própria instituição e sobre isso tem mesmo que falar com a minha colega."*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Cada técnico tem um clube que desenvolve	*"(…) e depois cada um destes técnicos da equipa fixa, a coordenadora é uma terapeuta ocupacional, há uma coordenadora para esta unidade."* *"Nós desenvolvemos uma forma de trabalho que gostamos (…)"* *"(…) e temos mantido onde avaliamos(…)"* *"(…) e achamos que tem interesse (…)"* *" (…) que é cada um de nós tem um clube (…)"* *" (…) por exemplo eu tenho o clube da cultura (…)"* *"(…) a psicóloga tem a música, a dança e todo esse tipo de actividades que apareçam (…)"* *" (…) a cultura dá para tudo é um bocadinho amplo (…)"* *" (…) depois há um colega nosso que tem a rua (…)"* *" (…) o ir para a rua (…)"* *" (…) o estar na cidade (…)"* *" (…) no fundo é apanhar todos os recursos da cidade (…)"* *" (…) integrando-os, mas também fazendo-os participar nesse tipo de actividades."* *"Há o clube do desporto em que vamos sempre às maratonas (…)"* *" (…) cada um de nós está sempre alerta para as actividades que possam*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			ser interessantes para estes jovens (…)" *"(…) e durante o dia temos este tipo de saídas."* *"Não podemos levar as cadeiras todas, o máximo de cadeiras são 6 ou 7 cadeiras (…)"*
		Trabalho desenvolvido é articulado com os técnicos	*"(…) é um bocadinho o trabalho que eu faço pelos pais."* *"Imagine que sim que é um caso para esta instituição (…)"* *"(…) o jovem vem a uma avaliação com a psicóloga, com a fisioterapeuta e com a terapeuta ocupacional (…)"* *"(…) e imagine que fica nesta casa (…)"* *"(…) tem três meses por passagem por cada um dos ateliês (…)"* *" (…) e depois os jovens nunca ficam um ano inteiro no mesmo sitio (…)"* *" (…) às vezes a pedido, às vezes somos nós mesmo que os mudamos (…)"* *" (…) ao longo do ano há avaliações(…)"* *"(…) e o jovem vai sendo avaliado (…)"* *"(…) e há um estudo dos casos."* *"Não é uma avaliação com uma grande formalidade (…)"* *" (…) porque este trabalho é um trabalho em equipa (…)"* *" (…) porque isto é um ciclo nós passamos pelas salas (…)"* *" (…) a auxiliar fala connosco (…)"* *" (…) o monitor fala connosco (…)"* *"(…) se há qualquer coisa ali do monitor e as pessoas já tem muitos anos de serviço (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) as pessoas já sabem que este assunto é para a X que é a assistente social (…)" *"(…) ou para a Y para a psicóloga (…)"*
		Centralização dos técnicos é feita pela Directora	*" (…) e depois nós falamos entre nós."* *"Eu faço um bocadinho a centralização de todos os membros (…)"* *" (…) de todos os contactos (…)"* *" (…) por isso a minha agenda está sempre cheia."* *"Os pais telefonam-me sempre e depois daí eu, encaminho de imediato(…)"* *" (…) se é para mim eu avanço (…)"* *" (…) se é uma declaração (…)"* *" (…) se é alguma coisa a nível social(…)"* *" (…) se eu vejo que não (…)"* *" (…) ou ponho em equipa (…)"* *" (…) ou falo directamente com o técnico que achar a quem o problema é dirigido (…)"* *" (…) há alguém que centraliza (…)"* *" (…) mas é para descentralizar imediatamente (…)"* *" (…) porque tem que ser assim (…)"* *" (…) porque se não toda a gente fala com toda a gente (…)"* *" (…) se mesmo assim já existem estas situações (…)"* *" (…) porque fala-se com o motorista (…)"* *" (…) fala-se com a auxiliar (…)"* *" (…) e por muito que se queira há sempre dispersão de problemas (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Acolhe Paralisia Cerebral e Neurológicos Afins	*"Sim, nós somos de paralisia cerebral e neurológicos afins."* *"Neste último caso apanha-se um bocadinho de tudo (…)"* *" (…) o que é patologias que não estão definidas da neurologia e degenerativas (…)"* *" (…) as spínidas bífidas (…)"* *" (…) e os traumatismos cranianos (…)"* *" (…) mas relativamente poucos."* *"Temos dois traumatismos cranianos aqui no CAO (…)"*
		Visitas domiciliárias	*"Mas um ensino específico não, (…)"* *" (…) mas por exemplo nós aqui, nesta equipa, fazemos sempre visitas domiciliárias (…)"* *" (…) entra um jovem e nós automaticamente fazemos sempre uma visita domiciliária com um propósito vemos se quer (…)"* *" (…) se não quer fecha a porta."* *"Nós temos aqui dois ou três que nunca nos facultaram (…)"* *" (…) e nós não vamos lá bisbilhotar (…)"* *" (…) nós tentamos sempre facilitar."* *"Nessas visitas domiciliárias vão sempre a terapeuta ocupacional (…)"* *" (…) a fisioterapeuta (…)"* *" (…) e a assistente social (…)"* *" (…) e no fundo o que nós queremos é facilitar dentro daquela casa alguma coisa que facilite a vida a estas pessoas (…)"* *" (…) que é desde o banho a*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			alimentação(…)” *“ (…) a tudo há coisas práticas e coisas às vezes muito simples que se podem ajudar a facilitar a vida da criança é que são muitas horas.”* *“Eles saem daqui por volta das 4h30 estão até de manhã (…)”* *“ (…) dormem (…)”* *“ (…) comem (…)”* *“ (…) fazem a sua higiene raramente é feita aqui (…)”* *“ (…) tem sábado e domingo em casa (…)”* *“ (…) e o mês de Agosto, são muitas horas em casa.”* *“Acho que é um grande peso para aqueles pais (…)”* *“ (…) porque eles vão crescendo (…)”* *“ (…) são cada vez maiores (…)”* *“ (…) crescem muito (…)”* *“ (…) pesam muito (…)”* *“ (…) e os pais vão tendo cada vez menos forças.”* *“Existem alguns com muitas dependências (…)”* *“ (…) e aí quando se faz uma visita domiciliária (…)”* *“ (…) tenta-se fazer isso mesmo o ensinamento e um facilitar, por exemplo o arranjar uma cadeira sanitária que seja melhor (…)”* *“ (…) ou fazer um polibã.”* *“Esse tipo de adaptações (…)”* *“ (…) isso é feito pela equipa ou a pedido*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			dos pais (…)" *" (…) ou mesmos por sugestão nossa, porque nós percebemos que há ali problemas (…)"* *" (…) e então vamos ver como é."* *" Quando entram nesta casa (…)"* *" (…) faz-se logo uma visita domiciliária e como lhe digo há duas em que os pais recusam (…)"*
		CAO	*"A nível aqui do centro onde nós estamos que é o CRISP (Centro de Reabilitação e Integração Social e Profissional) (…)"* *" (…) que tem funções de CAO (…)"* *" (…) no fundo foi pensado no centro de actividades ocupacionais e na formação profissional (…)"* *" (…) mas esta pelo menos há uns 6 anos que, e ainda havia apoios comunitários, desapareceu essa valência (…)"* *" (…) e nós temos só um que é o centro de actividades ocupacional (…)"* *"O centro de actividades ocupacional que há aqui neste momento é a partir dos 16 anos e não tem idade limite, por isso eu tenho gente aqui com quase 50 anos."* *"A nível das outras actividades conhecendo o que é um centro de actividades ocupacional é algo em que os jovens estão (…)"* *" (…) em que têm um sítio localizado que é os ateliês (…)"* *" (…) e depois existem aqueles que nasceram e que permanecem e que*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo

			ainda ninguém inventou outros (…)” *“ (…) que são as tecelagens (…)”* *“ (…) as artes do forro (…)”* *“ (...) dos azulejos (…)”* *“ (…) dos Arraiolos que estão muito postos de lado porque já pouco ou nada existe (…)”* *“ (…) por isso não justifica e também não há mãos para fazer e é complicado esta possível actividade com muitas nuances (…)”* *“ (…) e muitas incapacidades e muitos movimentos seguidos e têm essa dificuldade.”* *“Os jovens estão destinados a um ateliê (…)”* *“ (…) mas depois há um mundo de actividades (…)”* *“ (…) de projectos que se fazem (…)”* *“ (…) e que se desenvolvem com jovens.”*
		Semi – internato	*“ (…) que no fundo é um semi – internato.”* *“Esse onde os jovens estão cá desde manhã até a tarde (…)”* *“ (…) ao sábado e domingo estão em casa e no mês de Agosto há um interregno para todos termos férias e eles também.”* *“Não há outra hipótese (…)”* *“ (…) porque como as equipas são relativamente pequenas (…)”* *“ (…) há pouco pessoal como sempre(…)”* *“ (…) nós não conseguimos manter*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			uma equipa multidisciplinar, indo uns de férias e outros não (…)" *" (…) e este tipo de deficiência necessita de várias especialidades para se pelo menos ter um bem – estar e o estar minimamente bem nestas casas."*
		Escola com tutela do Ministério do Trabalho e da Segurança Social	*"O centro de reabilitação de Alcoitão e o centro de paralisia cerebral que somos ministério o outro é saúde e este é trabalho solidariedade social têm normalmente por tradição, é uma herança, uma escola de primeiro ciclo."* *"Esta escola duas salas com professores do ministério mesmo, o que é que eles usufruem?"* *"Usufruem de tudo aqui, dos funcionários (…)"* *" (…) há, no entanto, alguns auxiliares que são do ministério da educação, professoras também (…)"* *" (…) mas o espaço, os jovens permanecem aqui (…)"* *" (…) porque são as grandes deficiências (…)"* *" (…) são os grandes problemas que não conseguem (…)"* *" (…) pessoas que não conseguem se integrar nas escolas ditas normais (…)"* *" (…) e essas vão ficando por aqui (…)"* *" (…) e depois fazem um passo para o centro de actividades ocupacionais (…)"* *" (…) por isso a escola é uma outra valência."* *"Têm autonomia (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) porque é do ministério da educação é a escola do ensino básico nº 204 (…)" *" (…) mas a nível de cá da casa (…)"* *" (…) usufrui de determinadas coisas: do estar, do material (…)"* *" (…) mas tem autonomia (…)"*
		Formação Profissional deixou de existir	*"Foram por directrizes superiores que deixámos de ter essa valência (…)"* *" (…) porque a integração era muito complicada (…)"* *" (…) integravam-se meia dúzia deles."* *"Agora quando descer que deve ser a hora do pequeno – almoço vai ver as deficiências que nós temos (…)"* *" (…) que são grandes incapacidades, graves problemas motores."* *"A paralisia cerebral atinge a parte cognitiva e a parte motora (…)"* *" (…) e depois há sempre um reverso que é os que tem a parte motora boa e a parte cognitiva é fraquíssima (…)"* *" (…) e aqueles em que a motora é muito má a cognitiva é boa (…)"* *" (…) então é muito complicado."*
		Integração dos formandos não era fácil	*"Na formação profissional quando tínhamos essa valência é que tínhamos uma maior movimentação (…)"* *" (…) porque chegava ao fim dos três anos e havia integração ou não (…)" " (…) eles tinham mesmo que sair e integravam-se (…)"* *" (…) portanto eu tive nesses processos porque estou cá há 16 anos,*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) também já fizemos muitas integrações em escola (…)” *“ (…) mas neste momento, nesta casa os jovens que já não são muito jovens (…)”* *“ (…) acho que é para bem do nosso ego que nós dizemos jovens (…)”* *“ (…) são jovens que não são integráveis mesmo no mundo laboral e na escola.”*
		Encaminhamento do CHD para o CRISP	“O apoio que nós fazemos e isso eu faço permanentemente é o encaminhamento (…)” “ (…) é a chegada de pessoas que passaram por cá, por isso vêm à consulta que é no centro de baixo, no CHD (…)” “ (…) e há um encaminhamento para aqui (…)” “ (…) por causa da idade, aqui para esta unidade (…)” “ (…) e esta unidade aqui é mais do encaminhamento (…)” “ (…) da avaliação, da psicologia, do serviço social, mais desses aspectos(…)”
	Profissionais que trabalham na Instituição	Técnicos de Ciências Sociais	*“Todos nós temos (…)”* *“ (…) porque desenvolvemos há uns 15 anos uma forma de trabalho que é a equipa multidisciplinar (…)”* *“ (…) que é relativamente pequena(…)”* *“ (…) é uma psicóloga (…)”* *“ (…) uma assistente social (…)”* *“ (…) uma terapeuta ocupacional (…)”* *“ (…) um dramoterapeuta que*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			infelizmente não está cá, o ano passado faleceu e não foi substituído(…)" *" (…) e depois cada um destes técnicos da equipa fixa, a coordenadora é uma terapeuta ocupacional, há uma coordenadora para esta unidade."*
		Monitores	*" (…) e depois os monitores da sala (…)"* *"Existem monitores em cada sala (…)"* *" (…) e os auxiliares de sala (…)"* *" (…) que são imprescindíveis (…)"* *" (…) não conseguimos viver sem eles."*
	Actividades desenvolvidas que permitem a integração social	Participação na maratona	*"Ainda agora estamos a ver, vamos sempre à maratona, há 9 anos que vamos à maratona (…)"* *" (…) acho que fomos os primeiros de cadeiras de rodas a ir à maratona (…)"* *" (…) vão 40 cadeiras por isso tem quase que ir uma pessoa por cadeira* *" (…) e essas actividades desenrolam-se ao longo do ano, vamos programando."*
		Exploram a cidade ao máximo (museus, teatros…)	*"Exploramos tudo o que é museus (…)"* *" (…) teatros tudo o que houver durante a manhã (…)"* *" (…) tarde é mais complicado (…)"* *" (…) mas tudo o que houver durante a manhã (…)"* *" (…) não há nada que a gente não tente participar (…)"* *" (…) com alguma indicação deles, com sugestão."* *" (…) mas nós vamos a um bocadinho de tudo (…)"* *" (…) quando aparece alguma coisa que tem interesse (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) nós tentamos buscar na cidade tudo.”
		Turismo integrado durante uma semana	*“Fazemos esse tipo de actividades diariamente (…)”* *“ (…) depois também fazemos turismo integrado (…)”* *“ (…) e isso é normalmente durante uma semana (…)”* *“ (…) para pousadas da juventude ou para outras associações (…)”* *“ (…) mas para fora de Lisboa, o ano passado fomos para o Porto, ficámos na associação de paralisia cerebral do Porto (…)”* *“ (…) nas instalações de lá que têm (…)”* *“ (…) porque a pousada da juventude não estava com lugares para (…)”* *“ (…) e não era muito adaptada ao grupo que levávamos do Porto.”* *“Mas vamos para todo o país (…)”* *“ (…) fazemos todos os anos uma saída durante uma semana com um grupo de jovens (…)”* *“ (…) e aí tentamos ir para a pousada da juventude para os integrar no meio dos outros jovens (…)”* *“ (…) e no meio da vivência.”* *“Nessas saídas com um carácter cultural (…)”* *“ (…) e recreativo exploramos tudo(…)”* *“ (…) se vamos para Viana do Castelo exploramos Viana do Castelo (…)”* *“ (…) se vamos para o Algarve para Portimão exploramos as duas coisas se*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			for época de água e de sol (…)" *" (…) fazemos esse tipo de actividades (…)"* *" (…) e depois também fazemos, houve uma altura em que fizemos muito Serra da Estrela (…)"* *" (…) tentamos quase sempre fazer desportos radicais com eles (…)"* *" (…) isso nós fazemos dentro das nossas disponibilidades (…)"* *" (…) tiramos o máximo para fora."* *"Nós também fazemos praias (…)"* *" (…) e campos (…)"* *" (…) e a equipa participa toda (…)"* *" (…) vamos para Sesimbra que é o sítio que até hoje achamos mais acessível (…)"* *" (…) porque tem aquelas rampas junto dos hotéis (…)"* *" (…) dizem que é longe (…)"* *" (…) mas é agradável serve de passeio (…)"* *" (…) e tem um bocadinho de iodo (…)"* *" (…) e nós entramos em Junho ou Julho (…)"* *" (…) e vamos para a praia."* *"Cada um de nós é responsável por uma praia ou um campo (…)"* *" (…) o campo é sempre muito complicado (…)"* *" (…) muito difícil, porque tem sempre que haver uma actividade cultural junto ao campo (…)"* *"(…) porque se não, para nós já é muito monótono (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			"(…) quanto mais para uma pessoa que não se mexe numa cadeira (..)"
		Dança	*"Depois há projectos como a dança (…)"* *" (…) há aqui uma companhia de dança (…)"*
		Tricicleta	*" (…) há tricicleta é um desporto que está a surgir neste momento (…)"* *" (…) que é uma bicicleta sem pedais(…)"* *" (…) e os jovens é que fazem de pedais que são os ambulantes (…)"*
		Vela adaptada	*" (…) há a vela adaptada que são as terapeutas novas que pegam neste tipo de actividade (…)"* *" (…) há vela adaptada no rio mesmo(…)"*
		Boccia	*" (…) há boccia que é crucial desporto em que nos tem dado as célebres medalhas olímpicas (…)"*
		Atletismo	*" (…) o atletismo (…)"* *" (…) isso são tudo actividades que fazemos (…)"*
		Jovens com diferentes capacidades	*"Há jovens que tem mais actividades (…)"* *" (…) outros que tem menos também conforme as dificuldades (…)"* *" (…) as capacidades (…)"* *" (…) e o querer deles."*
		Festa de Natal	*"Depois há festas de calendário que é o Natal (…)"* *"Há o Natal (…)"*
		Semana Cultural no Porto	*" (…) por exemplo nós o ano passado fomos para o Porto (…)"* *" (…) uma semana e nós fazemos de*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			segunda a sábado uma semana certinha (…)" *" (…) vimos no sábado ao fim da tarde."* *"Programámos tudo, desde a parte desportiva à parte cultural (…)"* *" (…) explorámos o Porto todo e arredores (…)"* *" (…) mas é connosco, eles não estão em liberdade de fazer nada (…)"* *" (…) não há, por muito que nós, no fundo é algo sempre muito acompanhado (…)"* *" (…) aqueles que tem liberdade e independência (…)"* *" (…) esses fazem e há alguns casos que são casados que vivem com alguém (…)"* *" (…) que têm companheira (…)"* *" (…) que têm filhos e que conseguem (…)"* *" (…) mas esses são uma minoria."*
	Medidas de Inclusão Social	As saídas para lares	*"Isto porque também não há saídas (…)"* *" (…) porque as saídas, infelizmente, não existem para outro tipo de instituições (…)"* *" (…) e o que tem havido de uns anos até esta parte e é essa a minha experiência, como técnica de serviço social, é a integração em lares (…)"* *" (…) neste momento, há dois anos e o ano passado, foi um ano de muita integração em lares (…)"* *" (…) porque a idade foi avançando e os pais, logicamente ou estão muito mais velhos ou desaparecem (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) e neste momento eu estou nessa fase de integração nos poucos lares que existem (…)” *“ (…) e nas poucas vagas que existem e se houvessem muito mais, muitos mais eu integrava em lares (…)”* *“ (…) uns não pretendem, porque querem estar com os filhos até ao fim da vida (…)”* *“ (…) outros não porque de facto têm consciência de que já não conseguem lhes dar o bem – estar que davam, por isso neste momento a idade é bastante avançada.”*
		Não há possibilidade de entradas	*“ (…) o ano passado ainda entrou gente (…)”* *“ (…) este ano, a partir do ano passado foi-me mesmo dito que terminaram as entradas (…)”* *“ (…) por isso as pessoas que me pedem as entrevistas é para encaminhamento (…)”* *“ (…) não há lista de espera (…)”* *“ (…) porque não faz sentido haver uma lista de espera quando não há a possibilidade de saída do local.”*
	Processo de avaliação	Encaminhamento é sempre por uma técnica de serviço social	*“ (…) a nível de processo de vinda para esta casa, passa sempre pela técnica de serviço social, que sou eu.”* *“As pessoas telefonam (…)”* *“(…) e pedem ou uma informação ou um encaminhamento (…)”* *“ (…) porque neste momento nós não*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			estamos a integrar ninguém no centro de actividades ocupacional (…)"
		Equipa entrevista a família e o jovem	*" (…) e depois dai dessa entrevista é que se faz a avaliação do jovem à família."* *"Mas à família propriamente dita não é feita (…)"* *" (…) o que nos interessa neste momento e a quem nos dirigimos é ao jovem."* *"Por exemplo imagine quando há uma entrada ou uma admissão de um jovem (…)"* *" (…) existe uma técnica de serviço social que vai entrevistar a família(…)"* *" (…) onde infelizmente por vezes não é o pai e a mãe (…)"* *" (…) outras vezes é, no meu caso que sou a única aqui peço sempre para vir a família e o jovem (…)"* *" (…) nessa altura o jovem é avaliado pela equipa, pela psicóloga (…)"*
		Entrada de um novo utente é vista em grupo	*" (…) imagine se nós temos um caso de um jovem que está para entrar (…)"* *" (…) eu proponho em reunião de equipa quer dizer eu não proponho (...)"* *" (…) eu faço todas as semanas um relato de todas as entrevistas que realizo (…)"* *" (…) mesmo aquelas em que eu tenho a liberdade de dizer aquela família não é para aqui (…)"* *" (…) é me dado essa liberdade de fazer esse encaminhamento imediato(…)"* *" (…) em dizer que não é para esta instituição é para outra (…)"* *" (…) é um bocadinho o trabalho que eu faço pelos pais."*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Entrevista para recolha dos dados económicos às famílias	*"Não, avaliação propriamente não."* *"Há uma entrevista onde no fundo são recolhidos os dados económicos (…)"* *" (…) não com grande pormenor (…)"* *" (…) apenas com alguns dados (…)"* *"(…) não faço uma avaliação (…)"* *" (…) mas faço uma entrevista (…)"* *" (…) com aquelas perguntas muito dirigidas aquilo que me interessa (…)"* *"O que se faz à família é no fundo retirar dados importantes para caracterização do utente que nos apareceu (…)"* *" (…) e depois há todo um trabalho com a família, mas que é posterior."*
	Constrangimentos	È complicado gerir as actividades com um público heterogéneo	*"O que torna muito complicado gerir este leque de actividades (…)"* *" (…) por outro lado, os jovens também nunca tiveram outras experiências e são deficiências adquiridas (…)"* *" (…) por conseguinte vivem e estão e esta é a segunda casa deles (…)"* *" (…) porque eles vivem aqui por vezes até com algum cansaço daqueles que são cognitivamente melhores (…)"* *" (…) porque já estão ca há uns trinta e tal anos."*
		Existem dificuldades com os transportes	"A dependência é muito grande (…)" " (…) porque dependem de transporte (…)" " (…) e toda a gente protesta (…)" " (…) mas tomara todas as instituições terem as carrinhas que nós temos (…)"

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) algumas mais velhas outras mais novas (…)" *" (…) como sempre a parte automóvel é sempre deficitária e sempre com avarias (…)"* *" (…) e mesmo assim adaptadas que correm Lisboa inteira e vão até Loures."* *"Este aspecto é que foi sempre um problema porque dizem Loures nem pensar (…)"* *" (…) Odivelas nem pensar (…)"* *" (…) é tentar delimitar o máximo Lisboa."* *"Mas neste caso é complicado, também, porque Lisboa é arredores(…)"* *" (…) porque mesmo em Lisboa devem viver muito poucas pessoas neste momento."*

Tema: A Família e o Cuidador

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Relação com as famílias	Participação dos pais na vida da Instituição	Depende do ritmo de vida das famílias	*"É conforme as famílias, não há regras."* *"Nós tentamos que a família participe em muita coisa que se realiza nesta casa (…)"* *" (…) mas há famílias mais ausentes que outras (…)"* *" (…) até pelo ritmo de vida."* *"Repare, a maior parte das pessoas trabalham (…)"* *" (…) tem os seus horários (…)"* *" (…) há o ir a correr para tomar conta do jovem (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) para o receber em casa (…)” *“ (…) o tipo de família (…)”*
		Existe um contacto permanente	“ (…) mas há um contacto permanente.” “Há semanas em que aquela família não fala (…)” “ (…) ou eu não falo com aquela família (…)” “Nós fazemos uma intervenção telefónica (…)” “ (…) ou a pedido para virem mesmo à instituição para falarem com um ou outro técnico (…)” “ (…) ou somos nós ou é a família que contacta.”
		Depende da situação psicológica da família	*“ (…) se está mais ansiosa (…)”* *“ (…) se ainda estão, na deficiência existe muito aquela parte do luto (…)”* *“ (…) e depois chega a uma certa altura em que as pessoas têm um filho deficiente com 20 ou 30 anos (…)”* *“ (…) e aí são os problemas diários das coisas que acontecem na vida diária.”*
		Existem famílias mais participativas do que outras	*“Agora há famílias muito mais participativas do que outras (…)”* *“ (…) no sentido de nos pedirem coisas de nos solicitarem um contacto mais permanente (…)”* *“ (…) há outras mais afastadas.”*
		Depende da condição física do jovem	*“Mas isso também é conforme as características (…)”* *“ (…) se o jovem for mais*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			independente(…)" *" (…) mais autónomo há todo um processo (…)"* *" (…) e depois há famílias muito desestruturadas (…)"* *" (…) e depois há famílias relativamente estruturadas que não sabem lidar com uma deficiência destas."*
		Participam nalgumas actividades (arraiais, maratonas…)	*"Não vêm muito (…)"* *" (…) participam no sentido, por exemplo quando nós fazemos saídas de dias os pais não vão (…)"* *" (…) porque isto é mesmo para o jovem (…)"* *" (…) para descansar os pais e para envolver o jovem noutro mundo (…)"* *" (…) e não estar sempre com os pais(…)"* *" (…) há todo um objectivo, há vários objectivos nestas saídas."* *"Às outras actividades, sim vêm à feira das vaidades (…)"* *" (…) o arraial fazemos um arraial nos santos populares que aqui é S. Pedro participam (…)"* *" (…) mas há pais que não vêm."* *"Mas há pais que não vêm também é porque se as horas são diferentes porque depois temos logo problemas de transporte (…)"* *" (…) imagine uma pessoa sem transporte adaptado como é que leva um jovem destes para casa (…)"* *" (…) e nós mesmo que façamos aqui uma*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			coisa às tantas da noite é complicado ter transporte para todos e assim temos que gerir isto (…)" *" (…) mas por exemplo à maratona participam imensos (…)"* *" (…) não participam todos mas participam (…)"* *" (…) e participam pais e jovens."* *"Nas festas não há um grande costume de virem para aqui (…)"* *" (…) ao Carnaval não vão (…)"* *" (…) mas por exemplo é mais os arraiais (…)"* *" (…) a feira das vaidades (…)"* *" (…) ou alguma filmagem algum filme que se faça em que os filhos tenham sido protagonistas (…)"* *" (…) e assim participam evidentemente."*
	Formação Específica	No CRISP não é uma necessidade	*"Aqui neste espaço não (…)"* *" (…) porque aqui os jovens já passaram por um processo de reabilitação (…)"* *" (…) já são adultos (…)"*
		È mais necessário nos pais de utentes mais novos	*" (…) mas agora a nível dos pequeninos (…)"* *" (...) muitas das vezes os pais são chamados a participar (…)"* *" (…) o dar comer (…)"* *" (…) porque aqui a maior parte dos nossos jovens nós temos que dar de comer (…)"* *" (…) a parte das higienes todas (…)"* *" (…) há um todo de ensinamento(…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) isso é a parte prática (…)" *" (…) depois a outra do lidar com o jovem (…)"* *" (…) há trabalho feito mas não é(…)"* *" (…) é como a educação normal(…)"* *" (…) é um percurso normal de outra criança (…)"* *" (…) mas aquela tem algumas dificuldades essas que os pais vão percebendo (…)"* *" (…) e tem sempre a esperança que os filhos que vão andar (…)"* *" (…) que vão se mexer (…)"* *" (…) que vão falar (…)"* *" (…) e depois as esperanças vão desaparecendo ao longo dos anos."*
		Os pais não se conformam com a deficiência	*"Aqui tenho uma experiência completamente diferente (…)"* *" (…) porque eu aqui, quando eles chegam aqui a esta zona já tem mais de 16 anos (…)"* *" (…) por isso algumas das esperanças já se foram (…)"* *" (…) mas eles ainda tem sempre esperança (…)"* *" (…) e recorrem a medicinas alternativas (…)"* *" (…) e outro tipo de coisas que de vez em quando nos dizem directamente a quem tem mais confiança."*
		Os pais recorrem aos técnicos como conselheiros	*"É muito interessante que a nível de confiança (…)"* *" (…) e este é um processo normal de empatia (…)"* *" (…) mas nesta equipa os pais têm*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			empatia por uma pessoa (…)” *“ (…) ou outra e vão debitando as suas preocupações (…)”* *“ (…) os seus problemas (…)”* *“ (…) e coisas que nunca contam a ninguém.”* *“Até costumo dizer que não já não se vão confessar ao padre (…)”* *“ (…) vêm muito falar e às vezes pedem para vir falar (…)”* *“ (…) e só passado um bocadinho é que percebo (…)”* *“ (…) também já são 30 anos de trabalho (…)”* *“ (…) percebo passado pouco tempo o porquê (…)”* *“ (…) mas há ali outro porquê muito mais atrás (…)”* *“ (…) com problemas e dúvidas que surgem e questões que vêm-nos pôr.”*
		Visitas servem para consciencializar as famílias	*“ (…) e nós aí não podemos.”* *“Sim é uma tentativa de facilitar a vida daquele jovem para o cliente que é designação que se utiliza agora (…)”* *“ (…) e para os pais (…)”* *“ (…) para se facilitar o máximo.”* *“È uma rampa (…)”* *“ (…) são coisas às vezes com dificuldade de serem realizadas (…)”* *“ (…) outras são simples de realizar(…)”* *“ (…) de adaptar e depois há duvidas que os pais colocam (…)”* *“ (…) ou colocam a mim (…)”* *“ (…) ou falam directamente com as terapeutas (…)”*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) e elas adaptam (…)" *" (…) ou uma colher (…)"* *" (…) ou um prato que é fixo (…)"* *" (…) porque aqui a alimentação é muito mais praticada do que em casa(…)"* *" (…) por muito que me digam, em casa uma pessoa tem que despachar(…)"* *" (…) e tem a noite para resolver."* *"Eles aqui são dependentes de adaptações (…)"* *" (…) às vezes chegamos às casas (…)"* *" (…) e as adaptações não estão lá(…)"* *" (…) e nós percebemos muito bem insistimos muito (…)"* *" (…) e também não se nós naquela situação não fazíamos o mesmo (…)"* *" (…) se não dávamos também."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Inclusão social	Sociedade	Situação actual muito instável	*"È uma pergunta vastíssima."* *"Da minha experiência as coisas não estão nada melhores (…)"* *" (…) pioraram de uns anos a esta parte."* *"Eu acho que elas nunca tiveram boas(…)"* *" (…) porque se estivessem boas (…)"* *" (…) tinham permanecido boas."* *"Neste momento as coisas estão mais difíceis (…)"* *" (…) e isso eu penso que é um bocado fruto da sociedade e do*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			momento." *"Mas há uns anos que nós sentimos isso."* *" (…) as pessoas que estejam nas instituições sejam privadas ou públicas para dar um apoio a estas pessoas (…)"* *" (…) há alguns êxitos (…)"* *" (…) há coisas boas (…)"* *" (…) há coisas que se fazem (…)"* *" (…) há coisas que são difíceis (…)"* *"Agora que as coisas estão complicadas algumas estão."*
		Existe um esforço da sociedade em melhorar	*"Houve um esforço grande da sociedade (…)"* *" (…) e trabalho em reabilitação há praticamente 30 anos ou faz este ano(…)"* *" (…) com uma fuga de 7 anos para idosos (…)"* *" (…) mas que também tem muito a ver."* *"Trabalhei durante 10 anos no Centro de Reabilitação em Alcoitão (…)"* *" (…) tive 7 em idosos e estou aqui há 16 anos."* *"Acontece que desde que eu entrei há 30 anos até agora a diferença é abismal em tudo."*
		Melhoria na forma como se vê o deficiente	*"Principalmente até da forma como nós vemos o deficiente (…)"* *" (…) as coisas mudaram muito(…)"* *" (…) mesmo que nos meios de comunicação, aqueles mais célebres e que nos tentam dizer coisas ao contrário (…)"* *" (…) com algum espectáculo nos digam coisas incríveis (…)"* *" (…) acho que há coisas que melhoraram muito (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) a diferença é do dia para a noite."
		Melhoria nas acessibilidades	*"Depois a sociedade (…)"* *" (…) nas acessibilidades houve uma melhoria sem dúvida que houve (…)"* *" (…) não podemos dizer que não houve."* *"Houve uma fase em que foi assim um evoluir fabuloso (…)"* *" (…) pronto e as coisas estavam mais abertas."*
		Dificuldades na integração escolar	*"Depois a nível de benefícios(…)"* *" (…) o que se chama a integração de um jovem ou uma pessoa com grandes incapacidades na sociedade (…)"* *" (…) temos que pensar muito seriamente como é (...)"* *" (…) como vai ser e como tem sido."* *"Sinto algumas dificuldades mesmo a nível escolar há dificuldades (…)"* *" (…) porque eles são grandes incapacitados (…)"* *" (…) tudo tem que estar muito adaptado para a criança vir minimamente integrada na escola(…)"* *" (…) a nível da daquilo que foi a formação profissional nós fizemos integrações belíssimas com êxito(…)"*
		Sociedade precisa de se mobilizar	*" (…) mas foram aqueles com menos problemas motores, por exemplo."* *"Isto porque tudo o que seja uma cadeira eléctrica que é o não falar(…)"* *" (…) o ter necessidades básicas de apoio na casa de banho (…)"* *" (…) de alimentação (…)"* *" (…) há dificuldade em mobilizar a sociedade (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		A Instituição conhece os locais mais acessíveis	*"Há depois a própria sociedade, por exemplo Lisboa, a nível das acessibilidades (…)"* *" (…) nós também já estamos muito rodados (…)"* *" (…) porque já sabemos que vamos para aquele sitio (…)"* *" (…) e que para aquele sitio podemos levar não sei quantas cadeiras (…)"* *" (…) porque as cadeiras de rodas eléctricas só andam nalguns sítios(…)"* *" (…) porque se não é um pesadelo(…)"* *" (…) porque temos um peso enorme que para além da pessoa sentada temos as baterias para subir um passeio é bonito."* *"Por isso nós também já nos adaptámos às acessibilidades (…)"* *" (…) aos locais porque nós deparamo-nos com barreiras terríveis (…)"* *" (…) e isso somos nós (…)"*
		Jovens não saem de casa ao fim de semana	*" (…) imagine os pais."* *"Muitos jovens saem daqui sexta-feira(…)"* *" (…) e entram na segunda (…)"* *" (…) porque passam o fim-de-semana em casa."* *"Isto para lhe dizer que muitos dos sítios conhecem-nos através desta casa (…)"* *" (…) porque os pais nem tem capacidade, nem físicas nem materiais para os levar (…)"* *" (…) há outros que sim que têm (…)"*
		Tentativa de integrá-los no social e no cultural	*"Nós aqui apostámos um bocadinho em integrá-los no social, no cultural e voltar para essa vertente (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) porque é aquela em que podemos explorar mais (…)” *“ (…) já o mundo laboral lhes é totalmente ou quase cortado então vamos explorar a cidade com os meios ou os arredores da cidade (…)”* *“ (…) portanto vamos fazendo esse tipo de dirigir as actividades para isso.”*
		Os utentes apresentam um défice de experiências sociais	*“Depois há um handicap que, às vezes penso muito nisso é que estas pessoas nasceram com esta deficiência (…)” “(…) motivo de uma doença, ou por complicações de parto (…)”* *“ (…) há outras que são desconhecidas (…)”* *“ (…) estas pessoas nunca se viram normais (…)”* *“ (…) por isso estiveram sempre num processo de reabilitação (…)”* *“ (…) por isso estiveram sempre todas num ninho (…)”* *“ (…) foi sempre tudo com muitos cuidados (…)”* *“ (…) e depois são pessoas que não tem nem experiências nem vivências normais (…)”* *“ (…) não são os jovens que andam aí na rua (…)”* *“ (…) que partem a cabeça e levantam-se (…)”* *“ (…) por isso são pessoas que têm esse défice*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			de experiências sociais (…)" *" (…) por muito que a gente os leve para a rua (…)"* *" (…) que vão para o turismo é sempre protegido."* *"Tentamos libertar-nos mas estamos sempre atrás (…)"* *" (…) não os largamos, como os pais não os largam."* *"Dizem que os pais são galinha (…)"* *" (…) e nós somos instituição galinha(…)"* *"(…) sou um técnico galinha, porque levar 6 ou 7 cadeiras para uma actividade (…)"*
	Sistema legislativo	Na prática a situação é mais complicada	*"No papel há coisas bonitas agora na prática é complicado."* *"Na prática as coisas são difíceis."*
		Acessibilidades são um entrave	*"Começo pela parte das acessibilidades (…)"* *" (…) da construção dos edifícios em públicos ou privados (…)"* *" (…) a lei é belíssima (…)"* *" (…) mas na prática ainda continua a haver escadas ou portas em que não entram cadeiras de rodas."* *"Nós olhamos para as portas (…)"* *" (…) e vemos logo que não cabe uma cadeira de rodas (…)"* *" (…) ainda vemos sítios em que não há rampas e isso é logo um handicap maior (…)"* *" (…) pode-me dizer que há outro (…)"* *" (…) mas estes são muito grandes."* *"A pessoa chega a um sitio e não*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			entra(…)" *" (…) e o que é que se faz, como é que participa e há uma coisa normalmente, na maior parte das vezes a gente vai lá por artimanhas (…)"* *" (…) vai pelas traseiras (…)"* *" (…) vai pelo elevador das cargas (…)"* *" (…) por isso damos a volta ao problema (…)"* *" (…) porque se não chegamos a um sitio e não entramos (…)"* *" (…) então como não entramos sabemos que vamos dar a volta (…)"* *" (…) uma pessoa sozinha não dá a volta, em grupo dá a volta."*

ANÁLISE DE CONTEÚDO – INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN

Tema: A Pessoa com Deficiência

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
I A Instituição	Práticas de Funcionamento	Equipas de externos por zonas de residência	*"Funciono numa equipa de externos (…)"* *" (…) e tem também uma equipa da escola (…)"* *" (…) onde funciona diariamente com os alunos de uma escola que é a escola 204 que está integrada no centro."* *"Nós funcionamos em equipa (…)"* *" (…) que está dividida por zonas de residência (…)"* *" (…) Equipa 1, 2 e 3, a equipa onde eu pertenço tem a zona de Loures, Odivelas e uma Grande Lisboa que é até 1700 é esta a área."*
		Atendimento começa pelas consultas de avaliação	*"O atendimento começa-se pelas consultas de avaliação (…)"* *" (…) quando ou o médico do hospital ou muito raramente a própria família tem dúvidas ou alguma amiga que ouviu dizer que é conveniente ir ao centro de paralisia cerebral com a criança ou jovem e que pedem aqui uma consulta."* *"Assim vai para a triagem (…)"* *" (…) e depois essa equipa diz para que equipa é que vai (…)"* *" (…) a partir daí vai para uma consulta de avaliação onde vem a família, a criança ou o jovem (…)"* *" (…) e está a equipa toda que é a assistente social, a psicóloga, a terapeuta ocupacional, da fala e a enfermeira."* *"O primeiro é na consulta (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
		Equipa reúne-se com a família	*"Depois a equipa vê a situação da criança/ jovem (…)"* *" (…) a assistente social entretanto, depois da mãe ou os pais já estarem com a criança entregue aos terapeutas, reúne-se com a família para fazer a parte social."* *"Outras vezes a família quer muito estar presente (…)"* *" (…) a ver todas as movimentações e a assistente social estará aí, também(…)"* *" (…) e verá o que é necessário se poder fazer uma entrevista num outro dia se os pais assim preferirem (…)"* *" (…) no campo social, o campo económico, a habitação, as dificuldades que possa ter, qual é o objectivo da consulta, outras vezes quando vem indicado pelos médicos já vem dos hospitais com o relatório, isso é a primeira consulta."*
		Quando fica na equipa, marca-se os dias de tratamento e os técnicos apoiam nas várias áreas	*"Se for considerado que o jovem ou a criança fica na equipa (…)"* *" (…) a equipa marca os dias de tratamento (…)"* *" (…) e a partir daí a criança ou o jovem que vem aos tratamentos é acompanhada dos pais ou dos familiares, por quem quer que seja(…)"* *" (…) vai para os tratamentos (…)"* *" (…) e nós estamos a apoiar naquilo que as mães no campo laboral (…)"* *" (…) no campo de apoios no exterior(…)"* *" (…) no campo das ajudas técnicas que*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			as terapeutas possam indicar (…)" *" (…) e a partir daí continuamos a dar o apoio (…)"* *" (…) isto é o exemplo de uma família que cabe a todos no geral (…)"* *" (…) depois umas com umas nuances diferentes (…)"* *" (…) mas o apoio é muito profissional com os vários técnicos."* *" (…) depois todo o apoio, por exemplo os tratamentos são as terapeutas (…)"* *" (…) e o apoio social nesse aspecto(…)"*
		Rastreio para saber a actual situação do utente	*"Vou imaginar uma família de um bebé pequeno (…)"* *" (…) primeiro perguntamos se já tem ama (…)"* *" (…) se frequenta a creche ou uma escola (…)"* *" (…) se já tem ama, uma creche ou se já anda na escola (…)"* "No campo social, partindo da base de uma entrevista solicitamos à família quais as dúvidas (…)" *" (…) qual a preocupação maior que têm de momento (…)"* *" (…) e a partir dali a família nos dirá aquilo que sente ou outras vezes que precisa (…)"* *" (…) outras vezes nós também encaminhamos a conversa para ela ver se ela não precisa disto (…)"* *" (…) ou se já tem aquilo (…)"* *"(…) se já tem esta situação*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			resolvida(…)” *“ (…) se está ou não e informamos como se faz (…)”*
		Se necessário a equipa desloca-se à escola	*“ (…) a equipa se necessário desloca-se à escola (…)”* *“ (…) sobretudo a equipa das terapias para ver o posicionamento (…)”* *“ (…) os materiais que a escola tem ou não tem (…)”* *“ (…) o que precisa para os prescrever.”* *“Ao prescrever, tanto pode fazê-lo a pedir materiais para uso em casa como também para apoio escolar (…)”* *“Dirigem-se sempre que necessário (…)”* *“ (…) e sempre que solicitado (…)”* *“ (…) mas mesmo assim ficamos sempre a saber que este jovem / criança está naquela escola (…)”* *“ (…) é desta equipa e programamos que periodicamente ou vamos lá ou combinamos com a escola (…)”* *“ (…) dizemos olhem nós estamos a pensar ir no dia tal é possível? O que é que vocês precisam para a integração dessa criança?”*
		Ligação com os técnicos faz-se pela necessidade dos técnicos	*“ (…) depois a ligação da equipa do centro com a equipa da escola ou da ama ou da creche faz-se consoante a necessidade dos técnicos do exterior.”* *“Se isso for preciso frequentemente fazem-se as reuniões lá (…)”* *“ (…) a equipa desloca-se lá para ver se a criança ficou bem posicionada(…)”*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			“ (…) ou às vezes a equipa da escola tem dificuldades na alimentação ou tem dúvidas (…)” *“ (…) ou nos contacta, as vezes até os convidamos para virem cá ver uma sessão de alimentação ou de fisioterapia (…)”* *“ (…) outras vezes somos nós que nos deslocamos lá (…)”*
		Acompanham o evoluir da criança	*“ (…) é esse o apoio que nós é esse o apoio que nós fazemos (…)”* *“ (…) acompanhamos o evoluir da criança (…)”* *“ (…) até portanto creche, depois escola, fazemos o mesmo é a integração.”* *“Integração na escola (…)”* *“ (…) integração social (…)”* *“ (…) e na família onde for (…)”* *“ (…) na comunidade inclusive.”*
		Objectivo da Intervenção é a criança	*“Sim mas o objectivo principal é a criança (…)”* *“ (…) se vai andar (…)”* *“ (…) se vai comer melhor (…)”* *“ (…) se vai falar é o que elas trazem mesmo.”* *“Depois em certa parte vem o lado social (…)”* *“ (…) o lado económico que também lhes interessa muito (…)”* *“ (…) ou é encaminhado (…)”* *“ (…) e percebe os caminhos e os passos a dar e dão (…)”* *“ (…) e dizem olhe correu mal e agora vai ter que contactar a colega X ou Y da zona (…)”*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) então se corre bem melhor."
		Acompanhamento e encaminhamento das crianças	*"É o acompanhamento e o encaminhamento das crianças (…)"* *" (…) e depois elas vêm cá em consultas periódicas (…)"* *" (…) consoante a médica aconselhar, de três em três meses ou de seis em seis meses."* *"Se forem mais crescidos vêm de seis em seis meses só para ver como está, se as ajudas técnicas ainda estão ao nível da evolução da criança."*
		Valência de escola simplifica o acompanhamento	*"Sim é mais fácil porque já está aqui."* *"Praticamente quase no dia-a-dia (…)"* *" (…) quando há qualquer coisa, dirigem-se logo ou à enfermagem ou mesmo aos técnicos nós dizemos (…)"* *" (…) olhem isto está a funcionar mal, até mesmo a nível dos computadores…(…)"* *" (…) qualquer coisa a equipa técnica que pertence à escola está ao corrente da situação."*
	Avaliação dos utentes	Plano individual de cada utente	*"Sim mesmo a nível do próprio ministério da educação temos que ter um plano individual deles com tudo(…)"* *" (…) quer a nível escolar quer a nível das terapias de toda a equipa técnica."*
		Reuniões com os professores	*"Juntamo-nos (…)"* *" (…) fazemos uma reunião onde está a professora (…)"* *" (…) está a equipa toda e juntos fazemos a ficha (…)"* *" (…) isto nós fazemos nesta escola."* *"Mas o que fazemos aqui é*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			prática nas outras escolas onde têm a vertente de educação especial com necessidades educativas especiais."
		Relação próxima com os professores	*"Sim, são até porque sentem que é um apoio importante que é uma mais-valia para eles."* *"Na minha equipa não tenho tido dificuldades (…)"* *" (…) pelo contrário estamos em sintonia (…)"* *" (…) pedem-nos quando vêm aqui à consulta dizem (…)"* *" (…) por exemplo, a cadeira que está na escola não está a funcionar bem, ou vice – versa… (…)"* *" (…) há sempre uma relação muito próxima."*
	Profissionais que trabalham na Instituição	Técnicas de Serviço Social	*"É a assistente social (…)"* *" (…) a psicóloga (…)"*
		Terapeutas	*" (…) a enfermeira (…)"* *" (…) e os terapeutas (…)"* *" (…) a terapeuta ocupacional (…)"* *" (…) a fisioterapeuta (…)"* *" (…) e a terapeuta da fala (…)"* *" (…) acho que não me estou a esquecer de nenhuma terapia e o médico."*

Tema: A Família e o Cuidador

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
II Relação das famílias	Participação das famílias na Instituição	Relação próxima	*"Eu sinto que a maior parte das vezes é muito próxima (…)"* *" (…) a família gosta de nos abordar e de sentir que nós perguntamos se as coisas estão a correr bem (…)"* *" (…) se estão encaminhadas ou mesmo que tenham dúvidas (…)"* *" (…) e que venham ter connosco (…)"* *" (…) ou se não têm estão muitas vezes a abrir-se cada vez mais com outras nuances da sua situação."* *"Sinto, por isso que é muito próxima é mais o próximo (…)"* *" (…) raros são os que se afastam."*
		Quando se afastam, por norma, é porque têm lacunas	*"Normalmente e esta é a minha impressão e não sei se estará certa, mas, às vezes quando se afastam é porque tem lacunas que não nos querem dizer tudo (…)"* *" (…) e tem aquele receio de nós estarmos..."* *"Nós também se sentirmos (…)"* *" (…) às vezes que estamos a ser incómodas (…)"* *" (…) se a pessoa não quer responder(…)"* *" (…) nós damos a liberdade (…)"* *" (…) e dizemos quando quiser estamos abertos a isso (…)"*
		Instituição ajuda os familiares em vários apoios	"(…) a família estará connosco (…)" "(…) e será a nível de dúvidas que possam ter (…)" "(…) porque embora não pareça

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			grande parte das famílias não sabe os direitos que a criança tem a nível de bonificações (…)" *"(…) dos subsídios ao que têm direito(…)"* *"(…) como funciona (…)"* *"(…) aonde e como se dirigir (…)"* *"(…) isto é nesse aspecto que é o mais geral (…)"* *"(…) normalmente sabem mas a maior parte das pessoas não sabe que para além do abono de família pode ter outros direitos (…)"* *"(…) e se necessitar de algum apoio domiciliário, de um apoio de uma terceira pessoa, muitos não sabem mas isto também pode ser comparticipado(…)"* *"(…) embora seja pouco, mas sempre é uma ajuda."* *"Depois quando há escolaridade também nos põem as dúvidas (…)"* *" (…) as dificuldades que têm em ter uma escola mais próxima da residência (…)"* *" (…) ou às vezes há escolas próximas das residências (…)"* *" (…) mas os pais preferem por outros motivos ou pelo local do trabalho, às vezes é preferível os pais os levarem para perto da zona de trabalho (…)"* *"(…) e depois aí vem os transportes (…)"* *"(…) as dificuldades dos transportes(…)"* *" (…) os pais a grande parte tem dificuldades em transportes e muitas vezes aí nós (…)"*

Categorias	Sub - categorias	Indicadores	*Unidades de Registo*
			"(…) recorremos à câmara a pedir ajuda que o pouco que nos dão é muito(…)" *" (…) mas precisávamos de mais (…)"* *" (…) mesmo para virem a tratamentos (…)"* *" (…) e outras vezes quando as crianças frequentam aqui a escola também (…)"* *" (…) para virem e para regressarem."*
	Formação específica	Muito importante para o acompanhamento da criança	*"Acho muito mesmo (…)"* *" (…) muito importante."* *"Há muitos pais que com esta situação não sabem mesmo (…)"* *" (…) e precisam de saber mais (…)"* *" (…) sobre as posturas (…)"* *" (…) às vezes perceber que…"* *" As queixas, por exemplo, ou porque a criança está muito irritadiça (…)"* *" (…) são casos raros, mas às vezes lembro-me disso (…)"* *" (…) e cansa muito a família (…)"* *" (…) e ela fica sem saber se a irritação é própria da criança (…)"* *" (…) ou se é ela que não sabe tratá-la."* *"Daí que quando me pergunta em dar uma formação é muitíssimo importante."*

Tema: Reflexão sobre a problemática da deficiência

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
III Inclusão Social	Sociedade	Integrações ainda têm lacunas	*"Considero que tem muitas lacunas (…)"* *" (…) a sociedade quer humana, quer a geográfica (…)"* *" (…) ainda há muitas lacunas."* *"Sim é muito complicada, muito difícil."* *"As escolas, por exemplo, há muitas escolas e é muito bom pensar na integração escolar (…)"* *" (…) mas os acessos, as acessibilidades, as barreiras arquitectónicas em muitas escolas ainda é muito grande."* *"Já existem escolas modernas em que já têm essa preocupação (…)"* *" (…) mas são poucas e a população é muita."*
		Nas escolas estão integradas	"Eu sinto que sim (…)" " (…) porque eu tenho poucas experiências (…)" " (…) mas tenho de que quando continuam na escola onde foram integradas (…)" " (…) têm todo o apoio e toda a população e os colegas são muito acessíveis (…)" " (…) aceitam bem e ficam bem integradas." "Ou são integradas e as coisas correm bem (…)" " (…) ou então não são integradas e correm mal (…)" " (…) e quando corre mal não podem

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			mesmo continuar (…)" *" (…) ou é preciso muito esforço por parte da família para superar as lacunas que a escola possa ter."* *"Por exemplo lembro-me que no inicio de uma integração que os avós porque moravam próximo na hora da refeição ou do lanche iam lá (…)"* *" (…) porque havia dificuldade mesmo com a boa vontade dos técnicos."* *"Mas às vezes as situações são tão difíceis que é preciso o tal ensinamento que diz (…)"* *" (…) dar uma prática e os avós faziam um esforço para irem lá dar o iogurte, pelo menos nos primeiros tempos."* *"Mas essa mesma criança que eu estou a rever agora está integrada (…)"* *"Cresceu (…)"* *" (…) veio aqui há dias e fez a escolaridade e é boa aluna (…)"* *" (…) embora tenha imensas dificuldades nas mãos, nas pernas e na fala (…)"* *" (…) mas entende tudo na perfeição."* *"Mas quando há hipóteses mínimas de integração numa escola faz-se bem eu tenho essa ideia (…)"* *" (…) embora ainda haja muitas lacunas e falta imenso."* *"A população é maior do que as escolas podem oferecer."*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
	Sistema legislativo	Existem decretos que protegem a situação	*"Em termos de legislação sim."* *"Há muita legislação na tentativa de proteger a integração e o melhor que possa existir (…)"* *" (…) mas depois a prática é que ainda não é muito feita (…)"* *" (…) ainda não é muito praticada."* *"Em termos de legislação existe (…)"* *" (…) agora pôr em prática é só um começo ainda."*
		Barreiras ainda subsistem	*"As barreiras continuam a existir quer na rua (…)"* *" (…) ainda há dias fomos com os alunos dar um passeio de metro correu imensamente bem porque tivemos muito apoio humano dos profissionais do metro."* *"E no metro, pelo menos as estações que nós utilizámos já tinham as acessibilidades (…)"* *" (…) foram as mais recentes, mas mesmo assim as mais antigas algumas já têm elevador."*
		Transporte público é onde se verificam mais barreiras	*"Mas por exemplo se fossemos de comboio já não seria assim, já havia algumas dificuldades (…)"* *" (…) e os transportes públicos são o caso mais flagrante e até mesmo nas ruas, o atravessar as ruas."* *"Mesmo a população ainda não está muito ensinada para esta problemática (…)"* *" (…) e nós mesmo atravessar as ruas (…)"*

Categorias	Sub – categorias	Indicadores	Unidades de Registo
			" (…) os semáforos passam depressa e as pessoas não se lembram que uma cadeira de rodas, quer seja acompanhada quer seja cadeira de rodas eléctrica não se passa como quem passa a pé e os semáforos são muito rápidos (…)" *" (…) isso foi o que constatei há dias com as cadeiras em irmos daqui entrarmos no metro, que tem elevadores, os tapetes, isso tudo foi óptimo (…)"* *" (…) mas falta muita coisa."*
		Instituição conhece os locais mais acessíveis	*"Quando nós queremos ir (…)"* *" (…) por exemplo a uma peça de teatro temos que escolher qual é o local onde haja acesso (…)"* *" (…) houve uma altura em que havia uma peça de Natal no S. Jorge tínhamos muito gosto em levá-los (…)"* *" (…) e eles também queriam ir ver e foi-nos dito que não era possível (…)"* *" (…) porque não tem acessos para as cadeiras de rodas (…)"* *" (…) tanto no S. Jorge como naquele que haviam umas escadarias muito grandes (…)"* *" (…) e não havia acesso onde o elevador não estava ainda em funcionamento, estavam a colocá-lo."*

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN ***E1***

1- A nível de unidades de apoio há as duas equipas que estão divididas
2- como é o caso aqui a parte dos adultos
3- e a minha outra colega irá falar-lhe mais especificamente sobre a outra unidade.
4- Para além disso, as equipas são divididas por zona de residência
5- e fazem um apoio tanto a colégios como a creches,
6- no fundo a jovens que estão integrados nalgumas instituições ou IPSS ou ditas normais
7- mas nestas situações a minha colega poderá falar melhor do que eu,
8- porque as equipas estão divididas,
9- existe portanto uma equipa multidisciplinar que está dividida por zona de residência que também apanha, de facto, a vossa zona.
10- E elas fazem um trabalho a pedido
11- ou por iniciativa da própria instituição e sobre isso tem mesmo que falar com a minha colega.
12- A nível aqui do centro onde nós estamos que é o CRISP (Centro de Reabilitação e Integração Social e Profissional)
13- que tem funções de CAO,
14- no fundo foi pensado no centro de actividades ocupacionais e na formação profissional
15- mas esta pelo menos há uns 6 anos que, e ainda havia apoios comunitários, desapareceu essa valência
16- e nós temos só um que é o centro de actividades ocupacional, que no fundo é um semi – internato.
17- Esse onde os jovens estão cá desde manhã até a tarde,
18- ao sábado e domingo estão em casa e no mês de Agosto há um interregno para todos termos férias e eles também.
19- Não há outra hipótese,
20- porque como as equipas são relativamente pequenas,
21- há pouco pessoal como sempre,

22- nós não conseguimos manter uma equipa multidisciplinar, indo uns de férias e outros não
23- e este tipo de deficiência necessita de várias especialidades para se pelo menos ter um bem – estar e o estar minimamente bem nestas casas.
24- O centro de actividades ocupacional que há aqui neste momento é a partir dos 16 anos e não tem idade limite, por isso eu tenho gente aqui com quase 50 anos.
25- O que torna muito complicado gerir este leque de actividades,
26- por outro lado, os jovens também nunca tiveram outras experiências e são deficiências adquiridas,
27- por conseguinte vivem e estão e esta é a segunda casa deles,
28- porque eles vivem aqui por vezes até com algum cansaço daqueles que são cognitivamente melhores,
29- porque já estão ca há uns trinta e tal anos.
30- Isto porque também não há saídas,
31- porque as saídas, infelizmente, não existem para outro tipo de instituições
32- e o que tem havido de uns anos até esta parte e é essa a minha experiência, como técnica de serviço social, é a integração em lares,
33- neste momento, há dois anos e o ano passado, foi um ano de muita integração em lares,
34- porque a idade foi avançando e os pais, logicamente ou estão muito mais velhos ou desaparecem
35- e neste momento eu estou nessa fase de integração nos poucos lares que existem
36- e nas poucas vagas que existem e se houvessem muito mais, muitos mais eu integrava em lares,
37- uns não pretendem, porque querem estar com os filhos até ao fim da vida,
38- outros não porque de facto têm consciência de que já não conseguem lhes dar o bem – estar que davam, por isso neste momento a idade é bastante avançada.
39- E portanto é um centro de actividades ocupacional e falando dos apoios que me perguntou,
40- a nível de processo de vinda para esta casa, passa sempre pela técnica de serviço social, que sou eu.
41- As pessoas telefonam
42- e pedem ou uma informação ou um encaminhamento

43- porque neste momento nós não estamos a integrar ninguém no centro de actividades ocupacional,
44- nós somos 52 pessoas e temos trinta e tal cadeiras é assim
45- uma avalanche muito grande e um grande peso,
46- porque por norma todos os jovens de cadeira de rodas que dependem totalmente de nós, para tudo:
47- a locomoção, a parte de higiene, as actividades de vida diária generalizando
48- e isso é muito complicado com o pessoal que desaparece ou se telefona ou está instável e vai para outros sítios e não é substituído
49- e por isso nós estamos sempre com problemas de pessoal é uma grande dificuldade.
50- O apoio que nós fazemos e isso eu faço permanentemente é o encaminhamento
51- é a chegada de pessoas que passaram por cá, por isso vêm à consulta que é no centro de baixo, no CHD,
52- e há um encaminhamento para aqui,
53- por causa da idade, aqui para esta unidade,
54- e esta unidade aqui é mais do encaminhamento,
55- da avaliação, da psicologia, do serviço social, mais desses aspectos,
56- o ano passado ainda entrou gente,
57- este ano, a partir do ano passado foi-me mesmo dito que terminaram as entradas,
58- por isso as pessoas que me pedem as entrevistas é para encaminhamento,
59- não há lista de espera,
60- porque não faz sentido haver uma lista de espera quando não há a possibilidade de saída do local.
61- A dependência é muito grande,
62- porque dependem de transporte
63- e toda a gente protesta,
64- mas tomara todas as instituições terem as carrinhas que nós temos,
65- algumas mais velhas outras mais novas,
66- como sempre a parte automóvel é sempre deficitária e sempre com avarias
67- e mesmo assim adaptadas que correm Lisboa inteira e vão até Loures.
68- Este aspecto é que foi sempre um problema porque dizem Loures nem pensar,
69- Odivelas nem pensar

70- é tentar delimitar o máximo Lisboa.
71- Mas neste caso é complicado, também, porque Lisboa é arredores,
72- porque mesmo em Lisboa devem viver muito poucas pessoas neste momento.
73- Neste caso a escola é mesmo uma valência.
74- O centro de reabilitação de Alcoitão e o centro de paralisia cerebral que somos ministério o outro é saúde e este é trabalho solidariedade social têm normalmente por tradição, é uma herança, uma escola de primeiro ciclo.
75- Esta escola duas salas com professores do ministério mesmo, o que é que eles usufruem?
76- Usufruem de tudo aqui, dos funcionários,
77- há, no entanto, alguns auxiliares que são do ministério da educação, professoras também,
78- mas o espaço, os jovens permanecem aqui,
79- porque são as grandes deficiências,
80- são os grandes problemas que não conseguem,
81- pessoas que não conseguem se integrar nas escolas ditas normais
82- e essas vão ficando por aqui
83- e depois fazem um passo para o centro de actividades ocupacionais,
84- por isso a escola é uma outra valência.
85- Têm autonomia
86- porque é do ministério da educação é a escola do ensino básico nº 204,
87- mas a nível de cá da casa,
88- usufrui de determinadas coisas: do estar, do material,
89- mas tem autonomia.
90- Sim, nós somos de paralisia cerebral e neurológicos afins.
91- Neste último caso apanha-se um bocadinho de tudo
92- o que é patologias que não estão definidas da neurologia e degenerativas,
93- as spínidas bífidas
94- e os traumatismos cranianos,
95- mas relativamente poucos.
96- Temos dois traumatismos cranianos aqui no CAO
97- e de spinidas bífidas temos dois também, já tivemos mais, mas é conforme.
98- Na formação profissional quando tínhamos essa valência é que tínhamos uma maior movimentação

99- porque chegava ao fim dos três anos e havia integração ou não,
100- eles tinham mesmo que sair e integravam-se,
101- portanto eu tive nesses processos porque estou cá há 16 anos,
102- também já fizemos muitas integrações em escola,
103- mas neste momento, nesta casa os jovens que já não são muito jovens,
104- acho que é para bem do nosso ego que nós dizemos jovens,
105- são jovens que não são integráveis mesmo no mundo laboral e na escola.
106- A nível das outras actividades conhecendo o que é um centro de actividades ocupacional é algo em que os jovens estão
107- em que têm um sítio localizado que é os ateliês
108- e depois existem aqueles que nasceram e que permanecem e que ainda ninguém inventou outros
109- que são as tecelagens,
110- as artes do forro,
111- dos azulejos,
112- dos Arraiolos que estão muito postos de lado porque já pouco ou nada existe,
113- por isso não justifica e também não há mãos para fazer e é complicado esta possível actividade com muitas nuances
114- e muitas incapacidades e muitos movimentos seguidos e têm essa dificuldade.
115- Os jovens estão destinados a um ateliê
116- mas depois há um mundo de actividades,
117- de projectos que se fazem
118- e que se desenvolvem com jovens.
119- Todos nós temos,
120- porque desenvolvemos há uns 15 anos uma forma de trabalho que é a equipa multidisciplinar
121- que é relativamente pequena
122- é uma psicóloga,
123- uma assistente social,
124- uma terapeuta ocupacional,
125- um dramoterapeuta que infelizmente não está cá, o ano passado faleceu e não foi substituído
126- e depois os monitores da sala

127- e depois cada um destes técnicos da equipa fixa, a coordenadora é uma terapeuta ocupacional, há uma coordenadora para esta unidade.
128- Nós desenvolvemos uma forma de trabalho que gostamos
129- e temos mantido onde avaliamos
130- e achamos que tem interesse
131- que é cada um de nós tem um clube,
132- por exemplo eu tenho o clube da cultura,
133- a psicóloga tem a música, a dança e todo esse tipo de actividades que apareçam,
134- a cultura dá para tudo é um bocadinho amplo,
135- depois há um colega nosso que tem a rua,
136- o ir para a rua,
137- o estar na cidade,
138- no fundo é apanhar todos os recursos da cidade,
139- integrando-os, mas também fazendo-os participar nesse tipo de actividades.
140- Há o clube do desporto em que vamos sempre às maratonas,
141- cada um de nós está sempre alerta para as actividades que possam ser interessantes para estes jovens
142- e durante o dia temos este tipo de saídas.
143- Não podemos levar as cadeiras todas,
144- o máximo de cadeiras são 6 ou 7 cadeiras,
145- não conseguimos levar mais.
146- Ainda agora estamos a ver, vamos sempre à maratona, há 9 anos que vamos à maratona,
147- acho que fomos os primeiros de cadeiras de rodas a ir à maratona,
148- vão 40 cadeiras por isso tem quase que ir uma pessoa por cadeira
149- e essas actividades desenrolam-se ao longo do ano, vamos programando.
150- Exploramos tudo o que é museus,
151- teatros tudo o que houver durante a manhã,
152- tarde é mais complicado,
153- mas tudo o que houver durante a manhã
154- não há nada que a gente não tente participar,
155- com alguma indicação deles, com sugestão.
156- Fazemos esse tipo de actividades diariamente,

157- depois também fazemos turismo integrado
158- e isso é normalmente durante uma semana
159- para pousadas da juventude ou para outras associações,
160- mas para fora de Lisboa, o ano passado fomos para o Porto, ficámos na associação de paralisia cerebral do Porto,
161- nas instalações de lá que têm,
162- porque a pousada da juventude não estava com lugares para
163- e não era muito adaptada ao grupo que levávamos do Porto.
164- Mas vamos para todo o país,
165- fazemos todos os anos uma saída durante uma semana com um grupo de jovens
166- e aí tentamos ir para a pousada da juventude para os integrar no meio dos outros jovens
167- e no meio da vivência.
168- Nessas saídas com um carácter cultural
169- e recreativo exploramos tudo,
170- se vamos para Viana do Castelo exploramos Viana do Castelo,
171- se vamos para o Algarve para Portimão exploramos as duas coisas se for época de água e de sol,
172- fazemos esse tipo de actividades
173- e depois também fazemos, houve uma altura em que fizemos muito Serra da Estrela,
174- tentamos quase sempre fazer desportos radicais com eles,
175- isso nós fazemos dentro das nossas disponibilidades
176- tiramos o máximo para fora.
177- Depois há projectos como a dança,
178- há aqui uma companhia de dança,
179- há tricicleta é um desporto que está a surgir neste momento,
180- que é uma bicicleta sem pedais
181- e os jovens é que fazem de pedais que são os ambulantes,
182- há a vela adaptada que são as terapeutas novas que pegam neste tipo de actividade,
183- há vela adaptada no rio mesmo,
184- há *boccia* que é crucial desporto em que nos tem dado as célebres medalhas olímpicas,

185- o atletismo,

186- isso são tudo actividades que fazemos.

187- Há jovens que tem mais actividades,

188- outros que tem menos também conforme as dificuldades,

189- as capacidades

190- e o querer deles.

191- Depois há festas de calendário que é o Natal,

192- o Carnaval que o tema foi o cinema em que todos nós arranjámos coisas do cinema.

193- Há o Natal,

194- há o Carnaval,

195- há todas as festas de calendário que se fazem aqui,

196- fazemos uma feira de materiais fabricados nos ateliers,

197- no mês de Dezembro umas semanas antes do Natal que chamamos a Feira das Vaidades,

198- que são peças únicas como eu digo,

199- cada atelier vende aquilo que faz durante o ano.

200- As actividades, de uma forma geral, são estas,

201- são fixas

202- mas nós temos sempre mobilidade

203- ou tentamos estar com alguma capacidade

204- em que aparece uma coisa vamos porque tem interesse,

205- há uma certa flexibilidade,

206- todos nós tentamos sempre trazer qualquer coisa,

207- por exemplo quando é da parte cultural eu normalmente ando sempre em busca de qualquer coisa,

208- normalmente vou ver primeiro se tem interesse.

209- Por exemplo o Darwin só vamos quando eu for ver primeiro

210- e vir que tem interesse, se é com visita guiada ou se não é,

211- se vamos por ir,

212- se vamos só ver,

213- mas nós vamos a um bocadinho de tudo,

214- quando aparece alguma coisa que tem interesse,

215- nós tentamos buscar na cidade tudo.

216- Existem monitores em cada sala
217- e os auxiliares de sala
218- que são imprescindíveis
219- não conseguimos viver sem eles.
220- Sim existe um processo de avaliação.
221- Por exemplo imagine quando há uma entrada ou uma admissão de um jovem,
222- existe uma técnica de serviço social que vai entrevistar a família,
223- onde infelizmente por vezes não é o pai e a mãe,
224- outras vezes é, no meu caso que sou a única aqui peço sempre para vir a família e o jovem,
225- nessa altura o jovem é avaliado pela equipa, pela psicóloga,
226- imagine se nós temos um caso de um jovem que está para entrar,
227- eu proponho em reunião de equipa quer dizer eu não proponho,
228- eu faço todas as semanas um relato de todas as entrevistas que realizo,
229- mesmo aquelas em que eu tenho a liberdade de dizer *aquela família não é para aqui*,
230- é me dado essa liberdade de fazer esse encaminhamento imediato,
231- em dizer que não é para esta instituição é para outra
232- é um bocadinho o trabalho que eu faço pelos pais.
233- Imagine que sim que é um caso para esta instituição,
234- o jovem vem a uma avaliação com a psicóloga, com a fisioterapeuta e com a terapeuta ocupacional
235- e imagine que fica nesta casa,
236- tem três meses por passagem por cada um dos ateliês
237- e depois os jovens nunca ficam um ano inteiro no mesmo sitio,
238- às vezes a pedido, às vezes somos nós mesmo que os mudamos,
239- ao longo do ano há avaliações
240- e o jovem vai sendo avaliado
241- e há um estudo dos casos.
242- Não é uma avaliação com uma grande formalidade,
243- porque este trabalho é um trabalho em equipa,
244- porque isto é um ciclo nós passamos pelas salas,
245- a auxiliar fala connosco,
246- o monitor fala connosco,

247- se há qualquer coisa ali do monitor e as pessoas já tem muitos anos de serviço,
248- as pessoas já sabem que este assunto é para a X que é a assistente social
249- ou para a Y para a psicóloga
250- e depois nós falamos entre nós.
251- Eu faço um bocadinho a centralização de todos os membros,
252- de todos os contactos,
253- por isso a minha agenda está sempre cheia.
254- Os pais telefonam-me sempre e depois daí eu, encaminho de imediato,
255- se é para mim eu avanço,
256- se é uma declaração,
257- se é alguma coisa a nível social,
258- se eu vejo que não
259- ou ponho em equipa
260- ou falo directamente com o técnico que achar a quem o problema é dirigido,
261- há alguém que centraliza,
262- mas é para descentralizar imediatamente,
263- porque tem que ser assim,
264- porque se não toda a gente fala com toda a gente,
265- se mesmo assim já existem estas situações,
266- porque fala-se com o motorista,
267- fala-se com a auxiliar
268- e por muito que se queira há sempre dispersão de problemas
269- e depois as coisinhas tornam-se muito maiores.
270- Não, avaliação propriamente não.
271- Há uma entrevista onde no fundo são recolhidos os dados económicos,
272- não com grande pormenor,
273- apenas com alguns dados,
274- não faço uma avaliação,
275- mas faço uma entrevista,
276- com aquelas perguntas muito dirigidas aquilo que me interessa
277- e depois dai dessa entrevista é que se faz a avaliação do jovem à família.
278- Mas à família propriamente dita não é feita,
279- o que nos interessa neste momento e a quem nos dirigimos é ao jovem.

280- O que se faz à família é no fundo retirar dados importantes para caracterização do utente que nos apareceu
281- e depois há todo um trabalho com a família, mas que é posterior.
282- É conforme as famílias, não há regras.
283- Nós tentamos que a família participe em muita coisa que se realiza nesta casa,
284- mas há famílias mais ausentes que outras,
285- até pelo ritmo de vida.
286- Repare, a maior parte das pessoas trabalham,
287- tem os seus horários,
288- há o ir a correr para tomar conta do jovem,
289- para o receber em casa,
290- mas há um contacto permanente.
291- Há semanas em que aquela família não fala,
292- ou eu não falo com aquela família,
293- depois também é conforme o tipo de jovem,
294- o tipo de família,
295- se está mais ansiosa,
296- se ainda estão, na deficiência existe muito aquela parte do luto,
297- e depois chega a uma certa altura em que as pessoas têm um filho deficiente com 20 ou 30 anos
298- e aí são os problemas diários das coisas que acontecem na vida diária.
299- Nós fazemos uma intervenção telefónica
300- ou a pedido para virem mesmo à instituição para falarem com um ou outro técnico
301- ou somos nós ou é a família que contacta.
302- Agora há famílias muito mais participativas do que outras,
303- no sentido de nos pedirem coisas de nos solicitarem um contacto mais permanente,
304- há outras mais afastadas.
305- Mas isso também é conforme as características,
306- se o jovem for mais independente, mais autónomo há todo um processo
307- e depois há famílias muito desestruturadas
308- e depois há famílias relativamente estruturadas que não sabem lidar com uma deficiência destas.

309- Não vêm muito,

310- participam no sentido, por exemplo quando nós fazemos saídas de dias os pais não vão,

311- porque isto é mesmo para o jovem,

312- para descansar os pais e para envolver o jovem noutro mundo

313- e não estar sempre com os pais

314- há todo um objectivo, há vários objectivos nestas saídas.

315- Às outras actividades, sim vêm à feira das vaidades,

316- o arraial fazemos um arraial nos santos populares que aqui é S. Pedro participam,

317- mas há pais que não vêm.

318- Mas há pais que não vêm também é porque se as horas são diferentes porque depois temos logo problemas de transporte,

319- imagine uma pessoa sem transporte adaptado como é que leva um jovem destes para casa

320- e nós mesmo que façamos aqui uma coisa às tantas da noite é complicado ter transporte para todos

321- e assim temos que gerir isto,

322- mas por exemplo à maratona participam imensos,

323- não participam todos mas participam

324- e participam pais e jovens.

325- Nas festas não há um grande costume de virem para aqui,

326- ao Carnaval não vão,

327- mas por exemplo é mais os arraiais,

328- a feira das vaidades

329- ou alguma filmagem algum filme que se faça em que os filhos tenham sido protagonistas

330- e assim participam evidentemente.

331- Não.

332- Eu acho que pais são pais,

333- o ser pai e mãe é uma coisa que já vem.

334- Agora há coisas que no processo de reabilitação,

335- quando eles são pequenos há terapias que se fazem juntamente com os pais,

336- isso a minha colega irá falar-lhe mais sobre isso.

337- Aqui neste espaço não,
338- porque aqui os jovens já passaram por um processo de reabilitação,
339- já são adultos,
340- mas agora a nível dos pequeninos,
341- muitas das vezes os pais são chamados a participar,
342- o dar comer,
343- porque aqui a maior parte dos nossos jovens nós temos que dar de comer,
344- a parte das higienes todas,
345- há um todo de ensinamento, isso é parte prática,
346- depois a outra do lidar com o jovem,
347- há trabalho feito mas não é,
348- é como a educação normal,
349- é um percurso normal de outra criança,
350- mas aquela tem algumas dificuldades essas que os pais vão percebendo
351- e tem sempre a esperança que os filhos que vão andar,
352- que vão se mexer,
353- que vão falar
354- e depois as esperanças vão desaparecendo ao longo dos anos.
355- Aqui tenho uma experiencia completamente diferente,
356- porque eu aqui, quando eles chegam aqui a esta zona já tem mais de 16 anos,
357- por isso algumas das esperanças já se foram,
358- mas eles ainda tem sempre esperança
359- e recorrem a medicinas alternativas
360- e outro tipo de coisas que de vez em quando nos dizem directamente a quem tem mais confiança.
361- É muito interessante que a nível de confiança,
362- e este é um processo normal de empatia,
363- mas nesta equipa os pais têm empatia por uma pessoa
364- ou outra e vão debitando as suas preocupações,
365- os seus problemas
366- e coisas que nunca contam a ninguém.
367- Até costumo dizer que não já não se vão confessar ao padre,
368- vêm muito falar e às vezes pedem para vir falar
369- e só passado um bocadinho é que percebo,

370- também já são 30 anos de trabalho,
371- percebo passado pouco tempo o porquê,
372- mas há ali outro porquê muito mais atrás,
373- com problemas e dúvidas que surgem e questões que vêm-nos pôr.
374- Mas um ensino específico não, mas por exemplo nós aqui, nesta equipa, fazemos sempre visitas domiciliárias
375- entra um jovem e nós automaticamente fazemos sempre uma visita domiciliária com um propósito vemos se quer,
376- se não quer fecha a porta.
377- Nós temos aqui dois ou três que nunca nos facultaram
378- e nós não vamos lá bisbilhotar,
379- nós tentamos sempre facilitar.
380- Nessas visitas domiciliárias vão sempre a terapeuta ocupacional,
381- a fisioterapeuta
382- e a assistente social
383- e no fundo o que nós queremos é facilitar dentro daquela casa alguma coisa que facilite a vida a estas pessoas,
384- que é desde o banho a alimentação,
385- a tudo há coisas práticas e coisas às vezes muito simples que se podem ajudar a facilitar a vida da criança é que são muitas horas.
386- Eles saem daqui por volta das 4h30 estão até de manhã,
387- dormem,
388- comem,
389- fazem a sua higiene raramente é feita aqui,
390- tem sábado e domingo em casa
391- e o mês de Agosto, são muitas horas em casa.
392- Acho que é um grande peso para aqueles pais,
393- porque eles vão crescendo,
394- são cada vez maiores,
395- crescem muito,
396- pesam muito
397- e os pais vão tendo cada vez menos forças.
398- Existem alguns com muitas dependências
399- e aí quando se faz uma visita domiciliária,

400- tenta-se fazer isso mesmo o ensinamento e um facilitar, por exemplo o arranjar uma cadeira sanitária que seja melhor
401- ou fazer um polibã.
402- Esse tipo de adaptações,
403- isso é feito pela equipa ou a pedido dos pais
404- ou mesmos por sugestão nossa,
405- porque nós percebemos que há ali problemas
406- e então vamos ver como é.
407- Quando entram nesta casa
408- faz-se logo uma visita domiciliária
409- e como lhe digo há duas em que os pais recusam
410- e nós aí não podemos.
411- Sim é uma tentativa de facilitar a vida daquele jovem para o cliente que é designação que se utiliza agora,
412- e para os pais,
413- para se facilitar o máximo.
414- È uma rampa,
415- são coisas às vezes com dificuldade de serem realizadas
416- outras são simples de realizar,
417- de adaptar e depois há duvidas que os pais colocam,
418- ou colocam a mim
419- ou falam directamente com as terapeutas
420- e elas adaptam
421- ou uma colher
422- ou um prato que é fixo,
423- porque aqui a alimentação é muito mais praticada do que em casa,
424- por muito que me digam, em casa uma pessoa tem que despachar
425- e tem a noite para resolver.
426- Eles aqui são dependentes de adaptações,
427- às vezes chegamos às casas
428- e as adaptações não estão lá
429- e nós percebemos muito bem insistimos muito,
430- e também não se nós naquela situação não fazíamos o mesmo,
431- se não dávamos também.

432- È uma pergunta vastíssima.
433- Da minha experiência as coisas não estão nada melhores,
434- pioraram de uns anos a esta parte.
435- Eu acho que elas nunca tiveram boas,
436- porque se estivessem boas,
437- tinham permanecido boas.
438- Houve um esforço grande da sociedade
439- e trabalho em reabilitação há praticamente 30 anos ou faz este ano,
440- com uma fuga de 7 anos para idosos,
441- mas que também tem muito a ver.
442- Trabalhei durante 10 anos no Centro de Reabilitação em Alcoitão,
443- tive 7 em idosos e estou aqui há 16 anos.
444- Acontece que desde que eu entrei há 30 anos até agora a diferença é abismal em tudo.
445- Principalmente até da forma como nós vemos o deficiente,
446- as coisas mudaram muito,
447- mesmo que nos meios de comunicação, aqueles mais célebres e que nos tentam dizer coisas ao contrário,
448- com algum espectáculo nos digam coisas incríveis,
449- acho que há coisas que melhoraram muito,
450- a diferença é do dia para a noite.
451- Depois a sociedade,
452- nas acessibilidades houve uma melhoria sem dúvida que houve,
453- não podemos dizer que não houve.
454- Houve uma fase em que foi assim um evoluir fabuloso,
455- pronto e as coisas estavam mais abertas.
456- Neste momento as coisas estão mais difíceis
457- e isso eu penso que é um bocado fruto da sociedade e do momento.
458- Mas há uns anos que nós sentimos isso.
459- Depois a nível de benefícios,
460- o que se chama a integração de um jovem ou uma pessoa com grandes incapacidades na sociedade,
461- temos que pensar muito seriamente como é,
462- como vai ser e como tem sido.

463- Sinto algumas dificuldades mesmo a nível escolar há dificuldades,
464- porque eles são grandes incapacitados,
465- tudo tem que estar muito adaptado para a criança vir minimamente integrada na escola,
466- a nível da daquilo que foi formação profissional nós fizemos integrações belíssimas com êxito,
467- mas foram aqueles com menos problemas motores, por exemplo.
468- Isto porque tudo o que seja uma cadeira eléctrica que é o não falar,
469- o ter necessidades básicas de apoio na casa de banho,
470- de alimentação,
471- há dificuldade em mobilizar a sociedade,
472- as pessoas que estejam nas instituições sejam privadas ou públicas para dar um apoio a estas pessoas,
473- há alguns êxitos,
474- há coisas boas,
475- há coisas que se fazem,
476- há coisas que são difíceis.
477- Há depois a própria sociedade, por exemplo Lisboa, a nível das acessibilidades
478- nós também já estamos muito rodados
479- porque já sabemos que vamos para aquele sitio
480- e que para aquele sitio podemos levar não sei quantas cadeiras,
481- porque as cadeiras de rodas eléctricas só andam nalguns sítios,
482- porque se não é um pesadelo,
483- porque temos um peso enorme que para além da pessoa sentada temos as baterias para subir um passeio é bonito.
484- Por isso nós também já nos adaptámos às acessibilidades,
485- aos locais porque nós deparamo-nos com barreiras terríveis
486- e isso somos nós,
487- imagine os pais.
488- Muitos jovens saem daqui sexta-feira
489- e entram na segunda,
490- porque passam o fim-de-semana em casa.
491- Nós também fazemos praias
492- e campos

493- e a equipa participa toda,
494- vamos para Sesimbra que é o sítio que até hoje achamos mais acessível,
495- porque tem aquelas rampas junto dos hotéis,
496- dizem que é longe,
497- mas é agradável serve de passeio,
498- e tem um bocadinho de iodo
499- e nós entramos em Junho ou Julho
500- e vamos para a praia.
501- Cada um de nós é responsável por uma praia ou um campo,
502- o campo é sempre muito complicado,
503- muito difícil, porque tem sempre que haver uma actividade cultural junto ao campo
504- porque se não, para nós já é muito monótono,
505- quanto mais para uma pessoa que não se mexe numa cadeira.
506- Isto para lhe dizer que muitos dos sítios conhecem-nos através desta casa,
507- porque os pais nem tem capacidade, nem físicas nem materiais para os levar,
508- há outros que sim que têm.
509- Nós aqui apostámos um bocadinho em integrá-los no social, no cultural e voltar para essa vertente,
510- porque é aquela em que podemos explorar mais,
511- já o mundo laboral lhes é totalmente ou quase cortado então vamos explorar a cidade com os meios ou os arredores da cidade,
512- portanto vamos fazendo esse tipo de dirigir as actividades para isso.
513- Agora que as coisas estão complicadas algumas estão.
514- Foram por directrizes superiores que deixámos de ter essa valência,
515- porque a integração era muito complicada,
516- integravam-se meia dúzia deles.
517- Agora quando descer que deve ser a hora do pequeno – almoço vai ver as deficiências que nós temos
518- que são grandes incapacidades, graves problemas motores.
519- A paralisia cerebral atinge a parte cognitiva e a parte motora
520- e depois há sempre um reverso que é os que tem a parte motora boa e a parte cognitiva é fraquíssima
521- e aqueles em que a motora é muito má a cognitiva é boa,

522- então é muito complicado.
523- Depois há um *handicap* que, às vezes penso muito nisso é que estas pessoas nasceram com esta deficiência,
524- motivo de uma doença, ou por complicações de parto,
525- há outras que são desconhecidas,
526- estas pessoas nunca se viram normais,
527- por isso estiveram sempre num processo de reabilitação,
528- por isso estiveram sempre todas num ninho,
529- foi sempre tudo com muitos cuidados
530- e depois são pessoas que não tem nem experiências nem vivências normais,
531- não são os jovens que andam aí na rua,
532- que partem a cabeça e levantam-se,
533- por isso são pessoas que têm esse défice de experiências sociais,
534- por muito que a gente os leve para a rua,
535- que vão para o turismo é sempre protegido.
536- Tentamos libertar-nos mas estamos sempre atrás,
537- não os largamos, como os pais não os largam.
538- Dizem que os pais são galinha
539- e nós somos instituição galinha,
540- sou um técnico galinha, porque levar 6 ou 7 cadeiras para uma actividade,
541- por exemplo nós o ano passado fomos para o Porto,
542- uma semana e nós fazemos de segunda a sábado uma semana certinha,
543- vimos no sábado ao fim da tarde.
544- Programámos tudo, desde a parte desportiva à parte cultural,
545- explorámos o Porto todo e arredores,
546- mas é connosco, eles não estão em liberdade de fazer nada,
547- não há, por muito que nós, no fundo é algo sempre muito acompanhado,
548- aqueles que tem liberdade e independência,
549- esses fazem e há alguns casos que são casados que vivem com alguém,
550- que têm companheira,
551- que têm filhos e que conseguem,
552- mas esses são uma minoria.
553- No papel há coisas bonitas agora na prática é complicado.
554- Na prática as coisas são difíceis.

555- Começo pela parte das acessibilidades,

556- da construção dos edifícios em públicos ou privados,

557- a lei é belíssima,

558- mas na prática ainda continua a haver escadas ou portas em que não entram cadeiras de rodas.

559- Nós olhamos para as portas

560- e vemos logo que não cabe uma cadeira de rodas,

561- ainda vemos sítios em que não há rampas e isso é logo um *handicap* maior,

562- pode-me dizer que há outro,

563- mas estes são muito grandes.

564- A pessoa chega a um sitio e não entra

565- e o que é que se faz, como é que participa e há uma coisa normalmente, na maior parte das vezes a gente vai lá por artimanhas,

566- vai pelas traseiras,

567- vai pelo elevador das cargas,

568- por isso damos a volta ao problema,

569- porque se não chegamos a um sitio e não entramos,

570- então como não entramos sabemos que vamos dar a volta,

571- uma pessoa sozinha não dá a volta, em grupo dá a volta.

LISTAGEM DAS UNIDADES DE REGISTO

INSTITUIÇÃO: CENTRO DE REABILITAÇÃO DE PARALISIA CEREBRAL CALOUSTE GULBENKIAN *(Dr.ª Águeda Gonçalves)* ***E2***

1- Funciono numa equipa de externos
2- e tem também uma equipa da escola
3- onde funciona diariamente com os alunos de uma escola que é a escola 204 que está integrada no centro.
4- Nós funcionamos em equipa
5- que está dividida por zonas de residência,
6- Equipa 1, 2 e 3, a equipa onde eu pertenço tem a zona de Loures, Odivelas e uma Grande Lisboa que é até 1700 é esta a área.
7- O atendimento começa-se pelas consultas de avaliação,
8- quando ou o médico do hospital ou muito raramente a própria família tem dúvidas ou alguma amiga que ouviu dizer que é conveniente ir ao centro de paralisia cerebral com a criança ou jovem e que pedem aqui uma consulta.
9- Assim vai para a triagem
10- e depois essa equipa diz para que equipa é que vai,
11- a partir daí vai para uma consulta de avaliação onde vem a família, a criança ou o jovem
12- e está a equipa toda que é a assistente social, a psicóloga, a terapeuta ocupacional, da fala e a enfermeira.
13- Depois a equipa vê a situação da criança/ jovem,
14- a assistente social entretanto, depois da mãe ou os pais já estarem com a criança entregue aos terapeutas, reúne-se com a família para fazer a parte social.
15- Outras vezes a família quer muito estar presente,
16- a ver todas as movimentações e a assistente social estará aí, também,
17- e verá o que é necessário se poder fazer uma entrevista num outro dia se os pais assim preferirem,
18- no campo social, o campo económico, a habitação, as dificuldades que possa ter, qual é o objectivo da consulta, outras vezes quando vem indicado pelos médicos já vem dos hospitais com o relatório, isso é a primeira consulta.
19- Se for considerado que o jovem ou a criança fica na equipa,
20- a equipa marca os dias de tratamento

21- e a partir daí a criança ou o jovem que vem aos tratamentos é acompanhada dos pais ou dos familiares, por quem quer que seja,
22- vai para os tratamentos
23- e nós estamos a apoiar naquilo que as mães no campo laboral,
24- no campo de apoios no exterior,
25- no campo das ajudas técnicas que as terapeutas possam indicar
26- e a partir daí continuamos a dar o apoio,
27- isto é o exemplo de uma família que cabe a todos no geral,
28- depois umas com umas nuances diferentes,
29- mas o apoio é muito profissional com os vários técnicos.
30- O primeiro é na consulta,
31- depois todo o apoio, por exemplo os tratamentos são as terapeutas
32- e o apoio social nesse aspecto,
33- a família estará connosco
34- e será a nível de dúvidas que possam ter,
35- porque embora não pareça grande parte das famílias não sabe os direitos que a criança tem a nível de bonificações,
36- dos subsídios ao que têm direito,
37- como funciona,
38- aonde e como se dirigir,
39- isto é nesse aspecto que é o mais geral,
40- normalmente sabem mas a maior parte das pessoas não sabe que para além do abono de família pode ter outros direitos
41- e se necessitar de algum apoio domiciliário, de um apoio de uma terceira pessoa, muitos não sabem mas isto também pode ser comparticipado,
42- embora seja pouco, mas sempre é uma ajuda.
43- Depois quando há escolaridade também nos põem as dúvidas,
44- as dificuldades que têm em ter uma escola mais próxima da residência
45- ou às vezes há escolas próximas das residências,
46- mas os pais preferem por outros motivos ou pelo local do trabalho, às vezes é preferível os pais os levarem para perto da zona de trabalho
47- e depois aí vem os transportes,
48- as dificuldades dos transportes,
49- os pais a grande parte tem dificuldades em transportes

50- e muitas vezes aí nós recorremos à câmara a pedir ajuda que o pouco que nos dão é muito,
51- mas precisávamos de mais,
52- mesmo para virem a tratamentos
53- e outras vezes quando as crianças frequentam aqui a escola também,
54- para virem e para regressarem.
55- É a assistente social,
56- a psicóloga,
57- a enfermeira
58- e os terapeutas:
59- a terapeuta ocupacional,
60- a fisioterapeuta
61- e a terapeuta da fala,
62- acho que não me estou a esquecer de nenhuma terapia e o médico.
63- Vou imaginar uma família de um bebé pequeno,
64- primeiro perguntamos se já tem ama,
65- se frequenta a creche ou uma escola,
66- se já tem ama, uma creche ou se já anda na escola,
67- a equipa se necessário desloca-se à escola,
68- sobretudo a equipa das terapias para ver o posicionamento,
69- os materiais que a escola tem ou não tem,
70- o que precisa para os prescrever.
71- Ao prescrever, tanto pode fazê-lo a pedir materiais para uso em casa como também para apoio escolar,
72- depois a ligação da equipa do centro com a equipa da escola ou da ama ou da creche faz-se consoante a necessidade dos técnicos do exterior.
73- Se isso for preciso frequentemente fazem-se as reuniões lá,
74- a equipa desloca-se lá para ver se a criança ficou bem posicionada
75- ou às vezes a equipa da escola tem dificuldades na alimentação ou tem dúvidas,
76- ou nos contacta, as vezes até os convidamos para virem cá ver uma sessão de alimentação ou de fisioterapia,
77- outras vezes somos nós que nos deslocamos lá
78- é esse o apoio que nós é esse o apoio que nós fazemos,
79- acompanhamos o evoluir da criança,

80- até portanto creche, depois escola, fazemos o mesmo é a integração.
81- Integração na escola,
82- integração social
83- e na família onde for,
84- na comunidade inclusive.
85- No campo social, partindo da base de uma entrevista solicitamos à família quais as dúvidas,
86- qual a preocupação maior que têm de momento
87- e a partir dali a família nos dirá aquilo que sente ou outras vezes que precisa,
88- outras vezes nós também encaminhamos a conversa para ela ver se ela não precisa disto
89- ou se já tem aquilo,
90- se já tem esta situação resolvida,
91- se está ou não e informamos como se faz.
92- Eu sinto que a maior parte das vezes é muito próxima,
93- a família gosta de nos abordar e de sentir que nós perguntamos se as coisas estão a correr bem,
94- se estão encaminhadas ou mesmo que tenham dúvidas
95- e que venham ter connosco
96- ou se não têm estão muitas vezes a abrir-se cada vez mais com outras nuances da sua situação.
97- Sinto, por isso que é muito próxima é mais o próximo,
98- raros são os que se afastam.
99- Normalmente e esta é a minha impressão e não sei se estará certa, mas, às vezes quando se afastam é porque tem lacunas que não nos querem dizer tudo
100- e tem aquele receio de nós estarmos...
101- Nós também se sentirmos,
102- às vezes que estamos a ser incómodas,
103- se a pessoa não quer responder,
104- nós damos a liberdade
105- e dizemos quando quiser estamos abertos a isso.
106- Sim mas o objectivo principal é a criança,
107- se vai andar,
108- se vai comer melhor,

109- se vai falar é o que elas trazem mesmo.
110- Depois em certa parte vem o lado social,
111- o lado económico que também lhes interessa muito,
112- ou é encaminhado
113- e percebe os caminhos e os passos a dar e dão
114- e dizem *olhe correu mal e agora vai ter que contactar a colega X ou Y* da zona,
115- então se corre bem melhor.
116- Acho muito mesmo,
117- muito importante.
118- Há muitos pais que com esta situação não sabem mesmo
119- e precisam de saber mais,
120- sobre as posturas,
121- às vezes perceber que…
122- As queixas, por exemplo, ou porque a criança está muito irritadiça,
123- são casos raros, mas às vezes lembro-me disso
124- e cansa muito a família
125- e ela fica sem saber se a irritação é própria da criança
126- ou se é ela que não sabe tratá-la.
127- Daí que quando me pergunta em dar uma formação é muitíssimo importante.
128- Considero que tem muitas lacunas,
129- a sociedade quer humana, quer a geográfica,
130- ainda há muitas lacunas.
131- Sim é muito complicada, muito difícil.
132- As escolas, por exemplo, há muitas escolas e é muito bom pensar na integração escolar,
133- mas os acessos, as acessibilidades, as barreiras arquitectónicas em muitas escolas ainda é muito grande.
134- Já existem escolas modernas em que já têm essa preocupação,
135- mas são poucas e a população é muita.
136- Eu sinto que sim,
137- porque eu tenho poucas experiências,
138- mas tenho de que quando continuam na escola onde foram integradas,
139- têm todo o apoio e toda a população e os colegas são muito acessíveis,
140- aceitam bem e ficam bem integradas.

141- Ou são integradas e as coisas correm bem

142- ou então não são integradas e correm mal

143- e quando corre mal não podem mesmo continuar,

144- ou é preciso muito esforço por parte da família para superar as lacunas que a escola possa ter.

145- Por exemplo lembro-me que no inicio de uma integração que os avós porque moravam próximo na hora da refeição ou do lanche iam lá,

146- porque havia dificuldade mesmo com a boa vontade dos técnicos.

147- Mas às vezes as situações são tão difíceis que é preciso o tal ensinamento que diz,

148- dar uma prática e os avós faziam um esforço para irem lá dar o iogurte, pelo menos nos primeiros tempos.

149- Mas essa mesma criança que eu estou a rever agora está integrada,

150- Cresceu

151- veio aqui há dias e fez a escolaridade e é boa aluna,

152- embora tenha imensas dificuldades nas mãos, nas pernas e na fala,

153- mas entende tudo na perfeição.

154- Mas quando há hipóteses mínimas de integração numa escola faz-se bem eu tenho essa ideia,

155- embora ainda haja muitas lacunas e falta imenso.

156- A população é maior do que as escolas podem oferecer.

157- Em termos de legislação sim.

158- Há muita legislação na tentativa de proteger a integração e o melhor que possa existir,

159- mas depois a prática é que ainda não é muito feita,

160- ainda não é muito praticada.

161- As barreiras continuam a existir quer na rua,

162- ainda há dias fomos com os alunos dar um passeio de metro correu imensamente bem porque tivemos muito apoio humano dos profissionais do metro.

163- E no metro, pelo menos as estações que nós utilizámos já tinham as acessibilidades,

164- foram as mais recentes, mas mesmo assim as mais antigas algumas já têm elevador.

165- Mas por exemplo se fossemos de comboio já não seria assim, já havia algumas dificuldades

166- e os transportes públicos são o caso mais flagrante e até mesmo nas ruas, o atravessar as ruas.

167- Mesmo a população ainda não está muito ensinada para esta problemática

168- e nós mesmo atravessar as ruas,

169- os semáforos passam depressa e as pessoas não se lembram que uma cadeira de rodas, quer seja acompanhada quer seja cadeira de rodas eléctrica não se passa como quem passa a pé e os semáforos são muito rápidos,

170- isso foi o que constatei há dias com as cadeiras em irmos daqui entrarmos no metro, que tem elevadores, os tapetes, isso tudo foi óptimo,

171- mas falta muita coisa.

172- Em termos de legislação existe,

173- agora pôr em prática é só um começo ainda.

174- Quando nós queremos ir,

175- por exemplo a uma peça de teatro temos que escolher qual é o local onde haja acesso,

176- houve uma altura em que havia uma peça de Natal no S. Jorge tínhamos muito gosto em levá-los

177- e eles também queriam ir ver e foi-nos dito que não era possível,

178- porque não tem acessos para as cadeiras de rodas,

179- tanto no S. Jorge como naquele que haviam umas escadarias muito grandes

180- e não havia acesso onde o elevador não estava ainda em funcionamento, estavam a colocá-lo.

181- É o acompanhamento e o encaminhamento das crianças

182- e depois elas vêm cá em consultas periódicas,

183- consoante a médica aconselhar, de três em três meses ou de seis em seis meses.

184- Se forem mais crescidos vêm de seis em seis meses só para ver como está, se as ajudas técnicas ainda estão ao nível da evolução da criança.

185- Dirigem-se sempre que necessário

186- e sempre que solicitado,

187- mas mesmo assim ficamos sempre a saber que este jovem / criança está naquela escola

188- é desta equipa e programamos que periodicamente ou vamos lá ou combinamos com a escola,

189- dizemos *olhem nós estamos a pensar ir no dia tal é possível? O que é que vocês precisam para a integração dessa criança?*

190- Sim é mais fácil porque já está aqui.

191- Praticamente quase no dia-a-dia,

192- quando há qualquer coisa, dirigem-se logo ou à enfermagem ou mesmo aos técnicos nós dizemos:

193- *olhem isto está a funcionar mal,* até mesmo a nível dos computadores…

194- qualquer coisa a equipa técnica que pertence à escola está ao corrente da situação.

195- Sim mesmo a nível do próprio ministério da educação temos que ter um plano individual deles com tudo,

196- quer a nível escolar quer a nível das terapias de toda a equipa técnica.

197- Juntamo-nos,

198- fazemos uma reunião onde está a professora,

199- está a equipa toda e juntos fazemos a ficha,

200- isto nós fazemos nesta escola.

201- Mas o que fazemos aqui é prática nas outras escolas onde têm a vertente de educação especial com necessidades educativas especiais.

202- Sim, são até porque sentem que é um apoio importante que é uma mais-valia para eles.

203- Na minha equipa não tenho tido dificuldades,

204- pelo contrário estamos em sintonia,

205- pedem-nos quando vêm aqui à consulta dizem,

206- por exemplo, a cadeira que está na escola não está a funcionar bem, ou vice – versa…

207- há sempre uma relação muito próxima.

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

- **FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

Nome do Estabelecimento	Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian		
Endereço	Avenida Rainha D. Amélia		
Localidade	Lumiar - Lisboa		
Código Postal	1600 – 676 Lisboa		
Distrito	Lisboa	Concelho	Lisboa
Telefone	217 512 700	Fax	217 512 727
Correio electrónico	crpccg@mail.telepac.pt		

CERCI ☐ Associação / IPSS ☐ Colégio ☐

REGIME DE FUNCIONAMENTO			
Atendimento Presencial	X	Atendimento Via Postal	X
Atendimento Telefónico	X	Ambulatório	X
Consulta Externa	X	Domiciliário	X
Internamento	☐	Semi – Internamento	X
Internato	☐	Externato	☐
Outro (s) _____			

ÂMBITO DE FUNCIONAMENTO	**SIM**	**NÃO**
Deficiência Mental		
Deficiência Visual		
Deficiência Motora		
Deficiência Auditiva		
Paralisia Cerebral	X	
Outra (s): neurológicos afins		

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*	**SIM**	**NÃO**
Formação Profissional e Emprego		
Educação	X	
Apoios especializados	X	
Programas de Natureza Social	X	
Apoios Técnicos	X	
Avaliação	X	
Outro (s)		

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO	Definitiva X	Provisória ☐

- **UTENTES**

Nº Total de utentes acompanhados									
IDADE E SEXO DOS UTENTES DO CONCELHO DE LOURES*									
até aos 6 anos		6 -10 anos		11 – 15 anos		16 – 18 anos		19 – 25 anos	
F= 4	M= 5	F= 5	M= 5	F= 23	M= 5	F= 7	M= 7	F= 7	M= 24
26 – 35 anos		36 – 45 anos		46 – 50 anos		51 – 60 anos		+ 60 anos	
F= 11	M= 15	F=10	M= 9	F= 0	M= 1	F= 2	M= 3	F= 0	M= 0

Nº DE UTENTES POR TIPO DE DEFICIÊNCIA	
Deficiência Auditiva= _____	Deficiência Visual= _____
Deficiência Motora= _____	Deficiência Mental= _____
Paralisia Cerebral= _____	Outras Deficiências= _____

Nº DE UTENTES POR GRAU DE DEFICIÊNCIA	
Sem grau atribuído= _____	Inferior a 30%= _____
De 30% a 59%= _____	De 60% a 80%= _____
Superior a 80% = _____	

LOCAL DE ORIGEM DOS UTENTES ACOMPANHADOS PELA INSTITUIÇÃO	
Apelação= 1	Bobadela= 2
Bucelas= 6	Camarate= 10
Fanhões= 2	Frielas= 0
Loures= 43	Lousa= 1
Moscavide= 2	Portela= 2
Prior Velho= 0	S. João da Talha= 4
Sacavém= 5	Stº Antão do Tojal= 2
S. Julião do Tojal= 0	Stª Iria da Azóia= 3
Stº António dos Cavaleiros= 18	Unhos= 0

* Se não estiverem disponíveis estes dados, colocar apenas o total por idades, fazendo essa indicação com a seguinte referência: T=, num dos espaços riscando a indicação solicitada. Por exemplo:

F= T=	M=

- **RECURSOS FÍSICOS DO ESTABELECIMENTO**

ESPAÇOS FÍSICOS					
	Nº		Nº		Nº
Sala de Aula	11	Oficinas	1	Gabinetes	18
Salas de Reunião	4	Ginásio	2	Polivalente	1
Espaços Cobertos	2	Espaços descobertos	2	Outros: Refeitório	2

CONSIDERA QUE, DE UMA FORMA GERAL, OS ESPAÇOS SÃO ADEQUADOS AO PÚBLICO? Sim.		
Sim ☐ Especifique:	Não ☐ Especifique:	Apenas alguns espaços ☐ Especifique:
O CRPCCG dispõe de bons espaços, com boas áreas e boas condições de acessibilidade.	_____ _____ _____	_____ _____ _____

RECURSOS DISPONÍVEIS NA INSTITUIÇÃO		
Elevador X	Casa de Banho para portadores de deficiência X	Rampas X
Portas automáticas X	Elevador de escadas ☐	Outra: Qual: _____
Mapa da Instituição em Braille ☐	Software em Braille ☐	_____ _____

TRANSPORTES		
O estabelecimento providencia transporte próprio aos alunos que mais necessitam?		
Sim X	Não ☐	Apenas a alguns ☐
Esse transporte é adequado às características dos alunos?		Especifique: _____
Sim X	Não ☐	_____

VALÊNCIAS DE ATENDIMENTO*

Formação Profissional	**Sim**	**Não**
Apoio na procura do 1º emprego		X
Apoio no auto emprego		X
Apoio na integração profissional		X
Cursos de formação profissional*		X
Emprego Protegido		X
Informação e apoio em programas pré – profissionais	X	
Orientação profissional		X
Readaptação ao trabalho		X
Instalação por conta própria		X
Informação sobre ajudas técnicas	X	
Avaliação (aconselhamento / orientação/ avaliação)	X	
Educação	X	
Intervenção Precoce	X	
Jardim – de – Infancia	X	
Ensino Pré – Escolar	X	
Ensino Básico (1º Ciclo)	X	

	Sim	**Não**
Ensino Básico (2º Ciclo)		**X**
Ensino Básico (3º Ciclo)		X
Ensino Secundário		X
Apoios Especializados	X	
Serviço Social	X	
Terapia Ocupacional	X	
Apoios e acompanhamento familiar	X	
Psicologia	X	
Psicomotricidade	X	
Fisioterapia	X	
Mobilidade		X
Programas de Natureza Social		
Centro de Dia		X
Lar de Idosos		X
Residências		X
Programas Ocupacionais	X	
Programas Culturais	X	

	Sim	**Não**
Creche		**X**
Creche Familiar		X
Apoio sócio – familiar	X	
Atelier dos tempos livres		X
Programas Desportivos	X	
Apoios Técnicos	X	
Ajudas técnicas	X	
Atendimento	X	
Aconselhamento	X	
Transportes	X	
Ajudas financeiras		X
Apoio financeiro		X
Apoio jurídico		X
Apoio domiciliário		X
Informações gerais	X	

redesocialLoures

Diagnóstico

Área da Deficiência

Apresentação dos primeiros resultados

redesocialLoures

Estrutura da Apresentação

Introdução

I. Objectivos do Estudo

II. Objecto de Estudo

III. Metodologia de Acção

IV. Resultados Obtidos

Principais Conclusões

redesocialLoures

Introdução

A Rede Social de Loures inscreveu no plano de acção para 2008, inserido no Plano de Desenvolvimento Social 2008 – 2010, a acção *Melhorar a Qualidade da Intervenção Social no Concelho de Loures*, na sequência do objectivo específico *realizar o diagnóstico de situação das pessoas com deficiência* residentes no concelho de Loures.

redesocialLoures

Introdução

Grupo de Trabalho:

- GARSE/ Secretariado Técnico da Rede Social – Lúcia Santos e Sara Branco
- Gabinete de Saúde – Beatriz Reis
- Centro de Saúde de Sacavém – Enfermeira Fátima Borrego
- CREACIL – Teresa Abreu

I. Objectivos

Desenvolver um diagnóstico social concelhio na área da deficiência, que permita *conhecer* as ofertas formativas, educativas e profissionais das Instituições que acolhem utentes com deficiência residentes no concelho de Loures;

Compreender as representações das famílias face à realidade em que vivem, com o objectivo de *detectar* problemas / necessidades que advém desta problemática;

Consciencializar a população para a problemática da deficiência, sensibilizando-os para uma prática efectiva de inclusão.

II. Objecto de Estudo

ACAPO – **A**ssociação de **C**egos e **A**mblíopes de **P**ortugal

APECDA – **A**ssociação de **P**ais para a **E**ducação de **C**rianças **D**eficientes Auditivas

APPACDM – **A**ssociação **P**ortuguesa de **P**ais e **A**migos do **C**idadão **D**eficiente **M**ental de **L**isboa

CREACIL – **C**ooperativa de **R**eabilitação, **E**ducação e **A**nimação para a **C**omunidade **I**ntegrada do Concelho de **L**oures (sediada em Loures)

CRPCCG – **C**entro de **R**eabilitação de **P**aralisia **C**erebral **C**alouste **G**ulbenkian

ELO SOCIAL – Associação para a Integração e o Apoio ao Deficiente Jovem e Adulto

REDES – Centro Comunitário de Apoio Psicológico e Pedagógico (sediada em Loures)

redesocialLoures

ACAPO

- IPSS
- Deficiência Visual
- Cerca de 73 utentes

APPACDM – Lx

- IPSS
- Deficiência mental, Paralisia Cerebral e Multideficiência
- Cerca de 10 utentes

APECDA

- IPSS
- Deficiência Auditiva e Multideficiência
- Cerca de 3 utentes

CREACIL

- IPSS
- Deficiência Mental, Motora, Auditiva, Paralisia Cerebral e Comunicação
- Cerca de 91 utentes

redesocialLoures

CRPCGC

- ❑ IPSS
- ❑ Paralisia Cerebral

ELO SOCIAL

- ❑ IPSS
- ❑ Deficiência Mental, Deficiência Motora e Paralisia Cerebral
- ❑ Cerca de 32 utentes

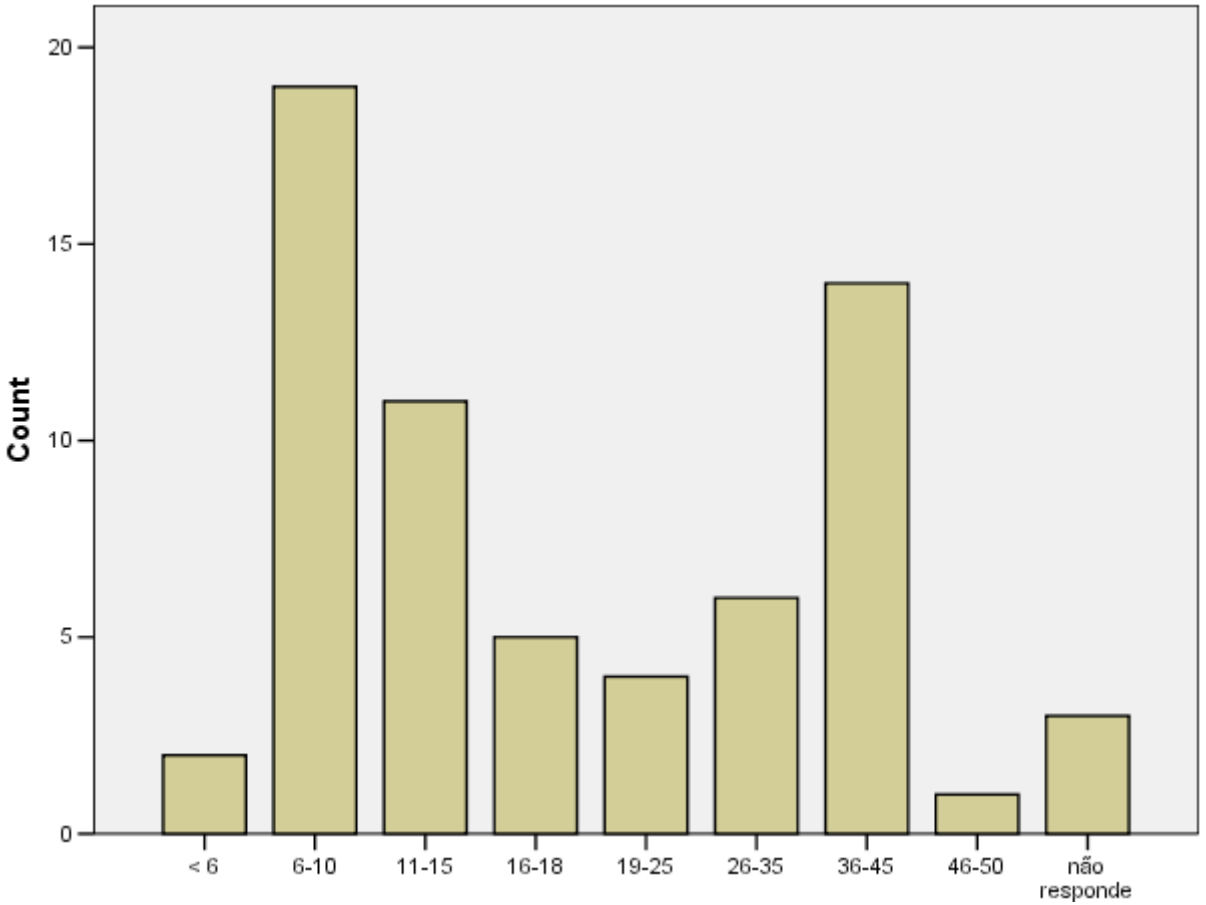
REDES

- ❑ IPSS
- ❑ Deficiência Mental e Perturbações específicas de aprendizagem / emocionais
- ❑ Cerca de 346 (em 2008)

redesocialLoures

Idade dos sujeitos envolvidos no estudo (através dos familiares)

		Frequency	Percent
Valid	< 6	2	3,1
	6-10	19	29,2
	11-15	11	16,9
	16-18	5	7,7
	19-25	4	6,2
	26-35	6	9,2
	36-45	14	21,5
	46-50	1	1,5
	não responde	3	4,6
	Total	65	100,0



redesocialLoures

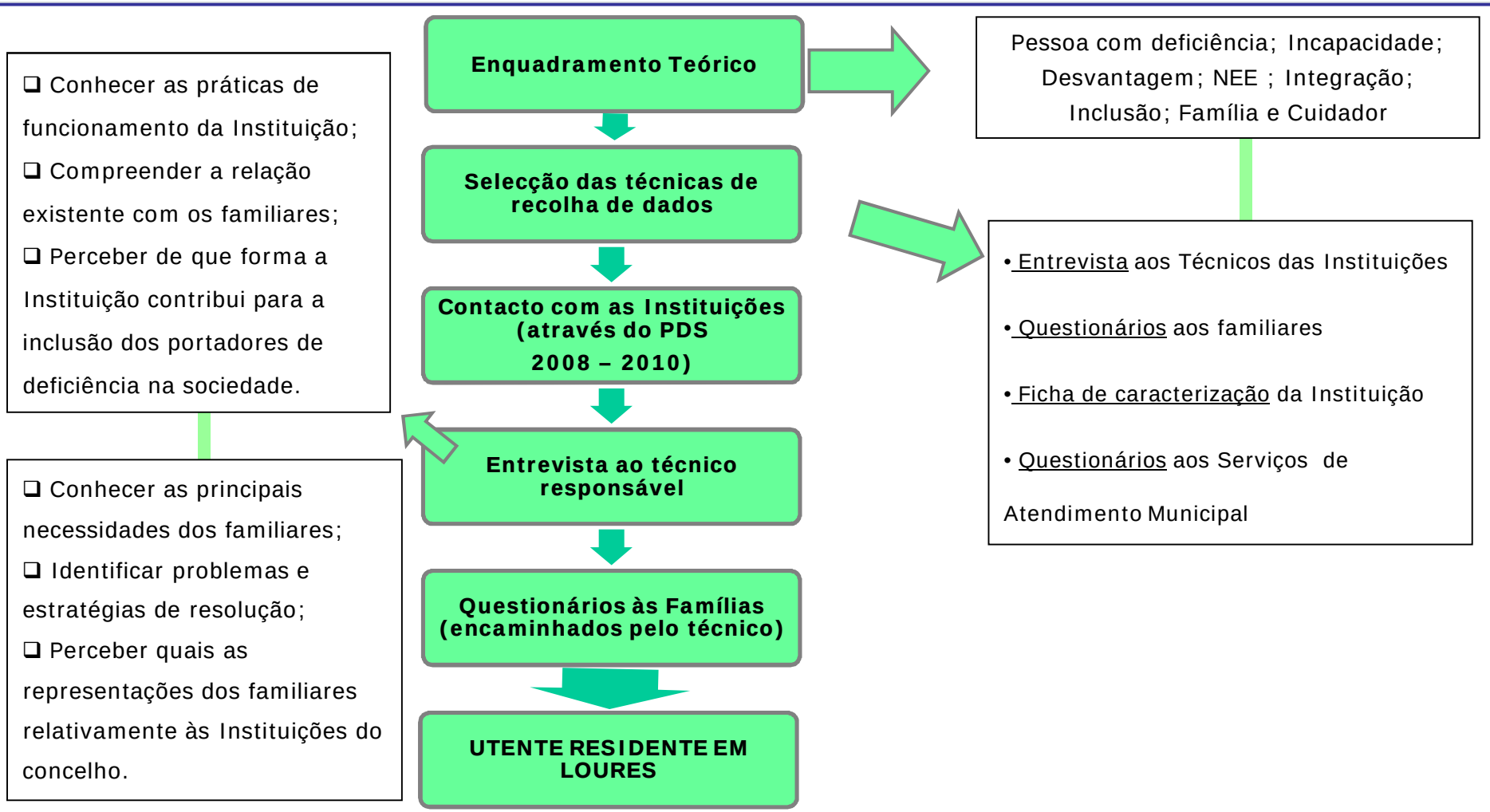
III. Metodologia de Acção:

Investigação Qualitativa

" (...) na medida em que se pretende questionar os sujeitos envolvidos, de forma a perceber as suas experiências, como as vivenciam e como estruturam o mundo social em que vivem (Psathas, 1973, cit. por Bogdan e Biklen, 1994) (...) a fonte directa dos dados é o ambiente natural em que a pessoa com deficiência está inserida, ou seja, as próprias instituições e as suas famílias; o investigador, por outro lado é o instrumento principal (...) tentando recolher dados descritivos, havendo, por isso, (...) interesse pelas concepções que os diferentes sujeitos dão à sua própria vida neste determinado contexto

(Bogdan e Biklen, 1994).

redesocialLoures



IV. Resultados

i. A Pessoa com deficiência

a. Prática de funcionamento da Instituição

ii. Família e o Cuidador

a. Necessidades da Família

b. Relação entre Instituições e Famílias

c. Vida Social no Concelho

i. A Pessoa com Deficiência

Pessoa com deficiência "*aquela que por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de estrutura ou função psicológica, intelectual, fisiológica ou anatómica susceptível de provocar restrições de capacidade, pode estar considerada em situação de desvantagem para o exercício de actividades consideradas normais, tendo em conta a idade, o sexo e os factores sócio – culturais*";

Incapacidade *"consiste na restrição ou falta de capacidade para realizar uma actividade dentro dos limites considerados normais para um ser humano"*.

Desvantagem (handicap) "*condição social de prejuízo sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita ou impede o desempenho de uma actividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores sócio – culturais."*

OMS, 1976 (Informação retirada do Enquadramento teórico)

redesocialLoures

a. Prática de Funcionamento da Instituição

a. Prática de Funcionamento da Instituição

Como funciona a Instituição?

"Temos jovens no Centro de Emprego Protegido (…) áreas da Jardinagem, da Carpintaria, na área dos estofos (…) lavandaria industrial e temos uma área de outros serviços onde articulamos sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa (…) Depois temos 74 que estão no Centro de Actividades Ocupacionais (…) que não tem capacidade de realizar um trabalho produtivo e como tal estão integrados nesta valência (…)"

Técnico do Elo Social

redesocialLoures

“Temos o serviço de apoio social, a psicologia, médico de clínica geral, apoio jurídico, reabilitação, na qual temos as questões de orientação e mobilidade, nós fazemos também um acompanhamento ao nível das actividades de vida diária (…)”

Técnico da ACAPO

ii. A Família e o Cuidador

“ (…) cuidar não aparece apenas associado a cuidados médicos, mas também a aspectos mais simples e corriqueiros da vida do portador de deficiência (…) não muda apenas a sua rotina, mas pressupõe a construção de uma nova identidade, porque ser cuidador não é apenas zelar pelo doente, mas garantir a sua recuperação (Aquino, 2006) (…) ressaltar a ideia de que a sua própria identidade é estabelecida pela actividade do cuidar, em que não se redefine apenas o sentir, mas também o pensar na sua nova função e todas as responsabilidades que isso acarreta.”

Informação retirada do Enquadramento Teórico

redesocialLoures

a. *Necessidades da Família:*
Necessidades de Informação

Totalmente de Acordo | Discordo | Concordo | Discordo Totalmente

A veracidade das afirmações	ELO SOCIAL				Σ	REDES				Σ	APECDA				Σ	CREACIL				Σ
A deficiência	4	7	3	5	19	2	2	1	0	5	1	1	0	0	2	6	**10**	2	0	18
Maneira de lidar	3	5	6	4	18	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	6	8	5	0	19
Maneira de ensinar	3	6	5	3	17	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	6	**10**	2	0	18
Maneira de falar	3	6	5	4	18	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	7	6	6	0	19
Serviços e Apoios	5	**8**	4	2	19	3	2	0	0	5	1	1	0	0	2	**11**	6	8	0	25
Serviços e Apoios no futuro	**8**	**11**	0	0	19	4	1	0	0	5	1	1	0	0	2	**13**	4	2	0	19
Crescimento e Desenvolvimento	3	5	7	3	18	1	3	1	0	5	0	0	1	0	1	**8**	5	6	0	19

Questionários às famílias

Formação Específica

	ELO SOCIAL	REDES	APECDA	CREACIL
SIM	19	5	2	15
NÃO	----------	--------	---------	3

	ELO SOCIAL	REDES	APECDA	CREACIL
Os cuidados básicos do portador de deficiência	16	3	1	10
Os direitos do portador de deficiência – a legislação	17	4	1	12
Ser familiar do portador de deficiência – Emoções e sentimentos	10	4	0	10
A inclusão nas escolas – que realidade é esta?	9	3	1	12
Barreiras físicas, como ultrapassá-las	12	0	1	7
Barreiras humanas, como ultrapassá-las	15	4	0	8

Considera importante a existência de uma formação específica que consciencialize os pais para estas problemáticas?

"A grande maioria sim. Nós temos casos engraçados de pais que vêm aqui e dizem O meu filho tem uma deficiência e eu já fiz isto, isto e isto, o que é que eu posso fazer mais? E nós dizemos: Não está a fazer tudo bem não é preciso mais nada. Temos outros casos em estão a fazer tudo mal desde o inicio..."

Técnico da ACAPO

redesocialLoures

Totalmente de Acordo | Discordo | Concordo | Discordo Totalmente

b. Relação com a Escola / Instituição

A veracidade das afirmações	ELO SOCIAL				Σ	REDES				Σ	APECDA				Σ	CREACIL				Σ
Hábito de ir frequentemente	**11**	6	1	0	18	3	2	0	0	5	0	0	1	0	1	5	9	4	1	19
Tem um currículo específico	6	10	2	0	18	3	2	0	0	5	0	1	0	0	1	**11**	5	3	0	19
Boas condições para a inclusão	1	0	**7**	7	15	2	1	1	0	4	0	1	0	0	1	7	6	3	3	19
Relaciono-me com os professores	8	10	1	0	19	4	1	0	0	5	0	1	0	0	1	9	8	2	0	19
A escola traz benefícios	8	**9**	1	0	18	3	1	0	0	4	0	1	0	0	1	9	9	0	1	19
Quanto mais me envolver melhor será	4	6	3	1	14	3	1	0	0	4	0	1	0	0	1	9	9	1	0	19
A escola precisa de uma reestruturação	2	6	8	1	17	3	0	2	0	5	0	0	1	0	1	5	3	**11**	0	19

Questionários às famílias

redesocialLoures

Participação dos Pais

Totalmente de Acordo | Discordo | Concordo | Discordo Totalmente

A veracidade das afirmações:	ELO SOCIAL				Σ	REDES				Σ	APECDA				Σ	CREACIL				Σ
Sinto-me envolvido nas actividades	5	**9**	3	0	17	0	3	2	0	5	0	0	1	0	1	6	7	6	0	19
Participo em todas as actividades	5	**7**	2	1	15	0	1	3	0	4	0	0	1	0	1	2	6	9	0	19
É positivo o meu envolvimento	7	**9**	0	1	17	3	1	0	0	4	1	0	0	0	1	5	**13**	1	0	19
Sou culpado por não me envolver mais	1	4	7	5	17	0	0	2	2	4	0	1	0	0	1	4	6	5	4	19
Sou dirigente / membro de alguma associação	4	2	6	5	17	0	0	0	4	4	0	0	0	0	0	1	3	5	**10**	19

Questionários às famílias

Participação dos Pais

*"Nós **fomentamos isso**, até pela própria designação da Instituição, isto é uma **associação de pais e a direcção da associação é composta por pais com filhos portadores de deficiência auditiva**, está nos estatutos é uma das exigências. Logo por aí nós temos pais cá dentro. (…) temos os momentos festivos da Instituição, onde sempre os **pais são convidados**. Esta última festa de Natal, foi das que eu me lembro que teve uma maior adesão dos pais. Depois há aqueles pais que até vêm às reuniões todas, outros que até aparecem sem marcação, também temos essas situações. Infelizmente nem todos funcionam assim, porque também temos aquelas situações como em algumas IPSS, **porque muitas vezes** e desculpe a expressão **sentimos que somos muitas vezes um depósito**, graças a Deus que não são todas as situações assim, mas ainda existe uma ou outra."*

Técnico da APECDA

c. Vida Social no Concelho

Totalmente de Acordo | Discordo | Concordo | Discordo Totalmente

A veracidade das afirmações:	ELO SOCIAL				Σ	REDES				Σ	APECDA				Σ	CREACIL				Σ
O concelho oferece boas condições	0	**3**	**11**	3	17	0	2	2	1	5	1	0	1	0	2	0	12	6	0	18
Muitas instituições têm poucas acessibilidades	3	6	7	1	17	2	0	1	2	5	0	1	0	0	1	2	9	3	0	14
Costumo participar nas actividades	0	3	9	6	18	0	3	2	0	5	0	0	1	1	2	0	5	10	3	18
Não tenho conhecimento das actividades	2	7	6	2	17	0	2	2	1	5	0	1	0	1	2	3	3	8	2	16
Consulto o sitio da CML para me informar	0	2	**10**	6	18	0	2	2	1	5	0	0	0	2	2	0	2	10	4	16
Concelho ainda tem um longo caminho a percorrer	9	6	0	2	17	3	0	1	0	4	0	1	0	0	1	7	9	2	0	18

Serviços que conhece

	Sim	Não	Não responde
Atendimento Municipal - Sacavém	5	51	4
Atendimento Municipal - Loures	19	37	4
BM José Saramago	25	31	4
Espaço Internet Bobadela	0	56	4
Espaço Internet Camarate	0	56	4
Gabinete de Apoio ao Consumidor	5	51	4
Gabinete de Apoio à Juventude	13	43	4
GesLoures	21	35	4
Museu da Cerâmica – Sacavém	18	38	4
Museu Municipal de Loures	11	45	4
Parque M. Cabeço de Montachique	33	23	4
Parque Urbano de Sta Iria da Azóia	19	37	4
PAC – Loures	4	52	4
PAC – Sacavém	8	48	4
Serviço à Criação de Emprego	8	48	4

Questionários às famílias

Serviços que conhece

	ELO SOCIAL	REDES	APECDA	CREACIL
Atendimento Municipal - Sacavém	4	0	0	1
Atendimento Municipal - Loures	2	0	1	8
BM José Saramago	2	2	0	13
Espaço Internet Bobadela	0	0	0	0
Espaço Internet Camarate	0	0	0	0
Gabinete de Apoio ao Consumidor	1	0	0	1
Gabinete de Apoio à Juventude	3	1	0	8
GesLoures	4	3	0	7
Museu da Cerâmica – Sacavém	11	0	0	6
Museu Municipal de Loures	1	0	0	7
Parque M. Cabeço de Montachique	8	3	1	11
Parque Urbano de Sta Iria da Azóia	10	0	1	6
PAC – Loures	0	0	0	2
PAC – Sacavém	7	0	0	1
Serviço à Criação de Emprego	3	0	0	3

Tipo de Público

	DRH	A.M. C.C. Loureshoping	A.M. C.C. Continente	SACE	GARSE	GARSE - Apelação	GARSE – Sacavém
Até 5 anos					X	X	X
6-10 anos					X	X	X
11-15 anos					X	X	X
16-20 anos	X		X	X	X	X	X
21-25 anos	X	X	X		X	X	X
26 – 30 anos	X	X	X	X	X	X	X
31-35 anos	X	X	X		X	X	X
36- 40 anos	X	X	X	X	X	X	X
41-45 anos	X	X	X		X	X	X
+ de 45 anos	X	X	X	X	X	X	X

É frequente a utilização destes serviços por pessoas com deficiência?

Nome das instituições	Sim	Não
DRH		X
A.M. – C.C. Loureshopping		X
A.M. – C.C. Continente		X
SACE	X	
GARSE		X
GARSE – C.C. Apelação	X	
GARSE – C.C. Sacavém	X	

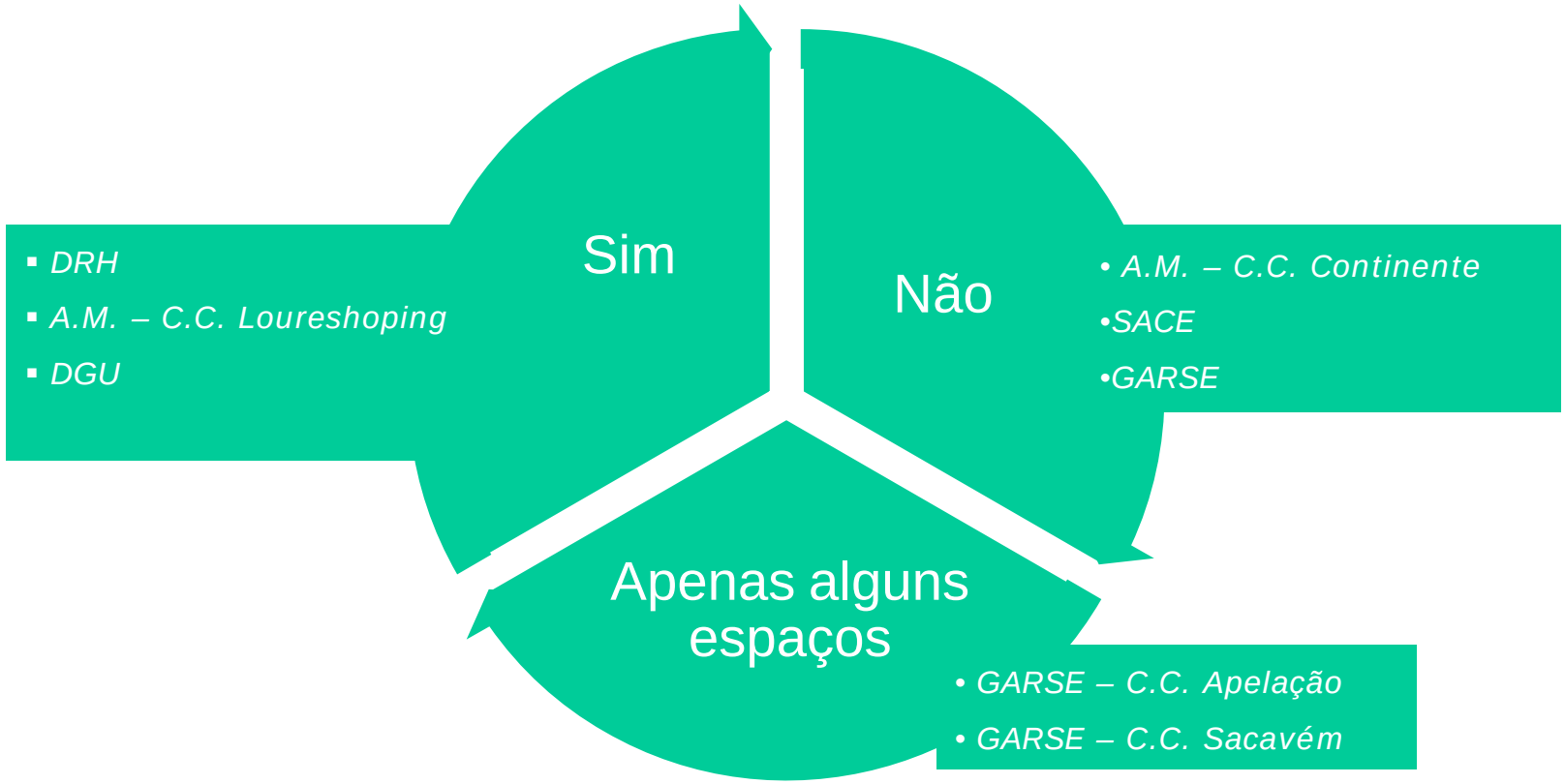
redesocialLoures

Recursos disponíveis na Instituição

Elevador	Portas Automáticas	Mapa em Braille	Casa de banho	Elevador de escadas	Software em Braille	Rampas
• DRH •A.M. - C.C. Continente •A.M. – C.C. Loureshoping •DGU • GARSE – C.C. Sacavém	• A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping • DGU	• A.M. – C.C. Loureshoping	•DRH • A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping • DGU • GARSE – C.C. Apelação • GARSE – C.C. Sacavém	•A.M. – C.C. Loureshoping	•DRH	•DRH • A.M. – C.C. Continente • A.M. – C.C. Loureshoping (rampas rolantes) • DGU • GARSE – C.C. Apelação • GARSE – C.C. Sacavém

Acesso à Instituição

A localização da Instituição é acessível às pessoas com deficiência?



Questionários aos serviços de Atendimento Municipal

redesocialLoures

Principais Conclusões

Formação Parental

Realização de acções de formação / informação dirigidas a pais ou familiares mais próximos (cuidadores informais).

Construção de uma estrutura informática de apoio à Pessoa com Deficiência

Esta estrutura poderia estar presente no sitio da CMLoures através de um link.

PESSOA COM DEFICIÊNCIA RESIDENTE NO CONCELHO DE LOURES

INTRODUÇÃO

O presente trabalho que se insere no âmbito da cadeira de Seminário de Apoio I leccionada no 2º ano do Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização Formação de Adultos, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação na Universidade de Lisboa, tem como principal finalidade *descrever* o projecto de estágio curricular a desenvolver na Câmara Municipal de Loures (CML), mais especificamente na Rede Social.

A intervenção local tem consubstanciado a sua prática nos trabalhos desenvolvidos pelos vários organismos de acção social presentes na autarquia, nomeadamente pela Rede Social. Determinando como grupos alvo prioritários, os idosos, os portadores de deficiência e os imigrantes, a Rede Social tem desenvolvido parcerias com várias instituições com o intuito de envolvê-los na vida comunitária.

O Projecto que se propõe desenvolver dirige-se especificamente para as pessoas com deficiência, seus familiares e instituições que os incluem. De uma forma geral, pretende-se implementar um projecto que tem por base a realização de um diagnóstico social aprofundado na área da deficiência. Pretende-se que este diagnóstico seja um veículo de futuras acções a desenvolver na autarquia de forma a congregar as condições necessárias para que a pessoa com deficiência se inclua no seu sistema social, ao mesmo tempo, que esta se prepara para assumir o seu papel na sociedade (Veríssimo, 2001) preconizando assim o princípio de inclusão social.

A escolha desta temática e deste projecto foi discutida na entrevista que antecedeu o início do estágio curricular, onde embora este seja um trabalho iniciado pela própria instituição, sempre existiu da minha parte, um grande interesse em desenvolver trabalhos na área da deficiência. Para além disso, poder considerar as causas e consequências da deficiência em jovens com mais de 18 anos e em adultos é uma oportunidade excelente de aliar a Formação de Adultos (área de especialização) a esta problemática, fazendo valer as nossas competências académicas. Por outro lado, considero que nas Ciências da Educação, principalmente nesta área de especialização, existe um reduzido investimento na temática da deficiência, principalmente na faixa etária superior aos 18 anos, assim este trabalho, embora cingido ao concelho de Loures, poderá evidenciar uma realidade que permitirá estudos mais aprofundados sobre esta temática.

Para tal estruturou-se o relatório da seguinte forma: *introdução,* onde se resume a intervenção a realizar, mencionando as finalidades do projecto; o *enquadramento,* abordando a problemática da deficiência, dividida em dois momentos: *A Deficiência em Portugal e O Papel do Cuidador na vida da pessoa com deficiência.* Segue-se o *Projecto de Intervenção,* onde se evidencia uma *caracterização* demográfica do *concelho de Loures,* a *caracterização do local de Estágio,* a *fundamentação da problemática,* os *objectivos,* a *metodologia de acção,* os *resultados esperados* e a *calendarização.* È feita uma *Reflexão* sobre todo o percurso efectuado até este momento de concepção do projecto; a *Bibliografia* onde se constata os recursos utilizados para a redacção deste relatório. Em anexo encontram-se documentos utilizados no desenvolvimento deste projecto.

PARTE I – ENQUADRAMENTO

1. A DEFICIÊNCIA

A concepção de pessoa com deficiência sempre foi pautada por termos e significados que mais do que identificar a incapacidade catalogavam o valor da pessoa. Designados, inicialmente como *inválidos*, passaram a ser tidos, mais tarde, como os *incapacitados, os defeituosos* ou mesmo *os deficientes* (Sassaki, 2005), registando-se assim mudanças na epistemologia do conceito. *Todavia serão estas mudanças acompanhadas por transformações na mentalidade das pessoas?* Genericamente, os termos e significados foram-se alterando em conformidade com os processos sociais que foram ocorrendo ao longo da história, contudo as representações, nem sempre acompanharam essas mudanças. A pessoa com deficiência sempre foi posta de parte pela sociedade a vários níveis, tanto na educação, no emprego, na formação profissional, nos apoios sociais, entre outros.

A Organização Mundial de Saúde, designada doravante por OMS (1976), citado por SNR (1996), enquanto instituição de referência, considera três classificações internacionais que resultam desta problemática:

<u>Pessoa portadora de deficiência:</u> "*aquela que por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de estrutura ou função psicológica, intelectual, fisiológica ou anatómica susceptível de provocar restrições de capacidade, pode estar considerada em situação de desvantagem para o exercício de actividades consideradas normais, tendo em conta a idade, o sexo e os factores sócio – culturais*";

<u>Incapacidade:</u> *"consiste na restrição ou falta de capacidade para realizar uma actividade dentro dos limites considerados normais para um ser humano"*.

<u>Desvantagem (handicap):</u> "*condição social de prejuízo sofrido por um dado indivíduo, resultante de uma deficiência ou de uma incapacidade que limita ou impede o desempenho de uma actividade considerada normal para esse indivíduo, tendo em atenção a idade, o sexo e os factores sócio – culturais."*

Confrontando estas classificações salienta-se uma relação entre elas, na medida em que a *deficiência* respeita a toda a alteração do corpo, da aparência física ou de um órgão, independentemente da sua causa, tratando-se assim da exteriorização da doença.

A *incapacidade*, por seu lado, diz respeito à consequência da deficiência em termos de desempenho ou seja, considera a actividade funcional do sujeito. Enquanto a *desvantagem* respeita aos prejuízos experimentados pelo sujeito, à sua adaptação e interacção com o meio e às consequências sociais que tanto a deficiência como a incapacidade em si implicam. (Xavier, 08).

Adjacentes a esta problemática existem cinco tipos de deficiência que agrupam as várias patologias que a caracterizam, nomeadamente a deficiência mental, a deficiência auditiva, deficiência motora, deficiência visual e a paralisia cerebral. Considera-se a ***deficiência mental*** como uma característica ou condição que aparece vulgarmente associada a doenças genéticas, metabólicas ou infecciosas. (Ferreira, Mira e Faria, s/d) que ocorrem geralmente no cérebro, levando ao seu baixo rendimento. Utilizando as técnicas psicométricas, nomeadamente o conceito de QI, consegue-se determinar o grau de deficiência mental, podendo ser profunda, grave/ severa, moderado /média ou leve/ ligeira (s/a, s/d). A ***deficiência auditiva***, designa, por sua vez, todo o indivíduo que perdeu total ou parcialmente a capacidade de ouvir. Tal como acontece na deficiência mental, existe uma classificação que permite determinar os graus de surdez, utilizando os critérios do *Bureau International d'Audiophonologic*, assim sendo, considera-se deficiência auditiva leve entre os 20 – 40 decibéis; média entre os 40 – 70 decibéis; severa entre os 70 e os 90 decibéis; profunda entre os 70 e os 90 decibéis; de 1º grau com 90 decibéis; de 2º grau entre 90 – 100 decibéis e de 3º grau mais de 100 decibéis (s/a, s/d). Segue-se a ***deficiência motora*** que caracteriza toda a disfunção física ou motora de um individuo, podendo ser adquirida ou congénita. Este tipo de deficiência pode ocorrer devido a lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou ainda de mal formação. Assim *deficiente motor* é todo o indivíduo que apresenta uma incapacidade de mobilização permanente ao nível dos membros inferiores ou superiores, que segundo a Tabela Nacional para as Incapacidades, decreto – lei 341/93, será de grau igual ou superior a 60% (s/a, s/d). A ***deficiência visual*** é a perda ou redução definitiva da capacidade visual em ambos os olhos, não sendo passível de ser melhorada com o recurso a lentes ou intervenções cirúrgicas. Este tipo de deficiência poderá ser *congénita*, no caso das malformações oculares, glaucoma congénito ou catarata congénita ou ainda *adquirida*, como os traumas oculares, catarata, degeneração senil mácula ou alterações relacionadas com a hipertensão ou diabetes (s/a, s/d). Por fim, a ***paralisia cerebral*** é uma lesão de uma ou várias partes do cérebro, provocada,

muitas vezes, pela falta de oxigenação das células cerebrais, podendo acontecer antes, durante ou pós o parto do bebé.

Segundo os dados da OMS, citados por Xavier (2008) 10% da população de cada país é portadora de alguma deficiência, correspondendo da seguinte forma: 5% sofre de deficiência mental (comprometimentos de nível leve, moderado, severo e profundo com inadequação no comportamento adaptativo ou em mais adaptações, como comunicação, cuidados pessoais e habilidades sociais); 2% de deficiência motora (atinge funções motoras do organismo e aquelas que impossibilitam o desempenho de tarefas); 1,3% de deficiência auditiva (comprometimento da capacidade de audição no seu todo ou em partes a partir de 25 (surdez leve) a 71/90 decibéis (surdez severa ou anacusia), 0,7% de deficiência visual (respeita à acuidade visual igual ou menor a 20%) e 1% sofre de deficiência múltipla (manifesta mais do que uma deficiência). Através desta leitura, a deficiência evidencia-se como uma problemática cada vez mais presente no quotidiano das pessoas. Nesse sentido, é importante que se reúnam condições favoráveis que possibilitem ao portador de deficiência usufruir de uma vida plena de direitos e deveres, sendo obrigação de todos (seja portador de deficiência ou não) contribuir para esse exercício de cidadania.

1.1. A PESSOA COM DEFICIÊNCIA EM PORTUGAL

Em Portugal, a exemplo de outros países, as concepções relativamente à pessoa com deficiência sempre foram redutoras, embora existissem alterações nos conceitos, o valor da pessoa era posto à parte das dinâmicas de funcionamento da sociedade. No século XIX, José António Freitas Rego, pela prática que desenvolveu deu o primeiro passo na educação de surdos e cegos, com a criação do Instituto de Surdos – Mudos e Cegos. Nos anos seguintes houve um acréscimo nas instituições que acolhiam pessoas com deficiência e lhes prestavam cuidados assistencialistas. Neste sentido havia uma preocupação em institucionalizar o maior número de pessoas com deficiência, segregando-os assim da própria sociedade. Esta concepção perdurou até meados do século XX.

Em 1976 com a promulgação de uma nova Constituição da Republica, consequência da Revolução de 1974, considerou-se no artigo 71º da Lei Fundamental: "*1º*:*Os cidadãos, física ou mentalmente, deficientes gozam plenamente dos direitos e*

estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontram incapacitados; 2º: "O Estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e de tratamento, reabilitação e integração dos deficientes a desenvolver uma pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles (…)"(Andrade, 1990, citado por Xavier, 2008). Neste sentido começa a evidenciar-se uma preocupação do Estado pelos direitos e deveres da pessoa com deficiência, decretando medidas que visem a sua protecção social.

Em 1989 com a Revisão Constitucional é acrescentado no artigo 71º a responsabilização do Estado pelo apoio às instituições de pessoas com deficiência, criadas na sua maioria por pais ou outros familiares, como consequência da pouca oferta educativa e do reduzido apoio social existente no país. Assim, ao confrontarem-se com uma intervenção governamental empobrecida, os pais associavam-se entre si e criavam instituições, que disponibilizavam serviços a vários domínios (educativo, ocupacional, profissional entre outros) Estas designadas por CERCI's – *Cooperativas de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas* ou por APPACDM – *Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental* tentavam colmatar as dificuldades sentidas pelos familiares directos ou os cuidadores. Nos meados dos anos 70, segundo Afonso (1995) existiam em Portugal, cerca de 38 CERCI's, 18 APPACDM e 17 Colégios com fins lucrativos, ou seja cerca de 73 equipamentos para pessoas com deficiência de iniciativa particular. Segundo Pereira (2004) através dos dados da DGIDC[1] existiam em Portugal, 40 CERCI'S, 59 IPSS e 19 Colégios, no seu conjunto cerca de 118 estabelecimentos de educação especial. Neste sentido evidencia-se o aumento da oferta de equipamentos e serviços à pessoa com deficiência. *Serão estes suficientes?*

Através do recenseamento de 2001, o INE (INE, 2002) apurou que em Portugal existem 634 408 pessoas com deficiência, dos quais 333 911 são homens e 300 497 mulheres, representando assim cerca de 6,1% da população global. Ao especificar cada tipo de deficiência constata-se que, pelos dados do INE (2002), as deficiências visual e a motora têm grandes incidências na população, sendo respectivamente 25,7% e 24,6%. O gráfico apresenta ainda um eixo de *outras deficiências* (que incluí a multideficiência) que representa 23% da população. Com os valores mais baixos aparece a paralisia

[1] Direcção – Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

cerebral, que caracteriza cerca de 2,4% da população. A deficiência mental e a deficiência auditiva ocupam os lugares intermédios, com 11,2% e 13,2% respectivamente.

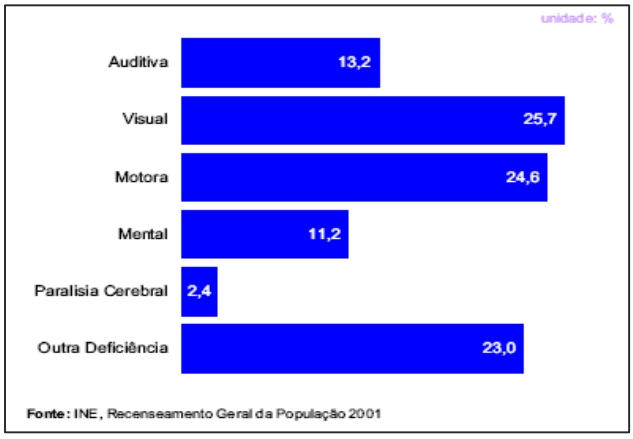


Fig.1 – Distribuição da pessoa com deficiência, por tipo de deficiência, Portugal 2001

Respeitante às idades, o INE aferiu que a taxa de incidência de deficiência cresce à medida que a idade aumenta. Como é possível comprovar pela figura 2, onde se verifica que o grupo etário com idades entre os 0 – 15 apresenta resultados entre os 2,2% enquanto o grupo etário de mais de 65 anos evidencia resultados acima dos 12%. Por outro lado, comprova-se que a paralisia cerebral regista-se nos grupos etários mais jovens e vai-se desvanecendo com a idade. No entanto, as deficiências visuais e motoras tendem a crescer com o avançar da idade.

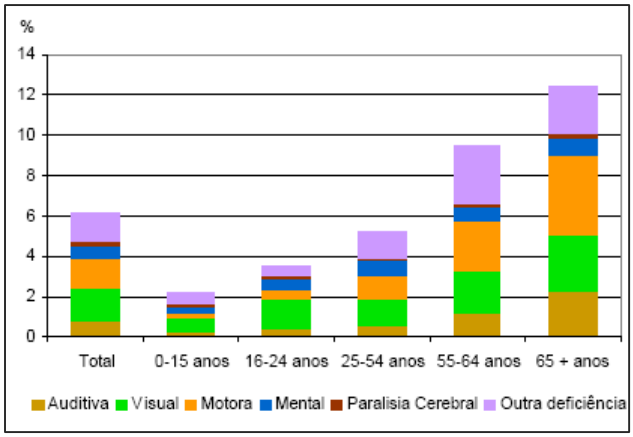


Fig.2 – Taxa de incidência de deficiência segundo o tipo, por grupos etários, Portugal 2001

Através dos dados mencionados constata-se que a deficiência apresenta-se cada vez mais como uma realidade presente, inclusive nas faixas etárias mais jovens. Nesse sentido é importante que se reúnam condições, não apenas sociais, mas educativas, formativas e profissionais que promulguem princípios cada vez mais integradores. Nesta perspectiva é importante definir o conceito de integração e de inclusão, visto que ambos tendem a confundir-se. Inicialmente surgiu o conceito de *integração* que se entende como um conjunto de princípios com o pressuposto de oferecer serviços educativos que se institucionalizam através de uma variedade de alternativas de ensino ou de aulas adequadas ao plano

individual do aluno, maximizando assim, a participação das pessoas com deficiência em actividades comuns (s/a s/d b); Sanches e Teodoro, 2006). Esta nova perspectiva apresenta-se como um fim a atingir, que obedece a diferentes fases de um processo, devendo a sua implementação ser progressiva, como e quando for possível. Assim, através deste desígnio salienta-se a ineficácia de orientações e práticas tradicionais de educação especial, onde estavam inerentes processos discriminatórios nos seus fundamentos. (s/a, s/d b)). Tentou-se, deste modo, integrar o portador de deficiência numa sociedade pré – regulada e padronizada, cujas acessibilidades para incluir o deficiente eram em si incipientes.

Atendendo a esta problemática surgem algumas opiniões divergentes: uns autores consideram a integração uma boa estratégia para a inserção de pessoas com deficiência na sociedade, enquanto para outros esta intervenção não é mais daquilo do que já foi feito, pois embora se concretizem práticas integradoras ainda está subjacente a ideia de que a pessoa com deficiência se deva manter excluído da turma, e consequentemente mais tarde da própria sociedade. No seguimento destas controvérsias aparece, assim, o conceito de *inclusão*, na medida em que se evidencia um *"empenhamento da escola em receber todas as crianças, reestruturando-se de forma a poder dar uma resposta adequada à diversidade dos alunos"* (Costa, s\d). É importante, desta forma considerar a *inclusão* como uma estratégia que valoriza o sujeito com deficiência, enquanto ser activo na sociedade, devendo ser esta que se adapta às suas necessidades e dificuldades. Exemplo dessa adaptabilidade, a *Declaração de Salamanca* veicula a ideia de que as escolas regulares devem possuir uma orientação inclusiva, na medida em que garantem a todas as crianças um lugar na escola e é esta que se deverá adequar à diversidade da população escolar, preconizando assim a máxima de "*Educação para Todos"* (Declaração de Salamanca, 1994). Deste modo, tendencialmente afasta-se uma visão tecnicista das deficiências do indivíduo, adoptando-se uma nova abordagem que valoriza os factores contextuais, culturais e estruturais inerentes ao processo de ensino – aprendizagem (s/a, s/d b)).

Associadas a estas perspectivas surge a definição de *necessidades* que reportando a esta questão, se focaliza nas necessidades especiais e necessidades educativas especiais. Como *Necessidades Educativas Especiais (NEE),* Brennan (1988) citado por (s\a s/d b)) considera as deficiências físicas, sensoriais, intelectuais, emocionais, sociais ou qualquer outra combinação entre elas, que afectam a

aprendizagem de tal forma que são necessários alguns ou todos os acessos especiais ao currículo. Para além disso, as NEE podem apresentar-se como um ponto do *continuum* que pode ser ligeiro ou grave, permanente ou temporário. Relativamente às *necessidades especiais* evidenciam-se através de duas situações diferentes, populações que devido a vários condicionantes sócio – culturais podem estar em desvantagem e por isso, o insucesso escolar poderá ser maior. Por outro lado, manifestam-se, igualmente em situações que embora graves, podem não ter qualquer consequência no processo e progresso educativo do aluno, exigindo apenas um amplo serviço de apoio que facilita o acesso ao currículo (s/a, s/d b)). Contudo, uma ideia central que é convergente a estes dois conceitos é preconizada na Declaração de Salamanca (1994), *"todas as crianças e jovens cujas necessidades se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares"* têm o direito a usufruir de um conjunto de instrumentos propícios à aquisição de uma educação mais fundamentada.

Nesta perspectiva e para reforçar a premissa de educação inclusiva surgiu em Janeiro de 2008 o decreto – lei nº3 que reforça os princípios de inclusão nas escolas, definindo os apoios especializados na educação pré – escolar e nos ensinos básico e secundários tanto no sector público, privado ou cooperativo visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais, através da elaboração do Programa Educativo Individual e do Plano Individual de transição. Desta forma institucionaliza-se uma prática de ensino pautada por uma resposta adequada e individualizada a cada aluno com deficiência, de forma a assegurar a sua participação na vida da escola e da turma. Para além de um ensino mais promotor da autonomia das crianças / jovens com deficiência, o presente decreto – lei reforça a avaliação destes alunos concretizada através da Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), decretada pela OMS em 2004. Este documento tem o intuito de proporcionar uma linguagem unificada e padronizada bem como ser uma ferramenta de trabalho para a descrição da saúde e dos estados relacionados com a problemática em análise. A CIF agrupa, sistematicamente, os diferentes domínios de uma pessoa com determinada condição de saúde, ou seja, aquilo que cada pessoa com determinada deficiência pode ou não fazer, relacionando isso com vários factores incluindo não apenas os médicos ou psicológicos, mas factores externos, como o próprio ambiente social e familiar em que o aluno está inserido. Esta perspectiva de educação, mais do que uma prática é uma salvaguarda do direito à plena

dignidade da criança como ser humano, independentemente das limitações que possa ter. (Costa, s/d). Neste sentido, para além de promulgarem práticas mais inclusivas garantem um ensino mais autónomo, participativo e que tenderá a dar resultados mais positivos no desenvolvimento integrado da pessoa com deficiência.

Todavia, muitas vezes a prática não coincide com a teoria ou com os propósitos decretados na legislação, o que traz consequências nefastas para a autonomia na vida adulta da pessoa com deficiência. Muitas vezes, como não existe uma formação para além da escolaridade básica, este tipo de população trabalha em condições precárias sem nenhuns benefícios e com salários reduzidos. Num estudo desenvolvido pelo ISCTE (Casanova, Seiceira, & Alves, 2007), com uma amostra de 15 005 sujeitos com deficiência verificou-se que 57,2% desta população com idades compreendidas entre os 25 e os 70 anos, tem apenas o 1º ciclo do ensino básico enquanto 21,1% não sabe ler nem escrever, nem frequentou a escola. Em contrapartida apenas 1,7% tem o ensino médio ou superior. Estes resultados são assustadores, mais quando se constata que 27,6% dessa população usufrui de 403€ como rendimento líquido mensal do agregado, enquanto apenas 1,1% tem cerca de 1601€ ou mais como rendimento mensal. Estas conclusões são consequência de uma vida autónoma muito limitada, onde as barreiras são mais do que muitas, não sendo apenas as arquitectónicas, mas fundamentalmente as humanas.

Actualmente, incrementa-se o pressuposto da massificação e da universalização de gostos, modas, de comportamentos e de capacidades evidenciando-se uma globalização de comportamentos pessoais e sociais, que valorizam uma economia de mercado e de produção cada vez mais competitiva. Assim, atendendo a esta necessidade emergente de *querer sempre mais*, torna-se complicado abranger a pessoa com deficiência neste horizonte económico – social, tendo este aspecto repercussões negativas muito evidentes na imagem do deficiente a nível pessoal, social e profissional (Rodrigues, 2001 cit. Xavier, 2008), dificultando assim a sua própria inserção na sociedade. Nesta perspectiva são implementadas medidas de integração laboral, que pretendem contribuir para minimizar os prejuízos pessoais sentidos pelas pessoas com deficiência.

Em 1989 foi aprovado um decreto – lei que institucionaliza o regime de apoio técnico e financeiro a programas de reabilitação profissional de pessoas com deficiência que se queiram instalar por conta própria. Nesse mesmo documento são concedidos apoios financeiros e técnicos a empregadores (públicos, privados com ou sem fins lucrativos, cooperativos ou autarquias locais) que criem postos de trabalho para pessoas com deficiência. (IEFP, s/d). Nesta perspectiva foi surgindo o conceito de ***emprego protegido*** que designa toda "*a actividade útil e remunerada que, integrada no conjunto da actividade económica nacional e beneficiando de medidas especiais de apoio por parte do Estado, visa assegurar valorização pessoal e profissional das pessoas deficientes, facilitando a sua passagem, quanto possível, para o emprego não protegido*" (IEFP, s/d). Este tipo de actividade é desenvolvido num contexto de *centro de emprego protegido* (unidade de produção que assegura à pessoa com deficiência uma actividade remunerada bem como a possibilidade de aperfeiçoamento da formação profissional, que permita, sempre que possível a sua integração no mundo laboral normalizado); ou numa situação de *enclave* (grupo de pessoas com deficiência que exercem a sua actividade em conjunto, sob condições especiais, num meio normal de trabalho) ou através do *teletrabalho* (actividade executada num local que não aquele onde os seus resultados são necessários, utilizando como as TIC como principal recurso de trabalho (Santana e Rocha (2002)). São, por sua vez, estas medidas integradoras que permitem ao cidadão com deficiência usufruir de maior autonomia e consequente qualidade de vida. *Serão estas eficazes?*

Em suma, a problemática da deficiência tem-se vindo a evidenciar na nossa sociedade, através de medidas legislativas que tentam incrementar políticas mais igualitárias em vários domínios. Contudo a prática parece não ser conducente à teoria e embora o trabalho desenvolvido tenha sido notável, ainda subsistem pessoas com deficiência que vivem segregadas do resto da comunidade. Sendo isso, muitas vezes, consequência de uma mentalidade mais conservadora, nesse sentido é importante salvaguardar não apenas os cuidados médicos, mas o próprio equilíbrio emocional da pessoa com deficiência.

1.2 O PAPEL DO CUIDADOR NA VIDA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Para ajudar a pessoa portadora de deficiência a definir o seu papel na sociedade, a ***família*** aparece como primeiro núcleo de pessoas onde o indivíduo inicia as suas primeiras experiências de interacção. Caracteriza-se, assim, por ser tanto biológica como socialmente a *"unidade micro de um todo mais vasto de agrupamentos que compõe o tecido social"* (Dias, 1999). Representa e manifesta, por outro lado, valores éticos e culturais de solidariedade para o ser humano, sendo que as suas responsabilidades implicam um contributo activo para o bem-estar dos seus membros. Assim, tendo em conta esta problemática, o trabalho com famílias pressupõe uma abordagem individualizada, como forma a compreender as diferentes reacções ao impacto causado pelo indivíduo com deficiência, respeitando os seus valores, crenças, aspirações e prioridades.

Turnbull (1990) citado pelo Dias (1999) identifica quatro variáveis que influenciam o modo como a deficiência afecta a família, nomeadamente, as *características da deficiência*, ou seja, o grau de autonomia do portador de deficiência; o *background cultural*, que respeita às próprias características que a família possui, como por exemplo o estatuto sócio – económico ou a própria estrutura familiar; as *características individuais de cada membro da família* ou as *situações especiais* como a pobreza ou o abandono que condicionam, igualmente, as várias reacções da família face à deficiência. Neste sentido reconhece-se este organismo social como um elemento central no desenvolvimento integrado do indivíduo portador de deficiência, na medida em que o ambiente proporcionado pelo seu conjunto influência positiva ou negativamente o bem-estar deste sujeito.

Contudo, assumir-se enquanto família de um indivíduo portador de deficiência pode ser um processo complexo, visto que a própria sociedade, ainda não está preparada para aceitar a diferença, onde previsivelmente assume o indivíduo portador de deficiência como um ser dependente do outro e incapaz de gerir o seu próprio destino, o que nem sempre corresponde à realidade. Desta forma, atendendo às vicissitudes que a pessoa com deficiência está sujeita diariamente considera-se imprescindível garantir o seu próprio equilíbrio emocional, como possível estratégia de superação dessas dificuldades. Neste sentido, os cuidadores apresentam um papel de relevante importância, visto que, para além de salvaguardarem os cuidados médicos, têm em

conta a parte emocional do indivíduo. Isto porque e parafraseando Menezes (1998) citado por Dias (1999) o acto de cuidar pressupõe uma relação de responsabilidade entre o sujeito e o objecto onde um necessita do outro, para que se estabeleça efectivamente este pressuposto.

Segundo Dias, Wanderley e Mendes (2002) citados por Aquino (2006) existem dois tipos de cuidadores, os principais e os secundários. Sendo que o primeiro caso respeita àqueles que têm total ou maior responsabilidade pelos cuidados prestados (podendo ser familiares ou não) e os segundos incluem os familiares, voluntários e profissionais que prestam actividades complementares e pontuais às restantes. Assim, nesta perspectiva, consideram-se abrangidos na terminologia *cuidador*: os *cuidadores formais* como os principais ou secundários, os *profissionais contratados* onde integram os enfermeiros, empregadas domésticas, por exemplo, e os *cuidadores informais* que respeitam ao familiares, amigos ou voluntários que complementam os tratamentos prestados pelos anteriores. Deste modo, evidencia-se um leque bastante abrangente de pessoas que poderão exercer o acto de cuidar para com o portador de deficiência. Bayley (1985) citado por Aquino (2006) estratifica os vários tipos possíveis de ajuda, onde se apresenta os cuidados muito pessoais (dar banho), os cuidados pessoais (cozinhar), os cuidados gerais (fornecer medicação) e os cuidados sociais (idas ao médico ou ao banco).

Neste sentido cuidar não aparece apenas associado a cuidados médicos, mas também a aspectos mais simples e corriqueiros da vida da pessoa com deficiência. Embora anteriormente se tenha estabelecido vários tipos de cuidadores é importante ressaltar a ideia de que a sua própria identidade é estabelecida pela actividade do *cuidar,* em que não se redefine apenas o sentir, mas também o pensar na sua nova função e todas as responsabilidades que isso acarreta. Assim, este novo papel que desempenha não muda apenas a sua rotina, mas pressupõe a construção de uma nova identidade, porque ser cuidador não é apenas zelar pelo doente, mas garantir a sua recuperação (Aquino, 2006).

Neste sentido e referindo as palavras de Karsch e Leal (2004) mencionados por Aquino (2006) é "*necessário entender que a competência humana para cuidar, deve ser entendida como um assumir a responsabilidade do cuidado partindo da concepção de saúde como qualidade de vida, interagindo com o cliente / usuário / cidadão, (…), valorizando a sua autonomia para assumir a própria saúde e agir mobilizando*

conhecimentos, habilidades, atitudes e valores (…)". Isto significa que ser cuidador pressupõe um conjunto de competências específicas, onde acima de tudo se garante a qualidade de vida do cidadão com deficiência. Para tal é importante reconhecê-lo como um ser activo, dentro das suas limitações, sendo para isso necessário mobilizar conhecimentos, atitudes e valores.

Todavia, na maior parte das situações os próprios cuidadores sentem-se desinformados sobre a responsabilidade que este acto acarreta, fomentando assim uma prática desactualizada face à situação actual, provocando resultados depreciativos no desenvolvimento equilibrado da pessoa com deficiência e para a própria vida do cuidador. Como solução mais preeminente encontra-se na formação um recurso indispensável, entendendo-a, para tal, como um processo de transformação individual que abrange três domínios diferentes, o saber (conhecimentos), o saber – fazer (capacidades) e o saber – ser (atitudes) (Canário, 2000). A escola aparece, deste modo, como a entidade social que possibilitará essa transformação, sendo que *"investir qualitativamente na participação dos pais nas escolas (…) pode favorecer modelos de integração das necessidades especiais"* (Wolfendale, 1987, cit. DIAS, (1999) 1999). Para além disso e citando Hegarty (1981) parafraseado por SNRIPD (1999), *"o maior recurso dos países em vias de desenvolvimento para ajudar as pessoas com deficiência, as quais podem ser tão produtivas como as outras, consiste no apoio a uma família bem informada"*.

Neste sentido, a formação dos cuidadores aparece como uma questão de crescente importância, mas que em Portugal tem sido uma área onde se evidencia um reduzido investimento. No entanto, para tentar superar esta lacuna é importante estreitar as relações entre os cuidadores e os profissionais através do estabelecimento de parcerias entre ambos. Assim uma das eventuais medidas emergentes será melhorar o nível de informação dos cuidadores, aumentando as suas competências no acesso aos recursos da comunidade, de forma a promover um funcionamento mais positivo no seio da família, o que consequentemente melhorará o bem – estar dos seus membros individualmente. (Coutinho, 2000, cit. Coutinho, 2004). Por seu lado, a formação não só tende a possibilitar um atendimento mais integrador e abrangente, mas também, a oportunidade para os cuidadores de adquirem cada vez mais e melhores conhecimentos, o que beneficiará a pessoa com deficiência na qualidade do serviço adquirido.

PARTE II – PROJECTO DE INTERVENÇÃO

A. O CONCELHO DE LOURES

O concelho de Loures localiza-se na zona periférica de Lisboa, integrado na Região de Lisboa e Vale do Tejo, tem cerca de 169 km^2. È constituído por dezoito freguesias, sendo delimitado pelos concelhos de Mafra, Arruda dos Vinhos, Sintra, Odivelas e Vila Franca de Xira.

Através do recenseamento de 2001 pelo INE (Diagnóstico Social, 2006) apurou-se cerca de 199 059 mil habitantes no concelho, onde dos quais 12 170 são pessoas com deficiência, correspondendo a 6,11% da população global, sendo que 6 391 são homens e 5 779 são mulheres. Destes dados, constata-se igualmente que os tipos de deficiência mais incidente são a deficiência visual e a deficiência motora, com 24,7% e 22,8% respectivamente.

População residente sem deficiência		Homens		Mulheres		Total	%
		N.º	%	N.º	%		
		90 894	93	95 995	94,3	186 889	100
População residente com deficiência	Deficiência auditiva	1 006	15,7	798	13,8	1084	8,9
	Deficiência visual	1 484	23,2	1528	26,4	3012	24,7
	Deficiência motora	1 523	23,8	1252	21,6	2775	22,8
	Deficiência mental	492	7,6	471	8,1	963	7,9
	Deficiência paralisia	152	2,3	169	2,9	321	2,6
	Outra deficiência	1 734	27,1	1561	27	3295	27
	Total	**6 391**	**7**	**5 779**	**5,6**	**12 170**	**6**
População residente total		97 285	100	101 774	100	199 059	100

Figura. 3 – População residente no Concelho de Loures segundo o tipo de deficiência (INE 2001, cit. Diagnóstico Social 2006)

Relativamente às idades, pela figura 4 evidencia-se que a faixa etária onde predomina um maior número de pessoas com deficiência é dos 25 – 54 com cerca de 4540 (37,3%), em contrapartida a faixa etária onde se evidenciam menos casos de pessoas com deficiência é dos 0 – 14 anos com 799 habitantes (6,6%).

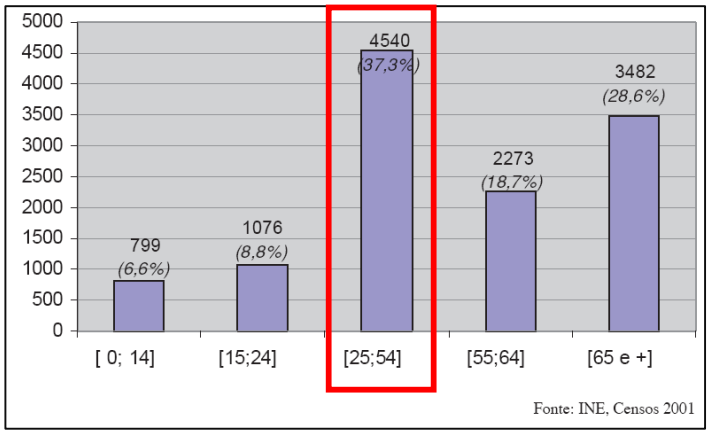


Figura 4 – População com deficiência por grupo etário, no concelho de Loures (INE 2001, cit. Diagnóstico Social 2006)

Através destes dados constata-se que a problemática da deficiência é uma realidade bem presente no concelho, todavia, não se tem evidenciado uma oferta de serviços conducente à população diagnosticada. A maior parte das pessoas com deficiência do concelho frequentam escolas ou outras instituições de Lisboa, principalmente os utentes com idade superior a 18 anos. Assim, a criação de uma resposta adequada a este tipo de população aparece como uma prioridade eminente e de rápida resolução.

B. LOCAL DE ESTÁGIO

A Rede Social criada por resolução do Conselho de Ministros em 1997 e revista em 2006 pelo Decreto – Lei nº 115 de 14 de Junho, apresenta-se como uma medida de intervenção social que visa o desenvolvimento integrado de uma comunidade. Para tal congrega vários actores locais, fomentando uma cultura de parceria, que permite uma optimização de todos os meios de acção, com o intuito de atenuar a pobreza e a exclusão social.

Na Câmara Municipal de Loures, a Rede Social está associada ao GARSE (Gabinete de Assuntos Religiosos e Sociais Específicos), cuja prática de acção se fundamenta pela resposta que procura encontrar a situações problemáticas relativamente à vivência e convivência entre grupos étnicos, populações imigrantes e a comunidade de acolhimento. Está dividido em sete áreas de intervenção social, onde se integra o Secretariado Técnico da Rede Social – ***local de estágio***.

Fig5 – Estrutura orgânica da Rede Social de Loures

O Secretariado Técnico da Rede Social é um órgão de CLAS que deverá apoiar o Núcleo Executivo, tendo como competências específicas: assegurar e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos relativos ao Diagnóstico Social (DS) e ao Plano de Desenvolvimento Social (PDS); acompanhar a implementação das acções definidas no

plano de acção do CLAS; recolher os elementos necessários para a avaliação dessas acções; assegurar a preparação e o secretariado nas reuniões de plenário e do Núcleo Executivo e acompanhar a dinâmica dos grupos de trabalho e das CSF e das CSIF. Relativamente aos grupos de trabalho é importante referir que, atendendo ao trabalho desenvolvido e a desenvolver, estou inserida no grupo de trabalho da deficiência.

C. FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Atendendo ao referido no *ponto a* é evidente que a problemática da deficiência no concelho de Loures apresenta uma dimensão bastante elevada, visto que em cada 100 habitantes existem 6 que têm alguma deficiência, havendo grande incidência na população activa (25 – 54), sendo isso motivo para que se institucionalize práticas inclusivas tanto no tecido empresarial, como organismo empregador, como nas escolas, enquanto instituição de formação.

Em 2006 foi realizado um Diagnóstico Social Concelhio, onde através dos resultados obtidos constatou-se que a informação sobre a população com deficiência no concelho era insuficiente, sendo estes dados, maioritariamente, estatísticas provenientes do INE através dos *Censos* de 2001. Neste sentido e com a premissa de estar o mais próximo dos munícipes, dos seus problemas e necessidades, a Rede Social de Loures inscreveu no plano de acção para 2008, do Plano de Desenvolvimento Social 2008 – 2010, a acção *Melhorar a Qualidade da Intervenção Social no Concelho de Loures*, na sequência do objectivo específico *realizar o diagnóstico de situação das pessoas com deficiência*, tentando para isso recolher informação junto das instituições, das famílias e sempre que possível da pessoa com deficiência.

É nesta etapa de um processo de investigação que se detecta os principais problemas e necessidades que levarão à formulação dos objectivos de intervenção, é assim importante que se integrem os diferentes actores interessados para que as acções que daí resultarem sejam pautadas pela satisfação das necessidades evidenciadas anteriormente (Meignant, 1999). Nesta perspectiva a realização de um diagnóstico mais aprofundado apresenta-se como uma medida onde, para além de nos garantir uma informação mais actual sobre a realidade da deficiência no concelho, permite-nos seleccionar estratégias de combate aos vários problemas patenteados pelos principais beneficiários e intervenientes neste processo.

D. OBJECTIVOS

Com o presente projecto pretende-se *desenvolver* um diagnóstico social concelhio na área da deficiência, que permita *conhecer* as ofertas formativas, educativas e profissionais das Instituições que acolhem os utentes com deficiência residentes no concelho de Loures podendo ou não ser sediadas no concelho, *compreender*, por outro lado, as representações das famílias face à realidade em que vivem e onde vivem, tentando assim *detectar* problemas / necessidades que advém desta problemática e que exigem resoluções preeminentes e por fim, *consciencializar* a população para a problemática da deficiência, sensibilizando-os para uma prática efectiva de inclusão.

Atendendo ao que foi mencionado definem-se como objectivos específicos: *elaborar* um enquadramento teórico que conduza todo o processo de investigação; *construir* um guião de entrevista para os técnicos das Instituições; *construir* um questionário para os familiares; *contactar* as Instituições que acolhem mais utentes portadores de deficiência residentes no concelho; *entrevistar* um técnico de cada instituição; *inquirir* as famílias de cada instituição, cujos filhos sejam residentes no concelho de Loures; *analisar* os dados recolhidos tendo por base o enquadramento teórico produzido; *contactar* as Instituições do concelho que prestam atendimento ao público, a fim de se perceber que tipos de serviços /acessibilidades oferecem à pessoa com deficiência; *produzir* um relatório que sintetize os dados recolhidos e que perspective as futuras acções, nesta área, a implementar no concelho.

E. METODOLOGIA DE ACÇÃO

O desenvolvimento deste projecto pressupõe o conhecimento aprofundado sobre uma realidade específica no concelho de Loures, onde através da realização do diagnóstico social se pretende conhecer e compreender as representações dos vários intervenientes sobre esta problemática. Nesse sentido considera-se que a investigação inerente ao trabalho a desenvolver tem características qualitativas, na medida em que se pretende questionar os sujeitos envolvidos, de forma a perceber as suas experiências, como as vivenciam e como estruturam o mundo social em que vivem (Psathas, 1973, cit. por Bogdan e Biklen, 1994). Para além disso, considera-se que a fonte directa dos dados é o ambiente natural em que a pessoa com deficiência está inserida, ou seja, as próprias instituições e as suas famílias; o investigador, por outro lado é o instrumento principal, visto que se desloca a vários locais e contacta com as várias realidades,

tentando recolher dados descritivos, havendo, por isso, na investigação um grande interesse pelas concepções que os diferentes sujeitos dão à sua própria vida neste determinado contexto (Bogdan e Biklen, 1994).

Assim sendo a investigação vai decorrer em vários momentos, sendo que inicialmente considera-se importante elaborar um quadro conceptual que fundamente todas as decisões tomadas, quer a nível da selecção da amostra, quer a nível das técnicas utilizadas. Neste sentido, o enquadramento teórico terá como áreas temáticas a deficiência e os conceitos a ela associados e, abordar-se-á igualmente, o papel da família neste contexto. Depois de elaborada esta terminologia, segue-se outro momento do diagnóstico que passa pela escolha das instituições. Para tal, é necessário recorrer ao documento *Diagnóstico Social de 2006*, onde se pretende seleccionar as entidades que acolhem mais utentes residentes no concelho de Loures. Esta selecção tem como objectivo abranger um maior número de utentes possível, a ser posteriormente elaborada uma entrevista semi – directiva *(anexo1)* a um técnico responsável pelo trabalho com pessoas com deficiência. Por sua vez, ao recorrer à entrevista como método privilegiado pretende-se conhecer pormenorizadamente uma determinada realidade que contribui para caracterizar o processo em estudo, como também se deseja conhecer mais pormenorizadamente os vários intervenientes envolvidos (Estrela, 1994). Assim sendo evidenciam-se como objectivos da entrevista:

- ✓ Identificar o tipo de prática profissional que a instituição / técnico disponibiliza ao portador de deficiência;
- ✓ Compreender o processo de avaliação do portador de deficiência e da própria família;
- ✓ Perceber de que forma a Instituição contribui para a inclusão dos portadores de deficiência na sociedade;
- ✓ Conhecer as ofertas educativas da instituição para os diferentes tipos de público;
- ✓ Conhecer o tipo de relação que tem com as famílias que assiste;
- ✓ Compreender o papel que deve desempenhar a família no desenvolvimento do portador de deficiência
- ✓ Compreender a visão do técnico relativamente às condições de vida a que o portador de deficiência está sujeito.
- ✓ Compreender o papel do Estado no exercício de cidadania do portador de deficiência.

Em simultâneo será elaborada uma ficha de caracterização da Instituição *(anexo2)*, na medida em que permite recolher dados mais quantitativos relativamente ao próprio funcionamento da instituição, nomeadamente número de utentes por faixa etária, número de utentes por freguesia, âmbito, valências e regime de funcionamento, número de utentes por tipo de deficiência e os recursos físicos da instituição.

Depois de elaborado o guião e a ficha de caracterização proceder-se-á ao contacto com as instituições, através do contacto telefónico onde se faz um primeiro despiste, a fim de saber se existe disponibilidade para uma conversa informal sobre esta temática e seguidamente, consoante a resposta obtida, formaliza-se o pedido via correio electrónico. Seguidamente começa-se a estruturar o questionário para o (s) familiar (es) e ou cuidador (es) *(anexo3)*, onde se pretende inquirir a totalidade dos sujeitos que residam no concelho de Loures. Este questionário será encaminhado pelo técnico responsável, não se perspectivando assim, um contacto directo com todas as famílias, salvo aquelas em que poderá ser necessário. Isto significa que nalgumas situações, dependo da zona de residência, poder-se-á prever que possamos aplicar o questionário, todavia, isso não poderá acontecer em todas as situações, visto que o concelho de Loures tem uma grande dispersão geográfica, o que nos dificulta o acesso directo a todas as famílias e por outro lado, entrevistar cada família seria um processo bastante moroso. Por esses motivos privilegiou-se o questionário, na medida em que e parafraseando Ferreira (2005) esta técnica através da sua capacidade de objectivar permite derrubar uma lógica burocrático – racional possibilitando a "*captação dos aspectos contabilizáveis dos fenómenos*". Assim evidencia-se como principais objectivos do questionário os seguintes aspectos:

- ✓ Conhecer as principais necessidades da família relativamente à informação, ao apoio e à necessidade de exteriorizar esta problemática aos outros;
- ✓ *Identificar* as principais dificuldades sentidas face ao diagnóstico;
- ✓ *Conhecer* as estratégias utilizadas para as superar;
- ✓ *Conhecer* a relação existente com a Escola / Instituição,
- ✓ *Perceber* o tipo de participação dos pais nas escolas / Instituições
- ✓ Conhecer as representações dos familiares relativamente à formação de cuidadores
- ✓ *Perceber* quais as representações dos familiares relativamente às Instituições do concelho;

- ✓ *Perceber* quais as instituições do concelho que os familiares melhor conhecem, tendo em conta as que frequentam com o (a) seu (sua) filho (a).

Juntamente a este processo pretende-se estabelecer contacto com várias instituições da CM Loures que tenham como valência principal o atendimento ao público, (como por exemplo: museus, postos de atendimento à juventude, bibliotecas…) solicitando o preenchimento de um questionário *(anexo 4)* com o objectivo de se perceber que tipo de serviços / acessibilidades é que oferecem aos indivíduos portadores de deficiência. Estes questionários serão úteis na medida em que despistam problemas e necessidades que muitas vezes são camufladas pelos próprios técnicos responsáveis. Assim através deste instrumento pretende-se perspectivar uma prática mais inclusiva nas dinâmicas de funcionamento das instituições que prestam um serviço público a todos os cidadãos.

Depois de se proceder à aplicação destes vários instrumentos de recolha de dados, é momento para os analisar. Relativamente às entrevistas recorrer-se-á à análise de conteúdo, tendo em conta que é uma técnica de investigação que permite *"a descrição, objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação"* (Berelson, 1952 cit. por Vala, 2005). Por outro lado, relativamente aos questionários aos familiares serão analisados por cada instituição em SPSS. Considera-se mais viável analisar os questionários atendendo à especificidade da deficiência e consequentemente ao tipo de instituição que frequenta. Embora ainda não se tenha um conhecimento pormenorizado do que cada organismo disponibiliza a cada utente /usuário /cliente, consegue-se prever que cada instituição molda as suas dinâmicas tendo em conta o público que acolhe, nesse sentido será mais fidedigno analisar cada instituição em particular, complementando a informação com a entrevista ao técnico responsável. No que respeita aos questionários às Instituições do Concelho, ainda não se consegue prever a quantidade de respostas, assim mediante a quantidade de questionário preenchidos, proceder-se-á à sua análise estatística.

No seu conjunto, toda a informação recolhida será utilizada na produção de um relatório que para além de sistematizar esses dados recolhidos, se prevê como um suporte consistente e objectivo que detecta problemas e necessidades, mas que se propõe como um guia para futuras acções ou soluções.

F. RESULTADOS ESPERADOS

A realização deste diagnóstico social pretende ser exaustiva e pormenorizada, tentando sempre que possível, estabelecer contacto com os principais beneficiários deste processo – as pessoas com deficiência e suas famílias. Neste sentido, ambiciona-se que o diagnóstico desenvolvido seja, de facto um documento útil e prático para a autarquia, que permita um confronto com a presente realidade e consequentemente com os problemas que a caracterizam, mas que proponha soluções / medidas, sempre que possível articuladas com o testemunho dos principais agentes envolvidos.

G. CALENDARIZAÇÃO

<table>
<tr><td>Outubro</td><td rowspan="3">Produção do Enquadramento teórico</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Novembro</td><td rowspan="2">Preparação dos Instrumentos de Recolha de dados</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Dezembro</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td rowspan="10">RELATÓRIO FINAL</td></tr>
<tr><td>Janeiro</td><td></td><td></td><td rowspan="3">Entrevista ao Técnico Responsável</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Fevereiro</td><td></td><td></td><td rowspan="3">Questionário aos familiares</td><td rowspan="3">Contacto com as Instituições do Concelho</td><td></td></tr>
<tr><td>Março</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Abril</td><td></td><td></td><td></td><td rowspan="4">Análise dos dados recolhidos e Produção do Diagnóstico</td></tr>
<tr><td>Maio</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Junho</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Julho</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Agosto</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Setembro</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Outubro</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

REFLEXÃO

O estágio que está a ser desenvolvido na autarquia de Loures tem-se revelado uma experiência bastante benéfica, no sentido em que permite efectivamente um confronto com uma possível realidade de trabalho, onde se assume um conjunto de responsabilidades profissionais e onde, também, depositam em nós algumas expectativas para fazer um bom trabalho. Desta forma havendo por parte dos técnicos um voto de confiança pelo nosso trabalho é uma mais-valia que nos permite ir mais além e não ter receio de apresentar sempre mais e melhores propostas de trabalho.

Desenvolver um projecto com e para a população com deficiência tornou-se um desafio, visto que a realização de um diagnóstico social permite-nos conhecer mais aprofundadamente uma realidade sui generis que provoca constantemente temas para um debate público e onde qualquer profissional que trabalhe directa ou indirectamente nessa área tem uma palavra a dizer. Nesse sentido, a redacção *a priori* de um enquadramento conceptual que fosse um veículo de fundamentação das acções, foi um passo essencial, visto que esta conceptualização vai permitir a construção de instrumentos de recolha de dados em conformidade com os nossos propósitos de investigação, justificando-os à luz da teoria evidenciada.

Atendendo a este cuidado, em todos os passos serem devidamente justificados e articulados, a produção dos instrumentos de recolha de dados foi um processo bastante longo e inconstante, nomeadamente os questionários aos familiares. Tendo em conta a capacidade de objectivação característica deste método, existe por outro lado, informação de relevância que se perde (as reacções), para além disso, poderão existir pais de crianças /jovens /adultos com deficiência, que também por serem portadores de alguma deficiência, poderão ter dificuldades na compreensão dos itens do questionário e progressivo preenchimento. Embora se tenha privilegiado este método, tendo em conta a quantidade de pais a inquirir, existem precauções que enquanto técnicos será necessário que estejamos cautelosos e encontremos uma solução eficaz e que garanta uma maior fidelidade dos resultados.

Embora fosse pretensão do grupo de trabalho envolver directamente as pessoas com deficiência considerou-se que este processo seria bastante moroso, solicitando outro tipo de intervenção, que não apenas a social/educativa mas sobretudo psicológica ou clínica, competências ou áreas para as quais enquanto licenciada em Ciências da Educação, não estou habilitada. Nesse sentido e como forma de me envolver o mais

possível no planeamento e produção deste diagnóstico, considerou-se não envolver directamente as pessoas com deficiência, envolvendo apenas os seus familiares (pais ou outros cuidadores) também estes com a função de dar voz aos problemas e necessidades da pessoa com deficiência.

A construção de um diagnóstico social mais actualizado prevê-se como um veículo para uma prática local mais inclusiva. No concelho de Loures, o trabalho com ou para as pessoas com deficiência tem sido incipiente. Existem serviços não apenas da CML, mas de outras entidades parceiras, que visam incluir a pessoas com deficiência, no entanto parece haver um défice na sua divulgação e como as pessoas se acomodam às situações em que vivem estão renitentes e, incluir-se em novos projectos. Este aspecto poderá ser consequência, também, de uma saturação relativamente à quantidade de iniciativas em que já participaram e as quais não tiveram os resultados esperados. Respeitando a esses problemas tentar-se-á elaborar um diagnóstico o mais próximo da população com deficiência no sentido de incrementar práticas que não sejam apenas, tal como menciona Correia (2005) *"(…) um conjunto de páginas mortas (…) para inglês ver"* referindo-se ao sistema educativo, ou seja não se pretende desenvolver um diagnóstico social que apenas figure nas publicações da CML, mas sim que seja um guia útil de novas ideias e práticas, porque e citando J.F. Kennedy (s/d) *"Lutar pelos direitos dos deficientes, é uma forma de superar as nossas próprias deficiências."*

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, J. (1995). A Educação Especial em Portugal: Aspectos da sua formação histórica e a emergência das organizações de pais de cidadãos deficientes mentais. Dissertação para a obtenção do Mestrado. FPCE – UP

AQUINO, D. (2006). O Cuidador de Portadores de NE em assistência odontológica. Dissertação para a obtenção do grau Mestre – Universidade de França

BODGAN, R. e Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora

CANÁRIO, R. (2000). Educação de Adultos – *Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa

CASANOVA, J., Seiceira, F. & Alves, T. (2007). *Caracterização das deficiências e incapacidades em Portugal*. Comunicação na Conferência: Mais qualidade de vida para as pessoas com deficiências e incapacidades – Uma estratégia para Portugal. ISCTE: Lisboa

CORREIA, L. M. (2003). Educação Especial e Inclusão – Qu*em disser que uma vive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. Colecção Educação Especial. Porto: Porto Editora.

COSTA (s/d). Sistema de ensino em Portugal. Educação Especial. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

DIAS, J. C. (1996). A Problemática Da Relação Família/Escola E A Criança Com Necessidades Educativas Especiais*. Trabalho final para obtenção do diploma do Curso de Estudos Especializados – Educação Especial*. Instituto Jean Piaget

ESTRELA, A. (1994). Teoria e prática de Observação de Classes – Uma estratégia de Formação de Professores. Porto Editora: Porto

FERREIRA, V. (2005). O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos. In: Silva, A. & Pinto, J. (2005). Metodologia das Ciencias Sociais. Edições Afrontamento: Porto

FERREIRA, M. Mira, E. & Faria, J. (s/d). A Deficiência Mental. Consultado em: Janeiro de 2009. Disponível em:

IEFP (s/d). Integração da pessoa com deficiência no mercado laboral. Consultado em: Janeiro de 2009. Disponível em: www.iefp.pt

INE (2002). Censos 2001 – Análise da População com deficiência. Informação à comunicação social.

PEREIRA, F. (coord.) (2004). Caracterização dos estabelecimentos de educação especial. Um estudo aprofundado. ME: Direcção – Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular

s/a, (s/d). A deficiência. Consultado em Janeiro de 2009. Disponível em:

s/a (s/d) b). Da perspectiva assistencial à perspectiva educativa. s/e

SASSAKI, R. (2005). Como chamar as pessoas que têm deficiência? In: Romeu Sassaki: *Vida Independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos.* São Paulo: RNR, 2003, p. 12-16.

SANCHES, I. & Teodoro A. (2006). Da Integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, 2006, 8, 63 – 83

SANTANA, S. & Rocha, N. (2002). Teletrabalho: Que oportunidades de trabalho para o cidadão incapacitado? Análise Psicológica (2002), 3(XX): 419 – 431

SNR, (1996). Inquérito Nacional às Incapacidades, Deficiências e Desvantagens. Lisboa.

VALA, J. (2005). Análise de Conteúdo. In: Silva, A. & Pinto, J. (2005). Metodologia das Ciências Sociais. Edições Afrontamento: Porto

VERÍSSIMO, (2001). Inclusão da Pessoa com Necessidades educativas Especiais – Velhos e Novos Paradigmas. Consultado em: Novembro de 2008. Disponível em: http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAbr2001_Artigo%202.rtf

Vv. (1994). Declaração de Salamanca – sobre princípios, políticas, e práticas na área das Necessidades Educativas Especiais. Consultado em Janeiro de 2006. Disponível em:

XAVIER, R. (2008). Famílias com filhos portadores de deficiência. Dissertação para a obtenção do grau Mestre. ISTCE – Lisboa

Legislação Consultada:

Decreto – Lei nº 115/2006, de 14 de Junho

Consagra os princípios, finalidades e objectivos da rede social, bem como a constituição, funcionamento e competência dos seus órgãos.

Sites Institucionais:

www.cmloures.pt